O Movimento LITÚRGICO no BRASIL

Estudo Histórico

VOZES

JOSÉ ARIOVALDO DA SILVA, O.F.M.

JOSÉ ARIOVALDO DA SILVA, O.F.M.

O MOVIMENTO LITÚRGICO NO BRASIL

(Estudo histórico)

VOZES
Petrópolis
1983

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sumário

PREFÁCIO 17

PREFÁCIO DO AUTOR 19

ABREVIAÇÕES 21

INTRODUÇÃO 23

PARTE I
O MOVIMENTO LITÚRGICO NO BRASIL
DOS INÍCIOS ATÉ 1947

CAPÍTULO I: INÍCIOS DO MOVIMENTO LITÚRGICO NO BRASIL 33

I. Primeiros lampejos do Movimento Litúrgico no Brasil (antes de 1933) 33

II. Inícios do Movimento propriamente dito no Brasil (1933-1939) 39

1) *Dom Martinho Michler O.S.B.: iniciador do Movimento Litúrgico no Brasil* 40

2) *Dom Beda Keckeisen O.S.B.: primeiro tradutor do Missal para a língua portuguesa no Brasil* 51

3) *Dom Polycarpo Amstalden O.S.B. edita em São Paulo o "Folheto Litúrgico"* 58

4) *Algumas obras de Dom Hildebrando Martins O.S.B. promovendo a vida litúrgica* 60

5) *Frei Henrique G. Trindade O.F.M.: Sigamos a Missa!* 65

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

6) *Apelo de D. Mário de Miranda Vilas-Bôas (Bispo de Garanhuns) em sua Primeira Carta Pastoral (30.10.1938): Restaurar a Liturgia!* 67

7) *Dom Tomaz Keller O.S.B., defendendo e esclarecendo sobre a Missa dialogada* 70

Conclusão 73

CAPÍTULO II: O MOVIMENTO LITÚRGICO EM DESENVOLVIMENTO NO BRASIL: OUTROS TRABALHOS, OBRAS E PROMOÇÕES (1933-1947) 75

I. Com a descoberta da Liturgia, toma-se consciência mais forte sobre a ignorância geral do povo em matéria de Liturgia 75

II. Dá-se conta de um tipo de religiosidade individualista, subjetivista e sentimentalista 78

1) *Que se manifesta na arte sacra em geral* 78

Que se manifesta na piedade dos fiéis 79

preciso reagir 80

III. Busca-se então promover a expansão do Movimento Litúrgico para educar liturgicamente os fiéis 81

1) *Através de publicações (livros e artigos)* 81

a) Traduções 81

b) Artigos e livros escritos no Brasil 88

c) Publicações para servir diretamente ao culto 94

2) *Cursos, Congressos e programações de estudos litúrgicos dentro da Ação Católica* 98

3) *Semanas Litúrgicas, Semanas da Missa, Tríduos Litúrgicos para os fiéis em geral* 109

4) *Promoção da renovação na arte sacra em geral* 113

a) Música sacra 113

b) Escultura, pintura, arquitetura 114

IV Busca de equilíbrio na promoção do Movimento Litúrgico 116

Conclusão 119

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO III: O EPISCOPADO BRASILEIRO E O MOVIMENTO LITÚRGICO (1939-1947) 122

I. Concílio Plenário Brasileiro: traços de uma preocupação por melhor participação na Liturgia 122

II. Repercussões do Movimento Litúrgico nos Sínodos Diocesanos deste período de 1939 a 1947 127

1) *Primeiro Sínodo da diocese de São Carlos (1941)* 128

2) *Segundo Sínodo da Arquidiocese de Porto Alegre (1942)* 129

3) *Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte (1944)* 130

a) Dois documentos precedentes ao Sínodo 131

1. Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de Belo Horizonte 131

2. Pastoral de D. Antônio dos Santos Cabral 132

b) O Movimento Litúrgico nos Decretos do Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte 134

1. "A oração da Igreja e nossa participação na mesma" 135

2. "Movimento Litúrgico — oração da Igreja, garantia da ortodoxia e método de santificação, ensino e educação" 136

4) *Segundo Sínodo da Arquidiocese de Salvador (1945)* 138

5) *Primeiro Sínodo Diocesano de Guaxupé (1947)* 139

6) *Segundo Sínodo da Arquidiocese de Fortaleza (1947)* 140

III. Por uma renovação litúrgica em algumas Circulares, Cartas Pastorais e Editais de Cúria 142

1) *Três documentos episcopais em São Paulo* 142

a) Circular Coletiva do Episcopado Paulista, de 27.11.1941 142

b) D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta: Pastoral de Saudação a São Paulo, de 29.10.1944 144

c) Circular do Cardeal de São Paulo e dos Bispos sufragâneos, 12.12.1946 146

2) *Algumas Pastorais Coletivas* 146

a) Pastoral Coletiva dos Bispos da Província Eclesiástica da Paraíba, de 4.7.1941 146

b) Pastoral Coletiva dos Bispos do Pará, de 5.6.1942 147

c) Pastoral Coletiva dos Bispos da Província Eclesiástica de Mariana, de 21.11.1942 148

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

3) *Instruções e algumas Pastorais pessoais* 148

a) Para a Arquidiocese do Rio de Janeiro: "Duas "Instruções" e uma Pastoral 149

1. Duas "Instruções" do Mons. Rosalvo Costa Rêgo 149

1º — Instrução sobre "Vida Litúrgica e Práticas extra-litúrgicas" 149

2º — Instrução sobre Missas dialogadas 150

2. Pastoral de D. Jaime de Barros Câmara sobre a Música Sacra, de 15.9.1945 151

b) Pastoral de D. José de Medeiros Delgado, Bispo de Caicó, de 10.5.1941 152

c) Duas Pastorais de D. Frei Henrique G. Trindade aos seus diocesanos de Bonfim 153

1. Primeira Pastoral: "Corações ao alto!" 153

2. Segunda Pastoral: "Ação Católica no Sertão" 154

d) Pastoral de D. Aquino Corrêa sobre "O Dia do Senhor" de 21.5.1942 154

e) D. Mário de Miranda Vilas-Bôas: Pastoral de Saudação a Belém do Pará, de janeiro de 1945 155

f) Pastoral de D. Justino José de Sant'Ana, Bispo de Juiz de Fora, de 13.6.1945 157

g) D. Avelar B. Vilela: Pastoral de Saudação a Petrolina 159

Conclusão 160

CAPÍTULO IV: CONTROVÉRSIAS EM TORNO DO MOVIMENTO LITÚRGICO NO BRASIL (1933-1947) 163

I. Nas origens 163

II. Controvérsias litúrgicas entre o Órgão Oficial das Congregações Marianas do Brasil e a revista do Centro D. Vital 166

III. "Em defesa da Ação Católica", contra o Movimento Litúrgico 175

IV. Em defesa do Movimento Litúrgico 179

V. Polêmicas em torno das "condenações" da "Mystici Corporis Christi" e o Movimento Litúrgico no Brasil 183

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

VI. As Autoridades eclesiásticas brasileiras e as polêmicas em torno do Movimento Litúrgico 192

Conclusão 196

CONCLUINDO A PARTE I 200

PARTE II
O MOVIMENTO LITÚRGICO NO BRASIL DE 1947 A 1959
(Da "Mediator Dei" ao anúncio do Vaticano II)

CAPÍTULO I: PRIMEIRAS REPERCUSSÕES DA "MEDIATOR DEI" NO BRASIL 207

I. Júbilo no grupo *d'O Legionário* 207

II. Outras expressões de contentamento e júbilo 210

III. Outras repercussões iniciais (apanhado geral) 211

1) *Difusão da Encíclica pela publicação de seu texto* 212

2) *Congressos e Semanas de Estudos sobre a "Mediator Dei"* 212

3) *Medidas tomadas a partir da "Mediator Dei" pela Arquidiocese do Rio de Janeiro e pela Comissão Episcopal nacional de Ação Católica* 213

4) *Difusão da Encíclica através de publicações sobre a Encíclica* 213

IV. Normas baixadas na Arquidiocese do Rio de Janeiro a partir da "Mediator Dei" 215

1) *"Regulamentação do Apostolado Litúrgico"* 215

2) *"Normas práticas sobre a Missa dialogada", da Comissão Arquidiocesana de Liturgia* 218

3) *Primeiro Sínodo da Arquidiocese do Rio de Janeiro (1949)* 220

V. Comissão Episcopal de Ação Católica: "Normas práticas decorrentes da Mediator Dei" 223

VI. Primeiro Sínodo Diocesano de Juiz de Fora e algumas Cartas Pastorais 226

1) *Primeiro Sínodo Diocesano de Juiz de Fora (1950)* 226

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

2) *Algumas Cartas Pastorais* 227

VII. A "Mediator Dei" difundida no Nordeste do Brasil pelo beneditino Dom Pedro Bandeira de Mello 231

VIII. A Enciclica "Mediator Dei", tema de estudo do II Congresso Brasileiro de Teologia (28.12.1950 — 6.1.1951) 234

Conclusão 241

CAPÍTULO II: O MOVIMENTO LITÚRGICO EM DESENVOLVIMENTO (1947-1959): OBRAS, TRABALHOS, PROMOÇÕES 244

I. Promoção do Movimento Litúrgico através de publicações 244

1) *O Legionário, em nova fase, promovendo a Liturgia* 244

2) *Notícias e informações do exterior* 247

3) *Traduções* 249

4) *Publicações elaboradas no Brasil mesmo* 251

5) *Publicações para servir diretamente ao culto* 253

6) *O trabalho de Dom Pedro Bandeira de Mello O.S.B., no Nordeste* 256

II. Semanas Litúrgicas e Cursos de Liturgia 258

1) *Curso de Liturgia em Belo Horizonte* 258

a) Preparação através de *O Diário* 258

1. Artigos doutrinários 259

2. Inquéritos 260

3. Notícias e informações 262

b) Preparação através de Semanas Litúrgicas nas Paróquias 262

1. Programa 262

2. Como foram as Semanas Litúrgicas em algumas Paróquias 263

c) A Semana de Liturgia de Belo Horizonte como tal 265

1. Finalidade 265

2. Temário e programa desenvolvido 265

2) *Um Curso de Liturgia em Porto Alegre* 268

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

3) *Duas promoções em São Paulo* 270

a) Semana da Missa na Paróquia de São João Batista 270

b) Um Curso de Missa por correspondência 271

4) *Sem esquecer outros*. 271

III. Promoção da música sacra, especialmente gregoriana 272

1) *No Rio de Janeiro* 272

a) Fundação da Escola Pio X 272

b) Fundação da *Revista Gregoriana* 273

c) "Semanas Gregorianas" 274

2) *Em outros lugares* 275

Conclusão 275

CAPÍTULO III: O EPISCOPADO BRASILEIRO E O MOVIMENTO LITÚRGICO (1947-1959) 277

I. Em Sínodos Diocesanos 277

1) *Segundo Sínodo de São Carlos (1951)* 278

2) *Quarto Sínodo de Florianópolis (1951)* 282

3) *Primeiro Sínodo da Diocese de Leopoldina (1954)* 284

4) *Primeiro Sínodo da Diocese de Taubaté (1954)* 285

II. Em algumas Cartas Pastorais 288

1) *Cartas Pastorais que citam ou fazem referência explícita à "Mediator Dei" e outros documentos pontifícios posteriores à Enciclica* 289

a) Três Pastorais de D. Alberto Gaudêncio Ramos 289

1. Pastoral de Saudação aos diocesanos do Amazonas (21.1.1949) 289

2. Pastoral por ocasião da instalação da Arquidiocese de Manaus (7.9.1952) 289

3. Pastoral da Saudação à Arquidiocese de Belém do Pará (3.10.1957) 290

b) Duas Pastorais de D. Frei Anselmo Pietrulla 291

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

1. Pastoral de Saudação aos diocesanos de Campina Grande (4.10.1949) 291

2. Pastoral de Saudação aos diocesanos de Tubarão (10.8.1955) 292

c) Duas Pastorais de D. Luís do Amaral Mousinho 292

1. Primeira Pastoral à Diocese de Cajazeiras (29.11.1948) 292

2. Primeira Pastoral à Diocese de Ribeirão Preto (1.6.1952) 293

d) Pastoral de D. Castro Mayer sobre problemas do apostolado moderno (1.6.1953) 293

e) D. João de Sousa Lima: Pastoral de Saudação à Diocese de Nazaré (27.5.1955) 293

f) D. Antônio Mendonça Monteiro: Pastoral comemorativa do 25º aniversário da Diocese de Bonfim (1958) 294

2) *Cartas Pastorais que falam da Liturgia sem citar ou referir explicitamente à "Mediator Dei" ou outros documentos pontifícios posteriores à Enciclica* 294

a) Quatro Pastorais de D. Frei Henrique G. Trindade 295

1. "Últimas palavras à diocese de Bonfim", Pastoral de 12.8.1948 295

2. "Não nos iludamos e trabalhemos", Pastoral de 12.6.1949 295

3. "Pró Santificação do Dia do Senhor", Pastoral de 3.5.1950 296

4. "A diocese somos nós, são as almas. Pastoral de 1.5.1958 298

b) D. Frei Felício da Cunha Vasconcellos: Pastoral de Saudação aos diocesanos de Penedo (Alagoas) (29.7.1949) 299

c) D. Frei Inácio João Dal Monte: Pastoral de Saudação aos diocesanos de Guaxupé (15.8.1952) 299

d) D. Daniel T. Baêta Neves: Pastoral de Saudação aos diocesanos de Januária (15.9.1958) 299

Concluamos este item II 300

III. Na IV Assembléia Geral da CNBB (julho de 1958) 303

1) *Relatório de D. Hélder Câmara* 303

2) *Conclusões Gerais da Assembléia no que diz respeito à Liturgia* 306

3) *"Mensagem ao nosso clero"* 306

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Conclusão 308

CAPÍTULO IV: CONTROVÉRSIAS EM TORNO DO MOVIMENTO LITÚRGICO NO BRASIL (1947-1959) 312

I. Estilo polêmico do grupo de *O Legionário* na leitura da "Mediator Dei" logo após a sua publicação 313

II. Uma carta da Santa Sé aos Bispos do Brasil, advertindo sobre a reta formação dos seminaristas maiores 314

1) *Conteúdo do documento* 314

2) *Situação do documento no contexto histórico geral do Movimento Litúrgico sob polêmicas e controvérsias no Brasil* 317

a) Coincidências entre vários conteúdos do documento e os conteúdos de acusações contra os chamados "liturgicistas" no período anterior à "Mediator Dei" 317

b) Problemas no Seminário de Belo Horizonte, ajudando a compreender melhor o documento 321

1. Antes do advento da carta da Sagrada Congregação dos Seminários 321

2. Depois do advento da carta da Sagrada Congregação dos Seminários 322

3) *Avaliação do documento* 325

III. Discordância entre Ação Católica e Congregações Marianas: Problema para o qual adverte D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta numa Carta Pastoral 326

IV O jornal *O Catolicismo* segue a linha do antigo *O Legionário* no combate ao "Liturgismo" 328

V. Uma Pastoral de D. Antônio de Castro Mayer, com um "Catecismo de verdades oportunas que se opõem a erros contemporâneos" 330

Conclusão 335

CONCLUINDO A PARTE II 338

CONCLUSÃO 342

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

APÊNDICES

APÊNDICE I: De uma entrevista com Frei Mateus Hoepers O.F.M., em Petrópolis (26.11.1978). Apontamentos pessoais 350

APÊNDICE II: De uma entrevista com Dom Martinho Michler (Ravensburg, Alemanha, 2.1.1978). Apontamentos pessoais 350

APÊNDICE III: De uma entrevista com Dom Beda Keckeisen (Ravensburg, Alemanha, 3.1.1978). Apontamentos pessoais 351

APÊNDICE IV: De uma entrevista com Dom Polycarpo Amstalden O.S.B. (Sorocaba, Est. São Paulo, 12.5.1979). Apontamentos pessoais 352

APÊNDICE V: De uma entrevista com Dom Hildebrando Martins O.S.B., Mosteiro de S. Bento, Rio de Janeiro (24.1.1979). Apontamentos pessoais 353

APÊNDICE VI: De uma entrevista com D. Arnaldo Ribeiro, Bispo Auxiliar de Belo Horizonte (5.4.1979). Apontamentos pessoais 353

APÊNDICE VII: De uma entrevista com o Pe. Hélio Raso, de Belo Horizonte (5.4.1979). Apontamentos pessoais 354

APÊNDICE VIII: Duas entrevistas com Dona Luzia Ribeiro de Oliveira O.S.B., Abadessa do Mosteiro Beneditino de Nossa Senhora das Graças (Belo Horizonte). Apontamentos pessoais 354

1) 6.4.1979 354

2) 25.4.1979 355

APÊNDICE IX: Lista de religiosas que pertencem à Ação Católica sob o influxo do Movimento Litúrgico, enviada por Dona Luzia (Carta de 16.1.1980). 356

APÊNDICE X: De uma entrevista com Pe. Orlando Machado, de Belo Horizonte (26.4.1979). Apontamentos pessoais 357

APÊNDICE XI: De uma entrevista com o Pe. Agnaldo Leal, de Belo Horizonte (27.4.1979). Apontamentos pessoais 358

APÊNDICE XII: Do Livro de Atas de Reunião dos Professores do Seminário da Arquidiocese de Belo Horizonte (da Cúria Arquidiocesana) (Anos 1949, 1950, 1951) 359

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

1) Da Ata da 54ª sessão da Congregação dos professores (15.10.1949) 359

2) Da Ata de uma "Sessão Extraordinária" dos professores (16.11.1949) 360

3) Da Ata da 56ª reunião dos professores (15.5.1950) 360

4) Da Ata da 57ª reunião dos professores (20.10.1950) 361

5) Da Ata da 58ª reunião dos professores (18.2.1951) 361

APÊNDICE XIII: Do Livro do Tombo do Seminário Provincial Coração Eucarístico de Jesus, de Belo Horizonte (Vol. I, Anos 1923-1959) 361

APÊNDICE XIV: Informações sobre o Movimento Litúrgico no Brasil, dadas por D. Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo de Uberaba (MG) (gravado em fita cassete, Roma, maio de 1980) 364

APÊNDICE XV: Carta de Alceu Amoroso Lima 367

APÊNDICE XVI: Informações dadas por Alceu Amoroso Lima (Entrevista gravada em fita cassete, Petrópolis, maio de 1979) 367

APÊNDICE XVII: "Liturgia — Razões profundas do movimento litúrgico" (Das Resoluções do Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, 7 a 12 de agosto de 1943) 371

BIBLIOGRAFIA 373

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Prefácio

O Movimento Litúrgico foi uma grande aventura vivida pela Igreja no século XX. Aventura fecunda, pois é inegável que a renovação eclesial, escopo e fruto do Concílio Vaticano II, dele muito recebeu.

Desde seus primórdios, ainda no século XIX, o Movimento Litúrgico foi um sinal de contradição no seio da Igreja Católica. Não faltaram ataques ou suspeitas, restrições ou objeções. Hoje é inimaginável, mas cousas tão inocentes como responder ao Celebrante no altar as partes dialogadas da Missa, mereceram condenações ou proibições de Ordinários de Lugar e tratamento sibilinamente enigmático por parte do Concílio Plenário Brasileiro. Houve até um autor, prefaciado pelo Núncio Apostólico de então, que via perigo em acompanhar silenciosamente a celebração da Missa pelo Missal.

Descobriu-se uma nova "heresia", denominada "liturgicismo", com foros de oficialidade depois de ser mencionada num documento da Sagrada Congregação dos Seminários.

De fato, — e seja dito para diminuição da culpa dos opositores assustados — o Movimento Litúrgico mexia profundamente com a vida da Igreja, atingindo os campos da teologia, da espiritualidade, da pastoral, da arte etc. Numa Igreja que se tinha endurecido em suas posições para resistir às crises dos Tempos Modernos, o Movimento Litúrgico não podia deixar de amedrontar os que se achavam instalados no sólido e cômodo edifício construído pela era tridentina. Qualquer mudança representava um perigo, mais do que isso, uma ameaça.

Não foi outra cousa que levou o Cardeal Péricles Felici a dizer ao Abade de Montserrat, durante uma visita sua àquele Mosteiro na Espanha, que a causa de todas as desordens que estavam ocorrendo na Igreja naquele momento pós-conciliar se deviam às experiências litúrgicas. Estas, quebrando a rigidez anterior da legislação litúrgica, sugeriam, por analogia, uma nova mentalidade face ao juridicismo instalado há séculos na Igreja.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Embora lamentando inegáveis excessos, deve-se reconhecer que a superação da primazia do jurídico foi um grande bem, cousa que o Cardeal rejeitava.

Não é o lugar de fazer um balanço do Movimento Litúrgico, de seu ativo e passivo. Basta afirmar que trouxe uma contribuição decisiva para as transformações pelas quais a Igreja está passando em nossos dias.

A História do Movimento Litúrgico no Brasil, embora condicionada pela influência européia, teve seus lances próprios, marcados também pelo sinal de contradição. Para aqueles que nele tomaram parte, foram momentos de feliz descoberta de uma face desconhecida da religião, de libertação interior, de renovação espiritual, mas também de sofrimento, de ansiedades, e até de verdadeira perseguição.

Tudo isto está fielmente descrito, com precisão científica, na obra de Frei José Ariovaldo da Silva O.F.M.

Faltava uma obra semelhante, para recolher nas fontes e fixar para sempre os episódios desta grande aventura vivida no ambiente brasileiro. Favorecido pela limitação do campo a estudar, o Autor brindou o Brasil com uma obra que não existe em nenhum outro país, e, por isso, nossa pátria pode se orgulhar por um de seus filhos ter produzido algo ainda inexistente nos grandes centros de cultura. Existem, com efeito, Histórias do Movimento Litúrgico, mas nenhuma com a exatidão científica desta, que repousa num grande trabalho de pesquisa mediante entrevista com os principais protagonistas, documentando cada afirmação ao pé da página.

Não se trata apenas de um documentário científico. O Autor apresenta a documentação digerida e elaborada. Não é ele um mero cronista, um registrador de acontecimentos, mas um verdadeiro historiador que, dos fatos, sabe tirar as conclusões e apresentá-las.

Tantos livros de história, sobretudo quando cientificamente documentados, são indigestos e fatigantes. O Autor, porém, tem um estilo claro e leve; seu livro se lê de uma vez só, tão agradável que é sua leitura.

É uma obra clássica, que marca época: ninguém poderá doravante escrever sobre Movimento Litúrgico no Brasil sem consultá-la. Por esta razão, deverá figurar em todas as bibliotecas de seminários e estar nas mãos de todos os estudiosos de Liturgia.

Com esta obra, o Autor promete muito para o futuro. Que Deus lhe conceda, para benefício de todos nós, o pleno rendimento de seus talentos!

Nova Friburgo, 2 de fevereiro de 1983
Clemente José Carlos Isnard OSB
Bispo de Nova Friburgo
Presidente do Departamento de Liturgia do CELAM

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Prefácio do Autor

Em fins de 1976 nos debatíamos em busca de um tema para a dissertação *ad Licentiam* no Instituto Litúrgico do *Anselmianum* em Roma. Depois de muito pensar, depois de muitas informações buscadas cá e lá, surgiu-nos uma idéia: estudar as proposições e os discursos dos Bispos do Brasil a respeito da Liturgia para e no Concílio Vaticano II. Iniciamos o trabalho. Recolhemos material documentário. Começamos a estudá-lo.

Aí descobrimos que se requeria necessariamente um estudo anterior para entender esta documentação. Seria necessário saber como foi o Movimento Litúrgico no Brasil antes do Concílio. E foi aí que descobrimos um vasto campo de pesquisa histórica ainda inexplorado: o Movimento Litúrgico no Brasil. Abandonamos o projeto anterior para nos embrenharmos neste campo, sob o ponto de vista histórico. E, realmente, sobre este pudemos escrever a Tese de Licença.

O assunto pareceu-nos importante e ainda não suficientemente pesquisado. Pareceu-nos interessante e merecia maior ampliação e aprofundamento. Descolocamo-nos de Roma para o Brasil, onde permanecemos sete meses recolhendo material e informações. E realmente foi imensa a documentação que pudemos levantar, o que nos incentivou a levar adiante uma empresa, cujo resultado tivemos o prazer de apresentar como tese doutoral no mesmo Instituto no dia 30-5-1981: "O Movimento Litúrgico no Brasil (Estudo Histórico)"

É um estudo que interessará certamente ao historiador do Movimento Litúrgico, pois aí se poderá verificar com surpresa o enorme trabalho desenvolvido pelo Movimento no Brasil antes do Concílio Vaticano II, além das controvérsias que nos parecem realmente interessantes. Tudo isso permaneceu até hoje praticamente desconhecido. E é com grande alegria que o trazemos a público.

Interessará ao estudioso da História da Igreja no Brasil, pois analisa historicamente um aspecto da vida desta Igreja até hoje praticamente inexplorado.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Interessará à própria Igreja no Brasil, pois, vendo o exemplo do seu passado, poderá medir melhor o presente e aperfeiçoar os projetos de pastoral litúrgica para o futuro.

Ao colocar nas mãos do leitor este trabalho, fazemo-lo com gratidão. Agradecemos de antemão pelo interesse demonstrado. E somos gratos pelas críticas que o leitor nos trouxer, colaborando assim para o progresso da ciência litúrgica que por sua vez colabora para o progresso da *vida* litúrgica.

Queremos externar nosso mais profundo agradecimento ao P. Anscar Chupungco O.S.B., que, com discrição e firmeza, nos orientou e continuamente incentivou na realização deste trabalho.

Agradecemos também a tantos que colaboraram com informações realmente úteis e importantes: a Dom Martinho Michler O.S.B., a Dom Beda Keckeisen O.S.B., D. Clemente Isnard O.S.B., Dom Hildebrando Martins O.S.B., Dom Polycarpo Amstalden O.S.B., Dona Luzia Ribeiro O.S.B., Pe. Cesar Dainese S.J., Frei Mateus Hoepers O.F.M., Prof. Alceu Amoroso Lima, D. Arnaldo Ribeiro, Pe. Helio Raso, Pe. Orlando Machado, Pe. Agnaldo Leal, D. Alexandre G. do Amaral, D. Geraldo M. de Morais Penido, Mons. Tarcísio Falcão. A todos eles nosso sincero "Deus lhes pague"

Ao Pe. Jamil Abib, que gentilmente nos deu acesso ao seu acervo de Cartas Pastorais; ao Centro da TFP bem como à Redação de *O São Paulo*. que nos facilitaram acesso ao jornal *O Legionário;* a Dom Marcos Barbosa O.S.B., a D. Aloísio Lorscheider e Pe. Francisco P. Landin, a D. Urbano Allgayer, a D. Constantino Amstalden, a Mons. Guilherme de Oliveira, a Frei Belizário da Silva O.F.M., a Frei Patrício de M. Fonseca O.F.M., a Frei Clarêncio Neotti O.F.M., que colaboraram enviando-nos preciosas documentações, a todos eles nossa viva gratidão.

Nossos agradecimentos a Frei Sebastião A. Kremer O.F.M. e Frei Elói D. Piva O.F.M., que, com exemplar disponibilidade, souberam sacrificar longas horas de seu precioso tempo para nos auxiliar na datilografia deste trabalho.

Nossos agradecimentos também à Ação ADVENIAT dos católicos alemães, pela colaboração financeira na realização deste estudo.

Enfim, nossos agradecimentos ao governo da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, sem cujo incentivo não teria sido possível realizar o que aqui apresentamos com o coração agradecido para com a Divina Sabedoria que nos iluminou e nos deu força e persistência.

José Ariovaldo da Silva O.F.M
Petrópolis, Páscoa de 1983

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Abreviações

AAS	*Acta Apostolicae Sedis*
AA.VV	Autores vários
AC	Ação Católica
A.C.B.	Ação Católica Brasileira
ASS	*Acta Sanctae Sedis*
AUC	Ação Universitária Católica
C.C.B.	Coligação Católica Brasileira
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CIC	Codex Iuris Canonici
C. M. CNBB	*Comunicado Mensal CNBB*
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPB	Concílio Plenário Brasileiro
JEC	Juventude Estudantil Católica
JFC	Juventude Feminina Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
LEC	Liga Eleitoral Católica
Mens. Cor. Jesus	*Mensageiro do Coração de Jesus*
REB	*Revista Eclesiástica Brasileira*
Rev. Ass. Ecl.	*Revista do Assistente Eclesiástico*
s. d.	sem data
SEDOC	*Serviço de Documentação*
SCR	Sacra Congregatio Rituum
TFP	Tradição Família e Propriedade
Vida	*Vida. Revista Universitária*
Vozes	*Revista de Cultura Vozes*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Introdução

Lendo a Encíclica "Mediator Dei", logo no início, quando fala do grande empenho dos últimos tempos na busca de um conhecimento mais amplo e profundo da Liturgia, vamos encontrar a seguinte frase de Pio XII: "non modo in multis Europae nationibus sed in transmarinis etiam terris laude digna ac frugifera succrevit hac in re contentio" [1]

O Papa se refere ao Movimento Litúrgico presente também em países do outro lado do Oceano. Que países são? Não o diz. Contudo, podemos afirmar: Pio XII se refere indiretamente ao Movimento Litúrgico presente também no Brasil como um dos países ultramarinos.

Certamente a Santa Sé dispunha então de muitas informações sobre o Movimento Litúrgico no Brasil. Até que ponto, não o sabemos. Disto poderão se ocupar os historiadores do futuro. Mas a verdade é que, para além dos muros do Vaticano, até hoje pouco se sabe sobre o Movimento Litúrgico no Brasil. As informações em publicações européias são impressionantemente escassas. No Brasil mesmo, apesar das abundantes informações esparsas em livros, artigos de revistas e jornais, não se iniciou até hoje um estudo amplo e completo sobre o Movimento. Daí a importância deste trabalho que empreendemos, como primeiro estudo científico sobre o assunto.

"O Movimento Litúrgico no Brasil (Estudo Histórico)" é o tema deste trabalho. Como se vê pelo título, não se trata de um trabalho exaustivo sobre o Movimento em todos os pontos de vista. Embora necessariamente teremos que tocar em pontos teológico-litúrgico-pastorais trata-se antes de um estudo histórico sobre o Movimento Litúrgico no Brasil, desde os seus inícios (1933: início propriamente dito) até quando foi anunciada pelo Papa João XXIII a realização do Concílio Vaticano II, em janeiro de 1959. [2] Ou melhor dizendo, fazemos um levantamento sobre as origens, desenvolvimento, obras e realizações do Movimento, bem como sobre as reações

1. Cf. *AAS* 39 (1947), 523.
2. Cf. *AAS* 51 (1959), 68.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

e controvérsias em torno do mesmo, e no fim perceberemos suas principais características e contributos para a Igreja no Brasil.

Assim cremos poder contribuir para o início de um trabalho que até agora ainda não foi feito, e que futuramente poderá ser completado, quando o Movimento for estudado sob outros pontos de vista.

Não significa que este estudo histórico não tenha já sua incidência sobre a Pastoral. Esta, na verdade, pode aprender muito da História. E para se elaborar uma boa Pastoral, sem dúvida se requer o conhecimento também da História. E realmente, a História religiosa do Brasil, como de toda a América Latina, está sendo atualmente pensada e repensada com vivo interesse, no sentido de contribuir eficazmente para o aprofundamento de novas e seguras linhas para a Pastoral da Igreja neste país. Assim, pois, no sentido de também contribuir cientificamente aos interesses pastorais da Igreja no Brasil, é que empreendemos este estudo histórico dentro do campo da Liturgia.

Como indiretamente já acenamos, servimo-nos de uma enorme quantidade de informações esparsas, publicadas em livros, revistas e jornais. E para maior segurança e clareza, recorremos também a testemunhos vivos de pessoas que participaram ativamente do Movimento Litúrgico (entrevistas, depoimentos escritos ou gravados em cassete), bem como de outros inéditos (atas, livros de tombo).[3]

Para maior perfeição deste trabalho, o ideal seria visitar todas as paróquias e todas as dioceses eretas no Brasil até 1959/60, para ver de perto o que cada uma delas realmente realizou em termos de promoção do Movimento Litúrgico. Não o fizemos. As razões são óbvias e compreensíveis. Locomover-se num país de enormes proporções geográficas como o Brasil (8.500.000 km²) para visitar um total de 145 unidades eclesiásticas (arquidioceses, dioceses, prelazias e uma abadia "nullius") com um total de 2.981 paróquias,[4] é praticamente impossível. Por isso restringimo-nos de preferência às fontes acima indicadas, se bem que estas correm o risco de serem ainda incompletas.[5]

Contudo, cremos poder apresentar com provas suficientes uma boa História do Movimento Litúrgico no Brasil.

O trabalho se divide em duas partes. Na primeira parte, abordamos o Movimento Litúrgico desde as suas origens no Brasil até 1947 com a publicação da "Mediator Dei". Na segunda parte, abordamo-lo no período que vai da "Mediator Dei" até inícios de 1959, com o anúncio da celebração do Concílio Vaticano II. Razão desta divisão: É que com o advento da citada Encíclica de Pio XII, nota-se uma nítida mudança de colorido do Movimento, de uma fase de intensa movimentação teológico-litúrgico-pastoral para uma fase mais estável de aplicação preferentemente jurídico-pastoral e prática das diretivas da Encíclica.

3. Todo este material inédito (apontamentos pessoais de entrevistas, depoimentos, etc.) encontra-se em Apêndice no fim deste trabalho.

4. Cf. BRUNEAU, Th. *O catolicismo brasileiro em época de transição*, São Paulo 1974, 419 (quadro 1) e 423 (Quadro 6).

5. Na verdade, até o momento não nos foi possível acesso direto ou completo a alguns jornais, como por exemplo o *Correio Católico* (diocese de Uberaba), *O Lampadário* (diocese de Juiz de Fora), *Jornal* (Rio de Janeiro), etc.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Cada parte divide-se em quatro capítulos.

Para a Parte I. No primeiro capítulo abordamos os inícios do Movimento Litúrgico no Brasil, onde primeiro trazemos alguns lampejos do Movimento já antes de 1933, para então passarmos aos inícios do Movimento propriamente dito (1933-1939). Esta parte (inícios do Movimento propriamente dito), abordamo-la descrevendo o trabalho e a obra de sete primeiros agentes principais, pioneiros, do Movimento Litúrgico no Brasil até 1939, sem deixar também de oferecer um necessário apanhado introdutório geral sobre a situação do Movimento Litúrgico na Europa, pois foi daí que o Movimento nasceu e foi aí que se inspirou. Por que até 1939? É que nesta data, mais precisamente em julho de 1939, deu-se um acontecimento importante para a Igreja no Brasil: a celebração do Concílio Plenário Brasileiro, do qual trataremos no capítulo terceiro, ao falarmos dos Bispos.

No segundo capítulo, dissertaremos sobre o Movimento Litúrgico em desenvolvimento no Brasil. Em outras palavras, veremos como, sob o impulso da descoberta da Liturgia e, conseqüentemente, da tomada de consciência sobre a pobreza litúrgica do povo em geral, amplia-se e se leva adiante, através de outros trabalhos, obras e promoções, os ideais do Movimento Litúrgico, dando assim ampliamento e continuação ao trabalho iniciado pelos seus primeiros agentes pioneiros.

Partindo do princípio de que os Bispos são os principais responsáveis locais a vigiar pelo bom andamento da vida cultual, reservamos um terceiro capítulo sobre o Episcopado brasileiro e o Movimento Litúrgico. Isto é, baseando-nos nos decretos do Concílio Plenário Brasileiro, nos documentos de seis Sínodos Diocesanos e em várias Cartas Pastorais e outros documentos do período de 1939 a 1947, veremos qual a reação das Autoridades eclesiásticas do Brasil frente ao Movimento que se propagava pelo país.

Como veremos, surgiram quentes polêmicas e controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil, de tal maneira que nos obrigamos a dedicar uma especial abordagem sobre o assunto: é o quarto capítulo.

Para a Parte II. Como dissemos, esta parte começa em novembro de 1947, quando da publicação da "Mediator Dei" E a primeira pergunta que nos colocamos é: Quais as primeiras repercussões provocadas pela Encíclica no Brasil? Ou: Quais as primeiras reações frente à Encíclica no Brasil? Respondemos a tais perguntas num primeiro capítulo, limitando-nos até fins de 1950 e inícios de 1951, data em que se celebrou o II Congresso Brasileiro de Teologia, sinal mais representativo (auge) das primeiras repercussões, pois aí se estudou exatamente o tema da "Mediator Dei"

No segundo capítulo, dissertamos sobre o Movimento Litúrgico em desenvolvimento neste período, que vai de 1947 a 1959, apresentando obras, trabalhos e promoções no sentido de levar adiante os ideais do Movimento agora orientado por Pio XII em sua Encíclica sobre a Liturgia.

6. Cf. CIC. can. 1261 § 1º e can. 336 § 2º; reafirmado mais tarde pelo Concílio Vaticano II. cf. Const. "Sacrosanctum Concilium" nº 22 § 1º e Dec. "Christus Dominus" nº 15.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

No terceiro capítulo voltamos a nos perguntar como o Episcopado brasileiro reagiu frente aos ideais do Movimento Litúrgico neste período pós-"Mediator Dei". Baseamo-nos nos Sínodos Diocesanos deste período, em várias Cartas Pastorais e na IV Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) celebrada em julho de 1958.

Também neste período não faltaram as polêmicas e controvérsias em torno do Movimento Litúrgico. Será o tema do quarto capítulo.

Feitas estas considerações sobre a importância, finalidade e andamento do nosso trabalho, cremos necessário alertar brevemente para o ambiente geográfico, histórico, cultural e eclesial em que se propaga o Movimento Litúrgico. Não é tarefa nossa fazermos uma descrição pormenorizada deste ambiente. Apenas damos algumas indicações, com alguma bibliografia sobre o assunto.

Já acenamos há pouco para a enorme dimensão geográfica do Brasil (8.5000.000 km²). Pode-se imaginar logo as enormes distâncias entre os maiores centros culturais e urbanos,[7] com meios de comunicação ainda em condições precárias. Pode-se imaginar a dificuldade da época na veiculação das idéias. Nesse ambiente é que vai se desenvolver o Movimento Litúrgico.

Além disso, há que ter em mente o baixo nível cultural brasileiro da época, com um índice de analfabetismo na base dos 45%.[8]

Há que ter em mente a própria cultura religiosa brasileira. Cerca de 94% se declaravam católicos. Mas, por diversos fatores histórico-culturais, trata-se de um catolicismo popular profundamente tradicional e acomodado, sustentado pelo devocionalismo em seus mais diversos matizes.

7. Alguns exemplos: Rio — São Paulo: 435 km; Rio — Belo Horizonte: 482 km; Rio — Porto Alegre: 1558 km; Rio — Salvador: 1700 km; Rio — Recife: 2491 km; Rio — Belém do Pará: 3342 km; São Paulo — Belo Horizonte: 538 km; São Paulo — Porto Alegre: 1123km; São Paulo — Salvador: 1992 km; São Paulo — Recife: 2783 km; São Paulo — Belém do Pará: 3025 km; Belo Horizonte — Porto Alegre: 1709 km; Belo Horizonte — Salvador: 1418 km; Belo Horizonte — Recife: 2209 km; Belo Horizonte — Belém do Pará: 2695 km; Salvador — Maceió: 600 km; Salvador — Natal: 1112 km; Salvador Fortaleza: 1228 km; Salvador — Belém do Pará: 2695 km; Salvador — Florianópolis: 2699 km; Salvador — Porto Alegre: 3115 km; Belém do Pará — Fortaleza: 2012 km; Belém do Pará — Florianópolis: 3732 km; Belém do Pará — Porto Alegre: 4148 km; etc. (Extraído do *Diário Vozes 1978* — Agenda para 1978, editado pela Vozes, Petrópolis).

8. Cf. GORDAN, P., O.S.B., "Brasilien und Chile", in: BOGLER, Th., O.S.B., *Liturgische Erneuerung in aller Welt*, Maria Laach 1950, 118. Há quem coloque a proporção de analfabetismo em "cerca de 50%" (cf. BRUNEAU. Th., *op. cit.*, 94).

9. No documento final elaborado pelo Encontro interdepartamental do CELAM realizado em Bogotá (Colômbia) de 22 a 28 de agosto de 1976 sobre a religiosidade popular, há uma ótima síntese histórica da religiosidade popular da América Latina que vem até os nossos dias. Mostra que elementos tardo-medievais da Península Ibérica são levados para a América Latina (hispano-lusitana) que é colonizada em plena era barroca: "Com o barroco nasce a América Latina. Ou seja, sob o signo do Concílio de Trento. Esse é nosso substrato original, de onde se conjuga com formas religiosas anteriores, mas com uma forma dominante. Esta provinha do catolicismo medieval, com os traços acima assinalados. É o catolicismo popular que a Reforma protestante vai impugnar e que Trento vai ratificar. O barroco estabelece-se em continuidade com o medievalismo popular. Ainda que com novas formas de piedade, provenientes da 'devotio moderna', mais místicas, mais sentimentais, abrindo caminhos de 'interioridade'" ("Igreja e religiosidade popular na América Latina" *SEDOC* 10 (jul. ag. 1977), 23-24). Ora, todo este substrato, devido a fatores históricos posteriores (Iluminismo que quase acabou com o clero religioso, e posterior "romanização" com conseqüente clericalização das elites: "Estabeleceu-se uma 'coexistência pacífica' entre religiosidade popular e as novas elites clericais, mas sem fecundação mútua" — *ibid.*, 26) permaneceu sempre vivo nas camadas populares (*ibid.*, 25-26); cf. ainda GORDAN, P., O.S.B., "Brasilien und Chile", in: BOGLER, Th., *op. cit.*, 118; **PEREIRA, N.**, *O Fator Religioso na História Brasileira*, Secretaria do Interior e Justiça. Arquivo Público Estadual, Recife 1956 (defende a tese de que a religião católica é responsável pela unidade nacional brasileira, que o catolicismo foi o cimento desta unidade); ROLIM, A., O.P., "Em Torno da Religiosidade no Brasil", *REB* 25 (1965), 11-28; *id.*, "Católicos e Catolicismo", *REB* 30 (1970), 326-348; COMBLIN, J., "Situação Histórica do Catolicismo no Brasil", *REB* 26 (1966) 574-601; *id.*, "Para uma Tipologia do Catolicismo no Brasil", *REB* 28 (1968), 46-74; antes deste convém ver CAMARGO, P., "Essay de typologie du catholicisme brésilien", *Social Compass* 14 (1967).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Depois há que tomar em consideração a enorme falta de clero na época. Só para se ter uma idéia: Em 1946, para uma população na média de 46.545.000 habitantes, havia apenas 6.383 sacerdotes; portanto, uma média de 7.292 habitantes para cada sacerdote.[10]

Há que ter em mente a forte tradição "romana" criada dentro do Episcopado, causada por experiências históricas do passado,[11] o que motivará a muitos Bispos um certo "temor de *inovar*, que lhes ficou da reação antimoderna ou antimodernista de Pio X".[12]

Temos que levar em conta também todo o movimento de "recatolicização" da sociedade brasileira que se acentua a partir dos inícios deste século, através do "dinamismo das conversões nas elites e da ação católica nas massas",[13] que contribuiu no Rio de Janeiro para a fundação da revista *A Ordem* em 1921 e do Centro D. Vital em 1922 pelo líder leigo católico Jackson de Figueiredo apoiado pelo Arcebispo D. Sebastião Leme. O movimento, num primeiro passo, sonhava com um nacionalismo católico. Ou, pelo menos, sob o apoio de vários Bispos, de maneira geral se sonhava com o fortalecimento do poder político e eclesiástico da Igreja em toda a nação.

Em 1928 se converte o leigo Alceu Amoroso Lima. Neste mesmo ano morre Jackson de Figueiredo. A. Amoroso Lima assume a presidência do Centro D. Vital e a liderança do laicato católico, emprestando tanto ao Centro como à revista *A Ordem* uma nova orientação. Em outras palavras.

399-423, que inclusive traz uma boa bibliografia da história do catolicismo como instituição (*ibid.*, 420-421); cf. AZEVEDO, Th. de, "Catolicismo no Brasil?", *Vozes* 63 (1969), 117-124; MONTENEGRO, J.A.S., *Evolução do Catolicismo no Brasil*, Petrópolis 1972; HOORNAERT, E., "Para uma História da Igreja no Brasil", *REB* 33 (1973), 117-138; *id.*, "Formação do catolicismo guerreiro no Brasil (1500-1800)", *REB* 33 (1973), 854-885; *id.*, *Formação do Catolicismo Brasileiro. 1550-1800*, Petrópolis 1974; AZZI, R., "Elementos para a História do Catolicismo Popular", *REB* 36 (1976), 95-133; AA.VV., *História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo*. Col. "História Geral da Igreja na América Latina". Tomo II/1. Primeira Época. Tomo II/2. Segunda Época. A Igreja no Brasil no século XIX, Petrópolis 1977 e 1980.

10. Cf. BRUNEAU, Th., *op. cit.*, 69 e 91. E isso porque tinha havido um sensível crescimento no número do clero a partir já de inícios deste século! Mais ainda. Dos 6.383 sacerdotes, em 1946, 2.964 eram do clero clero secular e 3.419 eram membros de Ordens Religiosas. Destes últimos, dois terços eram de origem estrangeira (*ibid.*, 69). Em 1964, o número do clero já vai somar 12.589, para uma população de 78.319.500 habitantes: 6.221 habitantes para cada sacerdote (cf. *ibid.*, 418 Quadro 1, e 425 Quadro 9).

11. A partir da experiência das perseguições religiosas dos iluministas (1759) estourando com a Questão Religiosa (crise entre Igreja e Estado; a Igreja começa a "desobedecer" o sistema do Padroado) em 1874, e com a expansão do protestantismo através das imigrações em massa a partir do fim do século passado — além disso há também o problema do ateismo se infiltrando nas elites leigas —, os Bispos, a partir daí, passam a apoiar-se estritamente em Roma para manter e fazer crescer a hegemonia da Igreja Católica (cf. BRUNEAU, Th., *op. cit.*, 25-75; RICHARD, P., *Mort des Chrétientés et Naissance de l'Église*. Paris 1978, 114s.; HOORNAERT, E., "Para uma História da Igreja no Brasil", *art. cit.*, 127-134; AZZI, R., "Elementos para a História do Catolicismo Popular", *art. cit.*, 109-125). Ora, isso criou na Hierarquia uma espécie de "tradição" bem romana, de obediência e profundo acatamento ao Romano Pontífice. Daí, com a reação antimodernista de Roma, é claro que os Bispos brasileiros, fiéis às orientações pontifícias, iriam ter muita reserva frente a quaisquer "novidades modernas" que aparecessem. Nesse clima de "desconfiança" é que o Movimento Litúrgico terá que se propagar.

12. Cf. Apêndice XV.

13. Cf. AMOROSO LIMA, A., "O Brasil Católico", *A Ordem* 57 (fev. março 1957), 85s.; cf. ainda *id.*, *A Igreja e o mundo*, Rio de Janeiro 1943, 25s.; *id.*, "Notas para a história do Centro Dom Vital". *A Ordem* 58 (out. 1957), 295-300; *ibid.* (nov. 1957), 391-397; *ibid.* (dez. 1957), 452-458; *id.* 59 (jan. 1958), 63-69; *ibid.* (fev. 1958), 161-166; *ibid.* (março 1958), 285-291; *ibid.* (maio 1958), 387-393; *id.*, *Memórias Improvisadas*, Petrópolis 1973; TRISTÃO DE ATHAYDE (= A. Amoroso Lima), "Colligação Catholica Brasileira. Esboço histórico e constituição", *A Ordem* 13 (maio 1935), 345-354; *id.*, *O Cardeal Leme*, Rio de Janeiro 1943; ALVES RIBEIRO, F., "Ação Católica Universitária", *A Ordem* 27 (junho 1943), 513-521; VILLAÇA, A. C., *O Pensamento Católico no Brasil*, Rio de Janeiro 1975; MOURA, O., O.S.B., *Idéias Católicas no Brasil*, São Paulo 1978; AZZI, R., "O Início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930", *Síntese* (Rio de Janeiro) [Nova Fase] IV (maio/ag. 1977), 61-66; *ibid.* (set./dez. 1977), 73-101; RICHARD, P., *op. cit.*, 114s. Alguns personagens líderes: o Pe. Júlio Maria, o Pe. Leonel Franca, o Bispo D. Sebastião Leme (veja-se a sua famosa Pastoral de 16-7-1916: *Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, Arcebispo Metropolitano de Olinda, Saudando os seus Diocesanos*, Petrópolis 1916), o leigo Jackson de Figueiredo, e depois Alceu Amoroso Lima, e outros

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

abandona-se a forte orientação "político-partidária" de antes, para dar ao Centro um caráter preferentemente cultural e também social muito inspirado em J. Maritain. Sempre sob o apoio de D. Leme, funda-se no Centro a Coligação Católica Brasileira, que abrangerá vários setores ou associações, como a Ação Universitária Católica (AUC: dos estudantes), a Confederação dos Operários Católicos, as Equipes Sociais, o Instituto Católico de Estudos Superiores, a Associação de Bibliotecas Católicas, a Confederação de Imprensa Católica, a Liga Eleitoral Católica. Tudo entre 1929 e 1933. Nesse ambiente é que começará o Movimento Litúrgico. E em 1935, sob o apoio de D. Leme, funda-se a Ação Católica Brasileira, cuja presidência cabe a Alceu Amoroso Lima.

No entanto, se de um lado o Centro D. Vital assumia uma linha que hoje chamaríamos "progressista", por outro lado permaneceu também o grupo "integrista" e reacionário, antimaritainista, cujo futuro líder será Gustavo Corção. Em São Paulo, a liderança leiga deste grupo estará nas mãos de Plinio Corrêa de Oliveira, que prossegue nitidamente com a ideologia do nacionalismo católico.[14] Ajunte-se a este grupo ainda o movimento dos integralistas — católicos também estes — que lutavam a partir de 1930 por um nacionalismo totalitário inspirado em modelos europeus. Seu líder era Plínio Salgado.[15]

Neste ambiente geral é que o Movimento Litúrgico vai nascer, combater e se desenvolver, espalhando a sua contribuição benéfica.

Enfim, um último ponto a considerar. Sabemos que, devido a amargas crises anteriores entre a Igreja e o Estado, no fim do século passado a Congregação Beneditina Brasileira estava para se extinguir. E com a proclamação da República em 1889, a situação começa a melhorar.[16] O grande abade Dom Domingos da Transfiguração Machado (1853-1908), depois de muita insistência, conseguiu da Congregação de Beuron reforços humanos para a restauração da Congregação Brasileira. E realmente, a 17 de agosto de 1895, "chefiando um grupo de monges europeus", desembarcava no porto de Recife aquele que — sem desmerecer o trabalho do abade Dom Domingos da Transfiguração Machado — pode ser chamado o restaurador

14. A ideologia se condensa bem nesta frase: "Queremos um Brasil verdadeiramente brasileiro? Façamos dele um Brasil verdadeiramente católico. Queremos matar a própria alma do Brasil? Arranquemos a sua fé" (CORRÊA DE OLIVEIRA, P., "O Concílio", *O Legionário* 2-7-1939, 2).

15. Sobre a formação das duas linhas distintas no Brasil (mais ou menos a partir de 1930), a do nacionalismo católico (integrista e reacionário) e a do cristianismo social (A. Amoroso Lima), cf. RICHARD, P., *op. cit.*, 120-121; HOORNAERT, E., "Para uma História da Igreja no Brasil", *art. cit.*, 134-135. Sobre a divergência (separação) entre o integralismo (movimento partidário de Plínio Salgado, de tendência, totalitária) e Alceu Amoroso Lima (Liga Eleitoral Católica, Ação Católica, etc., mas sem cunho partidário), cf. AMOROSO LIMA, A., *Memórias Improvisadas*, *op. cit.*, 70, 115, 150-152; cf. também o Editorial "A defesa da defesa", *A Ordem* 37 (fev. 1947), 87-102. Sobre a aproximação e seguimento de A. Amoroso Lima a J. Maritain, e sobre a influência deste sobre aquele, cf. LIMA, M., "Prefácio" in: AMOROSO LIMA, A., *Memórias Improvisadas*, *op. cit.*, 18, 23, 25, 29 e AMOROSO LIMA, A., *op. cit.*, 34-36 *et passim*; cf. também VILLAÇA, A. C., *op. cit.*, 144s.

16. Como escreve Dom Joaquim de Luna, O.S.B.: "Estava a Congregação Beneditina Brasileira quase a se extinguir no fim do século passado, em conseqüência do Aviso Ministerial de 19 de maio de 1855 que trancava os noviciados dos Institutos monásticos. Proclamada a República em 15 de novembro de 1889, o Governo Provisório publicou em 15 de novembro do ano seguinte um Decreto em que reconhecia a existência e a personalidade jurídica das Ordens Religiosas e lhes dava plena liberdade de viverem sem outra dependência a não ser a das autoridades eclesiásticas" (LUNA, J. de, O.S.B., "O Centenário do Nascimento do Restaurador da Vida Beneditina no Brasil, Dom Gerardo van Caloen, O.S.B.", *REB* 13 (1953), 138).

A título de curiosidade, só para ver como a Igreja estava "depenada" de clero no fim do século passado: Em 1889 havia no Brasil apenas cerca de 700 sacerdotes para uma população na base dos 14.000.000 de habitantes (1875: 10.717.523 hab.; 1900: 17.218.556 hab.) (cf. BRUNEAU, Th., *op. cit.*, 56, 419 (Quadro 1).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

da Congregação Beneditina Brasileira, Dom Gerardo van Caloen (1853-1932), da Abadia de Maredsous.[17] A partir daí a Congregação realmente se levanta, se restaura. Mais monges se deslocam da Europa (sobretudo da Alemanha) para o Brasil. A Congregação torna-se florescente.

Cremos ser dever da História do Movimento Litúrgico no Brasil um especial reconhecimento à obra de restauração de Dom Domingos da Transfiguração Machado e de Dom Gerardo van Caloen, pois é sobretudo através dos beneditinos da Congregação restaurada que o Movimento Litúrgico irá se implantar e se desenvolver no Brasil, como veremos.

17. Cf. Luna, J. de, O.S.B., *art. cit.*, 138-141; ZELLER, L., O.S.B., "Um Grande Beneditino Brasileiro", *Vozes* 2 [Nova Série] (1944), 186-198 (fala do trabalho e do mérito de Dom Domingos da Transfiguração Machado no sentido de conseguir a vinda de reforços humanos da Europa para a restauração da Congregação Brasileira).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

PARTE I

O Movimento Litúrgico no Brasil
Dos inícios até 1947

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Capítulo I

Inícios do Movimento Litúrgico no Brasil

A abordagem deste capítulo será feita do seguinte modo: Primeiro acenaremos para alguns primeiros lampejos do Movimento Litúrgico no Brasil antes de 1933. Em seguida, passaremos a abordar os inícios do Movimento propriamente dito, de 1933 a 1939. Fá-lo-emos abordando o trabalho e a obra dos principais agentes pioneiros do Movimento neste período, precedendo necessariamente um breve apanhado introdutório geral sobre a situação do Movimento Litúrgico na Europa.

I. Primeiros lampejos do Movimento Litúrgico no Brasil (antes de 1933)

Como veremos, o Movimento Litúrgico no Brasil começou mesmo em 1933. Isso não quer dizer que já antes desta data não circulassem pelo Brasil notícias, idéias, exortações e legislações eclesiásticas, e mesmo colaborações para o desenvolvimento do citado Movimento. Elencamos aqui alguns exemplos, como primeiros lampejos do Movimento Litúrgico no Brasil.

Temos, por exemplo, a Pastoral Coletiva dos Bispos das Províncias Eclesiásticas do Rio de Janeiro e Mariana, de 1907.[1] Ela, a certa altura, quando fala da música sacra, embora num tom estritamente jurídico-organizativo, "em obediência ao Motu proprio do Santo Padre Pio X", determina o seguinte: "instruir-se bem e por em prática as prescrições litúrgicas e as determinações" contidas naquele documento pontifício.[2] Na mesma linha, mas um pouco mais desenvolvidas, vão duas Pastorais Coletivas dos Bispos do Sul do Brasil, uma de 1911,[3] e outra de 1915.[4]

1. *Pastoral Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Provincias Ecclesiasticas de São Sebastião do Rio de Janeiro e Marianna* (communicando ao clero e aos fiéis o resultado das Conferencias dos mesmos, no Seminário Archiepiscopal de Mariana, de 2 a 12 de agosto de 1907), Rio de Janeiro 1907.

2. *Ibid.*, art. 122.

3. Cf. *Pastoral Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Provincias Ecclesiasticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Marianna, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre* (communicando ao Clero e aos Fieis o resultado das Conferencias dos mesmos realizadas na cidade de S. Paulo, de 25 de Setembro a 10 de Outubro de 1911), Rio de Janeiro 1911, art. 787 e "Apêndice" XXXIV 14,1. Concretamente, como promoção, manda que se criem escolas *cantorum* ou *puerorum*, com pessoas de bom espírito religioso e bem instruidas no canto gregoriano e música sacra em geral (*ibid.*, art. 908 e "Apêndice" XXXIV, 15), e que nos Seminários se funde uma cadeira especial para o canto gregoriano (art. 959 e 968).

4. Cf. *Pastoral Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Provincias Ecclesiasticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Marianna, São Paulo, Cuyabá e Porto Alegre* (communicando ao clero e aos fieis o resultado das Conferencias Episcopais realizadas na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de Janeiro de 1915), Rio de Janeiro 1915, art. 1116, 1168, 1240; mas sobretudo os art. 968, 1167, 1240 e "Apêndice" XXXIV (Regulamento sobre a música sacra), onde se recomenda o Motu Proprio de Pio X

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Citaríamos também — embora não se refira bem diretamente ao Movimento Litúrgico — a famosa Pastoral de D. Leme, de 16-7-1916, quando fala da ignorância religiosa nas camadas populares quanto à prática da Religião. Diz que o povo dá mais importância às devoções, às imagens dos santos e ao culto dos mesmos, do que ao Sacrifício da Missa e ao Santíssimo Sacramento. E, para sanar esta ignorância religiosa, só mesmo a indispensável instrução! [5]

Digna de nota é a Pastoral do Bispo de Natal (nordeste do Brasil), D. José Pereira Alves, sobre a Paróquia, promulgada a 8-7-1923.[6] Nesta, D. J. Pereira Alves deixa transparecer uma consciência bastante forte — já nesta época! — da importância da vida litúrgica e sua promoção dentro do organismo e da vida paroquial. No fim da Pastoral, como que coroando a mesma, fala da Liturgia, em três pontos:

a) *"Vida litúrgica"*, acentuando:

> "A paróquia apostólica, sobrenatural, encontrará na sagrada liturgia uma fonte de vida cristã, um alimento precioso e incomparável da fé, uma nova força e vigor espirituais. Ela deve ser *litúrgica*". [8]

Constata o problema da ignorância dos fiéis em termos de Liturgia, o que "não só os priva das riquezas espirituais ocultas nos ritos eclesiásticos, mas os afasta das cerimônias mais longas, cuja significação não percebem" [9] Conseqüentemente, a instrução dos fiéis, sobretudo dos homens, sobre a "grandeza sobrenatural" e a "divina sublimidade" da Liturgia é sumamente necessária. [10]

b) *"Participação da vida litúrgica"*. [11] Fazendo eco ao atual "movimento salutar para aproximar cada vez mais da Liturgia as almas dos eclesiásticos e dos fiéis por meio de instruções adequadas, meditações e práticas de piedade, constituindo um plano completo de espiritualidade bebida nas fontes litúrgicas", [12] D. J. Pereira Alves conclama a todos para promover a educação litúrgica, obedecendo, naturalmente, as determinações da Igreja. [13]

5. *Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme*. , *op. cit.*, 51-52: "Desprovido de instrução, o povo aceita as doutrinas que mais commodas se lhe antolham. Eis por que não são raros de encontrar transviamentos absurdos na pratica da Religião". E cita exemplos: *"O Santo é tudo, Deus quasi que a nada se reduz. Vão á igreja, visitam todos os altares. . só não visitam o Santissimo Sacramento. Não perdem 'novenas' e 'terços'... esquecem o Sacrificio Augusto da Missa. Ás Quintas ou Sexta feiras, de preferencia aos Domingos, assistem á Missa.* razoavel e util é o culto dos santos, mas não se confunda com o culto de adoração que só se tributa a Deus. Veneráveis são as imagens; a todas, porém, sobreleva a Eucharistia, onde, não em imagem, mas em real presença, está Nosso Senhor. Valor têm as 'novenas' e 'terços', mas nada vale tanto como o Sacrificio incruento do altar. Ouvir missa, em dia de semana, é acessório; o principal é ouvi-la aos Domingos e dias santos de guarda" *(loc. cit.)*. Para o que diz respeito à necessidade de instrução religiosa, cf. *ibid.*, 57s.

6. *A Paróquia. Carta Pastoral de D. José Pereira Alves*, Petrópolis 1923.

7. *Ibid.*, 63-65.

8. *Ibid.*, 63.

9. *Ibid.*, 63-64.

10. *Ibid.*, 64: "Não basta atrair os homens ao culto pela beleza dos altares, pelo encanto da música sacra, pelo conjunto harmonioso dos adornos, pelo desempenho correto do ceremonial em todas as funções, é necessário dar-lhes uma idéia da grandeza sobrenatural, da divina sublimidade da liturgia sagrada, oferecendo a todos a participação de tantos tesouros da fé, esperança e de amor" Baseia-se em seguida em *Les prônes liturgiques*, de GAUSSENS, e em *A alma de todo apostolado*, de Dom CHAUTARD, para confirmar a idéia (cf. *A Paróquia. Carta Pastoral...*, *op. cit.*, 64-65).

11. *Ibid.*, 65-69. Interessante que ainda bem mais tarde, em 1945, o texto parecia de grande atualidade, pois foi transcrito *ipsis verbis* em *O Diário* (Belo Horizonte), um jornal bastante empenhado na difusão do Movimento Litúrgico, sob o título: "Ação Católica. Participação na vida litúrgica" (cf. *O Diário* 19-4-1945, 2).

12. *Ibid.*, 65. Baseia-se na famosa definição de Pio X sobre a participação ativa na Liturgia (cf. Motu proprio "Tra le sollecitudini", *ASS* 36 (1903-1904), 331).

13. *A Paróquia. Carta Pastoral* *op. cit.*, 66-69.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

c) *"Restauração da vida litúrgica"*.[14] Passa-se aqui mais ao lado prático, na promoção da vida litúrgica paroquial: evitar todo aspecto pagão nas solenidades religiosas, eliminar do culto todo tipo de música inconveniente, promover no Seminário o cultivo da música sacra, especialmente o canto gregoriano, promover o canto religioso popular coletivo,[15] cuidar que nos templos se sigam as leis da arte e da higiene, promover o melhoramento da Liturgia dos funerais.

E conclui:

> "Permita o bom Deus que a Diocese de Natal rutile no céu da Igreja brasileira como uma constelação resplandecente de paróquias apostólicas, sobrenaturais, *litúrgicas*" [16]

Agora, gostaríamos de também mostrar observações de dois leigos. O primeiro, Soares D'Azevedo, publicou em 1922 um artigo na revista *Vozes*, sob o título: "Para um bom movimento litúrgico".[17] Neste, o articulista contava sua agradável experiência de um breve contato com o Movimento Litúrgico na Europa, sobretudo na Alemanha. "Se eu fosse rico" — assim inicia o artigo — "deixar-me-ia ficar uns bons meses na Alemanha, estudando o movimento litúrgico naquele surpreendente país". E, após descrever brevemente suas impressões da Alemanha,[18] tece algumas considerações sobre a importância da Liturgia como culto público tributado à divindade, culto este que, com a riqueza de seu aparato externo, "é capaz de proporcionar aos cristãos grandes consolações e emoções" [19] E segue: Ela "não só nos faz bem à alma", mas "nos é praticamente útil": O historiador, o antiquário, o arquiteto, o pintor, o escultor, o músico, todos eles terão que conhecer necessariamente a Liturgia para elaborar um bom trabalho.[20] E observa: "Tem sido desprezado o estudo dela. e aqui mais do que em muitos outros países" [21] Em seguida, o articulista transcreve de *A Época* uma entrevista com o prior de Maria Laach, Dom Alberto Hamenstede, sobre a situação, o significado e o trabalho que o Movimento Litúrgico desenvolve com o apoio do Papa e de Bispos, não só na Alemanha, mas também em outros países da Europa.[22] E,

14. *Ibid.*, 66-72.
15. Por exemplo: "Distribuindo grupos de cantores por toda a igreja e espalhando por todos a letra dos hinos religiosos, não será difícil conseguir dos homens a participação no côro unissono de louvores a nosso Senhor, a nossa Senhora e aos santos. Na capital do país tivemos ocasião de ouvir também as vozes cheias e fortes de numerosos católicos, cantando sem humano respeito a glória divina. Acharão mais breves as cerimônias que antes julgavam fastidiosas por falta de interesse e participação" (*ibid.*, 70).
16. *Ibid.*, 72.
17. *Vozes* 16 (1922), 136-141.
18. *Ibid.*, 136: "A Europa, depois da guerra, parece ter despertado de um sonho ruim, acordado para uma vida mais san. Não são as ondas populares que o povoam, mas os melhores elementos scientificos e moraes. A Westfalia, por exemplo, tornou-se como que o ponto de partida para um movimenlo liturgico de primeira ordem, que já alcançou a Prussia, a Dinamarca e uma bôa parte da Hollanda. 'Nas sumptuosas egrejas da Colonia — leio em excellente diario portuguez — na Cathedral, em Santa Maria, em S. Martinho, em S. Cuniberto, a todas as horas do dia, encontram-se pessoas rezando em côro ou alternando canticos religiosos. As criancinhas são levadas em grupo, pelos mestres, á egreja, antes e depois das aulas, para rezarem as suas orações. De manhan os altares são cercados de uma multidão recolhida, que, pela leitura do missal em lingua vulgar, se associa á prece liturgica. O mesmo direi de Bonn, onde os estudantes catholicos da Universidade dão o exemplo de uma piedade solida, animada pela seiva da liturgia. Também poderia citar Treveris e Moguncia e outras cidades...".
19. *Ibid.*, 136-137. Mostra simpatia com a definição guerangeana geral de Liturgia como "conjunto de symbolos, cantos e ceremonias, por meio dos quaes a Egreja expressa e publica a sua religião para com Deus" (*ibid.*, 136; cf. GUÉRANGER, P., *Les institutions liturgiques*, IIe ed., Paris-Bruxelles 1878, cap. I, 1).
20. SOARES D'AZEVEDO, "Para um bom movimento liturgico", *art. cit.*, 137-138.
21. *Ibid.*, 138.
22. *Ibid.*, 138-140.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

concluindo, Soares D'Azevedo expressa seu ardente desejo de que o mesmo aconteça no Brasil. E é mesmo "com o coração na mão" — diz ele — que escreve este artigo, pois trata-se de uma verdadeira "desolação" o que se vê, em alguns lugares do interior do Brasil, em termos de aparato externo da Liturgia.[23]

O outro leigo é José Mariz de Moraes. Este, na mesma linha de Soares D'Azevedo, dez anos mais tarde, após um contato com uma literatura belga e francesa, olha com amargura para o ambiente "litúrgico" no Brasil. Critica fortissimamente o "mau gosto litúrgico em muitas de nossas igrejas no Brasil".[24]

Mas algo já ia se fazendo, principalmente no sentido de instruir e levar os fiéis a uma melhor participação no culto litúrgico. Já em 1920 os beneditinos da Bahia haviam publicado um livrinho de 19 páginas, para o povo acompanhar as vésperas dominicais na igreja de S. Bento, sob o título: *Vésperas dos Domingos na Igreja de S. Bento*. Neste sentido, mais tarde, em 1931, Dom Beda Keckeisen O.S.B. irá publicar na Bahia o *Officio da Semana Santa em latim e português com breves explicações*[25] que, segundo ele, "visa auxiliar os fiéis na compreensão e na participação das cerimônias da Semana Santa" e "contribuir para que cada vez mais seja conhecido e amado o Divino Salvador na Santa Eucharistia".

Além disso, nesta época anterior a 1933, já era bem conhecido no Brasil o Missal em francês e latim de G. Lefebvre.[27] Conhecida era também a obra de P. Parsch, *Le Guide dans l'Année Liturgique*,[28] versão francesa do *Das Jahr des Heiles*.

Gostaríamos de ressaltar aqui também um testemunho pessoal que pudemos colher do octogenário franciscano Frei Mateus Hoepers (brasileiro), em Petrópolis, a 26-11-1978. Conta ele que a partir de 1923 estivera como

23. *Ibid.*, 140-141. Por exemplo: "1º — Livros, sinetas ou campainhas de um som horroroso; 2º — Imagens de santos (só cabeças) vestidas de pannos pretos lugubres, ordinários e velhos: 3º — Músicas carnavalescas dentro da egreja, executadas ás vezes pelas mesmas bandas ou orchestras que tocam em cinema ou nos *clubs;* 4º — Pinturas internas e externas grosseiras, côres berrantes, espalhafatosas; 5º — Paramentos e alfaias mal conservados, imagens sem a menor expressão artística; 6º — Templos, ou sem luz, ou sem ar, ou acachapados; 7º — Ambiente, emfim, nada propicio á meditação, á prece, mas profano, frio, vulgar, que não prende, que não faz dobrar os joelhos.. " (*ibid.*, 140).

24. MORAES, J. M. de, "O mao gosto liturgico no Brasil", *A Ordem* 6 [Nova Série] (junho 1932), 426-430. Assim começa o artigo: "O último número da delliciosa retrogravura belga: *L'Artisan Liturgique* vem cheio de fotografias e notas acerca do 'Pavilhão das Missões Católicas' na Exposição Colonial de Paris, no ano passado. Embora um pouco atrasado (a revista é de Março) acharia interessante dizer alguma coisa em brasileiro sobre o assunto..." (*ibid. 426).* E bem mais adiante: 'Ainda está para haver entre nós uma compreensão perfeita, racional, sincera, da beleza da liturgia. No tocante ao máo gosto em arte religiosa somos um povo ortodoxamente protestante. O cantochão da maioria dos nossos padres é uma caricatura preguiçosa da sonoridade liturgica. As nossas Igrejas com a abundancia burguesa de enfeites profanos parecem alegorias carnavalescas... Quanto aos nossos altares... V. Reyre, no seu artigo *A Arte e a Liturgia* (V. Ecclesia) usa uma denominação perversa que cabe exactamente a estas nossas obras-primas de máo gosto: 'Champs de foire' de fato , nossos altares... são empanzinados de flores de pano, de rosas de latão, de enfeites de papel, de castiçais complicados e aos maços, que nem um mostruário de velas..." (*ibid.*, 428).

25. Foi editado pela Secção Gráfica da Escola de Aprendizes Artifices da Bahia. Esgotando-se os 5000 exemplares impressos, em 1938 publicou-se uma segunda edição (cf. KECKEISEN, B., O.S.B., "Prefácio" in: *Officio da Semana* Santa ., *op. cit.*, 2.ª ed. 1938, 6).

26. "Prefácio" in: *Officio da Semana Santa*. ., *op. cit.*, 1.ª ed. Um ano antes (1930), a partir do tempo do Advento, Dom B. Keckeisen iniciava também a publicação de "fascículos" para cada domingo e dias de festa, germe do futuro e famoso *Missal Quotidiano*. Sobre isso trataremos posteriormente, ao falarmos especificamente de Dom B. Keckeisen e a história de seu Missal.

27. Cf. "Vida Litúrgica", *O Diário* 10-8-1938, 5. Dom Lefebvre mesmo morou um tempo no Rio de Janeiro (cf. GORDAN, P., O.S.B., "Brasilien und Chile", in: BOGLER, Th., O.S.B., *op. cit.*, 120.

28. Cf. "Guia Litúrgico", *O Diário* 12-5-1941, 2.

29. Cf. Apêndice I: Depois de elaborado este trabalho e pronto para a gráfica, dispomos da publicação das "memórias" de Frei Mateus Hoepers († 29-3-1983), onde fala de maneira mais completa sobre o Movimento Litúrgico que muito o entusiasmava (cf. HOEPERS, M., "Passos de Vida Franciscana", *Vida Franciscana* [Orgão da Provincia Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil] nº 57 (ag. 1983), 204-205).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Prefeito do Colégio franciscano de Garnstock (Bélgica), onde se preparavam jovens que iriam depois para o Brasil como missionários. Eram sobretudo jovens alemães que passavam em seguida a fazer o Noviciado e todo o estudo de Filosofia e Teologia no Brasil mesmo, para depois trabalharem na Província Franciscana da Imaculada Conceição, que abrange grande parte do sul brasileiro. Pois bem, em Garnstock, já naquela época, Frei M. Hoepers ministrava conhecimentos e aprofundamentos litúrgicos para esses moços, baseando-se sobretudo nas obras de P. Parsch. Ali começou também a ensinar e incentivar o canto gregoriano. O ambiente favorecia! Frei M. Hoepers esteve seis vezes em Maria Laach, entrando em contato direto com a vida litúrgica daquela comunidade. Por outro lado, muitos destes jovens, moços feitos, já imbuídos das idéias e realizações do Movimento Litúrgico, iam para Garnstock entusiasmados com a Liturgia. E com tal espírito passavam para o Noviciado, no Brasil: entusiasmados com o canto gregoriano, imbuídos de conhecimentos litúrgicos novos.

Tudo isso despertou a curiosidade do próprio mestre de noviços, Frei Januário Bauer. Na verdade, conta Frei M. Hoepers que o citado mestre lhe escrevera mesmo uma carta, pedindo informações sobre o Movimento Litúrgico de que os seus noviços tanto falavam! E Frei M. Hoepers diz que escrevera em resposta a Frei Januário Bauer uma longa carta, explicando tudo como era. Infelizmente as cartas se perderam. Mas assim foi!. Algo estava se fazendo.

Na verdade, os franciscanos da Província da Imaculada Conceição, sobretudo a partir das publicações da Editora Vozes, dirigida pelos mesmos, iam desenvolvendo desde cedo um trabalho valioso no sentido de contribuir para levar os fiéis a uma participação melhor na Liturgia e a uma compreensão mais acurada da mesma.

É, por exemplo, conhecido no Brasil o popular livro de cantos religiosos *Cecilia*, que os franciscanos editaram pela Vozes de Petrópolis e difundiram para centenas de paróquias brasileiras, atingindo este manual de cantos, em 40 anos, 38 edições.[31]

30. Através da revista *Vozes* (fundada em 1907) e da *REB* (fundada em 1941), a Editora Vozes difundiu pelo Brasil grande número de artigos referentes à Liturgia, além de todos os documentos pontifícios. Além destas revistas, esta Editora publicou obras de grande importância para o desenvolvimento do Movimento Litúrgico no Brasil, como ainda se poderá perceber no decorrer deste trabalho. Não nos esqueçamos também dos inúmeros frades que, pelas suas andanças nas missões populares, difundiram sobretudo a música religiosa popular para o culto, entre os fiéis do sul do Brasil. O canto gregoriano foi mais difundido entre os frades, nas casas de formação, sendo Frei Leto Bienias um dos maiores incentivadores. Este foi também fundador do Coral dos Meninos Cantores de Petrópolis, ou, "Canarinhos de Petrópolis" (1941), que ainda hoje exerce papel importantíssimo nas funções litúrgicas solenes na igreja do Sagrado Coração de Jesus desta cidade, e, oportunamente, também em outras cidades.

31. *Cecilia*, na origem, é o resultado da fusão de duas obras, de dois autores diferentes. Explicamo-nos: Em 1898, Frei Pedro Sinzig publicou sua primeira coleção de cânticos sacros, intitulada *Benedicite*, que já em 1900 saia em 2ª edição. Logo depois, em 1907, também Frei Basílio Röwer publicava uma coleção de cânticos sacros, à qual deu o título de *Cecilia*. Em 1910 foi então que a obra de Frei Pedro Sinzig e a de Frei Basílio Röwer se fundiram numa só para formar definitivamente o tradicional *Cecilia*, que, em 1961, alcançou a 39ª edição (esta última, atualizada, inspirada nas determinações da "Mediator Dei" e da "Musicae Sacrae Disciplina", foi organizada por Frei Romano Köpe). Em 1972 aparece uma nova edição atualizada, completamente refundida e adaptada aos tempos atuais, organizada por Frei José Luís Prim, Pe. José Weber e Frei Almir R. Guimarães, intitulando-se *Cantos e Orações* (cf. *Cecilia*. Manual de cânticos religiosos para uma e duas vozes e acompanhamento de órgão ou harmonium ad libitum, com um apêndice de orações por Frei Basílio Röwer, O.F.M., opus 8, Petrópolis 1907; cf. *Cecilia*. Manual de cânticos sacros. Texto revisto pelo Conde de Affonso Celso. Música (composição respectivamente e revisão) por Frei Pedro Sinzig. O.F.M. — op. 24, e Frei Basílio Röwer, O.F.M. — op. 14. Terceira edição. Petrópolis 1916; cf. "Prefácio", in: *Cecilia*. Manual de cânticos sacros para o canto unissono na igreja (com 2ª voz

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Cumpre-nos citar aqui ainda a obra de Frei Basílio Röwer, editada pela Vozes em 1928, o *Dicionário Litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis* (192 páginas).[32] Atém-se de preferência ao rito latino. E eis os votos do autor ao publicar esta obra:

> "Fazemos votos para que o *Dicionário Litúrgico* (que, segundo nos consta, não tem semelhante em lingua portuguesa) possa contribuir para augmentar sempre mais nos leitores o amor á Liturgia com que diariamente a Igreja celebra o seu culto".[33]

E o jornal *Lar Católico* (Juiz de Fora), de 16-12-1928, observa:

> "Agora que se está pronunciando um louvável movimento litúrgico também no Brasil, o *Dicionário Litúrgico*. aparece oportunissimo, pois não havia publicação idêntica que orientasse o católico nas multiplas questões litúrgicas".

São algumas notícias comprovantes do interesse existente no Brasil, já antes de 1933, pelo Movimento Litúrgico e suas idéias de levar os fiéis a uma melhor compreensão e participação na Liturgia.

Dois pontos são constatados: 1°) o problema da *ignorância religiosa* e, conseqüentemente, 2°) a necessidade de *instrução* dos fiéis sobre a Liturgia (tanto a riqueza de seu aparato externo como a riqueza do seu sentido espiritual), para poderem dela melhor participar.

Da parte dos Bispos do sul, busca-se resolver o problema inspirando-se sobretudo no *Motu proprio* de Pio X: organização e promoção da participação no culto principalmente através da música, segundo as determinações deste documento pontifício. A preocupação maior deles ainda se centra na organização e purificação externa do culto. Já os dois Bispos do nordeste (D. Leme e D. José Pereira Alves), embora também se preocupem pela melhor apresentação externa do culto, seu interesse evolui para um sentido também espiritual na promoção da vida litúrgica entre os féis.

Da parte dos leigos (Soares D'Azevedo e J. Mariz de Moraes), embora tendo contatado com o Movimento Litúrgico europeu deste século, ainda alimentam acentuada simpatia pelo sentido esteticista e psicológico da Liturgia.

Quanto aos Religiosos, buscando forças também no ambiente de Maria Laach e em P. Parsch, oferecem já os primeiros subsídios para a instrução e melhor participação dos fiéis no culto.

No entanto, o Movimento Litúrgico no Brasil começa mesmo seu desenvolvimento vigoroso, com repercussões reais de um movimento, só a partir de 1933. É o que passaremos a considerar em seguida.

ad libitum), por Frei Pedro Sinzig, O.F.M. (opus 24) e Frei Basilio Röwer, O.F.M. (opus 14), 7.ª edição, Petrópolis 1939, 9-10; KÖPE, R., O.F.M., "Novo Livro de Cânticos e Orações para a Participação Ativa na Vida da Igreja", *REB* 21 (1961), 965-968; cf. "Prefácio", in: *Cantos e Orações*, edição atualizada do "Cecilia", 41.ª edição, Petrópolis 1972; cf. ainda PRIM, J. L., O.F.M., "Cantos e Orações. Uma nova edição atualizada e refundida da 'Cecilia'", *REB* 31 (1971), 697-698).

32. Testemunha Frei B. Röwer que a idéia surgiu de um modo muito simples. Alguém lhe perguntara certa vez o que significa uma "perícopa dominical" Aí foi que lhe surgiu a idéia de escrever um *Dicionário Litúrgico*, exatamente para esclarecer o clero e os fiéis sobre o sentido de muitos termos, gestos e símbolos da Liturgia (cf. *Dicionário Litúrgico*, *op. cit.*, VII). A obra teve uma 2ª edição em 1936, "sensivelmente melhorada", com "muitos e interessantes acréscimos". Dez anos depois, em 1946, saiu uma 3ª edição, "cuidadosamente revista"

33. *Cf. Dicionário Litúrgico*, 1ª ed., VIII.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

II. Inícios do Movimento propriamente dito no Brasil (1933-1939)

Antes de entrar diretamente no assunto faremos, à guisa de introdução, um breve apanhado geral sobre a situação do Movimento Litúrgico na Europa antes de 1933.

Pode-se dizer que, antes desta data, o Movimento Litúrgico na Europa já se encontrava em estágio amplamente desenvolvido. A obra do monge beneditino de Solesmes, P. Guéranger (1805-1875) já contava quase um século de existência: *Considérations sur la liturgie catholique* (a partir de 1840), *Année liturgique* (a partir do Advento de 1841). Há quase um século que na França o Movimento Litúrgico havia ensaiado os seus primeiros passos. Já fazia 30 anos que Pio X publicara seu famoso *Motu proprio* "Tra le sollecitudini" (22-11-1903).

Há 24 anos que o Movimento Litúrgico clássico havia iniciado, exatamente a 23-9-1909, com uma conferência do monge beneditino de Mont-César (Bélgica), L. Beauduin, durante o *Congrès nacional des oeuvres catholiques* celebrado em Malines. Há 24 anos que o ambiente monástico de Maredsous e Mont-César, sob a liderança de Beauduin, iniciava uma obra de estudo e apostolado litúrgico realmente florescente e expansiva. Lembramos a celebração anual das famosas "Sémaines et conférences liturgiques" a partir de 1912, sendo estas "Conferências" publicadas anualmente (a partir de 1913) em volumes sucessivos sob o título *Cours et Conférences des Sémaines Liturgiques*. Lembramos também a fundação de grandes revistas litúrgicas belgas, como por exemplo, a *Questions Liturgiques et Paroissales*, fundada em 1910 sob o título *Les Questions Liturgiques* (Mont-César, Louvain).[34] Sem nos esquecermos das obras famosas como *La liturgie catholique* (Maredsous 1913) de M. Festugière, e *La piété de l'Église* (Louvain 1914) de L. Beauduin.

Há 15 anos que na Alemanha, cujo maior centro irradiador era Maria Laach, já se levava a efeito um trabalho litúrgico de caráter científico e pastoral de respeitável porte. Lembramos grandes nomes como I. Herwegen, K. Mohlberg, O. Casel, R. Guardini, Fr. J. Dölger e A. Baumstark, publicando nas três famosas coleções de Maria Laach, *Ecclesia Orans*, *Liturgiegeschichtliche Quellen* e *Liturgiegeschichtliche Forschungen*, fundadas em 1918. Lembramos o famoso *Vom Geist der Liturgie*, publicado como 1º volume da coleção *Ecclesia Orans*. Recordamos ainda o intenso trabalho diretamente litúrgico-pastoral de R. Guardini e do Mons. L. Wolter entre grupos juvenis da Alemanha, difundindo o espírito da Liturgia pela participação ativa nos Santos Mistérios.

Da Áustria lembramos o intenso trabalho litúrgico-pastoral, falado e escrito, de P. Parsch (de Klosterneuburg). Como obra escrita sua sobressai o *Das Jahr des Heiles*, publicado a partir de 1923; sem nos esquecermos de sua revista *Bibel und Liturgie*, fundada em 1926.

Da Itália, dentre um sem número de publicações, sinais de intenso apostolado litúrgico, sobressaem sem dúvida a *Rivista Liturgica* (Finalpia, Sa-

34. Cf. NEUNHEUSER, B., O.S.B., "Il movimento liturgico: panorama storico e lineamenti teologici", *Anamnesis 1*, Torino 1974, 21, nota 5, onde consta uma lista das revistas litúrgicas belgas.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

vona), iniciada em 1914, e o *Liber Sacramentorum* (9 volumes, Torino 1919-1928) de I. Schuster.

Também em outros países europeus o Movimento Litúrgico já tinha lançado suas raízes: na Espanha, em Portugal, Suíça, Holanda, Inglaterra, Tchecoslováquia, Polônia, etc.

Como dissemos, em 1933 o Movimento Litúrgico na Europa se encontrava em pleno desenvolvimento.[35] Pois bem, do ambiente europeu, ou mais especificamente do Movimento Litúrgico alemão, e sem ignorar uma forte influência belga, é que o Movimento Litúrgico vai nascer e se desenvolver no Brasil. Basta dizer que foi depois da convivência com Beuron e Maria Laach, e conhecendo muito bem Casel, Guardini, Beauduin e outros, que Dom Martinho Michler O.S.B. deu início ao Movimento Litúrgico no Brasil.

1) *Dom Martinho Michler O.S.B.: iniciador do Movimento Litúrgico no Brasil*

Morto inesperadamente Jackson de Figueiredo em 1928, sucedeu-lhe a liderança leiga católica Alceu Amoroso Lima, emprestando tanto à revista *A Ordem* como ao Centro D. Vital um caráter preferentemente cultural e social.[36] Sob a inspiração e liderança deste, e apoiado pelo então Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, fundou-se em 1932 o Instituto Católico de Estudos Superiores do Rio de Janeiro, que viria enriquecer os universitários católicos com cursos especiais de Teologia.

Em 1933, um monge beneditino desconhecido, recém-chegado da Alemanha, falando ainda mal o português, foi incumbido de ministrar, naquele Instituto, entre outros cursos, um curso de Liturgia. Era Dom Martinho Michler.[37] Cativou logo a simpatia de todos. O sucesso foi imediato. Desde o início, suas aulas foram tendo enorme repercussão nos meios universitários e intelectuais católicos.[38] Assim testemunha A. Amoroso Lima:

35. Para uma visão completa do Movimento Litúrgico na Europa, cf. NEUNHEUSER B., O.S.B., *art. cit.*, 11s.; AA.VV., "Le mouvement liturgique dans les différents pays", *Cours et Conférences des Semaines Liturgiques*, tome IX, Louvain 1931; BOGLER, Th., O.S.B., *op. cit.*

36. Cf. MEDEIROS LIMA, "Introdução" in: AMOROSO LIMA, A., *Memórias Improvisadas*, *op. cit.*, 26-28; cf. ainda MOURA, O., O.S.B., *op. cit.*, 152-156.

37. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler no Movimento Católico Brasileiro", *A Ordem* 36 (dez. 1946), 535-545; *id.*, "Liturgia e Monaquismo", *REB* 11 (1951), 96-97; *id.*, "O Movimento Litúrgico no Brasil. Reminiscências para a História do Movimento Litúrgico no Brasil" (= apêndice) in: BOTTE, B., O.S.B., *O Movimento Litúrgico*, São Paulo 1978, 208-209; AMOROSO LIMA, A., *Memórias Improvisadas*, *op. cit.*, 160; *id.*, "Hitler e Guardini" *A Ordem* 36 (dez. 1946), 546-551, *in specie* 549-551; ALVES RIBEIRO, F., "Martinho Michler e um testemunho", *A Ordem* 36 (1946), 559-562; VILLAÇA, A. C., *op. cit.*, 144-145; CORÇAO, G., *Conversa em Sol Menor*, Rio de Janeiro 1980, 212-215, 296-299. Dom Martinho Michler (Abade nullius da Abadia de Nossa Senhora do Montessarrate do Rio de Janeiro, de 1948 a 1969) nasceu em Ravensburg, na Alemanha, aos 11-8-1901. Participou de um movimento de jovens orientado por R. Guardini, de quem recebeu certamente as primeiras marcas para sua futura missão. Em 1920 recebia o hábito beneditino em Beuron. Como noviço, transferiu-se para Neresheim, para ajudar na restauração da antiga Abadia daquela cidade. Foi o primeiro noviço e o primeiro professo do velho Mosteiro reformado. Posteriormente, fez seu curso filosófico em Maria Laach (1922-1923), passando para o Colégio Internacional de S. Anselmo em Roma, onde foi aluno de L. Beauduin. No S. Anselmo laureou-se em Teologia (1928), defendendo a tese "De notione sacerdotii". Em Maria Laach teve contatos com O. Casel, assistindo cursos esporádicos com ele (cf. *REB* 8 (1948), 547; de autor desconhecido, "O novo abade de São Bento do Rio de Janeiro", *O Diário* 15-6-1948, 2; ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler " *art. cit.*, 537-538; *id.*, "Reminiscências...", BOTTE, B., *op. cit.*, 209).

38. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler *art. cit.*, 537-538; *id.*, "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 96.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Desde suas primeiras aulas na Praça 15, foi uma revelação. Tudo que ele dizia era rigorosamente católico. Sua pregação era exatamente no sentido de um perfeito 'sentire cum Ecclesia'. Mas sua palavra abria novos caminhos. Seus esquemas coloridos no quadro negro nos arrancavam de um intelectualismo exagerado, para nos lançar no caminho da *vida cristã*, realmente vivida como Corpo Místico, pela oração, pela inteligência e pela ação. Foi uma aurora para muitos. Foi uma grande luz para todos. ".[39]

Era o primeiro curso de Liturgia dado para leigos no Brasil. E a repercussão do curso — como já se deduz das supracitadas palavras de A. Amoroso Lima — não vinha tanto pela novidade do fato, mas pela novidade que o próprio curso trazia em si: a Liturgia é mais que rubricas, mais que mera explicação de objetos e gestos do culto, mais que mero alegorismo, mas "é vitalidade, é vida... é a vida da SS. Trindade, vida do Cristo, vida da Igreja que é o Corpo Místico de Cristo".[40] Ou ainda, a grande novidade era a *Teologia* da Liturgia que se descobria.[41]

O entusiasmo pela Liturgia pega fogo! Forma-se, no seio da Ação Universitária Católica (AUC), um Centro de Piedade, que logo passa a denominar-se espontaneamente *Centro de Liturgia*, o qual vem contribuir para um forte impulsionamento na vida espiritual daquela entidade estudantil da Coligação Católica Brasileira.[42] Portanto, o curso de Liturgia transborda das salas de aula do Instituto para o ambiente da associação univeritária.

Os trabalhos do Centro de Liturgia se inauguraram com um retiro que Dom Martinho Michler fez com um grupo de seis rapazes do mesmo Centro, numa fazenda do interior do Estado do Rio, de 10 a 15 de julho de 1933.[43] Neste retiro, chamado "seis dias de comunidade", para alegre e confortadora surpresa do grupo, no da 11 de julho se celebrava a primeira Missa *versus populum* no Brasil. E não só isso. A Missa era dialogada: a primeira Missa

39. AMOROSO LIMA, A., "Hitler e Guardini", *art. cit.*, 549-550; cf. GOUVÊA ISNARD, J. C. de, "A volta à liturgia", *Vida* nº 20 (nov. 1935), 2-3 (*nota*: o autor é o atual Dom Clemente Isnard, O.S.B., o qual, antes de se tornar beneditino, em 1936, se chamava José Carlos de Gouvêa Isnard. Por motivos práticos, para a citação de seus escritos antes desta data, usaremos ISNARD, C., sem a sigla O.S.B. Para os seus escritos posteriores a 1936, usaremos ISNARD, C., O.S.B.).

40. MATTOS, H. A., "Vamos renascer na liturgia", *Vida* nº 1 (abril 1934), 12; cf. também Apêndice XVI.

41. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências. ", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 209.

42. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler. ", *art. cit.*, 538-539, que foi testemunha do fato (cf. *ibid.* 535-536; cf. também Editorial "Ação Universitária Católica", *Vida* nº 9 (dez. 1934), 1: "Através do Centro de Liturgia firmou-se a vida espiritual da A.U.C.". A. Amoroso Lima também dá seu testemunho: "Em duas actividades, particularmente, se tem desenvolvido recentemente o esforço *aucista*: a da *Liturgia* e a das *equipes sociais*. Para a primeira foi creado o Centro de Liturgia, sob a assistência de D. Martinho Michler, O.S.B., professor do Instituto Catholico de Estudos Superiores e que foi o renovador dos estudos liturgicos em nosso meio. Cresce todo o dia o numero de aucistas empenhados nesse aperfeiçoamento de sua vida espiritual " (AMOROSO LIMA, A., "C.C.B. 1934", *A Ordem* 16 (nov. 1934), 325-326). Ou: "Lembramo-nos de organizar um centro litúrgico. E daí ia nascer o movimento litúrgico, apoiado especialmente no curso de religião que um beneditino desconhecido, e depois famoso — D. Martinho Michler — começou ali a dar, abrindo mais uma vez novos horizontes na formação religiosa daqueles moços e daqueles adultos" (*id.*, *A vida sobrenatural e o mundo moderno*, Rio de Janeiro 1956, 272). Cf. também Apêndice XVI.

Aliás, é interessante folhear os números 1 a 17 (1934-1937) da revista *Vida*, da AUC, onde aparece nitidamente e com abundância, através de artigos, notícias e programações, o testemunho de uma grande descoberta na vida daqueles universitários: a Liturgia! A revista mesma, logo no início, se propõe a manter uma secção litúrgica, para divulgar o espírito da Liturgia tão desconhecido no Brasil (cf. MATTOS, H. A., *art. cit.*, 12).

43. Interessante notar: Segundo D. Isnard, destes seis rapazes, cinco seguiram a vida religiosa e sacerdotal — três na Ordem Dominicana (Frei Rosário Joffily, Frei Sebastião Hasselmann e Frei Romeu Dale), e dois na Ordem de São Bento (Dom Leão de Almeida Mattos e Dom Clemente Isnard. Este último é hoje Bispo diocesano de Nova Friburgo, no Estado do Rio). A fazenda onde fizeram o famoso retiro pertencia à avó materna do atual D. Clemente Isnard (cf. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 210).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

dialogada no Brasil fora da clausura de um convento." Além disso, ainda recitaram o Ofício Divino em comum, o que no início estranhou e surpreendeu o grupo, pois se pensava que o Breviário fosse exclusivamente reservado para os padres. Mas, através das sábias explicações de D. Martinho Michler, aqueles universitários iam descobrindo no Breviáro a presença de "um dos maiores tesouros da Igreja, .a oração mais recomendável e mais santa, pois a sua matéria consta de salmos, e os salmos são orações e louvores do Espírito Santo": [48] começaram a degustá-lo e, com este tesouro, bendizer a Deus e cantar seus louvores.

E o trabalho de Dom Martinho Michler prosseguia. Lançavam-se as bases para caminhar ao que Pio X chamou "principal fonte do verdadeiro espírito cristão", que é a "participação ativa nos Sagrados Mistérios e na oração pública da Igreja" [49]

Depois daquele "retiro", Dom Martinho Michler começou a dialogar semanalmente a Missa no Moteiro de S. Bento com os universitários [47] onde, através da homilia, ia introduzindo aqueles moços tanto "no conhecimento das diversas partes da missa e de sua funcionalidade" como "na apreciação das partes móveis relacionada com o ano litúrgico". "Sem o saber" — continua D. Isnard — "íamos assimilando a medula do que D. Guéranger, o Cardeal Schuster, Pius Parsch e outros haviam escrito sobre o ano litúrgico". [43] Essas missas dialogadas no Mosteiro de S. Bento funcionaram até dezembro de 1935. Depois foram transferidas para a Praça 15, em uma das salas da Coligação Católica Brasileira, transformada em capela, a gosto, com um altar construído em jacarandá, de tal maneira que "permitia celebrar a missa de frente ou de costas para a assistência. Solução prudente, motivada por reticências ou reações incipientes contra a forma de altar que queríamos introduzir" [44]

44. *Loc. cit.*: "Na sala principal ele preparou um altar para a celebração da missa. Mas, para grande surpresa nossa, em vez de encostar a mesa na parede, ele a colocou no centro da sala e dispôs um semicírculo de cadeiras, dizendo que ia celebrar de frente para nós. Foi a primeira missa celebrada de frente para o povo no Brasil! Na sala de uma velha fazenda do Estado do Rio! D. Martinho fez tudo isso com naturalidade, mas naquele momento ele consumava uma revolução dentro de nós, quebrava um tabu, e nos obrigava a segui-lo noutros passos que nos faria dar. Mas não parou aí a novidade. A missa foi dialogada. Em latim, sem dúvida. Todos rezávamos, pela primeira vez, as partes que cabiam ao coro ou aos cantores. Foi um deslumbramento! Era a primeira vez que, no Brasil, fora de um mosteiro beneditino, se dialogava a missa. No mosteiro do Rio, em anos anteriores, D. Amando G'Seil, mestre de noviços, dialogara algumas missas". Cf. também *id.*, "O papel de Dom Martinho Michler. ", *art. cit.*, 539; *id.*, "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 96.

45. ISNARD, C., "Seis dias de comunidade", *Vida* nº 2 (maio 1934), 15, onde inclusive descreve o histórico, bem como todo o maravilhoso clima deste retiro. Para o referido retiro, cf. ainda, ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler. ", *art. cit.*, 539; *id.*, "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 96.

46. Cf. Pio X, Motu proprio "Tra le sollecitudini" (22-11-1903), *ASS* 36 (1903-1904), 331; cf. "Crônica Universitária", *Vida* nº 11 (fev. 1935), 2: [Entre nós] "foi no meio universitário que surgiu esse movimento magnífico de retorno à liturgia". As "semanas de comunidade" se repetiram nos anos seguintes (1934 e 1935), com duplicação e triplicação dos participantes, em relação a 1933 (cf. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler *art. cit.*, 542-543).

47. ISNARD, C., O.S.B,. "Reminiscências. ", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 211: ..seja na capela abacial, seja na capela do Santíssimo, todas as quintas feiras se reunia um grupo de universitários, mais ou menos numeroso, para dialogar a missa com D. Martinho. Tinha especial relevo a procissão do ofertório".

48. *Ibid.*, 211-212. Outro testemunho de D. Isnard, em 1946: "Era por ocasião dessas Missas que êle pronunciava notáveis homelias, em que aprendi talvez mais do que nas próprias aulas de Liturgia, pois o seu ensino era aí mais vivo e concreto. ..e nunca poderia imaginar que um único formulário do Missal fosse um campo tão vasto e quasi inesgotável" (*Id.*, "O papel de Dom Martinho Michler...", *art. cit.*, 541).

49. *Id.*, "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 212. Sobre a Coligação Católica Brasileira, cf. supra, Introdução, p. 28, com bibliografia à nota 13 (p. 27).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Falamos da Missa dialogada. Mas devemos salientar ainda que, reveladas por Dom Martinho Michler aos leigos (universitários e intelectuais) as riquezas do Breviário, o próprio costume de rezar diariamente o Ofício Divino, ou parte do mesmo, em comum ou em particular, foi penetrando, lentamente, na atividade espiritual dos mesmos.[50]

Iniciava-se, pois, o Movimento Litúrgico no Brasil. Como já vimos anteriormente, o Movimento Litúrgico europeu não era totalmente desconhecido nesse país já antes de 1933. Mas não passava ainda de pequenos lampejos sem grandes repercussões imediatas.[51] Na prática, ninguém tinha ainda condições suficientes para iniciar no Brasil uma reforma ampla, profunda e convincente, dentro dos limites permitdos pelas determinações litúrgicas vigentes. Dom Martinho Michler, com muita simplicidade e sem grandes pretenções, simplesmente através de aulas, cursos, conferências e retiros para intelectuais e acadêmicos,[52] vivendo a Missa dialogada sobretudo com os universitários da AUC, vivendo o Ofício Divino recitado em comum com eles,[53] ia conseguindo encaminhar todo um processo de revitalização da Igreja no Brasil através da participação ativa nos Santos Mistérios e na oração pública da Igreja.[54]

Em 1935, com a fundação da Ação Católica Brasileira, o Movimento Litúrgico foi se ampliando mais e mais... Aquela, tendo como Presidente A. Amoroso Lima, tornou-se logo a grande protagonista do Movimento Litúrgico que foi se espalhando daí também para outros Estados da nação. Dom Martinho Michler deu o impulso inicial, ganhou adeptos numerosos, continuou trabalhando, e o Movimento Litúrgico (suas idéias, Missa dia-

50. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler. ", *art. cit.*, 542: depois de uma nova Semana de comunidade, feita em junho-julho de 1934, os rapazes que compunham o Centro de Liturgia começaram a rezar as Vésperas todos os dias na séde da A.U.C.", cf. também *id.*, "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 97.

51. Sem desmerecer o elogiável trabalho de Dom Beda Keckeisen na Bahia, com os "fasciculos" dominicais publicados a partir de 1930, e com o *Missal dos Fiéis* publicado em 1933, germes do futuro e famoso *Missal Quotidiano* de Dom Beda. Voltaremos ainda de um modo especial sobre o assunto.

52. Outras notícias de conferências de Dom Martinho Michler e para o Centro Dom Vital: cf. *A Ordem* 20 (set. 1938). 280-281; *A Ordem* 21 (maio 1939), 509; *A Ordem* 26 (set. 1941), 246-248: *A Ordem* 33 (maio 1945), 439 (= mais um retiro pascal com Dom Martinho Michler, "como de costume"!).

53. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler", *art. cit.*, 542-543. Interessante é que Dom Martinho não publicou obra escrita, a não ser um "Prefácio" à publicação de *Vida Litúrgica* de L. Beauduin, em 1938, pelas Edições "Lumen Christi", no Rio de Janeiro. Por um principio muito pessoal, resolveu não publicar (cf. Apêndice II). Pois bem, no citado "Prefácio" Dom Martinho Michler, dá um excelente testemunho. Assim se expressa ele: "Desde que no Rio se fundou, em 1932, o Instituto Católico de Estudos Superiores, um grupo de intelectuais e acadêmicos bateu as portas do Mosteiro de São Bento, buscando, para as questões mais sérias da vida, uma orientação fornecida pela teologia, que considera os acontecimentos 'sub specie aeternitatis', notou-se o despertar das almas para o conhecimento da própria vida da Igreja, nas suas formas litúrgicas" (MICHLER, M., O.S.B., "Prefácio" in: BEAUDUIN, L., O.S.B., *Vida Litúrgica*, *op. cit.*, 12). Passa então a elogiar o trabalho de Dom Tomaz Keller — do qual falaremos mais adiante — e atribuir a ele "o grande merecimento" de reavivar o espírito litúrgico nos meios intelectuais e acadêmicos no Brasil. Diremos: é muita humildade e despretensão sua, como que buscando esconder os seus méritos pessoais.

54. Embora não fale diretamente de Dom Martinho Michler, vale a pena citar este depoimento de P. Sá sobre um "incontestável renascimento religioso que se processa na mocidade de 1935: " último traço característico da mocidade de hoje... é o incontestável *renascimento religioso* que nella se nota. A geração anterior era inteiramente alheia a taes preocupações... Acompanhae o interesse com que um grupo de rapazes se junta em torno das praticas litúrgicas (ouvi as vesperas que diariamente os moços rezam na A.U.C., assisti as missas dialogadas de S. Bento) e podeis estar certos de que nos moços catholicos de hoje o Christo se vem fazendo o centro de gravidade da vida quotidiana ('per ipsum, et cum inso, et in ipso'.)" ("Missão dos Moços de 1935" [Palestra no Centro de Estudos Sociais de São Paulo], *A Ordem* 14 (1935), 175-176). Portanto, *o fato já repercute até em São Paulo!* Sinal de que o Movimento realmente se difundia rapidamente.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

logada, Ofício recitado pelos leigos, difusão do Missal, etc.) foi ganhando terreno pelo Brasil afora.[55]

Mas foi no Estado de Minas que o Movimento Litúrgico, iniciado e divulgado por Dom Martinho Michler no Rio de Janeiro, teve súbita acolhida e maior sucesso, alargando-se sempre mais. Sobretudo nas cidades de Belo Horizonte (capital do Estado), em Uberaba e em Juiz de Fora, o pessoal da Ação Católica se apaixonou pelo *novum* que descobria.[56] Fala-se até de um renascimento religioso católico em todo o Brasil.[57]

Principalmente em Belo Horizonte se faz sentir o florescimento paulatino da preocupação por uma participação mais viva e consciente na Liturgia. Basta olhar o jornal da Arquidiocese, *O Diário*, a partir dos anos 1934/35, secção "Vida Católica", para se certificar deste fato:[58] um crescente número de artigos, neste jornal, sobre a Liturgia e congêneres. Às vezes de uma maneira um tanto agressiva e irônica contra certos modos de ser das devoções populares, observa-se seguidamente e com preocupação a realidade da ignorância religiosa em matéria de Liturgia e, conseqüentemente, busca-se conscientizar para a necessidade de instruir os fiéis e os fiéis se instruírem sobre o culto da Igreja. A partir de 10-2-1935, para todos os domingos o jornal traz publicadas todas as partes móveis da Missa como também as leituras.

Mas estamos falando de Dom Martinho Michler. Além do influxo que recebia através da Ação Católica e da revista *A Ordem*, Minas desfrutou da própria presença pessoal de Dom Martinho Michler. Uma notícia de Belo Horizonte fala de um curso de Liturgia ministrado por ele "a uma assistência seleta", em 1937, naquela capital mineira: fala que suas aulas "se tornaram memoráveis, marcando verdadeiramente época nas atividades católicas da Capital".[60] Uma "Semana de vida cristã" realizada por Dom Martinho Michler em 1938 para a Juventude Feminina Católica, na mesma Capital, é vista como, "senão a maior, das maiores graças" recebidas como renovada força "para caminhar nova caminhada em campo aberto", tendo

55. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler. ", *art. cit.*, 540-541; MACHADO, O., "Curso de Liturgia", *O Diário* 10-9-1939, 5: "Com a A.C. o movimento litúrgico de que foi precursor Guéranger (1941) tomou um impulso extraordinario".

56. Para ver como já bem cedo Minas ia recebendo as novidades litúrgicas do Rio, temos esta notícia: Em Juiz de Fora, em visita da AUC do Rio e de *Vida* à AUC daquela cidade, em reunião havida a 1-10-1934, o acadêmico J. M. Penido Filho (do Rio) fez uma comunicação (conferência) sobre o "Renasimento Litúrgico" (cf. *Vida* nº 7 (out. 1934), 2).

57. Cf. *O Diário* 17-2-1935, 15; "Apostolado litúrgico", *O Diário* 11-8-1935, 15.

58. Um dos veículos portadores das novas idéias litúrgicas era sem dúvida a revista do Rio, *A Ordem*. Em *O Diário* 20-2-1935, à pág. 7, encontramos uma notícia de que aquela revista do Centro Dom Vital já alcançava em Belo Horizonte o número de 122 assinaturas.

59. Damos alguns exemplos. Apenas os citamos, pois ainda serão abordados mais detalhadamente mais tarde. Diretamente sobre a ignorância religiosa, cf. *O Diário* 15-2-1935, 7; depois, *sempre em O Diário*: "Temporas", 15-3-1935, 7; "Espirito Liturgico", 12-4-1935, 7; "Procissões", 13-4-1935, 7; "Missas... sociais", 4-5-1935, 7; "As coroações de N. Senhora", 10-5-1935, 7; "Cantar na igreja", 12-5-1935, 15; "Participação na Missa", 8-6-1935, 2; "Explicação da Missa", 21-7-1935, 15; "Apostolado Litúrgico", 11-8-1935, 15; "Viver a Liturgia", 18-8-1935, 15; "Viver a Missa", 25-8-1935, 7; "Desfazendo dificuldades", 1-9-1935, 15; "Comungar na Missa", 8-9-1935, 15; "Oração litúrgica", 15-9-1935, 15; 'Florescimento espiritual", 21-12-1935, 5; "O canto na igreja", 22-12-1935, 5; "Folheto liturgico", 28-12-1935, 2; "Sentido Lithurgico do Congresso Eucharistico" (art. de E. G. M. Machado), 6-9-1936, 4 e 6; "Missa de 7º dia", 30-10-1936, 5 e 16-12-1936, 5; "Missas de aquem e alem mar", 21-1-1937, 5; "O livro de orações", 4-3-1937, 5. E assim por diante...

60. "Dom Martinho Michler, O.S.B. Regressou hontem ao Rio de Janeiro o illustre benedictino, que proferiu aqui memoraveis aulas de liturgia", *O Diário* 2-7-1937, 5. Não pudemos, por enquanto, nos certificar de quando Dom Martinho Michler esteve pela primeira vez em Belo Horizonte. Apenas sabemos que já a partir de 1934/35 havia aí uma preocupação real pela necessidade de conhecer e amar a Liturgia, "irmã gemea da Ação Católica", como a chama o Pe. O. Machado em conferência sobre "Ação Católica e Liturgia", numa Semana de Ação Católica em 1935 (cf. "Semana de Acção Catholica", *O Diário* 24-11-1935, 7).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

como centro da vida e das atividades a santa Missa, os Sacramentos, e a Oração da Igreja."[61]

Também em Uberaba Dom Martinho Michler marcou presença. Ali, a convite do Bispo daquela cidade, D. Alexandre Gonçalves do Amaral, de 11 a 16 de dezembro de 1941 o já famoso monge beneditino de S. Bento do Rio dirigiu uma semana de estudos para a Juventude Feminina Católica. Tema geral das conferências: "*A formação da consciência cristã na Ação Católica.* Ou o problema da graça santificante e da vida sobrenatural na Ação Católica, com o estabelecimento em nossa existência de uma linha central" Presentes à semana de estudos: 37 moças. Também aí, a presença de Dom Martinho Michler veio dar um novo impulso à vida litúrgica que existia já com certa intensidade."[62] E, nesta semana, mais do que as conferências, foi a vivência comunitária "fortíssima" do mistério cristão que marcou a vida daquelas moças. Vale a pena citar este testemunho:

> "Mas o principal da semana não foi esta série de conferências. Ela centralizou-se toda em torno da Missa e da Oração oficial da Igreja — Laudes, Missa, Vésperas, Completório, norma última da vida cristã, como Mistério comunicado pelo Pai aos homens, na mediação de Cristo e na unidade do Espírito Santo foram também o 'canon actionis' da semana em Uberaba. No ofertório as moças colocavam na patena do sacerdote os seus problemas, a sua sêde de totalidade, o trabalho de cada dia — para depois receberem na comunhão o Corpo de Cristo como penhor de vida eterna. Essa participação fortíssima no Mistério transfigurou a semana e irradiou no ambiente da pequena comunidade, no refeitório, nos recreios, no dormitório, na camaradagem a alegria daqueles dias vividos na totalidade psicológica e sobrenatural. E as conferências de Dom Martinho não quizeram ser senão uma abertura de novos horizontes, para uma vida cristã cada vez mais intensa, na base daquilo que a Igreja tem de fundamental, e cada vez mais fortemente irradiante na periferia familiar, profissional e social".[63]

Como se vê, Dom Martinho Michler não apenas apresentava noções teóricas sobre a Liturgia, mas conseguiu arrastar o grupo a uma vivência comunitária e prática do que se aprendia.

A partir de 1º de junho de 1942 houve um Congresso de Ação Católica em Sete Lagoas (Minas). Também aí foi marcante a participação de Martinho Michler, que assumiu a parte litúrgica tratada no segundo dia do Congresso, sob o tema geral: "Missa, centro do culto litúrgico".[65]

61. Cf. "Décimo aniversário da J.F.C. de Belo Horizonte", *A Ordem* 33 (jan. 1945), 265. Na verdade, já desde cedo este grupo tinha uma boa vivência litúrgica: "Desde o seu início (1935) temos notícia das primeiras aulas para dirigentes precedidas pela participação em comum, da Santa Missa. Buscando sempre uma compreensão profunda e verdadeira do que é nuclear na vida da Igreja, a Juventude se firmava em seus fundamentos e compreendeu a necessidade de se integrar no Sacrifício de louvor ininterrupto da Santa Mãe. Por isso se reunem sempre os seus membros para o Ofício Divino" *(loc. cit.)*.

62. Cf. "Ação Católica em Uberaba", *A Ordem* 27 (fev. 1942), 168-176. Adiantamos que este "Registro" foi indiretamente alvo de críticas por parte da revista mariana dirigida pelos jesuítas, *Estrela do Mar*, por causa do seu conteúdo chamado "exclusivista", abrindo-se uma controvérsia entre esta revista e *A Ordem*, e uma discussão dentro da própria revista *A Ordem* em torno do problema da Piedade (cf. *Estrela do Mar* — sempre na sua secção "Consultas" — nº 386 (abril 1942), 100-104; id. nº 389 (julho 1942), 198-200; *id.* 392 (set. 1942), 286-288; *id.* 395 (jan. fev. 1943), 38-40; id. 396 (março 1943), 64; *A Ordem* — sempre na sua secção "Correspondência — 28 (julho 1942), 88-94; *ibid.* (nov. dez. 1942), 566-570; *id.* 29 (março 1943), 460-461; *id.* 30 (julho 1943), 91-93). Voltaremos ao assunto ao tratarmos das controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil.

63. Já antes desta data, a vida litúrgica da Ação Católica também de Uberaba, liderada por seu Bispo D. Alexandre Gonçalves do Amaral, se fazia bastante intensa e viva, através do estudo de autores como P. Parsch e I. Schuster, através da Missa dialogada, através da recitação do Ofício Divino em comum (cf. "Ação Católica em Uberaba", *A Ordem* 26 (out. 1941), 351-353).

64. "Ação Católica em Uberaba", *A Ordem* 27 (fev. 1942), 170.

65. Cf. *O Didrio* 10-3-1942, 2; "Congresso de A.C. de Sete Lagoas. A adesão de Dom Martinho Michler ", *O Diário* 15-4-1942, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Até aqui viemos considerando Dom Martinho Michler como iniciador do Movimento Litúrgico no Brasil, apresentando também um pouco de sua atividade na difusão de seu pensamento e, porque também não dizer, de sua vivência pessoal do Mistério do culto cristão.

Agora, poderíamos nos perguntar pelo conteúdo de seu ensinamento, cuja força desencadeou toda uma nova mentalidade na vida da Igreja no Brasil a partir dos grupos de Ação Católica.

A. C. Villaça, comentando a conversão de G. Corção, chama o ensinamento de Dom Martinho Michler, no Instituto Católico de Estudos Superiores, de "vulgarizações liturgicizantes e patrísticas, de fundo platônico e plotínico", das idéias de Beuron e Maria Laach, e que suas homilias "na Igreja Abacial, ou em reuniões litúrgicas mais íntimas, eram pura patrologia".[66] E no impacto desta grande novidade para um ambiente acostumado a uma simples apologética tradicional é que estaria grande parte do sucesso de Dom Martinho Michler. Mas, o que A. C. Villaça quer dizer, e o diz de fato, é que o pensamento martiniano é "antitomista, intuitivo e quase panteísta".[67]

Estas classificações de A. C. Villaça nos parecem um tanto exageradas. Principalmente, chamar Dom Martinho Michler de "antitomista" parece avançar demais. Ele, na verdade, alimenta grande respeito pelo tomismo e neotomismo. O que não podia suportar, talvez, eram certos desvios do neotomismo. Um texto do próprio Dom Martinho Michler prova o que afirmamos em contrário a A. C. Villaça:

> "Assim como o néo-tomismo, com os seus princípios científicos totais, objetivos e orgânicos, reúne, em toda a sua universalidade, elementos particularistas, especializados, subjetivos, às vezes desviados, e os encaminha para a unidade da filosofia perene, assim, também um surgimento de piedade se esforça por unificar na vida perene da Igreja as diversas manifestações da própria vida cristã, demonstrando o quanto a vida litúrgica é totalizante, una, universal, objetiva e orgânica".[68]

Que o pensamento de Dom Martinho Michler seja "panteísta", ou que suas idéias sejam "vulgarizações liturgicizantes e patrísticas", parece-nos igualmente reduzir demais. Que ele estava profundamente imbuído do espírito dos Santos Padres, e o transmitia de maneira notável, não resta dúvida.[69] Mas que suas homilias eram "pura patrologia"!. Desconfiamos!

66. VILLAÇA, A. C., *op. cit.*. 144.
67. *Ibid.*. 148.
68. "Prefácio" in: BEAUDUIN, L., O.S.B., *op. cit.*, 9. Além disso, temos notícia de uma conferência feita por Dom Martinho Michler, numa "Semana de Estudos Tomistas" promovida pelo Instituto Católico e pelo Centro Dom Vital, exatamente sob o título: "A mística de Santo Tomás" (cf. *A Ordem* 20 (set. 1938), 280-281).
69. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler .., *art. cit.*, 541-542.
70. Basta ver *Vida* nº 13 (abril 1935), 13, introduzindo uma série de artigos sob o tema geral "Filosofia e Religião": "Será nossa regra de conduta ir beber os conceitos na Bíblia, nos Santos Padres, nas decisões dos Papas e Concílios onde os encontraremos harmônicos e vitais: como guia na sistematização racional seguiremos integralmente Santo Tomás de Aquino. Desejamos dar uma orientação objetiva afastando o subjetivismo e o antropocentrismo. Será nossa espiritualidade a que usualmente se chama: espiritualidade litúrgica. Só ela satisfaz plenamente a nossa sêde de Vida e de objetividade, pois queremos viver conscientemente e com intensidade a Vida Litúrgica que não é outra do que a Vida dos Sacramentos e dos Sacramentais". Basta ver o que afirma D. Isnard em "Reminiscências. ", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 211-212, citado à nota 48 deste capítulo. Basta ver o que afirma D. Isnard em "O papel de Dom Martinho Michler, *art. cit.*.. 541, citado à nota 48 deste capítulo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O conteúdo transmitido por Dom Martinho Michler era a Liturgia mesma, no seu desenvolvimento histórico com o conteúdo teológico que os próprios textos ofereciam. Mas não só isso. O conteúdo de seu ensinamento era a própria vivência prática da Teologia oferecida pelos textos. É a partir desta vivência que os moços da revista *Vida* vão dizer que a Liturgia é a vida da Igreja, a nossa vida, a presença da vida de Cristo na Igreja que perfaz o seu Corpo Místico. Alguém, por exemplo, escrevia que para crescermos na vida comunitária é preciso "vivermos todo o Cristo pela vida sacramental, pois é pelos sacramentos que participamos da vida divina. .a nossa cultura, isto é, a nossa atividade, o nosso trabalho, a nossa vida, tornamos o Cristo na Eucaristia".[71] Sim, a Liturgia constitui o prolongar-se do divinamente humano (Encarnação) que é Cristo vitorioso (Ressurreição) no seu Corpo glorioso que é a Igreja, nós que celebramos os seus Mistérios, nós que oramos a sua oração, na força do Espírito Santo, para a glória de Deus Pai: A Redenção se faz presente, todo o cosmos é presente participando da vitória desta vida presente na e pela Liturgia, tendo como seu centro a santa Missa, já antevivendo assim o reino escatológico. É a idéia geral que transparece nos cursos dados por Dom Martinho Michler.[72] É a idéia geral para onde ele canalizava inclusive os cursos de Bíblia que ministrava.[73] É a idéia geral que transparecia em tantos artigos de *Vida* sobre assuntos litúrgicos.[74] Era esse conteúdo globalmente *vital* (talvez a isso que A. C. Villaça chama de "panteísta"!...), e não puramente moralista e apologético, que atraía as pessoas e entusiasmava os grupos de Ação Católica, para irradiar-se no ambiente. Era essa a grande novidade que devia influenciar... Nete sentido, sobre a semana de estudos de Uberaba, já comentada acima, temos este testemunho:

71. PENIDO FILHO, J. M., "Comunidade", *Vida* nº 5 (ag. 1934), 15; cf. PENNA, W., "Espiritualidade Litúrgica", *Vida* nº 14 (maio 1935), 8; ISNARD, C., "A volta à liturgia", *art. cit.*, 2-3.

72. Cf. anotações de aulas de uma "Semana de Comunidade" ministrada por Dom Martinho Michler à Juventude Feminina Católica de Belo Horizonte em junho de 1937 e em dezembro de 1938, com sugestivos desenhos e esquemas coloridos, gentilmente emprestadas pela Madre Luzia, Abadessa de N. Sra. das Graças, desta cidade. O título de uma parte das anotações, de dezembro de 1938, é sugestivo: *Vida cristã nas suas sete formas*, explicando a "ação de Deus que se comunica ao homem e do homem que se eleva até Deus" através dos sete Sacramentos, sem também deixar de falar do Ofício Divino e do Ano Litúrgico (nestas anotações, p. 50-104).

73. *Ibid.*, 1-50; cf. ainda *A Ordem* 26 (set. 1941) 246-248 (= resumo de uma conferência de Dom Martinho Michler no Centro Dom Vital sobre "O Mistério da Igreja no AT", e outra sobre "O Mistério da Igreja no Evangelho de São Mateus".

74. Cf. ISNARD, C., "Eucaristia", *Vida* nº 4 (julho 1934), 10; PENIDO FILHO, J. M., "Comunidade", *art. cit.*, 15: "...Repito, vivemos todos o Cristo pela vida sacramental, pois é pelos sacramentos que participamos da vida divina"; M., "'Divinitatis participes' na Ascensão", *Vida* nº 14 (maio 1935), 6; PENNA, W., "Espiritualidade Litúrgica", *art. cit.*, 7-8, onde, entre outras coisas, diz: "Praticamente os católicos empenhados no movimento litúrgico e muito especialmente os da A.U.C. temos.. as seguintes atividades: 1º Descobrir e praticar a verdadeira devoção da Missa; 2º Estudar a oração da Igreja e praticá-la o mais possível, dando-lhe o seu sentido fundamentalmente social; 3º Penetrar e assimilar a ponto de tornar isso uma Vida para nós, a significação dos Sacramentos" (*ibid.*, 8); *id.*, "A oração litúrgica. 'Ad fontes'", *Vida* nº 15 (junho 1935), 2-4; *id.*, "Dois problemas de uma Associação Católica", *Vida* nº 16 (julho 1935), 2-3, onde diz: " .si esse grupo, assistindo á Missa, nela oferece e comunga, ele atinge a plenitude da Comunidade, porque todos os seus membros vão se integrar no Cristo, vão constituir um Cristo vivo e real para a gloria de Deus" (*ibid.*, 2); *id.*, "O problema da piedade cristã", *Vida* nº 32 (nov. 1936), 2-6; MILANEZ, A., "Ação Católica Universitária", *Vida* nº 24 (março 1936), 12-14; Editorial "Ainda a Ação Católica", *Vida* nº 27-28 (junho-julho 1936), 1: "...a Ação Católica é definida como participação. Resta saber onde está praticamente essa participação. E nós sabemos que ela se encontra, na sua expressão mais total, no sacrifício da Missa. Aí, pois, ha participação mais vital e objetiva no mistério do Cristo; aí ha conseqüentemente a mais perfeita e integral Ação Católica".

75. Cf. resposta de *A Ordem* a uma carta da J.F.C. de Uberaba: "Membros da Juventude Feminina Católica de Uberaba (Minas Gerais)", *A Ordem* 27 (jan. 1942), 88-90.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

.era exatamente o que lhes havia ensinado durante a semana de estudos: *a formação de uma consciência cristã fortíssima, na base da Missa, dos Sacramentos e da Oração da Igreja, e a sua irradiação no ambiente, sacralizando tudo o que puder ser sacralizado e afastando tudo quanto for incompatível com a dignidade do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia*".[76]

Devemos assinalar, enfim, a grande influência que Dom Martinho Michler exerceu sobre a vida de muitos dos seus discípulos, por suas palavras, pela transmissão de sua profunda vivência litúrgica e através do fascínio de sua "personalidade singularíssima", como o classifica o jornal *O Diário*.

Por exemplo, F. Alves Ribeiro testemunha que foi ele, Dom Martinho Michler, "o *revelador* dum mundo quase que inteiramente desconhecido — o mundo da vida íntima e essencial da Igreja".[78] E continua:

> "Ficamos sabendo que a santidade e a união divino-humana constituíam a coisa mais importante de nossa vida de cristãos, ...que, mais importante do que defender a religião, era viver a religião, ...descobriu para nós o sentido da contemplação cristã, ...significou, para mim pessoalmente, a compreensão daquela 'primazia do espiritual' a que se refere Maritain. ".[79]

O próprio A. Amoroso Lima confessa dever muito de si à influência de Dom Martinho Michler. "Pessoalmente" — diz ele — "também muito devo a esse grande mestre e figura humana impressionante".[80] Realmente, segundo o Bispo de Anápolis (Goiás), D. Epaminondas de Araujo, "nenhum escritor católico no Brasil superou o Dr. Alceu em artigos sobre assuntos litúrgicos".[81] E isso, sem dúvida, devido em grande parte a Dom Martinho Michler, que revelara também aos intelectuais católicos a presença de uma *Vida*, a Vida do Corpo Místico celebrada no culto.

Segundo J. C. Villaça, o intelectual G. Corção deveu grande parte de sua conversão à influência do ambiente "litúrgico" formado por Dom Martinho Michler no Instituto Católico do Rio de Janeiro. G. Corção, em sua obra de estréia, *A Descoberta do Outro* (1944), uma autobiografia espiritual, deixa transparecer a nítida influência das idéias vitalistas de Dom Martinho Michler.[82] A partir dos anos 1949/50, no entanto, G. Corção afastou-se do espírito martiniano, para assumir uma atitude estritamente tomista e tradicionalista, que se acentua principalmente a partir do Vaticano II com um colorido extremamente reacionário.[83]

76. "Ação Católica em Uberaba", *A Ordem* 27 (fev. 1942), 171.

77. Cf. *O Diário* 2-7-1937, 5. D. Isnard fala de alguns dons pessoais de Dom Martinho, como "comunicatividade extrema", "capacidade de 'dizer justo,' de rasgar horizontes (mesmo ao se tratar de temas mais batidos, de fazer assimilar a matéria e despertar o entusiasmo", apesar das dificuldades iniciais da língua. "É interessante fazer notar" — diz D. Isnard — "que Dom Martinho nunca abusou dêsse dom de atrair, dessa capacidade de conquistar" (ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler.. ", *art. cit.*, 537-538).

78. ALVES RIBEIRO, F., "Martinho Michler e um testemunho", *art. cit.*, 559.

79. *Ibid.*, 559-560.

80. AMOROSO LIMA, A., *Memórias Improvisadas*, *op. cit.*, 205.

81. ARAUJO, E. de, *O leigo na Igreja. Um precursor do Vaticano II: Alceu Amoroso Lima*, Petrópolis 1971, 85. D. Epaminondas recolhe em um capítulo desta obra (p. 85-100) uma série de textos de A. Amoroso Lima sobre assuntos litúrgicos, peças realmente interessantes pela profundidade, sobre a Liturgia, sobre a Missa, sobre o Advento, sobre o Natal, sobre a Quaresma, sobre a Páscoa, sobre Pentecostes, sobre o Espírito Trinitário, sobre a festa de Cristo Rei.

82. VILLAÇA, A. C., *op. cit.*, 144-145; cf. CORÇÃO, G., "O elogio da pequenez", *A Ordem* 36 (dez. 1946), 552-558; *id.*, *Conversa em Sol Menor*, *op. cit.*, 212-215, 296-299.

83. Tal afastamento, segundo A. C. Villaça, se deu influenciado pela filosofia tomista estudada junto a Dom Irineu Penna e após ter estudado pelo *Cursos Philosophicus* de João de Santo Tomás (cf. VILLAÇA, A. C., *op. cit.*, 147-148).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Citaríamos ainda nomes de poetas como Murilo Mendes,[84] Dom Marcos Barbosa O.S.B.,[85] Augusto Frederico Schmidt[86] e outros,[87] que, direta ou indiretamente, com certeza tiveram influência do Movimento Litúrgico trazido por Dom Martinho Michler. O Movimento Litúrgico, sem dúvida, abria um vasto campo de inspiração poética para a poesia no Brasil, como canto da *Vida*.[88] Relembramos que a grande descoberta que se fazia no Centro Dom Vital, especialmente na AUC, era exatamente esta: "Liturgia é Vida".[89]

Porém, o mais notável é o surto de vocações religiosas e sacerdotais a partir do Movimento Litúrgico, a partir da influência de Dom Martinho Michler. D. Isnard, por exemplo, que se tornou monge beneditino movido pelo espírito martiniano, nos dá este confortante testemunho:

> "Nunca se viu em nenhum ambiente universitário brasileiro um movimento de vocações religiosas como o que ocorreu a partir de 1933 no seio da A.U.C. e, mais tarde, da J.U.C., do qual o instrumento providencial foi ele [Dom Martinho].[90]

Prova disso é este depoimento de A. Amoroso Lima:

> "Lá pelos idos de 1940, um grupo de rapazes, que integrava o Centro Litúrgico da Ação Universitária Católica, resolveu ingressar na vida monástica... Havia tomado essa decisão sob a influência de Dom Martinho Michler .Homem inteligente, exerceu enorme influência sobre esse pequeno grupo universitário. Alguns deles tornaram-se depois personalidades famosas como o Padre Veloso, o reitor da PUC, o bispo Dom Clemente, o abade Timóteo, o poeta Dom Marcos Barbosa, o abade Penido, e outros"[91]

84. Cf. CARNEIRO, O., "A poesia contemporânea no Brasil", *Vida* nº 17 (ag. 1935), secção "Crônica Literária", 4, comentando a recém publicada obra poética *Tempo e Eternidade* de Murilo Mendes e Jorge de Lima: " E Murilo Mendes? Este, com o sentido litúrgico de toda a sua poesia, que faz questão de sangue real na veia do poeta e que porisso mesmo tem como seu Cantor predileto Jesus Cristo e faz questão de descender do Eterno". Na verdade, diz o próprio poeta: "O poeta que desconhece a Igreja perde uma fonte incomparável de poesia. Além da belesa imensa dos livros sagrados, a Igreja oferece ao poeta uma disciplina, sem atentar á sua liberdade — pelo contrario — constróe o poeta em Cristo, que é a unica, definitiva e eterna realidade, e inspirador de todas as grandes musas. Todos os átos liturgicos são *dirigidos* — completam e corrigem, portanto, a parte da fantasia desordenada que todo poeta traz consigo" (MENDES, M., "Bolas", *Vida* nº 15 (junho 1935), 13). E, numa de suas poesias, assim reza: "Tu, que instituiste o sacramental da poesia. . Tu, que pela Eucaristia, testamento de poesia, de mysterio e de amor, distribuiste exemplares de Ti mesmo entre todos os homens até a consumação dos séculos. " (cit. em LIMA, J. de, "A mystica e a poesia" (conferência no Circulo de Estudos Jacques Maritain na Escola de Belas Artes), *A Ordem* 14 (set. 1935), 225).

85. Tornaram-se famosos os seus Autos litúrgicos e sacramentais escritos e apresentados em vários pontos do país.

86. Interessante, por exemplo, esta sua poesia, que se encontra publicada em *Vida* nº 2 (maio 1934), 7, sob o título "Transubstanciação": "Agora que eu passei tanto tempo distante / Vejo de novo o céo, abrindo-se, e o sorriso / Da aurora a caminhar sobre a relva molhada. / Altos tempos, Senhor! / Oh! o trigo vai florir! / Da semente esmagada / o ouro infantil / o ouro bom / descerá substancioso / E Cristo vai tomar / Fórmas elementares / E Cristo vai vestir as roupagens singelas. / As criancinhas vão receber Jesus, vestidinhas de branco! / Os ventos da noite estão longe / O sol enche de amor a manhã alta e enorme".

87. Acrescentariamos ainda o nome de Cecília Meireles e, talvez, de Murilo de Araujo (cf. Apêndice XV).

88. Como testemunha o poeta Jorge de Lima que também sentiu o valor do renascimento litúrgico que chegava: "A época presente é a época propícia [...] na ordem espiritual o poeta assiste ao reflorescimento liturgico, phenomeno collectivo e social num outro plano e que veio por sua vez destruir essa feição burocrática, essa modorra de chancellaria espiritual a que espiritos muito terrestres haviam reduzido a Igreja [...] A liturgia ressurrecta nos dias de hoje pode constituir uma das bases do poeta moderno. ." (LIMA, J. de, "A mystica e a poesia", *art. cit.*, 217-218). E, numa de suas poesias, proclama: "Não dividamos o mundo. Dividamos Cristo: todos ressuscitarão iguais" (LIMA, J. de, "A divisão de Cristo", *Vida* nº 15 (junho 1935), 15; cf. *id.*, "A mystica e a poesia", *art. cit.*, 230).

89. MATTOS, H. A., "Vamos renascer na liturgia", *art. cit.*, 12; ISNARD, C., "Reminiscências. in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 213.

90. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler...", *art. cit.*, 544; ALVES RIBEIRO, F., "Martinho Michler e um testemunho", *art. cit.*, 561-562.

91. AMOROSO LIMA, A., *Memórias Improvisadas*, *op. cit.*, 160; cf. ainda outras indicações em *ibid.*, 205. Dentre estes "outros", além dos que já citamos anteriormente (cf. supra, p. 41, nota 43), podemos ainda citar Dom João Evangelista Enout, Dom Lourenço de Almeida Prado, Dom Odilão Moura, Dom Irineu Penna, Dom Inácio Accioly (este tornou-se abade de S. Bento do Rio) e Dom Crisóstomo (dados fornecidos pelo próprio Dom Martinho Michler cf. Apêndice II). Portanto, já somam bem 15 vocações só na ala masculina!

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O fato tanto estranhou o próprio Bernanos quando de visita ao Brasil — o qual procurou inclusive "dissuadir os moços a seguirem a vocação sacerdotal", [92] — como levou ao Cardeal Leme, finalmente, em 1940, a ver o Movimento Litúrgico com bons olhos, dizendo que pelos frutos se conhece a árvore. Os frutos estão aí. É sinal que a árvore é boa: é sinal que o Movimento Litúrgico é bom. [93] Seria o primeiro sinal de apoio ao Movimento por parte do Cardeal, que alimentava certas reservas em relação ao mesmo.

Esse surto de vocações religiosas, realmente, foi de enorme repercussão. Tal foi a sua importância que mereceu um artigo especial de A. Amoroso Lima, "De doutores a monges", em *O Jornal* de 16 de março de 1941, quando dois companheiros da Redação da revista *A Ordem* resolveram também entrar para o Mosteiro. [94] Com estes dois, somavam 15 os que seguiram a vida religiosa! Diz A. Amoroso Lima:

> .Só Deus converte. No caso, o instrumento da graça divina foi sobretudo D. Martinho Michler, que desde a fundação do 'Instituto Católico' ali dá um curso de Doutrina Católica, que é a meu ver a mais admirável exposição de força, do mistério e da beleza da vida cristã, que jamais se fez no Brasil". [95]

E, continuando, A. Amoroso Lima considera esse surto de vocações como

> "o mais extraordinário acontecimento da vida brasileira de nossos dias e porventura de toda a história da Igreja do Brasil... um acontecimento sem par para a história da Igreja no Brasil. Essa entrada em massa para o convento de um grupo de jovens intelectuais, é pois o mais salutar dos sintomas, tanto para o Brasil como para a civilização em toda a América" [96]

92. AMOROSO LIMA, A., *Memórias Improvisadas*, *op. cit.*, 160-161.

93. Cf. Apêndice II: cf. ainda ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler *art. cit.*, 544.

94. Trata-se de Haroldo de Almeida Mattos (Dom Leão) e Weimar Penna (Dom Irineu), antes pertencentes à AUC, colaboradores assíduos da revista *Vida*, sobre assuntos litúrgicos. O citado artigo de A. Amoroso Lima, que traça um histórico das 15 vocações até aí já havidas, apresentando alguns traços pessoais de cada um, foi transcrito integralmente em *A Ordem* 25 (abril 1941), 371-377. Seguiremos esta transcrição, uma vez que não conseguimos acesso direto a *O Jornal*.

95. AMOROSO LIMA, A., "De doutores a monges", *art. cit.*, 371.

96. *Ibid.*, 572-573. E, para terminar, o autor acentua que "de um grupo de 21 jovens 'intelectuais', que sofreram de perto a influência espiritual de que a princípio lhe falei, quatorze deles tem hoje um hábito. " (*ibid.*, 377). Os dados numéricos e cronológicos não combinam exatamente entre os autores. D. Isnard, por exemplo, fala dos dominicanos Frei Rosário Joffily, Frei Sebastião Hasselmann e Frei Romeu Dale como participantes do famoso retiro de 10 a 15 de julho de 1933 (cf. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências ", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 210). A. Amoroso Lima diz que estes três (fala de Jovino Joffily, Jorge Dale e Emanuel Hasselmann: nomes de batismo) partiram para a França (Seminário de Toulouse) já em 1932 ("De doutores a monges", *art. cit.*, 374): portanto, já antes de Dom Martinho Michler!... Daí, até o momento não pudemos dizer exatamente quantos seguiram a vida religiosa sob a influência direta de Dom Martinho Michler. Segundo os nossos cálculos, descontando os 3 dominicanos, com os dados fornecidos por Dom Martinho Michler e por A. Amoroso Lima no livro *Memórias Improvisadas*, são 13. Porém, em "Doutores a monges", A. Amoroso Lima fala de 14. Quem seria o outro? Em todo caso, o que importa é que Dom Martinho Michler fez florescer um impressionante número de vocações religiosas. Quanto ao citado artigo de A. Amoroso Lima, queremos ainda dizer que ele repercutiu fortemente sobretudo nas alas femininas. Cf. por exemplo uma carta dirigida pelas moças do Colégio da Assunção do Rio à revista *A Ordem* (*A Ordem* 26 (out. 1941), 378-381). Dizem as moças: "Durante uma das últimas aulas de Catecismo, o nosso prezado mestre comentava com entusiasmo o artigo do Senhor Amoroso Lima sôbre 15 moços que se dedicaram à vida religiosa. Moços estes já formados, da melhor posição social, ricos, de um futuro brilhante, mas que, sentindo estas angústias naturais à mocidade, só encontraram solução na Missa e na Liturgia; todos os problemas de sua vida, os mais difíceis, resolveram-se claramente com esta fonte; daí nasceu a sua vocação" (*ibid.*, 378). Diante deste fato, e influenciadas pelo próprio professor de Catecismo, as moças se faziam uma angustiante pergunta: E as moças do Rio, onde estão?. E o que fazem? . Nenhuma vocação feminina! (*ibid.*, 378-380). Por sua vez os membros da Juventude Feminina Católica de Uberaba reagem a esta carta dizendo que não há motivos para tristeza. Se no Rio não surgiram ainda vocações femininas, em Minas já as existe! (cf. "Membros da Juventude Feminina Católica de Uberaba (Minas Gerais)", *A Ordem*, *op. cit.*, 87-88).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Também nas alas femininas observamos fenômeno semelhante, com esta diferença: enquanto o surto de vocações masculinas se deu no Rio de Janeiro, o de vocações femininas teve sua força sobretudo em Minas. Citamos como exemplo este depoimento dos membros da Juventude Feminina de Uberaba:

> "Por seis vezes a Juventude de Belo Horizonte cantou Magnificat. Seis dos seus melhores membros realizaram o ofertório total numa Abadia de S. Paulo: presidente, vice-presidente, secretária, tesoureira e duas sociais. E a floração continua... Porque há nucleos de Juventude que trabalham para uma formação vital, que procuram viver com intensidade a vida da Mãe Igreja. Formação baseada na Missa, buscando descobrir em todas as coisas seu sentido eterno".[97]

E D. Isnard, em 1946, declara:

> "Não menos admirável, se bem que chame menos a atenção por se dar no ambiente feminino, é o movimento de vocações monásticas no seio da Juventude Feminina de Belo Horizonte, Uberaba e Juiz de Fora, que já superou em número o dos rapazes e que continua promissoramente" [98]

Com estes dados todos até aqui expostos, podemos dar firme razão a quem chama Dom Martinho Michler de grande apóstolo da Liturgia no Brasil.[99] E não só isso. Podemos sobretudo dar razão a quem atribui a ele a paternidade do Movimento Litúrgico no Brasil.[100]

Enfim, não resta senão dizer como muito bem escreveu D. Isnard, e assim também concluímos este ponto:

> "Não se pode mais escrever a história da Igreja no Brasil sem mencionar Dom Martinho Michler, pois sob o influxo das aulas de Liturgia e de Teologia (estas a partir de 1934), das homilias, das Missas dialogadas, das Semanas de comunidade, das conferências avulsas, e sobretudo da realização prática como a dialogação da Missa e a recitação do Ofício, se processou uma renovação espiritual que atingiu primeiro o ambiente do Instituto Católico e da A.U.C., mas que depois se alargou para outros estados, e que, se Deus quiser, será amanhã de âmbito nacional" [101]

2) *Dom Beda Keckeisen O.S.B.. primeiro tradutor do Missal para a lingua portuguesa no Brasil*

Um segundo personagem pioneiro do Movimento Litúrgico no Brasil, ao lado de Dom Martinho Michler, foi o beneditino Dom Beda Keckeisen.[102] Enquanto Dom Martinho Michler foi o iniciador teórico-prático do Movimento Dom B. Keckeisen foi pioneiro no sentido de providenciar o mate-

97. *Ibid.*, 87.

98. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler. ", *art. cit.*, 544-545. Cf. também OLIVEIRA TORRES, J. C. de, *A Igreja de Deus em Belo Horizonte*. 1972, 67-68. De nossa parte, podemos testemunhar que a Abadessa beneditina Dona Luzia Ribeiro (da Abadia N. Sra. da Graças de Belo Horizonte), uma das antigas líderes da Juventude Feminina Católica da Arquidiocese de Belo Horizonte (chamava-se naquela época Maria de Lourdes Ribeiro), enviou-nos pessoalmente uma lista de bem 49 nomes de Religiosas (44 beneditinas, 4 servas do SSmo. Sacramento e 1 dominicana) que, antes de entrarem para a vida religiosa, pertenceram à Ação Católica e, na Ação Católica, tiveram contacto com o novo espírito que o Movimento Litúrgico trouxera (cf. Apêndice IX).

99. KELLER, T., O.S.B., "Prefácio" in: PARSCH, P., *Para entender a Missa*, Rio de Janeiro 1936, 6.

100. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler...", *art. cit.*, 539-540; cf. também, de autor desconhecido, "O novo abade de São Bento do Rio de Janeiro", *art. cit.*

101. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler ", *art. cit.*, 544.

102. Cf. Apêndice III; cf. "Pater Beda Keckeisen. Sein Lebenswerk vollbrachte er in Brasilien" *Schwäbische Zeitung* 24-4-1981, 1.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

rial praticamente indispensável para uma melhor participação nos Santos Mistérios, isto é, um Missal com tradução vernácula para seguir o Santo Sacrifício.

Em novembro de 1913, da Alemanha chegava em Salvador, no Estado da Bahia, Dom Beda Keckeisen. Imediatamente se deu conta da grande passividade com que o povo se detinha na igreja assistindo ao culto,[103] sem absolutamente nada na mão, a não ser leques que as donas usavam para se abanar ao calor sufocante da Bahia, ou talvez entretidos com suas devoções particulares. Principalmente na Missa, o povo mostrava-se passivo demais na igreja!. Foi daí que Dom Beda Keckeisen começou a debater-se com uma idéia que também constituía uma promessa: "Hei de colocar um Missal na mão desse povo!... Senão, ao menos um folheto para acompanhar o Santo Sacrifício!. ".

Dom Beda Keckeisen começou lentamente seus trabalhos. Pediu missais em francês e latim da Europa. Na pequena tipografia do Mosteiro de S. Bento, na Bahia, começou a imprimir "fascículos" litúrgicos (em latim e português) com a Missa dos domingos e festas maiores (sempre com uma breve explicação do sentido do tempo ou da festa), e distribuí-los aos fiéis na hora da Missa.

Temos em mãos o primeiro "fascículo", publicado para o primeiro domingo do Advento de 1930.[104] Interessante ver como Dom Beda Keckeisen prefacia este seu trabalho. Antes de tudo, dá "a razão dessas Missas dominicais", que, segundo ele, é muito simples:

> "Todos os domingos e festas de guarda devemos ouvir a santa Missa. Ouvir a santa Missa, ou melhor, no dizer do Santo Padre Pio X, concelebrar a santa Missa, assisti-la com intelligencia e comprehensão e tomar parte activa".[105]

E o que se observa é que muita gente passa o tempo todo sem saber o que fazer durante a Missa. Outras pessoas se contentam apenas com "suas devoçõezinhas particulares, sem se unirem ao sacrifício comum da Igreja". Outros "ignoram ou desprezam o preceito dominical...". Causa deste distanciamento dos fiéis em relação à Missa: falta de estima e de amor pela santa Missa, porque também não entendem o que se passa no altar. Daí, em primeiro lugar, uma instrução aos fiéis sobre o sentido profundo do Sacrifício se faz necessária.[106] É o que Dom Beda já deixa escrito brevemente no "Prefácio" deste primeiro "fascículo", respondendo a três perguntas:

103. Relembramos a publicação de Dom B. Keckeisen em 1931: o *Officio da Semana Santa em latim e português com breves explicações* (cf. supra). Queremos crer que também o livrinho de 19 páginas, *Vésperas dos Domingos na Egreja de S. Bento* (cf. supra), também é de Dom B. Keckeisen. A obra vem sem indicação do autor.

104. *A Santa Missa nos domingos e festas. I Fascículo. Tempo do Advento*, Bahia 1930. Depois deste, seguem, na série de publicações, mais 9 "fascículos" (2 "fascículos" para o tempo de Natal, 1 para o tempo da Septuagésima, 1 para o tempo da Quaresma — a partir daqui, com o Ordinário da Missa —, 1 para o tempo Pascal, 1 para o tempo de Pentecostes, e 3 para o tempo depois de Pentecostes).

105. *Ibid.*, III.

106. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

a) "Que é a santa Missa?". Responde com a definição do "Catecismo da doutrina cristã",[107] explicitando-a com palavras suas.[108]

b) "De que se compõe a santa Missa?". Aí explica a divisão da Missa.[109]

c) "Como devemos assitir à santa Missa?".[110] "Melhor seria perguntar:" — diz Dom Beda Keckeisen — "como tomamos parte ativa ou como concelebramos[111] a santa Missa?". 1°) *Rezando* "com o sacerdote e o que o sacerdote reza ao pé do altar, subindo os degraus, *Introito, Kyrie, Collecta, Gradual, Secreta, Postcommunio*"; 2°) *Lendo e ouvindo* a Palavra de Deus (Epístola e Evangelho); 3°) *Oferecendo* com o pão e o vinho a "nós mesmos, espiritualmente, a fim de tomarmos parte activa", oferecendo nossas próprias dádivas e nossa vida com seus "sofrimentos, lutas e trabalhos que são a continuação da Paixão de Jesus Christo"; 4°) *Consagrando*. Aqui Dom Beda Keckeisen deixa transparecer o limite da chamada "concelebração" dos fiéis:

> "Parte activa toma aqui o povo somente no Prefácio, nas orações antes e depois da Consagração, porque consagrar propriamente dito é reservado só aquele que o faz na pessoa e lugar de Jesus Christo Reverente e piedosa adora a Communidade unida ao Sacerdote, o augusto e tremendo mysterio, ratificando-o no fim do Canon com: ***Per omnia saecula saeculorum***, a que todos respondem: ***Amen***".[112]

5°) *Comungando*. É a maneira mais perfeita de os fiéis participarem da obra da Redenção que acaba de se renovar no Sacrifício Eucarístico, isto é, comendo a própria Vítima do Sacrifício, Jesus Cristo. Daí, é aconselhável que os fiéis sejam habituados a comungarem de preferência sempre dentro da Missa, "salvo motivo justificado"

Enfim,[113] Dom Beda Keckeisen dá breves instruções de como usar os "fascículos", os quais visam constituir um meio fácil de o povo acompanhar o que se passa no altar. Pede que se leia a "explicação do Tempo" e da "idéia principal do Próprio" de cada Missa, presentes em cada "fascículo", e expressa o desejo de que se expliquem "com mais freqüência a santa Missa e as suas partes"

107. *Ibid.*, IV: "A santa Missa é o verdadeiro e proprio sacrificio do Corpo e Sangue de Jesus Christo, offerecido sobre os nossos altares, debaixo dos accidentes de pão e vinho em memoria do Sacrificio da Cruz".

108. *Ibid.*, IV-V: "O homem deve ao seu Creador o supremo culto de louvor, supplica, acção de graças e, depois de cahir no peccado, tambem de satisfação. Digamos, resumindo: O homem deve ao Creador o culto de adoração. Mas como seria possivel á pobre creatura humana decahida prestar um culto digno e agradavel ao seu Creador e reparar a sua offensa! Encarnou-se o Verbo Divino e fundou a Igreja para adorar em nosso lugar e comnosco a seu eterno Pae em espirito e verdade, quer dizer, elevar-se para Deus com um coração puro. Adorar a Deus em espirito e verdade, quer dizer, reconhecer como convem, as perfeições divinas e satisfazer plenamente pelas faltas commetidas. Ora, isto seria impossivel a um simples mortal, e por isso fê-lo Jesus Christo — Summo Sacerdote e Victima ao mesmo tempo — no Sacrificio do Calvario. E para que nos pudessemos associar a Elle, como verdadeiros membros do seu Corpo mystico, perpetuou o seu sacrificio na santa Missa, que é, repetindo e continuando, o sacrificio do Calvario, o mais perfeito culto de adoração e satisfação que rendemos ao Deus Altissimo. É, por conseguinte, o meio mais apto para atrahirmos sobre nós a misericórdia e as bênçãos do céo".

109. *Ibid.*, V-VI: 1. Missa dos Catecumenos; 2. Missa dos Fieis (Oblação, Consagração e Comunhão), além de outra divisão, a saber: "1° — O *Ordinário da Missa* que consta de partes invariáveis e se repete em todas as Missas; 2° — o *Próprio* que nos traz á memoria a vida de Jesus Christo nos differentes tempos do anno ecclesiastico".

110. *Ibid.*, VI-IX.

111. É a segunda vez que Dom B. Keckeisen usa o verbo "concelebrar" para os fiéis! Aliás, é um conceito ambíguo que volta a se repetir nele, e também em outros autores, como ainda veremos.

112. *Ibid.*, VII-VIII. Portanto, aparece claro que para Dom B. Keckeisen "concelebração" dos fiéis é sinônimo de "participação ativa" dos fiéis no Sacrifício eucarístico.

113. *Ibid.*, IX-XI.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Vê-se, portanto, como Dom Beda Keckeisen, iluminando-se no *Motu proprio* de Pio X,[114] envida todo esforço para levar os fiéis a uma participação consciente e ativa no Sacrifício eucarístico, para criar este "caráter familiar" dos fiéis na Missa.[115] E olha para o futuro, com grandes esperanças:

> "O autor deste singelo trabalho não duvida que succederá em nosso caro Brasil o que está acontecendo em tantos outros países: o Missal tornando-se o livro predileto e a santa Missa, a única devoção do povo christão ou, pelo menos, a principal — lugar que lhe compete e que ocupou nos primeiros tempos do christianismo".[116]

A publicação dos "fascículos", realmente, foi tendo boa aceitação.[117] Diante deste fato, Dom Beda Keckeisen pensou consigo: "O povo quer o Missal". E prosseguiu constante e pacientemente o trabalho, enfrentando dificuldades econômicas, falta de papel, com máquinas tipográficas primitivas onde o Irmão Tiago (tipógrafo) tinha que ajeitar tudo a mão, tipo por tipo, no trabalho de impressão. O trabalho exigia constância e paciência. E o Missal ia germinando..

Em 1931, já aparecem os "fascículos" reunidos e encadernados em dois volumes (com o mesmo prefácio de Dom Beda Keckeisen no primeiro "fascículo", em cada volume, e com o Ordinário da Missa), sob o título: *A Santa Missa nos domingos e festas.*

Incentivado pelo "bom acolhimento" que teve a edição dos "fascículos", Dom Beda Keckeisen empreendeu uma "segunda edição, notavelmente aumentada, corrigida e melhorada, .em um volume de 700 páginas": surge o *Missal dos Fiéis.*[118] A finalidade do mesmo é praticamente a mesma dos "fascículos", porém com um acréscimo: Agora, como Missal, visa contribuir com o Movimento Litúrgico que, "em muitos lugares do mundo", vem operando "verdadeiras transformações no espírito religioso e na prática da vida cristã" através da participação mais ativa na santa Missa, "centro da liturgia e berço da Eucaristia" E o Missal é o instru-

114. Conclui mesmo este "Prefácio" citando um texto do *Motu proprio* (cf. *ibid.*, XI), texto este (ou apenas o conteúdo do mesmo) que volta continuamente também em outros autores empenhados na promoção do Movimento Litúrgico: "Sendo o nosso maior desejo que o verdadeiro espirito christão floresça sob todo o ponto de vista, e se mantenha entre todos os fieis, é necessário antes de tudo prover a santidade e a dignidade do templo onde os fiéis se reunem exactamente para beber este espirito na primeira e indispensavel fonte; *A participação activa nos sacrossantos mysterios e na oração pública e solenne da Igreja*" (cf. texto original em *ASS* 36 (1903-1904), 331).

115. *A Santa Missa nos domingos e festas...*, *op. cit.*, X-XI: "Enquanto não for restituido ás nossas assembléias religiosas este caracter familiar e os christãos não as freqüentarem como filhos e irmãos, commungando no mesmo pensamento e na mesma vida, como os primeiros christãos que tinham uma só alma e um só coração... ao invés de se comportarem como estrangeiros em um país cuja lingua ignoram, enquanto não houvermos aprendido a escutar com docilidade a Igreja não só no seu magisterio doutrinal, mas ainda na sua linguagem de todos os domingos e, por intermédio dos seus ministros, de todos os dias e de todas as horas, o verdadeiro espirito christão não será restaurado".

116. *Ibid.*, III-IV.

117. Cf. Apêndice III. Um artigo de *O Diário* fala que os tais "fascículos" inexplicavelmente não lograram o êxito desejado. Melhor êxito lograram os "folhetos litúrgicos" de Dom Polycarpo Amstalden (falaremos sobre estes posteriormente) (cf. "Folheto liturgico", *O Diário* 28-12-1935, 2). Dom B. Keckeisen se refere certamente ao êxtio que foi tendo na Bahia, especialmente na igreja de S. Bento. Além do mais, o entusiasmo de Dom B. Keckeisen se explica no fato de ele ver nestes "fasciculos" já em germe o futuro Missal...

118. *Missal dos Fiéis* (em latim e português, contendo missas para todos os dias do anno, com breves explicações liturgicas, por D. Béda Keckeisen, Monge Benedictino da Congr. Brasileira). Bahia 1933. Para os dados referidos, cf. *ibid.*, VII.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

mento indispensável para esta participação.[119] Seguem então algumas breves indicações para o uso do Missal.[120] Há uma novidade em relação ao "Prefácio" do primeiro "fascículo", acima abordado: Dom Beda Keckeisen faz uma breve *explicação do ano eclesiástico*.[121] No mais, falando da Missa e da participação ativa na mesma, segue a linha do que já foi escrito anteriormente no "Prefácio" do primeiro "fascículo."[122] Eis, pois, uma obra importante de Dom Beda Keckeisen, que surgiu após muita luta, e que chegou a ultrapassar os próprios confins da Bahia.[123]

Mas Dom Beda Keckeisen foi mais adiante. Depois de anos de paciente trabalho, com todas as dificuldades acima referidas,[124] conseguiu em 1936 trazer à luz a primeira edição completa do *Missal Quotidiano* com o Próprio do Brasil,[125] com parte artístico-ilustrativa montada pelo Irmão Paulo Lachenmayer O.S.B. A obra foi arrancando já desde o início largos elogios, tanto pelo pioneirismo e pelo enorme valor apostólico que ela representa, quanto pela perfeição de sua tradução, impressão e apresentação externa.[126]

119. *Ibid.*, VII: ...Em muitos lugares do mundo o movimento liturgico tem operado verdadeiras transformações no espirito religioso e na práctica da vida christã, e isto principalmente, porque este movimento antes de tudo tem trazido os fieis a uma participação mais activa na santa Missa. Não duvidamos. Se em outros paises os exemplares de Missaes nas mãos dos fieis já se contam por milhares, é sinal que as almas sabem apreciar os thesouros escondido neste livro. E não pode ser de outro modo, pois é o Divino Espirito Santo mesmo que nelle fala. É a santa Igreja que nelle reza e canta. O Missal nos faz conhecer melhor o santo e augusto Sacrificio da Missa, na qual e pela qual Jesus Christo continua a viver entre nós, em que Elle nos communica o seu espirito e a sua vida".

120. *Ibid.*, VIII-XVI.

121. *Ibid.*, X-XI.

122. *Ibid.*, IX-XIV. Aqui, falando da participação ativa dos fiéis na santa Missa, Dom B. Keckeisen volta a usar o verbo "concelebrar", dando os devidos esclarecimentos: "O melhor methodo de assistir á santa Missa é sem duvida concelebrá-la. Isto quer dizer unir-se a Jesus Christo, á santa Igreja e ao sacerdote visivel, acompanhando passo a passo as orações e excitando na alma os sentimentos que inclue cada parte e indicam as orações e actos do sacerdote" (*ibid.*, XI).

123. Em Belo Horizonte, no jornal *O Horizonte* de 18-2-1934, 3, encontramos uma propaganda do *Missal dos Fiéis*, nos seguintes termos: "Missal dos Fieis. Contendo 700 paginas. Encadernação luxuosa em couro, com folhas vermelhas e douradas. Formato comodo. Missa para todos os dias do anno. Tradução esmerada. Notas liturgicas, asceticas, historicas, claras e concisas. O MISSAL É UMA OTIMA BIBLIOTECA ASCETICA". Cf. também "Uma revista liturgica", *O Diário* 26-11-1937, 5: "Também entre nós o maravilhoso movimento liturgico despertou e vai-se intensificando cada dia. O 'Missal dos Fieis' vai alcançando a mão dos católicos esclarecidos...".

124. Segundo o autor nos testemunha pessoalmente, uma das grandes dificuldades a enfrentar e superar foi sempre o próprio Cardeal Augusto Álvaro da Silva, Arcebispo da Bahia, que se mostrava contrário à tradução, primeiro do Canon, depois, das palavras da consagração. Porém, enfim convenceu-se e concedeu o "Imprimatur" (cf. Apêndice III).

125. D. BEDA KECKEISEN, O.S.B., *Missal Quotidiano* (Completo, com Próprio do Brasil em latim e portuguez), Editado e impresso nas Officinas Typographicas do Mosteiro de São Bento, Bahia 1936.

126. O primeiro apoio e elogio vem do próprio Cardeal Arcebispo, em carta dirigida a Dom B. Keckeisen e publicada nas primeiras páginas do Missal: "Digno de todo o louvor é o trabalho que V. R. se quis impor, passando para o vernaculo o Missal Romano e adaptando-o ao uso dos fiéis com algumas breves mas interessantissimas explicações da liturgia sagrada. O Missal é, por excellencia, o livro liturgico da piedade christã; nelle, o manancial inhesaurivel da verdadeira devoção, o criterio segurissimo na practica do culto divino, a mais pura substancia da doutrina e dos exercicios religiosos do christão. Com o seu uso a alma se vae impregnando dos pensamentos e dos sentimentos de Jesus, e alcança a intuição mais perfeita do que deve ser a vida christã. Nada mais justo, pois, do que pedir a Deus que abençoe o seu trabalho, espalhando entre os nossos carissimos diocesanos o verdadeiro espirito da oração e da solida piedade christã que o uso deste manual tão poderosamente communica e incrementa. Com estima e dedicação. D. Augusto, Arcebispo da Bahia". Em Belo Horizonte, a obra é recebida com felicitações: "Felicitamos os catolicos brasileiros por mais uma edição brasileira do Missal, e completa. Acompanha as festas com explicações que muito facilitam a compreensão. Felicitamos também D. Béda pelas reformas que introduziu nesta edição que supera em tudo a anterior" ("O livro de orações", *O Diário* 4-3-1937, 7), lançando inclusive um apelo a Dom B. Keckeisen no sentido de que continue o seu trabalho, isto é, que publique também um Missal para as crianças (cf. "Missal das crianças", *O Diário* 2-9-1938, 5), o que realmente aconteceu (cf. GORDAN, P., O.S.B., "Brasilien und Chile", in: BOGLER, Th., O.S.B., *op. cit.*, 121). No Rio, os moços da AUC saúdam com alegria o *Missal Quotidiano* que acabava de aparecer: "...com grande alegria saudamos o apparecimento do 'Missal Quotidiano', primorosamente traduzido por D. Béda Keckeisen, O.S.B. . Fruto de grande dedicação — pois que foi feito em meio às maiores dificuldades materiais — esse livro aparece sem uma falha, digno de todos os elogios. O seu simples aspecto exterior impressiona agradavelmente, tal a beleza da sua capa negra e sóbria, onde apenas se destaca, gravado em ouro, um monograma de Cristo. Aliás, toda a parte artística, confiada ao grande

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O *Missal Quotidiano* vem enriquecido com um Prefácio e uma Introdução, feitos pelos próprio Dom Beda Keckeisen.

No Prefácio, Dom Beda Keckeisen exprime querer colaborar com Pio X na restauração de tudo em Cristo,[127] buscando cooperar para que os fiéis não apenas rezem durante a Missa, mas rezem a Missa.[128] Na verdade,

> "o Santo Sacrifício da Missa só será bem compreendido, podendo produzir os seus melhores e mais abundantes frutos para os fiéis, quando entre estes e o Celebrante existir uma união muito íntima, de modo a permitir entre os mesmos e a Igreja, cujo representante é o Sacerdote, a mais perfeita harmonia de pensamentos e preces".[129]

Perceber-se-á assim melhor a riqueza de intercâmbio espiritual entre nós e Deus (e vice-versa), na divina Eucaristia. Nesse sentido, buscando auxiliar os Sacerdotes e os fiéis, Dom Beda Keckeisen diz que envidava os maiores esforços, "para que este Missal Romano, com o Próprio do Brasil, possa contribuir eficientemente para que seja sempre mais conhecida, amada e vivida a Eucaristia — Sacrifício e Sacramento".[130]

Na Introdução, Dom Beda Keckeisen traça algumas reflexões, apresentando algumas "noções precisas e indispensáveis sobre os elementos do culto católico que dizem respeito ao centro deste culto, o Santo Sacrifício da Missa".[131] Estas notas introdutórias estão divididas em dois capítulos: 1°) a Ação Sagrada; 2°) o Tempo Sagrado.

No primeiro capítulo, apresenta uma reflexão sobre: 1°) o culto antigo iluminado nas profecias, como figura do verdadeiro novo Culto; 2°) o verdadeiro novo Culto prestado no Sacrifício do Calvário; 3°) este Sacrifício nos foi dado para ser renovado como memorial em que o Cristo Sacerdote se manifesta presente sob os sinais de pão e vinho; 4°) é, portanto, um Sacrifício da Igreja, onde em Cristo, por Cristo e com Cristo a Igreja (e nela toda a criação) oferece a Deus o mais perfeito hino de louvor; 5°) também os fiéis devem sacrificar-se unindo-se à Vítima divina, união esta que culmina na participação total do Banquete através da Comunhão; 6°) uma breve explicação histórico-teológica de cada parte da estrutura da santa Missa.

talento do Irmão Lachenmayer, O.S.B., deslumbra toda pessoa de bom gosto. Em vez dos desenhos habituais com que rabiscadores sem escrúpulos enchem os nossos livros sacros — oferece-nos este monge apenas obras primas 'com a finalidade de ilustrar o texto explicando-o eficientemente', o que consegue com rara felicidade. ...o magnífico 'Missal Quotidiano'... satisfará plenamente aqueles que desejam 'sentire cum Ecclesia'" (MATTOS, H. A., "Sentire cum Ecclesia", *Vida* nº 34 (junho 1937), 11).

Lauro Barbosa afirma ser o *Missal Quotidiano* "talvez o mais belo do mundo (destinado aos fiéis, é claro) por suas gravuras e impressão" (*O Jornal* 2-7-1939).

A obra de Dom B. Keckeisen é elogiada também pelo abade do Mosteiro de S. Bento do Rio, D. Tomaz Keller: "A tradução do Missal..., resultado de labor e entusiasmo incansáveis, sob o ponto de vista técnico, não tem igual no Brasil" ("Prefácio" in: VAGAGGINI, J., O.S.B., *As riquezas do Missal*, Bahia 1941, 7).

Também a revista mariana *Estrela do Mar* fala do Missal: "Há... bons Missais para uso dos fiéis, com texto em latim e português. A este respeito, o que foi publicado ultimamente pelos PP. Beneditinos da Bahia é tão perfeito e tão bem impresso que pode rivalisar com qualquer trabalho no mesmo gênero feito pelas grandes casas editoras da Europa" (*Estrela do Mar* nº 334 (maio 1937), 127). Cf. ainda referência ao Missal de Dom B. Keckeisen em NIESSI, A., O.S.B., "Como assistir a Missa", *O Legionário* 4-9-1938, 5; e em ISNARD, C., O.S.B., "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 97: *id.*, "Reminiscências..." in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 214-215.

127. Cf. Pio X, "...ad Episcopos Italiae, de actione catholica", *ASS* 37 (1905), 741 e 747.

128. "Os fiéis não devem rezar durante a Missa e sim rezar a Missa": frase atribuída a Pio X, desconhecendo-se a fonte escrita.

129. KECKEISEN, B., O.S.B., "Prefácio" *Missal Quotidiano*, *op. cit.*, 5.

130. *Ibid.*, 6.

131. *Ibid.*, 7.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

No segundo capítulo, apresenta uma reflexão sobre: 1°) o Ano Eclesiástico, onde os diversos Mistérios de Cristo celebrados, através da Celebração Eucarística continuam vivos e atuantes na vida da Igreja Corpo de Cristo; 2°) o Ciclo Temporal que apresenta a Vida do Ressuscitado, através da Celebração Eucarística, permeando todo o tempo; 3°) o Ciclo Santoral que apresenta o Mistério do Cristo realizado na vida dos Santos presente e atuante hoje no Mistério Eucarístico.

Eis, pois, um trabalho pioneiro que exigiu enorme dedicação e sacrifício,[132] cuja aceitação foi inegavelmente grande. O próprio Dom Beda Keckeisen, em 1938, testemunha que, naquele ano, já 7.000 exemplares do *Missal Quotidiano* haviam tomado o seu caminho por todo o Brasil.[133] Neste mesmo ano, teve que publicar uma segunda edição do dito Missal, juntamente com o *Missal Dominical* "que substituirá o *Missal dos Fiéis*, publicado em 1933".[134]

Repetimos: trata-se de um trabalho pioneiro de enorme aceitação e repercussão. Tal foi a repercussão que, em abril de 1939, "o benemérito tradutor do Missal Romano" foi alvo de especial homenagem no Rio de Janeiro, por parte da Coligação Católica Brasileira.[135] Noticiando o evento, assim se expressa *A Ordem:*

> "Inútil repetir aqui os benefícios incalculáveis que representa para nós brasileiros a obra de Dom Beda do Mosteiro da Baía. O seu 'Missal Quotidiano', já em 2ª edição, e com muitos milhares de exemplares espalhados pelo Brasil, é sem dúvida um passo decisivo para a tarefa da restauração espiritual católica em nossa pátria, tarefa de que Dom Beda Keckeisen é um dos mais lídimos pioneiros... Tais são os motivos da nossa admiração pelo autor do 'Missal Quotidiano'".[136]

Na verdade, a aceitação e a propagação desta foi tal que no fim "Dom Beda", nos meios católicos do Brasil, veio a se tornar sinônimo de "missal"[137]

E as edições se sucediam. Até novembro de 1947 a Tipografia Beneditina da Bahia já havia publicado bem 127.000 Missais Quotidianos e 28.000 Missais Dominicais.[138] E notícia de 1951 nos informa que até esse ano esta Tipografia já havia publicado 163.000 Missais Quotidianos e 48.000 Missais Dominicais.[139]

Eis, portanto, o trabalho de um grande apóstolo da Liturgia no Brasil,[140] um trabalho pioneiro que trouxe incontáveis benefícios na revitaliza-

132. Como nos desabafara pessoalmente o próprio Dom Beda, a 3-1-1978: "Este Missal foi escrito com o sangue do meu coração" (cf. Apêndice III).

133. "Prefácio" in: *Officio da Semana Santa..., op. cit.*, 2.ª ed., 1938, 6.

134. Cf. "Prefácio" in *Missal Dominical* (contendo as Missas dos domingos e principais festas, em latim e português), segunda edição, 5-15 mil, editado e impresso nas Officinas Typographicas do Mosteiro de São Bento, Bahia 1938. Lembramos que em 1943 saiu uma Edição B (só em português) do *Missal Dominical*, quando do *Missal Quotidiano* já havia saído em 1941 tal edição.

135. Cf. "Dom Beda Keckeisen, O.S.B.", *A Ordem* 21 (maio 1939), 509-510.

136. *Loc. cit.*

137. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 97.

138. Cf. GORDAN, P., O.S.B., "Brasilien und Chile", in: BOGLER, Th., O.S.B., *op. cit.*, 121. Além disso, até 1947, publicara 20.000 livrinhos para a Semana Santa, 12.000 livrinhos de Missa para as crianças, e 120.000 fascículos para Missa dos dias festivos *(loc. cit.)*.

139. ISNARD, C., O.S.B., "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 97. Na verdade como nos informa o próprio Dom Beda, a publicação teria sido muito maior, se não fossem as enormes dificuldades materiais (por exemplo, falta de papel no tempo da guerra) e a escassez de meios técnicos. Pois a procura do Missal era insistente por parte de várias dioceses e da Ação Católica (cf. Apêndice III).

140. A denominação de "apóstolo da Liturgia" a Dom Beda é dada pelo abade de S. Bento do Rio. Dom Tomaz Keller (cf. "Prefácio" in: PARSCH, P., *Para entender a Missa, op. cit.*, 6).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ção da vida cristã no Brasil:[141] através do Missal Dom Beda Keckeisen facilitou a milhares de católicos brasileiros uma melhor compreensão e participação no Santo Sacrifício, na *Vida* da Igreja.

3) *Dom Polycarpo Amstalden O.S.B. edita em São Paulo o "Folheto Litúrgico"*

No Rio de Janeiro, Dom Martinho Michler iniciou o Movimento Litúrgico no Brasil. Na Bahia, Dom Beda Keckeisen publicou o Missal. E também em São Paulo encontramos um trabalho de sentido pioneiro.

Neste estudo histórico sobre o Movimento Litúrgico no Brasil, achamos por bem destacar o nome do beneditino do Mosteiro de S. Bento em São Paulo, Dom Polycarpo Amstalden, como também um dos pioneiros deste Movimento.

Sua obra: a publicação semanal, a partir de dezembro de 1934, do "Folheto Litúrgico", com os textos da Missa de cada domingo,[142] publicação esta que trazia exatamente como subtítulo: "A Santa Missa deste domingo [ou, desta festa] tal qual o celebrante reza ao altar". No interior da primeira capa, às vezes os folhetos traziam também breves "Instruções sobre a Santa Missa".

A primeira vantagem que esta publicação semanal oferecia, era que custava pouco, apenas 200 réis naquela época, tornando-se assim de grande acessibilidade ao público.[143] Desta maneira, milhares de fiéis poderiam dispor com certa facilidade deste precioso instrumento de auxílio a uma participação mais ativa e consciente no Sacrifício, seguindo em vernáculo

141. Cf. TRISTÃO DE ATHAYDE, "O Missal", *A Ordem* 36 (nov. 1946), 509-511. Muitas vocações religiosas no Brasil surgiram por causa do Missal. Um dos exemplos seria a Madre Joana Calmon (beneditina), Prioresa de Caxambu (Minas Gerais) (cf. Apêndice III).
Cremos dever acrescentar que, além do Missal, Dom B. Keckeisen promoveu ainda outros instrumentos de enorme valor para levar a Liturgia, sobretudo a Missa, ao nível da compreensão dos fiéis. Já falamos da publicação do *Officio da Semana Santa em latim e português*.. (1931).
Citamos aqui o auto sacramental, de sua autoria, *Sacrum Mysterium* (em um prologo e quatro cenas), Rio de Janeiro 1939. Trata-se de uma peça teatral "que não é senão a representação da propria missa e do que a propria missa representa" ("Sacrum Mysterium", *A Ordem* 22 (julho 1939), 102). Ou, como diz o poeta Jorge de Lima, "as cenas dêsse grande drama litúrgico correspondem ás do próprio Sacrificio da Missa" (LIMA, J. de, "Sacrum Mysterium", *A Ordem* 22 (set. 1939), 293). A peça foi apresentada com grande êxito pela primeira vez em Salvador, Bahia. Em julho de 1939, *Sacrum Mysterium* foi levado a palco no Rio de Janeiro, comovendo, sensibilizando e conquistando o público que o assistiu (cf. "Sacrum Mysterium", *A Ordem* 22 (ag. 1939), 211-212; LIMA, J. de, *art. cit.*, 289-294; AMOROSO LIMA, A., "Mistério Sacro" in: *Meditação sobre o Mundo Moderno*, Rio de Janeiro 1942, 316-336). Tanto do famoso critico literário A. Amoroso Lima, como dos poetas Jorge de Lima e Lauro Barbosa, a peça arrancou vivos elogios pelo renascimento do teatro religioso (litúrgico) que ela representava (AMOROSO LIMA, A., *loc. cit.*; LIMA, J. de, *loc. cit.*; BARBOSA, L., *O Jornal* 2-7-1939). Com idêntico sucesso, a peça foi representada em outubro de 1941 em Sorocaba (Est. de São Paulo), por ocasião do Congresso Eucarístico daquela cidade (cf. "'Sacrum Mysterium' de D. Beda Keckeisen", *Musica Sacra* 2 (jan. 1942), 13; "Sorocaba.. 'A representação do *Sacrum Mysterium*'", *Musica Sacra* 2 (maio 1942), 95 = transcrição de um artigo de M. Barreto, do jornal *Cruzeiro do Sul* de 24-10-1941). Outro trabalho importante: Dom Beda promoveu a publicação da obra de P. Parsch, *Le Guide dans l'Année Liturgique* (Tournai 1935-1936; original alemão: *Das Jahr des Heiles*, Klosterneuburg 1923...), adaptando-a para o Brasil, em dois volumes: *No Mistério de Cristo* (O Ciclo Temporal do Calendário Litúrgico) (1941) e *Testemunhas de Cristo* (O Ciclo Santoral do Calendário Litúrgico) (1942). Dom B. Keckeisen publicou ainda, de J. Vagaggini (monge do mosteiro de S. André (Bruges), *As riquezas do Missal* (1941), em tradução de G. de Olivieri. Além disso, publicou, de L. Rudloff, O.S.B., *No Deus Vivo e Verdadeiro. Pequena Teologia Dogmática para Leigos* (1942), obra importante para o desenvolvimento do Movimento Litúrgico no Brasil, pois insiste sobre a importância da participação no Sacrifício de Cristo. Destas últimas obras, faremos ainda, oportunamente, melhores comentários, no 2º Cap. Convém lembrar que quem colaborou muito com Dom B. Keckeisen em suas publicações, sobretudo na publicação do Missal, foi a Oblata beneditina Guiomar G. de Olivieri (cf. Apêndice III).
142. ISNARD, C., O.S.B., "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 97.
143. Cf. "Folheto Litúrgico Dominical", *Vida* nº 17 (ag. 1935), 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

os textos das missas de cada domingo. E foi o que aconteceu: O "Folheto Litúrgico" teve uma aceitação realmente grande entre os católicos, não só de São Paulo, mas também de outros Estados, sendo inclusive vivamente recomendado através da imprensa católica.[144]

Para se ter uma idéia da amplitude de penetração conquistada pelo "Folheto Litúrgico" nos meios católicos, só no seu primeiro ano de existência, temos estas palavras do próprio Dom P. Amstalden no primeiro aniversário de sua publicação:

> *"Prefaciando...* O nosso FOLHETO LITÚRGICO completa hoje... seu primeiro ano de existência. Appareceu todos os domingos com a versão integral da respectiva missa do dia. Há um mês sua tiragem subiu a 6.000 exemplares semanaes, que são distribuídos pelos Estados de S. Paulo, Rio, Minas, Rio Grande do Sul e Pernambuco".[145]

E, depois de falar da "simpatia e gratidão" com que os "católicos que sentem a necessidade de alimentar sua alma com uma piedade inteligente e solida" acolheram o "Folheto Litúrgico", Dom P. Amstalden anuncia uma novidade para as publicações sucessivas:

> "Das partes alternadas pelo sacerdote e o acolyto damos agora também o texto latino, sendo assim possivel a qualquer pessôa ajudar a S. Missa, e a todos os assistentes, por si mesmos responder em coro ao celebrante".[146]

Portanto, já se prevê a possibilidade da dialogação da Missa, coisa ainda quase que inédita nesta época, ao menos para a maioria dos católicos do Brasil. O "Folheto Litúrgico" transforma-se também em poderoso instrumento de propagação da Missa dialogada.

Numa palavra, o que Dom P. Amstalden desejava — e para isso é que fez com que a publicação fosse economicamente bem acessível — é que *todos* os católicos brasileiros pudessem ter a graça de participar do modo mais vivo e ativo possível no sentido da oração da Igreja. Como deixa escrito:

> "Que o Altíssimo se digne abençoar essa obra despertando no coração de todos os catholicos brasileiros o verdadeiro sentido da oração liturgica, que é oração intelligente, viva e ativa, a oração da Igreja, e, portanto summamente agradavel a Deus e efficaz ás almas".[147]

Agora, se poderia perguntar: Em que sentido podemos chamar Dom P. Amstalden de um dos pioneiros do Movimento Litúrgico no Brasil, sendo que já a partir do Advento de 1930 Dom Beda Keckeisen havia feito publicação semelhante, os "fascículos" litúrgicos?

Em primeiro lugar, Dom Beda Keckeisen tinha uma outra intenção com a publicação dos "fascículos". Além de distribuí-los na mão dos fiéis com a finalidade que já nos é conhecida, ele visava sobretudo a publicação

144. Já em agosto de 1935, assim a revista *Vida* (cf. *loc. cit.*) se expressou a respeito do "Folheto Litúrgico". "É digna de todo apoio essa utilissima iniciativa, que doravante permitirá ao povo participar mais intimamente ao Santo Sacrificio da Missa. É incalculavel o beneficio que advirá para a cultura religiosa do povo em contacto com os textos sagrados. Permita Deus que todos os vigários e dirigentes de associações religiosas compreendam a importancia vital dessa grande iniciativa e que a propaguem, difundindo assim a verdadeira concepção do Cristianismo como tão bem nolla revela o missal". Cf. também *Estrela do Mar* nº 334 (maio 1937), 127.

145. Cf. "Folheto Litúrgico" do 1º Dom. do Advento (1º de dez. de 1935), interno da 1.ª capa.

146. *Loc. cit.*

147. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

do Missal. Os "fascículos" constituíam — poderíamos dizer — um primeiro ensaio do Missal. Por outro lado, já o mérito de Dom P. Amstalden se deduz da finalidade prática da obra, que era outra: não visava construir um Missal, mas simplesmente oferecer ao maior número possível de fiéis, de um modo simples e acessível, um "Folheto Litúrgico" para facilitar-lhes a participação na Missa. Talvez, muitos dos que não tinham condições de adquirir logo um Missal, podiam dispor com facilidade deste precioso instrumento. E esta finalidade foi realmente conseguida. A publicação conseguiu indubitável sucesso.[148] D. Isnard, por exemplo, nos diz que até o ano de 1938, quando a publicação foi interrompida, cerca de um milhão de folhetos haviam sido espalhados pelo Brasil afora.[149]

Além disso, o "Folheto Litúrgico" contituiu-se num ótimo método prático de preparação dos católicos para o uso do Missal.[150] E não só isso. Foi também um ótimo instrumento de propaganda do Missal de Dom Beda Keckeisen.[151] Portanto, outro mérito de Dom P. Amstalden vai no sentido de ter auxiliado muito a Dom Beda no seu apostolado do Missal.

Concluindo, podemos dizer que o sentido pioneiro do "Folheto Litúrgico" de Dom Polycarpo Amstalden está no fato de ter prestado incalculável serviço à propagação prática do Movimento Litúrgico iniciado no Rio por Dom Martinho Michler (participação ativa, viva e inteligente, Missa dialogada e recitada, etc.) e à propagação prática do apostolado do Missal de Dom Beda Keckeisen.[152] É mais um trabalho pioneiro que traduz uma ativa preocupação prática para que os católicos brasileiros pudessem realmente con-viver com o Sacrifício do altar.

4) Algumas obras de Dom Hildebrando Martins O.S.B., promovendo a vida litúrgica

Ao lado de Dom P. Amstalden em São Paulo e de Dom Beda Keckeisen na Bahia, convém que ressaltemos também o trabalho do beneditino Dom

148. Interessante esta observação de *O Diário*, comparando a citada publicação de Dom B. Keckeisen e a de Dom. P. Amstalden: "Os beneditinos da Bahia fizeram uma edição das missas dos domingos, a qual não sabemos por que não logrou o desejado êxito. Mais felizes foram os beneditinos de S. Paulo com a publicação do 'Folheto Litúrgico', que vai fazendo um verdadeiro sucesso. Dá a missa de cada domingo, por inteira, de modo a facilitar aos fiéis acompanharem o celebrante, mesmo que nunca o tenham feito" ("Folheto litúrgico", *O Diário* 20-12-1935, 2). também *Estrela do Mar* nº 334 (maio 1937), 127, onde se recomenda, na falta do Missal, o "Folheto Litúrgico".

149. ISNARD, C., O.S.B., "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 97.

150. *Loc. cit.*

151. Testemunha-nos, por exemplo, Dom P. Amstalden que, através de pequenas propagandas no "Folheto Litúrgico", ele conseguiu pessoalmente vender centenas de Missais de Dom B. Keckeisen (cf. Apêndice IV). Pessoalmente constatamos, por exemplo, no "Folheto Litúrgico" de 13-10-1935, numa propaganda do *Missal dos Fiéis*, e no "Folheto Litúrgico nº 12 (1938), parte externa da 2ª capa. uma propaganda do *Missal Quotidiano*.

152. Cf. KELLER, T., O.S.B., "Prefácio" in: VAGAGGINI, J., *As riquezas do Missal*, *op. cit.*, 6. Além do "Folheto Litúrgico", gostaríamos de citar um livrinho de 36 páginas, provavelmente de Dom P. Amstalden: *Missa Recitada*, por um monge beneditino, dedicada ao Revmos. Snrs. Vigários, aos diretores e às diretoras dos collegios catholicos do Brasil, Gymnasio de S. Bento, São Paulo 1936. No "Folheto Litúrgico" encontramos com bastante freqüência propagandas deste livrinho. Por exemplo, em "Folheto Litúrgico" de 7-6-1936 (Domingo da Santíssima Trindade), encontramos este texto que se repete em vários folhetos sucessivos: "*Missa Recitada*. É o titulo de um opusculo que contem as orações do Ordinário da S. Missa em forma dialogada. É esse um methodo que torna fácil a participação activa dos assistentes no Santo Sacrificio e é particularmente recomendável a collegios ou associações religiosas que queiram assistir, collectivamente, ao acto sagrado. Apresentamol-o aos amigos da oração liturgica e a todas as almas zelosas pela restauração da verdadeira piedade catholica...". Ou: "*Missa Recitada*: Livrinho excellente para acompanhar a S. Missa de qualquer dia, em forma dialogada, havendo partes para *uma voz* e outras para *todas as vozes*" cf. "Folheto Litúrgico", Festa da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Christo. , 1936, 2º capa, externo. Na 1ª capa. interno, está o outro texto acima citado. Portanto, duas propagandas do mesmo livrinho no mesmo "Folheto Litúrgico"!). Além disso, Dom P. Amstalden publicou também *Missa Rezada* (1940), de 20 páginas.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Hildebrando Martins na Tipografia do Mosteiro de S. Bento (ou Edições "Lumen Christi) no Rio de Janeiro.

Desde os primeiros passos do Movimento Litúrgico no Brasil, Dom H. Martins já se preocupou em promover a publicação de subsídios preciosos, seja para os fiéis conhecerem melhor a Liturgia e o espírito do Movimento Litúrgico, seja para os fiéis participarem ativa e conscientemente no Culto da Igreja.

Ater-nos-emos aqui apenas a algumas obras escritas pelo próprio Dom H. Martins, obras para servir diretamente ao Culto, para facilitar a participação do fiel no Culto.[153] São trabalhos de cunho sem dúvida pioneiro.

Antes de tudo, trazemos aqui o livrinho *Missa. Ordinário da Missa com breves explicações*, publicado em meados de 1935, com várias edições sucessivas e melhoradas, o que mostra ter sido amplamente divulgado.

O livrinho apresenta uma interessante parte introdutória sobre "O Santo Sacrifício da Missa",[154] datada de 11 de julho de 1935, onde se exprime bem o espírito e a intenção que move a publicação mencionada. Citando Bossuet e Santo Tomás, fala do "milagre sublime operado todos os dias em nossos altares" como renovação incruenta, sob as espécies de pão e vinho, mistérica, do mesmo Sacrifício da Cruz, atualizando, tornando realmente viva e presente na Igreja a Redenção: a Missa constitui, portanto, *"o centro de toda a Liturgia"* [155] E, dada a importância central da Missa, a participação ativa na mesma é indispensável como vivo consentimento a tal importância. E é a isto que este *Ordinário da Missa* quer levar. Como diz o autor:

> "A *participação* activa no mysterio é o signal do nosso consentimento. E nesse particular queremos insistir. Porisso vos offerecemos o presente livrinho, que deveis ter em maxima estima, já por encerrar as palavras de Deus, de que a S. Igreja é a única depositaria verdadeira, já por ser objecto a Santa Missa, o que de mais precioso possui a Igreja, bem como todos nós seus filhos. Muito errado anda o conceito da S. Missa naquelles que a veem como meros expectadores. Assistem-na, sim, só porque é obrigação, jamais desdenhareis esse acto vital".[156]

A Missa dialogada seria um método altamente significativo desta participação ativa na Missa.[157] Para o Ofertório, sugere-se a procissão das

153. Quanto às principais obras publicadas pela "Lumen Christi" no sentido de difundir o conhecimento da Liturgia, daremos indicações no capítulo seguinte. Mas adiantamos, como exemplo, publicações importantes como *Vida Litúrgica* de L. Beauduin, em 1938, e *O espírito da Liturgia*, de R. Guardini, em 1943.

154. Cf. *Missa. Ordinário da Missa com breves explicações*, p. 5-9.

155. Cf. *ibid.*, 5-6. Diz: "E o maior milagre é que estes factos se re-presentam verdadeiramente. Não se trata sómente de uma lembrança de factos passados. Por meio da Acção santa, da Missa, entramos em contacto com elles. Agem sobre nós e a elles nos unimos. É uma representação real sob o véu dos symbolos sacramentais. Porisso, a Missa é chamada frequentemente pela Igreja 'Mysterio. Não há dúvida, porém, de que na obra redemptora de Christo, a morte é o ponto culminante, e dahi o outro nome da Missa 'Sacrificio'. Contudo, o que é ainda mais admiravel, caros jovens, é que todo este mysterio é para nós *fonte de vida*, uma realidade viva, que influe no intimo do nosso sêr. Mas esta comunicação de vida divina se opera em nós, se o *quisermos*. Deus não fórça a nossa natureza: somos sêres racionais, dotados de intelligencia e vontade, e por conseguinte livres. . 'Gratia supponit et elevat naturam'" (*ibid.*, 6-7).

156. *Ibid.*, 7-8. Cita as palavras do "Papa da restauração litúrgica", Pio X: "Não se procure rezar orações durante a Missa, mas sim fazer da Missa a sua oração" (*ibid.*, 8).

157. *Loc. cit.*: "Essa participação activa encontra maior significação, quando a Missa é 'dialogada' na qual todos os fiéis exercem o officio de acolyto (ajudante), e recitam juntamente com o sacerdote, p. ex. o psalmo gradual, o Introito, os Kyries, etc.".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ofertas (pão e vinho), símbolos do nosso ser [158] que, na Consagração, se transformam na Grande Oferta (Cristo-Sacerdote) [159] que a nós se dá como Alimento Eterno na Comunhão. [160] Interessante notar a idéia prática da "procisão das ofertas" já naquela época! Coisa inédita, que deveria ter constituído um avanço "progressista" de primeira ordem naquela época, o que para nós hoje é muito normal.

Enfim, conclui-se com estas palavras:

> "Como vedes, caros jovens, a Santa Missa é Acção, é actividade santa, divina, é vitalidade que sobre nós se diffunde. E assim *vitalizados*, vivendo a vida de Christo, sahimos da Igreja e entramos no mundo com novo vigor e enthusiasmo, irradiando a Christo na Sociedade, consagrando o mundo — essa é a missão dos Christãos, a base da actividade catholica". [161]

Palavras como estas, espírito como este que vemos acima, certamente convenceram e entusiasmaram a muitos, sobretudo jovens da Ação Católica, sedentos por uma visão mais mística da vida da Igreja.

O livrinho teve "boa aceitação". Prova disso é a 2ª edição (8º milheiro!) que logo saiu, aumentada, "acrescida de orações da manhã e da noite, extraídas do ofício canônico de Prima e Completas, que são orações oficiais da Igreja". [162] No breve Prefácio, o autor expressa sua satisfação pelo progresso constatado em termos de renovação da vida litúrgica:

> "É com satisfação que já verificamos em quasi toda a parte um sadio movimento de renovação espiritual que converge para o centro da Vida Cristã, o Santo Sacrifício da Missa. A prática da MISSA DIALOGADA, perfeitamente enquadrada dentro das normas da Santa Sé, vai conquistando fervorosos adeptos que nela veem um ótimo meio de fazer os fiéis participar ativamente do Santo Sacrifício. Já são muitos os colégios que a adotaram, com a devida permissão dos Snrs. Bispos Diocesanos". [163]

Em 1942 saiu a 3ª edição (13º milheiro!) do citado livrinho de Dom H. Martins, manifestando a plena convicção de que tornar a Missa acessível aos fiéis é de suma importância. Como diz o autor:

> "Hoje, como sempre, estamos convencidos de que nós, sacerdotes, devemos ir ao encontro dos fiéis, abrindo-lhes de par em par, as sagradas páginas que encerram a palavra de Deus, a revelação do Pai no seu Filho Unigênito. Cristo veio reatar a união entre a creatura e o Creador. O seu ato redentor é, pois, o ato cristão por excelência, ato este que se perpetua no Sacrifício da Missa. Donde se conclue que TUDO deve partir da Santa Missa, como princípio e fim da vida cristã". [164]

Além disso, baseando-se nos Decretos 193 e 355 § 2º do Concílio Plenário Brasileiro, manifesta-se plenamente convicto da importância da

158. *Loc. cit.*: "Ao OFFERTORIO faz-se a procissão com as hostiazinhas a serem consagradas e que depois serão dadas em comunhão (aqui os primeiros cristãos apresentavam ao sacerdote as suas offerendas: pão, vinho, fructas, viveres, etc.). Offertas essas que symbolizam todo o nosso sêr, nós mesmos que, em espirito, nos collocamos sobre o altar e juntamente com o sacerdote nos offerecemos a Deus".

159. *Ibid.*, 8-9: "E na CONSAGRAÇÃO Christo toma posse desses dons do modo mais perfeito possivel, isto é, transformando-os no Seu Corpo e no Seu Sangue. E como Sacerdote, Mediador entre Deus e os homens, Christo apresenta ao Pae esse dom por excellencia, único digno de Deus, o Seu proprio Corpo e Sangue, nos quaes se transformaram o pão e o vinho que ao Offertorio apresentámos ao sacerdote. Agora que se realiza o verdadeiro Sacrificio nosso, unido ao de Christo. Só assim tem elle valor".

160. *Ibid.* 9: "Em troca, o Pae nos dá, como penhor de vida eterna, sua mais preciosa dadiva, Nosso Senhor Jesus Christo, na S. COMUNHÃO. É a maior recompensa que póde a creatura receber na terra, é aquella mesma que um dia possuiremos na patria celeste, o proprio Deus".

161. *Loc. cit.*

162. Cf. Prefácio, sem paginação. A edição não traz data.

163. *Loc. cit.*

164. *Missa. Ordinário da Missa com breves explicações*, 3ª ed., 13º Milheiro, Rio de Janeiro 1942, 3.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

instrução dos fiéis sobre a Missa, bem como da importância do incentivo no uso do Missal. Assim sendo, e "considerando que o Missal ainda não está ao alcance de todos os fiéis", é que Dom H. Martins organiza no seu opúsculo "todas as partes invariáveis do santo Sacrifício, compreendidas sob o nome de ORDINÁRIO DA MISSA. Aí se encontra tudo em vernáculo com o texto latino ao lado",[165] facilitando-se inclusive, ao máximo, a possibilidade da dialogação da Missa,[166] tão importante e tão significativa como sinal de unidade de toda a comunidade participante do Sacrifício eucarístico. Como exclama o autor:

> "Quem já teve a oportunidade de ver uma igreja inteira responder ao sacerdote a uma só voz, certamente sentiu que todos os fiéis formam uma só família, tendo Cristo como cabeça. Sentem-se todos irmanados pelo mesmo Sacrifício eucarístico, membros todos de um só Corpo!".[167]

Iniciar os fiéis ao Missal, é exatamente uma da finalidades deste livrinho que inclusive já tem sido usado em vários colégios "para aulas de Religião, quando se deseja explicar a Santa Missa aos alunos". Daí, para facilitar ainda mais, nesta 3ª edição Dom H. Martins acrescenta e explica brevemente "um pequeno quadro sobre a Missa, o qual servirá de guia para melhor compreensão do ORDINÁRIO DA MISSA".[168]

Uma 4ª edição saiu em 1947.[169] Nesta, "no intuito de divulgar o canto oficial da Santa Igreja", Dom H. Martins acrescenta mais uma novidade:

> "Quatro missas em notação musical gregoriana: a VIII (De Angelis) para as Solenidades em geral, a IX para as festas de Nossa Senhora, a XI para os domingos comuns e a XVI para os dias de semana, acrescidas do Credo III".[170]

É sinal que já havia grupos maduros até para cantar Missas em gregoriano!

Como se vê, das palavras de Dom H. Martins com suas orientações catequéticas introdutivas, e da grande aceitação que teve *Missa-Ordinário da Missa*. ., podemos deduzir a grande colaboração dada por ele no sentido de fazer os fiéis participarem ativa e conscientemente do Sacrifício eucarístico.

Não podemos deixar de acrescentar ainda outra publicação, também de autoria de Dom H. Martins, feita pelo Mosteiro de S. Bento do Rio, em 1935, contemporaneamente à 1ª edição de *Missa-Ordinário da Missa*... Título da obra: *Liturgia de Natal, Paschoa e Pentecostes nas Abbadias Benedictinas*, elogiada e recomendada pela revista *Vida* como "um livro do

165. *Ibid.*, 3-4, *in specie* 4.
166. *Ibid.*, 4: "Para os lugares em que, a juízo do Ordinário, o povo costuma responder em conjunto, às partes do acólito e do côro, imprimimos o texto em tipos mais visíveis, com os respectivos sinais de pausa, para que haja unidade na recitação".
167. *Loc. cit.*
168. *Ibid.*, 4-5. Trata-se de uma apresentação da "Estrutura da Missa" em forma esquemática, seguida de uma breve explicação, bem simples e clara (cf. *ibid.*, 6-8).
169. Título completo desta edição: *Missa-Ordinário da Missa com breves explicações e pequeno Kyrial Gregoriano. Para a A.C., paróquias, colégios, associações juvenis e fiéis em geral*, 4ª ed., Rio de Janeiro 1947.
170. "Apresentação" in: *ibid.*, 4-5.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

roi daqueles de que os católicos brasileiros precisam, pois são insuficientíssimas entre nós as publicações deste gênero".[171]

Como resposta ao lema "Sentire cum Ecclesia", vendo o crescente interesse dos fiéis pela Liturgia no Brasil, e constatando "o ardoroso interesse de tantos fiéis que accorrem às Abadias beneditinas para assistir aos santos Oficios celebrados com toda a solenidade, principalmente nestas três fases do eterno Mistério de Cristo" busca-se com este livrinho atender prontamente a todo este povo que vem:

> "Eis que vamos alegres ao encontro dessas phalanges de almas para lhes abrir e explicar esses thesouros infinitos de que somos guardas em virtude da vocação monastico-sacerdotal".[172]

A "importância de dar aos fiéis os textos litúrgicos em vernáculo" através desta obra, o autor a deduz exatamente da consciência que ele tem da suprema dignidade de todo cristão como membro do Corpo Místico, pelo Batismo, podendo "viver *com* a Igreja", *participar* do Sacrifício eucarístico, "fim e consumação de todos os outros Sacramentos, *viver* este que deve "desenvolver-se e aperfeiçoar-se", bebendo na fonte, na Missa, onde nossa oração torna-se oração do próprio Cristo "que reza na Igreja pelo Espírito Santo". "Eis a razão" — diz o autor — "por que se insiste em que os fiéis sigam a Missa no 'Missal', concelebrem, por assim dizer, com o sacerdote".[173] Numa palavra, ajudar a aproximar os fiéis do conhecimento profundo da Liturgia e a participar dela de modo ativo, segundo o que disse Bento XV aos organizadores do Congresso Litúrgico de Montserrat, em 1915, é o fim deste livrinho dado a lume pelo Mosteiro de São Bento do Rio, sob autoria de Dom H. Martins.[174]

Outra obra publicada por Dom H. Martins, "com o fim de despertar nas almas um interesse sempre maior pela vida de oração em união com a santa Igreja", é o livrinho *Vésperas Dominicais*.[175]

O grande desejo e o grande sonho seu é o ideal de ver os grupos de Ação Católica, os alunos dos colégios, os fiéis todos, reunirem-se à tarde nas paróquias para rezar as Vésperas, dada a importância destas como oração da Igreja-Corpo Místico, que se eleva ao Pai.[176]

Para que isso se realize na prática, sugere que os párocos instruam os fiéis sobre tal tipo de oração oficial da Igreja,[177] comecem formando um

171. Cf. *Vida* nº 20 (nov. 1935), 2. Conforme se diz no Prefácio da obra. seria este o primeiro trabalho litúrgico dado a lume pelo Mosteiro de S. Bento do Rio (cf. "Prefaciando. ", in: *Liturgia de Natal, Paschoa e Pentecostes*..., 3). Contudo, pertence ao nº 2 da Coleção "Litúrgica". Observamos também que o citado Prefácio traz a mesma data da parte introdutória da 1ª edição do *Missa-Ordinário da Missa* de Dom H. Martins: 11 de julho de 1935. Quanto à parte material da obra, se diz o seguinte: "para os psalmos usamos a tradução de R. P. Mattos Soares; os textos das Missas são do 'Missal dos Fiéis' de Dom Béda Keckeisen, monge benedictino da Bahia, que entre nós tanto se tem esforçado por divulgar os textos sagrados da liturgia. Para explicação dos mesmos, resumimos algumas paginas da monumental obra liturgica do eminente benedictino, actual Arcebispo de Milão, Cardeal Schuster" (cf. "Prefaciando...", in: *Liturgia de Natal, Paschoa e Pentecostes*..., 5). Em 1947 publicou-se uma 2ª edição da obra.

172. *Ibid.*, 3.

173. *Ibid.*, 4. Interessante como Dom H. Martins chega até mesmo a usar a palavra "concelebrar"! Tal é a sua vontade de ver o povo participar intimamente no Sacrifício.

174. *Ibid.*, 5-6, citando em português, sem indicar a fonte, um texto de Bento XV O original deste texto pode ser encontrado em *Documenta Pontificia ad instaurationem liturgicam spectantia (1903-1953)*. Collegit notisque ornavit A. BUGNINI. C.M. (= Biblioteca "Ephemerides Liturgicae", sectio practica, 6), Edizioni Liturgiche, Roma 1953, 52; cf. também *QLP* 5 (1920), 258-259.

175. Dispomos apenas da 2ª edição, publicada pela "Lumen Christi" em 1941.

176. *Vésperas Dominicais*, 6.

177. *Ibid.*, 6-7

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pequeno coro bem ensaiado, como primeiro apoio para abranger a todos no conhecimento do canto das Vésperas [178] e, enfim, procurem dar um tom solene às mesmas. [179]

Ainda, no sentido de promover a participação dos fiéis na oração oficial da Igreja, o Ofício Divino, Dom H. Martins promoveu mais tarde outra publicação: *Prima e Completas do Breviário Romano. Oração oficial da Santa Igreja para a manhã e a noite* ("Lumen Christi", Rio 1947).

Eis, pois, algumas obras, alguns trabalhos preciosos de Dom Hildebrando Martins. Elas nos mostram como já desde os inícios do Movimento Litúrgico no Brasil, a partir de 1935, este autor realmente se preocupou e se empenhou para que o Movimento e seu espírito se alastrassem sempre mais entre os católicos brasileiros. Trata-se sem dúvida de mais um trabalho pioneiro, colaborando com a obra de Dom Martinho Michler, de Dom Beda Keckeisen e outros, na expansão da vida litúrgica mais vivida e melhor participada.

5) *Frei Henrique G. Trindade O.F.M.: Sigamos a Missa!*

Havíamos acenado anteriormente para o trabalho litúrgico valioso desenvolvido pelos franciscanos da Província da Imaculada Conceição. Pois bem, aqui temos um franciscano.

Uma quinta pessoa que mostra um esforço aberto pela participação ativa dos fiéis na Missa é o franciscano Frei Henrique G. Trindade, com o livrinho *Sigamos a Missa!*, publicado em 1938 pela Editora Vozes de Petrópolis. O título do livrinho vem acompanhado de um subtítulo: "*Modo fácil e devoto de acompanhar em comum (também em particular) ao santo sacrifício da Missa segundo o espírito da liturgia*". [180]

A finalidade desta obra é ajudar o fiel a "*rezar a Missa*, como faziam os primeiros cristãos e como é o desejo da Igreja". [181] Procura, também, portanto colaborar com o desejo de Pio X, de uma maneira simples, acessível e frutuosa, [182] tentando atingir uma maioria que não consegue, "por vários

178. *Ibid.*, 7.
179. *Loc. cit.*
180. Devemos assinalar que dois anos antes, em 1936, a Editora Vozes havia publicado um outro livrinho: *A Santa Missa Dialogada*. Neste, há uma parte do dirigente (D) e a parte de todos (T), tudo em português. Isto é, o livrinho sugere a dialogação da Missa, não entre o celebrante e todos, mas entre o dirigente e todos, enquanto o celebrante vai dialogando no altar com os acólitos. Uma praxe sem dúvida estranha para nós hoje, mas que exprime a vontade de fazer os fiéis participarem. Não se diz quem é o autor desta obra. Provavelmente é do redentorista O. Robrecht Deduz-se pela "Apresentação" ao livrinho, assinada por O. Robrecht C.SS.R., que inicia com estas palavras muito significativas: "Graças ao movimento litúrgico, despertado e divulgado entre os fiéis em nossos dias, a santa missa torna a ser para muitos, a oração por excelência, o centro do culto divino, como o era na Igreja primitiva" (*ibid.*, 5).
181. *Sigamos a Missa!*, 4. O autor explica o que significa "*rezar a Missa*", com estas palavras: "Repete-se sempre, mas não se repete demais a bela palavra de Pio X: 'Não se deve rezar na missa, mas deve-se rezar a missa'. E '*rezar a missa*' é seguir as suas orações e as suas cerimônias, procurando compreender umas e outras. '*Rezar a missa*' é revestir-se dos sentimentos do sumo sacerdote Jesus Cristo e, com ele, oferecer-se ao Pai eterno, como vítima voluntária, pelos nossos pecados, pelos pecados do mundo. '*Rezar a missa*', é fazer o seu ofertório, é realizar a sua consagração, é consumar a sua comunhão" (*loc. cit.*).
182. Para atingir esta finalidade, propõe: "1º) reproduzir o sentido próprio das orações e cerimônias, despertando no assistente os sentimentos adequados às diversas partes e grandes fins da missa" 2º) ser breve quanto possível, para evitar a precipitação e dar lugar à meditação, pela leitura repousada; 3º) ser fácil ao alcance de todos" (*ibid.*, 4-5).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

motivos", ter o privilégio de um missal à mão, embora continue em pé o fato de que "o modo melhor... é acompanhar as orações litúrgicas pelo missal".[183] Trata-se, pois, de um livrinho que não é um Missal nem mesmo um "Folheto Litúrgico" do estilo do folheto de Dom P. Amstalden, mas de um livrinho-guia que, de modo simples, vai colocando o fiel por dentro do sentido e do dinamismo espiritual da Celebração Eucarística.

A obra teve grande aceitação pelo Brasil afora, conseguindo inegável popularidade. Sabe-se que em 1959 este já "conhecidíssimo" livrinho chegara à 25ª edição.[184] Em 1963, chegou à 30ª edição.

Além da popularidade adquirida, apresenta-se como um ótimo exemplar de um sincero esforço existente no sentido de levar o fiel a participar ativamente do Santo Sacrifício da Missa. O esforço é tão grande, a vontade de ver o povo participar é tão grande que, teologicamente, a linguagem da obra parece um tanto ambígua. Na parte introdutória, Frei H. Trindade dá algumas orientações de como preparar-se para o Santo Sacrifício (Preparação remota, Estado de graça, Preparação próxima).[185] Então é que vem a parte teologicamente ambígua: como que quer tender a um nivelamento no poder da Ordem. Trata-se de um conselho que o autor dá aos fiéis de rezarem antes da Missa a *declaratio intentionis*, que ele reproduz da seguinte forma:

> "Eu quero concelebrar o santo sacrifício da missa, formando o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, conforme o rito da santa Igreja; para minha utilidade e da Igreja militante; por todos os que se recomendaram em minhas orações em geral e em particular e pela tranqüilidade e prosperidade da santa Igreja. Amém".[186]

Diremos que certamente não é intencional da parte do autor querer nivelar Sacerdote e fiéis no poder de consagrar. Intencional é o esforço que se faz para levar os fiéis a uma participação realmente ativa no Sacrifício. O *Sigamos a Missa!* reflete um evidente anseio pastoral do seu autor: "Não devemos somente assistir à missa, mas tomar parte ativa na sua celebração" [187] E para isso usou de expressões que dão margem a ambigüidades.

Contudo, historicamente, reflete que o Movimento Litúrgico no Brasil continuava vivo e crescente, e que o pioneirismo de Frei Henrique G. Trindade vai no sentido de que este seu livrinho, no estilo que lhe é próprio, tornou-se o mais popular no Brasil, dando a milhares de católicos, muitos dos quais impossibilitados de adquirir um missal, a possibilidade de poder *rezar a Missa*.

183. *Ibid.*, 4.
184. Cf. Apreciação de L. P. em *REB* 19 (1959), 768. Esta 25ª edição teve que aparecer modificada dentro das recentes normas emanadas da SCR, com não muito prazer da parte do autor, já Bispo de Botucatu *(loc. cit.;* cf. SCR, Instrução "De Música Sacra et Sacra Liturgia ad mentem Litterarum Encyclicarum Pii Papae XII 'Musicae Sacrae Disciplina' et 'Mediator Dei'", *AAS* 50 (1958), 630-663, *in specie* 641-643).
185. *Sigamos a Missa!*, op. *cit.*, 6-8.
186. *Ibid.*, 7-8. Após a "Mediator Dei", neste aspecto este livrinho foi alvo de críticas (cf. referência em GURGEL, M. T., "Aspectos Pastorais da 'Mediator Dei' quanto à Participação dos Fiéis na Missa", *REB* 11 (1951), 195), sobretudo condenado pelo jornal tradicionalista de Campos, *O Catolicismo*. Falando dos *exclusivismos* do "Liturgismo", condenados pelo Papa, assim se expressa o jornal: "Nesse sentido vai longe, até confundir o sacerdócio dos leigos com o do Padre, um livrinho, 'Sigamos a Missa', que por aí corre como meio de difundir o apostolado litúrgico. Pois faz o fiel declarar que vai com o Padre 'fazer o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo'. Ora, só o Padre tem êste poder" (*O Catolicismo* nº 4 (abril 1952, 2).
187. *Sigamos a Missa!*, op. *cit.*, 8.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

6) Apelo de D. Mário de Miranda Vilas-Bôas (Bispo de Garanhuns) em sua Primeira Carta Pastoral (30-10-1938): Restaurar a Liturgia!

Dentro da lista dos pioneiros do Movimento Litúrgico no Brasil, temos que colocar necessariamente a figura animadora e corajosa do Bispo D. Mário de Miranda Vilas-Bôas, terceiro Bispo da diocese de Garanhuns, Estado de Pernambuco (nordeste do Brasil).[188]

Sua Primeira Carta Pastoral[189] é "considerada o melhor documento saído do episcopado nacional" sobre o apostolado da Ação Católica;[190] uma "Pastoral de fogo", como diz o Bispo de Uberaba;[191] ou, como diz o Padre A. Brandão, uma "Pastoral de fogo e de vida..., raio de luz nas trevas da confusão que entre nós reina em matéria de Ação Católica e movimento litúrgico".[192] Ou, como diz *A Ordem*, "foi um dos acontecimentos mais marcantes na vida católica dos últimos tempos".[193] Foi uma Pastoral que de imediato teve viva recomendação não só para Garanhuns, mas para todo o Brasil.[194] "É a Pastoral do Brasil", como diz o Pe. A. Brandão,[195] que, segundo Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), deverá ser marcada "nos faustos de nossa história eclesiástica".[196] Na verdade, a demanda deste documento foi logo tal que, em 1940, a Editora Vozes resolveu também imprimi-la.[197] Tudo isso já mostra a importância e a repercussão que este documento episcopal teve.

Pois bem, D. Vilas-Bôas, nesta Pastoral, como diz H. A. Mattos, "em linguagem pura, de modo sempre claro, cheio de vida e fé na vitória de Cristo",[198] ou, como diz Tristão de Athayde, "com um desassombro e uma coragem pouco vulgares, desafiando preconceitos e rotinas",[199] "falou-nos com uma visão admirável do nosso problema magno, a ação católica"[200] Então, a certa altura, o citado documento episcopal traz um rico e corajoso capítulo de oito páginas[201] sobre "*a Sagrada Eucaristia*, Sacrifício e Sa-

188. Breves dados biográficos seus: D. Vilas-Bôas, de família nordestina, nasceu em Rio Grande (Rio Grande do Sul). Ainda criança, partiu com seus pais para o nordeste (cf. *Jornal do Dia* (Porto Alegre) 28-10-1948, 8). Cresceu e teve toda a sua formação no nordeste brasileiro. Foi Secretário e Vigário Geral da diocese de Aracaju (Sergipe). Aí em Aracaju, foi assistente eclesiástico do Centro Dom Vital, desde a sua fundação. Portanto, estava bem inteirado de todos os ideais deste Centro, que buscava muita de sua inspiração no Rio. Desde cedo, D. Vilas-Bôas destacou-se na arte oratória. Foi Membro da Academia Sergipana de Letras. E, em maio de 1938, com apenas 36 anos de idade, e 13 de sacerdócio, foi eleito Bispo de Garanhuns (cf. MATTOS, H. A., "A 1ª carta pastoral do Bispo de Garanhuns", *A Ordem* 21 (fev. 1939), 195).

189. *1ª Carta Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Bispo de Garanhuns*, Salvador-Bahia 1938. Interessante notar o brasão das armas de seu episcopado, estampado na capa do documento, com o sugestivo lema: "Sentire cum Ecclesia". Bom resumo desta Pastoral temos em MATTOS, H. A., "A 1ª carta pastoral...", *art. cit.*, 195-213.

190. Notícia fornecida pelo Mons. Tarcísio Falcão, Vigário Geral da diocese de Garanhuns, que conheceu pessoalmente D. Vilas-Bôas, em carta pessoal de 3-1-1978, a nós enviada.

191. *D. Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo de Uberaba, Carta Pastoral*, Uberaba 1939, 8.

192. BRANDÃO, A., "Um Bispo e uma Pastoral da Idade Nova", in: *Ação Católica. Primeira Pastoral de D. Mário de Miranda Vilas-Bôas, Bispo de Garanhuns*, Vozes, Petrópolis 1940, 6-7. Estas palavras do Pe. A. Brandão deixam já transparecer uma ponta de polêmica em torno do Movimento Litúrgico no Brasil. Como veremos mais tarde, o Pe. Brandão foi bem polêmico no conter certos "abusos" do Movimento.

193. *A Ordem* 24 (set. 1940), 272 (= Recensão à ed. de Vozes, 1940).

194. *Ibid.*, 273; BRANDÃO, A., "Um Bispo e uma Pastoral da Idade Nova", in: *Ação Católica. Primeira Pastoral de D. Mário.* . (ed. Vozes, 1940), *op. cit.*, 5; TRISTÃO DE ATHAYDE, "Liturgia", *A Ordem* 22 (ag. 1939), 182: "Esta Pastoral deve ser lida, meditada e obedecida, não só pelos seus diocesanos de Garanhuns, mas por todos os católicos e em geral por todos os brasileiros que prezem à sua Pátria e a queiram florescente, unida e pacífica".

195. BRANDÃO, A., *ibid.*, 11.

196. Cf. TRISTÃO DE ATHAYDE, "Liturgia", *art. cit.*, 182.

197. Edição citada supra, à nota 192.

198. MATTOS, H. A., "A 1ª carta pastoral. , *art. cit.*, 196.

199. TRISTÃO DE ATHAYDE, "Liturgia", *art. cit.*, 182.

200. MATTOS, H. A., "A 1ª carta pastoral. ., *art. cit.*, 196.

201. *1ª Carta Pastoral de Dom Mário.* (ed. 1938), *op. cit.*, 37-44.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

cramento — e a *vida litúrgica*, geradoras da vida interior e asseguradoras do êxito da vida das obras, pelo apostolado da Ação Católica".[202] É o primeiro Bispo do Brasil a apoiar e assumir de corpo e alma, em Carta Pastoral, o Movimento Litúrgico como força dinamizadora da Ação Católica na vida da Igreja, chegando mesmo a exclamar:

> "Mil graças a Deus, que está surgindo um piedoso movimento de restauração e difusão da liturgia eucaristica".[203]

Na verdade, sua maior preocupação será esta:

> "que Jesus Hostia seja mais conhecido, mais adorado e acima de tudo mais vivido!. Tudo que disser respeito á intensificação do culto eucarístico; á melhor compreensão do Mistério Maximo de nossa fé; á mais intensa participação no mesmo divinamente ineshaurível Misterio; tudo será objeto de nossos mais fervorosos cuidados".[204]

D. Vilas-Bôas fala que a Ação Católica só será verdadeira na sua vida de ação, quando significar "um transbordamento da vida contemplativa, da vida íntima, da vida de oração e união constante com Deus Nosso Senhor, em Jesus Cristo",[205] a partir da vivência de um "princípio vital" que só Deus pode dar. E qual é este "princípio vital"? Resposta:

> "a Sagrada Eucaristia, Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeira, real, substancialmente presente no pão e no vinho consagrados; o Santissimo Sacramento que é o Corpo e Sangue de Cristo; a Hostia Divina, Sacrificio no altar, Sacramento, no Tabernaculo; eis a vida da vida! Não ha ação sem vida. Não ha vida sem principio vital! A Sagrada Eucaristia é, na Igreja, o principio vital da vida e da ação".[206]

Mas, como se chegará à vivência deste "princípio vital? Resposta: *Na Liturgia!* Daí, urge que se tome como particular atenção e encarecido empenho: *o de restauração e difusão litúrgica*"[207] Na Liturgia, pois ela "é a Igreja que ora e sacrifica";[208] "a Liturgia é a vida da Igreja".[209]

Infelizmente, muitos católicos se privam de muitas graças, porque ignoram o grande sentido da Missa, ignoram a amplidão e profundidade da Liturgia. Daí, urge que se explique com muito zelo aos fiéis os tesouros da Santa Missa,[210] urge que os fiéis tenham um Missal, e o conheçam,

202. *Ibid.*, 37. Sem dúvida, talvez o Bispo que por primeiro busca abertamente inspirar-se no Movimento Litúrgico é D. José Pereira Alves, do qual já falamos anteriormente. Porém, sua Pastoral não possuiu a força e a repercussão nacional que teve a Pastoral de D. Vilas-Bôas.

203. *Ibid.*, 41.

204. *Ibid.*, 39.

205. *Ibid.*, 37.

206. *Ibid.*, 38.

207. *Ibid.*, 40.

208. *Loc. cit.* E continua: "É a tradução dos perenes cultos latréutico, eucaristico, propiciatorio e impetratorio da alma da Igreja, adorando, agradecendo, impetrando e propiciando a Santissima e Divinissima Trindade. Toda a Sagrada Escritura, os Dogmas, as Verdades Eternas, os Mistérios, a História Eclesiástica, tudo está vivo, palpitantemente vivo, nos átos, cerimônias e funções liturgicas. Vivê-los é viver a própria vida de Deus que está em nós, pelo mistério de Cristo. Nosso Senhor Jesus Cristo é o centro da Liturgia. E a Missa, que é a renovação do Sacrifio da Cruz, é a alma da Liturgia. Como vivermos, Irmãos e Filhos, a divina realidade do Corpo Místico, sem gostarmos o divino sabôr da Liturgia, conhecendo-a, amando-a, vivendo-a?! Como realizaremos o apostolado da Ação Católica que se funda na doutrina do Corpo Mistico, sem vida eucarística e vida litúrgica?!" *(loc. cit.)*.

209. *Ibid.*, 42.

210. *Ibid.*, 41: "é urgente, é imprescindivel abrir aos fieis, às escâncaras, os tesouros imensos da Santa Missa. Falar frequentemente da Santa Missa. Que tema inesgotável de substanciosa pregação! Explicar, minuciosamente, circunstanciadamente, a Santa Missa em suas várias partes, cérimônias, orações, vasos, paramentos e altar".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

para com ele degustarem o sentido da Liturgia Eucarística.[211] Assim, pouco a pouco também os fiéis passarão de uma presença lamentavelmente alheia ao que se passa no altar ("preocupados com suas *novenas*"), para uma participação sempre mais plena que vai culminar com a "participação na Comunhão do Sacerdote e, por isso mesmo, dentro da Missa!... A Sagrada Comunhão, assim recebida, é integração perfeita da alma no ministério do Cristo. Que diversa é ela da esporádica comunhão anual obrigatória. Diversa das comunhões mensais, de praxe, nas Irmandades e Confrarias".[212]

Abre-se então um duro ataque a certos modos de ser do catolicismo popular. Descobrindo a Liturgia, declara-se guerra às chamadas "adulterações litúrgicas, .desvitalizadoras do espírito cristão"[213] em que o povo vivia. Adulterações litúrgicas que se manifestam no mau gosto dos enfeites do altar e do templo,[214] no abuso dos novenários e trezenários de paraninfos,[215] no abuso das procissões,[216] no vazio dos hinos sacros por vezes cheirando panteísmo.[217] E segue textualmente:

> "Todas essas adulterações da vida litúrgica, Irmãos e Filhos, *de par com o laicismo da sociedade*" — o grifo é nosso — "produziram essa religiosidade vaga e imprecisa, de festa e foguetorio e bandeirolas... E a vida cristã se foi dessorando. Substituiu-a uma piedade mole, piégas, esteril, que vai da devoção de orações românticas, de papeluchos e amuletos, á grosseria das mais crassas superstições. Que vai do extase ante a imagem de Santa Teresinha, á gélida indiferença diante do Tabernáculo. Que conhece, a fundo, a história dos *milagres* de St. Antonio, St. Onofre, São Cosme e São Damião e nunca leu os Evangelhos de Jesus Cristo e as candentes Epistolas de São Paulo. Católicos de *Sacramentais* e não de *Sacramentos*. Urge dar um combate sério a esse catolicismo *tradicional*, festivo e comodista".[218]

Urge, pois, que se busque uma piedade viril, serena e forte na fonte própria da vida da Igreja, isto é, *na Liturgia* com a riqueza dos textos do Missal, do Ritual e do Breviário.[219]

Como se vê, todo aquele espírito vitalista e litúrgico formado no ambiente do Instituto Católico do Rio de Janeiro, a partir de Dom Martinho Michler, e que logo se espalhou pelo Brasil afora, afirma sua autoridade nesta Pastoral de D. Vilas-Bôas. A mesma coisa que proclamavam os moços

211. *Loc. cit.*: "Pôr o Missal nas mãos dos fiéis, difundir o Missal, ensinar o Missal. Que os fiéis rezem a Missa e saibam que estão rezando a oração máxima da Igreja. Que belo e piedoso costume, em que nada ha de novidade e muito menos de frivolidade, esse de recitarem os fieis, em comum, as partes da Santa Missa que a Liturgia permite sejam recitadas! E como o povo gosta de conhecer a Missa! Que sentido novo encontra nela quando se lhe desvenda os largos panoramas de suas belezas místicas".

212. *Ibid.*, 42. Nota-se aqui uma aberta reação contra um tipo de religiosidade popular que se baseia em "novenas de comunhões. para alcançar saúde, dinheiro, bens materiais" *(loc. cit.)*.

213. *Ibid.*, 42-44.

214. *Ibid.*, 42: "Quantas vezes, nossas Igrejas, nos grandes dias, dão-nos a trágica impressão de um clube de festas, pelo profano e ridículo da decoração. flores de papel, nem sempre artísticas, e fitas e laços e lanternas e todo um mundo de quinquilharias futeis e inespressiveis".

215. *Loc. cit.*: "Adulteração liturgica nos célebres novenários e trezenários de paraninfos, com a teatralidade de cerimônias e encenações estapafúrdias, em que o respeito á casa de Deus é sacrificado e profanada mesmo a presença real do Deus Sacramentado".

216. *Ibid.*, 42-43: "abuso nas procissões, desvirtuadas de suas tão piedosas finalidades e rebaixadas á categoria de passeatas puxadas a charola com santos!. Não dói na alma vêr, assim, conspurcado o sublime e sagrado culto das Imagens?! E, ás vezes, .nem bastam as imagens de nossos Santos recorre-se ao reprovável costume de fantasiar de Santos a meninos, meninas e moças!. ".

217. *Ibid.*, 43: " .coisa vazia que se inventou de chamar cantico sacro que, de sacro, tem, apenas, o lugar onde é executado, berrante profanação que é. Melodias profanas, cadenciadas ao sabor de nossas velhas modinhas sentimentais. Letras mais profanas ainda, e vezes até, impias: — 'Deus é a flôr desabrochando, Deus é o pássaro que vôa, Deus é o éco da espessura, Deus é o ai que mal sôa!!!...'. Suprema inconsciencia, diriamos, se não fôra alguma coisa mais grave, isto é, o sentido panteistico e pagão que na semsabedoria destes versos. Nada mais belo que.. nossos velhos hinos religiosos... e... o canto gregoriano".

218. *Ibid.*, 43-44. Nota-se claramente uma reação contra o poder leigo de uma religiosidade popular tradicional que se havia implantado no passado histórico do Brasil.

219. *Ibid.*, 44.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

da AUC, aqui o Bispo de Garanhuns a reafirma em uma Pastoral: *"A Liturgia é a vida da Igreja"*, com todas as conseqüências que daí advêm. As contínuas e ferrenhas críticas que, a partir da descoberta da Liturgia, muitos adeptos do Movimento Litúrgico implantado no Brasil investiram contra a chamada "anarquia ou individualismo litúrgico"[220] nas devoções populares, aqui D. Vilas-Bôas as reforça num documento de tamanha importância como é uma Pastoral. Esta, em grande parte, a razão do sucesso desta Pastoral. A Ação Católica Brasileira estava em pleno vigor. O entusiasmo pelo Movimento Litúrgico já era grande. Porém ainda como que se esperava a voz de uma autoridade religiosa brasileira mais alta, que viesse pôr a sua lenha no fogo do entusiasmo. E essa voz surgiu a 30 de outubro de 1938: É esta corajosa Pastoral de D. Vilas-Bôas, que veio reforçar enormemente a difusão do Movimento Litúrgico no Brasil.

Não nos perguntamos (não nos cabe aqui julgar ainda) se o método usado pelo Bispo de Garanhuns foi o melhor.[221] Apenas quisemos constatar um fato: houve um Bispo chamado D. Mário de Miranda Vilas-Bôas que, a partir de 1938, buscou com todas as forças colaborar para a revitalização da Igreja no Brasil através da Liturgia mais participada e melhor vivida. Buscou restaurar a Liturgia.[222]

7) Dom Tomaz Keller O.S.B., defendendo e esclarecendo sobre a Missa dialogada

1939. Ainda pairavam dúvidas sobre a conveniência da Missa dialogada. Inclusive, havia mesmo uma forte corrente contrária ao uso de dialogar a

220. TRISTÃO DE ATHAYDE, "Liturgia", *art. cit.*, 181; cf. ainda *ibid.*, 185; cf. ainda, por exemplo, PRADO, N., "Vozes descontentes", *Vida* nº 19 (out. 1935), 16; ISNARD, C., "A volta à liturgia", *art. cit.*, 2; de autor desconhecido, "Fugir das falsas espiritualidades", Vida nº 25 (abril 1936), 2; RIBEIRO ENOUT, P. O., "O canto na Liturgia", *Vida* nº 29 (ag. 1936), 10; PENNA, W., "O problema da piedade cristã", *art. cit.*, 5-6; cf. vários artigos de *O Diário*, citados à nota 59, dos quais damos aqui apenas os títulos: "Espírito Litúrgico"; "Procissões" "As coroações de Nossa Senhora"; "Canta na igreja"; "Participação na Missa"; "Apostolado liturgico"; "Viver a Liturgia"; "Desfazendo dificuldades"; "Sentido lithurgico do Congresso Eucharistico"; "O livro de orações".

221. É uma questão a ser estudada oportunamente. Parece que D. Vilas-Bôas não tomou muito em consideração, foi muito duro, como que desrespeitou, ironizou, toda uma longa tradição popular de festas, procissões, enfeites, santos, foguetórios, etc. Talvez faltou pensar também a partir da fé simples e "pobre" do povo pobre, com uma longa tradição de sua linguagem religiosa "inculta", mas certamente rica e significante.

222. D. Vilas-Bôas prosseguiu com entusiasmo o seu trabalho. Por exemplo, através de tríduos litúrgicos procurou ao máximo aproximar os seus diocesanos à vida da Igreja através de uma vida litúrgica mais intensa. Temos notícia de um segundo tríduo diocesano deste gênero, em preparação à Festa de Cristo Rei em 1941, sob o tema geral: "A participação dos fiéis na vida da Igreja". Deste tríduo daremos melhores informações no próximo capítulo. De 28 a 31 de outubro de 1943, por ocasião do 25º aniversário da diocese de Garanhuns, realizou-se aí o Primeiro Congresso Eucarístico, preparado intensamente com pregações nas paróquias sobre o sentido da Missa e a necessidade de uma participação intensa e viva na mesma (cf. "Congresso Eucarístico de Garanhuns", *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 451-452).

O apostolado litúrgico de D. Vilas-Bôas não se restringiu apenas ao âmbito de sua diocese, mas atingiu mesmo um nível nacional. Prova disso é a brilhante conferência pronunciada por ele no Primeiro Congresso Eucarístico de Cajazeiras, Paraíba, intitulada: "A Santa Missa — Centro da vida cristã", publicada em *A Ordem* 26 (ag. 1941), 91-105, e no volume *Sermões e Discursos de Dom Mário de Miranda Vilas Boas*. Belém-Pará 1970, 21-24. Orador famoso que era, discursou em outros Congressos Eucarísticos. A 3-9-1939, discursou no III Congresso Eucarístico Nacional do Recife, falando sobre o sentido de um Congresso Eucarístico Nacional (cf. *ibid.*, 35-44); no 1º Congresso Eucarístico Diocesano de Manaus (1942), sob o tema: "O Reinado Social de Cristo pela Eucaristia" (*ibid.*, 45-56); no pontifical de abertura do IV Congresso Eucarístico Nacional em São Paulo, a 3-9-1942 (*ibid.*, 57-64); no Congresso Eucarístico Diocesano de Aracaju, a 15-11-1946, sob o tema: "Eucaristia, Sacrifício e Sacramento" (*ibid.*, 65-72); no Congresso Eucarístico Nacional de Belo Horizonte, a 7-9-1947, sob o tema: "Eucaristia e Ação Católica" (*ibid.*, 73-80); no Congresso Eucarístico de Petrolina, a 10-10-1948, sob o tema: "Ite! Docete! Hoc facite!" (*ibid.*, 81-87); no pontifical de encerramento do V Congresso Eucarístico Nacional em Porto Alegre, a 31-10-1948, sob o tema: "A Eucaristia e a Ordem Social" (*ibid.*, 88-96). Não podemos esquecer também a *Carta Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Arcebispo Metropolitano de Belém do Pará, Janeiro 1945*, onde retoma o empenho na difusão da Liturgia, porém com um tom bem mais ameno diante das devoções populares. Falaremos ainda deste documento no 3º capítulo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Missa. Esperava-se apenas a vinda do Concílio Plenário Brasileiro (CPB), em 1939, para fazê-lo proibir, ou pelo menos desaconselhá-lo.[223]

A Missa dialogada, tão bem iniciada por Dom Martinho Michler com o pequeno grupo de universitários da AUC, espalhando-se rapidamente pelo Brasil afora, precisava de um defensor que fosse forte, alguém que debelasse as dúvidas, um teólogo que desse fundamentos sólidos. Não só isso. A Missa dialogada deveria ser esclarecida e propagada para dentro do próprio Episcopado nacional. E o CPB seria uma ótima ocasião... Encarregou-se de fazê-lo o abade do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, Dom Tomaz Keller O.S.B. preparando uma monografia de 42 páginas, instituladа *Missa Dialogada.*[224] A monograifa foi distribuída entre os Padres Conciliares, obtendo larga repercussão, o que contribuiu sem dúvida para que não se realizasse o intento dos adversários da Missa dialogada.[225] Neste sentido, desde já podemos dizer que também Dom Tomaz Keller é pioneiro do Movimento Litúrgico no Brasil.[226]

A obra citada, muito bem documentada, considerada "a melhor monografia escrita no Brasil sobre a Missa dialogada",[227] divide-se em duas grandes partes: a) Definição. Motivos. Perigos e possibilidade de vencê-los; b) Qual é o juízo da Igreja a seu respeito.

Dom Tomaz Keller define a Missa dialogada como

> "a Missa em que os fiéis assistentes dão todos conjuntamente em voz alta as respostas que na Missa rezada são em geral dadas pelo coroinha, e rezam com o celebrante as partes que na Missa solene são regularmente cantadas pelo povo" [228]

Passa-se então aos motivos para a dialogação da Missa. O motivo principal é a necessidade da participação ativa do povo na Missa em geral, que se fundamenta na própria importância central da Santa Missa,[229] como

223. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 97; cf. "O movimento litúrgico e o Concílio Plenário", *O Diário* 9-7-1939.

224. DOM ABADE TOMAZ KELLER, Doutor em S. Teologia, *Missa Dialogada*, "ad instar manuscripti", Rio de Janeiro 1939. Dom T. Keller laureou-se em Teologia no S. Anselmo em Roma, em 1932, defendendo a tese "De hominis statu supernaturali in Libro Sapientiae". Dados biográficos de Dom T. Keller, encontramo-los em MOURA, O., O.S.B., *op. cit.*, 141-145.

225. ISNARD, C., O.S.B., "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 97. Trataremos especificamente do CPB, mais tarde, e veremos que realmente ele não proibiu a Missa dialogada.

226. Não podemos deixar de acrescentar aqui a valiosa colaboração dada por Dom T. Keller no Centro Dom Vital, no incentivo da reforma litúrgica. Basta citar o seu artigo publicado em *A Ordem* 10 (set. out. 1933), 658-661, intitulado "Liturgia", mostrando a importância da Liturgia e a importância e a necessidade do Movimento Litúrgico que está crescendo no mundo e também entre nós. Cf. ainda *A Ordem* 26 (ag. 1941), 245-246. Além disso, convém citar a sua colaboração prestada na formação religiosa dos universitários da AUC. Sabemos de uma "magnífica" conferência sua pronunciada a 23-3-1935, na reunião inaugural dos trabalhos do ano: "O ilustre beneditino pronunciou então uma magnífica conferência, mostrando aos moços a maneira de melhor servir como cristãos e universitários. Salientou o valor da vida espiritual sem a qual não póde haver ação católica no sentido legitimo da expressão" (*Vida* nº 12 (março 1935), 13). Publicou na revista *Vida* um longo artigo sobre a "Visão sobrenatural do universo" (*Vida* nº 35 (julho 1937), 2-5), em cujo final diz: "A Igreja possue o seu acto vital culminante, mais perfeito, na Santa Missa. Podemos pois dizer que a Missa é a finalidade do mundo... O progresso e a sciencia só realizam o seu papel no Christo, isto é, na Missa, provindo della e integrados nella" (*ibid.*, 5).

227. ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler...", *art. cit.*, 540, nota 4.

228. *Missa dialogada, op. cit.*, 10.

229. *Ibid.*, 11-12. A "primazia e excelência única da santa Missa" se explica no fato de nela se realizar a obra de nossa salvação: "in hoc sacramentum totum mysterium nostrae salutis comprehenditur" (St. Th. III, 83.4.c.). Então pergunta Dom T. Keller: "Não deverá pois a Igreja toda, docente e discente, pastores e rebanho, tomar a parte mais íntima possível nêste áto principal da nossa vida?" (*ibid.*, 12).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sacrifício de toda a Igreja,[230] "Sacramentum Unitatis",[231] com o caráter social que lhe é típico,[232] e como fonte principal de instrução religiosa.[233] Além do mais, basta ver a História para se convencer que a dialogação da Missa é um dado permanente em toda a tradição da Igreja.[234] E os últimos resultados obtidos pelo Movimento Litúrgico demonstram que a participação ativa pela dialogação produz verdadeiras transformações na vida das pessoas.[235]

Depois de indicar, entre outras, a Missa dialogada como modo especial de participação ativa,[236] Dom Tomaz Keller aponta também alguns perigos e inconvenientes que podem surgir. Os perigos seriam: o laicismo,[237] a "rerum novarum cupiditas,[238] o exclusivismo, separatismo, aristocratismo errado,[239] e a perturbação do celebrante e falta de ordem na resposta do povo.

A segunda parte trata do juízo da Igreja sobre a Missa dialogada. Quanto à liceidade, não há problema: "Os decretos da Santa Sé sempre reconheceram expressamente a liceidade da Missa dialogada";[241] e quanto à conveniência, baseando-se no decreto da SCR de 4-8-1922[242] e vários outros documentos episcopais, podemos concluir: Pode-se dialogar a Missa, quando não for causa de distúrbio na fé e na devoção dos fiéis. O critério regente, portanto, da conveniência ou não da Missa dialogada é antes a devoção dos fiéis.[243] Por isso, uma vez que a Missa é o ato mais importante da vida da Igreja, necessário se faz evitar os abusos e inconvenientes, e "educar de novo o povo e reconduzi-lo à compreensão dos atos religiosos centrais"[244]

Este, portanto, foi o apelo e o desafio lançado por *Missa Dialogada* que consagrou Dom Tomaz Keller na História do Movimento Litúrgico no

230. " ...a santa Missa é o Sacrifício de todo o povo da nova aliança. Mas existe um só sacrifício agradável ao Pai celeste, o do Filho unigênito. A Igreja oferece-o incessantemente pelas mãos dos sacerdotes em nome de todos os fiéis e por êles. A santa Missa é, pois, o sacrifício de todo o povo assistente, interessa-lhe intimamente e deveria ser a expressão da sua religiosidade. Não é, pois, convenientíssimo que o povo assista participando ativamente enquanto a natureza do áto o permitir?" (*ibid.*, 12-13).

231. Baseia-se em S. Th. III. 83.4 ad 3, onde afirma que a Eucaristia é "Sacramentum totius ecclesiasticae unitatis". E pergunta: "Não será mais do que conveniente que na celebração do áto redentor esta união entre o sacerdote e os fiéis, e dêstes entre si, se exprima de maneira expressiva e eficáz?" (*ibid.*, 13).

232. *Ibid.*, 13-14. Assim se expressa: "...Será pois conveniente que na celebração da santa Missa o caráter social da Igreja se exprima pela participação não só interna, mas também externa e ativa dos fiéis" (*ibid.*, 14).

233. *Ibid.*, 14-16. "Outro motivo importante ... consiste no fáto de ela ser considerada pela Igreja fonte e meio principal da instrução religiosa" (*ibid.*, 14-15; baseia-se em Pio XI, Encíclica "Quas Primas", *AAS* 21 (1925), 603; e id., Const. Apost. "Divini Cultus", *AAS* 21 (1929), 35).

234. Dom T. Keller o mostra de um modo deveras feliz, simples e bem documentado (cf. *Missa Dialogada*, *op. cit.*, 16-23)

235. *Ibid.*, 24-25.

236. *Ibid.*, 25-27.

237. *Ibid.*, 28-29.

238. *Ibid.*, 29.

239. *Ibid.*, 30-32

240. *Ibid.*, 32.

241. *Loc. cit.* "a) A história da Missa rezada mostra que ela é como que a abreviação e substituição da Missa cantada. Se nesta é lícito ao povo cantar as respostas e algumas partes da santa Missa, parece que: *cui licet quod est plus, licet etiam quod est minus;* b) O sentido e a forma de algumas respostas exige que normalmente todo o povo responda. O ministro é substituto dêle. Onde pois o povo é capaz de responder, seria contra as regras mais simples manter o substituto; c) As rubricas do Missal supõem que é lícito os assistentes responderem ao sacerdote" (*ibid.*, 32-33). Dom T. Keller prova-o com textos do próprio "Ritus servandus in celebratione Missae" (cf. *ibid.*, 33-34).

242. Decreto "De coetu fidelium sacro adstantium...", *AAS* 14 (1922), 505.

243. *Missa Dialogada*, *op. cit.*, 34-42.

244. *Ibid.*, 41. Mais: "O povo gosta do terço em comum, das devoções, porque entende o que reza e porque é êle que reza e canta. Há pois compreensão e participação ativa. Porque não fazer tudo, trabalhar esforçadamente até achar os meios eficazes do povo compreender da mesma maneira a santa Missa, os textos litúrgicos mais importantes, e poder participar ativamente na celebração do Sacrifício?" (*loc. cit.*).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Brasil: debelar os inconvenientes, mas educar o povo para fazer da Missa a expressão máxima de sua própria religiosidade, numa participação realmente ativa, dialogando a Missa com o sacerdote. A Missa dialogada foi aceita no Concílio Plenário Brasileiro, graças a esta monografia. É sem dúvida um trabalho pioneiro também.

Conclusão

Concluindo este capítulo, nos vêm à mente as palavras de Dom Martinho Michler, na vigília de Pentecostes de 1938, falando do reavivamento do espírito litúrgico no seio do catolicismo brasileiro:

> "Nestes últimos anos, este ideal de vida cristã foi espalhado por leigos e sacerdotes, por meio de publicações, aulas, conferências, cursos catequéticos, semanas de estudos da Ação Católica, retiros, em vários Estados, no Sul, no Norte, no interior do Brasil".[345]

Falamos dos sete primeiros agentes do Movimento Litúrgico no Brasil: sete pioneiros que por primeiro prestaram valiosa colaboração na implantação e expansão deste Movimento.

Falamos do "nascimento" do Movimento Litúrgico no Brasil, sob paternidade de Dom Martinho Michler que, com sua própria vivência litúrgica e sua palavra, fez desabrochar no Brasil um novo espírito cristão pela participação ativa e consciente na vida íntima da Igreja, na e pela Liturgia. O grande surto de vocações religiosas é um dos frutos que de imediato evidencia o alto valor do espírito litúrgico pregado por Dom Martinho Michler em terras brasileiras.

Falamos do trabalho paciente de Dom Beda Keckeisen, oferecendo o instrumento preciosíssimo de participação na Missa, que é o Missal traduzido para o vernáculo. Dispensa qualquer atribuição de valor, pois o valor deste trabalho já é evidente em si, seja pela sua apresentação externa (excelente impressão, etc.), seja pela catequese litúrgica apresentada no interno do Missal, seja sobretudo pela indispensável colaboração que prestou para o desenvolvimento do Movimento Litúrgico iniciado com Dom Martinho Michler neste país.

Naturalmente, nem todos podiam dispor de imediato de um Missal, e nem todos estavam de imediato educados para o seu uso. Dom Polycarpo Amstalden, com a publicação do "Folheto Litúrgico", veio oportunamente auxiliar no superamento desta dificuldade inicial da pastoral litúrgica. Com esta publicação, além de auxiliar a milhares de fiéis na participação ativa e inteligente no Santo Sacrifício, auxiliou enormemente na educação para o uso do Missal e para a difusão do mesmo. Dom P. Amstalden foi, sem dúvida, uma "mão direita" de Dom Martinho Michler e Dom Beda Keckeisen na difusão do Movimento Litúrgico no Brasil.

245. MICHLER, M., O.S.B., "Prefácio" in: BEAUDUIN, L., O.S.B., *op. cit.*, 12. Dom Martinho atribui também a leigos o mérito de espalhar "este ideal de vida cristã". Realmente, basta notar o bom número de artigos da revista *Vida* (da AUC) e da revista *A Ordem* (do Centro Dom Vital) que falam de Liturgia, dos quais nos servimos abundantemente no correr deste trabalho. Também a estas revistas poderíamos atribuir justamente um certo pioneirismo na difusão dos ideais do Movimento Litúrgico no Brasil.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A Dom Hildebrando Martins coube o trabalho pioneiro de difundir logo de início o Ordinário da Missa, para facilitar a dialogação da Missa e a participação mais viva na mesma, sobretudo para os jovens da Ação Católica. Não só isso. Desde cedo tratou de difundir subsídios para auxiliar aos fiéis também na participação da oração oficial da Igreja, o Ofício Divino. As notas introdutórias às suas obras mostram muito bem o zelo de Dom H. Martins no sentido de levar os fiéis a participarem realmente da vida da Igreja, seja na Missa, seja na Oração Oficial da Igreja.

E a grande massa dos fiéis mais simples e mais pobres, daqueles que, talvez, dispunham apenas de formação cultural elementar? Ao encontro destes veio o franciscano Frei Henrique G. Trindade com o *Sigamos a Missa!*, ajudando-os, de uma maneira simples, a *"rezar a Missa"*.

É inegável a colaboração dada pela Primeira Pastoral do Bispo de Garanhuns, D. Mário de Miranda Vilas-Bôas, como reforço do Movimento Litúrgico no Brasil, que já contava com bem sete anos de florescente e frutuosa expansão na Igreja brasileira, principalmente através da Ação Católica.

Chegamos em 1939. Havia ainda dúvidas a respeito da conveniência e da liceidade da Missa dialogada.[246] Ela até corria o risco de ser vedada pelo Concílio Plenário Brasileiro (julho 1939), pois contava com adversários. Dom Tomaz Keller, com a bem documentada monografia *Missa Dialogada*, veio em sua defesa, esclarecendo a opinião dos Padres Conciliares. E, graças a Dom Tomaz Keller, a Missa dialogada não foi vedada pelo citado Concílio.[247]

Enfim, depois de termos visto neste capítulo os primeiros passos de difusão e expansão do Movimento Litúrgico no Brasil liderado pelos seus pioneiros, ainda nos vem uma observação final. Isto é, apesar do inegável esforço e da inegável intenção de levar a Liturgia às massas populares mais humildes,[248] o Movimento Litúrgico teve sua força maior e seu maior desenvolvimento no ambiente das elites nos inícios. Implantou-se no meio universitário e intelectual, e desenvolveu-se sobretudo nesse meio. Foi aí que o Movimento Litúrgico teve sua expansão inicial maior. E não faltou mesmo quem chamasse a atenção para o perigo do "exclusivismo, separatismo e aristocratismo errado": Dom Tomaz Keller.[249] É uma observação conclusiva que se pode tirar neste capítulo.

Veremos em seguida, em continuação, o Movimento Litúrgico em desenvolvimento e expansão, isto é, outros trabalhos e promoções que se seguiram na difusão do mesmo.

246. Cf. *Missa Dialogada*, *op. cit.*, 9.

247. Sobre isto trataremos mais detalhadamente ao abordarmos o Movimento Litúrgico Concílio Plenário Brasileiro.

248. Lembramos a contínua preocupação em instruir os fiéis a respeito do culto católico. Lembramos o esforço de Dom P. Amstalden e de Frei Henrique G. Trindade em servir as classes mais humildes do povo em geral. Lembramos as palavras de Dom T. Keller: "A santa Missa é... o sacrifício do povo assistente, interessa-lhe intimamente e deveria ser a expressão da sua religiosidade" (*Missa Dialogada*, *op. cit.*, 13). Lembramos os apelos e esforços — às vezes de maneira um tanto agressiva — de D. Vilas-Bôas no sentido de educar liturgicamente as massas populares.

249. *Missa Dialogada*, *op. cit.*, 30-32.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Capítulo II

O Movimento Litúrgico em Desenvolvimento no Brasil: outros trabalhos, obras e promoções (1933-1947)

Tendo considerado no primeiro capítulo os inícios do Movimento Litúrgico no Brasil, veremos agora como foram ampliados e levados adiante os ideais de promover uma participação mais consciente e ativa dos fiéis na Liturgia da Igreja. Em outras palavras, veremos que outras obras e promoções foram realizadas ampliando e continuando assim o trabalho iniciado pelos principais agentes pioneiros do Movimento Litúrgico no Brasil, de 1933 a 1947.

No entanto, antes de apresentar tal trabalho promocional, necessário se faz apresentar um fato anterior que explodiu com o advento do Movimento Litúrgico e seu desenvolvimento, e que constitui um forte fator de desenvolvimento do mesmo Movimento. Isto é, diante da grandeza da Liturgia que se descobria, percebe-se, com certa preocupação, a situação de ignorância geral e de alheamento dos fiéis em assuntos litúrgicos. A partir desta situação contrastante (grandeza da Liturgia — ignorância e alheamento dos fiéis), prossegue-se uma campanha suada no sentido de promover no Brasil os ideais do Movimento Litúrgico.

Abordaremos, portanto, primeiro o fato da tomada de consciência por parte dos liturgistas quanto à ignorância dos fiéis em matéria de Liturgia, para então passarmos ao trabalho promocional de ampliação e continuação do Movimento Litúrgico.

I. Com a descoberta da Liturgia, toma-se consciência mais forte sobre a ignorância geral do povo em matéria de Liturgia

Bem cedo se nota a tomada de consciência, por parte de pessoas e organizações empenhadas na difusão do Movimento Litúrgico, a respeito da ignorância geral do povo brasileiro em matéria de Liturgia. Neste sentido já havíamos anteriormente apontado para a Pastoral de D. Leme (1916) e para a Pastoral de D. José Pereira Alves (1923). Dom Beda Keckeisen também, em 1930, no seu primeiro "fascículo", faz notar o alheamento de tantas pessoas que não sabem o que fazer durante a Missa. O mesmo se diga com respeito à arte sacra em geral: Soares D'Azevedo no seu artigo

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Para um bom movimento litúrgico" (1922) e Mariz de Moraes no seu artigo "O mao gosto litúrgico no Brasil" (1932).[1]

A partir de 1933, com o advento do Movimento Litúrgico, esta consciência sobre a ignorância religiosa e litúrgica geral se torna mais aguda. O problema torna-se preocupante. Os próprios moços da AUC, com a "volta à Liturgia", olham estupefatos para si, para a ignorância em que eles mesmos anteriormente viviam.[2] Preocupados, olham para a falta de formação religiosa que ainda existe,[3] e para a pobreza, ignorância e mau gosto em torno da arte sacra em ambientes religiosos brasileiros.[4]

O Padre Carlos Ortiz, por exemplo, falando da "Oração no Corpo Mystico", diz:

> "O fiel de hoje, em regra, nada entende de sua communhão intima, organica e vital com a Igreja ou com o Corpo Mystico de Christo, e não conhece o sentido profundo e fértil da vida eucharistica e liturgica, para sustento da vida divina da graça. O anno liturgico se repete dezenas de vezes aos seus olhares displicentes, com toda a immensa significação dos symbolos e das realidades que encerra, e elle, pobrezinho, que nunca ouviu falar em liturgia, que nunca assistiu a uma prática nesse sentido, que não tem opportunidade de viver a vida liturgica do ciclo ecclesiastico, perde o melhor meio de reanimar sua fé, de afervorar-se, e edificar-se e santificar-se".[5]

O jornal *O Diário*, da Arquidiocese de Belo Horizonte, passa a dedicar páginas e páginas a esse problema. Fala do problema da ignorância da religião como sendo "o mais difundido e grave de todos os nossos males espirituais".[6] Como poderão "gostar das músicas sacras, simples, piedosas, os que nunca as ouviram"?. Como poderão gostar do canto gregoriano, se este nunca lhes foi ensinado?.[7] O sentido dos tempos do Ano Litúrgico é desconhecido.[8] Exemplo típico aparece nas celebrações da Semana Santa: a Missa de Pré-santificados (Sexta-feira Santa) tem pouquíssima freqüência, enquanto que para a procissão do Enterro aparecem milhares de assistentes; "as grandes solenidades da Semana Santa recebem muito impropriamente a designação de 'festas'", pois o povo dá mais importância às imponentes procissões do que à celebração meditativa dos Mistérios do Senhor. Como exclama *O Diário:*

> "É pena que não se penetre o symbolismo daquelas cerimônias, não se compreenda o seu sentido histórico, não se absorvam as lições espirituais que elas dão. É tão pequena a instrução religiosa" [10]

Na verdade, nota-se que a maioria dos fiéis vive presa apenas ao aspecto festivo e externo da religião, sem colorido litúrgico, caindo inclusive no ridículo da vaidade e do mau gosto.[11]

1. Cf. supra, p. 34-36 e 52.
2. Cf. ISNARD, C., "A volta à liturgia", *art. cit.*, 2.
3. Cf. PENNA, W., "O problema da piedade cristã", *Vida* nº 32 (nov 1936), 5-6; PARREIRAS HORTA, M., "O Ordinário da Missa", *Vida* nº 36 (ag. 1937), 5.
4. Cf. RIBEIRO ENOUT, P. O., "O canto na Liturgia", *Vida* nº 29 (ag. 1936), 10; *id.*, "Canto chão e musica popular", *Vida* nº 32 (nov. 1936), 10-11; *id.*, "Missa S. Sebastião", *Vida* nº 35 (junho 1937), 16; ISNARD, C., "Um consolo e uma punhalada", *Vida* nº 11 (fev. 1935), 6-7; *id.*, Arte católico burguesa", *Vida* nº 14 (maio 1935), 11; *id.*, "Estamparia religiosa", *Vida* nº 15 (junho 1935), 5; *id.*, "Um aperto e lágrimas", *Vida* nº 18 (set. 1935), 6-7.
5. ORTIZ, C., *O Christo Total*, São Paulo 1937, 90-91.
6. "Apostolado liturgico", *O Diário* 11-8-1935, 15; cf. *O Diário* 15-2-1935, 7. Os artigos citados deste jornal são todos publicados na sua secção "Vida Católica", dirigida pelo Pe. Álvaro Negromonte.
7. "Espirito liturgico", *O Diário* 12-4-1935, 7; "O canto na igreja", *O Diário* 22-12-1935, 5.
8. "Temporas", *O Diário* 15-3-1935, 7.
9. "Espirito liturgico", *art. cit.*; cf. "Procissões", *O Diário* 13-4-1935, 7.
10. "Não percamos o espirito", *O Diário* 14-4-1935, 15.
11. Cf. "As coroações de N. Senhora", *O Diário* 10-5-1935, 7; "As festas cristãs", *O Diário* 29-2-1944, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Na Missa, é comum encontrar-se pessoas completamente alheias ao que se passa no altar, por causa de sua ignorância:

> "Em atitudes indevotas e inconvenientes (perna sobre perna, ajoelhados em um joelho só, etc.). Qual a causa? ...a ignorância. Boa parte daquelas pessoas ignora o que seja uma missa. Além da exterior aparência do culto, ignoram também a augusta realidade de um sacrifício enorme, tremendo, augustissimo". [12]

Sem falar das missas de 7º dia que, para muitos, é um "ato puramente exterior, de mero significado social, como a coroa mortuária, a visita de pêsames ou o crepe preto na lapela". [13]

E as crianças? Estas acham a Missa comprida, enfadonha, porque não sabem o que se passa no altar. [14]

O desconhecimento do Missal é outro grande problema, que impede uma participação ativa e consciente na Missa. [15]

Sem falar ainda do mau gosto na ornamentação do altar:

> "Com suas toalhas alvas, seus longos cirios cercando o crucifixo, torna-se uma espécie de 'flora medicinal' quando não é reduzido a uma espécie de almoxarifado ou adega para guardar oleo, pedaços de vela, garrafas de vinho, etc". [16]

Enfim, a "turba multa" não sabe o que é oração litúrgica, [17] e "foi a imensurável ignorância da religião assim como ela deve ser, que nos trouxe tantos anos desligados da vida e do culto oficial da Igreja". [18]

São algumas informações que colhemos do jornal *O Diário*, que tenta pintar mais o ambiente mineiro no tocante ao problema em questão.

Voltemos ao Centro Dom Vital, para colhermos algumas informações também da revista *A Ordem*, onde se diz claramente que:

> "A grande maioria dos católicos vai à missa por obrigação, sem participar ativamente do santo sacrifício, ignorando o sentido dos seus ritos e orações, vendo nela uma cerimônia despida de significado, enfadonha por vezes. O uso do Missal é quasi sempre desconhecido, mesmo dos católicos mais sinceros e fervorosos". [19]

Numa palavra, "a maioria dos fiéis desconhece a Liturgia". As massas apostataram. Vemos um mundo cada vez mais afastado de Cristo, por causa da ignorância religiosa". [21]

> "O povo fiel se afastou da prática litúrgica e dos sacramentos, e da compreensão vital dos santos mistérios". [22]

12. "Missas de aquem e alem mar", *O Diário* 21-1-1937, 5.
13. "Missa de 7º dia", *O Diário* 30-10-1936, 6; cf. *O Diário* 16-12-1936, 5.
14. "Missa das crianças", *O Diário* 12-2-1942, 2.
15. "O livro de orações", *O Diário* 4-3-1937, 5.
16. *O Diário* 6-7-1945, 3; cf. neste mesmo sentido TRINDADE, H. G., O.F.M., *Aos pés do Senhor do Bonfim*, 2ª ed., Petrópolis 1945, 8-9.
17. "O povo e a missa", *O Diário* 13-11-1941, 2.
18. "Guia liturgico", *O Diário* 12-5-1941, 2.
19. ALVES RIBEIRO, F. (apreciação a PARSCH, P., *Para entender a Missa*, *op. cit.*), *A Ordem* 20 (dez. 1938), 640; cf. *id.*, "Ação Católica Universitária", *art. cit.*, 514.
20. "Um curso de A.C.", *A Ordem* 21 (jan. 1939), 105.
21. Cf. *A Ordem* 26 (ag. 1941), 167.
22. ALVES RIBEIRO, F. "Problemas da renovação espiritual cristã", *A Ordem* 36 (dez. 1946), 621. Interessante que ainda em 1946, Tristão de Athayde observa: "Não basta, porém, *ir á missa*. Olhar de longe para o que se passa no altar, sem saber ao certo o que ali se está passando. É desgraçadamente o que vemos cada dia. É o que faz das missas de sétimo dia, por exemplo, um dos mais lastimáveis espetáculos de descristianização das nossas famosas 'elites socials', que representam geralmente o que há de pior na sociedade atual. E não só das missas de sétimo dia, mas das próprias missas do domingo... E quanto maior a Festa, pior a assistência" (TRISTÃO DE ATHAYDE, "O Missal", *A Ordem* 36 (nov. 1946), 510).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Causa desta ignorância geral? Um tipo de religião intelectualista, moralista e apologética.[23] Sobre o moralismo, assim observa um tal Pe. Anselmo:

> "A Missa... é para a maior parte dos cristãos, um tesouro escondido, porque a homilia (quando se faz!) se prende geralmente a vícios locais ou a ralhos do altar para baixo".[24]

Pois bem, toda esta ignorância religiosa, sobretudo litúrgica,[25] levou a maioria dos fiéis a um tipo de religiosidade individualista, subjetivista e sentimentalista.

II. Dá-se conta de um tipo de religiosidade individualista, subjetivista e sentimentalista.

1) *Que se manifesta na arte sacra em geral*

A própria construção de nossas igrejas reflete e favorece mais a tendência ao antropocentrismo que ao cristocentrismo.[26] Mas o exagerado individualismo, subjetivismo e sentimentalismo religioso se manifesta, de maneira mais evidente, principalmente na música de nossas igrejas e na sua execução exibicionista. Como observa um acadêmico da AUC:

> Todas as manifestações de musica da Igreja, atualmente, que não sejam o canto-chão, não passam de manifestações de arte exibicionista as quais achariam ambiente mais apropriado nos teatros que nos templos, que se vêem transformados em salas de concerto onde se executam duas funções diversas: o padre reza a missa e uma conhecida cantora lirica entoa os tremolos de uma Ave-Maria; ha também um publico que não sabe para onde se voltar, si para a musica ou para a missa. Em geral volta-se para a musica não só porque desconhece completamente a sua função de participação objetiva no sacrificio, como tambem porque lhe parece mais comodo ficar ouvindo musica, dando redeas soltas ás suas emoções sentimentais".[27]

23. Cf. PRADO, N., "Vozes descontentes", *Vida* nº 19 (out. 1935), 16; ISNARD, C., "A volta à liturgia", *art. cit.*; PENNA, W., "A nossa luta", *Vida* nº 19 (out. 1935), 3-4; *id.*, "Instaurare omnia in Christo", *Vida* nº 27-28 (junho-julho 1936), 2; *id.*, "O problema da piedade cristã", *art. cit.*, 5; cf. apreciação a VONIER, A., O.S.B., *A nova e eterna aliança...*, Rio de Janeiro 1943, in: *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 470-471: "Realmente a formação de muitos cristãos ressente-se de uma dupla deficiência. De um lado, excetuados os rudimentos da doutrina cristã aprendidos no catecismo para a primeira comunhão, os seus conhecimentos religiosos resumem-se à apologética, a saber refutar um por um os ataques dos inimigos da Igreja. De outro lado a vida piedosa e espiritual, eivada de naturalismo sentimentalista e moralista, deixa muito a desejar". Com o advento do Movimento Litúrgico no Brasil, nota-se a necessidade da passagem de um nível apologético, moralista e intelectualista da religião, para um sentido vital da mesma (cf. "O jubileu do Sr. Amoroso Lima", *A Ordem* 31 (jan. fev. 1944), 145-146; cf. VILLAÇA, A. C., *op. cit.*, 144).

24. *REB* 4 (1944), 1023.

25. Não falamos das observações dos Bispos a este respeito. Trataremos posteriormente. Contudo, adiantamos a preocupação do Concílio Plenário Brasileiro (1939) a respeito. Relembramos a Pastoral de D. Vilas-Bôas (cf. supra, p. 67-70). Citamos a *Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica da Paraíba sobre a Fé, a Moral, o Apostolado e o Culto*, João Pessoa, 1941, 27-32; a *Primeira Carta Pastoral. Vida Cristã. Paróquia. Ação Católica*, do Bispo de Caicó, D. José de Medeiros Delgado, Rio de Janeiro 1941, 20-21; a *Carta Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Arcebispo Metropolitano de Belém do Pará, op. cit.*, a *Segunda Carta Pastoral de D. Frei Henrique G. Trindade O.F.M.*, Salvador 1944, 19; e a *Carta Pastoral de Saudação*, de D. Avelar B. Vilela, Bispo de Petrolina, 1946, 49.

26. Cf. ALVES RIBEIRO, F., "A propósito de arquitetura religiosa", *A Ordem* 27 (fev. 1942), 133-134.

27. RIBEIRO ENOUT, P. O., "O canto na liturgia", *art. cit.*, 10; id., "Canto chão e musica popular", *art. cit.*, 10; *id.*, "Missa S. Sebastião", *art. cit.*, 16: "É triste vêr-se um ato sobrenatural, místico, vital, de união objetiva entre Deus e o homem, sêr tratado em *andantinos* e *allegretos* em si bemol da inspiração subjetiva de um compositor, que não possue a modéstia necessária para impedi-lo de imiscuir seus sentimentalismos piégas e seus *snobs* contrapontos, em nome da arte, na missa, que é a arte, a beleza por excelência".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

E o jornal *O Diário* afirma que

> "entre nós, infelizmente, cantar na igreja é cousa... reservada a meia dúzia de senhoritas que ficam no coro, isoladas, sem comunicação com o resto do povo, cantando sozinhas, enquanto os fiéis rezam tranqüilamente as suas rezas, lêem os seus livros, desinteressados do que as 'cantoras' estão cantando".[28]

Os coros são pobres, mal preparados, com repertórios às vezes muito pouco religiosos. Como testemunha *O Diário:*

> "Musicas romanticas, canticos de letra duvidosa em melodias de modinhas, coisas antiquadas sob a condenação das prescrições eclesiasticas motetes sentimentais e coisas semelhantes são aí muito comuns"[29]

E o pior é que isso se tornou até mesmo um costume!

Ao lado do individualismo, subjetivismo e sentimentalismo religioso no chamado "mau gosto" da arte sacra em muitas igrejas do Brasil,[31] constata-se o mesmo na piedade dos fiéis.

2) *Que se manifesta na piedade dos fiéis*

"Perdemos o conceito de missa. Eis a dura realidade", exclama M. Parreiras Horta, que dá a razão deste fenômeno:

> "É que nós estamos no fim de uma civilização que mudou o seu centro de vida de Deus para o homem. Deu-se assim uma completa inversão de valores, e o homem passou a considerar não mais o caminho, a verdade e a vida absolutos, mas sim a sua propria moralzinha, apropriada ás ocasiões, as suas proprias idéias 'cientificas', e a propria maneira de viver a religião, docemente, sentimentalmente, e cheia de 'pensamentos' cristãos que não lhe abalem o conforto e o 'conceito' que é tido na burguesia"[32]

Dá-se conta, portanto, do problema do antropocentrismo do homem moderno. E uma das suas formas mais visíveis é exatamente o individualismo na piedade. A piedade havia-se desviado para o individualismo,[33] em que tantas pessoas se satisfazem apenas com orações e escritos dos homens "quase sempre cheios de sentimentalismo e subjetivismo, e vazios de realismo e objetividade".[34]

28. "Cantar na igreja", *O Diário* 12-5-1935, 15.
29. "Música religiosa", *O Diário* 10-3-1942, 2.
30. "Arte cristã", *O Diário* 18-11-1943, 2.
31. Relembramos, a respeito do mau gosto litúrgico, as observações críticas de Soares D'Azevedo, e sobretudo de Mariz de Moraes, que critica fortemente o mau gosto na execução do canto gregoriano, o mau gosto dos repertórios *românticos* de outras músicas na igreja, o mau gosto espalhafatoso na ornamentação das igrejas, o mau gosto (falta de originalidade, espírito de imitação) na construção dos templos, etc. (cf. supra, p. 35-36). Além disso, citamos as seguintes observações do Pe. Carlos Ortiz, que diz: " ..Mas não é o que sucede, desgraçadamente. Um mau gosto generalizado, de norte a sul, torna exceções entre nós as igrejas realmente educativas, construidas com arte sob exigências litúrgicas. Por toda parte, uma pobreza generalizada, em matéria de arte sacra. Altares trambolhos, arcados sob retábulos inexpressivos, dão mais a idéia de prateleiras, de suportes de castiçais, de jarras e de imagens, do que de autênticas mesas eucarísticas e sacrificais" (ORTIZ, C., "A nova ordem da vida paroquial", *REB* 1 (1941), 392). Quanto aos Bispos que se manifestaram a respeito, apenas relembramos a Pastoral de D. Vilas-Bôas (1938) e a Pastoral Coletiva dos Bispos da Paraíba (1941) (cf. supra, p. 78, nota 25); citamos ainda a *Circular do Cardeal Arcebispo de São Paulo e dos Bispos Sufragâneos ao Revmo. Clero Secular e Regular da Provincia*, São Paulo 1946, 10.
32. PARREIRAS HORTA, M., *art. cit.*, 5.
33. PENNA, W., "Teocentrismo", *Vida* nº 22 (jan. 1936), 2; *id.*, "O problema da piedade cristã", *art. cit.*, 5; cf. "O jubileu do Sr. Amoroso Lima", *art. cit.*, 145.
34. PENNA, W., "A oração liturgica. 'Ad fontes'", *Vida* nº 15 (junho 1935), 5. Aliás, uns anos antes, em 1930, A. Amoroso Lima já afirmava: "O que fez a scisão entre a inteligência e a fé, no Brasil, ...foi exatamente essa hypertrophia da affectividade religiosa, provocada pelo liberalismo do seculo passado e sobretudo pela ignorancia doutrinaria em materia de religião" (TRISTÃO DE ATHAYDE, "Apologetica e sociologia de H. de Tourvelle", *A Ordem* II [Nova Série] (1930), 22).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

As páginas de *O Diário* repisam seguidamente e com preocupação este problema profundamente enraizado na alma do povo brasileiro: "passamos a viver do sentimentalismo horrível de que não curaremos por muitos anos o Brasil".[35] Da ignorância, dela vem "essa religião sentimental, superficial, mesclada de heresias, de superstições, de extravagâncias, tão comum em nosso povo".[36] Sentimentalismo na abundância dos devocionários (livros de orações) com que os fiéis se entretêm no culto, alheios e sem saber o que acontece no altar.[37] Sentimentalismo "maricas e piegas"[38] de mãos dadas com um individualismo profundamente arraigado que dá toda a preferência ao "eu", esquecendo-se do "nós",[39] e que sem dúvida causa grandes dificuldades para o Movimento Litúrgico.[40]

3) *É preciso reagir*

Custe o que custar, é preciso reagir diante desta situação de ignorância manifestada visivelmente num tipo de religiosidade individualista, subjetivista e sentimentalista: é a consciência evidente tomada pelos adeptos do Movimento Litúrgico no Brasil. Aliás, neste sentido, já antes de 1933, A. Amoroso Lima, referindo-se à *A Ordem*, assim escrevia:

> "Um dos primeiros objetivos desta revista é acabar com os preconceitos da religiosidade sentimental ou symbolista [ ] fé não é apenas assumpto de mulheres, como se pensa normalmente, e sobretudo que não é apenas uma questão de arbitrio individual, de preferencia affectiva, de refugio e consolação".[41]

E Dom Tomaz Keller O.S.B., por sua vez, diz que o esforço que devemos empenhar para entender de novo a piedade da Igreja, "proteger-nos-á dum sentimentalismo e devocionalismo effeminados".[42]

É o dever a que se sentem obrigados os universitários da AUC através da revista *Vida:* "reagir contra a mentalidade acanhada do catolicismo burguês individualista"[43] e "dissolvente".[44] "É preciso restaurar a Liturgia",[45] "restabelecer a 'devoção' própria da Igreja de todos os séculos, por meio da Missa e do Breviário".[46]

35. "Guia litúrgico", *art. cit.*
36. "Apostolado litúrgico", *art. cit.*
37. Cf. "Participação na missa", *O Diário* 8-6-1935, 2; NEGROMONTE, A., "Um livro reformador", *O Diário* 11-4-1944, 2; "Movimento Litúrgico", *O Diário* 20-8-1944, 2; "O livro de orações", *art. cit.*
38. MACHADO, O., "A.C. e Formação II (Liturgia e Escolas Espirituais)", *O Diário* 2-6-1945, 2.
39. MATA MACHADO, E. de G. da, "Sentido lithurgico do Congresso Eucharistico", *O Diário* 6-9-1936, 4: "Nem a propria vida religiosa poude furtar-se á contaminação geral. O christão destacou-se praticamente do Corpo Mystico e passou a ter uma vida propria, divorciada da 'assembléia' dos crentes. Transformou-se em 'Pae Meu' o 'Padre Nosso' e Christo Mediador desappareceu das preces em comum. Para invocar-se Maria foi preciso forçar a saudação e dizer: 'Minha Nossa Senhora'. Tambem aqui, o individuo no centro de tudo, alvo e fim de todas as coisas. Como observou um publicista, 'perdeu-se o sentido da catholicidade', produzindo-se uma verdadeira 'agonia das massas christãs'". Cf. também "Vida Liturgica", *O Diário* 16-12-1941, 5.
40. NEGROMONTE, A., "'O espírito da Liturgia'", *O Diário* 16-12-1943, 2: "O individualismo tremendo em que temos sido formados, os erros acumulados da nossa cultura, o primado do sentimento sobre o pensamento, a perda de contacto com o social, etc., criam tropeços ao movimento litúrgico".
41. TRISTAO DE ATHAYDE, "Apologetica e sociologia de H. de Tourville", *art. cit.*, 22.
42. KELLER, T., O.S.B., "A Liturgia", *A Ordem* 10 (set. 1933), 661.
43. PRADO, N., *art. cit.*, 16.
44. RIBEIRO ENOUT, P. O., "O canto na Liturgia", *art. cit.*, 10.
45. PENNA, W., "O problema da piedade cristã", *art. cit.*, 6.
46. PARREIRAS HORTA, M., *art. cit.*, 15.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Nada de "sentimentalismo vago, inconcludente, nem pietismo de mera exterioridade", adverte o Pe. C. Santini. O que a Igreja quer

> "é que seus filhos sejam alimentados da *verdadeira e sólida religiosidade*, alicerçada sobre as verdades fundamentais de nossa religião; duma religiosidade que condiga plenamente com a nossa condição de criaturas, de servos, de filhos de Deus, de herdeiros do paraíso; duma religiosidade que nos conserve unidos a Deus, fonte de toda a vida" [47]

Ou, como já havia escrito o Pe. Carlos Ortiz:

> "Importa summamente restaurar, com o sentido do Christo Total, o sentido liturgico, si não quizermos privar as almas da 'fonte primaria e indispensavel do verdadeiro espirito cristão' (Motu proprio de Pio X, 22-11-1903)" [48]

Reagir! É o grito de alerta nas páginas de *O Diário:* promover urgentemente a formação litúrgica dos fiéis para fazê-los sair da acomodação do individualismo e sentimentalismo, e fazê-los entrar no coração da Igreja. Promover explicações da Missa. Promover o uso do Missal e ensinar o seu manuseio. Fazer o povo acompanhar a Missa, cantando e rezando *a* Missa. Dar às festas e procissões um sentido verdadeiramente cristão e eclesial. [49]

III. Busca-se então promover a expansão do Movimento Litúrgico para educar liturgicamente os fiéis

Instruir os fiéis e, instruídos, levá-los a uma participação sempre mais consciente e ativa no culto da Igreja, para maior glória de Deus e salvação dos homens: eis o trabalho ao qual o Movimento Litúrgico no Brasil se entrega de corpo e alma. Como?

1) *Através de publicações (livros e artigos)*

Um dos termômetros avaliativos do Movimento Litúrgico no Brasil foi sem dúvida o grande número de publicações feitas: traduções de livros e artigos para o português, livros e artigos escritos no Brasil mesmo, e publicações para servir diretamente ao culto.

a) Traduções

Praticamente ainda no início do Movimento Litúrgico no Brasil, a revista *A Ordem* já publicava em tradução portuguesa um texto de O. Casel O.S.B., sobre "O Ano Litúrgico". [50]

47. SANTINI, C., S.J., *Curso de Ação Católica*, Petrópolis 1938, 190.
48. ORTIZ, C., *O Christo Total, op. cit.*, 90.
49. "Espirito liturgico", *art. cit.*: "Faz-se necessaria uma campanha constante em favor da instrução liturgica do nosso povo"; cf. "Apostolado liturgico", *art. cit.*; "Viver a Liturgia", *O Diário* 18-8-1935, 15; "Viver a Missa", *O Diário* 25-8-1935, 7; "O povo e a missa", *art. cit.*; "Cantar na igreja", *art. cit.*: "Combatamos as devoções egoisticas. Destruamos os individualismos em todas as suas manifestações. As funções liturgicas são 'do povo', da assembleia como tál. 'Todos' devem tomar parte nellas"; cf. "O canto na igreja", *art. cit.*; Música religiosa"; *art. cit.*: "Trocar essas musicas sentimentais em passo de valsa. Abolir essas ladainhas saltitantes como fox. Acabar com as modinhas religiosas. Substituir todas essas melodias ordinarias por coisa decente e sobretudo conforme os desejos e ás ordens da Igreja"; cf. ainda "Procissões", *art. cit.*; "As festas cristãs", *art. cit.*: "Não vemos outro caminho: — contra as festas pagãs façamos festas cristãs — mas cristãs de verdade, como a Igreja quer"; cf. também "Tradições locais", *O Diário* 30-4-1942, 2; "A participação do santo sacrificio", *A Ordem* 16 (set. out. 1936), 264.
50. *A Ordem* 13 (abril 1935), 267-275. Cf. original alemão em: *Das christliche Kultmysterium*, Regensburg 1932, 116-130.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Logo em seguida, em 1936, a revista *Vida* publicou um texto do abade de Maria Laach, I. Herwegen O.S.B., sobre "A arte cristã e os mistérios".[51] Neste mesmo ano, a Editora Vozes de Petrópolis publicou *A Liturgia em uma lição. Dogma e ascese*, de J. Picart O.S.B.,[52] e o Mosteiro de S. Bento do Rio publicou, em tradução portuguesa feita por Dom Gerardo Martins O.S.B., a obra de P. Parsch, *Para entender a Missa*, com prefácio de Dom Tomaz Keller O.S.B.[53]

Para o ano de 1937 assinalamos a publicação feita por *A Ordem* da Carta Pastoral Coletiva do Episcopado Chileno, onde os Prelados daquele país chamavam a atenção para a necessidade de uma urgente renovação litúrgica, aprovando inclusive a Missa dialogada.[54] Assinalamos também a publicação bilíngüe (latim e português), feita pela revista *Vida*, de todo o texto da Anáfora da *Traditio Apostolica* de Hipólito de Roma, passando logo em seguida a considerar seus elementos em particular, para compreender o seu profundo significado e depois aplicar as conclusões na nossa missa atual.[55]

Um ano após, em 1938, dois artigos de B. Capelle O.S.B. são publicados na revista *A Ordem:* "A Liturgia, apoio da vida moral"[56] e "A Santa Sé e o Movimento Litúrgico".[57] Enquanto isso a Editora Vozes publicava, traduzido pelo Pe. Mathias Nijsters M.S.C., *O sacerdócio do fiel na Santa Missa*, do jesuíta Pe. Judeaux.[58] Mas a grande publicação deste ano foi feita pela "Lumen Christi" do Mosteiro de S. Bento do Rio. Trata-se da publicação de *Vida Litúrgica*, de L. Beauduin O.S.B., prefaciado por Dom Martinho Michler O.S.B.[59]

51. *Vida* nc 22 (jan. 1936), 13 (= tradução de H. Penido). Cf. original alemão em *Christliche Kunst und Mysterium*, Aschendorffs zeitgemässe Schriften 19, Münster 1929, 30-32.

52. Comentando brevemente a obra, *O Diário* diz que "embora um tanto concisa demais, dá ótimos ensinamentos de ordem geral e teórica" ("Meu livro de Liturgia", *O Diário 29-9-1938*, 5). Original francês da obra: *La liturgie en une leçon*, Maredsous 1912.

53. O livro é entusiasticamente apresentado por Henrique M. Penido aos universitários da AUC (cf. "Um livro sobre a Missa", *Vida* nº 34 (junho 1937), 16). É uma obra que vem em boa hora ao público brasileiro, como precioso auxílio para fazê-lo entender a Missa, tão desconhecida no Brasil (cf. *A Ordem* 20 (dez. 1938), 640-641). Conseguimos acesso à 2ª edição do original alemão da obra: *Lernet die Messe verstehen*, 2. Aufl., Klosterneuburg 1933.

54. "A Sagrada Liturgia e a Igreja", *A Ordem* 17 (fev. 1937), 85-95. Notamos que aí os Bispos chilenos desaprovam novenas e outras orações feitas publicamente durante a Missa (*ibid.*, 89). Este documento episcopal chileno foi citado por Dom T. Keller em *Missa Dialogada*, *op. cit.*, 41. O original espanhol do documento encontra-se também em *Revista Litúrgica Argentina* 13 (1937), 88-94.

55. PARREIRAS HORTA, M., *art. cit.*, 5-6 e 14-15.

56. *A Ordem* 19 (março 1938), 213-224. Original francês: "La Liturgie Soutien de la Vie Morale", in: *Prière liturgique et vie chrétienne*, Cours et Conférences des Semaines Liturgiques, tome X. Louvain 1932, 107-125.

57. *A Ordem* 19 (set. 1938), 515-526. Original francês: "Le Saint-Siège et le mouvement liturgique" in: *La vrai visage de la liturgie*, Cours et Conférences des Semaines Liturgiques, tome XIV. Mons 1937, 239-275.

58. A obra é brevemente comentada (apresentada) por TRISTÃO DE ATHAYDE no seu artigo "Liturgia", *A Ordem* 22 (ag. 1939), 183. Em 1945 apareceu uma 2ª edição deste "precioso livrinho" que muito contribui para que os fiéis descubram o seu "próprio papel na santa missa" (cf. Apreciação de C. de A., em *REB* 6 (1946), 234-235. Não conseguimos, até o momento, acesso ao original da obra.

59. A propósito da obra, Dom M. Michler diz no "Prefácio" que ela "é um documento impressionante de uma geração atormentada pela vida burguesa, liberal, vazia, mecanizada, dentro e fora do Cristianismo; é um grito enérgico de volta ao Cristo, que não conseguiu ser abafado nem pelos rumores da guerra" (*op. cit.*, 10). Encontramos um comentário da obra em *O Diário*, afirmando que ela "não é nada popular. No prefácio, D. M. Michler acentua que o livro 'é destinado a todos que refletem'. Mas são tão poucos!... Por isto mesmo não é um livro para o grande público" Destina-se — e com grandes vantagens — para o clero e para os círculos de estudos da Ação Católica ("Vida Litúrgica", *O Diário* 10-8-1938, 5). Na verdade, logo em seguida, em novembro do mesmo ano, *Vida Litúrgica*, classificado como "livro de ouro", era usado como base para um curso de Ação Católica na Matriz do Sagrado Coração de Jesus do Rio de Janeiro (cf. *A Ordem* 21 (jan. 1939), 105-106). Cf. também M. A. C., "'Vida Litúrgica'", *Vozes* 32 (1938), 741-742 e 813-817, onde o autor, após referir-se à ventura que teve em descobrir o tesouro imenso que é a Liturgia, apresenta com satisfação o livro de Beauduin, passando a simplesmente citar longos trechos da obra, "para dar uma idéia do todo e despertar nos leitores o desejo de saber mais". Original francês da obra: *La piété de l'Eglise*, Lovain 1914.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Para 1939, assinalamos primeiro a publicação, feita em *A Ordem*, de dois textos de P. Parsch, traduzidos de *Le Guide dans l'Année Liturgique:* "O rosário e a Liturgia"[60] e "A Liturgia do Natal".[61] Na mesma revista encontramos ainda um artigo do Cardeal Van Roey, "O mistério do sangue na economia da salvação".[62] É digno de nota o trabalho de *O Diário*, publicando a parte referente à Liturgia (Título X, art. 136-145) dos atos do V Concílio Provincial de Malines (Bélgica);[63] a recomendação do Cardeal Van Roey na última reunião dos Deões da Arquidiocese de Malines, a 17 de maio de 1938, quanto à vigilância de algumas prescrições relativas à ação litúrgica;[64] uma nota de R. Lesage, cerimoniário do Cardeal Arcebispo de Paris, publicada em *La Croix* de 13 de março de 1938 (segundo *O Diário*), "resumindo muitíssimo bem as regras a observar na prática da 'missa dialogada'";[65] e o *Memorandum* "corrigido e aprovado tanto por S. Emcia. o Sr. Cardeal Pizzardo, Prefeito da Congregação de Ação Católica, como por S. Emcia. o Cardeal Himsley", publicado pelo *Catholic Herald* de 24 de junho de 1938 (segundo *O Diário*), "determinando as relações necessárias entre a vida litúrgica dos fiéis e a Ação Católica", seguido de um comentário "autêntico" de D. M. Mc. Allgot, no mesmo número de *Catholic Herald*.[66] Ainda de 1939 é a publicação feita pela Vozes, do livro *"Minha" Missa*, de G. Grimaud;[67] e pela "Lumen Christi", de obras de grande valor como: *O Santo Sacrifício da Missa na tradição e em sua estrutura atual*, de Z. Korte, traduzido pelos Pes. Henrique Peters e Carlos Ortiz,[68] o livro *Vitória de*

60. *A Ordem* 21 (fev. 1939), 221-222. Temos também um resumo do artigo em "O Rosário e a Liturgia", *O Diário* 7-10-1941, 2. No original, pode ser encontrado em *Das Jahr des Heiles*, Klosterneuburger Liturgie-Kalender, 2. Band, Klosterneuburg 1930, 524-525. Não conseguimos acesso à versão francesa da obra.

61. *A Ordem* 22 (dez. 1939), 566-578. No original alemão, cf. *Das Jahr des Heiles*, *op. cit.*, 1. Band, 137-147.

62. *A Ordem* 21 (abril 1939), 398-419. Original francês: "Le mystère du sang dans l'économie du salut", *Collectanea Mechliniensia* 27 (1938), 573-593.

Há também um pequeno mas interessante artigo de A. C. Saeñz, "O perigo da liturgia", *A Ordem* 21 (jan. 1939), 101-102, a cujo original não nos foi possível acesso, até o momento.

63. "Diretivas episcopais para a Ação Litúrgica. Província Eclesiástica de Malines", *O Diário* 24-1-1939, 5. O texto original encontra-se em *Acta et decreta Concilii provincialis mechliniensis quinti. anno 1937 Mechliniae habiti*, Malines 1938, comentado amplamente por B. Capelle em *QLP* 23 (1938), 193-199, 261-269 e *QLP* 24 (1939), 3-10. O referido texto do Concílio pode ser encontrado em francês em *QLP* 23 (1938), 159-162.

64. "Diretivas episcopais para a Ação Litúrgica. Arquidiocese de Malines", *O Diário* 9-2-1939, 5. Publicado também em *A Ordem* 21 (maio 1939), 507-509. São recomendações *sobre a Missa dialogada*, louvável enquanto supuser assistentes realmente preparados para a mesma; *sobre a língua vulgar*, permitida só para a leitura da Epístola e Evangelho, proibindo-se na missa das crianças a recitação de orações não litúrgicas recitadas com elas em língua vulgar, incentivando sobretudo aos jovens o uso do Missal para acompanhar a Missa, permitindo-se também recitar outras orações ou entregar-se à meditação durante a Missa; *sobre os ornamentos sagrados*, permitindo-se apenas a forma romana tradicional e a forma gótica moderada de paramentos. Não nos foi possível, até o momento, acesso ao original da referida recomendação.

65. "Diretivas episcopais para a Ação Litúrgica. Arquidiocese de Paris", *O Legionário* 8-2-1939. Publicado também em *Unitas* (Arq. Porto Alegre) 28 (nov. dez. 1939), 325-327.

66. "Diretivas episcopais para a Ação Católica. Província Eclesiástica de Westminster". *O Diário* 15-2-1939, 5. Transcrito também em *A Ordem* 21 (março 1939), 328-331.

67. O tradutor é indicado apenas pelas iniciais M.M.J.M. Notamos também que em 1955 a obra obteve uma 3ª edição. Original francês: *"Ma" Messe*, Paris 1927.

68. Numa introdução a esta edição, feita pelos seus tradutores, o livro é considerado como "obra de fôlego..., um livro de pesquisa histórica, de erudicação teológica, de conhecimento litúrgico, de alta ascese, de profunda Mística" (*O Santo Sacrifício da Missa...*, *op. cit.*, 9). Exprime-se ainda a "certeza de que ela prestará o seu concurso ao renascimento litúrgico tão promissor, que vai se operando em nossa terra". E continua: "Confiando ao público 'O Santo Sacrifício da Missa', fazêmo-lo com a alma ao largo, quando pensamos que há tantos corações de apóstolos por êsse Brasil a dentro, empenhados numa tarefa surda e gigantesca de restauração litúrgica. É a eles, especialmente, que confiamos êste fruto de um trabalho penoso, que Deus fará frutificar" (*ibid.*, 10). *O Diário*, após falar do consolo que sente com o aparecimento de tantas obras sobre a Missa ultimamente, apresenta com satisfação a obra de Z. Korte, sugerindo que "devia ser o manual dos moços que se vão ordenar, para que não celebrem a Missa sem lhe conhecerem a razão das cerimônias". Sugere que seja lido pelo pessoal da Ação Católica, pelas Religiosas e por todos os "católicos esclarecidos, . para que cada vez mais se capacitassem do que é a Missa" ("Sobre a Missa", *O Diário* 26-4-1942, 2). Pessoalmente, constatamos que este livro serviu numa época de Manual para os estudantes de Teologia do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis. Do original da obra encontramos apenas uma edição bem posterior: *De Mis-liturgie*, Bussum 1949.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Cristo, do beneditino A. Vonier,[69] o livro *A ação litúrgica*, de P. Bayart,[70] *Cristo nosso irmão*, de K. Adam, e *Participação ativa na Missa*, de A. François O.S.B., que teve uma aceitação bem otimista nos meios católicos brasileiros como precioso auxílio para um sadio desenvolvimento do Movimento Litúrgico no Brasil.[71]

Assinalamos, em seguida, de 1941, a publicação do *Pequeno Catecismo da Primeira Comunhão*, de P. Parsch, traduzido e adaptado por Dom Tarcísio da Silva Ferreira, O.S.B., pela "Lumen Christi".[72] Deste mesmo ano, relembramos a publicação, traduzida e adaptada por Dom Beda, de *No Mistério de Cristo* (o Ciclo Temporal do Calendário Litúrgico) de P. Parsch.[73] A Tipografia do Mosteiro de S. Bento da Bahia entregou ainda ao público brasileiro, em tradução de G. de Olivieri, *As riquezas do Missal*, de J. Vagaggini, O.S.B. (do mosteiro de S. André, Bruges), prefaciado por Dom Tomaz Keller, O.S.B.[74] Citamos ainda a publicação de duas obras de A. Vonier, pela "Lumen Christi": *O Mistério da Igreja*, traduzido por Dom

69. Traduzida por Dom Joaquim de Luna, O.S.B., a obra é entusiasticamente comentada por A. Amoroso Lima em seu livro *Meditação sobre o mundo moderno*, *op. cit.*, 340-343 (= parte de um artigo seu — "Em Cristo" — que leva a data de 7-1-1940). A. Amoroso Lima classifica *Vitória de Cristo* como "uma lição incomparável do verdadeiro *otimismo cristão*" (*ibid.*, 342). Original inglês da obra: *The victory of Christ*, London 1934.

70. A obra é apresentada e comentada com grande otimismo por J. Marques de Oliveira, em "Ação Litúrgica", *A Ordem* 21 (abril 1939), 378-386. Original francês da obra: *L'action liturgique. Essai de directoire*, Paris 1933.

71. Este livro de A. François traz uma "Apresentação" de 2 páginas de Dom Beda Keckeisen O.S.B., que diz: " esta brochura vem confirmar a idéia expressa nas minhas últimas edições dos Missais Quotidiano e Dominical e do Ofício da Semana Santa, a saber: nos livros litúrgicos com o texto em latim e português as notas devem ser necessariamente concisas, e portanto reclamam outras publicações para interessar e auxiliar os católicos no uso dos mesmos e, com isso, na: PARTICIPAÇAO ATIVA NA MISSA. O presente livro corresponde bem a êste seu título. É uma iniciação prática, doutrinal e vital na participação à santa Missa e à vida da Igreja durante o ano eclesiástico" Em seguida, Dom B. Keckeisen fala brevemente da pessoa e do apostolado litúrgico do autor.

O Pe. A. Negromonte julga este livro, embora "em tão feita apresentação material", o mais oportuno para ajudar a aprofundar o sentido do Movimento Litúrgico e, conseqüentemente, para equilibrar as tensões que surgem em torno do mesmo: "é o livro de que estavamos precisados neste momento um tanto confuso do nosso incipiente movimento litúrgico..., é a melhor coisa que a coleção litúrgica dos monges beneditinos publicou..., é uma palavra moderada e justa no meio de umas discussões perturbadoras a que êle poderá por termo" (Movimento Litúrgico", *O Diário* 18-8-1939, 5). Original francês da obra: *Participation active* à la Messe, Louvain 1935.

Para a citada obra de K. Adam, cf. original alemão: *Christus unser Bruder*, Regensburg 1926. Cremos ser ainda interessante citar as palavras de D. Vilas-Bôas no 1º Congresso Eucaristico de Cajazeiras, neste ano de 1939, recomendando várias obras, algumas das quais nem mencionamos ainda. Diz ele: "Mil graças a Deus, já contamos, no Brasil, com um promissor inicio de literatura liturgica. Estão aparecendo, de quando em vez, uns livrinhos preciosos de bôa e segura doutrina litúrgica destinados a preparar as almas para a vida liturgica que devem viver sob pena de não viverem a vida cristã. A título de ilustração mencionarei, apenas: — 'Para entender a Missa' de Pius Parch; — 'Meu livro de Liturgia', de Hilario Wijten; — 'A minha Missa', de Grimaud; — 'Vida Liturgica', de Dom Lamberto; — 'A Missa e a vida interior', de Dom Bernardo de Vasconcelos, etc. etc. etc. Todos estes livros, vertidos para o vernaculo, têm feição popular. Para as almas desejosas de perfeição e de maior penetração no espirito liturgico, aí estão os livros admiraveis, riquissimos de espiritualidade genuinamente cristã, de Dom Chautard, 'A alma de todo apostolado' —, e os de Dom Marmion, 'Jesus Cristo, a vida da alma' e 'Jesus Cristo nos seus mistérios', e ainda essas duas jóias, 'Deus em nós' e 'Em Cristo Jesus', do Padre Plus" (VILAS-BOAS, M. M., "A Santa Missa — centro da vida cristã", *art. cit.*, 104-105; ou, *Sermões e Discursos de Dom Mário.*, *op. cit.*, 33). Conhecida também no Brasil é a obra de G. Lefebvre, O.S.B., *Liturgia. Principios Fundamentais*, editada em Braga, da qual dispusemos apenas da 2ª edição, de 1939.

72. Não nos foi possivel, até o momento, identificar a obra no seu título original.

73. Cf. supra, p. 58, nota 141. O volume é acolhido com grande satisfação nos meios do Centro Dom Vital, como "mais uma dádiva que ficamos a dever, ao lado do 'Missal Quotidiano', a Dom Beda.." (cf. *A Ordem* 26 (julho 1941), 79-81).

74. Diz Dom T. Keller que *As riquezas do Missal* "é ótimo auxiliar para a compreensão e inteligência" dos textos do Missal. "Mostra que são de fato a expressão de toda a Vida cristã, de todas as atitudes, alegrias e preocupações. Faz ver como, desta fórma, são uma escola bem tradicional e venerável das virtudes, da ascese, da perfeição cristã. A tradutora prestou um serviço bem grande à causa do Missal" (*As riquezas do Missal*, *op. cit.*, 8). Ou, como diz H. F H., fazendo a apreciação da obra: "O livro será um valioso auxiliar do apostolado litúrgico e está destinado a derramar nova luz sobre o sublime mistério eucarístico, despertando nas almas uma ânsia imensa de 'viver a Santa Missa'" (*REB* 3 (1943), 266).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Paulo Gordan, O.S.B.[75] e *Espírito Cristão*, traduzido por Dom Joaquim G. de Luna O.S.B., com prefácio de Dom Tomaz Keller O.S.B.[76]

Digno de ressaltar é a publicação de uma grande série de textos dos Santos Padres, precedidos sempre de notas explicativas, feita por *A Ordem* a partir de 1941, oferecendo assim aos leitores, impossibilitados de se achegarem aos textos originais, fundamentos orientativos assegurados na tradição patrística para o desenvolvimento e melhor compreensão do espírito do Movimento Litúrgico no Brasil. Como explica *A Ordem:* "É este o sentido do trabalho da Ação Católica e do movimento litúrgico: da volta aos Santos Padres e aos textos sagrados".[77]

Para o ano de 1942, destacaríamos *A essência do Catolicismo*, de K. Adam, traduzido por Tasso da Silveira, e publicado pela Editora Vozes.[78] Relembramos a obra *Testemunhas de Cristo* (o Ciclo Santoral do Calendário Litúrgico) de P. Parsch, publicado sob a direção de Dom Beda Keckeisen,

75. F. Alves Ribeiro chama a obra de "livro digno do maior interesse, tanto pelo seu conteúdo, forte e bem estruturado, como pela bôa feição gráfica e artística que lhe deu a *'Lumen Christi'*" ("Vonier e o mistério da Igreja", *A Ordem* 26 (nov. 1941), 413). Outro diz que é "um belo livro, que edifica" (Martinho L. (= Apreciação), *REB* 1 (1941), 935). Pudemos até o momento apenas identificar uma versão alemã da obra: *Das Mysterium der Kirche*, Salzburg 1934.

76. Original inglês da obra: *The Christian Mind*, London-St. Louis 1920.

77. "Epístolas de Santo Inácio aos Magnesios e aos Tralianos", *A Ordem* 31 (junho 1944). E explica o sentido desta volta: "Estes movimentos, entretanto, não preparam simplesmente uma volta ao espírito da cristandade primitiva..., mas, antes, testemunham a presença, na Igreja de hoje, do mesmo Espírito de Pentecostes e ainda constituem uma antecipação da vida futura, pois neles somos conformados ao Cristo: Via, Veritas et Vita. Isto de modo singular e eminente na Santa Liturgia: vida e didascália da Igreja, onde temos a Ação por excelência: fonte da graça e do agir cristão e onde se pronuncia continuamente o Verbo de Deus" (*ibid.*, 487-488).

Damos a seguir a lista destas publicações presentes em *A Ordem:* "Santos Padres", *A Ordem* 26 (julho 1941), onde, após explicar o sentido do nome "Santos Padres" e o porquê destas publicações, passa a publicar os cap. 59 e 61 de São Clemente aos Coríntios (*ibid.*, 54-56). Segue então: "Epístola a Diogneto", *ibid.* (ag. 1941), 141-159; "Epístola de Santo Inácio aos romanos", *ibid.* (set. 1941), 211-226; "Martírio de S. Policarpo", *ibid.* (out. 1941), 335-350; "São Cipriano — 'De mortalitate'", *ibid.* (nov. 1941), 419-442; "Doutrina dos doze Apóstolos", *id.* 27 (jan. 1942), 52-67; "Epístola de Inácio a Policarpo", *ibid.* (fev. 1942), 149-160; "Homilia de São Basílio sobre o jejum", *ibid.* (março 1942), 245-263; "I e II Catequeses Mistagógicas de S. Cirilo de Jerusalém", *ibid.* (abril 1942), 342-361; "'As boas obras e a esmola', de S. Cipriano", *ibid.* (maio 1942), 423-449; "Santo Irineu, Bispo e Mártir", *ibid.* (junho 1942), 522-548 (com tradução de trechos do *Adversus Haereses*); "S. Justino — Diálogo com Trifão (Prólogo), *id.*, 28 (julho 1942), 42-62; "Sermão de São Leão Magno sobre a Transfiguração", *ibid.* (ag. 1942), 155-167; "IV[a] e V[a] catequeses mistagógicas de S. Cirilo de Jerusalém", *ibid.* (set. 1942), 241-256; "A oração dominical — S. Cipriano", *ibid.* (out. 1942), 316-348; "Epístola de Santo Inácio aos Efésios", *ibid.* (nov. 1942), 449-470; "Apologia II de S. Justino", *id.* 29 (jan. 1943), 59-73 e *ibid.* (fev. 1943), 166-176); "Carta de S. Policarpo, bispo de Smirna e mártir, aos filipenses", *ibid.* (março 1943), 238-249; "Sermão de São Leão Magno sobre a paixão do Senhor (Sermão LVII)", *ibid.* (abril 1943), 339-351; "S. Gregorio Nazianzeno — Sermão sôbre a Páscoa", *ibid.* (maio 1943), 385-397; "S. Clemente Romano, I Epístola aos Coríntios", *ibid. (junho* 1943), 399-526 e *id* 30 (ag. 1943), 155-209; "Epístolas de Santo Inácio aos Filadelfos e aos Esmirneus", *ibid.* (set. 1943), 268-287; "Homilia do II século", *ibid.* (dez. 1943), 562-581; "São Cipriano — O bem da paciência", *id.* 31 (jan. fev. 1944), 120-144; "São Leão Magno, Papa — Sermão IV sobre o jejum da Quaresma", *ibid.* (março 1944), 187-202; "Epístola de Santo Inácio aos Magnésios e aos Tralianos", *art. cit.*, 476-497; "Santo Ambrósio. Em louvor da virgindade", *id.*, 32 (julho 1944), 25-43; "A Paula, sôbre a morte de Blesila", *ibid.* (texto de S. Jerônimo), *ibid.* (ag. 1944), 134-158; "Santo Agostinho, 'Tractatus' XXVI sobre o Evangelho de São João", *ibid.* (out. 1944), 295-304 e *ibid.* (nov. dez. 1944), 495-504; "São Cipriano — 'Sobre a conduta das Vírgens'", *id.* 33 (jan. 1945), 26-49; "Homilia de S. Basílio sobre o Salmo I", *ibid.* (fev. 1945), 126-145; "Santo Agostinho — Dois Sermões sobre Marta e Maria", *ibid.* (abril 1945), 294-316; "Elogio fúnebre de Fabíola" (texto de S. Jerônimo), *ibid.* (maio 1945), 382-407; "Textos de Santo Irineu sôbre a Eucaristia" (de *Adversus Haereses*), *ibid.* (junho 1945) 490-513; "'Tractatus' III de Santo Agostinho sobre a I Epístola de São João", *id.* 34 (jul. ag. 1945) 37-56; "II Concílio de Orange (529)", *ibid.* (set. 1945), 225-244; "Um Sermão de S. Paulino de Nola", *ibid.* (dez. 1945), 490-511); "Homilia de São Basílio, Bispo de Cesaréia sobre a Ação de Graças", *id.* 35 (jan. fev. 1946), 71-88; "Sôbre o Espírito Santo e a imitação de Cristo, por São Basílio (do livro 'sobre o Esp. Sto.', cap. IX e XV)", *ibid.* (março abril 1946), 215-223; "Epístola de São Paulino de Nola a Sulpício Severo", *ibid.* (maio junho 1946), 592-612; "Homilia de São Leão Magno sobre os graus de ascensão à bem aventurança", *id.* 36 (ag. set. 1946), 219-232; "Homilia de São Basílio Magno sobre o Salmo 44", *ibid.* (out. 1946), 78-96; "Epístola de São Cipriano a Cecílio (Ep. LXIII)", *ibid.* (nov. 1946), 479-495.

78. Em apreciação desta obra feita por T. B., testemunha-se que K. Adam é muito lido no Brasil. Suas obras fazem realmente sucesso (cf. *REB* 2 (1942), 557). Original alemão da obra: *Das Wesen des Katholizismus*, Düsseldorf 1927.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pela Tipografia do Mosteiro de S. Bento da Bahia.[79] Relembramos também a obra *No Deus Vivo e Verdadeiro. Pequena Teologia Dogmática para leigos*, de L. Rudloff, publicada por Dom Beda Keckeisen.[80] Digna de nota é a publicação, feita pela "Lumen Christi", de *A Nova e Eterna Aliança ou o Catolicismo Clássico*, de A. Vonier O.S.B., traduzido por Dom Joaquim G. de Luna O.S.B., obra que foi acolhida com grande simpatia pelos adeptos do Movimento Litúrgico no Brasil.[81]

Em 1943, aparece no Brasil a publicação, feita pela Stella Editora, de *Cristo em nossos caminhos*, do jesuíta F. Desplanques.[82] E *A Ordem* publica o interessante artigo "A missa dominical torna-se 'falada'", do jesuíta G. Ellard[83] e, do mesmo autor, *O Diário* publica o artigo "Que é movimento litúrgico?",[84] após ter publicado também todo o *Motu proprio* de Pio X, de 1903, atendendo a inúmeros pedidos dos leitores, e buscando colaborar com o movimento insistente de restabelecer "a música e o canto condignos da casa de Deus".[85] Mas a grande publicação deste ano foi feita pela "Lumen Christi": em tradução de F. Alves Ribeiro, saiu *O Espírito da Liturgia*, de R. Guardini.[86]

79. Cf. supra, p. 58, nota 141. Cumpre-nos acrescentar ainda os melhores elogios dados por P. A. Oliveira ao trabalho benemérito de Dom Beda, em geral, e particularmente à publicação portuguesa de *Le Guide dans l'Année Liturgique* (cf. *REB* 4 (1944), 409-501).

80. A obra que, na edição alemã, intitula-se *Kleine Laiendogmatik* (Regensburg 1934) e que nas edições sucessivas em português (2ª edição: 1945...; 4ª edição: 1960) passou a intitular-se simplesmente *Pequena Teologia Dogmática*, a certa altura, após mostrar que a Igreja continua sua obra de santificação "principalmente pela celebração da 'Liturgia', isto é, do Culto que a Igreja, na qualidade de Corpo Místico em união com sua cabeça, o Cristo, celebra em seu nome e por sua ordem como representação permanente e atualização (re-presentação) do Mistério da Redenção" (*op. cit.*, ed. 1942, 117), e após mostrar o Sacramento do Altar como o centro de todos os Sacramentos, como "o ponto culminante da vida cristã e, num certo sentido, todo o conteúdo do Cristianismo" (*ibid.*, 138), insiste na participação ativa do fiel na Santa Missa como "co-sacrificador", em vista do sacerdócio geral recebido no Batismo, sendo a Comunhão o grande meio de participação no Sacrifício de Cristo (cf. *ibid.*, 138-150). Isso mostra a importância da obra para ajudar o desenvolvimento do Movimento Litúrgico no Brasil.

81. O volume inicia com alguns interessantes dados biográficos sobre A. Vonier, elaborados pelo tradutor (cf. *A Nova e Eterna Aliança*..., 5-9). *A Ordem* refere-se à obra, elogiando-a por saber bem reagir contra um tipo de atitude católica acostumada a uma mera apologética ou a uma piedade "eivada de naturalismo sentimentalista e moralista". E continua: "É contra esse estado de coisas que procuram reagir livros fortes como o de Dom Vonier, que não é apenas um repertório de suspiros sentimentais e bombons espirituais sem uma sólida base mística, dogmática e moral, mas, como o título o indica, uma obra destinada a pôr em evidência os elementos 'clássicos' e permanentes do catolicismo. Uma obra, em suma, capaz de dar à nossa piedade a estrutura doutrinária forte de que ela necessita — não apenas alguns elementos moralistas, mas os elementos dogmáticos e morais de uma vida cristã integral" (*A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 471). Original inglês da obra: *The New and Eternal Convenant*, London 1930.

82. Não nos foi possível, até o momento, identificar o original da obra.

83. *A Ordem* 30 (dez. 1943), 582-586. Não conseguimos acesso direto ao original do artigo. Segundo indicação de *A Ordem*, é traduzido de *Catholic Digest* (junho 1943) (= condensação de artigo publicado em *Epistle* (primavera de 1943). Anexamos a este um artigo do Arcebispo de Baltimore e Washington, M. J. Curley, "Sobre a missa dialogada", *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 436-439. Trata-se do Prefácio ao livro de G. Ellard S.J., *The Dialog Mass*, New York-Toronto 1942. *A Ordem*, numa pequena introdução a este artigo, diz: "Inútil frisar a importância desse documento emanado de tão alta autoridade da Igreja norte-americana. Quem o lêr haverá de senti-lo por si mesmo" ("Sobre a missa dialogada", *art. cit.*, 436).

84. *O Diário* 31-12-1943, 2. Original até o momento por nós não identificado.

85. *O Diário* 5-11-1943, 2; *id.* 7-11-1943, 2; *id.* 9-11-1943, 2. Para o original do *Motu proprio*, cf. *ASS* 36 (1903-1904, 329-339).

86. O Pe. A. Negromonte vê a obra com grande otimismo. Diz que, por seus "argumentos tranqüilos e claros, ...acessíveis", com "moderação", "equilíbrio", "serenidade", "segurança" e "profundeza", poderá auxiliar enormemente o Movimento Litúrgico no Brasil, no sentido de ajudar a superar o grande problema do individualismo na piedade dos católicos ("'O espírito da Liturgia'", *O Diário* 16-12-1943, 2).

Por outro lado, da parte do redator da *REB*, Frei Thomaz Borgmeier O.F.M., a obra é apresentada com certas reservas. Após dar breves dados biográficos de R. Guardini, e apresentar um resumo da obra citada, diz Frei Thomaz: "Há páginas brilhantes que empolgam, pensamentos originais que deleitam. Mas há também formulações infelizes, generalizações descabidas e afirmações arrojadas que surpreendem e chocam, principalmente quando consideradas à luz da recente encíclica *Mystici Corporis Christi*. Nem todos hão de concordar com o autor quando escreve: 'A Igreja sempre considerou com profunda desconfiança tôda concepção moralizante da verdade, do dogma' (p. 110); e à pág. 112: 'Daí o fato de ela (a liturgia) buscar tão pouco a formação moral imediata e o ensino da virtude'. Ou quando afirma peremptòriamente, depois de ter falado da 'mentalidade verdadeiramente católica': 'E deixemos que se diga que em muitos pontos o catolicismo é *retrógrado*, em

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Um ano após, em 1944, outro livro de F. Desplanques saía do prelo: *A Missa daqueles que não são padres. O ordinário da Missa e... o ordinário da vida*, em tradução de Emiliana Magalhães. Foi a Vozes que o pubicou, sendo comentado como obra "esplêndida" destinada a produzir os melhores frutos, sobretudo para os leigos.[87] A mesma Editora publicou ainda, do Jesuíta R. Plus, traduzido por M. A. Machado da Silva, o livro *A Eucaristia*[88] e também, do mesmo autor, em tradução de A. A. A. Zioni, a obra *A Santidade Católica*, elogiada pelo seu alto valor: trata-se de uma "obra interessante, elevada e incentivadora da verdadeira piedade", como tantas outras saídas da pena do Pe. Plus.[89] Convém lembrar aqui também a publicação do artigo do jesuíta P. Doncoeur, "Retorno à liturgia viva da missa".[90]

Em 1945, a Editora Agir de Belo Horizonte publicava o livro *Introdução à Liturgia*, do leigo A. W. de Reyna, traduzido do espanhol por O. Mendes.[91]

Temos também um artigo do Arcebispo de Bordéus, M. Feltin, intitulado "Renovação da liturgia paroquial".[92]

E lembramos, enfim, o conhecimento que se teve das obras de C. Marmion. Por exemplo, para os Assistentes eclesiásticos de Ação Católica no Brasil, publicou-se um artigo intitulado "'E o Verbo se fez carne'",[93] e a *REB* publicou, de A. Gemelli O.F.M., um artigo exatamente sobre C. Marmion, intitulado "Um Mestre de Vida Interior".[94]

relação a outras confissões religiosas' Formulações deste jaez impressionam e prejudicam o Movimento Litúrgico" (*REB* 4 (1944), 501).

Original alemão da obra: *Vom Geist der Liturgie*, Col. "Ecclesia Orans" 1, Maria Laach 1918; publicado também pela Herder, Freiburg i. Breisgau 1922.

87. Cf. recensão feita por Frei João José P. de Castro, O.F.M., em *REB* 4 (1944), 504-505. "Cada ano se vai aumentando a preciosa literatura já existente" sobre o Sacrifício da Missa, escreve Frei João José, ressaltando a "aplicação eminentemente prática das teses já desenvolvidas profundamente em outros tratados teológicos e teológico-ascéticos" do autor de *A Missa daqueles que não são padres*. Escreve Frei João José que, através desta obra, "o fiel aprende a concelebrar, a oferecer-se ao Deus imenso no auge da unção que deve cercar o altar, a unir-se do modo mais estreito com Deus pela Sagrada Comunhão... Propagar amplamente o novo livro... é ato e obra de verdadeiro apostolado eucarístico e litúrgico. É simplesmente incalculável o bem que estas páginas, vivas e suculentas, estão talhadas a fazer entre os fiéis" *(loc. cit.)*. Em 1950 saiu a 2ª edição da obra e, em 1962, a 3ª edição, o que indica que teve realmente boa aceitação. Original francês da obra: *La Messe de ceux qui ne sont pas prêtres. L'ordinaire de la Messe et. l'ordinaire de la vie. Méditations*, Paris 1938.

Muito conhecido também no Brasil é o *Curso de Liturgia Romana*, de A. Coelho, O.S.B., publicado em Braga, vivamente recomendado aos seminaristas e sacerdotes brasileiros (cf. *REB* 2 (1942), 811; *REB* 4 (1944), 1022-1023).

88. Em apreciação feita por N. N., diz-se que *A Eucaristia* "é um volume que não deverá faltar nas mãos de nossos católicos", pela sua importância como livro esclarecedor, orientador e incentivador no bom "conhecimento e real interpretação do sublime mistério da Hóstia consagrada", principalmente em épocas difíceis para as lides apostólicas (*REB* 4 (1944), 1030). Original francês da obra: *L'Eucharistie*, Paris 1931.

89. Cf. Apreciação de P. C. Mendes, *REB* 4 (1944), 777. Original francês da obra: *La sainteté catholique*, Paris 1928.

90. *A Ordem* 31 (março 1944), 215-226. Original francês: "Retours vers une liturgie vivante de la Messe", *Études* 234 (1938), 234-247. Acrescentaríamos ainda, do jesuíta V. Honnay, o artigo intitulado "Liturgia", publicado em *O Diário* 18-8-1944, 2, cujo original não pudemos identificar até o momento.

91. P. C. Mendes, em apreciação a uma reedição da obra, feita no Rio, não mostra muito entusiasmo por ela: primeiro, por ser um livro escrito por um leigo; segundo, não condivide com algumas de suas idéias; terceiro, não concorda com a estrutura da obra. E conclui: "Sua leitura não é necessária, mas pode ser útil e, para quem tem gosto literário, é interessante" (*REB* 7 (1947), 231-232). Não identificamos até o momento o título original da obra.

92. *A Ordem* 36 (out. 1946), 106-107. Segundo indicação de *A Ordem*, o artigo foi traduzido de *Fêtes et Saison* 5, Du Cerf, Paris, 1942. Não conseguimos acesso ao original.

93. *Rev. Ass. Ecl.* nº 2 (1947), 7-26. Para o original francês deste artigo, cf. MARMION, C., "'...et le Verbe s'est fait chair", in: *id.*, *Le Christ dans ses Mystères*, 3e. éd., Abbaye de Maredsous, 1919, 75-96.

94. *REB* 7 (1947), 817-831. Original italiano do artigo: "Un maestro della vita interiore", *Vita e Pensiero* 30 (fev. 1947), 66-74.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Estas informações já nos dão-uma idéia da grande abundância de literatura litúrgica estrangeira, sobretudo européia, que se espalhou pelo Brasil neste período anterior a 1947, como orientação e incentivo do Movimento Litúrgico que aí se desenvolvia. Trata-se sem dúvida de uma enorme riqueza, ajudando o clero e os fiéis brasileiros a um melhor conhecimento e melhor vivência da Liturgia. Vejamos em seguida alguns dos principais livros e artigos escritos no Brasil mesmo, no sentido de promover a vida litúrgica.

b) Artigos e livros escritos no Brasil

Sem repetir a maioria dos artigos brasileiros já supracitados — pois eles não se restringem apenas ao lado negativo da situação litúrgica no Brasil, mas procuram realmente esclarecer e orientar também positivamente os leitores sobre a Liturgia —, passemos a elencar uma série de outros artigos e livros escritos no Brasil mesmo sobre a Liturgia e o Movimento Litúrgico.

Inicialmente, temos um artigo do beneditino B. Ebel, "Encontro com Deus e dos homens na liturgia da Semana Santa",[95] sem também esquecer, de Dom Tomaz Keller O.S.B., "A Liturgia",[96] "Visão sobrenatural do universo",[97] "Missa e sacramentos, actos de religião por excellencia",[98] "O Matrimônio",[99] "O papel do caráter sacramental na recepção dos sacramentos e na participação do Sacrifício da Missa".[100] a conhecida monografia *Missa Dialogada*, e o importante artigo "Proíbe o Concílio Plenário Brasileiro a Missa Dialogada?"[101]

Contamos também com os artigos do beneditino L. Lumini, "O mysterio de Christo na Liturgia"[102] e "Teologia e Liturgia",[103] incitando o leitor a participar da Páscoa do Senhor presente na Liturgia da Igreja. De L. Lumini ainda é o livro *O Mistério de Cristo. Tempo Litúrgico do Natal. Considerações sobre o texto do Missal*, publicado pela Editora Vozes em 1935.[104]

Um ano após, em 1936, contamos com a publicação de *A Mediação de Christo na Liturgia*, do franciscano M. Kohnen, feita também pela Vozes.[105] Além disso, contamos com o artigo de C. A. Rego Monteiro, "Templos para a idade nova", onde busca mostrar que as construções de igrejas devem

95. *A Ordem* 9 (maio junho 1933), 379-389.
96. *A Ordem* 10 (set. out. 1933), 658-661, com a seguinte divisão: 1) Sobre o Movimento Litúrgico; 2) Que é Liturgia; 3) A importância da Liturgia; 4) Prerrogativas da Liturgia; 5) Necessidade do Movimento Litúrgico.
97. *Vida* nº 35 (julho 1935), 2-5.
98. *A Ordem* 14 (out. 1935), 307-314.
99. *A Ordem* 18 (ag. 1937), 101-110, considerando este sacramento como "Sacramentum Magnum in Christo et in Ecclesia".
100. *A Ordem* 22 (nov. 1939), 426-460.
101. *REB* 1 (1941), 545-551.
102. *A Ordem* 13 (maio 1935), 355-371.
103. *A Ordem* 25 (junho 1941), 495-509.
104. Num capítulo preliminar ("Estudos preliminares"), apresenta um estudo sobre "O Mistério de Cristo na Liturgia", já anteriormente publicado (cf. supra, nota 102); depois, nos capítulos seguintes, aborda-se "A cristologia de São Paulo" e "O Mistério de Cristo no tempo litúrgico do Natal".
105. "Trata-se de um estudo dos problemas básicos da vida cristã, que voltam, felizmente, a interessar os católicos" ("A mediação de Cristo na Liturgia", *Vida* nº 36 (ag. 1937), 15; cf. ainda referência em *O Diário* 29-9-1938, 5). A obra aborda três pontos chaves: 1) Jesus Cristo, Chefe e Cabeça do Corpo Místico; 2) Nosso Medianeiro: Deus e homem; 3) A mediação de Cristo na Liturgia: Que é Liturgia?: a) Cristo, nosso medianeiro; b) Cristo, nosso sumo sacerdote; c) Cristo, nosso liturgo; d) Cristo, nosso liturgo na Liturgia; e) Cristo, nosso liturgo na Liturgia da Santa Missa; f) Cristo, nosso liturgo na Liturgia das orações; g) Cristo, nosso medianeiro junto a Deus; h) Cristo, nosso medianeiro junto à SS. Trindade; i) Cristo, nosso medianeiro junto ao Pai; j) Nosso medianeiro: Senhor e Juiz.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ser centradas para o altar, onde se renova a nossa Redenção. Igrejas cristocêntricas e não antropocêntricas, portanto; igrejas que fazem convergir para a Liturgia.[106] E contamos também com um interessante artigo de Frei Mateus Hoepers O.F.M. intitulado "O franciscanismo e a liturgia", onde mostra que o ideal do Movimento Litúrgico é igualmente o ideal do franciscanismo.[107]

A mesma revista *Vozes* publicou ainda, do beneditino C. B. B. — é com esta abreviação que vem dado o nome do autor —, o artigo intitulado "O ano litúrgico",[108] enquanto C. Gomes dos Santos mostrava, na revista *A Ordem*, que a Missa é o centro da Ação Católica.[109] Convém relembrar ainda a obra do Pe. Carlos Ortiz, *O Christo Total*, com um interessante capítulo sobre "A oração no Corpo Mystico", onde mostra a importância da dimensão comunitária e eclesial da oração e da piedade, que tem o máximo de sua expressão na Liturgia: é o que visa o Movimento Litúrgico e o movimento de Ação Católica.[110] Além disso, convém assinalar, para o ano de 1937, o aparecimento de uma pequenina revista litúrgica, em Campinas (Est. de São Paulo), intitulada *Christus*.[111]

De 1938, contamos com o artigo "Como assistir à Missa", do beneditino A. Niessi, onde aponta para a necessidade e a importância da participação ativa na Missa, através da união intencional com o sacerdote, através do canto comum do povo, através da Missa dialogada e recitada, etc., respeitando o uso do rosário na Missa, embora não seja o método mais perfeito de participação.[112] Do dominicano S. Tauzin, temos o artigo "Alma do nosso tempo", mostrando que o movimento de renascimento da espiritualidade centrada na Liturgia vem em boa hora, neste tempo em que a hu-

106. *A Ordem* 16 (jul. ag. 1936), 14-29.

107. *Vozes* 30 (1936), 304-311. "O Movimento Litúrgico" — diz Frei M. Hoepers — "é uma realidade, pela qual nenhum filho da Igreja póde passar desinteressado e indiferente. É, portanto, uma questão bem actual que cumpre ventilar neste *Centro de Estudos Franciscanos*" [onde foi lida esta conferência, em janeiro de 1936] (*ibid.*, 304). Após mostrar — baseando-se nos mais antigos textos franciscanos — que Francisco pautava sua vida por uma total sujeição à Igreja e por um constante espírito de oração, afirma que "Francisco *estudava* a liturgia. Para ele e os seus companheiros o Missal, o Breviário e a Sagrada Escritura eram a unica biblioteca que tinham" (*ibid.*, 310). E conclui: "Francisco e o franciscanismo andaram sempre de mãos dadas com o movimento litúrgico. Querem aprofundar a compreensão da liturgia e dos textos litúrgicos, para que assim 'a nossa voz concorde com o espírito e o espírito com Deus'" (*ibid.*, 311).

108. *Vozes* 31 (1937), 771-776.

109. GOMES DOS SANTOS, C., "Missa, centro da Ação Católica", *A Ordem* 18 (set. 1937), 261-264.

110. Cf. ORTIZ, C., *O Christo Total, op. cit.*, 86-102.

111. Infelizmente não conseguimos até o momento acesso direto a esta revista. Dispomos apenas desta notícia, através de *O Diário*, que diz: "Agora aparece em Campinas. uma pequenina revista litúrgica, com o fim de 'tornar mais conhecido e, por conseguinte, mais amado e apreciado o que a Igreja tem de mais sublime: o Culto Divino'. Move-se por esta certeza. que é a de todos nós, de que 'entender e participar da vida litúrgica não é privilégio exclusivo dos Ministros do Senhor, mas sim direito (nós dirlamos: um dever) de todo o povo redimido com o sangue do Cordeiro Imaculado'. Propõe contribuir para o maior conhecimento da Liturgia: 'qual não será então a força que exercerá sobre as almas quando lhes desvendar as suas maravilhas?'. Como se vê, um excelente programa, digno dos aplausos e, sobretudo, do apoio efetivo dos católicos. É uma revistazinha de 12 páginas, mensal, destinada ao povo, a um preço reduzido (talvez até demais), com o sympathico nome de 'CHRISTUS'" ("Uma revista litúrgica", *O Diário* 26-11-1937, 5).

112. *O Legionário* 4-9-1938, 5. Este jornal, bastante tradicionalista, de um grupo de marianos de São Paulo, tendo como diretor o Dr. Plinio Corrêa de Oliveira, havia aberto a partir de 1937 uma secção "Liturgia", para desfazer a grande ignorância a respeito do que é Liturgia. Também este jornal se empenha na promoção da Liturgia, porém numa linha bem diferente, de maneira geral. Alguns temas tratados nesta secção do jornal: "Igreja" (= construção: nomes das várias partes do templo, etc.), *O Legionário* 10-10-1937, 5; "Basílica", *O Legionário* 31-10-1937, 5; "O Sepulcro", *O Legionário* 14-11-1937, 5; "Cyclo Liturgico — Advento", *O Legionário* 28-11-1937, 5; "O incenso", *O Legionário* 26-12-1937, 5; "Imagens", *O Legionário* 13-2-1938, 5; "Sinos", *O Legionário* 27-1-1938. 5; "Oratório", *O Legionário* 13-3-1938, 5; etc.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

manidade anseia por uma *Vida* total.[113] A revista *A Ordem* publica ainda, do Pe. Carlos Ortiz, "O movimento litúrgico e o rosário de Maria", mostrando que não se proíbe o rosário, mas se procura colocar a piedade litúrgica na sua justa escala de valores: na Missa os fiéis devem participar viva e intensamente como hóstias vivas no Sacrifício de Cristo que aí se renova.[114] É deste ano também a fundação do Boletim da Juventude Feminina Católica da Arquidiocese de Belo Horizonte, intitulado *Acies Fraterna*, recheado de programações, bibliografia, propagandas do Missal e incentivos litúrgicos.[115] Como livro, em 1938, foi publicado pela Vozes o importante *Meu livro de Liturgia*, do cônego premonstratense Hilário Wijten, com boa aceitação no Brasil, provando que o interesse pela Liturgia neste país estava em franco progresso.[116] Deste mesmo ano é também a publicação do importante *Curso de Liturgia*, do jesuíta Pe. J. B. Reus, também pela Vozes.[117]

113. *A Ordem* 19 (março 1938), 225-237. Convém lembrar que a partir desta época se acentua ainda mais o interesse pela Liturgia nesta revista, com comentários sobre tempos do Ano Litúrgico. Alguns anos mais tarde, em "Bons Propósitos" (= Editorial), *A Ordem* 27 (jan. 1942), 2-3, ainda se diz: "Na secção sobre o Tempo Litúrgico, sem a pretensão de substituir os guias que existem nessa matéria (Pius Parsch, Schuster, Guéranger), procuramos focalizar em pequenas notas as idéias centrais de cada época buscando sempre apoio no Missal e no Breviário".

114. *A Ordem* 20 (dez. 1938), 573-582. Fala-se até em *concelebrar*: "Com Jesus Cristo, cada fiel pode dizer que *concelebra* na santa Missa, e *se* oferece com Ele no santo sacrifício" (*ibid.*, 575; cf. ainda *ibid.*, 579 e 580). Sugere a importante devoção do rosário, não durante a Missa, mas em outros momentos como por exemplo no fim do dia: " .popularizemos cada vez mais o Rosário de Maria. Feliz a paróquia onde os fiéis se reúnem, à noitinha, em volta do seu pastor, para rezarem, como em família, o terço de Nossa Senhora!" (*ibid.*, 581).

115. Citamos apenas, como exemplo, alguns dos grandes anúncios (slogans) em letras garrafais: "Pela formação de uma mentalidade fortemente cristã, façamos da missa o centro de toda nossa vida" (*Acies Fraterna AF* nº 4 (junho 1938), 2-3); "'Não se trata de dizer orações durante a Missa. Trata-se de fazer da Missa sua oração' (Pio X)" (*AF* nº 6 (ag. 1938), 4-5); "Meu livro: O MISSAL. Minha oração: A MISSA" (*AF* nº 7 (set. 1938), 4-5; "'Vida Litúrgica' de D. Lambert Beauduin: um livro que todos devem ter e divulgar" (*AF* nº 8 (out. 1938), 6-7; "Não basta possuir o Missal. É preciso sobretudo viver a sua Missa" (*AF* nº 12-13 (abril maio 1939), 6-7); "Você que usa quotidianamente o Missal. Você que faz da Missa o centro de sua vida. Procure aprofundar a compreensão de seu Missal. Procure viver cada dia mais conscientemente a sua realidade de batisada e confirmada" (*AF* nº 15 (julho 1939), 2-3); "A Santa Missa é o ato do culto que domina toda a Liturgia da Igreja, é a Ação Católica por excelência, o mistério da Ação Santíssima" (*AF* nº 26-27 (abril maio 1941), 2-3).

116. "Cada vez mais se propaga em nossa terra esta modalidade de renascença religiosa que se designa pelo nome de 'movimento litúrgico'", diz o autor na "Introdução" (WIJTEN, H., *Meu livro de Liturgia*, *op. cit.*, 5). E é com o Movimento Litúrgico que pretende colaborar com esta obra. *O Diário*, comentando esta obra, diz: "Os estudos de liturgia estão tomando um grande desenvolvimento nos meios católicos brasileiros. A necessidade de uma sólida formação espiritual levou a este renascimento do espírito eclesiástico... E nós nos devemos sempre regosijar de ver crescendo a bibliografia católica litúrgica no Brasil" ("'Meu livro de liturgia'". O Diário 29-9-1938, 5). Embora com alguns defeitos (elementar demais, e não se sabe bem a quem o autor destinou a obra: "Ao lado de noções simples, bem simples, estão outras que interessam quasi exclusivamente aos sacerdotes"; falta maior insistência na vivência da Liturgia), "a linguagem é boa, a disposição da matéria está perfeita, o âmbito é largo.. " (*loc. cit.*). Por sua vez, o P. Miguel Fontes, em apreciação à 2ª edição deste livro (1945), diz: "Prouvera Deus que em toda parte fosse ensinada a Liturgia tomando como *texto* este livro: ter-se-iam evitado muitos exageros e desacertos!" (*REB* 6 (1946), 536). *Meu livro de Liturgia* divide-se em 8 capítulos: 1) A Liturgia: definição, fundamentos; 2) História das Liturgias; 3) Generalidades litúrgicas; 4) O Ano Litúrgico; 5) A Liturgia da Missa; 6) O Ofício Divino; 7) Liturgia dos Sacramentos; 8) Os Sacramentais. "Este sumário basta para indicar quanto é completo o livro, e quanto está bem ordenado", diz P. Miguel Fontes (*ibid.*, 537). Em 1955, a obra apareceu em 3ª edição, prova de que teve realmente boa aceitação.

117. A obra, de 512 páginas, é dividida em 3 grandes partes: 1) Introdução geral à Liturgia: noções gerais de Liturgia, rito, cerimônias, atos litúrgicos, direito litúrgico, história e desenvolvimento da Liturgia, língua e espírito litúrgico, etc.; 2) Liturgia geral: as santas palavras usadas no culto divino, os sinais, os lugares, os tempos sagrados; 3) Liturgia especial: A Santa Missa, Ofício Divino, Ritual Romano, rubricas, histórico, simbolismo e cerimônias de cada função litúrgica na Igreja.

O Pe. Orlando Machado, grande batalhador de Belo Horizonte pela difusão do Movimento Litúrgico, aconselha o *Curso de Liturgia* como um ótimo instrumento de equilíbrio do Movimento Litúrgico no Brasil: "Leiam-no os amigos da Liturgia e terão nele um compêndio claro, preciso, completo, onde a teoria se alia à prática. Leiam-no os que guardaram reserva para com êste movimento, e estou certo de que reformarão suas idéias e o receberão mais benignamente". Sobretudo às Religiosas a obra "seria um guia seguro e prático e assim se evitariam muitos 'sinões' em matéria de liturgia que nem sempre edificam e que nem sempre concorrem para o brilho do culto da S. Igreja" ("Curso de Liturgia". *O Diário* 10-9-1939, 5). Em 1944, a obra teve uma 2ª edição revista e aumentada.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A necessidade do ensino da Liturgia, do estudo do Missal, da prática da Missa dialogada, etc., nos colégios, é tratada pelo já conhecido jornal da Arquidiocese de Belo Horizonte,[118] enquanto o Pe. Agnaldo Leal, numa série de artigos no mesmo jornal, apresenta um método de como explicar a Missa e todos os seus acessórios ao povo.[119] E o Pe. C. Santini publicou pela Vozes o livro *A Santa Missa na História e na Mística* (1940).[120]

Para 1941, ressaltaríamos o artigo "Três aspectos práticos dum Congresso Litúrgico nos Estados Unidos", de H. H. Lichtenstern;[121] em "A nova ordem da vida paroquial", o Pe. C. Ortiz chama a atenção para a necessidade da vida litúrgica viva e esclarecida como o primeiro ideal de uma comunidade paroquial; A. Thil publicou um longo artigo intitulado "O caminho da redenção pelo ano litúrgico", onde trata do "eterno hoje de Deus" em Cristo realizando continuamente a Redenção pela Liturgia através do Ano Litúrgico;[122] e não podemos deixar de relembrar a publicação de "A Missa — centro da vida cristã", de D. Vilas-Bôas, onde, após ressaltar o significado e a importância da Missa na vida cristã, sugere, como soluções práticas, a realização de *semanas litúrgicas* e a fundação de *cursos de Liturgia.*[124] Enfim, digno de nota é o livro *As fontes do Salvador. Missa e Sacramentos* (Para o Curso Secundário), editado pela Vozes, do conhecido catequista sempre preocupado com o problema da renovação da Liturgia no Brasil, o Pe. Álvaro Negromonte.[125]

Prosseguindo nosso elencamento de publicações brasileiras, do Cônego F. M. Bueno Siqueira temos *A Missa, dogma-liturgia,* editado pela Andes do Rio de Janeiro, em 1942, tratando da "doutrina da Missa" e da "formação da liturgia da Missa",[126] e, de Dom Tarcísio da Silva Ferreira O.S.B., temos o interessante e original "ensaio de um manual de Doutrina Sagrada para o Curso Ginasial", em dois volumes publicados sucessivamente em 1942 e 1944 pela "Lumen Christi", intitulado *A Vida em Cristo,* todo ele centrado

118. "Liturgia e educação cristã nos colégios", *O Diário* 11 e 12-5-1939, 5. que mereceu ser transcrito para *A Ordem* 21 (junho 1939), 602-604.

119. LEAL, A., "Para compreender a Missa", *O Diário* 16-1-1940, 5; *id.*, "Para compreender a Missa (Questões litúrgicas e paroquiais)", *O Diário* 24-1-1940, 5; *O Diário* 3-2-1940, 5; *O Diário* 14-2-1940, 5.

120. O título da obra vem desdobrado com esta outra alternativa: " .ou informações e explicações da origem, desenvolvimento e fixação definitiva e universal dos ritos, ceremonias, orações, textos bíblicos e eclesiásticos da Santa Missa, acompanhados de piedosas considerações e breves súplicas, proprias para despertar interesse e assistir com fruto o santo Sacrifício divino". Baseia-se sobretudo na clássica obra de E. Vandeur O.S.B., *A Santa Missa.* Em apreciação feita por H. F. H., diz-se que "positivamente, o livro preenche uma grande lacuna na nossa literatura religiosa" e, apesar de se basear em grande parte na clássica obra de E. Vandeur, é "original" e "utilíssimo" (*REB* 1 (1941), 696).

121. *Vozes* 35 (1941), 781-784, onde, comentando a Primeira Semana Litúrgica dos USA, realizada em Chicago (outubro de 1940), faz ressaltar os seguintes aspectos práticos daquele Congresso, que serviriam também para o Brasil: 1) Instruções sobre a Missa; 2) Comunhão na própria Missa; 3) Missa cantada.

122. *REB* 1 (1941), 385-394.

123. *A Ordem* 26 (dez. 1941), 484-516. Falando do Ano Litúrgico, citaríamos ainda o pequeno artigo "O Ano Litúrgico", em *O Diário* 30-11-1941, 2, acentuando para o fato de que "Jesus Cristo é o objeto principal do Ano Litúrgico"

124. *A Ordem* 26 (ag. 1941), 91-105, *in specie* 102-105; *ou Sermões de Dom Mário. op. cit.*, 31-34.

125. Basta recordar os inúmeros artigos litúrgicos na secção "Vida Católica" de *O Diário,* dirigida por ele. A citada obra recebeu os melhores elogios de P. Al. B. D., em *REB* 1 (1941), 368-369. Outras obras: *Caminho da Vida* (Para o Curso Secundário), Petrópolis 1940; *Manual de Religião* (Para o Curso Complementar), 3ª ed., Petrópolis 1941; *Meu Catecismo,* Petrópolis 1942; e outras. Para melhores informações, cf. verbete "Negromonte", em *REB* 25 (1956), 1139.

126. Tratando da "doutrina da Missa", aborda os temas como: Presença real, e como esta se realiza; nomes do Sacramento da Eucaristia; O Sacrifício da Cruz; Eucaristia como Sacrifício; o Sacrifício da Missa; o momento e os elementos sacrificais da Missa; efeitos do Sacrifício da Missa.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

na Missa e montado a partir da Missa.[127] Além destas obras, citaríamos dois belos artigos de A. Amoroso Lima sobre a Páscoa: "Surrexit" e "Alleluia",[128] e o interessante artigo de L. Zeller O.S.B., sobre "O Movimento Litúrgico".[129]

Ainda a respeito do Movimento Litúrgico, temos um artigo de F. Alves Ribeiro, "Em torno do 'Movimento litúrgico'", onde refuta uma série de acusações feitas contra o citado Movimento[130] e, no artigo "O Corpo Místico e a renovação da vida cristã", o mesmo autor, entre outras coisas, chama a atenção para o papel central da Liturgia na vida do cristão.[131] De Dom Tomaz Keller O.S.B., temos o artigo "Mystici Corporis Christi", em que, a certa altura, defende-se contra os que alegam serem os erros apontados por Pio XII, erros do Movimento Litúrgico.[132] O dominicano Frei Boaventura escreveu "Ação Católica e renovação da vida cristã"[133] e "Ação Católica. Seu verdadeiro espírito",[134] insistindo na vida litúrgica como base de uma Ação Católica recristianizadora do mundo. De A. Amoroso Lima, citaríamos o artigo "A Liturgia, fonte de formação e de vida espiritual",[135] e do Mons. J. Nabuco temos o artigo "Rerum liturgicarum resurrectio", dando um interessante apanhado geral da finalidade e do sentido do Movimento Litúrgico e suas realizações em outros países.[136] Interessante é o livrinho de 20 páginas do Pe. C. Ortiz, *Apostolado Litúrgico Popular. A Liturgia. O que não é. O que é*, publicado em São Paulo, em 1943, em que se estabelece de

127. O 1º volume é feito para a 1ª e 2ª séries do curso ginasial, e o 2º volume, para as duas séries sucessivas. Em 1952, teve uma 2ª edição melhorada. Ao sair o 1º volume, assim se expressou o grande especialista brasileiro em direito litúrgico, Mons. Joaquim Nabuco: "'Vida em Cristo' de Dom Tarcisio deve ser recebido com grande satisfação pelos mestres de religião. Dom Tarcisio faz suas lições girarem ao redor dum ponto cardial que é a Eucaristia, sacrifício e sacramento, e o faz dum modo interessante, vivo, e ao mesmo tempo claro e conciso" (*REB* 2 (1942), 1091).

128. O primeiro vem publicado em *Meditação sobre o mundo moderno*, *op. cit.*, 346-355, e datado de 24-2-1940. O segundo vem publicado em *ibid.*, 356-364, e datado de 13-4-1941.

129. *REB* 2 (1942), 851-873. Exaltando a obra de Guéranger, divide a matéria em 5 pontos: 1) a obra litúrgica de Dom Guéranger; 2) A restauração do Canto Gregoriano; 3) O Movimento Litúrgico nos diversos países, chamando a atenção ao fato de não ser o Movimento Litúrgico exclusivamente beneditino; 4) Os fins do Movimento Litúrgico (incentivo para o conhecimento e a prática da Liturgia); 5) Os exageros do Movimento Litúrgico (confusão na definição de Liturgia, o subjetivismo "litúrgico", sentimentalismo e esteticismo "litúrgicos"). E concluindo diz: "Os liturgistas que se afastam das diretivas dadas pelos Sumos Pontífices têm nem o espírito litúrgico, nem o espírito beneditino professado pelo grande autor do movimento litúrgico, D. Guéranger" (*ibid.*, 873).

130. *A Ordem* 30 (ag. 1943), 112-128.

131. *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 486-490. A partir destes dois artigos de F. Alves Ribeiro, abre-se uma polêmica entre o Pe. M. T. L. Penido e este, sobretudo em torno do problema da piedade (cf. PENIDO, M. T. L., "Corpo Místico, 'Liturgicismo' e Piedade Litúrgica", *REB* 4 (1944), 517-540; *id.*, "Em torno do 'Liturgicismo'", *REB* 5 (1945), 482-494; cf. ALVES RIBEIRO, F., "'Liturgicismo' e piedade litúrgica", *A Ordem* 33 (março 1945), 231-236; id., "Notas sôbre o movimento litúrgico", *A Ordem* 33 (abril 1945), 285-290). Abordaremos especificamente estes artigos mais tarde, ao tratarmos das controvérsias em torno do Movimento Litúrgico.

132. *REB* 3 (1943), 835-855, *in specie* 852-853. O artigo foi transcrito em *A Ordem* 31 (abril maio 1944), 376-395. Nesta mesma linha de refutação encontramos em *O Diário* 23-8-1944, 2, o artigo "Condenações da 'Mystici Corporis Christi' e o Movimento Litúrgico". Cf. também GORDAN, P., O.S.B., "Liturgia e Liturgismo", *O Diário* 15-12-1943, 2, onde chama a atenção para o fato de que o Movimento Litúrgico não é revolucionário mas restaurador. Isto é, busca-se encontrar "a própria 'estrutura' da Igreja que é litúrgica". E, enfim, o que o Papa condena na Mystici Corporis é um "falso quietismo", um "falso misticismo", e não o Movimento Litúrgico como tal. Convém lembrar que é deste ano também o livro polêmico de P. Corrêa de Oliveira, *Em defesa da Ação Católica*, São Paulo 1943, em que ataca uma série de abusos e exageros "litúrgicos" dentro da Ação Católica no Brasil. Mas voltaremos ainda a estes assuntos ao tratarmos das controvérsias.

133. *O Diário* 6-7-1943, 2.

134. *O Diário* 27-7-1943, 2.

135. O *Diário* 10-8-1943, 3 e 6. Trata-se de uma conferência feita no 1º Congresso de Ação Católica de Belo Horizonte, às 15 horas do dia 8-8-1943. Outra conferência de A. Amoroso Lima, no mesmo Congresso: "A vida cristã, base do apostolado", *O Diário* 11-8-1943, 3.

136. *REB* 3 (1943), 691-693. Trata-se de uma conferência feita no Colégio Máximo da Companhia de Jesus, em São Miguel, Argentina.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

maneira simples, clara e concisa a noção de Liturgia que o Movimento Litúrgico não pretende e a que ele realmente quer.[137]

A partir de 19 de março de 1944, M. Amorim Ferreira publicou em *O Diário* uma interessante série de artigos buscando mostrar como através dos tempos (já a partir do séc. I!) o povo participava do canto sacro.[138] Do Pe. Orlando Machado, encontramos uma série de artigos sobre a Missa: "Missa, centro e corôa da vida cristã",[139] "Missa, nossa Páscoa",[140] "Missa, sacrifício de louvor",[141] "Ação de graças, propiciação, impetração",[142] "Frutos e valor da missa".[143] Igualmente, da Juventude Católica Brasileira (J. C. B.), encontramos em *O Diário* uma série de artigos sobre a Liturgia e Ação Católica: "Liturgia",[144] "Ação litúrgica e ação católica",[145] "Liturgia da Ação Católica",[146] e "Moral, Dogma e Liturgia".[147]

É de 1945 a publicação do livro de 224 páginas, intitulado *Recolhimento*, do Bispo D. Frei Henrique G. Trindade, editado pela Vozes.[148] Deste mesmo ano é a grande obra do Mons. Joaquim Nabuco, em três volumes, editada pela Vozes, *Pontificalis Romani Expositio Juridico-Practica*.[149] Lembramos também o longo artigo do Pe. O. Machado, "Dignidade e Santidade do Altar cristão", mostrando o altar como lugar sagrado onde se renova o Sacrifício redentor de Cristo, e criticando a profanação deste lugar sagrado através do mau gosto das ornamentações.[150]

137. A Liturgia não é arqueologismo, não é rubricismo, não é esteticismo, não é esoterismo, não é dogmatismo (ORTIZ, C., *Apostolado Litúrgico...*, *op. cit.*, 3-11). E não é isso que o Movimento quer e pretende. O Movimento Litúrgico busca mostrar que "a Ação Litúrgica é a celebração ou representação dos mistérios de Cristo. Entenda-se *re-presentação* no sentido de *atualização* ou *prolongamento*, isto é, os mistérios de Cristo se tornam novamente *presentes*, *atuais*, no *Hodie* místico e santificador da Liturgia" (*ibid.*, 13). Em outras palavras: "A — A Liturgia é a celebração ou representação dos mistérios de Cristo. B — Participando da Ação Sagrada da Liturgia, participamos desses mistérios. C — Esses mistérios são dinâmicos, salutares e santificadores. D — A participação dos mistérios divinos e redentores de Cristo, na Liturgia, é para o cristão: fonte de alegria interior, penhor de glória eterna; absolvição de penas e culpas; purificação e renovação interior; medicina sobrenatural; defesa contra o inimigo; paz interior (*ibid.*, 13-14). Prova-o, citando em seguida uma série de orações do Missal (*ibid.*, 14-20).

Cf. interessante comentário à obra em *A Ordem* 31 (março 1944), 263-265, concluindo com estas palavras: "Possa este folheto dissipar os preconceitos em torno da noção de liturgia e ajudar a instauração de uma piedade sólida e autêntica, base de uma vida cristã mais santa e profunda, que tal é o objetivo supremo e único do movimento litúrgico" (*ibid.*, 265).

138. "Participação do povo no Canto Sacro, do I ao VI século", *O Diário* 19-3-1944, 2; "...do VI ao XII século", *O Diário* 26-3-1944, 2; "A polifonia até o XV século", *O Diário* 2-4-1944, 2; "A Escola Veneziana (séc. XV ao XVIII)", *O Diário* 16-4-1944, 2; "...do XVIII ao XX século", *O Diário* 30-4-1944, 2; "O Canto Chão", *O Diário* 7-5-1944, 2; "Palestrina e Vitória", *O Diário* 14-5-1944, 2; "Retrospecto", *O Diário* 22-5-1944, 2; "Os Hinos", *O Diário* 30-5-1944, 2; etc

139. *A Ordem* 31 (março 1944), 163-170.

140. *O Diário* 29-3-1944, 2-3.

141. *O Diário* 30-3-1944, 2 e 5.

142. *O Diário* 31-3-1944, 2.

143. *O Diário* 4-4-1944, 2. Convém lembrar que antes já havia sido publicado, do Pe. A. Gromonte, "Dificuldades sôbre a Missa Dialogada", procurando refutar muitas dificuldades que põem à prática da dialogação da Missa (*O Diário* 10-2-1942, 2).

144. *O Diário* 19-9-1944, 2.

145. *O Diário* 20-9-1944, 2.

146. *O Diário* 21-9-1944, 2.

147. *O Diário* 27-9-1944, 2.

148. Há no livro um capítulo sobre o "Recolhimento litúrgico", ensinando como compenetrar-se do que se está fazendo durante a Missa (TRINDADE, H. G., *Recolhimento*, *op. cit.*, 64-81).

149. Como o título mesmo indica, trata-se de uma exposição jurídico-prática do Pontifical Romano. Os três volumes (1º vol.: 511 pág.; 2º vol.: 328 pág.; 3º vol.: 451 pág.) correspondem às três divisões do Pontifical. Trata-se, sem dúvida, de uma obra magistral, mas que oferece lacunas: a) a abundância de notas e as reflexões histórico-litúrgicas nelas contidas deveriam constituir uma parte, um estudo especial, resumindo a evolução histórica do Pontifical; b) faltaria uma exposição detalhada das funções ou ritos em desuso na época, na Igreja (cf. ZIONI, V. M., "'Pontificalis Romani Expositio Juridico-Practica' A propósito de uma obra do Monsenhor Nabuco", *REB* 5 (1945), 495-508, *in specie* 507; cf. também KALVERKAMP, D., O.F.M., Apreciação em *REB* 25 (1965), 394-395, concordando com V. M. Zioni quanto à falta de uma história do Pontifical Romano, para o que o Mons. Nabuco teria inegável competência.

Seria de acrescentar que, a partir de 1946, o *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), secção "Vida Católica", passou a publicar para cada domingo toda a Missa do domingo, com brevíssimas explicações. Encontramos também neste jornal um artigo do Mons. Mello Lulla, "Grandeza e sublimidade da Santa Missa", *Jornal do Comércio* 20-21-1-1947, 7.

150. *O Diário* 5-7-1945, 2; *O Diário* 6-7-1945, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Em linhas gerais, seria esta a literatura brasileira sobre a Liturgia e sobre o Movimento Litúrgico. Como se vê, em termos de obras de fôlego, bem pouco se produziu, comparando com a quantidade de literatura estrangeira publicada no Brasil.[151] Contudo, sobretudo pelos artigos publicados, nota-se um grande entusiasmo pelo Movimento Litúrgico e uma grande preocupação em difundi-lo sempre mais.

Vejamos em seguida o que se produziu em termos de publicações para servir diretamente ao culto.

c) Publicações para servir diretamente ao culto

Naturalmente, não precisamos repetir o trabalho realizado neste sentido pelo Mosteiro de S. Bento da Bahia, tendo à sua frente o benemérito Dom Beda Keckeisen: apenas citamos, para relembrar, *Vésperas dos Domingos na Egreja de S. Bento* (1920), o *Officio da Semana Santa em latim e português com breves explicações* (1931) e o "Missal de Dom Beda" com a admirável história de sua formação. Igualmente, não precisamos mais falar da publicação do "Folheto Litúrgico" (a partir de 1934), de *Missa Recitada* (1936) e de *Missa Rezada* (1940) de Dom Polycarpo Amstalden em São Paulo. Não é mais o caso de falar do trabalho de Dom Hildebrando Martins: *Missa. Ordinário da Missa com breves explicações* (1935) com suas várias edições sucessivas, e *Liturgia do Natal, Paschoa e Pentecostes nas Abbadias Benedictinas. Officios e Missas* (1935). Sem falar também das publicações da Vozes, como o Manual de cantos e orações *Cecilia* (1907 em diante) de Frei Basílio Röwer e Frei Pedro Sinzig; *A Santa Missa Dialogada* (1936; provavelmente de O. Robrecht C.SS.R.), e o *Sigamos a Missa!* (1938) de Frei Henrique G. Trindade. Destes trabalhos todos, já falamos suficientemente no capítulo anterior.

Seguimos aqui apresentando outros subsídios a mais para ajudar ao fiel numa melhor participação no culto, e para melhor brilhantismo do mesmo culto da Igreja.

Antes de tudo, para iniciar, avisamos o bom conhecimento que teve no Brasil o *Missal Quotidiano e Vesperal* de Dom Gaspar Lefebvre O.S.B., editado em latim-português, em Bruges (Bélgica), em 1936.[152]

Prosseguindo, temos o manual *Adoremos ao Senhor. Missa e Devocionário*, do Cônego Mello Lula, editado no Rio, em 1940, por Getulio M. Costa Editor. Este manual, como o título já deixa a entender, no meio de todo um devocionário traz também o Ordinário da Missa, o que indica sua clara intenção de fazer o fiel acompanhar o Santo Sacrifício.[153]

Depois, nos vem à mão um interessante e recomendado livrinho do Bispo D. Frei Henrique G. Trindade, *A Missa das queridas crianças*, editado pela Vozes em 1941: um livrinho escrito para crianças de 7 a 11 anos.

151. Perguntar-se-ia pela razão de tal escassez literário-litúrgica tipicamente brasileira. Preferimos esperar o fim deste capítulo para dizer uma palavra sobre isso.

152. Também a edição francesa já era antes bem conhecida no Brasil (cf. "Folheto liturgico" *O Diário* 28-12-1935, 2).

153. A obra, de 215 páginas, não tem Introdução nem Prefácio. Além do Ordinário da Missa, consta da oração da manhã, oração da noite, Angelus, preparação para a confissão, oração para a Comunhão, rosário, Via-Sacra, Hora Santa, etc.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Diante do estado desolador com que as crianças assistem à Missa, onde se recitam orações que elas não entendem e mesmo não combinam com o seu modo de pensar, onde tantas vezes elas passam o tempo passivas e alheias dentro da igreja,[154] este livrinho procura apresentar "não somente uma linguagem que as crianças compreendam, mas que seja uma linguagem delas, revestindo pensamentos delas".[155] Assim, sem querer substituir o Missal — embora também tendo consciência de que para um criança de 11 anos é difícil o uso do mesmo —, este livrinho vem a ser, entre tantos outros, um modo a mais, um método para ajudar no afervoramento e melhor participação das crianças no Santo Sacrifício.[156] Divide-se em duas partes. Na primeira, em 45 breves itens, em linguagem fácil e compreensível, se dá às crianças algumas explicações bem práticas sobre o Santo Sacrifício, sua estrutura, sua liturgia, o altar, as alfaias e objetos sacros, cores litúrgicas, valor da Missa, a obrigação de assisti-la e a maneira de participar nela.[157] Na segunda parte, oferecem-se às crianças, para rezarem durante a Missa, quer sozinhas, quer em comum, sob a direção da professora ou catequista, orações bem simples, seguindo, uma por uma, as partes da Missa.[158] Enfim, apesar de uma lacuna no conteúdo desta segunda parte,[159] este "precioso" trabalho do "douto franciscano e bispo", D. Henrique G. Trindade, mereceu a melhor acolhida por parte de *O Diário*, como mais uma ótima colaboração na luta para levar os fiéis a compreender e participar melhor "do mais augusto de todos os atos litúrgicos", sendo vivamente recomendado aos párocos e catequistas.[160]

Encontramos também um livrinho intitulado *Rezar a Missa*, de 46 páginas, editado em 1941, uma contribuição da Tipografia Minerva para uma Semana da Missa realizada provavelmente em Fortaleza (Ceará).[161] Buscando atender às clássicas palavras de Pio X sobre a participação ativa

154. "Este livrinho", in: TRINDADE, H. G., *A Missa das queridas crianças*, *op. cit.*, 5: "Em geral é desolador o modo como elas assistem ao santo sacrifício. Se vão em grupos de catecismo ou de colégio ou de qualquer associação, recitam ou ouvem recitar orações que não compreendem ou que estão em desacordo com o seu modo de pensar. Pedem com medo, 'mil vezes a morte do que ofender a Deus'; protestam que 'crêem em Jesus Sacramentado, com mais fé do que o vissem, com seus próprios olhos', etc. Qual é a criança que pensa assim? Se vão sózinhas à missa, ou com pessoas da família, em geral se conservam inteiramente passivas, limitando-se apenas a olhar ou para o altar ou para a assistência".

155. *Loc. cit.*

156. *Ibid.*, 6: "Queremos substituir o missal? Longe de nós tal intenção. Mas quem puder conseguir que crianças de 11 anos se acostumem com o missal, difícil até para a generalidade de adultos, que o faça. Será um pequeno milagre. Não falemos em exceções, que estas conhecemo-las nós também. Nem pretendemos que este livrinho seja usado sempre. É justamente para que haja mais um modo bom de as crianças assistirem à sua missa, que o escrevemos. Sabemos que as crianças precisam de variedade. E se contribuimos para que as queridas crianças assistam, com fervor, a santa Missa, ao menos de vez em quando, como nos sentimos recompensados e satisfeitos!".

157. *Ibid.*, 11-30.

158. *Ibid.*, 4-7. Damos, como exemplo, a aclamação ao Evangelho: "*Digam contentes*: Viva Jesus, amigo das crianças boas!" (*ibid.*, 38). Ou, ao Ofertório: " *O sacerdote descobre o cálice e oferece a Deus a hóstia que vai ser consagrada; digam*: Senhor / eu vos ofereço esta hóstia / que, depois, / vai se mudar no corpo de Jesus Cristo. / Mudai-me também, / para que eu seja bom, / piedoso, / obediente, / cumpridor de meus deveres. / Eu / e todas as crianças. Amem. *O sacerdote põe vinho no cálice, oferece a Deus N. S. e lava as mãos; digam assim*: Senhor, / eu vos ofereço o cálice com o vinho / que se mudará no vosso sangue. / Perdoai as minhas falhas / e de todos os meus companheiros" (*ibid.*, 39). E assim por diante...

159. Nota-se que, ao momento da Oração Eucarística, ou melhor, após a Consagração, dá-se todo o acento a Jesus presente na Hóstia Consagrada, a quem se professa a fé, se louva e se pede. Na pequena oração, após o Sanctus: "Eu vos agradeço / todas as graças e benefícios / que, de vós, tenho recebido" (*ibid.*, 40), apareceria talvez um leve aceno anamnético. Mas falta depois totalmente qualquer referência à ação do Espírito Santo (Epiclese). É a crítica que se poderia fazer.

160. "As crianças e a Missa", *O Diário* 14-1-1942, 2; "Missa das crianças", *O Diário* 12-2-1942, 2

161. Convém dizer o seguinte: No catálogo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde encontramos a obra, indica-se "Fortaleza 1941", enquanto que no livrinho mesmo não se indica a cidade. Só apresenta o título, seguido das palavras "Contribuição da Tipografia Minerva para a 'Semana da Missa'". No verso da 2ª capa encontramos as palavras: '"Reze a Missa' (palavras do Papa Pio X) usando o Missal durante o Santo Sacrifício".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

na Liturgia (*Motu proprio* de 1903 e a frase: "Os fiéis não devem rezar na Missa, mas *rezar a Missa*"), este livrinho visa cooperar "com as Autoridades Eclesiásticas, durante a SEMANA DA MISSA", editando "neste folheto a Missa inteira em volume extremamente portátil. ". Em suma, visa facilitar aos fiéis acompanhar com o Celebrante toda a Santa Missa, ajudando-os assim a *rezar a Missa*.[162]

Outro trabalho que encontramos foi o *Manual de cânticos e orações para uso das dioceses da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, editado pela Vozes em 1941, cuja publicação foi determinada pela "necessidade de uniformizar as letras e as melodias dos nossos cânticos populares, bem como as orações para o uso coletivo", e tendo em vista "conformar esses exercícios de piedade com os preceitos da sagrada liturgia e, dessa maneira, tornar mais atraente o culto público". Enfim, este Manual quer servir para "intensificar o sopro vivificador que perpassa as paróquias gaúchas, em virtude da generosa colaboração dos fiéis", e contribuir "para inspirar, sempre mais, o povo nos sentimentos genuínos de fé, fazendo-os pensar e viver conforme os preceitos da Igreja" [163]

Outro livrinho que citamos é o *Missalzinho do povo* do Pe. H. Vieira, editado pela Tipografia S. Francisco da Bahia, em 1942. Como o próprio autor diz na Introdução, trata-se de "um método litúrgico de ouvir a santa Missa, acompanhando o sacerdote em tudo o que ele reza e opera no altar: Contendo orações que devem ser recitadas e as cerimônias que devem ser observadas pelos fiéis durante a celebração do Santo Sacrifício".[164] Trata-se como *A Santa Missa Dialogada* publicada pela Vozes em 1936,[165] de um método de dialogação da Missa entre um dirigente e o povo, acompanhando a dialogação do Celebrante com os acólitos. Além disso, apesar de se apoiar naquela sempre repetida frase de Pio X,[166] revela ainda o medo de dar um passo mais adiante, olhando o lado meramente proibitivo do Decreto da SCR de 4-8-1922 sobre as Missas dialogadas ou recitadas,[167] apesar mesmo de o Concílio Plenário Brasileiro (1939), baseando-se no citado Decreto, ter permitido a dialogação da Missa entre o Celebrante e os fiéis.[168]

A partir de 1942, a Tipografia Beneditina da Bahia publicou alguns fascículos contendo sobretudo cantos gregorianos e também outros cantos para a Missa, conforme o tempo litúrgico, intitulado *Jubilemus*. A mesma Tipografia publicou também, para acompanhar a Missa, um subsídio intitulado *Oremus*.

Mais um trabalho próprio para as crianças nos vem das Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria, em São Paulo. Trata-se de um livrinho de 136 páginas, intitulado *Meu Primeiro Missal*, editado em 1945 pela Editora Beneditina da Bahia. Trata-se de um Missal adaptado para crianças, contendo um devocionário, o Ordinário da Missa e os textos das principais festas do tempo litúrgico.[169]

162. *Rezar a Missa*, *op. cit.*, 3.
163. *Manual de cânticos e orações* *op. cit.*, 8-9.
164. *Missalzinho do povo*. *op. cit.*, 5.
165. Cf. supra, p. 65, nota 180.
166. "Muitos rezam na Missa, bem poucos, porém, rezam a Missa" (*Missalzinho do povo*, *op. cit.*, 5).
167. Simplesmente cita parte do Decreto: "1) Não é permitido aos fiéis, que assistem a Missa, responder, em lugar do acólito, as orações do sacerdote celebrante. 2) Proíbe-se rezar em voz alta a Secreta, o Canon e as palavras da Consagração" (*ibid.*, 6; cf. original latino do Decreto em *AAS* 14 (1922), 505), esquecendo o "Ad mentem Sanctae Sedis" do mesmo Decreto.
168. Para a interpretação dada pelo CPB ao citado Decreto, cf. adiante, p. 125-127.
169. Em 1962 publicou-se uma 4ª edição do mesmo, com 166 pág.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Ainda, para ajudar as crianças a acompanhar a Missa, o beneditino Dom Jerônimo de Sá publicou um interessante livrinho de 47 páginas, intitulado *Missal das Crianças*, editado pela Tipografia Beneditina da Bahia, em 1945. Traz, nas páginas pares (à esquerda), em desenho, a sucessão dos diferentes gestos litúrgicos do Celebrante na Missa e, nas páginas ímpares (à direita), escrito em português, as palavras que o mesmo diz no altar. Trata-se, portanto, de mais um método que busca ajudar a criança a "ver e saber o que o Padre está fazendo" no altar. Em outras palavras, procura ensinar a elas "como é que devem assistir de um modo certo à santa Missa".[170] Enfim, busca fazer as crianças perceberem-se ao pé da Cruz (= Altar do Sacrifício), oferecendo-se com Jesus ao Pai.[171]

Mais outra obra difundida no Brasil é o *Meu Missal Dominical* do Mons. José F. Stedman, edição portuguesa impressa e encadernada nos Estados Unidos (New York 1945), promovida pela "Confraria do Precioso Sangue" Além de ser um Missal *dominical*, contém as Missas votivas para cada dia da semana, as Missas de Dias Santos e da Padroeira do Brasil, e indicações para a dialogação da Missa. Tem em mira "tornar fácil e acessível aos fiéis a participação na S. Missa em ordem à digna santificação dos domingos e dias santos",[172] ou então, auxiliar o cristão "a compreender e a tomar parte na Liturgia da Igreja", segundo os desejos de Pio X expressos no *Motu proprio* de 1903. Enfim, "o Missal não é oração particular do Sacerdote, mas oração coletiva de todos os cristãos".[173]

Enfim, para 1947, no sentido de promover a participação dos fiéis na oração oficial da Igreja, o Ofício Divino, Dom Hildebrando Martins O.S.B., promoveu a publicação de *Prima e Completas do Breviário Romano. Oração oficial da Santa Igreja para a manhã e a noite*, impresso pela "Lumen Christi". Visa este opúsculo constituir "um elo que nos põe em contacto mais íntimo com nossa Mãe Igreja, e nos faz realizar melhor o 'sentire cum Ecclesia'", pois "a oração litúrgica, enfeixada no Breviário da Santa Igreja e participada pelos fiéis, é a expressão da vida de comunidade dos membros do Corpo Místico", de uma comunidade que, de manhã e à noite, começa e encerra suas atividades "em união com a cabeça que 'vive sempre para interceder por nós'".[174] De um modo todo especial é para a Ação

170. *Missal das Crianças, op. cit.*, 7.

171. *Ibid.*, 6-7: "Minhas crianças. A História Sagrada nos conta que certa vez Abel quis *oferecer* um presente a Nosso Senhor. Foi ao campo, construiu um altar. Sobre o altar colocou uma das suas melhores ovelhas. Pôs fogo e queimou o cordeiro. Abel ofereceu um sacrifício a Deus. Milhares de anos depois, Jesus Cristo, o Filho de Deus, *ofereceu* um sacrifício muito melhor a Nosso Senhor Isto se deu no monte Calvário. O altar aí era a Cruz. O presente foi o próprio Jesus. E Jesus fez isto por amor de nós. Ele morreu na Cruz para nos unir a Deus e nos livrar do pecado. Este sacrifício agradou muito a nosso Pai do Céu, porque nos abriu as portas do Paraíso. Certamente todos os meninos gostariam de estar ao pé da Cruz para ver Nosso Senhor morrer por nós. Mas nós podemos ter essa felicidade, pois todos os dias isto se realiza na *santa Missa*. O Calvário. para nós, é o altar das nossas igrejas. Aí Jesus se imola por nós e conosco ao Divino Pai. Há uma diferença apenas do sacrifício da Cruz. Em nossos altares, Jesus se oferece a Deus Pai de um modo incruento, isto é, sem derramar sangue, como Jesus fez na Última Ceia. Foi nessa ocasião que Jesus tomou um pedaço de pão e disse sobre êle as sagradas palavras: 'Isto é meu Corpo'. Depois tomou um cálice com um pouco de vinho e disse: 'Este é o meu Sangue, que será derramado por vós e por muitos, em remissão dos pecados'. Quando vocês forem assistir à Missa lembrem-se de que estão ao pé da Cruz sempre, e assim oferecem com o Padre, o Sacrifício da Missa".

172. *Meu Missal Dominical, op. cit.*, 5.

173. *Ibid.*, 7. Interessante esta propaganda, na 2ª capa (fundos): "A Ação Católica triunfará pela Liturgia, centralizando novamente a piedade individual e social na Eucaristia-Sacrifício, ou seja a S. Missa. Não permaneça V. Sa. desambientado na era nova que desponta, mas consulte as preciosas obras litúrgicas da Editôra Vozes Ltda ".

174. MARTINS, H., O.S.B., "Oremus cum Ecclesia Dei" (= Introdução), in: *Prima e Completas op. cit.*, 3).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Católica que visa servir este opúsculo: ajudar a Ação Católica a progredir na participação da oração litúrgica, princípio de toda ação.[175] "Sirva-nos de exemplo e estímulo", conclui Dom H. Martins, "a Associação de Santo Ambrósio, fundada em Milão pelo Exmo. Cardeal Arcebispo desta cidade, e cuja finalidade é precisamente promover entre os fiéis a recitação do Breviário".[176]

Além disso, ainda em 1947, a Editora Vozes imprimiu, para o povo acompanhar as cerimônias do Batismo, o *Ritual do Batismo em Latim e Português*. E a Tipografia Beneditina do Mosteiro de S. Bento em São Paulo publicou *Os Salmos em português segundo o texto editado pelo Pontifício Instituto Bíblico, traduzidos e anotados por D. José Pickel em colaboração com D. Gabriel Beltrão.* Por que tal publicação? O tradutor, no Prefácio, o explica: "Observando o gosto dos fiéis pela Liturgia, sentimos a necessidade de lhes pôr nas mãos um livro com que assistam ao Ofício Divino".[177]

Como se vê também por este tipo de publicações (publicações para servir diretamente ao culto), crescia sempre mais no Brasil a preocupação para levar os fiéis a uma participação viva e ativa no culto da Igreja, preocupação esta que se revela também em outros setores, como passamos a ver.

2) *Cursos, Congressos e programações de estudos litúrgicos dentro da Ação Católica*

"Onde se inicia um movimento de A.C. sadio e fecundo, tem de se iniciar também um movimento litúrgico paralelamente fecundo e vivificador", afirma o Pe. C. Ortiz.[178] Tendo consciência de que a Ação Católica se define como participação, e participação que atinge seu sentido pleno na Missa como centro da Liturgia, tendo consciência da enorme responsabilidade que os leigos da Ação Católica têm em colaborar com a Hierarquia, tendo consciência da ignorância em matéria de Liturgia, e tomando consciência da responsabilidade que a Ação Católica em geral tem na revitalização da Igreja através da Liturgia, promoveu-se para essa uma grande campanha de aprofundamento litúrgico, através de cursos, conferências e Congressos.

175. *Loc. cit.*: "Visto ser a AÇAO CATÓLICA a participação do laicato no apostolado da Igreja, deverão os leigos igualmente tomar parte ativa na oração que é a alma deste mesmo apostolado. A oração litúrgica deverá ser a sua ação por excelência. Tanto mais fecunda será sua ação quanto mais unida estiver à oração pública e solene da Igreja. Assim compreendido, vários são os núcleos da A. C. que procuram viver esta realidade".

176. *Ibid.*, 4.

177. *Os Salmos em português...*, *op. cit.*, 9. Acrescentaríamos, enfim, estas obras as quais até o momento não nos foi possível acesso: *Meu Missal Dominical* (publicado pela Vozes), *Missa Recitado Coletiva* (do Mons. Leovigildo Franca), e *Missa das Crianças* (de Maria Lira da Silva) (cf. informação em GURGEL, M., "Aspectos Pastorais da 'Mediator Dei' quanto à Participação dos Fiéis na Missa", *REB* 11 (1951), 197, notas 45 e 48).

178. ORTIZ, C., *O Christo Total, op. cit.*, 86-87; *id.*, "O movimento litúrgico e o rosário de Maria", *art. cit.*, 578: "A A.C. é..., em resumo, um prolongamento da S. Missa"; TRISTÃO DE ATHAYDE, "Liturgia", *art. cit.*, 181: "A participação ativa dos fiéis no culto é da essência do movimento litúrgico, como sua participação ativa no apostolado é a essência da Ação Católica. São dois movimentos inseparáveis, como partes de uma mesma restauração 'do verdadeiro espírito cristão'..."; cf. Frei Boaventura, O.P., "Ação Católica e renovação da vida cristã", *O Diário* 6-7-1943, 2; *id.*, "Ação Católica. Seu verdadeiro espírito", *O Diário* 23-7-1943, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Evidentemente, não precisamos repetir o trabalho (cursos, etc.) realizado por Dom Martinho Michler no seio da Ação Católica, especialmente no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Ao lado deste, lembramos o trabalho de Dom Tomaz Keller no Instituto Católico de Estudos Superiores do Rio de Janeiro, e através de sermões em celebrações litúrgicas diversas.[179]

Acrescentamos aqui — sem pretender sermos completos — mais algumas informações a respeito do subtítulo acima exposto.

Notícia de 1935 nos fala de uma "Semana de Ação Católica", realizada em Belo Horizonte, em novembro do mesmo ano. Aí, a Liturgia foi um dos assuntos importantes tratados e estudados. Por exemplo, em uma conferência sobre a "A Ação Católica e Liturgia", o Pe. Orlando Machado, um dos líderes do Movimento Litúrgico em Belo Horizonte, ao lado do Pe. Agnaldo Leal, do Pe. Álvaro Negromonte, do Pe. Alexandre Gonçalves do Amaral (Bispo de Uberaba a partir de 1939) e outros, mostrou

> "a necessidade do conhecimento da Liturgia, a qual chama de irmã gêmea da Acção Catholica. "; todos os catholicos, e principalmente os que militam na Acção Catholica, precisam viver a Liturgia, conhecel-a melhor e amal-a com grande e entranhado amor" [180]

O apelo realmente foi seguido. Na verdade, basta folhear, por exemplo, três anos depois, o Boletim Oficial da Juventude Feminina Católica, *Acies Fraterna*, desta Arquidiocese, ou o Boletim Oficial da Ação Católica, *Vinculum Unitatis* (este a partir de 1943), para se dar conta do intenso programa de estudos litúrgicos para cursos e círculos de reflexão, com fartas indicações bibliográficas.

Veja-se igualmente o trabalho apresentado por Lourdes Ribeiro no Congresso Eucarístico Diocesano de Juiz de Fora (julho de 1939), sob o título "A influência da Eucaristia na vida social das moças",[181] onde apresenta as seguintes "conclusões práticas para a intensificação da vida eucarística":

> "— Viver a Missa.
> — Orientar todos os nossos trabalhos no sentido de dar uma compreensão mais profunda da Missa no nosso meio.
> — Difundir o Missal.
> — Explicar o Missal. Propaganda intensa do livrinho de fácil divulgação: 'Para entender a Missa' de D. Pius Parsch.
> — Promover missas assistidas *em comum*, (se possivel cantadas — ou pelo menos o mais ativamente e conscientemente participadas) como base de qualquer programa de juventude.
> — Para intensificar a participação na Missa, estudar o canto Gregoriano e intensificar o mais possivel a prática deste canto, *segundo o desejo expresso da Igreja*.
> — Rezar em comum as orações da Igreja que dão a melhor compreensão dos Santos Mistérios.
> — Dar à nossa vida um cunho de simplicidade e verdade que deve reinar entre aqueles que comem na mesma mesa e se reunem em volta do mesmo altar.

179. Cf. supra, p. 71, nota 226.
180. *O Diário* 24-11-1935, 7. Baseia-se o orador no fato de que ambas, Liturgia e Ação Católica, "são collectivas, a primeira na oração, a segunda na acção. . Ambas antiguissimas, datando a A.C. dos primeiros annos do catholicismo, e a Liturgia ainda do Velho Testamento, ambas são necessarias e indispensaveis" *(loc. cit.)*.
181. Cf. *A Ordem* 22 (ag. 1939), 126-133.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

— Em nossas reuniões: adotar a leitura comentada de uma boa explicação sobre a Missa, o ciclo do ano litúrgico. (Ex. 'Le guide dans l'année liturgique', de Parsch).
— Nos círculos: preocupação vital. Chegar à 'clara notitia cum laude' de todos os problemas estudados, na base da vida cristã.
— Ambiente geral: de vida, na base da compreensão mútua, sinceridade absoluta". [182]

No Rio de Janeiro, sabe-se de um curso de Ação Católica para dirigentes da Juventude Católica Brasileira, dado por Mons. Leovigildo Franca (Assistente Eclesiástico), e por A. Amoroso Lima (Presidente da Ação Católica Brasileira), na Matriz do Sagrado Coração de Jesus, a 11 de novembro de 1938. Diga-se de passagem: Mons. Franca foi também um grande batalhador pelo Movimento Litúrgico, no Rio de Janeiro. Pois bem, neste curso, como registra *A Ordem*,

> "as palestras realizavam-se após a Missa Dialogada, sempre dentro do espírito da A.C., cujas reuniões por excelencia são as proprias reuniões liturgicas da Igreja". [183]

E o característico deste curso é que as palestras dadas pelo Mons. Franca basearam-se no recém-publicado livro de Beauduin, *Vida Litúrgica*. "Não poderia fazer melhor escolha", comenta *A Ordem*, "do que a desse 'livro de ouro', para usar a expressão do próprio Mons. Franca". E continua *A Ordem*, resumindo o tema geral das palestras:

> "A Ação Católica não é uma simples coordenação de associações, mas a propria vida católica, a vida divina comunicada aos homens por intermédio do Cristo na Liturgia. Participar do apostolado hierárquico não é apenas auxiliar o clero nas obras exteriores mas sobretudo integrar-se organicamente no ministério santificador da Hierarquia, realizado nos Atos liturgicos. Daí a importância real que o conhecimento da vida liturgica da Igreja assume para os membros da A.C., como para os católicos em geral". [184]

Assim, depois que Mons. Franca mostrou como o munus santificante exercido pela Hierarquia constitui propriamente a base da vida cristã, apontou ele alguns males a serem remediados pela Ação Católica. Por exemplo:

> "A maioria dos fiéis desconhece a Liturgia, substituindo os meios autenticos de santificação que Deus mesmo instituiu e que constituem a vida liturgica da Igreja, por devoções e práticas piedosas secundarias, quasi sempre subjetivas e individualistas". [185]

Daí, como programa prático de ação, no esforço "pela restauração da vida liturgica entre os cristãos", concluiu-se o seguinte, segundo registra *A Ordem:*

> "Fazer da Missa o centro da vida humana e dos Sacramentos os agentes da sacralização de todas as fases da nossa existencia. Restaurar entre os fiéis o Ofício Divino ou Breviario, oração oficial da Igreja. Sintonizar nossa vida com o ritmo anual estabelecido pela Igreja, porque 'não se pode conceber uma santidade profunda e completa senão segundo o espírito da Igreja no Ciclo Liturgico'. E, por fim, reunir em torno do Vigário na Missa solene dos domingos, nas Vesperas, o rebanho dos fiéis, hoje dispersos pelas associações e obras extra-paroquiais. 'É preciso resssuscitar êsse espírito de familia paroquial', disse Mons. Franca". [186]

182. *Ibid.*, 132-133.
183. *A Ordem* 21 (jan. 1939), 105. As palestras de A. Amoroso Lima versaram sobre os Estatutos da Ação Católica.
184. *Loc. cit.*
185. *Loc. cit.*
186. *Ibid.*, 105-106. Falando do Breviário, diz ser este "quasi que só conhecido pelos sacerdotes, quando o ideal seria que também o povo rezasse em comum o Ofício, ao menos as Horas principais, Vesperas e Matinas, nos domingos e dias de festa" (*ibid.*, 105).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Enfim, foi um curso que proporcionou a um bom número de jovens uma "sólida formação sobre os princípios básicos da Ação Católica".[187]

Na linha da necessidade de formação litúrgica para membros da Ação Católica, convém registrar aqui duas imperativas sugestões práticas apontadas por D. Vilas-Bôas, em discurso no 1º Congresso Eucarístico de Cajazeiras, em 1939:

> "Fundem-se *cursos de Liturgia* para os membros da AC e das associações religiosas... Com os cursos de Liturgia, uma biblioteca ou, pelo menos, uma *estante* de livros populares sôbre o momentoso assunto. Cada igreja matriz, colegio, comunidade, tenha a sua biblioteca ou estante liturgica".[188]

Não pudemos verificar até que ponto tais sugestões foram levadas a sério na diocese de Cajazeiras e até que ponto tiveram influência direta em outras dioceses e paróquias do Nordeste. Em todo caso, tais palavras, num momento importante como o de um Congresso Eucarístico, devem ter tido efeito. Na verdade, é conhecida, por exemplo, a vitalidade litúrgica da Igreja em Aracaju (Sergipe), alguns anos após, e a realização de uma "Quinzena de Formação" para a Ação Católica Diocesana e o povo em geral daquela capital sergipana, de 16 a 31 de julho de 1947, dada por Dom Clemente Isnard, com Auditórios repletos de ouvintes atentos às conferências que versaram sobre a Missa e a Oração Oficial da Igreja. Além das conferências: círculos de estudos para os ramos femininos e para a Juventude Feminina, onde se debateu o Movimento Litúrgico; aulas de canto gregoriano; e dois retiros sobre "o que é ser cristão e viver como tal" [189] As Missas, diariamente, eram todas dialogadas, as quais já constituíam "o meio habitual de os fiéis participarem ativamente dos santos mistérios".[190] E não só isso. Com a "Quinzena de Formação", veio se acrescentar na Missa: o Ofício Divino! Eis uma significativa descrição do ocorrido:

> "Durante a Quinzena teve início a recitação (com numerosas partes cantadas) das Vésperas Dominicais na Igreja de São Salvador. Com quatro dias apenas de ensaio, umas quarenta moças e senhoras da Ação Católica já estavam preparadas e em ponto de poder rezar em público essa parte do Ofício. Os primeiros bancos da igreja foram dispostos de modo a formar um côro, e o povo, que fora especialmente convidado pelo Reitor da igreja, poude presenciar algo de extremamente significativo: os fiéis tinham recobrado a voz da Igreja que emudecera em suas bocas havia longos séculos! As vésperas dominicais tiveram início durante a Quinzena, e vão continuar, se Deus quizer".[191]

Além disso, foi digna de nota a experiência de vida comunitária nos retiros desta Quinzena.[192] Enfim, para o encerramento solene na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Cônego Félix de Oliveira pronunciou um interessante discurso, conclamando a todos para o "instau-

187. *Loc. cit.*
188. VILAS-BOAS, M. M., "A Santa Missa — centro da vida cristã", *art. cit.*, 104; ou, *Sermões e Discursos de Dom Mário ., op. cit.*, 33.
189. Cf. "Quinzena de Formação em Aracajú", *A Ordem* 39 (jan. 1948), 67.
190. *Ibid.*, 68. E acrescenta: "tôdas as missas da Ação Católica são dialogadas; num santuário da cidade a missa é dialogada diariamente. Já foi também introduzida em dois colégios de irmãs. O uso do missal se difunde cada vez mais" *(loc. cit).*
191. *Loc. cit.*
192. *Ibid.*, 69: "Deve-se ainda mencionar o cunho de vida em comunidade que tomaram os retiros. Diariamente Missa Dialogada, Vésperas e Completas. Refeições em comum com leitura, etc. Era a Ação Católica vivendo intensamente como corpo místico de Cristo, fazendo num sentido pleno seus 'exercícios espirituais', e restaurando o sentido da comunidade cristã tão necessária e esquecida" Nota-se a experiência de Dom Clemente aprendida com Dom Martinho e agora transmitida à Ação Católica de Aracajú!

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

rare omnia in Christo" através da participação na vida da Igreja, isto é, na Liturgia.[193]

Também às Congregações Marianas, conscientes dos "deveres" que têm, como "auxiliares", para com a Ação Católica,[194] propõe-se, para as reuniões do mês de abril de 1940, o temário geral sobre "A Eucaristia na vida mariana", com os seguintes temas para cada reunião: Primeira reunião: "A tese eucarística de Cristo; segunda reunião: "Minha comunhão"; terceira reunião: "Minha Missa e meu Missal"; quarta reunião: "Devoções eucarísticas".[195]

Menção especial merece aqui a realização do Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, com cerca de 4 mil participantes inscritos. Realizado de 7 a 12 de agosto de 1943, liderado pelo Arcebispo D. Antônio dos Santos Cabral, comunicado oficialmente em sua Carta Pastoral de 14 de abril do mesmo ano e inspirado nesta, este Congresso surgiu num momento importante, num momento em que a Ação Católica necessitava de uma apresentação clara e firme de seus princípios, diante das críticas e suspeitas que se investiam contra esta e o Movimento Litúrgico.[196] Como afirma D. Cabral no discurso inaugural:

> "ei-lo que se vai efetuar numa atmosfera de grande espectativa e de não menores reservas. Entretanto, promovendo-o, Nosso exclusivo proposito é tributar a Deus, por meio desta realização, um testemunho idôneo de profundo e insofismável reconhecimento".[197]

E conclama o Arcebispo:

> "Soou a hora de esclarecer as consciências retas, desbravar os campos e, sobretudo, de empreender uma larga e fecunda semeadura dos sadios e verdadeiros ideais deste 'urgente, necessario e insubstituivel apostolado dos tempos modernos', imposto pelo Supremo Hierarca da Igreja, para estender ao mundo agonizante a mão ungida e salvadora do Divino Samaritano."[198]

E, após mostrar que, através de um testemunho metódico e sistemático, dever-se-á *levar Cristo* em todas as manifestações da vida humana, individual, familiar, social, política, nacional, D. Cabral aponta uma finalidade do Encontro:

193. *Ibid.*, 66-72.

194. Cf. DAINESE, C., S.J., "Congregações Marianas e a Acção Catholica", *Estrela* do *Mar* 348 (set. 1938), 225-229. Pe. Dainese era o Assistente nacional das Congregações Marianas.

195. *Id*, "Nossas Reuniões de Abril", *Estrela do Mar* 364 (março 1940), 50-53. Para o tema da terceira reunião ("Minha Missa e meu Missal"), propõe-se o seguinte: a) Doutrina da Missa Assistir à Missa compreendendo, tomando parte, unindo-se ao sacerdote, etc.; b) Conhecer as cerimônias e os paramentos Como ajudar a Missa... sublimidade do ajudar a Missa...; d) "Conhecer o Missal e seguir a Missa no Missal (Ótimo o Missal de D. Beda, da Bahia). Podemos rezar, meditar, cantar durante a Missa. Não há dúvida, porém, que com o Missal na mão nos unimos mais ao sacerdote. Por isto, todo Congregado deverá ter o Missal, além do Manual" (*ibid.*, 52).

196. A Pastoral de D. Cabral será objeto de consideração no Cap. III deste trabalho. Igualmente, não cabe aqui abordarmos as controvérsias em torno do Movimento Litúrgico.

197. "Primeiro Congresso de Ação Católica da Provincia Eclesiástica de Belo Horizonte", *A Ordem* 30 (set. 1943), 289. Todo o discurso vem aí registrado (*ibid.*, 289-291; publicado também em "Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica da Arquidiocese de Belo Horizonte", *REB* 3 (1943), 763-765). Seguiremos o texto de *A Ordem*.

Sobre a atmosfera da Ação Católica, acrescenta ainda D. Cabral: "Com efeito, após os entusiásmos tumultuares e, por isso mesmo, ineficientes, que se seguiram à veemente conclamação do Santo Padre Pio XI, às vigorosas prescrições do Episcopado Nacional transfundidas posteriormente nos Canones do 1º Concilio Plenario Brasileiro — inoperantes ainda em grande parte — surgiram os dias abafados do mormaço e calmaria. Manifestara-se a estagnação e, para logo, as dúvidas e suspeitas que envolveram os objetivos, os moldes e até a propria estrutura essencial da sadia organização da Cruzada da Ação Católica, como a delineara o Chefe Supremo Pio XII. Muitos espiritos, ainda entre os mais vigorosos, sentiram-se desalentados" (*A Ordem*, *op. cit.*, 290).

198. *Ibid.*, 290.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Visa o Congresso a dar-nos consciência destes deveres e, sobretudo, unir-nos em torno do ideal cristão contra todas as forças do coletivismo materialista que nos assalta e já domina, pela infiltração lenta de cinqüenta anos de pernicioso laicismo. Urge cessem os desentendimentos, afim de apresentarmos aos inimigos coligados o poder irresistivel de nossa coesão ideológica e orgânica". [199]

União de forças, portanto, para *cristianizar* a sociedade! União de forças por uma intensa formação apostólica fundamentada na participação da vida da Igreja, como aponta A. Amoroso Lima, no mesmo Congresso. [200] Busca de um apostolado que "compreende o equilíbrio da vida ativa com a vida contemplativa", [201] vida contemplativa que, sem exclusão da devoção individual, encontra na oração litúrgica o melhor meio de apostolado. [202]

Naturalmente, exigia-se uma boa formação litúrgica, para que esta participação comunitária na vida da Igreja pudesse fazer surtir os efeitos desejados. Podemos dizer que neste sentido houve preocupação. Tal preocupação transparece já nas próprias celebrações litúrgicas principais do Congresso, com várias missas explicadas ou cantadas em gregoriano. [203] Também nos temas tratados nas aulas e círculos de estudos transparece uma intensa atividade de formação litúrgica. Eis alguns dos temas tratados: "Ação Católica, intensificação da vida cristã e do Apostolado da Igreja"; "Razões profundas do movimento litúrgico"; "O mistério da Igreja"; "Liturgia, método de formação e fonte de vida espiritual"; "Chefes leigos e sua formação profunda, adaptada e litúrgica"; "Formação e canto na Igreja"; "Liturgia, fonte de formação e de vida espiritual"; "Vida cristã, base do apostolado" [204]

E os resultados? Estes aparecem delineados nas *Resoluções* tomadas pelo citado Congresso. [205] Naturalmente, interessam-nos aquelas referentes à Liturgia.

No que se refere à "Formação apostólica dos leigos", concluiu-se que deverá ser "*profunda*", isto é, "baseada no conhecimento dos dogmas gera-

199. *Ibid.*, 291.

200. "A participação dos católicos na vida da Igreja", diz A. Amoroso Lima, em discurso sobre "Formação apostólica dos leigos", na sessão de abertura, "consiste em se integrarem eles na unidade. A religião católica é a religião da comunidade, da comunhão, que nos transmite o espírito trinitário: Deus — Cristo — Igreja, em oposição ao espírito totalitario" (*ibid.*, 293).

201. *Loc. cit.*, ainda do discurso de A. Amoroso Lima.

202. "A oração coletiva não exclue a devoção individual. Mas supera-a em qualidade e extensão e em intensidade. Ela nos incorpora à vida da Igreja. Essa vida de oração prepara a nossa individualidade e norteia o nosso proceder, de tal forma que possamos exercer o mais eloqüente e irresistivel dos apostolados — o do exemplo" (*ibid.*, 294, também do discurso de A. Amoroso Lima).

203. Eis, por exemplo, o programa na Igreja Matriz de Lourdes: Dia 8, Missa celebrada por Mons. Rui Serra e explicada pelo Pe. Orlando Machado; dia 9, Missa explicada por Dom Gerardo Martins, O.S.B.; dia 10, Missa cantada em gregoriano pelo Seminário e sócios da Ação Católica; dia 11, Missa celebrada pelo Pe. Álvaro Negromonte e explicada pelo Mons. Leovigildo Franca; dia 12, encerramento com Missa pontifical celebrada pelo Arcebispo e cantada em gregoriano pelo Seminário provincial (cf. *ibid.*, 294-296).

204. *Ibid.*, 296. Outros temas tratados: "Relações entre o Clero e a Ação Católica"; "Papel decisivo dos Assistentes Eclesiásticos"; "Laicato, causa instrumental do apostolado hierárquico"; "Relações entre Ação Católica e as obras auxiliares"; "Fundamentos dogmáticos da Ação Católica"; "Razões de ser da Ação Católica nos primeiros tempos, hoje e sempre", "Sentido vivo da Paróquia e Diocese e sua aplicação na Ação Católica"; "Preparação das alunas para a vida" (para Religiosas); "Cooperação das Religiosas na Ação Católica"; "Ação Católica. Apostolado urgente, necessário, insubstituivel, único, adaptado aos tempos modernos"; "O mistério do apostolado e os fins da Ação Católica"; "O apostolado dos homens no mundo moderno"; "A mistica do matrimônio cristão" (para senhoras); "A missão da mulher cristã"; "Ideal e fecundidade da educação cristã"; "Chefes leigos e sua formação"; "A preparação para o matrimônio" (para senhoras) *(loc. cit.)*.

205. Cf. *Resoluções do Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, de 7 a 12 de agosto*, Belo Horizonte 1943; publicado também em *O Diário* 17, 18, e 19-8-1943, 2; publicado ainda em "Primeiro Congresso de Ação Católica da Provincia Eclesiástica de Belo Horizonte", *art. cit.*, 297s., e em "Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica da Arquidiocese de Belo Horizonte", *art. cit.*, 765-780. Principalmente as *Resoluções* referentes à Liturgia são amplamente comentadas em "Em torno das Resoluções do Primeiro Congresso de A.C. de Belo Horizonte", *A Ordem* 31 (jan. fev. 1944), 147-151.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

dores da verdadeira piedade, enraizada na vida litúrgica intensa, animada pelo espírito cristão que é o Espírito de Cristo".[206]

No que se refere à "Vida cristã, prolongamento do apostolado hierárquico", concluiu-se pela necessidade de: a) "incrementar a vida cristã bem ordenada, baseada no amor à Eucaristia considerada como Sacrifício, Sacramento e Presença Real, centro de toda a vida espiritual";[207] b) procurar basear a vida cristã nos alicerces objetivos da verdadeira piedade, e não em meras práticas sentimentais e egoístas;[208] c) "corrigir os defeitos de uma piedade mal compreendida" (sentimentalismo, piedade puramente exterior, religiosidade interesseira e egoísta, ascese como uma mera finalidade em si, separação entre graça e vida, Eucaristia como união só com Deus).[209]

Depois nos vêm mais outras resoluções, sob o título "Liturgia — Razões profundas do movimento litúrgico".[210] Trata-se de um ponto sem dúvida importante,[211] pois nele se propõem abertamente os ideais do Movimento Litúrgico a seguir, bem como se manifesta uma busca de equilíbrio na recomendação destes ideais. Damos um resumo das recomendações e exortações aí expostas:

Antes de tudo, se pede para "levar pouco a pouco os fiéis e sobretudo os alunos e alunas dos colégios e institutos religiosos à participação ativa no Santo Sacrifício";[212] levá-los "à compreensão mais profunda" do sentido dos Sacramentos; educá-los à comunhão dentro da Missa, sempre que possível; levá-los "a se unirem sempre mais à vida de oração pública e solene da Igreja"; levá-los a "não se comportarem mais passivamente durante a missa". Exorta o clero a trabalhar "com afinco" na "educação litúrgica e musical do povo". Lembra que a volta à Liturgia não significa abandono ou restrição às práticas de piedade pessoal; daí, exorta-se aos Diretores Espirituais a que não deixem de recomendar aos seus dirigidos tais práticas e as devoções aprovadas pela Igreja. Mas lembra a necessidade

206. *Resoluções*. *op. cit.*, 1. Além de profunda, a formação deverá ser *adaptada* e viva (cf. *loc. cit.*).

207. *Ibid.*, 6. Além disso, tal formação deverá ser incrementada "na devoção a Nossa Senhora e aos Santos, vida que se distingue sobretudo por um entranhado amor á Igreja manifestado pela devoção ao Papa e pela união ao Bispo da Diocese, Pontífice, Pai e Mestre AUTENTICO da verdade" *(loc. cit.)*.

208. *Loc. cit.*: "Basea-la mais nos seus alicerces objetivos, procurando sempre dar uma noção da verdadeira piedade que não consiste em 'um conjunto de praticas vãs ou em uma vã sentimentalidade' (Pio XI, 4-1-1927), mas no sentimento de filial devoção para com Deus, 'compreendido, amado e servido como PAI, piedade que é orientada (não para um fim egoista mas para a vida e a vida para Deus e para todo o fim para o qual Deus a destinou' (Pio XI, 4-11-1927) e não divorciada da vida social".

209. *Ibid.*, 6-7. Damos o texto da lista dos tais defeitos com as devidas correções propostas a serem feitas: "a) 'O sentimentalismo religioso, vago e inconcludente' por uma piedade baseada no dogma e por ele alimentado" [o texto citado, sem indicação da fonte, é de SANTINI, C., *Curso de Ação Católica*. , *op. cit.*, 190]; b) A exteriorização cultual, feita de estereis praticas exteriores que não provéem da vida interior, pela participação na liturgia, 'fonte primária e indispensavel do verdadeiro espirito cristão'; c) O fazer exclusivamente da religião uma como que sociedade de segurança contra os infortunios, por uma noção mais exata de sacrificio, do Sacerdocio da Igreja e do culto dos Santos (Vide Civardi — 'Manual de A.C.' — pág. 65); d) O consistir a mortificação em uma mera finalidade em si e a perfeição no fazer sempre o contrario do que se ama, por uma noção segura, COMPLETA sobre o ascetismo cristão, seu valor e NECESSIDADE bem como sobre a perfeição; e) O separar, como em dois compartimentos estanques a graça e a vida, ao que gera uma dualidade perigosa na vida espiritual, por uma noção mais clara e viva da graça; f) Ser a Eucaristia somente uma união com Deus, quando é tambem união com comungantes entre si. " (*Resoluções* ., *op. cit.*, 7).

210. *Ibid.*, 7-8.

211. Dada a sua importância, trazemos o seu texto integral no Apéndice deste trabalho (cf Apéndice XVII).

212. Pede para se renovar periodicamente a benéfica campanha do Missal" (*Resoluções*. *op. cit.*, 7).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

de levar os fiéis "à consciência de seu papel ativo na Missa".[213] Recomenda que se estimule a "prática dos Retiros Espirituais". Enfim, lembrando que a música sacra não tem por finalidade despertar "meros sentimentos estéticos", mas glorificar a Deus e santificar os fiéis, recomenda que se exclua das funções litúrgicas as músicas profanas, que se incentive o Gregoriano e outras músicas que se aproximem à dignidade deste, segundo a norma dada por Pio X no seu *Motu proprio* de 22-11-1903, e que, na medida do possível, os fiéis cantem a Missa.

Como dissemos, trata-se de um ponto importante. Ele nos revela, ao lado dos outros já citados, todo o esforço para sanar a ignorância geral em matéria litúrgica e promover uma vida religiosa centrada na Liturgia e, ao mesmo tempo, proclama nitidamente um *não* ao exclusivismo litúrgico, numa tentativa, certamente, de também desfazer certas suspeitas contra a Ação Católica e o Movimento Litúrgico.

Como se vê, temos aqui consignado o resultado de um estudo,[214] que prova o grande esforço de promoção da vida litúrgica, promoção corajosa, e prudente ao mesmo tempo, procurando evitar exclusivismos e, conseqüentemente, desentendimentos em torno do Movimento Litúrgico no Brasil, tomando inclusive medidas concretas para que se evitem polêmicas, suspeitas e acusações infundadas contra a Ação Católica e o Movimento Litúrgico.[215] "Poucos documentos deveriam ter em todo o Brasil a repercussão e merecer uma leitura atenta como este", exclama *A Ordem*. E continua:

> "quantos problemas estão aí completamente resolvidos, quantos mal-entendidos sanados, quanto esclarecimento, quantas boas diretivas. A todas aquelas dioceses que se iniciam no trabalho da A.C. será de incomensuravel valor esta contribuição da diocese de Belo Horizonte para que lhes poupe muitos perigos e desvios, muita luta, muita incompreensão e sobretudo muito trabalho e paciência que D. Antônio dos Santos Cabral e sua diocese certamente tiveram para chegar a formulações tão precisas em matérias tão intrincadas e delicadas. Os bispos e dioceses que as seguirem estarão baseados numa longa e custosa experiência, estarão apoiados numa grande segurança de doutrina, de prudência apostólica e de respeito à palarva dos Santos Padres".[216]

213. "O que importa é levar os fiéis à consciencia de seu papel ativo sobretudo na Missa, penetrando na alma do Sacrificio que é oblação, unindo-se a J. Cristo, Sacerdote principal, pelo seu Ministro, para o que é necessário ter-se maior compreensão do carater sacramental" (*ibid.*, 8).

214. *A Ordem* sintetiza-o com estas palavras: "Como base, uma vida sobrenatural profunda pela participação cada vez mais pura, intensa e consciente na liturgia da Igreja, uma vida de santidade pela fidelidade à 'graça das virtudes e dos dons'. E como realização, irradiação dessa vida em todos os setores da existência contemporânea nos quadros oficiais da Ação Católica" ("Primeiro Congresso de Ação Católica da Provincia Eclesiástica de Belo Horizonte", *art. cit.*, 297).

215. Os sacerdotes, por exemplo, são exortados a entrarem, com caridade e compreensão, "no pensamento, nos cuidados, dificuldades e aspirações do laicato, corrigindo, se preciso for, 'mas com toda a doutrina e paciência', e nunca desanimando entusiasmos proprios a animos juvenis tão inevitaveis no começo destes movimentos renovadores, como os da A.C. e da Liturgia" (*Resoluções ., op. cit.*, 9). Ao mesmo tempo, "para que estes salutares movimentos não fiquem á mercê de julgamentos suspeitos e de gostos individuais", constituiu-se uma "Comissão Arquidiocesana de A.C.", encarregada de "tomar conhecimento e sanar os abusos que por acaso se introduzirem na A.C. ou no movimento litúrgico". E continua: "Assim evitarão menosprezar, ironizar a A.C. e o movimento litúrgico seja do púlpito, ou nas associações ou mesmo em conversa privada, lembrando-se das palavras de Pio XI: 'Tudo o que se fizer contra ou a favor da A.C. é feito á Igreja'". Mais ainda: "O Congresso, lamentando profundamente o espirito de critica e polemica descaridosa em torno destes movimentos com prejuizo das almas e do espirito de união, visando muitas vezes mais pessoas do que propriamente erros, faz um veemente e energico apelo para que, tendo-se conhecimento de erros, exageros e desvios, sejam levados ás próprias autoridades Arquidiocesanas, *com a presença dos interessados*, tendo-se todo empenho e cuidado em que os fatos sejam apresentados *de um modo bem concreto e nunca de modo impessoal e vago*, ao invés de publicações infundadas e destruidoras" (*ibid.*, 11-12).

216. "Em torno das Resoluções do Primeiro Congresso de A.C. de Belo Horizonte", *art. cit.*, 151. Pouco depois, em novembro do mesmo ano, realizar-se-á uma Semana da Missa em Belo Horizonte, muito concorrida pelos fiéis em geral, como veremos (cf. abaixo).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

De 1945, temos notícia de um "Congresso de Ação Católica de Poços de Caldas" (diocese de Guaxupé — Minas).[217] Das Resoluções deste Congresso, entre outras, destacamos estas:

> "Intensificação do estudo da doutrina do Corpo Místico de Cristo, segundo as normas da Encíclica 'Mystici Corporis Christi', para que se possa amar efetivamente o Corpo Místico de Cristo que é a Igreja... Amor e devoção filial a Nossa Senhora. Intensificar o estudo da Sagrada Escritura... Sendo os salmos a oração da Igreja no ofício divino, pedir ao Pe. Leonel Franca tradução em português do livro dos salmos, para uso dos fiéis...".[218]

Igualmente, não poderíamos deixar despercebido o Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica, realizado no Rio de Janeiro de 31 de maio a 9 de junho de 1946. Dir-se-ia que este Congresso marca o início de um novo período para a Ação Católica no Brasil, como afirmação de sua real importância para a Igreja, e como primeira tentativa, em nível nacional, da passagem do fervor de muitas discussões descaridosas ("estéreis") e de preocupações "imediatistas", para um programa mais centrado na preocupação teológico-dogmática, e com maior acento para ação e maior contacto com a realidade.[219]

Do ponto de vista litúrgico, mesmo que não tivesse havido sessões de estudos dedicados especialmente à Liturgia,[220] algo foi tratado sobre o assunto. Por exemplo, o Bispo de Mossoró (Rio Grande do Norte), D. Portocarrero Costa, em seu discurso, apontava dois pontos básicos em que devia se apoiar o esforço dos dirigentes e militantes da Ação Católica na realização das esperanças dos Bispos: 1º) Um esforço sério, inteligente, ininterrupto na sua formação, formação que significa transbordamento da vida sobrenatural, de vida de Cristo, de vida do Espírito, que provém antes de tudo da "intensificação da vida litúrgica", principalmente pela participação intensa e profunda da Santa Missa, "fonte e modelo do apostolado leigo".[221] Evitando discussões "estéreis" em torno do Movimento Litúrgico, pois já está mais que provado ser este, não um movimento de algumas pessoas ou grupos, mas um movimento da própria Igreja,[222] o que se necessita é orientar "a formação dos dirigentes e militantes para uma expressão prática de sua conformidade ao espírito da Santa Missa",[223] isto é, levá-los a "uma penetração íntima do sentido do mistério da nossa vida cristã, que não pode desenvolver-se fora da influência definitiva e total da cruz em nosso ser, que recebe do altar toda a riqueza do Divino Pobre, preso a uma cruz pela nossa liberdade, perpetuando o mistério de sua morte

217. Cf. *REB* 5 (1945), 969-970, sem indicação da data deste Congresso.
218. *Ibid.*, 970.
219. Cf. "Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica", *A Ordem* 36 (ag. set. 1946), 298-300; PORTOCARRERO COSTA, J. B. (Bispo de Mossoró, RN), "A Ação Católica na Esperança do Episcopado", *REB* 6 (1946), 552-562; "Conclusões do I Congresso Nacional de Ação Católica Brasileira", *REB* 6 (1946), 938-950; SARTORI, L. M. A., O.F.M., "Sugestões de Bases para uma Estrutura Geral da Ação Católica Brasileira", *REB* 12 (1952), 38-39).
220. Cf. "Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica", *art. cit.*, 300.
221. PORTOCARRERO COSTA, J. B., *art. cit.*, 560.
222. *Ibid.*, 560-561: "Deixemos de lado as discussões estéreis, ponhamos à conta das irresponsabilidades pessoais os condenáveis excessos que possam ter-se verificado na expansão do movimento litúrgico. Mas não sejamos contrários à própria vida da Igreja, condenando o movimento litúrgico, perfeita expressão de catolicidade, quer em nossa vida pessoal, quer na influência renovadora da Ação Católica na vida social de nossa pátria" Cf. também "Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica", *art. cit.*, 298, resumindo um discurso de D. Alexandre G. do Amaral, na mesma linha.
223. PORTOCARRERO COSTA, J. B., *art. cit.*, 561. "'A Liturgia não é um espetáculo'", diz, usando um texto de *El poema de la Liturgia* de M. Zundel. "'É uma oração brotada do silêncio para permanecer no silêncio, uma lição interior ao mistério, que por meio dela deve realizar-se, uma obra toda humildade, desaparecimento e amor" *(loc. cit.)*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pela vivificação abundante do nosso espírito".[224] 2º) Para compreender e assimilar as riquezas da Santa Missa, não basta colocar o Missal nas mãos dos dirigentes e militantes de Ação Católica. Usando o Missal, precisa-se ter uma "profunda e robusta assimilação de todos os sagrados mistérios da vida da Igreja". É preciso intensificar o estudo do conteúdo dogmático da nossa fé.[225]

Realmente, para a intensificação da vida litúrgica, a preocupação maior vai no sentido de uma *formação* muito ampla, rigorosa, profunda e *integral*, do que reduzir-se apenas à Liturgia nos seus aspectos práticos e imediatos (Missal, Missa dialogada, etc.). Foi nesse clima que se desenvolveu o Congresso.[226] E tal tomada de consciência se reflete nos textos das Conclusões do Congresso. Por exemplo, quanto à *necessidade da Formação:*

> "Em consonância com os inúmeros documentos pontifícios, alertados pela experiência de todos os lugares e de todos os tempos, afirmamos que a formação integral, quer dos dirigentes, quer dos simples membros, sem ser a finalidade última da Acção Católica, lhe é de tal modo fundamental, que jamais poderá ser postergada ou sacrificada, nem mesmo por motivo de zelo imediatista ou sob alegação de excelências pessoais".[227]

Como se vê, fala de "formação integral" que deve estar acima de qualquer "zelo imediatista".

Ou, falando da *"Missão do Pároco"*, conclama a que estes (os párocos) se dediquem "sem esmorecimento" à formação dos dirigentes e membros de Ação Católica, "mas outrossim sem preocupações imediatistas" [228]

Quanto ao *"Renascimento litúrgico"*, no item 12 das Conclusões, sujeita sua intensificação às diretrizes do Ordinário do lugar, o que significa certamente busca de maior controle sobre a situação:

> "A Acção Católica vê, com júbilo, o renascimento do espírito litúrgico entre os fiéis, e, pelo desejo de intensificá-lo, quer que, em cada diocese, sejam, sobre o assunto, seguidas fielmente as diretrizes do Ordinário, garantia por excelência do 'sentire cum Ecclesia'".[229]

Há também o item 20 sobre a *"Missa Paroquial"*, que diz:

> "A Acção Católica é essencialmente paroquial e, para que mais se desenvolva esse espírito característico da Acção Católica, será de grande conveniência e plenamente conforme ao espírito da Igreja que a Missa Paroquial seja a Missa da Acção Católica, inclusive para os Setores e Secções" [230]

224. *Loc. cit.* Sem também combater os exercícios de Santo Inácio ou o Rosário de Maria *(loc. cit.)*.
225. *Loc. cit.* E diz: "O Cristo que se comunga na Santa Missa, é o mesmo Cristo Verdade que se assimila no catecismo" *(loc. cit.)*.
226. *A Ordem* não concorda com este modo de o Congresso encarar a Liturgia, e o critica fortemente: "No que diz respeito ao desenrolar do Congresso propriamente, é de lamentar que os seus organizadores não tenham feito um apêlo maior à participação ativa dos fiéis na liturgia. Nesse ponto a capital do país ficou em situação de inferioridade em relação a outros lugares, a Minas por exemplo. A participação ativa dos fiéis nos atos do culto é o meio mais direto e eficiente de infundir nos corações a 'mística' do cristianismo, única fôrça capaz de destruir as falsas místicas do totalitarismo. Não acreditamos que os problemas especulativos sejam necessariamente estéreis. Mas então porque não dedicar especialmente à liturgia alguma das sessões de estudo? Porque não apelar mais para a participação ativa, pela qual se forma no fiel uma 'consciência litúrgica', uma vez que nada há mais prático e concreto para a vida do cristão do que a liturgia, meio normal pelo qual chegamos à união com Deus?" ("Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica", *art. cit.*, 299-300).
227. "Conclusões do I Congresso Nacional de Ação Católica Brasileira", *art. cit.*, 939. No item 13 aconselha-se a prática dos Exercícios Espirituais, fechados, baseados no método de Santo Inácio *(loc. cit.)*.
228. *Ibid.*, 947.
229. *Ibid.*, 939.
230. *Ibid.*, 948.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

E, sobre *"Os Colégios e a Missa Paroquial"*, no item 21, louva-se a seguinte iniciativa proposta:

> "Louvamos amplamente os Diretores de Colégio que, embora controlando o cumprimento do dever de assistência à Missa por parte de seus alunos externos os encaminham para a Igreja paroquial. Gravando assim melhor no espírito do adolescente que a Missa de preceito não é um dever colegial e sim um dever fundamental da vida cristã. A J.E.C., colaborando com os diretores dos colégios nesse sentido, estará exercendo utilíssimo apostolado". [231]

É tudo o que as Resoluções trazem sobre a Liturgia. Como se vê, não há nestas nenhum aceno à *participação ativa* dos fiéis. Evita-se tocar em assuntos práticos como uso do Missal, Missa dialogada, Ofício Divino, etc. Nem mesmo as Missas durante o Congresso foram dialogadas! Seriam preocupações imediatistas. Buscava-se impor antes de tudo um aprofundamento *integral* na formação; um aprofundamento mais *dogmático*, como insinuava D. Portocarrero Costa. De um lado, é sinal de amadurecimento. Por outro lado, poderia correr o perigo de um endurecimento frente ao desenvolvimento do Movimento Litúrgico. Na verdade, evidencia-se uma reação contra o Movimento como vinha sendo trazido até então. Sintomática, por exemplo, é a reação imediata de *A Ordem* contra as supracitadas lacunas deste Congresso. [232] Mas não nos alonguemos mais. Sobre estes problemas ainda falaremos oportunamente.

Não obstante as reservas do I Congresso Nacional de Ação Católica, continuou-e assim mesmo o trabalho e campanha também prática do Movimento Litúrgico. Exemplo disto é a "II Sémana Nacional de Ação Católica", realizada em Belo Horizonte, de 31 de agosto a 7 de setembro de 1947, por ocasião do "Congresso Eucarístico do Cinqüentenário", preparado intensamente com congressos paroquiais, com conferências sobre a Missa nas paróquias, Missas dialogadas, etc. [233] Durante a própria Semana, a dialogação da Missa tornou-se indispensável, [234] além dos estudos específicos sobre a Eucaristia, como por exemplo "A Eucaristia, base de renovação para o mundo atual", ou "A Eucaristia, fonte e fim da Ação Católica". [235] Enfim, basta lembrar a "Quinzena de Formação" de Aracaju, da qual falamos acima. Basta ver as "Semanas de Missa" pregadas por Dom Isnard, das quais falaremos mais adiante.

231. *Loc. cit.*
232. Cf. supra, p. 107, nota 226.
233. Típica, por exemplo, foi a Semana da Missa na Paróquia de Santo Antônio, de 3 a 10 de agosto, organizada pelo pároco Pe. Agnaldo Leal, toda ela feita "sob o signo da participação ativa", com Missas dialogadas todos os dias, círculos de estudos para os ramos femininos de Ação Católica paroquial, com aulas de canto gregoriano, ensaio de Vésperas e explicações da Missa. Tudo muito simples e prático para gente simples (a maioria eram domésticas e operárias), mas que alcançou um sucesso extraordinário, sobretudo na realização das Missas dialogadas. Para os que desconfiavam ou até desaconselhavam a realização da dialogação da Missa, estava provado que esta era possível (cf. "Semana da Missa em Belo Horizonte", *A Ordem* 39 (jan. 1948), 72-75).
Eis como vem descrito o encerramento da Semana: "No domingo de encerramento, beneficiando dos ensaios feitos após as conferências noturnas, a voz do povo se fez ouvir de um modo impressionante, cheia, com aquele timbre inconfundível das multidões em que a voz dos homens se funde com a das mulheres. E aquela voz, semelhante a uma catarata ('sicut vox aquarum multarum'), rezava a Missa. O povo ('plebs sancta') naquele momento parecia curado da extranha mudez de que se vê afligido há tantos séculos, mudez tanto mais grave e incompreensível, que se manifesta justamente quando o fiel deve pronunciar as palavras mais importantes e decisivas que lhe são dadas. Aquela Missa paroquial... foi a expressão eloqüente e promissora de uma paróquia que descobre o seu sentido" (*ibid.*, 74).
234. Cf. "II Semana Nacional de Ação Católica e Congresso Eucarístico do Cinqüentenário", *O Diário* 30-7-1947, 2, e *O Diário* 2-8-1947, 2
235. Cf. *O Diário* 7-9-1947, 1.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Vejamos, pois, logo em seguida, outra modalidade de promoção da expansão dos ideais do Movimento Litúrgico no Brasil: as Semanas Litúrgicas, Semanas da Missa e Tríduos litúrgicos para os fiéis em geral.

3) *Semanas Litúrgicas, Semanas da Missa, Tríduos Litúrgicos para os fiéis em geral* [236]

"Sejam introduzidas, entre nós, as *semanas litúrgicas*, tão em voga em vários países, notadamente na Bélgica", era o brado de D. Vilas-Bôas, em 1939, no Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano de Cajazeiras. E continua:

> "Semanas litúrgicas em que nada haja de pompa e aparato externo, mas sim, de *doutrinação intensa* sôbre materia liturgica versada de modo accessivel ao comum dos fiéis... constarão de conferências, explanações, palestras, de acordo com a mentalidade do ambiente onde se celebram, — sôbre a sagrada Liturgia, em todos os seus vários aspectos, como o *ano cristão* ou *litúrgico, liturgia dos Sacramentos*, etc. A parte principal, porém, da semana, seja a liturgia da Santa Missa". [237]

D. Vilas-Bôas o fala de própria experiência, testemunhando o sucesso consolador que pessoalmente já havia tido com as explicações da Missa. [238] E conclama:

> "Abram-se, sem reservas, ao povo os tesouros imensos da liturgia sacrifical e teremos trabalhado pela formação de uma piedade mais solida por isso que mais firmada nos verdadeiros fundamentos". [239]

E conclui:

> "Estou certo que as SEMANAS LITÚRGICAS muito concorrerão para a formação de uma mentalidade toda estruturada no verdadeiro SENSUS CHRISTI que é SENSUS ECCLESIAE" [240]

236. Alertamos que, quando se fala em "fiéis em geral" não se exclui a Ação Católica, pois esta estava presente também nas promoções para os fiéis em geral. Naturalmente, não podemos elencar todas as promoções neste sentido realizadas pelo Brasil afora. Daremos apenas alguns exemplos.

237. VILAS-BOAS, M. M., "A Missa — Centro da vida cristã", *art. cit.*, 102; ou *Sermões e Discursos de Dom Mário...*, *op. cit.*, 31, passando em seguida a mostrar como se poderia fazer mais ou menos a explicação da Missa: "um sacerdote vai para o altar e outro ocupa o pulpito; aquele, vagarosamente, toma os paramentos, á medida que éste explica o simbolismo de cada uma das vestes como também dos vasos sagrados; — antes de iniciar-se a celebração, o sacerdote locutor fará uma rapida exposição doutrinária sôbre o que representa na Religião, o *sacrificio* e sôbre o sacrifício do Homem-Deus, consumado na Cruz e renovado, naquele momento, no altar; terá início, então, a celebração e á proporção que o celebrante vai entrando nas varias partes da Santa Missa, introito, ofertório, consagração, comunhão, o locutor porá em relevo cada uma dessas partes, dando a conveniente explicação e frizando sempre, o sentido da participação de todos os fiéis na função augusta do Celebrante. A Missa é o nosso sacrifício, sacrifício de todos os cristãos, sacrifício do Corpo Místico cujos membros se articulam com a divina Cabeça, Nosso Senhor Jesus Cristo, Sacerdote e Vitima" (*art. cit.*, 102-103; ou *op. cit.*, 31-32.

238. *Art. cit.*, 103; ou *op. cit.* 32: "Já tive a consolação de iniciar, na minha Diocese, êsse piedoso movimento, fazendo eu mesmo a explicação da Santa Missa em meio ao religioso silêncio e piedosa curiosidade de multidões compactas. Si grande foi a consolação, explicando, maior foi, ainda, a de verificar que o povo estava encantado, contente e edificado. Até mesmo pessôas piedosas mostravam-se comovidas diante do mundo de beleza que se lhes rasgou e que não supunham existir nos trinta ou trinta e cinco minutos em os quais, no altar, o sacerdote exerce a mais sublime função que os céus e a terra já viram. A titulo de curiosidade. acabára eu de explicar a Santa Missa, na Igreja Catedral, quando uma senhora, vindo do extremo norte do país em demanda do clima de Garanhuns, vem ao meu encontro e diz: 'Sr. Bispo, eu me dou por recompensada de minha exhaustiva viagem, só pelo que acabo de vêr e ouvir'".

239. *Art. cit.*, 104; ou *op. cit.*, 32. Pede que "nas Semanas de Liturgia não se omitam as chamadas MISSAS RECITADAS, isto é, aquelas em que os fiéis recitam em comum e em VERNÁCULO, várias partes da Santa Missa, o que não só evitará o alheamento dos fiéis absorvidos no pietismo das orações de caráter pessoal, como, principalmente, firmará bem o conceito de PARTICIPAÇAO no divino mistério, porisso que cada fiel reza aquilo que o sacerdote reza que todos os seus irmãos rezam e a Igreja Universal está rezando" *(op. cit.*, 32; omitido em *art. cit.*). Das Missas dialogadas prefere não falar, devido a muitas reservas ainda existentes por parte de autoridades eclesiásticas *(loc. cit.*; omitido em *art. cit.)*.

240. *Op. cit.*, 32; omitido em *art. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Realmente, em Garanhuns mesmo, se sucediam os trabalhos para aproximar os fiéis do Altar do Sacrifício e vice-versa, com repercussões até para Minas e Rio de Janeiro. Encontramos, por exemplo, noticiada em Belo Horizonte, a realização de um "Tríduo Litúrgico de Garanhuns". Trata-se do "Segundo Tríduo de preparação litúrgica à festa de Cristo Rei", de 1941.[241] Apoiando-se em 1Pd 2,4-10, em Pio X e na própria Missa ("offerimus"), e constatando "uma dissociação quase que completa entre sacerdotes hierárquicos e a comunidade dos fiéis" nos últimos séculos, produzindo "em todos e em tudo o subjetivismo", fêz-se ver que "os fiéis devem rezar a Missa e não rezar na Missa. Devem rezar pelo Missal e não pelos livros de devoção. E que absurdo ainda o de alguém fazer novenas, ladainhas, etc. durante a S. Missa. Estas idéias foram abordadas no primeiro dia do tríduo por D. Jerônimo de Sá, O.S.B.". Neste mesmo dia, à noite, o Pe. Joel Morais falou sobre "o Corpo Místico de Cristo, que é afirmação da doutrina do sacerdócio geral dos fiéis". No dia seguinte, o beneditino Dom Domingos Tavares mostrou como "a nossa maior participação na vida da Igreja se realiza principalmente no Santo Sacrifício da Missa". A maneira prática desta realização foi apresentada "sabiamente" pelo Pe. Tarcísio Falcão. No terceiro dia, o Pe. Pedro de Godoi salientou o valor "da participação dos fiéis no apostolado hierárquico". E o Prior do Mosteiro Beneditino de Garanhuns, Dom Gerardo Martins O.S.B., discorreu sobre "Ação Católica e Ação Litúrgica", mostrando que não pode existir uma sem a outra: "Do Altar parte toda a Ação Católica" Mas, o mais interessante é que tudo isso não ficou apenas na teoria. As Missas eram dialogadas, na Catedral, com procissão do ofertório. Mais ainda: no dia de Cristo Rei "celebrou-se o solene pontifical em um altar virado para os fiéis", no mesmo altar em que se vinham já celebrando as missas dialogadas. Enfim, diante da realização deste Tríduo, assim se expressa o citado artigo de *O Diário:*

> "Foram dias, pois, de intensa alegria espiritual e de verdadeira participação na vida da Igreja. Que estes dias se multipliquem pelo nosso Brasil, tão eivado de egoísmo e superstição".[242]

De pouco antes deste Tríduo Litúrgico de Garanhuns temos o exemplo de uma Semana Litúrgica realizada em Belém do Pará, nos dias 28 de setembro a 5 de outubro de 1941, sob o governo episcopal de D. Antônio de Almeida Lustosa.[243] "Imaginem que, logo no 1º dia, *a sta. missa foi explicada* minuciosamente em nada menos de 20 igrejas da capital paraense", exclama Francisco de Lins, noticiando brevemente como se fazia tal explicação da Missa.[244] Constou ainda no programa da Semana "uma extraordinária *Exposição de arte sacra e objetos litúrgicos*" Lugar saliente teve também, no Teatro da Paz, "um dos mais luxuosos do Brasil", uma série de representações do *Auto Sacramental* de Calderon de la Barca: "OS

241. "O triduo liturgico de Garanhuns". *O Diário* 21-11-1941, 2. Os dados que seguem sobre este Tríduo, são todos desta página de *O Diário*.

242. Convém acrescentar ainda a realização do Congresso Eucarístico de Garanhuns, de 28 a 31 de outubro de 1943, anunciado por uma Circular de D. Vilas-Bôas, com data da Páscoa do mesmo ano, em que, ao mesmo tempo, ordena que o Congresso seja preparado com mais freqüentes e acuradas pregações nas Paróquias sobre a Eucaristia, Sacrifício e Sacramento, dando um lugar todo especial à Santa Missa (cf. "Congresso Eucarístico de Garanhuns", *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), secção "Registro", 451-452).

243. Cf. LINS, F. de, "Um auto sacramental no Pará", *Música Sacra* II, nº 1 (jan. 1942), 2-4; cf. também *Música Sacra* II, nº 3 (março 1942), 55.

244. LINS, F., de, *art. cit.*, 2. Todos os dias houve Missa explicada.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

MISTÉRIOS DA MISSA, em versão fluente e poética da profª Helena Souza", sob a organização do Pe. Tiago Way C. M. (Assistente Geral da Ação Católica) e do Pe. Paulino M. Bressan. Foi um sucesso![245] Sem, porém, equecer outra realização:

> "Fez-se ainda mais na bendita *Semana Litúrgica*: um coro falado das alunas do Instituto Nossa Senhora de Nazaré encarregou-se, muito dignamente, do *Sacrum Mysterium* de Dom Beda Keckeisen, outra glorificação da Santa Missa".[246]

Além disso, teve lugar uma série de conferências sobre a Liturgia. Damos a lista dos temas, com os respectivos conferencistas: "A sagração das basílicas" (Pe. Divino Ferreira); "A música sacra pelos séculos", e "Ritmo e sons" (Pe. Paulino Bressan — barnabita); "Utilidade e necessidade da liturgia" (Sr. Urbano Leitão); "Os mistérios da Missa" — sessão para crianças, com projeções luminosas — (Pe. Paulino — lazarista); "O ano ou ciclo litúrgico" (Prof. Naide Vasconcelos); "A liturgia dos sacramentos e sacramentais" (Pe. Davino Ferreira — salesiano); "Liturgia e Ação Católica" (Profª Helena Souza).[247] Enfim, como expressa Francisco Lins,

> "foi um verdadeiro curso de formação litúrgica para cantores e povo, completado pelas lições convincentes da bela Exposição de arte sacra e objetos litúrgicos".[248]

Do norte e nordeste do Brasil, voltemos a Belo Horizonte, para colhermos algumas informações da "Semana da Missa" aí realizada nos dias 22 a 27 de novembro de 1943. Os propósitos do Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica daquela Arquidiocese são levados a efeito: Eis aí, oportunamente, uma "Semana da Missa", cujo fim é exatamente tornar mais conhecido o ato por excelência do nosso culto, fazer da Santa Missa a primeira de todas as devoções, apostolado urgente para o nosso povo ignorante do significado e do valor infinito do Mistério Central do Cristianismo.[249] Organizada pelo Conselho Arquidiocesano de Ensino Religioso, que contava com a presidência do Pe. Álvaro Negromonte, realizou-se com uma série de conferências sobre a Missa,[250] diante de Auditórios sempre mais numerosos, o que provava o crescente interesse despertado nos fiéis belo-horizontinos sobre o assunto. Damos a lista das conferências pronunciadas, com o respectivo conferencista: "A Missa na vida cristã" (Pe. Orlando Machado);[251] "O Sacerdócio de Cristo" (Pe. Álvaro Negromonte); "O Sacrifício de Cristo" (Pe. Hilton Gonçalves); "As orações da Missa" (Pe. Agnaldo Leal); "Os frutos do Sacrifício" (Pe. Álvaro Negromonte, partindo do sentido da "representação" como "nova presença real de Cristo", como "perpetuação do episódio da Redenção" pela celebração);[252] "Apostolado pela

245. *Ibid.*, 2-4.
246. *Ibid.*, 4.
247. *Loc. cit.*
248. *Loc. cit.* Lembramos ainda a realização de uma "Semana da Missa", neste mesmo ano, em Fortaleza (cf. *Rezar a Missa, op. cit.).*
249. Cf. "Conheçamos a Missa", *O Diário* 21-11-1943, 2; "Semana da Missa'", *A Ordem* 31 (jan. fev. 1944), 156-157, "A missa, centro da vida cristã", *O Diário* 23-11-1943, 2; "Prossegue a 'Semana da Missa'", *O Diário* 24-11-1943, 2; "Encerrou-se o círculo de estudos da 'Semana da Missa'", *O Diário* 27-11-1943, 2.
250. As sessões se realizaram à noite, com duas conferências em cada sessão. Primeira sessão, no Auditório do Colégio Imaculada Conceição. As seguintes, no Auditório da Escola Normal.
251. Publicada em *A Ordem* 31 (março 1944), 163-170, com o título "Missa, centro e corôa da vida cristã".
252. Estas duas últimas conferências se fizeram numa sessão marcada por "invulgar brilho", no vasto salão da Escola Normal literalmente lotado, com a presença inclusive do Arcebispo (cf. "Brilhante a sessão de ontem da 'Semana da Missa'", *O Diário* 26-11-1943, 2).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Missa" (Mons. Medeiros Leite); e "Nossa santificação pela Missa" (Pe. Cristiano Pena, futuro Bispo de Divinópolis).[253] E o encerramento solene da Semana constou de uma Missa dialogada com o povo, precedida de uma Hora Santa na Catedral da Boa Viagem. Enfim, a promoção da Semana recebeu os melhores elogios de D. Cabral, pelo seu alto valor como estudo do "ato mais grandioso da Religião Católica, pois é o ato pelo qual Jesus Cristo se torna presente, a todos os momentos, no meio dos homens". Além disso, enalteceu o trabalho de promoção da verdadeira música, o canto gregoriano, entre os alunos da paróquia de Carlos Prates, como um exemplo a ser seguido.

Como se vê, foi uma Semana, também esta, com a preocupação especial de levar instrução aos fiéis sobre a Missa.

Cumpre-nos acrescentar, enfim, a intensa atividade do beneditino Dom Clemente Isnard, como pregador de "semanas da missa, sementes de conscientização e de prática litúrgica", em vários pontos do país. Pelo menos umas 20 destas Semanas foram por ele pregadas. Damos aqui alguns exemplos.[254]

Temos, por exemplo, notícia de uma "Semana da Missa", pregada por Dom C. Isnard em Leopoldina (Minas), em preparação à Festa de Corpus Christi, nos das 13 a 20 de junho de 1946, cujo êxito "excedeu a expectativa", provando que "a falta de preparo não é obstáculo invencível à participação ativa dos fiéis no culto divino".[255] Como registra *A Ordem:*

> "Diariamente, às 6,30 horas, havia missa com respostas pelo povo, explicações e pregações após o Evangelho por D. Clemente. Às 18 hs., também por D. Clemente, círculo de estudos sobre a Missa para a Ação Católica e às 19 hs., conferência para o povo. No dia 20, Corpus Christi, houve, pela manhã, grande concentração operária seguida de missa dialogada e comunhão geral do povo fiel".[256]

As conferências perpassaram ordenadamente toda a Missa, parte por parte, explicando, de uma maneira bem clara e simples, cada uma das partes com o sentido profundo de cada uma e, conseqüentemente, incentivando os ouvintes a uma participação consciente e ativa no Sacrifício.[257]

Também no sul de Minas Dom C. Isnard dirigiu "Semanas da Missa" Por exemplo, em Paraisópolis, de 20 a 27 de outubro de 1946, numa "Semana Litúrgica" promovida pelo pároco daquela cidade, Dom C. Isnard divulgou a "Missa dialogada e o maior conhecimento dos sacramentos e do missal", com "ampla repercussão no seio do povo fiel".[258]

Igualmente no Rio se fez ouvir a voz de Dom C. Isnard, na sua campanha da Missa entre o fiéis. Temos o exemplo de uma "Semana da Missa"

253. Além disso tiveram lugar algumas promoções artísticas nas sessões. Por exemplo: um "coro falado" sobre a Missa, levado a efeito pela Juventude Feminina Católica (sessão de abertura); apresentação de numerosos números de canto gregoriano, pelos acólitos dos franciscanos da Paróquia de Carlos Prates (dirigido pelo Frei Antelmo) e pelo coro S. Gregório da Paróquia da Boa Viagem (dirigido pelo Pe. Bonardi); e números de canto sacro polifônico, pelo coro das alunas da Escola Normal (dirigido pela Sra. Maria Amorim).

254. Sem desmerecer, naturalmente, a atividade desenvolvida neste sentido também por outros como por exemplo Dom Hildebrando Martins (cf. Apêndice V).

255. "Semana da Missa em Leopoldina", *A Ordem* 36 (out. 1946), 119-121.

256. *Ibid.*, 119.

257. Cf. programa das conferências e resumo das mesmas in: *ibid.*, 119-121.

258. "Semanas da Missa", *A Ordem* 37 (março 1947), 272.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

na paróquia de Santa Teresinha, promovida pelo Mons. Leovigildo Franca e dirigida por Dom C. Isnard nos dias 27 de novembro a 1º de dezembro de 1946, tendo por fim, como a "Semana da Missa" de Leopoldina, "o incremento nos fiéis do conhecimento e do amor ao Santo Sacrifício, do Altar, fonte das graças da Nova Aliança".[259] Enfim, comenta *A Ordem:*

> "Ambas as semanas do Rio e de Paraisópolis encontraram ampla repercussão no seio do povo fiel e fazemos votos para que tais iniciativas se repitam por toda a parte, tornando cada vez maior a participação naquelas 'fontes primeiras e indispensáveis do verdadeiro espírito cristão'".[260]

Um último exemplo, só para relembrar, é a "Quinzena de Formação de Aracaju", da qual já falamos acima. Mas, além destes lugares, Dom C. Isnard esteve também em Belo Horizonte e Juiz de Fora,[261] de que não pudemos ter notícias detalhadas.

Como se vê, todos estes exemplos até aqui elencados mostram bem a intensa atividade desenvolvida no Brasil para expandir o Movimento Litúrgico.

4) *Promoção da renovação na arte sacra em geral*

a) Música sacra

Naturalmente, não repetimos o que já foi dito sobre o assunto, principalmente sobre a promoção do canto gregoriano, através de publicações, nos cursos para a Ação Católica e para os fiéis em geral, etc. Gostaríamos de apenas citar três fatos importantes na promoção da música sacra no Brasil:

1) A fundação, em 1941, da revista *Música Sacra*, por Frei Pedro Sinzig O.F.M., seu redator. Diretor era Frei Henrique G. Trindade O.F.M. Tratava-se de uma publicação da Editora Vozes, cuja finalidade era exatamente a de contribuir sobretudo para elevar o nível artístico da música religiosa no Brasil.[262] Folheando suas páginas, podemos verificar que trata dos temas mais variados de música religiosa, como: Assuntos Gerais, Canto Gregoriano, Canto Sacro Popular, Ciência Musical (história, técnica, etc.), Crônica Musical (notícias de promoções artístico-musicais), História (notas biográficas, etc.), Legislação, Músicas (composições musicais, muitas das quais do próprio Frei P. Sinzig para coro, órgão, harmônio), Órgão (orientações de como tocá-lo, etc.), e Liturgia (indicações legislativas do uso da música na Liturgia). Tudo na busca da maior consonância possível com a Igreja, procurando adaptar-se às condições do Brasil.[263] Diríamos que sua preocupação vai mais na linha da promoção artística e científica da música reli-

259. *Loc. cit.;* cf. ainda notícia em *Jornal do Comércio* 20-11-1946, 8.
260. "Semanas da Missa", *art. cit.*, 272.
261. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 227.
262. Cf. "Música Sacra", *Música Sacra* I, nº 1 (jan. 1941), 1; SINZIG, P., O.F.M., "Primeiras experiências dum redator", *REB* 1 (1941), 166-171.
263. Em verdade, como diz o Editorial do 1º número da revista: "Arte e Igreja, assim serão os dois pólos naturais a nos orientarem num terreno muito mas vasto do que a princípio pareça. Abrange, entre outras, as questões que se prendem aos assuntos seguintes: Voz humana, córos de todos os gêneros; instrumentos musicais, em particular o órgão; sinos e campainhas; teoria e ensino da música, formação de cantores, regentes e organistas; composições litúrgicas, canto-chão; música não-litúrgica; composições religiosas, oratórias e cantatas, etc. etc. A nossa revista é brasileira, quer dizer, atenderá, sem sacrifício das linhas grandes do caráter católico, i. é, universal, às condições do Brasil" ("Música Sacra", *art. cit.*, 1).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

giosa do que propriamente pastoral. Por exemplo, é rara a insistência na participação dos fiéis no culto através do canto. Com isso não queremos dizer que tal orientação de *Música Sacra* não tivesse incidido na pastoral litúrgico-musical. Basta lembrar que, um ano após, a revista era elogiada e vivamente recomendada ao clero pelos Bispos de São Paulo.[264]

2) A fundação, em 2 de março de 1943, da "Escola de Música Sacra", junto ao "Conservatório Brasileiro de Música", no Rio de Janeiro, com repercussões altamente positivas nos meios artísticos brasileiros. Iniciadas suas atividades em abril de 1943, era a primeira Escola deste gênero na América do Sul. Chegada em boa hora, realizava-se um grande sonho de Frei P. Sinzig contribuir para o melhoramento artístico da música sacra no Brasil também através de uma Escola. Por ele dirigida, a "Escola de Música Sacra" contou com as seguintes matérias curriculares: Canto Gregoriano, Liturgia e Legislação, Música Sacra não-gregoriana, Harmônio e Órgão, História da Música Sacra.[265] Como se vê, segue a linha da revista *Música Sacra*.

3) A fundação de Coros de Meninos Cantores ou *Scholae Puerorum*. Para tanto, servimo-nos deste testemunho dado pelo Pe. Guilherme Schubert em 1949:

> "Atualmente temos 'Scholae' em todos os Seminários, e na grande maioria dos Colégios católicos de meninos. O Coro do Seminário do Rio, dirigido pelo próprio Reitor, Mons. João B. da Mota e Albuquerque, goza de merecido renome. Na Capital existem ainda dois coros deste gênero: na Igreja da Adoração Perpétua, sob a direção do Pe. José D'Angelo, sacramentino; e na Matriz de Madureira, que tem como diretor o Mº Manuel Quadra. Muito conhecidos são igualmente os 'Canarinhos de Petrópolis', dirigidos pelo esforçado Frei Leto Bienias O.F.M., e o coro do 'Orfanato S. Joaquim', da Baía. Funcionam ainda 'Scholae Puerorum' em outros pontos do país, como um coro infantil em Perdões (S. Paulo) e outros" [266]

Feito este breve aceno à promoção da música sacra, com os dados já anteriormente entrevistos, podemos dizer que documentos pontifícios como o *Motu proprio* de Pio X ou a "Divini Cultus" de Pio XI, na sua insistência ao cultivo da verdadeira música religiosa, tiveram ampla repercussão no Brasil, não só teoricamente, mas também na prática.

b) Escultura, pintura, arquitetura

No campo da escultura e pintura, com o advento do Movimento Litúrgico, inspirando-se em Maria Laach, é típica no Brasil a difusão da imagem do Cristo Glorioso (Pantocrator) e de imagens estilizadas de Nossa Senhora. Dizemos "típico" por causa da celeuma que tal difusão

264. *Circular do Arcebispo Metropolitano e Bispos Sufragâneos*, São Paulo 1942, 36-37; Também a *REB*, fundada contemporaneamente à *Música Sacra* é aí elogiada e recomendada *(loc. cit.)*.

265. Cf. "Que passo! — A Escola de Música Sacra", *Música Sacra* III, nº 5 (maio 1943), 81; MURICY, A., "Pelo mundo da música", *ibid.*, 87-88; *id.*, "Inauguração da Escola de Música Sacra", *ibid.* nº 6 (junho 1943), 116 (= transcrição do *Jornal do Comércio* de 10-4-1943); JIC, "Inauguração da Escola de Música Sacra", *ibid.* nº 7 (julho 1943), 133 (= transcrito do *Correio da Manhã* (Rio) de 10-4-1943); CAMARA CASCUDO, L. da, "Escola de Música Sacra", *ibid.*, 136 (= transcrito de *A República* (Natal) de 30-4-1943).

266. SCHUBERT, G., "Scholae Puerorum", *REB* 9 (1949), 901-902. Para os "Canarinhos de Petrópolis", cf. "Os Canarinhos de Petrópolis no 20º Aniversário", *REB* 22 (1962), 1042-1043. Este Coral, famoso em todo o Brasil, com uma *tournée* inclusive já feita pela Europa, fundado em 15 de agosto de 1942 pelo mesmo Frei Leto, exerce ainda hoje papel importantíssimo nas funções litúrgicas solenes da igreja do Sagrado Coração de Jesus em Petrópolis e, oportunamente, em outras cidades.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

provocou. Isto é, muitos alegavam que com isso queria-se encobrir ou até eliminar a realidade das dores de Jesus ou de Maria, tão achegada ao coração do povo brasileiro. No que diz respeito a estamparias religiosas, "algumas editoras bem orientadas introduziram na circulação estampas 'litúrgicas', inspiradas no mais puro e mais eloqüente simbolismo".[267]

Famosas são as pinturas do Irmão Lachenmayer O.S.B., para o Missal de Dom Beda Keckeisen e para outras publicações.

No campo da arquitetura, encontramos exemplos da influência do Movimento Litúrgico. Damos alguns exemplos apenas. Por exemplo, na tentativa de superamento do gosto de mera imitação de estilos,[268] construindo igrejas "em função da Liturgia",[269] temos a igreja da Santíssima Trindade, no Rio de Janeiro, "um belo exemplo, com a soberba estilização gótica da torre. Em gótico estilizado é toda a igreja de S. Teresinha, com suas encantadoras ogivas parabólicas",[270] com a figura do Cristo Glorioso em sua ábside. Relembramos a "Capela da Praça 15" (no Centro Dom Vital), tão bem descrita por Dom C. Isnard, ou um "altar móvel" no Mosteiro de S. Bento do Rio, "que também permitia a celebração de frente para o povo".[271] É do tempo do Movimento Litúrgico, e por ele influenciada, a Capela do Colégio Santa Maria, em Belo Horizonte, e a Capela do Mons. Joaquim Nabuco, em Santa Teresa, no Rio.

Uma das consciências que se tomou, e que se levou a efeito, é a de construir "igrejas cristocêntricas" como estilo ideal de arquitetura religiosa moderna.[272] De *O Diário* 18-11-1943, 2:

> "Surgem igrejas cristocêntricas, reeditando os hábitos sadios de antanho. Enfim, o movimento se generaliza e logra acolhimento favorável".

Um dos exemplos é a igreja dos franciscanos em Itajuípe (diocese de Ilhéus), iniciada em 1925, cuja planta foi desenhada pelo beneditino Irmão Paulo Lachenmayer, da Bahia.[273]

São alguns pálidos exemplos para mostrar que, em muitas partes do Brasil, seguiu-se o ideal do Movimento Litúrgico também neste tipo de arte sacra: centralizar a atenção dos fiéis para o Altar do Sacrifício, onde o Cristo Glorioso se apresenta vivo, atualizando por meio do Espírito Santo o Mistério salvífico da Páscoa.

267. "Arte cristã", *O Diário* 18-11-1943, 2. E continua: "Tem tido bons resultados essa pratica recomendavel, tanto que aumentam os desenhos e se aprimoram em confecção. Não se podem regatear aplausos a essa campanha sumamente nobre e de resultados utilissimos" (loc. *cit.*).

268. O Pe. Dinarte D. Passos fala desta tendência na arte moderna como aquela que se esforça 'por enquadrar, na concepção moderna, alguns dos estilos passados, modificando-os dentro dos planos modernos, de modo a deixar do antigo apenas seus traços mais característicos: é o que se denomina *modernismo de estilização*" ("A Moderna Arquitetura Religiosa", *REB* 4 (1944), 596).

269. NABUCO, J., "Igrejas para Nosso Tempo", *REB* 2 (1942), 14-22; id., "A Arte Sacra a Serviço da Igreja", *REB* 8 (1948), 1-11.

270. PASSOS, D. D., "A Moderna Arquitetura Religiosa", *art. cit.*, 596.

271. ISNARD C., O.S.B., "Reminiscências... ", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 212 e 219.

272. Cf. ALVES RIBEIRO, F., "A propósito de arquitetura religiosa", *art. cit.*, 133-134; PASSOS. D. D., *art. cit.*, 599: "Com efeito, as linhas grandiosas, a proscrição de todo formalismo desnecessário, a convergência do conjunto ao interior do templo, um cunho de admirável unidade, apta a simbolizar a união dos fiéis entre si, com o Sacerdote e com Cristo..."; cf. *id.*, "Normas Gerais Para a Construção de um Templo", *REB* 7 (1947), 94-105.

273. SOUZA, B. de, "Arte Religiosa", *REB* 10 (1950), 654-655. Posteriormente, temos a igreja da Foz do Rio Aripuanã (diocese de Manaus), em construção em 1950, e a "monumental Basílica de N. Sra. Aparecida" *(loc. cit.)*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

IV. Busca de equilíbrio na promoção do Movimento Litúrgico

Diante dos entusiasmos desencadeados pela novidade do Movimento Litúrgico no Brasil e diante de críticas adversas que tais entusiasmos suscitavam, não faltaram também vozes advertindo para perigos e exageros a que tais entusiasmos poderiam conduzir.

Destas vozes distinguimos um grupo, que é o daqueles que se apresentam com a maior boa intenção em defesa dum sadio Movimento Litúrgico e, conseqüentemente, em defesa da própria Igreja; mas se distinguem por um característico tom agressivo e apologético com que investiram contra os erros, até mesmo contra pessoas e grupos. E este não era certamente o método do Movimento Litúrgico implantado no Brasil,[274] embora alguns liturgistas não tivessem escapado também à acusação de agressividade e de imposição, à força, de suas idéias. Pois bem, desse grupo preferimos falar ao abordarmos as controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil. São autores como o Pe. Ascâneo Brandão,[275] o jesuíta Pe. Cesar Dainese na secção "Consultas" da revista *Estrela do Mar*, a partir de abril de 1942,[276] o Sr. Plinio Corrêa de Oliveira,[277] o Pe. M. T. L. Penido[278] e outros.

Também não falamos dos autores que de certa maneira se defendem destes, ou com eles discutem diretamente, como por exemplo diversas páginas da secção "Correspondência" de *A Ordem*, a partir de julho de 1942,[279] o dominicano Frei Boaventura,[280] F. Alves Ribeiro,[281] e outros que tentaram prestar esclarecimentos em torno de controvérsias mais quentes suscitadas direta ou indiretamente por pessoas do citado grupo polemista.[282] Será igualmente assunto para o Capítulo IV, ao falarmos das controvérsias. Além disso, também não é hora de falarmos do fator equilibrante do Episcopado Brasileiro ou de Editais de Câmara Eclesiástica.

O que abordamos aqui são algumas advertências ao perigo de excessos, independentes de grandes envolvimentos polêmicos.

Comecemos por uma colocação do Pe. A. Brandão.[283] Assim inicia ele o seu artigo: "Há hoje na Igreja um belo e consolador movimento pela restauração da piedade litúrgica e uma participação mais ativa e inteligente dos fiéis nos mistérios adoráveis do altar". Fala da situação indiferente e alheia com que o povo assiste à Missa, em saber o que se passa no altar.

274. Cf. supra, p. 44, nota 59; ALVES RIBEIRO, F., "Martinho Michler e um testemunho", *art. cit.*, 559-560; LAGE PESSOA, F., "Piedade da igreja", *O Legionário* 2-7-1950, 6.

275. Cf. BRANDÃO, A., "Terço e Missal", *Mens. Cor. Jesus* nº 549 (março 1942), 102-103; *id.*, "Trez erros", *O Legionário* 2-4-1944, 5; *id.*, "Falsos Profetas", *O Legionário* 28-5-1944, 5; embora no início tenha escrito com mais moderação (cf. "Um Bispo e uma Pastoral da Idade Nova", in: *Ação Católica. Primeira Pastoral de D. Mário Vilas-Bôas*.. (ed. 1940), *op. cit.*, 5-11); cf. ainda BRANDÃO, A., "Prós e contras do movimento litúrgico", *Vozes* 35 (1941), 559-561. Deste último artigo falaremos neste item.

276. Cf. supra, p. 45, nota 62.

277. CORRÊA DE OLIVEIRA, P., *Em defesa da Ação Católica*, *op. cit.*

278. Cf. indicação bibliográfica supra, p. 92, nota 131.

279. Cf. supra, p. 45, nota 62.

280. Cf. Frei Boaventura, "'Em defesa da A.C.'", *O Diário* 4-7-1943, 2; *id.*, "Ação Católica: erros e exageros", *REB* 3 (1943), 697-698.

281. Cf. indicação bibliográfica supra, p. 92, notas 130-131.

282. "Abusos litúrgicos", *O Diário* 21-12-1942, 2; KELLER, T., O.S.B., "Mystici Corporis Christi", *art. cit.*; GORDAN, P., O.S.B., "Liturgia e 'Liturgismo' ..", *O Diário* 15-12-1943, 2; "Condenações da 'Mystici Corporis Christi' e o Movimento Litúrgico", *O Diário* 23-8-1944, 2; ROSSETTI, N. P., S.J., "A Liturgia e a Companhia de Jesus", *Mens. Cor. Jesus* nº 568 (nov. 1943), 421-424 e nº 571 (jan. 1944), 25-27.

283. BRANDÃO, A., "Prós e contras do movimento litúrgico", *art. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Diante desta situação, contempla com satisfação o movimento restaurador da piedade litúrgica, daquele espírito da Igreja primitiva, onde "os primeiros cristãos compreendiam a vida litúrgica e tomavam parte ativa no santo sacrifício". Graças a Pio X e a Pio XI! Apoiando-se em Pio XI, faz ver também a extrema necessidade do Movimento Litúrgico como um movimento da Igreja, pois "a *liturgia* é a Igreja em oração. é a Igreja ensinando. ".[284] E alerta para os extremismos, esquerdistas ou direitistas, que ameaçam "uma das mais belas prerrogativas da Igreja": o *equilíbrio*.[285] Sobretudo no campo da piedade, nada de exclusivismos: "Há uma piedade *extra-litúrgica*, ou *não-litúrgica*, aprovada, abençoada, indulgenciada e incentivada calorosamente pela Igreja — *terço*, *ladainhas*, *devoções*, *via-sacra*, *meditação*, etc.", que podem ser considerados como "o Missal do analfabeto, da alma devota, que não tem o seu Missal Romano em vernáculo" Cita um texto de *L'Esprit de la Liturgie* de R. Guardini, como um exemplo de regra, de bom senso e de equilíbrio, que seria o pensamento da própria Igreja: As duas piedades são necessárias, a *litúrgica* e a *não-litúrgica*. "Uma completa a outra" E qualquer exagero exclusivista é "imprudente, ridículo e perigoso".[286]

Embora se possa criticar a maneira incompleta como o Pe. A. Brandão se serve de Guardini como exemplo de equilíbrio,[287] contudo é de se notar, além do alerta para o equilíbrio, a sensibilidade pastoral de respeito para com as devoções "do analfabeto" — hoje se fala em devoções "populares", sem querer equiparar os dois termos: "analfabeto" e "popular" — manifestado por ele.

Na mesma linha do problema da piedade, podemos trazer o trabalho do Pe. Carlos Ortiz,[288] mostrando que o Movimento Litúrgico, ao contrário do que se pensa, visa exatamente promover a devoção do Rosário como um Breviário popular. "Popularizemos cada vez mais o Rosário de Maria", conclama ele.[289] Aliás, o beneditino Dom Affonso Niessi também advertia para o fato de não se dever simplesmente proibir o Rosário durante a Missa, embora não seja o método ideal de participação.[290]

Temos também uma tentativa de esclarecimento, feito pelo beneditino Dom Lourenço Zeller, quanto aos chamados "exageros do movimento litúrgico"[291] Isto é, não se deve exagerar, querendo atribuir logo à Ação Católica e ao Movimento Litúrgico os erros e exageros, ainda mais quando se

284. *Ibid.*, 560.
285. *Loc. cit.*: "Em todas as coisas da Igreja de Deus, aparecem os *extremismos* da direita ou da esquerda, esquecidos daquela majestosa e serena prudência da Esposa de Cristo, daquele tocante e belo equilíbrio que a distingue. O *equilíbrio* é realmente uma das mais belas prerrogativas da Igreja de Cristo! Em face do movimento litúrgico há dois perigosos e imprudentes exageros. Uns querem só e exclusivamente a *piedade litúrgica*. Não admitem outra. Outros ridicularizam e se fazem ostensivamente inimigos do Missal, da piedade litúrgica, com palavras e atos que tocam às raias da heresia. Exageros. Nem tanto ao mar nem tanto à terra".
286. *Ibid.*, 561.
287. Faz um ajuntamento de dois textos de R. Guardini, sem perceber o contexto, citando-os num bloco único e sem indicação precisa da fonte, isto é, apenas dá o título *L'Esprit de la Liturgie*. Além do mais, comparando o texto citado com o original alemão (cf. *Vom Geist der Liturgie*, Freiburg i. Breisgau 1922, 42 mais 87 nota 1), vamos perceber que A. Brandão omitiu, ignorou uma importante observação de Guardini, que, por sinal, segue imediatamente após o 2º texto citado: "Der Vorrang freilich gebührt der Liturgie, weil sie die Gebetsform der Kirche ist". Faz, portanto, uma verdadeira acomodação de textos a seu bel-prazer.
288. ORTIZ, C., "O movimento liturgico e o Rosário de Maria", *art. cit.*, 573-582.
289. *Ibid.*, 581-582.
290. NIESSI, A., O.S.B., *art. cit.*
291. ZELLER, L., O.S.B., *art. cit.*, 867-873.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

trata de assuntos acidentais como o uso de casulas góticas, Missas *versus populum*,[292] etc. O maior perigo, no entanto, está no fato "lamentável" de que cada um possa se fechar numa concepção meramente subjetiva e pessoal de Liturgia, esquecendo-se a voz do Magistério pontifício. É o perigo do "subjetivismo 'litúrgico'" ligado ao perigo do "esteticismo" e "sentimentalismo 'litúrgico'".[293]

"Liturgia não é arqueologismo..., não é rubricismo..., não é esteticismo..., não é esoterismo..., não é dogmatismo", adverte o Pe. C. Ortiz; e não é isso que pretende o Movimento Litúrgico.[294] O que pretende é mostrar que "a Ação litúrgica é... a celebração ou representação dos mistérios de Cristo" participada pelos fiéis para a salvação deles.[295]

Na linha de busca de equilíbrio, não podemos deixar de relembrar o trabalho de Dom Tomaz Keller O.S.B., esclarecendo as dúvidas sobre a Missa dialogada.[296] Aliás, da pena de Dom Odilão Moura O.S.B., ele recebeu esta observação: "Promoveu o movimento litúrgico, dando ao mesmo tempo a nota de equilíbrio e impedindo que se desviasse das sendas da reta doutrina"[297]

Igualmente, a publicação de textos patrísticos feita por *A Ordem*, a partir de 1941, constitui certamente uma busca sincera de equilíbrio pelo aprofundamento baseado na Tradição antiga e sempre nova da Igreja.[298]

Depois, temos também as Resoluções do Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, onde, longe de se querer "abandonar ou restringir as práticas de piedade pessoal", longe de se querer "suprimir as devoções APROVADAS pela Igreja", estas são recomendadas como práticas inteiramente livres, contanto que não sejam exclusivas, mas se subordinem ao culto oficial.[299] Mais ainda, para que se evitem mal-entendidos, incompreensões, acusações vagas e maldosas em relação ao Movimento Litúrgico, o Congresso consegue a realização de uma "Comissão Arquidiocesana de A.C." para tomar conhecimento dos problemas e solucioná-los, e para "sanar os abusos que por acaso se introduzirem na A.C. ou no movimento litúr-

292. *Ibid.*, 868. Sobre estes assuntos é interessante uma consulta feita por um pároco a Frei Aleixo, da *REB*: "Alguns sacerdotes jovens, cheios de fervor pelo movimento litúrgico, pensam que a missa deve ser rezada *versus populum*. E a celebram assim aos domingos, deixando o altar-mór. Alguns pediram licença ao Sr. Bispo diocesano. Outros acham que esta é desnecessária. O povo estranha a princípio. Depois se acostuma. Queira V. Revma. dizer-me algo sobre a Missa *versus populum*. Como para a introdução de paramentos góticos, os entusiastas do movimento litúrgico acham que é mister uma campanha pela missa *versus populum*, a fim de generalizá-la para a celebração litúrgica dos fiéis" ("Missa 'versus populum'", *REB* 1 (1941), secção "Assuntos Pastorais", 837). Frei Aleixo, dando as razões em que se baseiam "certos liturgistas", para a introdução da Missa *versus populum* (razões históricas e razões simbólicas — esta última não muito convincente), chama a atenção para um fato: "Um bom movimento litúrgico não poderá jamais vir divorciado dos requisitos cardiais que são: prudência e caridade" *(loc. cit.)*. Exemplo típico é a "sobriedade" com que o CPB se referiu à campanha do Movimento Litúrgico (*ibid.*, 839). E conclui citando simplesmente, em tradução portuguesa, o texto dum *Monitum* do Bispo de Linz (Áustria), Johannes Maria Gföelner (original do documento: "Monitum. De vitandis exagerationibus in re litúrgica", *Periodica de re morali, canonica, liturgica* [Roma] 27 (1938), 163-167; fora publicado antes em *Linzer Diözesanblatt* LXXXIII (1937), 114s.), que, como diz Frei Aleixo, "parece retratar com fidelidade o modo de sentir dos nossos exmos. srs. Bispos" (*REB*, *op. cit.*, 840-841).

293. ZELLER, L., O.S.B., *art. cit.*, 868-873; cf. supra, p. 92, nota 129.

294. ORTIZ, C., *Apostolado Litúrgico Popular...*, *op. cit.*, 3-11.

295. Para melhores esclarecimentos, cf. supra, p. 93, nota 137.

296. Cf. KELLER, T., O.S.B., *Missa Dialogada*, *op. cit.*; *id.*, "Proíbe o Concílio Plenário a Missa Dialogada?", *art. cit.*

297. MOURA, O., O.S.B., *op. cit.*, 142.

298. Cf. supra, p. 85, nota 77.

299. *Resoluções*.. *op. cit.*, 8.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

gico"[300] Além disso, qualquer tipo de exageros e desvios que se conheça em matéria de Liturgia, deverá ser levado às Autoridades arquidiocesanas, *"com a presença dos interessados"*, apresentando fatos concretos.[301] Portanto, resolve-se sanar as polêmicas infundadas e generalizadas submetendo às Autoridades eclesiásticas o poder de decidir e equilibrar as tensões.

Enfim, citamos o Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica (1946), conclamando a todos os membros de Ação Católica para uma formação doutrinária sólida e profunda, como meio de superar o nível de meras discussões "estéreis" e "imediatistas", prejudiciais a um são desenvolvimento do Movimento Litúrgico no Brasil.[302] Aliás, isso demonstra que, apesar de todos os esforços em prol de um equilíbrio no assumir e afrontar a mensagem do Movimento Litúrgico implantado no Brasil,[303] ainda em 1946 os problemas não se apresentavam de todo resolvidos. Dificuldades, tensões, polêmicas perpassaram todo este período que estamos tratando. Por que, apesar de todos os esforços, não se chegou a uma solução unânime e definitiva? Tentaremos respondê-lo oportunamente. Quisemos aqui apenas constatar um fato: houve tentativas de busca de equilíbrio na promoção do Movimento Litúrgico no Brasil.

Conclusão

Impulsionados pela constatação do fato real da ignorância do povo brasileiro em matéria de Liturgia, com todas as conseqüências decorrentes deste fato (alheamento, subjetivismo, sentimentalismo e individualismo nas manifestações da piedade), que a descoberta da Liturgia através do Movimento Litúrgico levava a perceber com sempre maior preocupação; ou vice-versa: impulsionados pela descoberta da grandeza da Liturgia como vivência comunitária e eclesial da Redenção presente no mundo, descoberta esta que também fez os liturgistas se darem conta da situação "pobre" das manifestações populares da fé, impulsionados por esta situação contrastante entre o ideal litúrgico do Movimento Litúrgico e a realidade "desoladora" de uma religiosidade inculta sem o colorido da Liturgia oficial, os liturgistas se viram no dever de levar adiante o trabalho iniciado no Brasil por Dom Martinho Michler e seus colaboradores mais diretos. Cumpriram com o dever que a situação lhes impunha: desenvolver e expandir o Movimento Litúrgico para educar liturgicamente os brasileiros.

Dos dados elencados neste capítulo, podemos dizer que foi sem dúvida grande a atividade desenvolvida pelos adeptos do Movimento Litúrgico no Brasil, no sentido de fazer a Liturgia mais conhecida e mais participada pelo povo.

300. *Ibid.*, 11.
301. *Ibid.*, 11-12.
302. Cf. supra, p. 106, nota 219 (= bibliografia sobre o assunto).
303. Além dos dados acima já expostos, podemos apresentar ainda outros. Por exemplo, em 1939, o Pe. Alvaro Negromonte, comentando a *Participação ativa na Missa*, de A. François, já chamava a atenção para a necessidade "indispensável" de uma formação *doutrinária* preliminar, para não se confundir o acessório com o essencial, isto é, reduzir-se apenas ao acessório (promoção do Missal, Missa dialogada, etc.) ("Movimento litúrgico", *O Diário* 18-8-1939, 5). Alerta idêntica é por ele feita quase quatro anos mais tarde, ao comentar *O Espírito da Liturgia* de R. Guardini ("'O espírito da Liturgia'", *O Diário* 16-12-1943, 2). A difusão de literatura litúrgica seria, portanto, outro trabalho que visava também um equilíbrio na expansão do Movimento Litúrgico (cf. ainda MACHADO, O., "Curso de Liturgia", *O Diário* 10-9-1939, 5; ou supra, neste Cap., nota 116). Sem ainda esquecer outros Congressos e Semanas de estudo para a Ação Católica, Semanas Litúrgicas, etc.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O grande número de publicações constitui um dado forte do esforço feito em difundir o novo espírito que a Europa havia descoberto há mais tempo. Admirável a abundância de obras e artigos estrangeiros traduzidos e publicados no e para o Brasil. Uma verdadeira biblioteca de contribuições litúrgicas para o desenvolvimento e o aprofundamento do Movimento Litúrgico neste país. E soma-se a estas o bom número de publicações escritas no Brasil mesmo. E não só isso. Acrescentem-se ainda as preciosas publicações para servir diretamente ao culto, em número também digno de consideração.

No que diz respeito aos trabalhos litúrgicos (artigos e livros) publicados, notamos o seguinte: o número dos que foram escritos no Brasil é bem inferior ao número dos que foram traduzidos. Qual seria a razão desta inferioridade, desta "pobreza" literário-litúrgica propriamente brasileira, apesar do alvoroço e do entusiasmo despertado pelo Movimento Litúrgico neste país? V. Zioni, em 1946, achava que a razão estaria "no fato de nem sempre ter sido plenamente ortodoxa a orientação seguida por alguns líderes do pretenso renovamento da vida cristã pela liturgia" [304] A nosso ver, a razão é bem mais simples. Antes de tudo, o próprio nível cultural brasileiro era bem diferente daquele europeu com uma experiência histórica bem diversa, para produzir vultos como Guéranger, Beauduin, Parsch, Casel, Guardini e outros. Em segundo lugar, o tradicional fascínio brasileiro pela superioridade dos produtos estrangeiros deu naturalmente preferência à "importação" de obras estrangeiras. Tudo isso fez com que, em termos de literatura litúrgica, no Brasil mesmo se produzisse menos.

Contudo, tudo somado, é inegável a enorme quantidade de literatura litúrgica que aí se espalhou com o advento e o desenvolvimento do Movimento Litúrgico para o bem do mesmo.

A grande atividade expansionista do Movimento Litúrgico pelo Brasil é notada com evidência também dentro da Ação Católica, com cursos, programações de estudos litúrgicos, Missas dialogadas, Ofício Divino, etc., em Congressos e fora de Congressos de Ação Católica em vários pontos do país. Destaque merece o Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, onde se tomou clara consciência da necessidade do conhecimento da Liturgia e de sua vivência prática, no maior cuidado possível para se evitar polêmicas infundadas e descaridosas. Apenas o Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica caracterizou-se por um tom muito reservado em relação a questões práticas do Movimento Litúrgico. Compreende-se. Seu escopo era conscientizar para um aprofundamento doutrinário contra as discussões "estéreis" e os interesses "imediatistas". Mas, com isso, correu o perigo de cair noutro extremo: quase chegou a excluir, praticamente ignorou as expressões práticas e externas do Movimento Litúrgico (Missa dialogada, Missa *versus populum*, uso do Missal, Ofício

304. *REB* 6 (1946), 783-784. E especifica: "O 'sentire cum Ecclesia' ficou mais de uma vez comprometido pela política da 'mão estendida' para o Quietismo, o Protestantismo liberal e para o exclusivismo jansenista no terreno da ascética em geral e da vida litúrgica em particular. E desta maneira, do arrojo de uns, do retraimento de outros e da reação por vezes um tanto violenta de não poucos partidários da verdadeira liturgia surgiram, de um lado, violentas discussões não raro bastante apaixonadas; de outro lado, um medroso e pusilânime desinteresse pela sagrada Liturgia. Foram estes os principais fatores responsáveis pela impressionante estagnação litúrgica, em palpável desproporção com a extensão e alvoroço do movimento litúrgico no Brasil" (*ibid.*, 784).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Divino, etc.). Isso tudo é também compreensível, pois o citado Congresso se celebrou na capital do país, Rio de Janeiro, onde quem mandava era o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, que não via com muito entusiasmo o trabalho que se fazia no Brasil em termos de expansão do Movimento Litúrgico. Mas, apesar disso, em Minas os trabalhos ainda prosseguiram tentando equilibrar a doutrina com a vivência prática da doutrina (II Semana Nacional de Ação Católica em Belo Horizonte).

Outro aspecto importante na difusão dos ideais do Movimento Litúrgico no Brasil foi a realização de Semanas Litúrgicas, Semanas da Missa, Tríduos Litúrgicos para os fiéis em geral nos mais diversos pontos do país, com sucessos extraordinários: sinal evidente da expansão do Movimento Litúrgico em quase todo o território nacional.

Aliás, são todos sinais evidentes, ao lado do esforço para equilibrar as tensões, do grande trabalho e progresso exercido pelo Movimento Litúrgico em terras brasileiras arrastando consigo até mesmo a reforma na arte sacra.

Enfim, ainda uma observação. Os dados acima elencados mostram um enorme zelo na formação litúrgica dos fiéis. O zelo pastoral era tal — e as circunstâncias praticamente o exigiam — que se chega a usar praxes para nós hoje sem dúvida estranhas. Sobretudo a praxe de um sacerdote explicar a Missa enquanto outro a celebra, praxe aconselhada e usada em várias campanhas litúrgicas diocesanas e paroquiais para os fiéis em geral. Praxe estranha, pois parecia fazer da Missa mais uma aula de catequese litúrgica do que propriamente uma celebração. Numa palavra, o zelo era tal que se chegou a exagerar a dimensão catequética do Movimento Litúrgico.

Contudo, apesar dos possíveis limites do Movimento, as promoções acima elencadas são prova evidente de que este realmente progrediu de modo exemplar e admirável,[306] avançou a passos largos pelo Brasil afora, provocando um verdadeiro renascimento da verdadeira piedade, a piedade litúrgica.

306. Cf. "Cantar na igreja", *O Diário* 12-5-1935, 15; Folheto liturgico", *O Diário* 28-12-1935, 2; TAUZIN, S., "Alma do nosso tempo". *A Ordem* 19 (março 1938), 235-236: "No Brasil é inegável o progresso que se tem feito e que se vem realizando sempre nesse sentido. Si ainda tudo não está feito, o movimento liturgico do Brasil constitue um exemplo para outros países, para alguns mais velhos e de maior fama do que ele"; cf. ainda "'Meu livro de liturgia'". *O Diário* 29-9-1938, 5; TRISTÃO DE ATHAYDE. "Liturgia", *art. cit.*, 184; VILLAS-BÔAS. M. M., "A Santa Missa — centro da vida cristã", *art. cit.*, 104; "Guia liturgico". *O Diário* 12-5-1941, 2; "Missa dos mortos" *O Diário* 27-2-1942. 2; "A missa compreendida". *O Diário* 17-11-1943, 2; "Missa dialogada", *O Diário*. 19-12-1943, 2; "Movimento Litúrgico" *O Diário* 20-8-1944, 2; etc.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Capítulo III

O episcopado brasileiro e o Movimento Litúrgico (1939-1947)

Consideramos nos capítulos precedentes a implantação, a expansão e o trabalho do Movimento Litúrgico pelo Brasil afora.

Ora, segundo indicam os cânones 1261 § 1° e 336 § 2° do CIC, os Bispos são os principais responsáveis locais a vigiar pelo bom andamento da vida cultual. Assim, resolvemos verificar agora, em capítulo especial, qual a reação dos Bispos brasileiros e outras Autoridades eclesiásticas frente ao Movimento Litúrgico. Em outras palavras, perguntamo-nos também pelas repercussões do Movimento Litúrgico no Episcopado brasileiro.

Baseamo-nos em três tipos de documentos, dividindo este capítulo em três itens, segundo cada tipo. No item I, verificaremos alguns traços do Movimento Litúrgico nos Decretos do Concílio Plenário Brasileiro (1939). No item II, verificaremos as repercussões do Movimento Litúrgico em seis Sínodos Diocesanos deste período (1939-1947). E, no item III, abordaremos várias Cartas Pastorais e outros documentos, que, de uma maneira ou de outra, direta ou indiretamente, se preocuparam com a promoção ou reforma da vida litúrgica.

Teremos assim um panorama geral de como os Bispos brasileiros reagiram frente ao Movimento Litúrgico e suas idéias neste país.

I. Concílio Plenário Brasileiro: traços de uma preocupação por melhor participação na Liturgia

Aguardava-se com grande expectativa a celebração do Primeiro Concílio Plenário Brasileiro (CPB), na então capital do país, Rio de Janeiro, para os dias 1 a 20 de julho de 1939.[1] De um lado, o evento era esperado como

1. Legado Pontifício fora nomeado por Pio XII o Card. Leme, em Bula de 22-3-1939, na qual vêm também resumidos em 4 pontos os assuntos a serem tratados no Concílio: a) Modo de promover a obra das vocações; assegurar recursos para mandar gente estudar em Roma; b) Organizar melhor a AC; c) Administração dos bens eclesiásticos; d) Combater os erros que vêm do protestantismo e espiritismo (Cf. *Concilium Plenarium Brasiliense*..., Petrópolis 1940, VII-VIII).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

marco solene da afirmação de um forte nacionalismo católico no Brasil, contra o poder do liberalismo e do modernismo.[2] De outro lado, o acontecimento era aguardado como um momento de "*balanço* da obra espiritual de quatro séculos" de expansão da Cristandade no Brasil e de "*programa* de atuação litúrgica e apostólica da Igreja no futuro próximo". Em outras palavras, marcaria a indispensável passagem de um período de expansão da Fé para um período de "*purificação e intensificação da Fé*", contra o "espírito de anarquia" espiritual herdado do passado histórico nacional imperfeitamente cristianizado.[3] Do ponto de vista litúrgico, alguns receavam que o CPB iria proibir o Movimento Litúrgico.[4] De outra parte, respondia-se que não, pois tratava-se de um Movimento da Igreja, aprovado e incentivado pelos Sumos Pontífices! Como afirma *O Diário:*

> "O que certamente condenará é o abuso de certas práticas um tanto ridículas, filhas da ignorancia das prescrições eclesiásticas e de um certo 'dilettantismo' em práticas de piedade".

E encoraja:

> "Tranqüilizem-se, pois, os apostolos esclarecidos do movimento litúrgico, confiantes na sabedoria e experiência de nossos prelados, grandes fatores de almas, reunidos em Concilio, para deliberar e prescrever o que de mais salutar houver para o seu imenso rebanho ao mesmo tempo que irão coibir os abusos, prejudiciais as almas entregues por Deus a seus desvelos".[5]

E o que acontece? Por incrível que pareça, eis que os resultados do CPB surpreenderam algumas destas expectativas. Em primeiro lugar, ele não proíbe o Movimento Litúrgico. Aliás, nem se fala diretamente em "movimento litúrgico". Não se fala diretamente em "participação ativa na Liturgia". Em segundo lugar, o CPB não se preocupa em proibir os chamados "abusos" dentro do Movimento Litúrgico. Nem se toca nestes assuntos!

Diríamos: em vez de gastar tempo e papel com proibições e condenações dos "abusos", opta-se por uma cautelosa e discreta linha mediana positiva de orientação prática para a promoção da vida litúrgica da Igreja no Brasil. Isto significa que, mesmo não se falando diretamente em "participação ativa na Liturgia" nem de "movimento litúrgico", o CPB apresenta com muita prudência uma real preocupação por uma melhor participação do povo no Culto da Igreja. No CPB aparecem sinais já bastante evidentes de muitas idéias do Movimento Litúrgico absorvidas por todo o Episcopado nacional. Vejamos, pois, o que dizem os Decretos do Concílio.[6]

2. CORRÊA DE OLIVEIRA, P., "O Concilio", *O Legionário* 2-7-1939, 2, que termina o artigo com estas palavras: "Queremos um Brasil verdadeiramente brasileiro? Façamos dele um Brasil verdadeiramente católico. Queremos matar a própria alma do Brasil? Arranquemos a sua fé".

3. Cf. AMOROSO LIMA, A., "O Concilio", *A Ordem* 22 (julho 1939), 8-11. "Contra esse espírito de anarquia fará o Concilio Nacional uma obra de *purificação* e *unidade*", afirma A. Amoroso Lima, após ter especificado este "espírito de anarquia" como "o espírito de dissolução, de confusão, de heresia latente, de impurificação da doutrina e de *indisciplina individualista*", contra o qual, na "dramática" história passada — é preciso reconhecer — já haviam sido travadas "lutas terríveis". E continua: "Esse confusionismo, por sua vez, mal congenito e tradicional de *nossa* imperfeita cristianização nacional, produziu naturalmente os maus frutos que não podia deixar de produzir e que se traduziram acima de tudo, no espírito de *indiferença* e de *superficialidade* religiosa" (*ibid.*, 10). Para se ter uma idéia geral de como se expandiu a organização eclesial no Brasil, no seu passado histórico, é interessante o artigo "Il Primo Concilio Plenario del Brasile. Lo sviluppo della Chiesa nella Confederazione", *L'Osservatore Romano* nº 161 (10-11-7-1939), 1. Em "Il primo Concilió plenário brasiliano", *L'Osservatore Romano* nº 175 (27-7-1939), 1, temos uma descrição de como se realizou o Concilio, os problemas, as dificuldades físicas e materiais (longas distâncias, com escassos meios para vencê-las) superadas, etc.

4. "O movimento litúrgico e o Concilio Plenário", *O Diário* 9-7-1939, 5.

5. *Loc. cit.*

6. Os Decretos encontram-se no volume *Concilium Plenarium Brasiliense*. ., *op. cit.* Foram promulgados a 7-9-1939, entrando em vigor a 7-3-1941. Outras informações em SANTINI, C., "O Concilio Plenário Brasileiro", *REB* 1 (1941) 14ss.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Antes de tudo, os Bispos são exortados a cuidar da vida espiritual de seus sacerdotes: os sacerdotes reservem diariamente um certo tempo para a meditação e exame de consciência,[7] e não se esqueçam de fazer o seu anual exercício espiritual.[8] Não só aos sacerdotes, mas também às Associações Religiosas impõe-se o dever do exercício espiritual.[9]

No entanto, um dos pontos que mais salientemente se faz notar é a ênfase que o CPB dá à necessidade de *instruir o povo* na vida litúrgica e sacramental. Por exemplo, acentua-se que se instrua o povo sobre a instituição, a natureza e os efeitos dos Sacramentos, bem como sobre as disposições requeridas para recebê-los digna e frutuosamente e sobre a significação de seus ritos sagrados.[10] Mais ainda: que se faça ver ao povo que as solenidades, as festas, o culto, não consistem somente em pompa profana e barulho, mas sobretudo na freqüência aos Sacramentos, na participação às funções sacras, no fazer obras de caridade e piedade.[11] Que se instrua os fiéis sobre a importância do Batismo na vida de uma pessoa.[12] Igualmente, para o Sacramento da Confirmação: seja recebido depois do uso da razão, após uma suficiente instrução religiosa.[13] Mas sobretudo o Santo Sacrifício da Missa — sua presença, sua dignidade, seus frutos salvíficos, seus ritos e cerimônias — seja muito bem *(sedulo)* explicado, para que dela todos participem com a maior reverência e devoção. Trata-se do Decreto 193 do CPB que estabelece esta importante exigência sobre a Missa.[14] Enfim, pede ainda o CPB que todos sejam instruídos no canto, principalmente no canto gregoriano, cuidando-se inclusive de fundar nas principais igrejas *scholae puerorum* para solenizar os ofícios religiosos, seja através do canto gregoriano, seja em outro estilo de música sacra.[15]

7. Dec. 7 b.

8. Dec. 8, que se baseia na Const. Apost. "Summorum Pontificum" de Pio XI, promulgada a 25-7-1922 (cf. *AAS* 14 (1922), 420-422) e na Encíclica "Mens Nostra" de Pio XI, de 20-12-1929 (cf. *AAS* 21 (1929), 689-706).

9. Dec. 159 § 2º c; cf. Encíclica "Mens Nostra", *op. cit.*

10. "Parochi et concionatores opportune fideles doceant de institutione, natura et effectibus singulorum sacramentorum, de dispositionibus ad eadem digne et fructuose suscipienda deque significatione sacrorum rituum in eis ministrandis" (Dec. 161 § 1).

11. "Fideles a parochis, concionatoribus et confessariis saepe edoceantur, festorum sollemnitatem et cultum non in profanis pompis et stripitu consistere, sed potissimum Sacramentorum frequentia, sacris functionibus et religiosae institutionis adsistentia, operibus pietatis et caritatis celebrandos esse" (Dec. 357 § 1º).

12. "Parochi et concionatores ad normam canonis 737, frequenter fideles commoneant, 'Baptismum esse Sacramentorum lanuam ac fundamentum, omnibus in re vel saltem in voto necessarium ad salutem', eiusque collationem non esse ultra decem dies defferendam" (Dec. 168 § 1º).

"Iidem, ad praescriptum canonis 743, edoceant christifideles de modo Baptismi administrandi casu necessitatis et praecipue in mortis periculo..." (Dec. 168 § 2º).

13. "Pueri, qui uso rationis pollent, ad sacramentum confirmationis suscipiendum ne accedant, nisi sint sufficienter instructi..." (Dec. 185 § 1º).

14. "Concionatores et praesertim parochi de sacrossanti sacrificii Missae praesentia et dignitae deque salutaribus fructibus atque ritibus et caeremoniis christifideles sedulo instruant, ut eidem maxima cum reverentia animique devotione intersint" (Dec. 193). Mons. Joaquim Nabuco assim se expressa, comentando este Decreto: "Reproduz o CPB as determinações do Concílio de Trento (sess. 22, cap. 7) e do Concílio Plenário da América Latina (nº 435). O movimento litúrgico moderno se resume nesta determinação do Concílio de Trento que o CPB reproduz e quer que seja urgido" NABUCO, J., "O Direito Litúrgico no Concílio Plenário Brasileiro", *REB* 1 (1941). Para o citado Concílio Plenário da América Latina (nº 435), cf. *Acta et Decreta Concilii Plenarii Americae Latinae in Urbe Celebrati Anno MDCCCXCIX*, Roma MDCCCC, 194. Talvez seja útil a esta altura relembrar um bom resumo sobre os fins do Movimento Litúrgico, em ZELLER, L., O.S.B., *art. cit.*, 864-866.

15. "In Seminariis, religiosorum domibus aliisque piis collegiis et communitatibus alumni iam a prima aetate studio cantus gregoriani et musicae sacrae vacent" (Dec. 366 § 1º).

"Populus instruatur ut hymnos et cantica allasque partes ad ipsum pertinentes in ecclesiis cantu gregoriano simul canat" (Dec. 366 § 2º).

"In ecclesiis saltem cathedralibus et paroecialibus scholae puerorum instituantur, quibus, cantum gregorianum et musicam sacram edoctis, munus canendi in divinis officiis comitti possit" (Dec. 456 § 2º).

Além disso, manda o CPB que seja publicado um hinário oficial contendo todos os hinos e cânticos populares em uso no Brasil: "Ad uniformitatem quoad cantica popularia obtinendam libellus conficiatur qui cantica sacra contineat in omnibus Brasiliae ecclesiis adhibendus cuius nec textus nec

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Naturalmente, para que haja aquela frutuosa e digna participação dos fiéis nos Sacramentos, requer-se também da parte do sacerdote um zelo muito grande na administração dos mesmos, distinguindo-se pela clareza e devoção nas palavras que profere.[16] Igualmente quanto à Santa Missa, para que suceda aquela melhor vivência da Missa esperada pelo CPB, impõe-se ao sacerdote uma obrigação: celebrar com dignidade, com atenção, devoção, dentro de um espaço de tempo razoável.[17]

E, voltando ainda a falar dos fiéis e sua participação na Missa, o CPB expressa ainda veementes desejos de que eles (os fiéis) participem piamente no Santo Sacrifício também nos dias feriais,[18] comungando dentro da Missa;[19] e que para a celebração se ofereça um ambiente musical digno do momento sacro que se vive.[20] Ainda mais, "si cani nequeunt *Introitus, Graduale, Offertorium* et *Communio*, saltem elata voce recitentur".[21] Portanto, permite-se recitar em voz alta algumas partes da Missa. Além disso, expressa-se o desejo de que, na medida do possível, os fiéis acompanhem na Missa as mesmas orações que o celebrante reza.[22] Interessante notar também que o CPB apresenta já um pálido início e tentativa de uso do vernáculo. Trata-se do Decreto 355 § 3º, onde se permite o uso do vernáculo para as orações finais da Missa, aquelas orações prescritas por Leão XIII.[23]

Enfim, uma consideração especial sobre o Decreto 199, cujo parágrafo 1º parece ter suscitado dúvidas e discussões. Eis o texto:

> "§ 1º — Ad mentem Sanctae Sedis, expedit ut servetur praxis communis secundum quam coetus fidelium, qui assistunt Sacrificio Missae. non respondeant simul et coniunctum sacerdoti celebranti"

melodias immutare liceat" (Dec. 363 § 4º). De quanto sabemos, este sonho de um livro de cantos uniforme para todo o país não se realizou até hoje. Sobre a participação dos fiéis através do canto, assim se expressou Dom Tomaz Keller, O.S.B., comentando o CPB: "Sem dúvida alguma, a participação ideal dos fiéis no santo sacrifício é a missa cantada, não por um coro selecto, mas por todos os assistentes. O decreto 366, § 2º do CPB exprime este desejo. É claro que haverá sempre necessidade de um coro escolhido da *schola cantorum*, mas a forma ideal de participação ativa na liturgia é sem dúvida alguma, o canto gregoriano executado por todos os fiéis. Onde, porém, não for possível realizá-lo, a missa dialogada é por certo outra forma sumamente eficaz" (KELLER, T., O.S.B., "Proíbe o Concílio Plenário. ", *art. cit.*, 548).

16. Dec. 164.

17. "Ad normam canonis 810, sacerdotes, digne, attente et devote Missam celebrent. " (Dec. 197 § 1º). Baseia-se na *Instructio* da SCR do dia 12-1-1921 (AAS 13 (1921), 154-156).
"In Missae celebratione nec dimidiam horam regulariter excedant si coram populo celebrent, neque, sub poenis a loci Ordinario statuendis, intra horam quadrantem eam absolvant" (Dec. 197 § 2º).

18. "Valde optandum ut fideles diebus quoque ferialibus, praesertim diebus festis supressis, sacrificio Missae pie intersint" (Dec. 355 § 1º).

19. "Firmo praescripto canonis 846, optandum est ut fideles ad mensam eucharisticam accedant intra Missam, seu immediate post celebrantis Communionem" (Dec. 223 § 3º).

20. "Musicae, quae symphoniam theatralem et profana redolent, in ecclesiis penitus prohibentur ad normam eiusdem canonis 1264 § 1º" (Dec. 364 § 1º).
"Musici concentus vulgo *bandas de música* ab ecclesia arceantur, et extra eandem tempore consecrationis omnino sileant; permittatur tantummodo in ecclesia cantus ecclesiasticus legitimis instrumentis suffultus" (Dec. 364 § 2º).
"Coetus cantorum aut musicorum, qui functionibus ab Ecclesia reprobatis vel ritibus in haereticorum templis intersint, in festis religiosis partes non habeant (Dec. 364 § 3º). Este último parágrafo certamente causa estranheza a um amante do Movimento Litúrgico, que também luta pelo ecumenismo!

21. Dec. 363 § 2º.

22. "Quoad fieri potest, preces sacerdotis Missam celebrantis fideles devote sequantur, nec ab ecclesia recedant nisi absolutis orationibus post Missae recitandis" (Dec. 355 § 2º). "...em outras palavras, recomenda o uso do Missal. Com o Missal Romano traduzido em português (há três traduções à venda) torna-se muito mais fácil seguir a missa e é de esperar que neste particular o CPB encontre da parte dos fiéis uma resposta unânime, e que o Missal se torne o grande livro de orações de todo o crente" (NABUCO, J., "O Direito Litúrgico...", *art. cit.*, 118).

23. "Preces in fine Missae a Leone XIII praescripta lingua lusitana recitari poterunt, versione tamen ab Ordinario approbata" (Dec. 355 § 3º). A prescrição de Leão XIII pode ser encontrada no Decreto "Urbi et Orbi", de 6-1-1884, *ASS* 17 (1884), 403-416).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"§ 2º — Neque probandus est usus ab iisdem elevata voce legendi Secreta, Canonem et ipsa verba Consecrationis". [24]

O texto do § 1º se refere à assim chamada *Missa dialogada* ou recitada. E, sobre ele, assim se expressa o Pe. C. Santini S.J.:

> "O Concílio não aprova as assim chamadas missas dialogadas e diz, com a Sagrada Congregação dos Ritos: 'expedit ut servetur praxis communis, secundum quam coetus fidelium, qui assistunt sacrifício missae, non respondeant simul et coniunctum sacerdoti celebranti'. Muito menos é permitido aos fiéis lerem em voz alta a Secreta, o Canon e as palavras da Consagração". [25]

Mons. Joaquim Nabuco, por sua vez, tratando do direito litúrgico no CPB, reserva-se a afirmar que "o assunto é um tanto complexo", e que existe freqüentemente entre o sacerdote, que celebra uma missa rezada e o povo que asiste, um divórcio quase completo, de modo que os fiéis apenas *assistem* à missa sem tomar parte nenhuma no rito". [26] Diz que já se procurou dar soluções ao problema, mas caindo-se por vezes em exageros, como o caso de recitar em voz alta e em vernáculo o Canon da Missa. A SCR e o CPB proíbem formalmente tal uso. Quanto à missa dialogada, a SCR entregou a questão ao critério dos Ordinários, "por isso é que se vêem em diversos países usos diversos; para o Brasil urge observar o que com tanta prudência resolveu o episcopado de pleno acordo com a Congregação dos Ritos". [27] Enfim, Mons. Nabuco apenas limita-se a esta resposta: até que não venha "uma solução uniforme e definitiva" à questão da missa dialogada, "temos que seguir à risca o nosso Concílio". [28]

Dom Tomaz Keller O.S.B., que teve grande influência no CPB com a monografia *Missa Dialogada*, diante do texto do Decreto 199 do CPB e da interpretação que os dois autores supracitados deram ao Decreto, coloca a pergunta: "Proíbe o Concílio Plenáro Brasileiro a missa dialogada?". [29] Dom Tomaz Keller deu uma solução definitiva ao problema, com a resposta-tese:

> "O CPB não quis proibir simplesmente a missa dialogada, mas vasou o decreto na resposta da Sagrada Congregação dos Ritos, exprimindo querer fazer suas a norma, e, antes de tudo, a mente nela contidas". [30]

Para provar esta tese, antes de tudo faz ver que o Pe. C. Santini esqueceu palavras decisivas do Decreto:

> "As palavras decisivas são *ad mentem Sanctae Sedis*. Se estas faltassem, se o texto dissesse, como cita o Padre Santini, *Expedit ut servetur praxis communis*, etc., o decreto conteria uma aprovação absoluta da praxe comum dos assistentes não responderem em conjunto e, por isso mesmo, a desaprovação da missa dialogada". [31]

24. Baseia-se este Decreto no Decreto nº 4.375, I e II, da SCR, de 4-8-1922, *AAS* 14 (1922), 505.
25. SANTINI, C., S.J., "O Concílio Plenário Brasileiro", *art. cit.*, 23.
26. NABUCO, J., "O Direito Litúrgico...", *art. cit.*, 116.
27. *Loc. cit.*
28. *Loc. cit.*
29. É o título de seu artigo publicado em *REB* 1 (1941), 545-551.
30. *Ibid.*, 546.
31. *Loc. cit.* O próprio Dom Tomaz Keller nos informa a respeito do texto proposto ao CPB, que dizia exatamente: "*Non expedit ut fideles Sacro adstantes simul respondeant, loco ministri sacerdoti celebranti.* O CPB não aceitou este texto, mas vasou o decreto na resposta da SCR, da qual tirou a expressão *expedit ut servetur praxis communis*, assim como o *ad mentem* do qual acabamos de falar. Não ficou pois aprovada a forma definitiva rigorosa, mas outra, que quer manifestamente mitigar a proibição absoluta e universal, não determinando mais do que a SCR já fixara" (*ibid.*, 547).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Resta-nos, no entanto, ainda perguntar: qual é a mente da Santa Sé em relação à Missa dialogada, para que possamos compreender bem o Decreto do CPB? A Santa Sé, no Decreto nº 4375 da SCR, "chama a atenção dos Ordinários para os inconvenientes que facilmente se levantam, e quer que seja o supremo critério nas suas decisões a devoção fomentada ou a perturbação causada pelo uso em questão".[32] E, após citar o texto do Decreto da SCR,[33] Dom Tomaz Keller faz ver que, no caso:

> "a norma suprema é, para a Santa Sé, e em conseqüência, para os Ordinários no Brasil, conforme o decreto nº 199, § 1º, a devoção do povo assistente. Sendo esta fomentada pela prática da missa dialogada, o Ordinário poderá permití-la. Onde, porém, esta prática for causa de perturbação dos sacerdotes e dos fiéis assistentes, terá de proibi-la". Portanto, não se trata "de liceidade ou iliceidade", mas da "existência ou não de inconvenientes".[34]

E assim estava resolvida definitivamente a questão. Portanto, o CPB não proíbe a Missa dialogada. Usa, porém, baseando-se na SCR, uma linguagem bastante discreta e reservada na abordagem do assunto. Não podia certamente agir de outra maneira, para um país tão vasto como o Brasil, com condições tão diversas umas das outras.

Por outro lado, se usa desta medida de discrição, também

> "encoraja e apóia decididamente em muitos decretos o movimento de renovação do senso litúrgico. Recomenda aos pregadores, antes de tudo aos vigários, que expliquem o santo sacrifício da missa, sua grandeza, seus frutos, ritos e cerimônias (decreto nº 193). Aconselha o uso do missal para os fiéis (decreto nº 355, § 2) e deseja que ao povo seja ensinado a cantar nas igrejas em cantochão os hinos, cânticos e outras partes que lhe tocam (decreto nº 366)".[35]

Enfim, sem a preocupação de criticar e coibir os chamados "abusos litúrgicos", diferentemente do que interpretava Frei Aleixo vendo no *Monitum* do Bispo de Linz (Áustria) refletido o próprio pensamento dos nossos Bispos,[36] o CPB opta por uma medida muito cautelosa de simplesmente recomendar e orientar para uma vida litúrgico-sacramental mais intensa e verdadeira. E assim passa a se constituir como boa fonte de inspiração para os Sínodos Diocesanos que se seguem.

II. Repercussões do Movimento Litúrgico nos Sínodos Diocesanos deste período de 1939 a 1947

Após termos percebido várias idéias do Movimento Litúrgico no CPB, vejamos agora até que ponto e como os Sínodos Diocesanos de após 1939 até 1947 assumiram a busca de renovação da Liturgia. Trata-se de seis Sínodos: Primeiro Sínodo de São Carlos (1941), Segundo Sínodo da Arquidiocese de Porto Alegre (1942), Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo

32. *Ibid.*, 550.
33. *Ibid.*, 547-548. Eis o texto: ("Mens autem est"): "Quae per se licent, non semper expediunt ob inconvenientia quae facile oriuntur, sicut in casu, praesertim ob perturbationes quas sacerdotes celebrantes et fideles adstantes experiri possunt cum detrimento sacrae actionis et rubricarum. Quapropter expedit, ut servetur...". Reportamos também a *Missa Dialogada, op. cit.*, 32-42.
34. KELLER, T., O.S.B., "Proíbe o Concílio Plenário. ", *art. cit.*, 549-550.
35. *Ibid.*, 551.
36. Cf. supra, p. 118, nota 292.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Horizonte (1944), Segundo Sínodo da Arquidiocese de Salvador (1945), Primeiro Sínodo da Diocese de Guaxupé (1947), e o Segundo Sínodo da Arquidiocese de Fortaleza (1947).

1) *Primeiro Sínodo da Diocese de São Carlos (1941)*

Dentro do campo do assunto que estamos tratando, isto é, o Movimento Litúrgico, não há muito que dizer sobre o Sínodo da Diocese de São Carlos, no Estado de São Paulo.[37] Não deu nenhum passo avante. Apenas baseou-se estritamente no CPB,[38] com tendência ao tradicionalismo e ampliação do número de leis.[39] Tudo o que vimos no CPB sobre traços de uma preocupação por uma melhor participação na vida litúrgica, também se encontra neste Sínodo, porém numa linguagem que tende a amarrar o espírito do CPB num acentuado legalismo. Senão, vejamos alguns exemplos. Comparemos, por exemplo, o Decreto 164 do CPB com o Decreto 942 do Sínodo, sobre o cuidado dos sacerdotes na administração dos sacramentos:

CPB, Dec. 164:

"Ad normam canonis 733 § 1º in Sacramentis conficiendis et ministrandis sacerdotes ritus et caeremonias accurate servent, distincte ac devote verba proferentes, utentes Rituali et Missali romano iuxta typicam editionem vaticanam, et nimium memoriae haud fidentes"

Sín. São Carlos, Dec. 942:

"Tenham os sacerdotes grande diligência e atenção no administrar os sacramentos, formando a intenção atual ou ao menos a intenção virtual de fazer o que a Igreja pretende, pronunciando as palavras distintamente, sem nada acrescentar, omitir nem alterar"

Como se nota, o Sínodo preocupa-se mais pela necessidade da "intenção atual ou ao menos a intenção virtual de fazer o que a Igreja pretende, pronunciando as palavras distintamente, sem nada acrescentar, omitir nem alterar". Como se vê também, *omite a palavra "devote"*, acrescentando a expressão "sem nada acrescentar, omitir nem alterar" Vê-se, portanto, a carga legalista que se impõe.

Igualmente, para a celebração da Missa. O CPB, no Decreto 197 § 1º, manda os sacerdotes celebrarem a Missa "digne, attente et devote". O Sínodo, por sua vez, *ignora esta expressão*, para acentuar simplesmente a necessidade da preparação antes da Missa, e da ação de graças depois da Missa, ameaçando inclusive de repreensão aos que deixarem de fazer a ação de graças.[40]

Com respeito à Missa dialogada, o Sínodo desdobra o Decreto 199 do CPB em quatro decretos sucessivos, procurando determinar detalhadamente os limites de permissão e proibição do uso. Diz que "em si mesma é muito

37. Trata-se do Sínodo realizado nos dias 11, 12 e 13 de fevereiro de 1941, presidido pelo então Bispo D. Gastão Liberal Pinto, e promulgado a 6 de março do mesmo ano. Suas leis estão contidas em *Constituições Sinodais da Diocese de São Carlos*, Araraquara 1941.

38. Basta dizer que dos 489 Decretos do CPB, apenas 10 não foram usados (cf. "Índice Geral dos Decretos do Concílio Plenário, em *Constituições Sinodais*.. *op. cit.*, 299-302).

39. Soma 1935 o número de Decretos sinodais.

40. Dec. 1045: "Si os fiéis devem preparar-se para a recepção da comunhão, muito mais os sacerdotes para celebrar a santa missa, porque nela comungam e porque devem edificar os fiéis com o exemplo. Devem preparar-se com a meditação e orações, especialmente com as indicadas no missal *ante Missae celebrationem*. São dignos de repreensão os negligentes em preparar-se para a missa e principalmente os que não dão ações de graças. Devem ser denunciados ao ordinário todos os sacerdotes que habitualmente omitem a ação de graças e que levam menos de vinte minutos na celebração do santo sacrifício".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

louvável mas, às vezes, pode dar ocasião a inconvenientes: supõe assistentes preparados capazes de responder acertadamente. Tal condição poderá realizar-se nas comunidades religiosas, não nas igrejas públicas em geral onde os fiéis estão unidos indistintamente".[41] Era de se esperar que ao menos então se aconselhasse a educar o povo para a dialogação da Missa!.

Ainda sobre a Missa. Quando o Decreto 193 do CPB manda instruir os fiéis sobre a Missa, sua presença, dignidade, frutos salvíficos e cerimônias, o Sínodo, após dar uma definição da Eucaristia,[42] não recomenda mais que simplesmente instruir os fiéis para a *prática de assistência* também *diária* à santa Missa, como meio extraordinário para alimentar a devoção ao Sacrifício do altar.[43]

Cremos que estes exemplos já bastariam para mostrar que o Sínodo de São Carlos não pretendeu avançar na busca de maiores reformas litúrgicas para incentivar uma melhor participação. Buscou simplesmente transmitir o pensamento e normas práticas do CPB,[44] mas debilitando-o com uma preocupação fortemente jurídico-organizativa.

Naturalmente, não negamos também a presença de elementos positivos de busca de uma participação melhor na vida litúrgica. Um deles, além dos já citados,[45] é sem dúvida o incentivo à comunhão freqüente,[46] e dentro da Missa.[47]

2) *Segundo Sínodo da Arquidiocese de Porto Alegre (1942)*

Também o Sínodo de Porto Alegre[48] não apresenta grandes progressos. Diríamos, é bastante pobre de elementos do Movimento Litúrgico que já completara seu 9º aniversário no Brasil. A preocupação do Sínodo é mais jurídico-organizativa. Baseou-se apenas em parte no CPB, ignorando inclu-

41. Dec. 1667; sobre os limites de permissão e proibição do uso, cf. ainda Dec. 1668.
42. Dec. 1167: "A santa Eucaristia é o centro, o resumo de todos os mistérios da fé. É a luz, a fôrça, a alegria. É o Verbo Encarnado presente em meio do mundo para se tornar a vitima de propiciação, alimento de nossas almas e companheiro de nossas peregrinações"
43. *Id.*: " .Portanto devem os fiéis incrementar sua devoção a tão grande sacramento e este sínodo a todos recomenda, como meio extraordinário para essa devoção, a prática de assistencia diaria da santa missa, o sacrificio do altar, centro de todo culto católico" (cf. ainda Dec. 1168).
44. Podemos ainda acrescentar outros Decretos: sobre a meditação e exame de consciência para os sacerdotes, cf. Dec. 299 (CPB, Dec. 7); sobre o exercício espiritual dos sacerdotes, cf. Dec. 300 (CPB, Dec. 8); sobre o exercício espiritual para associações religiosas leigas, cf. Dec. 296 (CPB, Dec. 159 § 2º c): limita-se à Ação Católica apenas; sobre o sentido das festas religiosas, cf. Dec. 1619 (CPB, Dec. 357 § 1º); sobre a instrução dos fiéis sobre os sacramentos, cf. Dec. 940 (CPB, Dec. 161 § 1º); sobre a necessidade de instruir os fiéis sobre o Batismo, cf. Dec. 950, 970, 976 (CPB, Dec. 165 § 1º-2º); sobre a necessidade de instrução para a Confirmação, cf. Dec. 1729 (CPB, Dec. 185 § 1º); sobre a necessidade de participar da Missa também nos dias feriais, cf. Dec. 1615 (CPB, Dec. 355 § 1º); sobre a necessidade de formação musical sacra, cf. Dec. 739, 1595, 1803 (CPB, Dec. 366 § 1º); sobre a necessidade de formar *scholae puerorum*, cf. Dec. 1591 (CPB, Dec. 365); sobre os instrumentos musicais na Liturgia, cf. Dec. 1593 (CPB, Dec. 364); sobre a necessidade de participação de Missa inteira, cf. Dec. 1615 (CPB, Dec. 355 § 2º).
45. Cf. supra, nota 44.
46. Dec. 1106: "O clero deve promover por todos os meios a seu alcance a prática da comunhão frequente e quotidiana, não só nas comunidades religiosas mas também em meio do povo fiel. Deve-se abandonar o costume que não estiver em harmonia com as recomendações recentes da Igreja e inculcadas pelo concilio de Trento e pelos soberanos Pontífices, resumidas no decreto de Pio X 'SACRA TRIDENTINA SYNODUS', de 20 de dezembro de 1905 (C.B. 225)" O citado documento pontifício pode ser encontrado em *ASS* 38 (1906), 400-406.
47. Dec. 1671: "A participação por excelencia ao sacrificio é a comunhão sacramental, razão pela qual se recomenda aos fiéis recebê-la durante a Missa, na medida do possivel.
48. O Sínodo celebrou-se nos dias 9, 10 e 11 de julho de 1942. Seus Decretos (312 Decretos), promulgados a 1-8-1942, encontram-se em *Segundo Sínodo da Arquidiocese de Porto Alegre* (celebrado sob a presidência de D. João Becker, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, no mês de julho de 1942). Porto Alegre 1942. O primeiro Sínodo celebrou-se em 1921.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

sive elementos importantes daquele Concílio, como seja por exemplo a Missa dialogada que nem sequer é nomeada. O mesmo podemos dizer da instrução dos fiéis sobre a santa Missa, recomendada pelo CPB no Decreto 193: o Sínodo ignora por completo esta exigência primária da pastoral litúrgica. O Sínodo não acena nem sequer para a necessidade de ao menos aos domingos os fiéis participarem do culto. Talvez o supõe, pois no Decreto 172 manda que se leiam e se expliquem anualmente certos documentos sobre a comunhão das crianças e sobre a comunhão freqüente.[49]

Este último (sobre a comunhão freqüente) já é um elemento positivo do espírito do Movimento Litúrgico de Pio X que o Sínodo busca assumir em seus Decretos. Podemos notar ainda outros. Por exemplo, recomenda a *devoção* dos sacerdotes na administração dos sacramentos[50] e na celebração da santa Missa.[51] Recomenda igualmente o incentivo ao caráter artístico da música sacra, sobretudo através do canto gregoriano.[52] Enfim, proíbe "o ornato espalhafatoso e teatral dos altares e andores" e "o emprego de músicas mundanas" na Liturgia.[53]

Em todo caso, a atitude deste Sínodo é bem reservada frente ao Movimento Litúrgico. Poder-se-ia perguntar pela razão deste tipo de atitude, pergunta essa que valeria também para o Sínodo de São Carlos. Em primeiro lugar, pela abundante documentação escrita que recolhemos, não consta que o Movimento Litúrgico já tenha chegado aí com aquela pujança e vivacidade, característica dos ambientes do Rio de Janeiro e sobretudo de Minas. Não constituía, portanto, um problema, pois o problema nem existia. Em segundo lugar, a preocupação centrada no aspecto jurídico-organizativo da diocese, fez com que os sinodais nem mesmo prestassem muita atenção à mensagem do Movimento Litúrgico que se espalhava pelo Brasil e em parte até presente nos documentos do CPB.

3) *Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte (1944)*

O Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte,[54] dentro do assunto que estamos tratando, nos parece de enorme importância, pois

49. Dec. 172: "Conforme o Decreto 218 do Concilio Plenario Brasileiro os párocos e reitores da igreja leiam e expliquem, todos os anos aos fieis, no primeiro domingo da quaresma o canon 854 do Código de Direito Canônico; no domingo da pascuela, o Decreto da Sagrada Congr. dos Sacramentos 'Quam singulari' de 8 de agosto de 1910 sobre a comunhão das crianças; durante a oitava de Corpus Christi o Decreto da Sagr. Congr. do Concilio 'Sacra Tridentina Synodus' de 20 de Dezembro de 1905 sobre a comunhão frequente".

50. Dec. 146: "Para haver maior espirito de fé entre os fieis, muito contribuem o respeito e a piedade com que o sacerdote administra os sacramentos".

51. Dec. 162: "O Sinodo exorta, encarecidamente, a todos os sacerdotes a que celebrem o santo sacrifício com grande devoção e piedade, e observando conscienciosamente todas as rubricas conforme estão prescritas, não levando mais de meia hora, nem menos de vinte minutos, feita a devida preparação e fazendo, depois, a ação de graças".

52. Dec. 230: "A música sacra, como parte integrante da liturgia tem com a mesma igual finalidade, que é a gloria de Deus e a santificação e edificação dos fieis. Ela deve pois ter as mesmas qualidades, isto é, santidade e valor artistico (Motu proprio de Pio X, de 22-VI-1903). Estas qualidades se encontram, em sumo gráu, no canto gregoriano (canto-chão), que é o canto próprio da Igreja Católica".

53. Dec. 259 c; podemos acrescentar ainda outros elementos, como por exemplo a recomendação da meditação e exame de consciência diária e o retiro espiritual para os sacerdotes (Dec. 63-64) e para os leigos de associações religiosas (Dec. 22-23); instrução sobre os ritos e orações da Igreja aos fiéis (Dec. 145); sobre o Batismo (Dec. 148-149) e Confirmação (Dec. 157-158).

54. Realizou-se nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 1944, sob a presidência do então Arcebispo D. Antônio dos Santos Cabral, sendo seus Decretos promulgados a 10-11-1944, contidos em *Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte, I, Decretos*, Belo Horizonte 1944.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

trata-se do primeiro Sínodo diocesano no Brasil que direta e abertamente apóia e incentiva o Movimento Litúrgico em processo na Igreja, inclusive dedicando um capítulo inteiro sobre o mesmo.

Para abordá-lo, julgamos necessário primeiro levar em consideração dois documentos que o precederam, naquela Arquidiocese: 1) a Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de Belo Horizonte, de 25-12-1941; 2) a Pastoral de D. Antônio dos Santos Cabral sobre a Ação Católica, de 14-4-1943. É que estes documentos já apresentam traços diretos de simpatia e adesão do Movimento Litúrgico, e foram citados como fonte nos Decretos Sinodais. Sem, naturalmente, olvidarmos as conclusões e normas práticas do Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica da Arquidiocese de Belo Horizonte, do qual já falamos acima,[55] e que refletem bem a vivacidade e a vivência litúrgica da Ação Católica nesta Arquidiocese.

a) Dois documentos precedentes ao Sínodo

1. Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de Belo Horizonte

Este documento[56] é importante, pois, sendo documento episcopal coletivo, nas suas linhas e entrelinhas, reflete um nítido entusiasmo ativo de busca de participação ativa mais intensa à Missa nos meios católicos da Província Eclesiástica de Belo Horizonte, onde o Movimento Litúrgico já havia conseguido um bom número de entusiastas adeptos. O papel dos Bispos é de conter os exageros, sem também abafar o entusiasmo: equilibrar os valores. É o que se vê nesta Pastoral.

Recomenda um sábio equilíbrio entre as devoções particulares e a participação ativa mais intensa na santa Missa,[57] sem também ignorar "que não se atingiu ainda o ideal, em matéria de participação ativa mais intensa, da parte dos fiéis, à santa missa. E esta renovação litúrgica que, mercê de Deus, está marcando o século da A.C., está no plano da Santa Igreja"[58] Portanto, é preciso que se coloque os fiéis dentro das riquezas da Missa, que é o centro de tudo; é preciso que se coloque o missal nas mãos e,

55. Cf. supra, p. 103s.

56. Foi elaborado pelo Bispo D. Alexandre Gonçalves do Amaral, de Uberaba. Sabemo-lo pelo exemplar que se encontra na Biblioteca Vaticana — Nº de colocação: *Miscell. IV*. 539 (90) — o qual traz no verso do frontispício a seguinte dedicatória autografada: "Ao Santo Padre Pio XII, com muita affeição, offerece o encarregado de escrever esta Carta Pastoral, — Alexandre, Bispo Diocesano de Uberaba — Brasil. Roma — 21 de junho — Festa de S. Luiz do Anno Santo 1950"

O documento traz as seguintes assinaturas: D. Antônio (Arc. Metrop. de Belo Horizonte), D. Manoel (Bispo de Aterrado), D. Hugo (Bispo de Guaxupé) e D. Alexandre (Bispo de Uberaba). A Pastoral conclama a todos para unirem-se aos Bispos num estreitamento maior de relações e "mostrar-se solidários e intimamente unidos com a S. Sé, entre si e com Cristo" (*Pastoral Coletiva do Episcopado da Provincia Eclesiástica de Belo Horizonte* (contendo as determinações da quinta conferência da Província, realizada em Luz, de 17 a 20 de setembro de 1941), Belo Horizonte 1941, 3-4) para conter os erros dogmáticos e morais (cf. *ibid.*, 6-14) e realizar o bem. Na busca de realização do bem, incentiva-se a obra das vocações sacerdotais, a Ação Católica e outras associações religiosas, e a procura de uma vida de piedade mais sólida e profunda dentro do próprio clero para formarem também bons leigos (cf. *ibid.*, 14ss.): "Queremos que nesta província eclesiástica estes movimentos se intensifiquem" (*ibid.*, 18). Não diz diretamente, mas, pelo que se vê mais adiante no documento, entre estes movimentos está também o Movimento Litúrgico.

57. *Ibid.*, 19: "Não se alimentem oposições que objetivamente não existem entre devoções particulares e a participação ativa mais intensa na santa missa. o espírito litúrgico não sofre nenhuma colisão com as devoções particulares, até porque a Egreja, que determina as normas litúrgicas, também aprova as devoções".

58. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

principalmente, no coração de cada um.[59] "Tudo isto se pode fazer", dizem os Bispos, "sem que se derrubem as devoções particulares, assim como a existência da cabeça em um organismo não destrói, antes reclama, a existência de outros membros".[60] Passa-se então a recomendar a restauração das tradições católicas populares e do canto gregoriano para o povo. Mais: que se exponha ao povo o sentido das festas litúrgicas, as riquezas dos textos do ritual e das bênçãos, para que o povo possa sentir e viver tudo isto.[61] Daí a recomendação dos Bispos: "Fazemos votos para que as editoras católicas publiquem, ao lado dos missais, também os rituais populares, para que o povo que gosta tanto das riquezas espirituais da Egreja, possa também saboreá-las e aproveitá-las".[62]

Enfim, do ponto de vista da Liturgia e do Movimento Litúrgico, dois pontos podemos salientar desta Pastoral: a) é a primeira Pastoral Coletiva no Brasil que explícita uma campanha em favor da restauração da vida litúrgica; b) digno de nota é o equilíbrio com que procura abordar a questão da Liturgia: ao mesmo tempo que incentiva a participação mais intensa à Missa, recomenda que sejam respeitados os valores das tradições católico-populares.

2. Pastoral de D. Antônio dos Santos Cabral

Quase um ano e meio após a Pastoral Coletiva que acabamos de abordar, saiu a Pastoral do Arcebispo de Belo Horizonte, D. Antônio dos Santos Cabral, sobre a Ação Católica,[63] considerada "um dos mais profundos documentos eclesiásticos" que "quase se poderia comparar a uma encíclica",[64] na qual se nota bem mais ampliada a adesão ao Movimento Litúrgico.[65]

Pois bem, a certa altura do documento, falando da formação dos membros da Ação Católica,[66] D. Cabral se propõe "acrescentar algumas palavras sobre o chamado movimento litúrgico que tem empolgado as almas, sobretudo os meios mais cultos, e que ocupa uma larga parcela na formação integral da A.C.".[67]

59. *Loc. cit.*: "Levemos, pois, os fiéis às riquezas enexauríveis da santa missa. Seja esta o centro de tudo, assim como o sacrifício do Calvário, que é a missa perpétua, é o ato central da vida de Nosso Senhor, é o ponto culminante da história humana e divina também. Coloque-se o missal nas mãos dos fiéis e, mais do que isto, seja ele posto sobretudo nos seus corações e nas suas mentes, para que seja refletido nas suas vidas".

60. *Loc. cit.*

61. *Ibid.*, 21-22: "Recomendamos que se restaurem as tradições católicas, tão belas, expressas até no toque dos sinos, no ofício de Nossa Senhora cantado pelo povo todo, nos cânticos populares. Faça-se com o povo a iniciação ao canto oficial da Egreja — expressivo e único cantochão em que a idéia não se põe a serviço dos sons, mas este é que exprime aquela, dando-lhe toda a saliência. Jamais a veste póde ser mais que o corpo, assim como êste não póde ser mais que a vida. E o cantochão apenas reveste a palavra de Deus, o verbo que se canta. Celebrem-se as festas litúrgicas, segundo o espírito da Egreja. Exponha-se todo o potencial de doutrina que o ritual encerra. Faça-se o povo sentir e viver isto... Porque não se revelar toda a riqueza exuberante das bençãos da Egreja, dadas para todos e para tudo, até para as invenções modernas e com formas próprias tão lindas como a bênção dos veículos, das máquinas elétricas, dos aviões, etc.?"

62. *Ibid.*, 22.

63. *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral, Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte*. São Paulo 1943; publicada também em *REB* 4 (1943), 502-526. O documento vem datado de 14-4-1943.

64. Cf. conferência de A. Amoroso Lima na abertura do "Primeiro Congresso de Ação Católica da Província Eclesiástica de Belo Horizonte", em *A Ordem* 30 (set. 1943), 292.

65. Nota-se o lema de D. Cabral no Brasão das Armas de seu Episcopado, sobre a capa e frontispício da Pastoral: "Per Eucharistiam vivat in nobis Christus".

66. *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral*. ., *op. cit.*, 28-29.

67. *Ibid.*, 29. Talvez seja interessante notar esta observação de D. Cabral: o Movimento Litúrgico "tem empolgado sobretudo os meios mais cultos". O historiador Riolando Azzi também observa que "no Brasil, o movimento litúrgico assume inicialmente um aspecto de elite vinculado ao grupo do Centro Dom Vital" ("Elementos para a História do Catolicismo Popular", *REB* 36 (1976), 127). No entanto, aqui nesta Pastoral se nota um esforço sincero e bastante grande de uma espécie de popularização do Movimento Litúrgico através da Ação Católica.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Partindo do princípio de que a formação integral da Ação Católica "não pode prescindir da vida litúrgica da Igreja",[68] o Arcebispo passa a dar amplo apoio ao Movimento Litúrgico que, segundo ele, vem plenamente ao encontro dos ideais da Ação Católica, pois procura "levar o povo a penetrar mais intimamente os sagrados mistérios pela piedade teocêntrica", pela oração vivida comunitariamente,[69] pois prepara a alma popular a perceber-se mergulhada no mistério da graça que atua na comunidade dos fiéis reunidos em Cristo formando a Igreja, pois procura fazer o fiel participar ativa e intimamente da Fonte Primeira de santificação da Igreja, o único Sacrifício Sacerdotal (o de Cristo) perfeito que na Missa se faz presente.[70]

Daí então conclui:

> "A A.C. deverá empenhar-se com alma e desassombro no movimento litúrgico, maxime para transmitir aos seus militantes uma compreensão maior e um amor mais profundo e consciente ao Santo Sacrifício da Missa, cooperando dêste modo na missão santificadora da Igreja. Não há incômios nem palavras bastante quentes para introduzir uma melhor compreensão da Missa pelos fiéis em geral".[71]

Um dos modos de participação melhor na Missa, naturalmente, é a realização, cautelosa, e nos meios convenientemente preparados, da *Missa dialogada* que, pelas experiências já tidas, "só poderá ser fonte de inestimáveis benefícios".[72] E acrescenta:

> "Para os fiéis em geral, é aconselhável o que se chama Missa Recitada, isto é, explicada e com a recitação de certas partes em vernáculo, o que concorre para uma participação mais viva do movimento litúrgico e para uma penetração mais frutuosa do Augusto Sacrifício da Missa".[73]

Eis, em poucas palavras, um grande sinal de adesão plena da Arquidiocese de Belo Horizonte aos ideais do Movimento Litúrgico implantado no Brasil havia já bem 10 anos. Tal era a adesão, que D. Cabral ainda deixa no fim manifesta uma "nobre aspiração" sua: realizar na Arquidiocese um "Congresso Litúrgico" que venha especialmente focalizar e esclarecer aos diocesanos o tema importante da Liturgia.[74]

Qual seria a causa de atitude assim aberta frente ao Movimento Litúrgico presente nesta Pastoral como também no documento anterior ou

68. Baseia-se em WILL, J., S.J., *Os problemas da Ação Católica*, para ainda afirmar que "a A.C. será litúrgica ou não existirá" (cf. *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral*. *op. cit.*, 29-30; cf. WILL, J., S.J., *Os problemas da Ação Católica*, Petrópolis 1959, 130-134).

69. *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral* , *op. cit.*, 29.

70. *Ibid.*, 29-30; e exclama: "Esta participação mais esclarecida dos leigos na vida litúrgica da Igreja promete os resultados mais surpreendentes. Os leigos não terão mais atitudes passivas nem assistirão ao Augusto Sacrifício da Missa como se a êle fossem estranhos. Apreenderão a tomar parte e se beneficiarem da eficácia do Santo Sacrifício, tanto mais quanto intimamente unindo sua oblação à do sacerdote e, por êle, à Divina Vitima, que é imolada e glorificada. O Santo Sacrifício da Missa não é só do sacerdote, mas também dos fiéis. Isto nos indicam as palavras *Orate Fratres*. Jesus Cristo, o Homem Deus, é o Supremo Sacerdote e só Ele oferece ao Pai o culto perfeito. Todos os homens são convocados a tomar parte ativa neste culto" (*ibid.*, 30). Em seguida, naturalmente, põe-se bem claro a diferença entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial (cf. *Ibid.*, 31).

71. *Loc. cit.*; lembra inclusive a recomendação do CPB neste assunto (cf. CPB, Dec. 193).

72. *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral*. , *op. cit.*, 31. Sobre D. Cabral e a Missa dialogada, eis um belo testemunho: "Em Belo Horizonte, o Exmo. Sr. Arcebispo, Dom Antônio dos Santos Cabral, além de dialogar pessoalmente a Missa nas grandes concentrações da Ação Católica, tem o mérito singular de ter sido o primeiro Antístite no Brasil a elogiar e recomendar numa Carta Pastoral a Missa Dialogada" (ISNARD, C., O.S.B., "O papel de Dom Martinho Michler " *art. cit.*, 540).

73. *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral* ., *op. cit.*, 31-32.

74. *Ibid.*, 32. A idéia é relembrada por D. Cabral em novembro do mesmo ano, em uma das sessões da "Semana da Missa" em Belo Horizonte (cf. *O Diário* 26-11-1943, 3).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

até mesmo nas conclusões e normas práticas do Congresso Provincial da Ação Católica? Diríamos que a causa estaria principalmente na ligação estreita da Ação Católica Arquidiocesana de Belo Horizonte com a Ação Católica e a intelectualidade católica do Rio de Janeiro, e com o grande número de publicações litúrgicas que iam saindo. Além disso, como o testemunha Dom Isnard, as Semanas de Estudos pregadas por Dom Martinho Michler, a partir de 1938, em Belo Horizonte e em Juiz de Fora, "influenciaram decisivamente a evolução posterior da Ação Católica nestas mesmas cidades sob o ponto de vista da formação litúrgica".[75] Mas a causa mesma estaria também na abertura do próprio Arcebispo assessorado por uma boa equipe de sacerdotes líderes da Ação Católica e do Movimento Litúrgico, profundamente convencidos do alto valor do Movimento Litúrgico no seio da Ação Católica, no seio da própria Igreja.

b) O Movimento Litúrgico nos Decretos do Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte

Eis como se inicia o Título I da Sexta Parte do documento sinodal, apoiando-se na Pastoral de D. Cabral anteriormente vista: "Em vista dos documentos Pontifícios e do Movimento Litúrgico[76] que se intensifica no mundo, o Sínodo reúne neste Título, nos caps. que seguem, estudos teórico-práticos sobre a S. Liturgia, para que os Revmos. Sacerdotes encontrem, com facilidade, o que devem conhecer e transmitir".[77]

São dois capítulos que tratam do assunto, abrangendo os Decretos 546-570: 1°) "A oração da Igreja e nossa participação na mesma";[78] 2°) "Movimento Litúrgico — oração da Igreja, garantia da ortodoxia e método de santificação, ensino e educação".[79]

Adiantamos a grande repercussão que estes dois capítulos tiveram, sendo especialmente publicados por *A Ordem*, que os julgou de grande importância não só para a Arquidiocese de Belo Horizonte, mas também para todo o Brasil.[80] Também *O Diário* julgou oportuno publicá-los integralmente.[81]

Vejamos, pois, o que diz o documento.[82]

75. ISNARD, C., O.S.B., "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.*, 97-98; cf. *id.*, "O papel de Dom Martinho Michler...", *art. cit.*, 540.

76. Pela primeira vez num documento sinodal do Brasil aparece a expressão "Movimento Litúrgico". E aqui a expressão aparece propositadamente, como uma expressão escolhida pelos próprios Padres sinodais, substituindo as palavras "MOVIMENTO que se intensifica no mundo, para a volta à Liturgia" do primeiro esquema (cf. *Constituições do Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte. Esquema*, [sem datação], Dec. 664) pela clara e direta expressão "Movimento Litúrgico".

77. *Primeiro Sínodo... Decretos, op. cit.*, Dec. 546. De ora em diante citaremos apenas os Decretos deste Sínodo.

78. Cf. Dec. 546-560.

79. Cf. Dec. 561-570.

80. "O Sínodo de Belo Horizonte e a restauração liturgica", *A Ordem* 34 (julho ag. 1943), 151-160.

81. "O 1º Sínodo da Arquidiocese e o Movimento Litúrgico". *O Diário* 6-6-1945, 2 e *O Diário* 7-6-1945, 2.

82. Além das duas Pastorais anteriormente vistas, estes dois capítulos do Sínodo baseiam-se ainda na seguinte Bibliografia: Epístola 69 de Cipriano (cf. CSEL II/2, ed. HARTEL, G. (1971), 752-754); Concílio de Trento, sess. XXI-XXII; *Motu Proprio* de Pio X (cf. *ASS* 36 (1903-1904), 329-339); Const. Apost. "Divini Cultus" de Pio XI (cf. *AAS* 21 (1929), 33-41); Pio XI ao Congresso Litúrgico de Gênova; Encíclica "Mystici Corporis Christi" de Pio XII (cf. *AAS* 35 (1943), 193-248); Diretivas Episcopais para a Arquidiocese de Paris (cf. *O Diário* 8-2-1939, 5); Diretivas Episcopais para a Arquidiocese de Malines (cf. *O Diário* 9-2-1939, 5); *La Théologie de S. Paul*, de F. Prat, S.J: *La messe de ceux qui ne sont pas prêtres*, de F. Desplanques, S.J.; *Vida Litúrgica*, de L. Beauduin, O.S.B.; *Liturgia*, de G. Lefebvre, O.S.B.; *Missa Dialogada*, de T. Keller, O.S.B.; *Liber Sacramentorum*, de Schuster, O.S.B.; "Que é movimento litúrgico", de G. Ellard, S.J. (cf. *O Diário* 31-12-1943, 2); *Les trois âges*, de Garrigou-Lagrange; *Le vrais visage de la Liturgie*. de B. Capelle; *Philosophie de la religion*, de P. Ortegat, S.J.; *La doctrine du Corps Mystique*, de Auger; *La vie d'identification au Christ-Jésus*, de P. Jaegher, S.J. Característico, portanto, que o Sínodo não se baseia estritamente em documentos do Magistério, mas também em outros autores.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

1. "A oração da Igreja e nossa participação na mesma"

Uma das coisas que logo se nota nos Decretos deste Sínodo, ao tratar da Liturgia, é a presença da superação de um juridicismo seco, em favor de uma maior enfatização teológica. Logo de início, por exemplo, apresenta um plano teológico sobre o qual vem basear todo o resto. Isto é, que Deus enviou seu Unigênito como Sacerdote, Mestre e Rei. Este (Cristo) ofereceu um Sacrifício perfeito no alto da Cruz, o "culto perfeito de louvor, ação de graças, reparação e impetração" em nome da humanidade, o culto que re-dignificou o homem decaído, possibilitando-o a louvar (em Cristo) a Deus do modo mais perfeito possível.[83] Não só isso. Cristo, ainda mais, confiou à Igreja, "complemento d'Aquele que se completa inteiramente em todos os seus membros, ...a continuação de sua missão litúrgica, dando-lhe uma Hierarquia, revestindo-a de Seu Sacerdócio e nela depositando o tesouro de suas graças".[84] A Santa Missa torna-se Sacrifício da Igreja.

Assim sendo, uma vez que a Missa é o Sacrifício da Igreja, do povo unido aos seus pastores, "importa que os fiéis ponham em exercício o caráter batismal", participando ativamente no culto divino, menos na consagração e na mediação, que se reserva exclusivamente ao Sacerdote Celebrante.[85]

Como então o fiel participa? Antes de tudo, unindo sua própria oblação, através dos ministros, à Grande Oblação do Sacrifício Eucarístico;[86] fazendo da Comunhão o meio excelente de participação ao Sacrifício;[87] usando o Missal para poder "melhor unir-se às orações da Igreja";[88] cantando na Missa;[89] dialogando a Missa,[90] dentro das normas da Santa Sé e do bom senso pastoral.[91]

83. Dec. 547-548.

84. Dec. 549. Esta, a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, organiza a Liturgia, para "elevar e unir os fiéis a Deus, pela Liturgia Sacrifical e Sacramental. ", para "fazer profissão de Fé, pela celebração dos Santos Mistérios, no correr do Ciclo Litúrgico. ", para "louvar e agradecer, pela Missa e pelo Breviário" (Dec. 550).

85. Dec. 552.

86. Dec. 551 e 553.

87. Dec. 554: "A recepção da Comunhão não deve constituir exercício de piedade à parte, mas o meio, por excelência, de participar vitalmente do Sacrifício, já que o FIM PRINCIPAL de N. S., ao instruir a Eucaristia, não foi ser hóspede permanente dos nossos tabernáculos, mas sim realizar, cada dia, em cada membro de Cristo, o mistério da morte e da vida do Chefe, pelo Sacrifício e Sacramento Eucarístico". Cf. ainda Dec. 232-234, incentivando sobre a comunhão freqüente, e dentro da Missa.

88. Dec. 555. No § Único deste mesmo Decreto, "apesar de recomendar vivamente o uso do MISSAL, o Sínodo não proíbe a recitação do terço e de outras orações, durante a missa, especialmente as prescritas ou recomendadas pela Santa Sé". Comparemos este § Único com o texto do esquema proposto que diz: "Como prática que impede os fiéis á participação ativa e o recolhimento do Sacerdote, o Sínodo menciona o costume, de se rezarem, publicamente, durante a Missa, novenas e outras orações alheias á mesma, salvos nos casos já aprovados e recomendados pela Santa Sé, como no mês do Rosário e outros" (*Constituições. Esquema, op. cit.*, Dec. 685). O Sínodo certamente notou que esta proposição daria margem a muitos mal-entendidos, e optou por uma outra fórmula mais direta, clara e objetiva, e que ao mesmo tempo revela maior prudência pastoral: o Sínodo não proíbe o uso. Isto significa: Em vez de simplesmente proibir o costume já tradicional na alma do povo, de rezar outras devoções durante a Missa, o Sínodo opta, como veremos, por uma tática de *instruir* o povo.

89. Dec. 556: "...o Sínodo reconhece que o IDEAL a atingir na forma de participação ativa é a MISSA CANTADA pelos fiéis...". Por isso, se faz necessário "todo o empenho na formação litúrgica e musical do povo".

90. Dec. 558: "Sendo em si a Missa Dialogada louvável, mas podendo, no começo, dar origem a certos incômodos que, com a instrução mais acurada, desaparecerão, NÃO CONVINDO DE MODO ABSOLUTO, MAS SEGUNDO A MENTE DA SANTA SÉ, para a qual envia o ..decreto 199 § 1º do C.P.B., este Sínodo. *autoriza a Missa Dialogada*, sobretudo nos seminários, colégios, associações da A.C.".

91. Dec. 558, a-f; cf. Dec. 559 e 126,4. No dec. 216, "para maior conhecimento do Sacrifício Eucarístico, o Sínodo recomenda: 1) — a explicação da Missa feita por um sacerdote, enquanto outro celebra; 2) — a divulgação do Missal e dos folhetos litúrgicos entre os fiéis; 3) — a prática da 'missa recitada', principalmente entre as creanças; 4) — a missa dialogada, conforme os ns. 559 e 560, *a* e *b* deste Sínodo".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

2. "Movimento Litúrgico — oração da Igreja, garantia da ortodoxia e método de santificação, ensino e educação"

Após reconhecer a necessidade de uma volta ao verdadeiro espírito da Liturgia e apontar os motivos da restauração litúrgica,[92] o Sínodo passa a dar algumas orientações práticas para que o Movimento Litúrgico se processe harmoniosamente.

Em primeiro lugar, diz-se uma palavra sobre o próprio Movimento Litúrgico em si. Isto é, quando se fala em Movimento Litúrgico, não se deve confundi-lo "com o desejo de aumentar a pompa dos atos rituais, a preocupação da beleza, diletantismo piedoso, gosto de arqueologia, missa dialogada". Trata-se, "antes de tudo, de renovar, estimular e incrementar a unidade eclesiástica, a adesão integral à Igreja, reconduzir as almas às fontes da piedade católica".[93]

Mais ainda, trata-se de encarar a virtude da Religião não como um fim em si, mas como um meio para a glorificação de Deus e santificação dos homens. E não se trata de buscar inovações arbitrárias, mas de basear-se nas normas da Igreja. Não se trata de eliminar formas de piedade, mas de "hierarquizá-las, subordiná-las ao culto oficial, dando-lhes um acréscimo de vigor e vitalidade", a partir do fortalecimento da fidelidade e do amor ao culto litúrgico. Tudo isso exige um trabalho paciente e persistente, sem precipitação, "começando-se antes de tudo por INSTRUIR o povo" [94]

Não se trata de nivelar a oração pública do celebrante com a participação dos leigos. Nem se trata de desvalorizar a oração particular.[95]

Não se trata de favorecer escolas de espiritualidade, desprezando outras, mas simplesmente "educar os fiéis para uma participação ativa",[96] sabendo que "a vida cristã é a vida do próprio Cristo", no seu Corpo que é a Igreja, a única escola de espiritualidade à qual todos devem se subordinar,[97] pois nela e por ela Deus fala a sua verdade eterna.[98]

Enfim, o que se quer é que os Sacerdotes, Religiosos e quaisquer educadores, amando e propagando também o Ofício Divino,[99] "se esforcem para que os fiéis encontrem na S. Liturgia um alimento sólido para suas almas, vivam o ano litúrgico e lhe celebrem os mistérios, não como simples

92. Dec. 561: "a) o esquecimento do lugar de relevo que a Missa ocupa na vida cristã; b) a falta de orientação de toda a vida, ainda nas ações mais comuns, para a glória de Deus; c) a falta de repercussão, na vida prática, dos dogmas da nossa fé; d) a assistência meramente passiva nos atos litúrgicos".

93. Dec. 562.

94. Dec. 563. Não é à toa que o Sínodo coloca o verbo "instruir" em caracteres maiúsculos. *Instruir* o *povo* é uma das grandes insistências do Sínodo. Cf. Dec. 180: instruir sobre os Sacramentos em geral; Dec. 192-193: instruir sobre o Batismo; Dec. 209-210: instruir sobre a Confirmação; Dec. 252: instruir sobre a "Extrema Unção"; Dec. 280: instruir sobre o Sacramento da Ordem; Dec. 286: instruir sobre o Sacramento do Matrimônio; Dec. 215, 216,1 e 488: instruir sobre a Santa Missa; Dec. 242: instruir sobre a presença real na Eucaristia; Dec. 560: instruir sobre as riquezas do Ritual.

95. Dec. 565.

96. Dec. 566.

97. Dec. 567.

98. Dec. 568.

99. Dec. 569; cf. No Dec. 564, diz: "Os sacerdotes não tenham receio de levar os fiéis á participação do rico tesouro espiritual que é a oração da Igreja, fonte segura de piedade".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

acontecimentos históricos, mas como um dos aspectos de sua própria vida interior, que é o prolongamento da vida mística de Jesus Cristo".[100]

Quanto à Arte Sacra, no Título Segundo, Capítulo Único, não há novidade.[101] O Título Terceiro, Capítulo Único, falando da Música Sacra e do Canto Gregoriano, reproduz as orientações de Pio X no seu *Motu Proprio* de 22-11-1903, de Pio XI na Constituição Apostólica "Divini Cultus", e dos Dec. 363 § 1° e 367 § 1° do CPB.[102] Insiste-se bastante na formação musical, tanto para os fiéis como para o clero,[103] para enfim recomendar também a participação de todo o povo nos cânticos religiosos.[104]

Como se vê, sendo este Sínodo de Belo Horizonte o primeiro no Brasil a se interessar diretamente pelo fenômeno do Movimento Litúrgico, faz questão de incentivá-lo, apresentando orientações teológicas e práticas para o seu desenvolvimento. Diríamos: é um documento de alto valor equilibrante para o desenvolvimento do Movimento Litúrgico, não só na Arquidiocese de Belo Horizonte, mas também para todo o Brasil. Por exemplo, quanto à controvertida questão da piedade, o Sínodo diz claramente que não se trata de abafar ou eliminar a piedade particular, mas *instruir* e orientar os fiéis *para a piedade da Igreja*, à qual todas as outras formas de piedade se subordinam. Sem querer confundir sacerdócio ministerial com sacerdócio comum dos fiéis, trata-se de conduzir os fiéis a uma intensa participação na Liturgia da Igreja.

No entanto, uma coisa parece-nos exagerada, ou pelo menos estranha para nós hoje. Trata-se do dec. 216, no qual, "para maior conhecimento do Sacrifício Eucarístico", se recomenda "a explicação da Missa feita por um sacerdote, enquanto outro celebra", "a divulgação do Missal e dos folhetos litúrgicos entre os fiéis", etc.[105] Parecem-nos estranhas tais recomendações, exatamente pelo perigo de fazer da Missa mais uma aula de catequese litúrgica do que propriamente uma celebração. Sem dúvida, exagera-se aqui a dimensão catequética do próprio Movimento Litúrgico.

Contudo, as orientações litúrgicas dadas pelo Sínodo, fruto da experiência anterior de alguns anos de lutas na expansão do Movimento Litúrgico (Semanas de Estudos para a Ação Católica, Semanas da Missa, Encontros, Conferências, divergências e debates, Congressos, publicações, etc.), não deixam de ter seu alto valor como incentivo do Movimento Litúrgico. Elas vieram realmente encorajar os trabalhos dos liturgistas em busca da difusão da Liturgia e seu espírito entre os fiéis.

100. Dec. 570. Poderíamos acrescentar ainda outras idéias presentes em outras partes do Sínodo. Para os sacerdotes: sobre a meditação (Dec. 15), exercícios espirituais (Dec. 19), vida digna para celebrar dignamente (Dec. 181; cf. Dec. 10), preparação para a Missa e ação de graças após a mesma (Dec. 11-12); *Missa:* "Ato sacerdotal, por excelência, donde dimana tôda a vida espiritual, fonte primária e indispensável de santidade" (Dec. 10); Vida litúrgica — raiz da Ação Católica (Dec. 385); eliminar o caráter profano nas festas religiosas (Dec. 348).

101. Cf. Dec. 571-576.

102. Cf. Dec. 577-588.

103. Cf. Dec. 580 e 582.

104. Dec. 588: "O Sínodo recomenda que se conserve o piedoso costume de todo o povo tomar parte nos cânticos religiosos, como um meio muito eficaz de nutrir a fé e a piedade, com tanto que sejam cânticos propriamente litúrgicos ou aprovados pela Comissão de Arte-Sacra. § Único — Podem ser cantados pelo povo, em comum, desde que haja um pouco de esfôrço, a Missa 'De Angelis', o 'Veni Creator', o 'Pange Lingua', o 'Adoro-Te', o 'Tantum Ergo', o 'Laudate Dominum', o 'Te Deum', etc.".

105. Cf. supra, p. 135, nota 91.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

4) *Segundo Sínodo da Arquidiocese de Salvador (1945)*

Se há um documento sinodal praticamente nulo de elementos do Movimento Litúrgico, é este.[106] Em pleno ano de 1945, quando o Movimento Litúrgico no Brasil já contava com mais de 10 anos de existência, aparece o Segundo Sínodo da Arquidiocese de Salvador, ignorando quase que por completo o que este Movimento já havia propagado.

Baseia a grande maioria dos seus Decretos nos Decretos do CPB, mas empobrecendo-os de maneira formidável.

No Decreto 209, baseando-se no Decreto 193 do CPB, apenas chama a atenção dos sacerdotes a que se apliquem diligentemente "à devoção para com o Santíssimo Sacramento".[107]

No Decreto 210, baseando-se no Decreto 197 do CPB, exorta-se a que os sacerdotes não omitam "as orações preparatórias e a de ação de graças" da Missa, não celebrem com precipitação e sem devoção, mas com "modéstia exterior", para não escandalizar os assistentes.

O Decreto 211 manda rezar em português e juntamente com o povo as preces do final da Missa, prescritas por Leão XIII.

O Decreto 214 exorta a que "haja, em cada igreja, um grupo de acólitos para ajudar à missa".[108]

É tudo o que aí poderia haver sob o ponto de vista da promoção da vida litúrgica. No mais, a atenção se volta a rubricas e orientações detalhadas para a organização externa do culto. Como se vê, este Sínodo é liturgicamente muito pobre.

Porém, o mais estranho ainda vem. Isto é, o Decreto 217, que reflete bem a mentalidade do Sínodo:

> "Em obediência ao Decreto 4.375, da S.C.R., de 4 de agosto de 1922, que traduz o pensamento mais de uma vez manifesto da Santa Sé, e renovado no Decreto 199 do C.P.B., não admite este Sínodo as missas ditas dialogadas".

O Sínodo não admite a Missa dialogada. Interessante que, inexplicavelmente, nem se alegam os motivos desta decisão. Isto significa que ele encarou o Decreto 199 do CPB no seu aspecto meramente proibitivo, ignorando, portanto, o sentido mais global do texto do CPB.[109] Caso contrário, teria certamente dado os motivos desta opção.

106. *Segundo Sínodo da Arquidiocese de S. Salvador da Baía* (realizado na Igreja Catedral Basílica pelo Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo D. Augusto Alvaro da Silva nos dias 8 a 12 de setembro de 1945), Salvador 1945. O primeiro Sínodo de Salvador se celebrou em 1707.

107. E continua, no mesmo Decreto: "Repassem, ao menos uma vez cada ano, durante os exercícios espirituais, as rubricas do missal e as prescrições litúrgicas a respeito da santa missa". Na verdade, ignora um ponto importante do Dec. 193 do CPB, que é a instrução dos fieis sôbre a Missa.

108. E continua, no mesmo Decreto, com este engraçado texto: "Devem estes usar, no exercício de suas funções, batina vermelha ou preta e sobrepeliz. São lhe proibidos as murcas, sólidéus, faixas, capas e outros adornos".

109. Para uma explicação completa do sentido do Dec. 199 do CPB, relembramos artigo de T. Keller, O.S.B., "Proíbe o Concílio Plenário Brasileiro a Missa Dialogada?", já abordado nesta Capítulo (cf. supra, p. 126-127).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Em todo caso, este Decreto 217 reflete bem a mentalidade do Sínodo diante das novidades litúrgicas que iam aparecendo. Trata-se de desconhecimento do Movimento Litúrgico? Não, pois em Salvador mesmo há tempo se desenvolvia o trabalho benemérito de Dom Beda Keckeisen e de seus confrades. Só podemos dizer que se trata de um proposital espírito de fechamento frente ao Movimento Litúrgico, espírito preferentemente jurisdicista, liderado pelo Arcebispo D. Augusto Álvaro da Silva.[110]

5) *Primeiro Sínodo Diocesano de Guaxupé (1947)*

A diocese de Guaxupé pertence à Província Eclesiástica de Belo Horizonte. Com isso já se pode prever que este Sínodo,[111] no que toca à Liturgia, deve trazer bastante idéias do Movimento Litúrgico. Senão, vejamos.

Antes de tudo, falando da Ação Católica, o Sínodo exorta:

> "Evitem-se colisões e as discussões estéreis, sobretudo pela imprensa, porquanto estas mais destroem do que constroem, mais desedificam os fiéis, do que esclarecem os espíritos".[112]

Sabe-se que as discussões mais quentes giraram em torno da Liturgia. Por isso que, logo em seguida, citando *ipsis verbis* um texto da Pastoral Coletiva dos Bispos da Província Eclesiástica de Belo Horizonte, de 1941, ainda exorta:

> "Não se alimentem oposições que objetivamente não existem entre devoções particulares e a participação mais intensa da santa Missa. É claro que no organismo místico há lugar para todos os membros e para as atividades específicas de cada um, mas não podem ter lugar as oposições sistemáticas".[113]

Destes textos se verifica o equilíbrio desejado pelo Sínodo nos meios da Ação Católica em relação à Liturgia.

Referindo-se à Missa, apoiando-se no Decreto 193 do CPB, o Sínodo manda que se instruam os fiéis sobre a Santa Missa em sua totalidade.[114] Além disso, tendo como base o Decreto 197 § 2º do CPB, pede-se aos sacerdotes que celebrem a Missa com respeito e diligência, dentro de um espaço de tempo razoável, para não prejudicar a fé dos cristãos.[115]

Em seguida, louva "os que promovem o uso do Missal entre os fiéis, bem como aqueles que, durante o Santo Sacrifício, se servem do mesmo para acompanhar as orações do celebrante (dec. 355 parágrafo 2), uma vez

110. Pode-se entender também o quanto Dom B. Keckeisen não teve que lutar para conseguir um *Imprimatur* para a publicação do Missal em vernáculo!

111. Realizou-se de 19 a 22 de agosto de 1947, sendo promulgado a 7-10-1947. Seus Decretos foram publicados no volume *Primeiro Sínodo Diocesano de Guaxupé*, Belo Horizonte 1947. Dom Hugo Bressane de Araújo, Bispo Diocesano, foi a alma jurídica e realizadora do Sínodo (cf. notícia do Sínodo em *REB* 7 (1947), 1009-1010).

112. Dec. 29 § 5º.

113. Dec. 29 § 6º (cf. *Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de Belo Horizonte*, *op. cit.*, 19).

114. Dec. 32 § 1º: "Reconhecendo os imensos frutos da verdadeira e sólida piedade litúrgica, os Revmos. Sacerdotes instruam convenientemente os fiéis sôbre a excelência e dignidade, frutos salutares, ritos e cerimônias da Santa Missa (dec. 193)".

115. Dec. 32 § 2º: "Considerando o Sínodo que a falta de fé entre os cristãos é, muitas vezes, conseqüência da negligência ou pouco respeito na celebração do augusto Sacrifício, exorta aos Revmos. Sacerdotes a não celebrarem com demasiada lentidão ou exagerada precipitação...".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

que se observe escrupulosamente o § 1º do dec. 199 do C.B.".[116] Como se vê, não é bem claro ao falar da Missa dialogada. Não diz se é permitida ou não. Apenas manda que se observe "escrupulosamente" o Decreto 199 § 1º do CPB.

Recomenda-se que a Missa Paroquial, aos domingos e dias festivos, seja revestida de certa solenidade, com melhores paramentos e com cânticos, "e, se possível, introduzam o nunca assás recomendado costume da Missa solene cantada, em canto gregoriano".[117] Também aqui não é muito explícito. Resta a pergunta: O Canto Gregoriano será cantado por todo o povo?

A prática da comunhão freqüente e até diária, embora não obrigatória, é recomendada pelo Sínodo, desde que feita com sãs disposições.[118] Não fala da necessidade da comunhão *intra Missam*.

Ao lado da comunhão freqüente, a assídua prática do sacramento da penitência também é recomendada.[119]

Enfim, no sentido de corrigir o problema das superstições, pede-se que se instrua o povo sobre o sentido, conveniência e uso dos sacramentais, sobretudo da água benta, bem como das inúmeras bênçãos oferecidas pela Igreja.[120]

Portanto, diferentemente do Primeiro Sínodo de Belo Horizonte, este Sínodo não apresenta elementos teológicos ao falar de Liturgia, senão que se contenta apenas com orientações práticas de alguns elementos do Movimento Litúrgico aí assumidos. Embora não prime às vezes por grande clareza, traz alguns bons elementos dos ideais do Movimento Litúrgico (instrução dos fiéis sobre a Missa e Sacramentais, uso do Missal, comunhão freqüente, etc.), além de apelar para um são equilíbrio ao se abordar a questão da participação ativa na Santa Missa e a piedade particular.

6) *Segundo Sínodo da Arquidiocese de Fortaleza (1947)*

Deste Sínodo,[121] realizado na capital do Ceará, Fortaleza, sob o governo arquiepiscopal de D. Antônio de Almeida Lustosa, podemos tirar alguns elementos do Movimento Litúrgico.

116. Dec. 32 § 3º.
117. Dec. 32 § 4º.
118. Dec. 34: " .o Sínodo lembra aos Revmos. Párocos, Pregadores, diretores espirituais e confessores que exortem os fiéis á prática da comunhão freqüente e, possivelmente, diária".
Ibid. § 1º: "Procurando declarar sempre, com toda a clareza, que a comunhão freqüente não é obrigatória e só pode ser feita com as condições requeridas, condenem, no entanto, a estranheza e suspeita de uns e o vão temor de outros, bem como a falta de reta intenção dos que comungam por mero costume ou por outras razões humanas inconfessáveis".
119. Dec. 34 § 3º: "Com o uso da comunhão freqüente, promova-se a prática assidua do sacramento da penitência, como tão encarecidamente o recomenda, contra alguns erros modernos, o Santo Padre Pio XII, na recente Enciclica 'Mystici Corporis Christi'".
120. Dec. 36: ". .instruam os Revmos Párocos ao povo fiel acerca da significação, conveniência e uso respeitoso dos Sacramentais para sua vantagem espiritual"
Ibid. § 1º: "Para evitar que os fiéis recorram aos exploradores de sua ignorância e às superstições, expliquem sobretudo aos mesmos o significado e a força santificadora da água benta, promovendo o seu uso assíduo mesmo em casa".
Ibid. § 2º: "Á estação da Missa Dominical, depois de recitados com o povo os atos de fé, esperança, caridade e contrição, façam a aspersão com água benta, segundo o Ritual Romano".
Ibid. § 3º: "Revelem os Revmos. Sacerdotes aos fiéis toda a riqueza exuberante das bênçãos da Igreja, dadas para todos e para tudo, até para as invenções mais modernas e com formas próprias tão lindas, como as bênçãos dos veículos, das máquinas elétricas, dos aviões, etc." (cf. *Pastoral Coletiva* . , *op. cit.*, 21-22).
121. *Segundo Sínodo da Arquidiocese de Fortaleza* (Realizado de 20 de Outubro a 1º de Novembro de 1947, no Palácio Arquiepiscopal da Cidade de Fortaleza), Fortaleza 1947. O documento foi promulgado a 27-11-1947; portanto, uma semana após a publicação da *Mediator Dei*. Uma notícia do Sínodo pode ser encontrada em "II Sínodo da Arquidiocese de Fortaleza", *REB* 7 (1947), 714.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Antes de tudo, o que imediatamente se nota, ao falar do Sacrifício Eucarístico, é a insistência na instrução dos fiéis: instrução sobre "a sublimidade e valor do Sacrifício da Missa",[122] "sua excelência e seus frutos..., o sentido das cerimônias",[123] exortando aos fiéis quanto à assistência freqüente ao Santo Sacrifício da Missa, "também nos dias de semana",[124] exortando os fiéis "à prática da comunhão freqüente e mesmo quotidiana, de sorte que, assistindo à missa, não se satisfaçam com a participação espiritual do grande mistério, mas recebam a comunhão sacramental".[125] Portanto, indiretamente, expressa-se o desejo de levar os fiéis a comungarem *intra Missam*.

No sentido de levar os fiéis a uma freqüência mais assídua à Missa dominical e de dias festivos, o Sínodo exorta a que se faça todo o possível para atrair o interesse dos mesmos à Missa. Um dos meios seria a "leitura do Evangelho em vernáculo".[126]

Além disso:

> "É necessário explicar e incentivar a participação espiritual que todos os assistentes podem ter no santo sacrifício da Missa. Os leigos que não participam do poder sacerdotal, podem, no entanto, em união moral com o celebrante oferecer a Deus a vítima imolada sobre o altar de modo incruento. Com este fim deve ser favorecido o uso do missal, o que exige certa instrução e explicação oportuna".[127]

Como se vê, incentiva-se o uso do Missal. Mas, inexplicavelmente, não se fala da Missa dialogada como um meio de ajudar na participação. Talvez, o uso de dialogar a Missa constituísse já um ponto pacífico na Arquidiocese. Caso contrário, o Sínodo haveria de dar certamente qualquer pronunciamento a favor ou contra.[128]

Enfim, ainda no sentido de fazer os fiéis participarem ativamente do Culto, em obediência às prescrições de Pio X e Pio XI, recomenda-se todo o empenho pela música sacra, fazendo todos os fiéis participarem dos cantos sacros populares,[129] cultivando o canto gregoriano sobretudo nos Seminários e institutos eclesiásticos, o qual deverá ser restabelecido amplamente também fora dos conventos e colégios.[130] Além disso, pede-se que se fundem *Scholae Cantorum*,[131] e que se usem instrumentos musicais condizentes com o lugar e o momento sacro das celebrações.[132]

É tudo sobre o Segundo Sínodo de Fortaleza, do ponto de vista dos ideais do Movimento Litúrgico. Como se percebe, reproduz em geral a legislação do CPB no que diz respeito à promoção da vida litúrgica. Também

122. Dec. 233.
123. Dec. 272 a-b.
124. Dec. 267.
125. Dec. 274.
126. Dec. 270.
127. Dec. 269.
128. Poder-se-ia ainda acrescentar a insistência na devoção dos sacerdotes para com o Sacramento do Altar, celebrando a Missa com dignidade, com modéstia exterior, sem precipitação, sem omitir as orações preparatórias e as orações de ação de graças (cf. Dec. 232, 234 e 272).
129. Dec. 455; e ainda Dec. 456: "Os cânticos populares cantados por todos os fiéis são meio excelente para tornar piedosas e atraentes as funções religiosas. Haja pois grande empenho dos Vigários em habituar seus paroquianos a tomar parte ativa nos cânticos sacros, de maneira a despertar neles vivo interesse pelos atos do culto"
130. Dec. 457 e 458.
131. Dec. 459 e 463. Interessante que, baseando-se no Dec. 367 do CPB, proíbe terminantemente a existência de coros mistos de homens e mulheres, "a não ser que o povo, em massa, tome parte no canto" (Dec. 465).
132. Dec. 460-462; e Dec. 466-468.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

aqui a preocupação é preferentemente jurídico-organizativa do culto. Embora apresente uma novidade, isto é, "ler o Evangelho em vernáculo", este Sínodo também não avançou muito.

Concluindo este item II, dentro do assunto que estamos tratando, diremos que, de maneira geral, a maioria dos Sínodos vistos tendem a simplesmente reproduzir as leis do CPB, ora com fidelidade, ora empobrecendo, e até esquecendo elementos importantes daquele.

Exceção se faça ao Sínodo de Belo Horizonte, o único que usa a expressão "Movimento Litúrgico", o único que diretamente acata o Movimento Litúrgico, apresentando propositalmente um plano teológico-prático para um harmonioso desenvolvimento do mesmo.

Ao lado deste, enquanto buscando aconselhar o equilíbrio na abordagem de questões litúrgicas suscitadas pelo aparecimento do Movimento Litúrgico,[133] colocaríamos o Sínodo de Guaxupé, bastante rico de elementos do Movimento Litúrgico.

No mais, de maneira geral, os outros Sínodos não avançaram muito em relação ao CPB. Um ponto, aliás, que se pode ressaltar é o da *instrução dos fiéis,* insistida pelos Sínodos, respondendo exatamente aos apelos do próprio CPB.

III. Por uma renovação litúrgica em algumas Circulares, Cartas Pastorais e Editais de Cúria

Prosseguindo nossa pesquisa sobre as repercussões do Movimento Litúrgico no Episcopado brasileiro, passemos a considerar alguns outros documentos (Circulares, Cartas Pastorais e Editais de Cúria).[134] Verificaremos nestes documentos até que ponto e em que sentido são abordados temas do Movimento Litúrgico, o que contribuirá para termos uma visão mais completa de como as Autoridades diocesanas no Brasil encararam o fenômeno do Movimento Litúrgico.

1) *Três documentos episcopais em São Paulo*

a) Circular Coletiva do Episcopado Paulista, de 27-11-1941

Este documento,[135] após lembrar ao clero "que Liturgia é o culto público, prestado a Deus pela Igreja e em nome da Irgeja, e cujo centro é o Santo Sacrifício da Missa, renovação incruenta do Sacrifício da Cruz", passa a apresentar, em 12 itens, "algumas considerações oportunas" [136]

133. Relembramos a famosa questão debatida da participação ativa na Missa e o problema das devoções particulares, ou, se quisermos, piedade litúrgica e piedade extralitúrgica.

134. Advertimos para a grande dificuldade que tivemos para encontrar o maior número possível de documentos deste gênero. Além dos documentos que encontramos cá e lá, em Bibliotecas e Arquivos de Cúria, deu-nos segurança a Biblioteca particular do Pároco de Rio Claro (Est. de São Paulo), Pe. Jamil Abib, com uma coleção de mais de 1000 Cartas Pastorais (e documentos afins) de Bispos do Brasil.

135. *Circular Coletiva do Episcopado Paulista*, São Paulo 1941. Publicada também em *O Diário* 22-3-1942, 2; em *O Legionário* 26-4-1942, 3; e em *REB* 2 (1942), 215-219. Lembramos que o Arcebispo de São Paulo era D. José Gaspar de Afonseca e Silva.

136. *Circular Coletiva. op. cit.*, 6ss.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Em primeiro lugar, uma vez que se trata de um "culto da Igreja", avisa que nada pode ir em desacordo com as leis da Igreja ou da Hierarquia: nada de inovações contrárias às leis estabelecidas.[137]

Em seguida, após falar da necessidade da participação ativa dos fiéis nos Santos Mistérios, sua importância, seu significado, passa a determinar os limites desta participação.[138] "A participação dos fiéis", diz o documento, "não deve revestir formas tais que releguem a um plano igual — e muito menos secundário — a ação do sacerdote". E segue apontando "o melhor modo de os fiéis assistirem à Santa Missa", que "é unirem-se à Ação Sacrifical de Jesus Cristo, o que pode fazer-se quer pela meditação sobre os quatro fins do Sacrifício, quer acompanhando no missal as orações litúrgicas que o sacerdote reza em nome de todos, quer... pela recitação particular ou coletiva do Terço".[139]

Passando a recomendar ao clero obediência às normas e rubricas,[140] incita-se aos Vigários a que cuidem da instrução litúrgica dos fiéis, ensinando-lhes "a ouvir frutuosamente a Santa Missa" e prevenindo-os "contra possíveis exageros e aberrações". E mais: pede-se que se evitem decisões "que firam os costumes tradicionais legítimos, ou provoquem estranheza e escândalo no bom povo"; "os abusos que se tenham acaso introduzido" sejam extirpados com prudência e de acordo com a Autoridade diocesana. Enfim, pede-se que "não se combatam" as devoções populares, os altares em que se celebram de costas para o povo, e as procissões extralitúrgicas.[141] Quanto ao altar, não só se pede que *não se combata* "o altar em que o sacerdote celebra de costas voltadas para o povo", mas proíbe-se o próprio altar *versus populum*.[142] Portando, mesmo tendo consciência, não ignorando a tradição litúrgica, prefere-se a via "pacífica", isto é, não permitindo o altar "em forma primitiva".

As discussões em torno da Liturgia revistam-se de discrição e se façam dentro do espírito da caridade sacerdotal. Em suma, "evite-se de todo a chamada 'questão litúrgica', onde não tenha ainda sido suscitada; e onde

137. *Ibid.*, 6: "Culto prestado em nome da Igreja, jamais estar em desacordo com a vontade da Igreja ou dos seus Jerarcas. Ninguém, portanto, exceda os limites das prescrições litúrgicas (rubricas e decisões da Sagrada Congregação dos Ritos) e legislação eclesiástica (Código de Direito Canônico e Concílio Plenário Brasileiro), nem busque inovações que superem ou deturpem o espírito das leis litúrgicas *hodiernamente* em vigor na Santa Igreja. 'Nihil innovetur nisi quod traditum est'"

138. *Ibid.*, 6-7: "2. Sendo o Santo Sacrifício da Missa o centro do culto divino e a fonte de todas as bênçãos e graças, é de suma importância 'que os fiéis, quanto possível, cooperem ativamente nos Santos Mistérios, porque aí, em primeiro lugar e necessáriamente, hão de beber o verdadeiro espírito cristão' (Pio X), e 'que o povo íntimamente penetrado do espírito litúrgico tome parte na Ação Santa, isto é, na Santa Missa' (Pio XI). 3. O sacerdote é o único Ministro oficial legitimamente deputado pelo caráter indelevel e peculiar que recebeu na Ordenação; o Santo Sacrifício é, sim, oferecido em nome e em favor dos fiéis, mas pelo ministério apenas do sacerdote"

139. *Ibid.*, 7.

140. *Loc. cit.*: "O Episcopado da Província recomenda, pois, ao revdo. clero secular e regular que se mantenha dentro das normas estabelecidas pela Igreja, tenha a maior veneração para com as rubricas e interpretações autênticas da Sagrada Congregação dos Ritos, e não se afaste das normas dos autores aprovados".

141. *Ibid.*, 7-8: "...não se combatam devoções legítimas, às quais se afeiçoou a nossa gente, ou práticas recomendadas e mesmo prescritas pela Santa Sé, como sejam: o exame de consciência (C.J.C., c. 125, 2º; C.P.B., dec. 7, b); os Retiros fechados (C.J.C., c. 126; Encíclica 'Mens Nostra'; C.P.B., dec. 8); a recitação de *joelhos* das preces estabelecidas por Leão XIII, no fim da Missa rezada, e confirmadas por Pio XII para a conversão da Rússia; o altar em que o sacerdote celebra de costas voltadas para o povo, consoante o costume plurisecular em todo o mundo; as procissões extralitúrgicas realizadas com a devida licença, etc..."

142. *Ibid.*, 8: "Estão proibidos — salvo com licença expressa da Autoridade diocesana — os altares em forma primitiva, i. é, os em que o sacerdote celebra 'versus populum', de frente para os fiéis".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

acaso tenha já surgido, acate o revdo. clero secular e regular as decisões que a esse respeito haja por bem tomar a Autoridade diocesana, e execute-as com prontidão".[143]

Em seguida, reproduzindo o pensamento de Pio X sobre a Música Sacra, passa a determinar detalhadamente tudo o que se pode e o que não se pode cantar nas igrejas."[144]

São estes os pontos orientadores, para o bem da vida litúrgica, contidos nesta Circular. Sem querer negar o valor positivo destes, notamos que, comparando por exemplo com a Pastoral Coletiva dos Bispos da Província Eclesiástica de Belo Horizonte,[145] o estilo aqui é bem diferente. Os Bispos de São Paulo se apresentam aferrados preferentemente às leis, ao rubricismo, numa atitude de defesa contra perigosos "exageros e aberrações" que assaltam, enquanto que em Belo Horizonte a atitude dos Bispos é de promover a vida litúrgica não tanto através de uma orientação legalista, mas antes pastoral. Compreende-se. Esta Circular reflete uma situação local. Sabe-se, por exemplo, que a maior força católica leiga em São Paulo estava nas Congregações Marianas, com forte tendência ao tradicionalismo. Ora, qualquer novidade litúrgica podia ser motivo de escândalo e de polêmica, tanto entre os leigos como entre o clero, dando assim trabalho aos Bispos. Além disso, líderes mesmo do clero paulista tendiam ao espírito tradicionalista.[146] Daí, compreende-se também por que os Bispos pedem para se evitar a "questão litúrgica" e, justamente, que se tenha todo cuidado e prudência diante das devoções populares.

Com tudo isso, naturalmente, não negamos também os progressos posteriores havidos nesta Arquidiocese ainda sob o governo de D. José Gaspar.[147]

b) D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta: Pastoral de Saudação a São Paulo, de 29-10-1944

Morto D. José Gaspar a 27-8-1943, sucede-lhe na Cátedra arquidiocesana de São Paulo D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, a 7-9-1944,[148] que logo após publicou esta Carta Pastoral de Saudação.[149]

143. *Loc. cit.*
144. *Ibid.*, 8-10.
145. *Cf.* supra, p. 131-132.
146. Pense-se, por exemplo, no então Vigário Geral da Arquidiocese, Mons. Castro Mayer, depois Bispo de Campos e líder espiritual da ala leiga mais reacionária do Brasil, chamada TFP (Tradição, Família e Propriedade), anticonciliar, da linha do Bispo Lefebvre. Citaríamos ainda o então Pe. Geraldo de Proença Sigaud, então Assistente Eclesiástico da Juventude, depois Bispo de Diamantina (Minas).
147. Estava prevista pelo Arcebispo a realização de um Sínodo, para maio de 1945. Mas ele veio a falecer a 27-8-1943, num acidente aéreo, viajando para o Rio de Janeiro. E o Sínodo não se realizou mais. Restou, no entanto, o texto do Ante-Projeto já elaborado. Baseou-se bastante na Circular acima vista, mas avançou ainda mais alguns passos. Por exemplo, aos meios de assistência proveitosa à Santa Missa, acrescenta "a prática da Missa recitada" (Dec. 468), permitindo inclusive a Missa dialogada (Dec. 469), além de aconselhar explicitamente o uso do Missal (Dec. 466) (*Ante-Projeto das Constituições Sinodais para o Sínodo Diocesano a ser celebrado em 1945, de 13 a 20 de maio*, São Paulo 1943).
Além disso, interessante o texto de um convite para a Missa celebrada por D. José Gaspar a um grupo de advogados, engenheiros e médicos, no dia 26, véspera de sua viagem fatal, "de autoria de um religioso" e aprovado por S. Excia., em que transparece nitidamente a mão do Movimento Litúrgico aí trabalhando (cf. "Dom José Gaspar". *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 450).
Aliás, é conhecido o progresso da Liga Intelectual Católica de São Paulo quanto à vivência litúrgica (cf. "A Semana Santa da L.I.C. de São Paulo", *A Ordem* 36 (julho 1946), 92-94).
148. A tomada de posse fez-se propriamente por procuração (cf. "O Novo Arcebispo de São Paulo", *REB* 4 (1944), 756-757).
149. *Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Arcebispo Metropolitano. Pastoral de Saudação aos seus Diocesanos*, São Paulo 1944.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Interessante que não se fala em Liturgia nem em Movimento Litúrgico. Contudo, é inegável a importância que esta Pastoral tem como marco decisivo no apaziguamento dos conflitos em torno do Movimento Litúrgico que ferviam em São Paulo.[150] Apresentamos o conteúdo geral daquilo que se refere a tal apaziguamento.

Antes de tudo, D. Motta propõe sua missão na Arquidiocese, missão que é a de todos os Bispos: "reger a Igreja", ou, mais especificamente, envidar todos os esforços para que se estabeleça, cresça e se difunda o Reino de Cristo entre os fiéis, pela caridade, vencendo as contendas e inimizades, frutos de partidarismos exagerados.[151]

Então, concretamente, para evitar atritos entre grupos que se intrometem nos afazeres uns dos outros, o novo Arcebispo propõe uma solução:

> "Muito valerá discriminar tarefas às diversas associações, corporações, instituições e congregações, no vastíssimo campo de apostolado. "[152]

E exclama:

> "Quanto quiséramos que, a bem da concórdia de todos os Nossos caríssimos diocesanos de São Paulo, a bem da paz de suas consciências e a bem do serviço de Deus, esta Nossa tão amada diocesse ficasse à margem de todo e qualquer movimento de conturbação espiritual! Para tanto, praz-Nos declarar aos Irmãos Nossos em Cristo a aspiração máxima de Nosso coração: Faça-se um armistício total e absoluto nos arraiais contendores!".[153]

Mais concretamente ainda, a Ação Católica, "instituição oficialmente incorporada ao... ministério pastoral. ., 'pro bono pacis' agirá com prudência, limitando voluntariamente o seu campo de atividade, a fim de evitar colisões".[154]

Assim, de preferência, a "missão da catequese e da santificação das famílias" será o campo de ação para a Ação Católica. Catequese que não gira em torno de simples definições, mas que procurará formar a inteligência, o coração e a vontade. Como explicita:

> "Seu principal fim não é fazer do homem um filósofo cristão mas sim um bom cristão... Eis por que porá de parte as questões de mera especulação e, mais ainda, as questões controvertidas entre filósofos e teólogos. . Em geral procurará tirar às verdades religiosas todo verniz de alta ciência e apresentá-las numa forma popular e de fácil compreensão, evitando têrmos eruditos e técnicos, que tanto eriçam os catecismos, ainda os destinados às crianças".[155]

Sem mais nada a acrescentar, poderíamos dizer o seguinte: D. Motta, com esta Pastoral, advertido dos conflitos que ferviam na Arquidiocese, sobretudo entre o grupo de *O Legionário* e os liturgistas, estes mais ligados à Ação Católica, "limpou o campo". Optou pela linha prudente da deli-

150. Naturalmente, não cabe aqui abordarmos os conflitos e controvérsias. Como referência ao papel apaziguador de D. Motta, cf. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências. ", in: BOTTE. B., O.S.B., *op. cit.*, 223.

151. *Pastoral de Saudação. ., op. cit.*, 6-15. "Em momento tão pressago, ante a maior crise espiritual do mundo, os católicos que se deixam fanatizar por disputas e partidarismos doutrinários ou pessoais, bem como por tais ou quais associações, cometem contra a vida de nossa Igreja um atentado análogo ao do imperador e dos homens de govêrno de Constantinopla, quando se deu a conquista desta capital pelos muçulmanos" (*ibid.*, 15).

152. *Ibid.*, 16.

153. *Ibid.*, 17.

154. *Ibid.*, 18.

155. *Ibid.*, 18-19.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

mitação das tarefas para cada grupo como meio de sanar as polêmicas. E, realmente, acabou contentando a todos!.[156] E o Movimento Litúrgico passou a viver mais em paz.

c) Circular do Cardeal de São Paulo e dos Bispos sufragâneos, 12-12-1946

É sobre a "música nas igrejas" que, a certa altura, se ocupa este documento.[157] Isto é, incita a que todos se esforcem para que "todo o povo se habitue a tomar parte ativa no canto litúrgico", especialmente no canto gregoriano. Assim todos tomarão parte ativa nas funções litúrgicas, "cumprindo as determinações da Santa Sé".[158] E lamenta:

> "É bem triste ver nas igrejas, lá no alto, um coro de meia dúzia de vozes, cantando por vezes displiscentemente, os diversos hinos; e, cá em baixo, o povo a divagar os olhos pelo recinto sagrado ou a conversar e rir, quando todos deveriam empolgar os mistérios e belezas do que se faz no altar".[159]

Em seguida, baseando-se na Circular Coletiva de 27-11-1941 e no "Relatório da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra do Rio de Janeiro, de 5-9-1946, aprovado pelo Cardeal Câmara,[160] passa a estabelecer com detalhe as "músicas proibidas" nas igrejas, ameaçando inclusive — como no Rio de Janeiro — de "suspensão 'a divinis', pena 'ferendae sententiae'", aos "transgressores contumazes" destas determinações.[161]

Grande, portanto, é a preocupação desta Circular em levar todo o povo a participar ativamente do canto litúrgico, de maneira disciplinada, com medidas inclusive enérgicas no sentido de disciplinar a música nas igrejas.

2) *Algumas Pastorais Coletivas*

a) Pastoral Coletiva dos Bispos da Província Eclesiástica da Paraíba, de 4-7-1941

Como o próprio título desta Pastoral o indica,[162] fala-se da Fé, da Moral, do Apostolado e do Culto. A nós nos interessa este último.[163] Vejamos, pois, o que diz o documento.

"Entende-se por culto divino todos os atos, tanto meramente internos como também exteriores, com que honramos a Deus",[164] sem no entanto esquecer o aspecto social do culto.[165] E acrescenta:

156. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências. ", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 223; cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, P., "Armistício", *O Legionário* 19-11-1944, 2.
157. *Circular do Cardeal Arcebispo de São Paulo e dos Bispos Sufragâneos ao Revmo. Clero secular e regular da Província*, São Paulo 1946, 9-11. Trata-se do Cardeal Motta, sucessor de D. José Gaspar a partir de setembro de 1944.
158. *Ibid.*, 9-10.
159. *Ibid.*, 10.
160. Cf. *REB* 6 (1946), 739-744.
161. *Circular do Cardeal de São Paulo. ., op. cit.*, 10-11.
162. *Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica da Paraíba sobre a Fé, a Moral, o Apostolado e o Culto*, João Pessoa 1941. O Arcebispo era D. Moisés Sizenandro Coelho.
163. *Ibid.*, 27-32.
164. *Ibid.*, 27.
165. *Ibid.*, 28: .Entretanto como o corpo acompanha a alma exteriorizando o culto. ., assim tambem o conjunto de seres humanos cognominado Sociedade ha de prestar suas adorações ao Criador, pois a Êle deve sua existência, visto que foi Êle quem deu ao homem uma capacidade associativa essencialmente diversa da irracional"

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Eis a razão do culto público, em que por seus legitimos ministros a Sociedade oferece a Deus o sacrifício da Missa, tesouro um tanto desconhecido por muitos cristãos, que mais apreciam procissões e novenários, até em casas particulares, e sem a presidência dos sacerdotes". [166]

Passa-se então a lamentar (criticar), em linguagem muito plástica, a aparência puramente externa e exibicionista das manifestações religiosas populares, principalmente nas execuções musicais nas igrejas. [167] E exclamam os Bispos:

"Pobre música sacra! A que extremos te encontramos reduzida, mesmo sem exigirmos o insuperavel Canto Gregoriano! Quantas composições antigas, já de todo condenadas pelo Motu Proprio de Pio X, são ainda hoje obstinadamente entoadas nas Missas, por ignorância ou incapacidade dos cantores. E porque restringir a pequenos grupinhos o canto nas Igrejas? Porque não acompanha toda a assembléia de fiéis os hinos comuns das novenas e mais funções?". [168]

Diante desta situação, os Bispos dão um conselho: *Instrução* como um indispensável meio de melhorar o nível de participação popular no culto e nas festas religiosas. [169]

Não se fala, nesta Pastoral, em Movimento Litúrgico. Contudo, percebe-se a angústia dos Bispos da Paraíba frente ao problema da alienação dos fiéis quanto ao culto público da Igreja. Além do mais, notamos que a linguagem se assemelha à Pastoral de D. Vilas-Bôas, de 1938, o que indica que esta foi influenciada por aquela do Bispo de Garanhuns.

b) Pastoral Coletiva dos Bispos do Pará, de 5-6-1942

Não haveria muito que tirar desta Pastoral, [170] no que diz respeito à promoção da participação ativa dos fiéis na Liturgia.

Apenas queremos ressaltar um texto do item 9 da Primeira Parte, falando dos "Hinos religiosos", que diz:

"É preciso que toda a assistência, quanto possivel, participe de alguma forma, das funções religiosas. Do contrário, se perde o gosto por elas. Para isso muito concorre o livro de cânticos religiosos. Enquanto não houver algum manual oficializado para o Brasil inteiro, fica determinado que o livro 'Cecilia', editado pela 'Vozes de Petrópolis', seja adotado nas dioceses, prelazias e prefeituras desta Provincia". [171]

166. *Loc. cit.*

167. *Ibid.*, 29: "E a missa cantada? Perfeitamente. Orquestra de cordas ou de banda musical poderá valorizar o canto; jamais, porem, substitui-lo ou superar, de maneira a tornar difícil a percepção do texto latino da sagrada liturgia. E nesse particular, que imperdoável deficiência a dos córos paroquiais! Um ou outro cantor ou cantora, às vezes um casal, a guinchar desesperadamente ou a rouquejar dolorosamente, na tentativa estafante e infrutífera de se fazer ouvir por entre os roncos dos contrabaixos e trompas marcantes, floreados de clarinetes e gargalhadas de saxofones, com estridentes pistons e trombones rasgados, que não respeitam a desproporção do número de cantores, e terminam satisfeitos de haver cada um sobressaído seu tanto. Os conjuntos musicais do interior são quasi todos assim...".

168. *Ibid.*, 30.

169. *Ibid.*, 32: "2) Nunca falte a pregação, por pequena que seja, em cada noite de triduos e novenários. Nosso povo entende tão pouco das verdades religiosas. Porque perder essa ótima ocasião de lh'as ensinar? E, aproveitando o ensejo de lhes falar sobre a fé ou os mandamentos, os sacramentos ou a liturgia, irão os sacerdotes admoestando os ouvintes sobre o que houver a corrigir durante os próprios festejos, e os exortarão a frequentar naqueles dias o Banquete Eucarístico, e a tomar parte nos cânticos e orações em conjunto. 3) Procurai dar às solenidades o melhor aspecto litúrgico, à medida do possivel. Instruções aos cantores, com os coroinhas ensaios de ceremônias, explicações ao povo sobre as funções e simbolismos, orientação a respeito do modo de portar-se nos vários atos...".

170. *Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica do Pará* (reunião dos Prelados da Amazônia, em Manaus, nos primeiros dias de junho de 1942, por ocasião do I Congresso Eucarístico do Amazonas), 1942.

171. *Ibid.*, 7.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Portanto, também no Pará os Bispos lutam para levar os fiéis a participarem do culto principalmente através da música religiosa, cantada na igreja de maneira ordenada.

c) Pastoral Coletiva dos Bispos da Província Eclesiástica de Mariana, de 21-11-1942

Também esta Pastoral [172] não apresenta grandes passos avante.

Apenas chamamos a atenção para um capítulo sobre o culto, onde se pede que este "seja intenso e fervoroso, mas não exagerado ou inconveniente" nas Paróquias. "Façam os nossos párocos todo esforço", diz o documento, "para criarem ou manterem em suas paróquias essa vida, tão consoladora e tão proveitosa para os fiéis", o que se conseguirá através de missões populares, retiros, pregações especiais, organização disciplinada dos acólitos, canto litúrgico ou popular bem escolhido e ensaiado, etc.

Enfim, pede-se para se evitar certos exageros, tais como atos de culto muito demorados ou também precipitados, a multiplicação desnecessária de altares, imagens ou associações religiosas, a criação de novas devoções não aprovadas, etc., além de pedir que no mês de Maria se atenda "mais à piedade que às pompas exteriores, eliminando-se as iluminações perigosas, e devendo a coroação de Nossa Senhora ser feita apenas aos domingos, dias santos e no encerramento, por meninas que não tenham mais de sete anos" [173]

Como se vê, também aqui a preocupação é centrada preferentemente no disciplinamento do culto, para promover uma melhor vida litúrgica.

3) *Instruções e algumas Pastorais pessoais*

Já abordamos especificamente quatro Cartas Pastorais. [174] Vejamos aqui outras mais, a fim de completarmos melhor nossa pesquisa sobre a renovação litúrgica buscada pelos bispos do Brasil. Algumas Pastorais trataram do assunto apenas de passagem, outras até o desconheceram. [175] Trataremos de preferência outras, aquelas que abordam mais amplamente o tema.

172. *Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de Mariana* (por ocasião das Conferências Episcopais realizadas em Congonhas do Campo), Pouso Alegre 1942. Arcebispo de Mariana, nesta época, era D. Helvécio Gomes de Oliveira. A Pastoral foi publicada também em *O Diário* 22-1-1943, 2 e *O Diário* 23-1-1943, 2 (neste número se encontra o assunto que nos interessa).

173. *Pastoral Coletiva..., op. cit.*, 8.

174. Pastoral do Bispo de Natal, D. José Pereira Alves, de 8-7-1923 (cf. supra, p. 34-35); Pastoral de D. Vilas-Bôas, de 30-10-1938 (cf. supra, p. 67-70); Pastoral sobre a Ação Católica, de D. Cabral, de 14-4-1943 (cf. supra p. 132-134 e a Pastoral de Saudação, de D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, de 29-10-1944 (cf. supra, p. 144-146).

175. Cf. *Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, Arcebispo Metropolitano de São Paulo. Pastoral de Saudação a seus diocesanos.* São Paulo 1939, de 15-8-1939, onde, dirigindo-se aos sacerdotes, fala da necessidade de sua devoção e de serem "edificantes" na celebração da Santa Missa (*ibid.*, 10); cf. *Carta Pastoral do Arcebispo de Campos. Dom Octaviano Pereira de Albuquerque, sobre o Sacrifício em geral e o Sacrifício da Missa em particular*, Campos 1939, 10-10-1939, na qual D. Octaviano se percebe diante de um problema do povo na Missa: distração, conversa, convencionalismos, etc. Mas, para sanar este problema, no entanto, se atém apenas em considerações teóricas sobre o Sacrifício; cf. *D. Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo de Uberaba, Carta Pastoral*, Uberaba 1939, de 8-12-1939, na qual, dando orientações teóricas sobre o Credo e a Ação Católica, chama a Pastoral de D. Vilas-Bôas de "pastoral de fogo" (*ibid.*, 8); cf. *Carta Pastoral de Dom Francisco Borja do Amaral, Bispo de Lorena, apresentando suas saudações no Senhor*, São Paulo 1941, de 16-2-1941, na qual, falando da Eucaristia, diz: "Seguindo a tradição da Igreja, é preciso estimular a Comunhão freqüente e quotidiana, como a piedosa *preparação* e *ação de graças*, as visitas ao Santíssimo, as cerimônias de tarde, explicando-se aos fiéis a necessidade e o valor deste Sacramento que é o germem

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

a) Para a Arquidiocese do Rio de Janeiro: Duas "Instruções" e uma Pastoral.

Citaremos conjuntamente aqui duas "Instruções" do Vigário Capitular do Rio de Janeiro, Mons. Rosalvo Costa Rêgo, e uma Pastoral do arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, para termos uma idéia da mentalidade geral em termos de Liturgia, com que aquela Arquidiocese era governada a partir da morte de D. Leme.

1. Duas "Instruções" do Mons. Rosalvo Costa Rêgo.

Morto D. Leme a 17 de outubro de 1942, foi eleito Vigário Capitular da Arquidiocese do Rio de Janeiro o Mons. Rosalvo Costa Rêgo, até a vinda do novo Arcebispo.[176] Mons. Costa Rêgo, no período de seu mandato, que vai até agosto de 1945, quando assumiu a Cátedra Metropolitana D. Jaime de Barros Câmara, emitiu dois comunicados que se tornaram famosos:

1º — Instrução sobre "Vida Litúrgica e Práticas extralitúrgicas"

Datado de 21-5-1943, este documento[177] defende o valor imprescindível das práticas extralitúrgicas, principalmente para os sacerdotes.

As afirmações são arrojadas. Por exemplo:

> "O sacerdote que se limitar à celebração da santa Missa e a recitar as Horas Canônicas não cumprirá a lei. Tenderá a tornar-se puramente material sua comunhão de vida com Jesús Cristo, se não afervorar a alma pela meditação, exame de consciência, recitação do santo Rosário e visitas ao SS. Sacramento. Tais práticas, mais que auxílios, são meios indispensáveis de santificação".[178]

Isto é, tais práticas são indispensáveis no sentido de prepararem e disporem a vida interior para a Liturgia.

> "Sem tais práticas (meditação, etc.) não é possível a santidade sacerdotal, da qual resulta a verdadeira vida litúrgica. Esta supõe vida espiritual interior. Nem o sacerdote dará apreço aos atos litúrgicos, se não tiver o espírito formado pela meditação, etc.".[179]

Ou ainda:

> "Só a prática dos atos litúrgicos, quer dizer, o culto público que a Sta. Igreja a Deus oferece, não santificará, de ordinário, a ninguém, não porque seja, em si, a Sagrada Liturgia, sobretudo na parte sacramental, insuficiente e incapaz de santificar o cristão, mas porque ela não encontraria éco numa alma pouco afeita à meditação ou desprendida de qualquer prática extralitúrgica de piedade individual".[180]

da imortalidade" (*ibid.*, 27-28); cf. *Carta Pastoral de Dom Antônio de Almeida Lustosa, saudando aos seus diocesanos*, Fortaleza 1941, de 30-11-1941, em que, observando as festas religiosas degeneradas em meras negociações, negociatas, diversões, etc., com "grande diminuição do bem espiritual", fala da necessidade de colocar Cristo nas manifestações religiosas de culto (*ibid.*, 27-28). Outros, quando poderiam ou deveriam falar de Liturgia, nem tocam no assunto! Cf. *Carta Pastoral de Dom José Mauricio da Rocha, Bispo de Bragança (Estado de S. Paulo). Ação Católica*, São Paulo 1935, de 15-8-1935; cf. *Imperativos da atualidade. Vigésima Carta Pastoral de Dom João Becker, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, em comemoração de seu jubileu arquiepiscopal*, Porto Alegre 1937, em que fala amplamente da oração (*ibid.*, 119-126), mas não fala da *Oração* como tal, a litúrgica; cf. *Carta Pastoral de D. Frei José de Haas, O.F.M., Bispo de Arassuhay, saudando os seus diocesanos*, Petrópolis 1937, de 25-7-1937, em que fala da caridade, do começo ao fim, mas não fala absolutamente nada da Liturgia; cf. *Dom Francisco de Aquino Corrêa S.S., Arcebispo de Cuiabá. Oportet semper orare. Carta Pastoral sobre o dever da oração*, São Paulo 1943, de 2-2-1943, onde fala o tempo todo da oração, sem tocar na oração por excelência, por exemplo, o Ofício Divino e a Santa Missa.

Como exemplo de grande apêgo ao puro rubricismo, cf. "Nótulas Litúrgicas", do Bispo de Sorocaba, de 25-12-1943, publicado em *REB* 4 (1944), 465-470.

176. Cf. "Monsenhor Costa Rego, Vigário Capitular", *REB* 2 (1942), 1072.

177. Encontra-se publicado em *A Ordem* 30 (julho 1943), 81-83.

178. *Ibid.*, 82, acrescentando: "O que acabamos de expor é o que prega o Santo Padre Pio X, em sua Exortação ao Clero (4 de ago. 1908): 'Uma só coisa há, diz o Papa, que possa unir o homem a Deus, uma só que lho possa tornar bem aceito e não indigno ministro de sua misericórdia: a santidade de vida e costumes" *(loc. cit.)*.

179. *Loc. cit.*

180. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Em outras palavras, o que o documento quer dizer é que as práticas extralitúrgicas são importantes e indispensáveis como meios preparadores da alma para a recepção dos Sacramentos, [181] pois elas

> "alimentam a fraqueza do homem decaido de todos os tempos, por mais forte que seja o ambiente de vida liturgica em que ele viver. Nem a piedade forte e tradicional da Igreja na Sagrada Liturgia, poderá jamais tornar o homem impecável, ou tão perfeito que o dispense de outros meios de santificação pessoal". [182]

Daí, como diz Mons. Costa Rêgo:

> "Concluir.. que tais práticas não sejam de todo necessárias para tornar o sacerdote mais santo ou o cristão mais perfeito, porque, de outra sorte, haveria falhado a eficácia santificadora da Sagrada Liturgia, é avançar demais...". [183]

E recorda a preocupação do falecido Cardeal Leme a respeito:

> "Estas lamentáveis confusões e outras temerárias asserções, que não raramente se ouvem acerca da Sagrada Liturgia, muito e muito preocuparam o espírito do nosso falecido Cardeal. Devemos evitá-las a bem da própria Liturgia, que queremos viver, como expressão máxima da obra santificante de Deus, em nós". [184]

Enfim, para concluir, dá o seu parecer sobre o Movimento Litúrgico:

> "Somos e não podemos deixar de ser favoraveis ao movimento liturgico, que tire, porém, sua origem de uma perfeita compreensão da Sagrada Liturgia. Estudemos, pois, o assunto com mais inteligência e menos preconceito com a única preocupação de acertar e bem servir a Deus. ". [185]

A impressão que temos é que defendendo as práticas extralitúrgicas contra possíveis exclusivismos litúrgicos, e confessando-se a favor do Movimento Litúrgico, a linguagem do Mons. Rosalvo Costa Rêgo deixa margem para ambigüidade: isto é, parece resvalar para outro extremo, para o valor exclusivo e preponderante das práticas extralitúrgicas.

2º — Instrução sobre Missas Dialogadas.

Logo após a "Instrução" sobre Vida Litúrgica e práticas extralitúrgicas, a 4-6-1943 o Vigário Capitular emitiu outra "Instrução", desta vez sobre as Missas dialogadas. [186]

Explicando o que é a Missa dialogada, e mesmo, baseado no Decreto 199 do CPB, não duvidando de sua liceidade, resolve o seguinte, com o seguinte raciocínio: D. Leme não achava conveniente o uso de dialogar a Missa entre o sacerdote e o povo. O cânon 436 do CIC reza: "Sede vacante nihil innovetur". Logo, se D. Leme não achava conveniente, na atual "Sede Vacante" arquidiocesana, fica proibida a Missa dialogada.

181. *Ibid.*, 82-83: "Não basta ao adulto, para a própria santificação, receber simplesmente o sacramento; é necessário que receba ainda, quanto possivel, a virtude do sacramento, e esta será tanto maior quanto mais alto fôr o gráu de piedade de cada um, piedade individual, que se obtém, se alimenta e robustece inegavelmente pelo exame de consciência, pela meditação, por freqüentes visitas ao SSmo. Sacramento, pela recitação do Rosário de Nossa Senhora. ".
182. *Ibid.*, 83
183. *Loc. cit.*
184. *Loc cit.*
185. *Loc. cit.*
186. O documento pode ser encontrado publicado em *O Legionário* 13-6-1943, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A Missa dialogada é terminantemente proibida na Arquidiocese do Rio de Janeiro. A manobra racional para fazê-la proibir é muito sutil. Ora, em primeiro lugar, o fato de D. Leme não achar conveniente a Missa dialogada ainda não significa que ele a proibia. Pelo contrário, sabemos que, com certas reservas, ele tolerava o uso.[187] Mas o Mons. Costa Rêgo interpretou a atitude reservada de D. Leme como uma proibição. Valeu-se de sua momentânea autoridade. E proibiu. Não teve nem a calma de esperar o novo Arcebispo. Será que o assunto era tão grave assim?!...

2. Pastoral de D. Jaime de Barros Câmara sobre a Música Sacra, de 15-9-1945.

Trata-se de uma longa Pastoral,[188] na qual, embora a tendência maior se concentre na disciplina e no rubricismo, pode-se entrever algum pálido indício de simpatia pelo Movimento Litúrgico em processo na Igreja, e de uma séria preocupação pela participação dos fiéis no culto através da música.

Por exemplo, referindo-se ao *Motu Proprio* de 22-11-1903 de Pio X, diz: "A esse documento prende-se um dos movimentos mais consoladores de renovação espiritual" [189]

Falando de Pio XI e o problema do alheamento dos fiéis ao culto, assim se expressa D. J. de Barros Câmara: "O Pontífice se inquieta ante o espetáculo acabrunhador de fiéis, que permanecem mudos nas cerimônias e procissões, indiferentes à beleza da liturgia" [190]

E, mais adiante, falando do canto popular, exclama:

> "Como é entristecedor o espetáculo de um povo emudecido, impassível e frio ante os altares de Deus, onde tudo convida às expansões da fé. Trabalhemos para que, em procissões, novenários, tríduos e outras funções, seja preponderante a parte do canto popular. Quanto mais cante o povo, tanto menos teremos de lamentar o abuso dos solos e o excesso de música instrumental. O critério, porém, na escolha dos cantos, não deve ser o gôsto popular, e sim as normas da Santa Igreja a respeito do texto e melodia". [191]

Devemos, enfim, ressaltar que nesta Pastoral D. J. de Barros Câmara nomeia uma Comissão Arquidiocesana de Música Sacra, encarregada de promover e disciplinar com todos os detalhes a verdadeira música religiosa na Arquidiocese.[192]

187. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 219.

188. O documento pode ser encontrado em *Cartas Pastorais de Jaime de Barros Câmara, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro e Ordinário dos Católicos de Ritos Orientais no Brasil*, Rio de Janeiro 1945, 99-129; publicado também em *REB* 5 (1945), 685-702.

189. *Cartas Pastorais...*, *op. cit.*, 103.

190. *Ibid.*, 106. E acrescenta: "Comecemos pelo princípio: façamos nosso povo, tão dócil e religioso, responder em voz clara e distinta, piedosa e ordenadamente, às orações comuns do fim da missa, do têrço e da bênção do SS. Sacramento; depois que em majestoso uníssono responda aos versículos e orações da Bênção e da Missa solene, intervenha no diálogo antes do Prefácio e noutros responsos, e está aberto, parece-nos, o caminho para outras conquistas e realizações mais grandiosas como o *Tantum ergo* gregoriano, a *Missa de Angelis*." (*ibid.*, 107).

191. *Ibid.*, 111-112.

192. *Ibid.*, 127-128. A Comissão foi composta dos seguintes membros: Cônego João Batista da Mota e Albuquerque, Cônego João Carneiro Frei Pedro Sinzig O.F.M., D. Plácido de Oliveira O.S.B., Pe. João Batista Lehman S.V.D., Frei Basílio Röwer O.F.M., Pe. Paulo Bressan — barnabita, Pe. José D'Angelo — sacramentino, e Pe. Guilherme Schubert — diretor da Schola Cantorum do Seminário da Arquidiocese. O trabalho de disciplinamento da Música na Arquidiocese foi levado bem a sério. Veja-se, por exemplo, o "Relatório da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra do Rio de Janeiro", de 5-9-1946, aprovado por D. Jaime na mesma data, publicado em *REB* 6 (1946), 739-744. A mesma Comissão publicou ainda um índice de músicas examinadas pela mesma (cf. *1º Índice das músicas examinadas para uso litúrgico* pela Comissão Arquidiocesana de Música Sacra (Rio de Janeiro, outubro de 1946), Petrópolis 1946).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

São alguns dados colhidos nesta Pastoral, onde aparece um pálido indício de simpatia pelo Movimento Litúrgico e de séria preocupação pela participação do povo no culto através da música. Contudo, de maneira geral devemos repetir que a maior preocupação de D. J. de Barros Câmara é determinar detalhadamente todos os limites legais da Música Sacra, num literal seguimento dos documentos pontifícios. Basta verificar o esquema geral desta Pastoral para se dar conta da mentalidade preferentemente legalista e rubricista no modo de encarar a música para o culto.[193] Aliás, citamos esta Pastoral, mais para mostrar com que mentalidade a suprema direção hierárquica da Igreja no Rio de Janeiro pastoreava a sua grei, uma mentalidade mais sintonizada com as rubricas e os ritos do que propriamente com o Movimento Litúrgico.[194]

Como se vê, no Rio de Janeiro, berço do Movimento Litúrgico no Brasil, as citadas Autoridades Eclesiásticas praticamente não tiveram lá grande interesse em promover o mesmo Movimento. Diríamos: sua preocupação vai mais na linha da legislação e disciplinamento cultual do que propriamente da promoção da vivência litúrgica.

b) Pastoral de D. José de Medeiros Delgado, Bispo de Caicó, de 10-5-1941.

"Viver sacerdotal e sacrificalmente a vida cristã" nas paróquias, é o ideal acenado por D. Medeiros Delgado nesta Pastoral que, segundo *A Ordem*, "merece um lugar destacado entre os grandes documentos do nosso episcopado".[195] A Liturgia será "o melhor instrumento" para atingir este ideal.[196]

No entanto, para atingir este ideal de "atirar-se aos braços de Jesus Cristo", para responder aos atuais movimentos que buscam incentivar a vida cristã vivida com maior sentido sacerdotal e sacrifical, vivida com maior espírito litúrgico, há que se aprofundar no estudo da Liturgia,[197] para transmitir um maior espírito litúrgico aos fiéis, cuja vida de oração muitas vezes aparece demais interesseira.[198]

Precisa-se de muito catecismo e teologia para se perceber e levar a perceber que na Liturgia, na Missa, se dá a vivência privilegiada da vida cristã sacerdotal e sacrifical, especialmente hoje, quando "o cristão começa a perceber que a eucaristia é, por excelência, o santo sacrifício".

193. Esquema: I. *Motivos desta Carta Pastoral*: 1) Situação da nossa música sacra; 2) Causas da deficiência; 3) Reação necessária. II. *Música Sacra*; 4) Diferença entre o sacro e o profano; 5) Características da Música Sacra. III. *Legislação Eclesiástica*: 6) Na Igreja antiga; 7) Em nossos dias. IV. *Gêneros de música litúrgica*: 8) Música coral; 9) O canto gregoriano; 10) Música vocal polifônica; 11) Música moderna; 12) Canto popular; 13 Música instrumental; 14 Órgão; 15) Orquestra; 16) Bandas de música. V. *Solos e coros*: 17) Solos; 18) Qualidades dos coros; 19) Dignidade dos cantores; 20) Coros mistos; VI. *Caminho a seguirmos*: 21) Formação litúrgico-musical; 22) Escola de Música Sacra; 23) Regulamento sobre música sacra; 24) Preceitos especiais; 25) Comissão Arquidiocesana de Música Sacra; 26) Conclusão.

194. Basta dizer que, por exemplo, a Missa dialogada, proibida por Mons. Costa Rêgo, foi liberada por D. Jaime só após a *Mediator Dei*.

195. *A Ordem* 26 (julho 1941), 4. Há também um resumo e um comentário bem otimista em *A Ordem* 26 (out. 1941), 363-365.

196. *Dom José de Medeiros Delgado, Bispo de Caicó, Primeira Pastoral. Vida Cristã. Paróquia. Ação Católica*. Rio de Janeiro 1941, 24.

197. *Ibid.*, 22-24.

198. *Ibid.*, 20-21: "Nossa gente ora tanto e não ora nada, porque a sua oração confunde-se, muitas vezes, com um negócio terreno a que inconscientemente querem sujeitar o próprio Deus".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Em outras palavras, todos deverão empenhar-se no estudo e no aprofundamento teológico da Liturgia, para com equilíbrio se atingir o *espírito* da mesma e não mais ater-se apenas a meras exterioridades do culto.[199]

c) Duas Pastorais de D. Frei Henrique G. Trindade aos seus diocesanos de Bonfim.

1. Primeira Pastoral: "Corações ao alto!"[200]

Ao traçar no programa de trabalho como novo Bispo de Bonfim (Bahia), após enfatizar a necessidade da *Instrução Religiosa*,[201] D. Trindade aponta como segunda meta a *Vida de Oração*. Vida de oração, no sentido de rezar bem, a exemplo dos primeiros cristãos, com prioridade da oração comunitária participada por todos.[202] Mais ainda:

> "Principalmente a assistência à santa Missa, que é a grande oração por excelência, a oração universal do mundo redimido, queremos que seja, quanto possível, dentro dos moldes da liturgia, isto é, com orações e cantos apropriados às várias partes do santo sacrifício, e até, onde e quando for possível, a Missa dialogada em vernáculo".[203]

Sem dúvida, trata-se do primeiro Bispo no Brasil que, numa Pastoral, prevê a possibilidade de dialogar a Missa em *vernáculo*. O pioneirismo de Frei Henrique G. Trindade avança também para dentro do Episcopado, ao lado de D. Vilas-Bôas ou de D. Cabral.

Em seguida, incentiva-se a devoção do Rosário meditado, que reúne as famílias em oratórios domésticos, que reúne os fiéis nas igrejas onde não existe padre.[204]

Como terceira meta de trabalho, D. Trindade propõe toda a vigilância e carinho para com os canais, por excelência, de luz e de energia para todos viverem a vocação evangélica: os Sacramentos. Assim, quanto às comunhões, se trabalhará para ultrapassar um sentido meramente numérico e festivo, em favor da qualidade: comunhões bem feitas, que signifiquem algo para a vida das pessoas.[205] Levar-se-á a sério também a preparação para a crisma, numa época de Ação Católica, em que o cristianismo é convidado à luta.[206]

199. *Ibid.*, 23-24: "Não nos esqueçamos de que a eucaristia, a missa sobretudo, é o mistério da fé; não pode ser vivido, com perfeição pelos superficiais. É notório que se poderá prejudicar a renovação da vida liturgica se a fizermos sem espirito, materialmente, dando maior atenção ás suas exterioridades do que á alma. Tal desorientação seria tanto mais destruidora quanto mais verdadeiro é que ninguém duvida do infinito valor da santa missa. Se a nossa participação no santo sacrifício fosse portanto, uma simples *'póse litúrgica'*, digamos assim, juntariamos ao eterno e indiscutivel merecimento do sagrado mistério a convicção petulante de que, vivendo-o *'liturgicamente'*, nos colocamos em condições singulares perante Deus e os homens, só por isso valendo mais de que qualquer um deles no céo e na terra. Completemos conseqüentemente estas reflexões, sobre o renascimento litúrgico, com estudos sérios, para aproveitar as riquezas da sagrada liturgia, com o fim de conduzir o povo cristão a uma maior perfeição"

200. *Corações ao Alto! Dom Frei Henrique G. Trindade da Ordem Franciscana, Bispo de Bonfim aos seus Diocesanos (Primeira Pastoral)*. Petrópolis 1941. O documento é de 8-7-1941.

201. A propósito diz: "Catecismo, muito catecismo, catecismo para todos, quanto possivel. Catecismo, não apenas decorado, mas compreendido e vivido" (*ibid.*, 21).

202. *Loc. cit.*: "VIDA DE ORAÇÃO na diocese, não no sentido de multiplicar as orações e atos de piedade nas matrizes e capelas, mas no sentido de que se reze bem, interior e exteriormente, em particular, mas principalmente em comum, lembrando-nos dos primeiros cristãos, nossos irmãos e nossos modelos. Empregaremos todo o esforço, para que em nossas igrejas, todo o povo cante e todo o povo reze em comum"

203. *Ibid.*, 21-22.

204. *Ibid.*, 22. O exercício da via-sacra também é vivamente recomendado (*loc. cit.*).

205. *Loc. cit.*: "Não olharemos apenas para o número de comunhões, mas para o modo das comunhões, com sua preparação e ação de graças convenientes. Primeiras comunhões, festivas sim, mas devotas, recolhidas, que signifiquem alguma coisa e operem para a vida em fora"

206. *Ibid.*, 23.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

E conclui: "As vocações sacerdotais, pelas quais queremos trabalhar com toda a nossa alma, dependem, em grande parte, da vida sacramental da diocese".[207]

2. Segunda Pastoral: "Ação Católica no Sertão".[208]

Se na Pastoral anterior D. Trindade enfatizava a necessidade de promover a vida de oração comunitária e litúrgica, nesta repete e reafirma a importância de mostrar aos fiéis as belezas da Liturgia e de promover a dialogação da Missa e a Missa recitada.[209]

Catecismo! Instrução! Muito zelo para que todos, sacerdotes e leigos, realmente rodeiem o altar, "na compreensão sempre mais perfeita dos divinos mistérios". E continua:

> "Como é desoladora, em geral, a posição da santa missa em nossa vida! Despertemos a nossa fé nesse sacrifício eucarístico. E que ele volte a ocupar o seu lugar central, irradiante, e que não seja, apenas, uma meia hora piedosa, em nossa semana ou em nosso dia. A santa missa estudada, meditada, vivida. A santa missa dominical e, si possível, cotidiana. A santa missa das crianças. A santa missa cantada. A santa missa explicada e recitada (como já temos feito com proveito em vários lugares); a santa missa dialogada (como fazemos todos os dias em nosso seminário e, às vezes, em nossa catedral)".[210]

Como se vê, o apostolado litúrgico na diocese de Bonfim, sob a direção pastoral de D. Frei Henrique G. Trindade, estava em franca atividade, no sentido de fazer todo o povo participar ativamente, e com consciência, dos santos mistérios.

d) Pastoral de D. Aquino Corrêa sobre "O Dia do Senhor", de 21-5-1942.[211]

Após mostrar a importância do "Dia do Senhor", o Arcebispo de Cuiabá chama a atenção dos fiéis não só para a obrigação de se absterem de trabalhos servis nesse dia, mas também para a necessidade de nele se dedicarem com maior fervor ao culto divino e aos atos da religião.[213]

A Missa está no centro deste culto, constitui a ação central de todos os atos da religião. Por isso que D. Aquino Corrêa reafirma o apelo aos sacerdotes para que exortem os fiéis a tomarem parte freqüente e devota na Santa Missa.[212]

Não pára no entanto aí. "Para bem ouvir a missa", sugere três métodos, dos quais destacamos um: seguir de perto os ritos e orações próprios da Liturgia da Missa, como se nos são apresentados no missal. Natural-

207. *Loc. cit.* Outras metas de trabalho são: fomentar a Boa Imprensa, a Ação Católica e Associações Religiosas e Irmandades, Retiros, e Ordem Terceira Franciscana.
208. *Ação Católica no Sertão. Segunda Carta Pastoral de Dom Frei Henrique Golland Trindade da Ordem Franciscana, Bispo de Bonfim, aos seus Diocesanos*, Salvador 1944. O documento é de 30-8-1944.
209. *Ibid.*, 14-15.
210. *Ibid.*, 19-20.
211. Cf. "O Dia do Senhor" in: *Dom F. de Aquino Corrêa, SS., Arcebispo de Cuiabá — da Academia Brasileira, Cartas Pastorais 1935-1944*, São Paulo 1947, 141-166. O documento é apresentado e comentado em *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 469-470.
212. *Ibid.*, 144-156.
213. *Ibid.*, 157-159.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

mente, isso impõe o dever e a necessidade urgente de instruir o povo a respeito da sublime Liturgia da Missa.[214]

Embora não se fale nem se acene para a existência de algum movimento de renovação litúrgica, embora esta Pastoral cheire bastante a rubricismo e legalismo, contudo não podemos negar nela o esforço sincero deste Arcebispo em aproximar o povo da Missa.

e) D. Mário de Miranda Vilas-Bôas: Pastoral de Saudação a Belém do Pará, de janeiro de 1945.

De Bispo de Garanhuns, D. Vilas-Bôas passou a ser Arcebispo de Belém do Pará, a partir de 1945, dirigindo aos paraenses esta Carta Pastoral de Saudação, na qual volta a falar insistentemente da necessidade da promoção da vida litúrgica.[215]

Levando adiante o seu lema de "Sentire cum Ecclesia", D. Vilas-Bôas fala da Oração da Igreja, da Santa Missa, do Ano Litúrgico ("Ano Cristão"), e da Ação Católica como colaboradora direta para promover a participação na Vida da Igreja.[216]

Promover a participação à oração da Igreja, isto é, à Liturgia, "perpetuidade da ação sacerdotal de Jesus Cristo que, incessantemente, intercede por nós", é o grande imperativo a que se submete esta Pastoral. Longe de querer emaranhar-se na controvérsia em torno da piedade,[217] D. Vilas-Bôas vê-se aqui fortemente impelido a ressaltar a sublimidade e a importância da oração da Igreja, onde os fiéis podem encontrar o alimento verdadeiramente forte para suas vidas.[218] Daí também sua certeza de que uma das coisas mais nocivas aos fiéis é exatamente o "alheiamento à vida da Igreja e a ignorância de sua oração e de seu culto"[219] E proclama D. Vilas-Bôas:

214. *Ibid.*, 158. Esta instrução aparece mais rubricai do que de conteúdo propriamente dito. Os outros métodos seriam: "rezar, durante a Missa, quaisquer orações aprovadas, dentre as quais sobressaem, como se sabe, o Padre-Nosso e a Ave-Maria, tão lindamente entrelaçadas no Santo Rosário" (*id.*, 158); e meditar nas três palavras mnemônicas: Paixão (com "P" vermelho), Pecado (com "P" preto) e Perdão (com "P" branco), podendo-se ainda acrescentar Penitência (com "P" roxo), Prece de agradecimento e de pedido (com "P" verde) (*ibid.*, 150).

215. *Carta Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Arcebispo Metropolitano de Belém do Pará, Janeiro 1945* (sem outras indicações).

216. *Ibid.*, 23-37.

217. *Ibid.*, 25: "Longe de nós quebrar a simplicidade e modestia desta carta pastoral, emaranhando-nos na controvérsia sobre a oração individual e social, piedade liturgica e extraliturgica, objetiva e subjetiva. No campo de nosso apostolado, desejoso, cada vez mais, de conduzir os fiéis a uma participação piedosa, consciente e intensa na vida da Igreja, na só medida em que a Igreja permite essa participação, temos conservado uma posição de equidistância entre os chamados *exageros* e os modos mais exagerados, ainda, descaridosos e desedificantes, de combater os exageros. Não nos cansamos de ensinar aos nossos fiéis que todas as fórmas de piedade, desde que aprovadas pela Igreja, são boas e fomentam a vida de união com Deus". Percebe-se aqui uma espécie de busca de justificativa e autodefesa de D. Vilas-Bôas, pois, como se sabe, suas idéias, a partir da Pastoral de 1938, foram muito criticadas.

218. *Loc. cit.*: "Não nos cansamos, porém, de ensinar que até nos modos de nos unir a Deus, a Igreja, deixando margem à nossa piedade individual, estabelece uma jerarquia, e, antecipando-se à piedade individual, remediando-a nas suas deficiências, tem sua oração oficial, tem o seu culto público, tem a maravilha de suas fórmulas de oração, incomparavel inspiração do Espírito Santo que põe na alma da Esposa o louvor divino com que Ela exalta o Esposo, através dos formulários do Missal, do Breviário, do Ritual e demais livros oficiais da Liturgia. A experiência universal das almas está dizendo que é na piedade da Igreja que elas encontram o alimento farto de uma genuina vitalidade cristã e o mais vigoroso impulso para a santidade e perfeição. Essa experiência, mil graças a Deus, tem tomado maior vulto, em nossos tempos, desde quando o Santo Padre Pio X disse: — 'A participação ativa aos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja, é a fonte primária e indispensavel do verdadeiro espírito cristão'"

219. *Ibid.*, 25-26: " .estamos certos de que, entre as várias causas da lamentavel ignorância religiosa, da indiferença e de um catolicismo meramente tradicional e inoperante, pragas que infestam, não tanto as classes humildes, como as julgadas mais cultas e nobres, nenhuma existe mais desgraçadamente eficiente que o alheiamento à vida da Igreja e a ignorância de sua oração e de seu

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Com a ajuda divina, dentro do mais rigoroso espirito de subordinação à Santa Sé, muito ardentemente desejamos realizar, em nosso meio, o apostolado da participação dos fiéis na vida da Igreja. *sintamos e vivamos com a Igreja*, concretizando tão amplo e rico programa nisto só: — *compreender, sentir e viver a Santa Missa, os Sacramentos e o Ano Cristão*".[220]

Fala então da Santa Missa:

"O culto da Sagrada Eucaristia, Sacrificio e Sacramento, no Altar da Santa Missa e na Mesa da Comunhão, será a alma de nosso apostolado. Tudo queremos orientar para o Altar do Sacrifício. E é do Altar que queremos partir, levando a vida que só o Altar pode dar, para todos os empreendimentos apostólicos e iniciativas de nossa sagrada missão. Que a Santa Missa, a ação por excelência, devoção suprema, a oração máxima da Igreja, seja, em verdade, o centro da vida cristã em toda a nossa arquidiocese".[221]

Assim sendo, será indispensável a instrução dos fiéis sobre a Santa Missa[222] e o incentivo dos mesmos à participação piedosa nos Sacros Mistérios, como preceituam os Decretos 193 e 355 § 2º do CPB.[223] E diz:

"Em obediência a tão providenciais determinações, desejamos realizar um trabalho intenso de doutrinação sobre a Santa Missa e sobre a participação piedosa dos fiéis no Sacrossanto Mistério", [favorecendo] "o gosto devoto pela Santa Missa cantada, e cantada, quanto possivel, com o canto oficial da Igreja, que outro não é, senão o canto gregoriano, como tão intensamente têm recomendado os últimos Papas"[224]

Em seguida, fala dos Sacramentos, "fontes vivas da vida cristã", através dos quais "nos tornamos membros do Corpo Místico de Cristo, a Igreja",[225] mostrando como a vida sobrenatural, pelos sete sacramentos, abrange e acompanha todo o arco vital do homem.[226] E conclui: "Muito e muito desejamos seja êsse um tema copioso de pregações e instruções não só para a formação especializada de grupos, em comunidades, colégios, associações, centros de catecismo, etc., como também para a de todos os fiéis".[227]

Falando do Ano Litúrgico, encara-o como uma excelente escola de ascese[228] e como tempo de encontro com a profundidade da oração da Igreja, tão necessária para os tempos atuais.[229]

culto". Baseia-se na famosa afirmação de Pio XI: "Etenim in populo rebus fidei imbuendo per easque ad interiora vitae gaudia evehendo longe plus habent efficacitatis annuae sacrorum mysteriorum celebritates quam quaelibet vel gravissima ecclesiastici magisterii documenta" (Encíclica "Quas Primas", *AAS* 17 (1925), 603).

220. *Pastoral...*, *op. cit.*, 26. Note-se a expressão: "Dentro do mais rigoroso espirito de subordinação à Santa Sé". Como já dissemos, D. Vilas-Bôas foi alvo de muitas críticas por causa de suas idéias. Aqui, como que de novo reforça sua fidelidade a Roma, buscando justificar sua posição, contra aqueles que o criticam. Na verdade, logo após, intercalado no texto citado, encontramos esta significativa frase que espelha bem a situação: "Nem de longe nos farieis a injúria de nos atribuir intuitos inovadores e exóticos".

221. *Ibid.*, 27.

222. *Loc. cit.*: "Que o nosso povo cristão seja freqüentemente instruido na obrigação de inspirar a sua piedade na fonte de toda a piedade que é o Sacrifício Redentor de Jesús Cristo, renovado no Santo Altar. Nenhuma catequese mais urgente para a formação e renovação do espirito cristão, que a catequese da Missa. Vamos torná-la cada vez mais conhecida".

223. Cf. supra, p. 124 nota 14, e p. 125 nota 22.

224. *Pastoral*. *op. cit.*, 27.

225. *Ibid.*, 28.

226. *Ibid.*, 29-30: "Acabais de vêr, pois, Irmãos e Filhos, que a vida cristã nasce, desenvolve-se e se alimenta à semelhança da vida natural. Esta, com os sós recursos da natureza e da ciência; aquela, numa ordem incomparavelmente superior, com os dons sagrados dos Sacramentos, em ordem à participação da vida divina e à conquista da vida eterna. Em que subido apreço devemos ter os Sacramentos! Que substancioso alimento para uma verdadeira piedade cristã encontramos na doutrina dos Sacramentos. E nada tanto concorre para vivermos a vida cristã, à luz de um sentido inteiramente sacramental, como o conhecimento dos sinais sensiveis, matéria, fórma e ritos sagrados, que entram na administração dos Sacramentos".

227. *Ibid.*, 30.

228. *Loc. cit.*: "...o Ano Cristão ... é uma doutrina viva, flagrante revivescencia dos misterios de nossa fé. Os ciclos litúrgicos ... são uma teologia viva e um apêlo constante à compenetração de nossa dignidade e responsabilidade cristãs."

229. *Ibid.*, 30-31: "Quando os tempos e festas do Ano Litúrgico, em suas várias modalidades de orar, de cantar, de sentir e viver, enfim, o mistério da Igreja, forem intensamente vividos pelas

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Enfim, D. Vilas-Bôas deixa renovado o seu amor e carinho para com a Ação Católica como especial convidada à vivência e colaboração no apostolado de todos estes ideais de vida cristã na Igreja.[230]

Eis, portanto, como também no Pará D. Vilas-Bôas leva adiante o seu ideal de propagar o conhecimento, a vivência e melhor participação da vida litúrgica da Igreja.

Poderíamos ainda fazer uma observação final sobre esta Pastoral. Comparada com a Pastoral de 1938 em Garanhuns, logo se observa que suas palavras não aparecem mais tão agressivas. D. Vilas-Bôas é bem mais moderado ao falar do problema da ignorância religioso-litúrgica no meio do povo. Compreende-se, pois suas idéias haviam sido anteriormente muito criticadas.[231] Por outro lado esta Pastoral já vem enriquecida e fundamentada com documentos de grande peso como o CPB e a *Mystici Corporis Christi*. E, além disso, é sabido que em Belém já se haviam realizado anteriormente movimentos de conscientização litúrgica, como por exemplo a Semana Litúrgica de setembro-outubro de 1941.[232]

f) Pastoral de D. Justino José de Sant'Ana, Bispo de Juiz de Fora, de 13-6-1945.[233]

De grande repercussão nos meios intelectuais católicos,[234] esta Pastoral de D. Sant'Ana fala da necessidade da edificação espiritual da Igreja na sociedade atual.[235] Diz que, além do empenho no crescimento numérico da Igreja em Juiz de Fora, deve-se buscar um esforço maior ainda para "o aprofundamento da vida religiosa, a fermentação dos corações e das consciências, a penetração ilimitada, irrestrita e total da graça santificante... Regeneração interior, vida nova no Espírito Santo. "[236]

E como se fará isso? Intensificando a vivência dos sete sacramentos, os sete canais da graça e santificação, de instituição divina,[237] que "atingem o homem sob todos os seus aspectos, individual e social, familiar e profissional, bem como o acompanham durante tôda a sua vida, desde o berço até à passagem para a eternidade"[238] Eis como Deus, com sua grande sabedoria salvadora, acompanha o homem! Por isso, todo o esforço é pouco para que se incremente a vivência sacramental na Diocese.

famílias cristãs e pela grande família das famílias cristãs, a Paróquia e a Diocese, então teremos chegado aos suspirados tempos do reencontro de nossa época com os tempos primitivos da Igreja (Pio XI). Esse reencontro é a participação intensa na oração e na ação da Igreja. Orar com a Igreja é viver integralmente a realidade profunda da Missa e dos Sacramentos através da misteriosa escada viva de Jacó, o Ano Cristão".

230. Cf. *ibid.*, 31-37, apresentando inclusive, resumidamente, os principais passos da Ação Católica no Brasil, com os principais documentos sobre ela.

231. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências. ", BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 224-225.

232. Cf. supra, p. 110-111.

233. *Carta Pastoral de D. Justino José de Sant'Ana, Bispo de Juiz de Fora.* 1945 (sem outras indicações). A Pastoral começa lembrando, com grande gratidão a Deus, o vigésimo aniversário da sagração episcopal de D. Sant'Ana e de sua tomada de posse da nova diocese de Juiz de Fora, a ser celebrado neste ano de 1945.

234. O documento vem considerado por *A Ordem* como "uma bênção" não só para Juiz de Fora, mas para o próprio Brasil. "As idéias e ensinamentos nela contidos hão de ser do maior proveito para todos os católicos do Brasil" (cf. Palavras introdutórias à publicação da Pastoral feita em *A Ordem* 34 (julho-agosto 1945), 65; todo o documento encontra-se em *ibid.*, 65-83; cf. também amplo e otimista comentário feito por F. Alves Ribeiro, em *A Ordem* 34 (set. 1945), 260-262 — transcrito de *O Lampadário* 22-9-1945).

235. Parte, comentando a parábola evangélica do grão de mostarda (Mt 13,31-32 par.).

236. *Pastoral de D. Justino*, *op. cit.*, 4.

237 *Ibid* 3-5.

238. *Ibid.*, 5.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

E, graças a Pio X, o Papa da comunhão freqüente, que impulsionou todo um movimento de intensificação da vida litúrgico-sacramental, graças a ele "os sacramentos passaram a ocupar na conciência dos fiéis o lugar merecido de meio de santificação por excelência".[239] Divulgam-se conhecimentos básicos das riquezas dos sacramentos. Os livros litúrgicos (Missal, Ritual, e o próprio Breviário) já aparecem em latim e vernáculo. E testemunha: "Desde alguns anos esse insubstituível movimento de intensificação da vida sacramental e de maior conhecimento de suas riquezas vem exercendo os seus benéficos influxos também em nosso meio".[240]

Após chamar a atenção para a importância também dos sacramentais,[241] D. Sant'Ana, cheio de entusiasmo e esperança, citando um longo trecho da "Divini Cultus", incentiva a todos para a beleza e a importância da oração oficial da Igreja, o Ofício Divino participado por todos, clero e fiéis.[242] E faz esta pergunta retórica: "Quando nos será dado presenciar aqui em nossa Catedral de Juiz de Fora o espetáculo descrito pela pena do Santo Padre, quando poderemos Nós, o Pastor da Diocese, cantar os louvores divinos alternadamente com o Clero e o povo?".[243] E abençoa todos os trabalhos que se fizerem no sentido de promover a participação de todos no culto divino.[244]

Em seguida, em poucas palavras, repropõe todo o arsenal, os instrumentos a serem "manejados" na construção do edifício místico da Igreja Diocesana, isto é, a prioridade da vida litúrgico-sacramental.[245]

Lembrando que a Catedral é a imagem do edifício místico, onde o altar constitui o centro em torno do qual os fiéis se encontram com Deus em Cristo,[246] D. Sant'Ana pede que, a exemplo dos cristãos da Idade Média, todos colaborem na construção da nova Catedral da Diocese, num verdadeiro espírito de fé alimentado pelo amor aos Sagrados Mistérios que neste edifício material se celebram.[247]

Enfim, todos são convidados a trabalhar. De uma maneira ou de outra, todos podem colaborar e participar:

239. *Ibid.*, 6.
240. *Loc. cit.*
241. *Ibid.*, 6-7.
242. *Ibid.*, 7-8. O texto da Const. Apost. "Divini Cultus" citado, pode ser econtrado em *AAS* 21 (1929), 33.
243. *Pastoral de D. Justino.* , *op. cit.*, 8.
244. *Loc. cit.*: "Abençoamos do fundo do coração todos os trabalhos preparatórios, tudo o que pode levar a tão grande resultado, e não podemos deixar de mencionar o esfôrço da Ação Católica Diocesana no sentido de promover a participação ativa dos fiéis no culto divino, seja respondendo ao sacerdote no altar durante a Missa, seja rezando em comum algumas partes do Ofício Divino, como Vésperas ou Completas. Mas o que desejamos é ver o povo todo da cidade, operários e intelectuais, formando um só grande côro em tôrno do altar e do Bispo, cantando a uma só voz as palavras inspiradas que os livros da Igreja colocam em sua bôca, representando num quadro de admirável plástica a unidade da Santa Igreja, o Corpo Místico de nosso Senhor Jesús Cristo".
245. *Ibid.*, 9: "Recepção freqüente dos sacramentos e vida em todos os momentos coerente com a graça que por meio dêles nos é comunicada; assistência devota e ativa ao Santo Sacrifício da Missa, respondendo, se possível, ao sacerdote no altar e juntamente com êle rezando as partes que na Missa cantada são reservadas ao povo; estudo consciencioso dos ritos e textos sagrados; uso freqüente dos sacramentais; difusão e prática cada vez mais generalizada da recitação em comum do Ofício divino; leitura e estudo da Sagrada Escritura, especialmente dos Salmos e do Novo Testamento; esfôrço pessoal e reforma efetiva da própria vida na base das práticas acima mencionadas".
246. *Ibid.*, 11-14.
247. *Ibid.*, 14-17.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

> "Quem não puder contribuir, trabalha na edificação espiritual; quem não puder ir à Missa reze em casa; quem não souber ler para seguir a Missa pelo Missal ou para rezar o Ofício Divino, reze o Santo Rosário; e quem nem souber rezar o Terço, peça a Deus com as palavras de seu próprio coração que venha a nós o seu reino; e que, todos, desde os mais ricos aos mais pobres, dos mais instruidos aos mais iletrados, que todos façam o bem, ou melhor, façam bem tudo o que fazem, sempre lembrados da exortação de nosso Salvador: 'Sêde, pois, vós perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeita' (Mt V, 48)". [248]

Eis mais uma Pastoral sem dúvida entusiasmada com o movimento de restauração da vida litúrgica. Embora pareça conceber os Sacramentos de uma maneira um tanto material, isto é, como instrumentos "manejados" pela Igreja para transmitir a graça, olvidando o aspecto celebrativo dos mesmos, e, quando se acena para o aspecto celebrativo (por exemplo, Ofício Divino), tende-se a vê-los sob um ângulo idealista de "espetáculo", contudo, esta Pastoral reflete a consciência da importância da vida litúrgico-sacramental na vida da comunidade diocesana, buscando transformar a sociedade a partir da vida litúrgica intensamente vivida e participada.

g) D. Avelar B. Vilela: Pastoral de Saudação a Petrolina.

Nomeado Bispo de Petrolina (Pernambuco) em junho de 1946, ao tomar posse do governo da diocese, D. Avelar B. Vilela publicou esta Pastoral de Saudação, [249] na qual, a certa altura, fala do valor central da Santa Missa na vida e na Ação Católica da diocese. [250] "A ação exige a vida" "A cruz do Calvário resume a Redenção". "A Santa Missa resume a Igreja" "A Santa Missa é o centro da Igreja". São temas tratados, para mostrar a importância central da Missa. Como diz:

> "Restaurar a verdade de que a Missa é o centro da vida cristã é revelar ao povo todos esses valores essenciais e subsidiários que a tornam fonte de água viva, e jamais uma fórmula vazia". [251]

Assim sendo,

> "Deixar os fiéis, e sobretudo, os membros da Ação Católica, à margem dêsse centro de vida, é não compreender que todos os membros do Corpo Místico, pelo caráter sacramental do batismo e da crisma, foram marcados com o sangue do Cordeiro e incorporados à própria vida de Cristo, e como tal interessados em tôdas as funções sacerdotais da Igreja". [252]

Por isso, há que despertar nos fiéis o sentido profundo da "participação mística no sacerdócio de Cristo" para sintonizar com esta fonte de caridade e de ação que é a Santa Missa. [253]

Na prática, o Missal [254] e os folhetos litúrgicos [255] são instrumentos necessários para favorecer uma participação viva e consciente neste centro vital da Igreja. E exclama:

248. *Ibid.*, 18.
249. *Carta Pastoral de Saudação. D. Avelar B. Vilela, Bispo de Petrolina*, 1946 (sem outras indicações).
250. *Ibid.*, 42-51.
251. *Ibid.*, 45.
252. *Ibid.*, 47.
253. *Loc. cit.*
254. *Loc. cit.*: "Eis porque o missal, para os membros da Ação Católica, não é apenas um ornamento ou um privilégio, mas um admirável instrumento de aproximação das riquezas permanentes e inesgotáveis da Santa Missa".
255. *Ibid.*, 47-48: "E quando as dificuldades econômicas ou as condições intelectuais do fiel não permitirem o uso do missal, sejam espalhados, com instruções prévias, os folhetos litúrgicos que tanto facilitam a compreensão da Santa Missa".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Felizmente já estamos voltando, gradativamente, àqueles tempos de maior participação na vida oficial do Corpo Místico, em que se ouvia, diz São Jerônimo(, 'o amen ressoar de tôdas as partes da Igreja'". [256]

Naturalmente, tudo isso não significa que se deva diminuir ou eliminar as "devoções populares", mas, pelo contrário, respeitá-las como um alto valor dentro da Igreja, elevando ao mesmo tempo o nível religioso às vezes deturpado do povo, [257] para que sua piedade se mova dentro de uma justa "hierarquia de valores". [258]

Observação final. É mais uma das poucas Pastorais de Saudação que realmente se preocupam em colocar a Missa como centro de toda a vida e ação eclesial, com um caridoso respeito para com as "devoções populares".

Concluindo este item III, relembramos os pontos mais acentuados: a Santa Missa como valor central a ser difundido e promovido entre o clero e os fiéis; estudo intenso e instrução sobre a Missa e Sacramentos; promover a participação ativa e consciente dos fiéis na oração da Igreja; melhorar o nível da música religiosa e de participação na mesma; fazer todos participarem do canto litúrgico; não combater, eliminar ou querer diminuir a piedade extralitúrgica; evitar conflitos em torno da Liturgia; fazer tudo isso em perfeita conformidade com as orientações da Hierarquia eclesiástica.

Conclusão

Apresentados estes dados sobre as repercussões do Movimento Litúrgico no Episcopado brasileiro, poderíamos concluir este capítulo com as seguintes observações:

a) Falando do CPB, sem dúvida estamos diante de um documento de grande autoridade. Ora, sendo assim, o seu modo sumamente cauteloso e prudente de apresentar certos elementos do Movimento Litúrgico foi sem dúvida determinante também para os documentos episcopais — sobretudo sinodais — posteriores: inibiu de certa maneira a evolução posterior dos acontecimentos. Isto é, na sua obediência estrita à autoridade das determinações jurídico-disciplinares do CPB, a maioria dos Bispos, e especialmente os Sínodos, não se encorajaram a dar muitos passos avante: mantiveram sempre certa reserva em relação ao Movimento Litúrgico. E, quando tocam em assuntos litúrgicos, a preocupação maior vai na linha do disciplinamento doutrinário e organizativo em torno do culto.

256. *Ibid.* 48.
257. *Ibid.*, 49-49: "A iniciativa oficial da Igreja não proíbe a iniciativa privada dos fiéis, nem diminui a importância de suas *devoções particulares*. Pelo contrário, as estimula e as enriquece de bênçãos e de indulgências. Infelizmente, por falta de formação autênticamente cristã, o espírito popular (sem excluir as elites sociais) ficou eivado de múltiplas deformações religiosas que chegam até, pelo menos algumas delas, ao ridículo e ao grotesco. Nem sempre, porém, a culpa lhe pertence. Elevar o nível religioso do povo é um imperativo da consciência cristã. Saber fazê-lo com moderação e caridade, é uma exigência de ordem psicológica e pedagógica"
258. *Ibid* 49: "Inicialmente, não se deve estabelecer nem confusão nem oposição entre piedade litúrgica e piedade particular. O melhor critério é o de se firmar uma hierarquia de valores, em que se ressaltem tôdas as realidades objetivas e subjetivas, dignas da verdade e de Cristo, sem confundi-las, nem depreciá-las. Que se elimine o *péssimo*. Que se promova o *ótimo*, sem que sejam negados os direitos do *bom*"

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

b) É claro, há exceções. E uma delas, a mais evidente, é o Sínodo de Belo Horizonte, o único que teve a coragem de superar o espírito medrosamente prudente do CPB, o único Sínodo que usa a expressão "Movimento Litúrgico", o único que de propósito incentiva abertamente o Movimento Litúrgico, oferecendo inclusive orientações teológico-práticas para o seu harmônico desenvolvimento, o que o CPB não fez. Podemos dizer que Minas lidera o Movimento Litúrgico no Brasil também a nível das Autoridades eclesiásticas.

c) Naturalmente, dentro de tais exceções, houve também casos estranhos. É por exemplo o caso do dec. 216 do Sínodo de Belo Horizonte, onde sem dúvida exagera a dimensão catequética do Movimento Litúrgico e da própria Liturgia.

d) São várias as Cartas Pastorais no Brasil que, de uma maneira ou de outra, ora menos ora mais, manifestam real empenho pela promoção da vida litúrgica profunda, consciente e viva entre os fiéis. No entanto, a maioria evita a expressão "Movimento Litúrgico" ou afins,[259] o que indica de novo a reserva com que as Autoridades eclesiásticas no Brasil se apresentam diante desta expressão certamente carregada de mal entendidos.

e) Não resta dúvida que a maioria dos documentos considerados insistem num dado positivo do CPB que se repete freqüentemente: A necessidade de *instruir os fiéis* sobre a Missa, os Sacramentos em geral, Sacramentais, etc. Em outras palavras, isto significa também que o povo é ignorante em matéria de culto, e precisa ser instruído!

f) Ao falar de participação do povo, é também significativo como se insiste na participação do culto através da música sacra popular e oficial (gregoriano) bem disciplinada.

g) Quanto a outros meios de participação ativa, enquanto uns permitem ou aconselham a Missa dialogada e recitada,[260] houve quem no entanto a proibisse,[261] sendo uma vez vedada até mesmo a Missa *versus populum*.[262]

h) Pouquíssimo se insiste na participação dos fiéis no Ofício Divino,[263] o que indica de novo o não grande interesse da maioria dos Bispos pelo Movimento Litúrgico.

259. A expressão é usada apenas em: *1ª Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas*, *op. cit.*, 41 (cf. supra, p. 68); *Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de Belo Horizonte*, *op. cit.*, 19 (cf. supra, p. 131); *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral*, *op. cit.*, 29-31 (cf. supra, p. 133); *Pastoral de D. Justino José de Sant'Ana*, *op. cit.*, 6 (cf. supra, p. 158); e a Pastoral de D. Jaime sobre "Musica Sacra" (*Cartas Pastorais de D. Jaime*, *op. cit.*, 103 — cf. supra, p. 151).

260. Muito sintomática, por exemplo, a justificativa dada por Mons. Costa Rêgo: "Somos e não podemos deixar de ser favoraveis ao movimento litúrgico, que tire, porém, sua origem de uma perfeita compreensão da Sagrada Liturgia. Estudemos, pois, o assunto com mais inteligência e menos preconceitos e com a única preocupação de acertar." (Instrução sobre "Vida Litúrgica e Práticas extra-litúrgicas", *op. cit.*, 83 — cf. supra, p. 150). Mais sintomático ainda é o apelo lançado pelos Bispos paulistas no sentido de evitar a chamada "questão litúrgica" (*Circular Coletiva do Episcopado* Paulista, *op. cit.*, 8 — cf. supra, p. 144).

261. Dec. 199 do CPB; *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral*, *op. cit.*, 31-32 (cf. supra, p. 133); *Corações ao alto!* (Primeira Pastoral de D. Frei Henrique G. Trindade), *op. cit.*, 19-20 (cf. supra, p. 153).

262. Instrução do Mons. Costa Rêgo sobre "Missas Dialogadas", *op. cit.* (cf. supra, p. 150-151) e o Dec. 217 do Sínodo de Salvador (cf. supra, p. 138).

263. *Circular Coletiva do Episcopado Paulista*, *op. cit.*, 8 (cf. supra, p. 143).

264. Apenas o Sínodo de Belo Horizonte (Dec. 564 e 569) (cf. supra, p. 136) e a *Pastoral de D. Justino José de Sant'Ana*, *op. cit.* (cf. supra, p. 158) tocam no assunto.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

i) Outra observação é a insistência com que se chama a atenção para o fato de não se estabelecer oposição entre a piedade litúrgica (participação ativa no culto) e a piedade extralitúrgica (devoções particulares), numa solidariedade respeitosa para com a grande tradição religiosa do povo brasileiro, que é uma tradição fortemente devocional. Busca de equilíbrio, portanto. Daí também se compreende por que, com raras exceções, em vez de simplesmente se atacar os exageros e aberrações da piedade extralitúrgica, a maioria dos documentos opta pela insistência na *instrução do povo* em assuntos litúrgicos.

j) Outro ponto bastante acentuado: A submissão à Santa Sé e à Hierarquia em geral, em matéria de Liturgia, submissão esta que, por positiva e necessária que seja, por vezes foi encarada de maneira exageradamente legalista e material.

k) Enfim, embora os Bispos, na sua maioria, não tivessem manifestado grande interesse pelo Movimento Litúrgico, apesar da grande difusão deste pelo Brasil afora, como vimos nos capítulos precedentes, contudo, podemos dizer que, com modalidades e espíritos bastante diversificados (uns mais rubricistas outros menos), algo se buscou realizar. Houve também, embora poucos, os que realmente se entusiasmaram pelo Movimento Litúrgico, num sincero esforço de difundir e promover o seu espírito.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Capítulo IV

Controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil (1933-1947)

Nos capítulos anteriores já havíamos acenado de vez em quando para a presença de certas controvérsias que surgiam em torno do Movimento Litúrgico que se implantava e se desenvolvia no Brasil.

Ora, após termos considerado os inícios do Movimento Litúrgico no Brasil através de seus pioneiros, depois de termos considerado seu desenvolvimento, e depois de termos visto como o Episcopado Brasileiro havia reagido frente ao mesmo, cumpre-nos agora considerar especialmente um tema sem dúvida interessante, mas também sumamente difícil para ser tratado com imparcialidade: Controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil.

Trataremos o assunto seguindo esta linha: Iniciamos apontando algumas controvérsias surgidas já nas origens do Movimento Litúrgico no Brasil, para abordarmos então uma controvérsia típica que se dá entre a revista da Confederação das Congregações Marianas do Brasil *(Estrela do Mar)* e a revista do Centro D. Vital *(A Ordem)*. Passamos a abordar um livro tipicamente polêmico, *Em defesa da Ação Católica*, que deu muito que falar, e que obrigou — como já as controvérsias anteriores — a algumas atitudes decididas e públicas em defesa do Movimento Litúrgico ameaçado na sua credibilidade. Num 5º ponto trataremos de uma longa controvérsia desenrolada em torno das "condenações" da Encíclica "Mystici Corporis Christi". Enfim, depois de perpassados estes principais exemplares de controvérsias, verificaremos brevemente tais controvérsias enquanto envolvendo as Autoridades eclesiásticas no Brasil.

I. Nas origens

Comecemos referindo-nos brevemente à questão do Missal, pois foi em torno deste que surgiram as primeiras polêmicas e controvérsias. Lembramos, por exemplo, as dificuldades enfrentadas por Dom B. Keckeisen para conseguir o *Imprimatur* da parte do Arcebispo para o seu Missal. Mas os problemas começaram a surgir principalmente com o uso e a propaganda do Missal. Surgiu muita celeuma. Isto é, com o uso e a propaganda do Missal (sua importância na Missa), muitos começaram a crer que com isso se fazia uma campanha no sentido de acabar com a reza do rosário na

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Missa. Surgem assim fortes conflitos entre os "missalistas" e os "rosarianos": Os "missalistas" querendo acentuar a preferência do uso do Missal na Missa. Os "rosarianos" acusando aqueles de elitistas e destruidores do Terço.[1] E assim por diante... O mesmo poder-se-ia dizer dos "Folhetos Litúrgicos" de Dom Polycarpo Amstalden O.S.B.[2]

Passemos à Ação Universitária Católica (AUC), no Instituto Católico de Estudos Superiores do Rio de Janeiro, onde teve início o Movimento Litúrgico no Brasil, a partir de 1934.

Falamos, no primeiro capítulo, da euforia com que um grupo de universitários daquela entidade acolheu o florescimento de uma nova era na espiritualidade cristã, o descobrimento da espiritualidade litúrgica vivamente participada no seio da Igreja, onde Dom Martinho Michler constituiu o principal impulsionador inicial.

Pode parecer que tudo tenha corrido maravilhosamente bem. Mas não foi bem assim. É preciso dizer que já desde o início também surgiram dificuldades, atritos. É preciso dizer que, com a vinda do Movimento Litúrgico, dentro da AUC criou-se logo uma divisão entre os estudantes. Criou-se uma verdadeira cisão entre eles, formando-se dois grupos distintos e até antagônicos: os "ativistas", que acentuavam e queriam uma Ação Católica *social*, e os "liturgistas", que buscavam basear a vida da ação na *Oração*. Os "ativistas" assumem um comportamento bastante cético e até irônico em relação à Liturgia. Os "liturgistas" lamentam que aqueles querem basear a ação apenas nos estreitos limites dos esquemas sociológicos.

Exemplificando, temos o testemunho escrito do acadêmico H. A. Mattos que, logo no início, em 1934, já se refere ao tom irônico de muitos ao escutarem falar de Liturgia. Diz ele: "quando se fala de liturgia. ., tem-se por resposta um sorriso irônico acompanhado da frase sarcástica: 'Mania de Liturgia'".[3]

Há mesmo quem fale da existência de algumas "vozes descontentes" que se queixam da própria orientação tomada pela revista *Vida* dos universitários da AUC. Acusam que ela perdeu seu "caráter universitário", que

1. Sabe-se por exemplo que o Mons. Leovigildo Franca, vigário da Paróquia do S. Coração de Jesus no Rio de Janeiro, ao introduzir o uso do Missal aí por 1933, entrou em grandes conflitos com as "beatas" que seguiam a sua Missa. Surgiu um grupo ostensivo contra a introdução do uso do Missal, alegando que o vigário estava querendo abolir o Terço na Missa (cf. Apêndice XVI). Significativo é também um artigo escrito mais tarde, em 1942, na revista do Apostolado da Oração sobre "Terço e Missal". Neste artigo, o Pe. Ascânio Brandão esbraveja contra o "barulho, a celeuma em torno da celebérrima questão". Defendendo o uso do Terço na Missa, faz esta significativa pergunta: "Podemos como alguns liturgistas irreverentes ridicularizar, censurar e reprovar o têrço na Missa?". E exclama: "Ó, pelo amor de Deus, acabe-se este barulho.. " (*Mens. Cor. Jesus* nº 549 (março 1942), 102-103).

2. A este respeito temos um fato também significativo. Muitos meninos saíam a vender os "Folhetos Litúrgicos" nas portas das igrejas de São Paulo. Certa feita, lá por 1935/1936, os garotos que tinham ido à igreja de Santa Efigênia, voltam a Dom P. Amstalden desiludidos e tristonhos, de mãos vazias. Queixam-se.. O que havia acontecido? Por ordem do Vigário Geral Mons. Castro Mayer, haviam seqüestrado todos os "Folhetos" dos meninos, com proibição de distribuí-los naquela igreja. Dom Policarpo queixa-se ao Arcebispo D. José Gaspar: "Como se explica que o Vigário Geral está proibindo um material que tem a aprovação de V. Excia?". Resultado: D. José intervém pessoalmente para suspender a proibição feita pelo Mons. Castro Mayer! (Cf. Apêndice IV).

3. MATTOS, H. A., "Vamos renascer na liturgia", *art. cit.*, 12.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

esqueceu o essencial que é a ação, pois se ocupa "exageradamente com Liturgia e outros problemas de formação interior".[4]

Sorrisos irônicos, observações sarcásticas, "vozes descontentes": são os primeiros sintomas de controvérsias em torno de um novo espírito que soprava naqueles meios universitários. E aos protestos destas "vozes descontentes" responde *Vida*: "num ambiente em que se pensa que catolicismo é um simples código moral e em que qualquer pessoa, sem tintura de filosofia e teologia, se julga um sociólogo, uma revista de moços havia naturalmente que desagradar", exatamente pelo fato de ser uma revista feita para "reagir contra a mentalidade acanhada do catolicismo burguês e individualista".[5]

Em setembro de 1937 o jornal *O Povo*, do Rio de Janeiro, ataca o "espírito de capela" (elitismo religioso) da orientação seguida pela revista *Vida*. Por sua vez, o *Diário*, de Belo Horizonte, vem imediatamente em defesa dos rapazes de *Vida*, refutando energicamente as acusações de *O Povo*.[6]

O fato de "muitos atritos" tidos pelo grupo dos "litúrgicos" da AUC com o ambiente é testemunhado também por F. Alves Ribeiro, o qual, sem negar a presença de erros individuais, procura justificar e defender o valor oportuno do trabalho litúrgico desenvolvido pelos "jovens aucistas"

Transpondo as fronteiras da AUC, interessante é um artigo de Soares D'Azevedo, escrito em 1939 sob o título "Carta a um exmo. bispo meu amigo de coração", no qual critica e ironiza fortemente a arrogância aristocrática de muitos jovens universitários exibindo termos litúrgicos para todos os lados, esquecendo-se da grande massa necessitada de anteriores rudimentos de formação catequética.[8] O autor realmente se mostra irritado contra os *snobs* litúrgicos.

4. PRADO, W., "Vozes descontentes", *art. cit.*, 16. Palavras textuais do articulista: "Chegam aos nossos ouvidos de quando em vez vozes descontentes com a orientação que tem seguido a nossa revista. Queixam-se essas vozes de que 'Vida' não tem caráter universitário, que não discute os assuntos que interessam aos universitários. Por outro lado lamentam que consagremos atenção demasiada á questão da formação religiosa integral, preocupando-nos exageradamente com Liturgia e outros problemas de formação interior, enquanto que descuidamos da ação, que, no entender dos que nos acusam, é o essencial".

5. *Loc. cit.*

6. PAOLIELLO, C. L., "'Vida'", *O Diário* 5-10-1937, 5; *id.*, "Senior & Junior", *O Diário* 12-10-1937, 5, onde pergunta: "Por que o espirito de capella que dizem ter os rapazes de 'Vida'? Será somente, por não terem elles ido rezar na que 'Senior' está construindo de ante do seu ídolo? ". Infelizmente não conseguimos acesso direto a *O Povo* de 11-9-1937 e de 30-9-1937, onde se encontram os artigos comentados por *O Diário*. Baseamo-nos, portanto, apenas na notícia apresentada em *O Diário*.

7. Cf. ALVES RIBEIRO, F., "Ação Católica Universitária", *art. cit.* 513-515.

8. *Vozes* 33 (1939), 221-224: "Realmente, senhor bispo, tenho topado no caminho com uns meninozinhos, a voz de frango garnizé bonitinhos, empomadadozinhos, saturados de termos litúrgicos e muito convencidos de que com esses termos litúrgicos estão montados em toda a ciencia deste e do outro mundo [. .] já se chegou, meu querido senhor bispo, a dividir os católicos em duas categorias distintas: os *'católicos DO Cristo'* e os *'católicos DE Goffiné'*. Os primeiros são aristocratas, detentores das chaves do céu, tendo nas mãos a sabedoria, gente de escol, 'magister dixit', os condutores, os guias, os privilegiados, aqueles que hão de sentar-se mais tarde, no juízo final, em poltronas de luxo, provavelmente à direita do Padre Eterno. Os segundos são a arraia miúda, a gentinha, o populacho reles e vulgar, católicos tacanhos, de vistas curtas, piegas, piedosistas. Os primeiros — casaca. Os segundos — blusa ou, quando muito, paletó saco. O *'católico DO Cristo'* é assim de uma classe escolhida, com títulos de nobreza, uma alma encouraçada de graças especiais. O *'católico DE Goffiné'* é bisonho, mesquinho, tosco, desprezível, que não conta no concerto universal das almas eleitas. . Rasguem-se de alto a baixo as muralhas do preconceito, espanem-se com veemencia as teias de aranha de um tempo que não mais se acomoda ao catolicismo elegante, moderno, enxundioso de termos bombásticos, catolicismo de unhas lustrosas, gravata bem feita, rosto empoado. Os aristocratas não se dignam descer ao campo raso onde patinham burgueses. O escol não confraterniza com a plebe... Estamos laborando em grave erro, vivendo a nossa vida intelectual e de apostolado entre as casas editoras de Paris e os círculos de escol do Rio e S. Paulo, esquecidos de que por detrás de nós, para cima da Serra do Mar, vivem dezenas de milhões de brasileiros que precisam do compêndio do ABC e do compêndio do catecismo, mas do *primeiro*, senhor bispo, não do segundo catecismo... Ah! o cretinismo, a estranha epidemia de termos torturados, retorcidos, congestos, para as idéias simples e leves como a água dos corregos no seio da mata virgem".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A Ordem, naturalmente, reage prontamente contra este artigo, contra o seu estilo pejorativo e não muito caridoso. Refuta-o dizendo que não se trata de desprezo do "Goffiné",[9] mas dentro de uma justa hierarquia de valores, de busca de maior divulgação do Missal; não se trata de eliminação do chamado *Primeiro Catecismo*, mas sim de procurar *dar vida* (reformar) a um tipo de catecismo árido, formado de secas perguntas e respostas.[10]

Tristão de Athayde (A. Amoroso Lima) fala da existência de "muita incompreensão e muito preconceito" em torno do Movimento Litúrgico. Diz que "há mesmo quem fale em 'abuso da liturgia' entre nós, quando o verdadeiro problema é o de seu uso generalizado e coordenado ainda tão escasso e defeituoso".[11]

Já acenamos anteriormente para a existência de uma espécie de campanha para levar o Concílio Plenário Brasileiro a proibir a Missa dialogada.[12]

A Missa *versus populum* ou o uso de paramentos largos e outros usos constituíam no início verdadeiros tabus, surgindo também em torno deste assunto muitos conflitos.[13]

E assim por diante. Não resta dúvida que o Movimento Litúrgico, já desde o início de sua implantação no Brasil, teve que enfrentar controvérsias e críticas. Como testemunha o Pe. O. Machado: "Muitos católicos, julgando-o 'uma novidade' acolheram-no com fervor. Outros, tradicionalmente conservadores, receberam-no com frieza e com reservas, não poupando para os 'liturgistas' críticas às vezes acerbas e injustas".[14] Também o Pe. A. Negromonte falou da estranheza e dos adversários que o Movimento Litúrgico despertou no Brasil, tendo mesmo havido desentendimentos pouco edificantes em discussões litúrgicas.[15]

E as polêmicas, como ainda veremos, continuaram.

II. Controvérsias litúrgicas entre o Órgão Oficial das Congregações Marianas do Brasil e a revista do Centro D. Vital

A partir de abril de 1942 abriu-se uma interessante polêmica entre a revista mariana *Estrela do Mar* (Órgão Oficial das Congregações Marianas do Brasil, com sede no Rio de Janeiro) e a revista *A Ordem* (do Centro Dom Vital), polêmica esta que nos dá uma primeira visão bastante boa da problemática em torno do Movimento Litúrgico no Brasil.

9. "GOFFINÉ, autor de um livro de piedade em que eram dadas explicações da missa na base da 'devoção moderna' do século XV, inaceitáveis por quem tenha algum conhecimento da verdadeira natureza da liturgia. Na gíria do Movimento designava expressões de arte ou de piedade piegas" (ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências. ", in: BOTTE, B. O.S.B., *op. cit.*, 217, nota 2). Outras melhores informações sobre Goffiné, bastante lido no Brasil, encontram-se em AL, P., O. Prem., *Leonhard Goffiné (1648-1719), sein Leben, seine Zeit und seine Schriften* (= Dissertatio ad Lauream in Facultate Historiae Pontificiae Universitatis Gregorianae), Averbode 1969.

10. "Um artigo de 'Vozes'", *A Ordem* 21 (maio 1939), 512-514.

11. TRISTÃO DE ATHAYDE, "Liturgia", *art. cit.*, 184.

12. Cf. supra, p. 70-71.

13. Cf. supra, p. 118, nota 292; relembramos a proibição do uso feita pelo Episcopado Paulista, na Circular de 27-11-1941 (cf. supra, p. 143, nota 142); cf. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências. ", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 220; NABUCO, J., "A Forma das Vestes Sagradas", *REB* 5 (1945), 508, nota 1.

14. MACHADO, O., "Curso de Liturgia", *O Diário* 10-9-1939, 5.

15. NEGROMONTE, A., "Movimento Litúrgico", *art. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Tudo começou quando *Estrela do Mar* publicou uma carta-consulta de um congregado mariano de São Paulo, assinada com as iniciais P. L. Nesta carta, P. L. queixa-se amargamente de três rapazes, congregados, que vieram de outro Estado implantar desordem na sua Congregação, com idéias e atitudes revolucionárias a propósito de Liturgia, pretendendo impor à Congregação uma série de idéias, terminologias e ações litúrgicas novas trazidas do Estado de onde teriam vindo. Numa palavra, com suas idéias e novas exigências litúrgicas que pretendiam impor, perturbaram a paz da Congregação. [16]

O consultor, [17] respondendo, dá "toda a razão" ao consulente. E, após falar da importância da Liturgia e da real necessidade de se promover o conhecimento sempre maior da mesma, [18] adverte que, com isso:

> "Não é lícito concluir que SOMENTE E EXCLUSIVAMENTE a liturgia forma, alimenta e exprime nossa piedade cristã e nossa vida sobrenatural. Menos ainda se pode concluir numa condenação formal, numa rejeição sistemática de tudo o que não é liturgia". [19]

Além disso, responde energicamente que,

> "a verdadeira liturgia. nada tem de comum com os exageros exóticos e com as ridículas esquisitices de um 'liturgismo' fanático, exclusivista, pedante e absurdo, que pretende transformar nossas igrejas em salas insípidas, nossa linguagem ascética numa enfiada de charadas estereotipadas e nossa vida cristã exclusivamente numa sucessão de missas dialogadas num ambiente 'fortíssimo' de sugestão vaga e sem sentido". [20]

Resultado: A atitude dos três recém-chegados congregados, portanto, é exagerada e unilateral, falsa e inadmissível, herética. E conclui:

16. Eis o texto da carta-consulta: "Na minha Congregação deu-se ultimamente um fato que perturbou bastante a paz e o bom espírito que nela sempre reinaram. Foi o seguinte: no mês de Agosto do ano passado recebemos na Congregação três Congregados vindos de outro Estado, com carta de transferência. Desde os primeiros dias iniciaram uma verdadeira campanha, insistente, persuasiva, perseverante no sentido de a Congregação entrar plenamente no 'movimento litúrgico'; como eles diziam, pretendendo que a liturgia devia ser o único assunto de formação e a atividade exclusiva da Congregação: nas nossa reuniões só se devia tratar de liturgia. Quizeram além disto impor a Missa dialogada, o altar colocado no melo da igreja (uma simples mesa com as toalhas e os castiçais), o celebrante voltado para a assistência; pediram para que se não rezassem as orações no fim da Missa e para os que quizessem comungar levassem em procissão ao altar cada um sua particula, na hora do Ofertório. Insurgiram-se também contra a reza do terço e do ofício de Nossa Senhora, dizendo que os Congregados deviam em lugar deles cantar Vésperas e Completas. Quando se chegou a tratar da organização do Retiro fechado do Carnaval, insistiram para que fosse feito sob a forma de palestras litúrgicas seguidas de círculos de estudo, com jogos e recreios, suprimindo-se a Via Sacra, a reza do Terço, o Exame de Consciência... e pedindo finalmente que o pregador não falasse nem do Inferno nem do pecado, nem da luta contra as paixões, nem das virtudes 'passivas'. (Criticaram aliás fortemente o retiro feito durante o carnaval, alegando que a Quaresma é o verdadeiro retiro da Igreja conforme a Liturgia). Pretenderam também substituir o crucifixo comum da nossa sala de reuniões por um crucifixo com a imagem de Cristo vestida e coroada com um diadema real. O sr. não imagina a confusão e o desnorteamento que estas idéias e atitudes provocaram entre os Congregados (formando-se logo dois partidos, igualmente decididos e igualmente extremistas), confusão e desnorteamento aumentados pelos termos, expressões e linguagem usados por esses novos elementos: falam continuamente em 'sacralizar' a vida; em viver num 'ambiente fortíssimo'; no 'plano escatológico' e 'pneumático'; na 'exinanitio'; na 'phase'; no 'Canon actionis'; e muito especialmente e continuamente na 'VIDA', 'total', 'sacramentalizada', 'fortíssima'. . Muito lhe agradeceria uma palavra de orientação afim de fazer voltar a paz à Congregação, mantendo-a ao mesmo tempo dentro dos genuinos princípios e do genuino espírito da Igreja" (*Estrela do Mar* nº 386 (abril 1942) 100).

17. Trata-se do jesuita Pe. Cesar Dainese, Assistente Nacional das Congregações Marianas.

18. *Estrela do Mar, op. cit.*, 101-102: "A liturgia é. . uma coisa santa, sagrada, augusta, que todos nós devemos respeitar e amar filialmente. Mais: como membros que somos da Igreja, devemos tomar parte e tomar parte consciente neste culto oficial e nesta profissão pública de nossa crença. Daqui o dever que a todos incumbe de conhecer sempre melhor a liturgia. De um modo particular devemos familiarizar-nos com a liturgia da Missa e dos Sacramentos, aquela a fonte, estes os canais da graça. Muito louvável portanto o empenho em difundir o Missal, dilatando e aprofundando seu conhecimento e seu uso; dignos dos maiores aplausos os círculos de estudos, as palestras, as explicações da Missa e do Sacramentos. . ".

19. *Ibid.*, 102.

20. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Infelizmente, ...as idéias e as atitudes desses três Congregados se vão generalizando, irradiando e firmando sempre mais, sobretudo em certos setores católicos, constituindo um perigo alarmante para as almas, porque desnorteiam as inteligências, deformam as consciências e desfiguram as verdades mais sagradas e mais fundamentais da nossa fé, além de avolumar a confusão dos espíritos e fomentar a divisão dos católicos, nesta hora tão solene e tão trágica para as responsabilidades tremendas que pesam sobre os ombros da hierarquia e de todos os fiéis".[21]

A esta consulta não demorou aparecerem reações que se desencadearam em outras sucessivas, numa longa discussão polêmica.

Em julho do mesmo ano, *Estrela do Mar* já publicava outra carta-consulta, vinda também de São Paulo, de um tal O. C., que assim expressa sua estranheza frente à consulta anterior:

"Apelo para sua lealdade e para as responsabilidades que todos nós temos, sacerdotes e leigos, diante do Cristo e da sua Igreja! Na sua resposta à primeira Consulta do fascículo de Abril da Estrela do Mar (Págs. 100 e segs.), V Ex. ataca ferozmente o 'MOVIMENTO LITÚRGICO'. Poderia citar pelo menos um teólogo moderno de nomeada, cujas opiniões, conhecidas e acatadas universalmente nos meios eclesiásticos, afinem com as opiniões expedidas por V. Ex.?".[22]

O Consultor, após rebater que "não se condena em absoluto, não se ataca, não se critica o 'movimento litúrgico' assim em geral",[23] passa a atender ao pedido do consulente. Isto é, cita o teólogo de sua preferência, revelando-se assim, ao mesmo tempo, a orientação seguida por *Estrela do Mar* em termos de Liturgia: o Consultor não cita um liturgista como um dos teólogos que melhor afinam com suas opiniões, mas um moralista, o jesuíta P. Artur Vermeersch, professor de Teologia Moral da Gregoriana em Roma![24]

No mesmo mês de julho aparece publicada em *A Ordem* uma carta de Nilo de O. Antunes, também de São Paulo. Aí estourou a bomba!.[25] Nesta carta, Nilo de O. Antunes faz notar que quase tudo quanto é condenado

21. *Ibid.*, 103-104. Note-se que todo o texto desta consulta foi inteiramente transcrito em *O Legionário*, porta-voz do tradicionalismo católico mariano de São Paulo, em longo artigo intitulado "Liturgismo e Pseudo-Liturgismo", elogiando a resposta dada pelo Consultor de *Estrela do Mar*, como "digna de meditação pela segurissima doutrina que contém" (cf. *O Legionário* 502, 26-4-1942, 3). Aliás, o citado texto da consulta vem aí precedido da transcrição total da Circular do Episcopado Paulista de 27-11-1941 (para o referido doc. episcopal, cf. supra, p. 142-144). Interessante lembrar também que, logo em seguida, a 31-5-1942, saiu a célebre "Instrução" do Vigário Capitular do Rio de Janeiro sobre "Práticas Litúrgicas e Práticas extra-litúrgicas" (cf. supra, p. 149-150).

22. *Estrela do Mar* nº 389 (julho 1942), 198.

23. "Isto seria uma insensatês — diz — "antes de ser um sacrilégio. Aliás, a resposta incriminada afirma e prova exuberantemente que todos os católicos têm o sagrado dever de conhecer, de amar e de praticar a Liturgia" (*loc. cit.*). Além dessa observação, propõe ainda mais duas. Primeiro: Responde à consulta não para "abrir ou alimentar polêmicas", mas simplesmente para corresponder às "boas normas da delicadeza" e ao "veemente apelo à lealdade e ao senso de responsabilidade" e, "muito especialmente", por causa dos "funestos efeitos causados pelo liturgismo exagerado, unilateral, exclusivista, ridículo e herético". Segundo: Propõe um reparo à expressão "NO Cristo" usada pelo consulente: "Fala V. S. 'NO' Cristo. Não tome a mal meu reparo, mas acho que o uso do artigo 'o' antes do nome Cristo, além de ser proibido pela gramática e pela índole da língua portuguesa, confere á expressão um sabor de familiaridade quasi desrespeitosa que nos cumpre combater. Porque não dizer simplesmente, nobremente, cristãmente: 'Nosso Senhor Jesus Cristo', ou então 'Jesus Cristo', ou mesmo 'Cristo'? Deixemos neste caso o artigo aos franceses; sigamos as leis e o espírito do nosso vernáculo! Não confundamos familiaridade com trivialidade! O Filho de Deus feito homem é certamente nosso irmão mais velho — primogenitus in multis fratribus, como diz S. Paulo —, mas não é O Cristo, ainda que seja o Ungido... Este modo de se expressar lembra um pouco o estilo comunista" (*loc. cit.*).

24. *Ibid.*, 199-200, citando em versão portuguesa um longo texto do teólogo moralista, cujo original latino pode ser encontrado em sua obra *Theologia Moralis. Principia — Responsa — Consilia*, Tomus II, De virtutum exercitatione, Università Gregoriana, Roma 1928, itens 173-174 ou p. 156-159, sobre o valor da vida litúrgico-espiritual, e os excessos a serem evitados neste campo.

25. *A Ordem* 28 (julho 1942), 88-93.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pelo Consultor de *O Legionário*,[26] aparece desenvolvido em números anteriores de *A Ordem*, sobretudo quando aí se registra a vitalidade litúrgica da Juventude Católica de Uberaba.[27] Revela-se, pois, uma divergência entre *Estrela do Mar* e *A Ordem* com a Ação Católica de Uberaba inspirada por Dom Martinho Michler e liderada por seu bispo D. Alexandre G. do Amaral. Então, Nilo de O. Antunes, "diante de acontecimentos e idéias tão contrastantes", como ele mesmo diz, propõe à *A Ordem* quatro perguntas: uma a respeito da ortodoxia do Consultor de *O Legionário* (ou melhor, de *Estrela do Mar*) a respeito do culto público e privado;[28] outra sobre a conveniência das práticas extralitúrgicas quando a Liturgia é vivida "num ambiente fortíssimo";[29] outra, com uma pontinha de ironia, pede o parecer de *A Ordem* sobre a atitude dos três congregados "perigosos e heréticos";[30] e uma quarta sobre o valor teológico-dogmático da nova terminologia usada pelo Movimento Litúrgico, classificada pelo Consultor de *Estrela do Mar* como "charadismo pedante".[31]

A Ordem responde. Em primeiro lugar, não duvida da ortodoxia do Consultor de *Estrela do Mar*.[32] E quanto à relação entre piedade litúrgica e piedade extralitúrgica, sem pretender dar uma solução ao problema, limita-se apenas a algumas considerações, expondo simplesmente o pensamento de R. Guardini a respeito.[33] Quanto à atitude dos três congregados,

26. Na verdade, trata-se da consulta publicada em *Estrela do Mar* nº 386 (abril 1942), 100ss. (sobre os três congregados revolucionários), transcrita em "Liturgismo e Pseudo-liturgismo", *O Legionário* 502, 26-4-1942, 3 (cf. supra, p. 168, nota 21). Nilo de O. Antunes se baseia nesta transcrição, e não na consulta de *Estrela do Mar*.

27. *A Ordem*, *op. cit.*, 89: "O que porem me deixa perplexo em toda essa questão é que quase tudo quanto o consultor do 'Legionário' condena, eu vi desenvolvido em números sucessivos de 'A Ordem' deste ano. Li, em janeiro, a belissima carta de Uberaba e o comentário dessa redação. Aí se lê aquela 'enfiada de charadas estereotipadas' que o semanário paulistano abomina. No resgistro de 'A Ordem' de fevereiro, li o noticiário interessante sobre a semana de estudos da Juventude Feminina Católica em Uberaba. Pois bem. Nesta semana de estudos, dirigida por D. Martinho Michler, a convite do exmo. sr. Bispo diocesano de Uberaba parece que as moças viveram também num *ambiente fortissimo* de vida litúrgica. Falou-se na *exinanitio*, na *exaltatio*, no *plano escatológico* ou *total*, no *canon actionis* e em outras coisas dessas que são *'charadas'* na redação do 'Legionário'. E — o que é mais grave — parece que até o sr. bispo, terminando a semana de estudos, exortou às jovens de A.C. que *sacralizassem* tudo quanto pudesse ser *sacralizado* e afastassem tudo quanto fosse incompatível com a dignidade do batismo, da confirmação e da eucaristia". Lembramos que os referidos textos do consulente já foram por nós abordados quando havíamos falado da semana de estudos dirigida por Dom M. Michler em Uberaba, de 11 a 16 de dezembro de 1941 (cf. supra, p. 45 e 47-48)

28. *Loc. cit.*: "É bastante ortodoxa aquela concepção do consultor do 'Legionário' sôbre a verdadeira liturgia? Haverá como ele pretende, uma oposição entre o culto público e oficial da Igreja e o culto privado e individual de cada cristão, ou este se pode considerar contido naquele, *modo emminentiori?*".

29. *Loc. cit.*: "Supondo um cristão que viva num *ambiente fortissimo* de vida litúrgica — através da Missa, dos sacramentos e da recitação de algumas horas canônicas — o sr julga que isso lhe bastaria para uma sólida vida de piedade, ou conviria aconselhar-lhe ainda — para não ser exclusivista — mais práticas extra-litúrgicas, como o terço, exame de consciência, meditação, alguns devocionários e retiros de carnaval?".

30. *Loc. cit.*: "Gostaria de saber qual o parecer de 'A Ordem' sobre o caso daqueles três congregados perigosos e *heréticos* que apareceram na Paulicéia. Não lhe parece que eles fizeram mal de querer conquistar para um *ambiente fortissimo* de *vida total* uma pacata Congregação Mariana paulistana?".

31. *Ibid.*, 89-90: "Gostaria de saber, ainda, se o emprego dessa nomenclatura que corre no movimento litúrgico é mesmo um 'charadismo pedante', como quer o Consultor do 'Legionário', ou se tem fundamento teológico-dogmático?". Num último item, Nilo de O. Antunes sugere à *A Ordem* consagrar cada número a um determinado assunto mais palpitante, a fim de ser melhor aprofundado.

32. *Ibid.*, 90: "Não nos parece que o consultor de 'Estrela do Mar' oponha o culto público ao culto privado". E acrescenta o que pensa *A Ordem* a respeito: "De qualquer maneira pensamos assim: o culto individual e o culto coletivo são igualmente dignos e significativos. A distinção entre as práticas litúrgicas e as práticas extra-litúrgicas, que tomaram tão grande incremento a partir da Idade Média, não deve ser confundida com a distinção entre a oração privada e a oração coletiva, pois que ambas estas últimas sempre existiram na Igreja... A oração privada não é uma coisa moderna, como as práticas extra-litúrgicas que conhecemos. Modernos, sim, são os métodos e os sistemas propostos para a sua consecução".

33. Isto é, entre outras coisas diz que "na liturgia, a luta contra o pecado ou os atos comuns da existência, o comer ou o dormir, o trabalho, como a oração, as práticas piedosas extra-litúrgicas — tudo é elevado a um plano superior, agradável aos olhos do Pai" (*ibid.*, 92; a questão é tratada por R. Guardini no seu livro *Vom Geist der Liturgie*, *op. cit.*, 1-23).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A Ordem concorda que "não procederam bem". E acrescenta, com um tom sem dúvida veladamente irônico: "As Congregações Marianas tem um fim e um sentido próprios, um estilo próprio de vida e ação que não compete a ninguém modificar".[34] Em outras palavras, são conservadoras! Quanto à terminologia nova usada pelos três congregados,[35] *A Ordem* após observar o real perigo do puro modismo exibicionista,[36] justifica o uso no caso em que "muitas expressões de uso corrente na linguagem piedosa e religiosa perderam o seu significado integral, por influência do sentimentalismo e do subjetivismo",[37] o que *Estrela do Mar* não entende ou não quer entender.

Há uma divergência entre o Órgão Oficial das Congregações Marianas e a revista do Centro Dom Vital. Isto fica patente em uma seguinte consulta publicada por *Estrela do Mar*. *A carta* desta vez vem de Minas. Assinada com as iniciais J. S. V., diz:

> "Fiquei sumamente surpreendido ao verificar que a Revista A ORDEM, orientada pelos Jesuitas (pois o censor eclesiástico dela é um ilustre Padre da Companhia de Jesus), diverge tão profundamente (— fascículo de Julho, págs. 92 e segs. —) da 'Estrela do Mar', dirigida pelos mesmos Padres Jesuitas, numa questão tão importante como a da Liturgia (fascículos de Abril, de Julho, de Agosto...). Afinal de contas devemos ou não devemos seguir o exemplo da 'pacata' Congregação Mariana de que se fala na Consulta?".[38]

O Consultor, em resposta, em primeiro lugar esclarece que *A Ordem* nada tem a ver com os jesuítas.[39] Em segundo lugar, mostra que em alguns pontos *A Ordem* concorda "perfeitamente" com *Estrela do Mar*.[40] Mas diverge quanto à tese geral. Diz que "a divergência jorra da definição em que se toma a palavra Liturgia" Isto é, *Estrela do Mar* segue a "definição clássica e tradicional", enquanto *A Ordem* segue o conceito de R. Guardini, discutível, e sem o "valor oracular" emprestado por "alguns dos seus incondicionais admiradores.[41] Numa palavra, o Consultor não admite a asser-

34. *A Ordem, op. cit.*, 92.

35. Para melhor localização, repetimos um trecho da consulta de P. L. a *Estrela do Mar:* "falam continuamente em 'sacralizar' a vida; em viver num 'ambiente fortíssimo', no 'plano escatológico' e 'pneumático'; na 'exinanitio'; na 'phase'; no 'Canon actionis'; e muito especialmente e continuamente na 'VIDA' 'total', 'sacramentalizada', 'fortíssima'..." (cf. supra, p. 167, nota 16).

36. *A Ordem, op. cit.*, 92: "Quanto a isto temos uma observação preliminar. O emprego de termos novos e inéditos pode degenerar em pura moda, puro exibicionismo mais ou menos ingênuos. Tornam-se expressões vazias, mera repetição de fórmulas cujo conteúdo se desconhece".

37. *Loc. cit.* E explica: "Assim, quando se fala em 'espiritual', ninguem pensa mais no Espirito Santo, mas em algo vazio e etéreo, que tanto se pode referir à literatura sentimentalista como ao espiritismo. Daí a necessidade de restaurar certas expressões capazes de restituir às coisas o seu significado profundo. São desse gênero a maioria dos termos incriminados: sacralidade, vida total, fortíssima, sacramentalizada. E quem ousaria negar a realidade extraordinária que existe atrás dessas palavras aparentemente ocas e pedantes?" (*ibid.*, 92-93).

Passa então a apresentar brevemente a teologia que está por trás das palavras "escatológico", "pneumático" e "exinanitio" (*ibid.*, 93-94), dando este desfecho: "Cremos com isto ter apontado o fundamento teológico-dogmático daquilo que 'Estrela do Mar' denominou 'charadas estereotipadas'" (*ibid.*, 94).

38. *Estrela do Mar* nº 392 (set. 1942), 286.

39. *Loc. cit.*: "A revista *A Ordem* não é orientada pelos Padres Jesuitas. Nenhum Padre da Companhia de Jesus é censor eclesiástico de *A Ordem;* nem consta que a revista tenha algum censor eclesiástico"

40. *Loc. cit.*: "*A Ordem* concorda perfeitamente com a 'Estrela do Mar' num ponto essencial e fundamental, a saber que a Liturgia é uma coisa santa e sagrada, que todos os fieis têm obrigação de venerar, de conhecer e de praticar. Concorda tambem em condenar a atitude revolucionária dos tais Congregados 'liturgistas' e em reconhecer que o 'emprego de termos novos e inéditos pode degenerar em pura moda, puro exibicionismo, mais ou menos ingênuo'. (Esta judiciosa ponderação traz-nos á lembrança a seguinte frase lida dias atráz num Boletim de certo núcleo de J. F. C.: 'Na grande sêde da Parusia última, já vivemos o triunfo do cortejo escatológico')".

41. *Ibid.*, 286-287: "Segundo sua definição clássica e tradicional, a Liturgia é o culto público e oficial que a Igreja presta a Deus. Para a ORDEM, a Liturgia é evidentemente algo mais vasto, mais amplo, mais transcendental: ela exprime *'a atitude espiritual universal'*; eleva a um *'plano superior'* todas as nossas atividades sobrenaturalizadas pela graça e envolve *'os atos comuns da existência, o comer ou dormir, o trabalho como a oração, as práticas extra-litúrgicas'*. Este conceito de

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ção de que "na religião a atitude espiritual universal realiza-se na liturgia", e que as práticas extralitúrgicas e o método de S. Inácio estão num "plano inferior".[42] E conclui: "Evidentemente há aqui uma desafinação indisfarçável entre o ensino da Igreja e a tese defendida pela ORDEM".[43] Igualmente quanto às explicações dadas por *A Ordem* a certos termos e expressões qualificadas anteriormente de "charadas estereotipadas" por *Estrela do Mar*, o Consultor não se convence. Para ele *A Ordem* generaliza demais. E até mesmo a ridiculariza.[44]

E a polêmica continua. Em novembro/dezembro de 1942, *A Ordem* publica, na secção "Correspondência", uma *Nota* especial,[45] tentando esclarecer e refutar algumas objeções e até ironizações e ridicularizações contra suas respostas à carta de Nilo de O. Antunes, especialmente no que diz respeito ao uso do pensamento de R. Guardini para explicar a questão das práticas litúrgicas e extralitúrgicas e quanto à explicação das ditas "charadas estereotipadas".[46] Numa palavra, quem se sente atacada é a própria *A Ordem*. E se se redige esta *Nota*, buscando esclarecer alguns pontos que não ficaram claros e precisos, não é em atenção aos "adversários" mas a "algumas almas sinceras, sequiosas de justiça e de verdade".[47] Quanto a Guardini, confessa que jamais *A Ordem* o encarou como "autoridade incontestável".[48] Quanto às práticas litúrgicas e extralitúrgicas, reafirma que "a Liturgia é 'actio sacra praecellenter', e que as práticas extralitúrgicas são hoje patrimônio de todos os fiéis, são práticas universais, em grau muito inferior ao da Liturgia, é evidente". E acrescenta, objetando às críticas do Consultor de *Estrela do Mar*: "Simplesmente este esqueceu-se de uma distinção muito simples: as práticas extralitúrgicas não vêm aperfeiçoar a liturgia, mas vêm constituir um benefício para a fraqueza de nossa

Liturgia é o de Romano Guardini, citado expressamente pela ORDEM. Ora convém antes de tudo frizar que Romano Guardini não tem o valor oracular que entre nós lhe emprestam alguns dos seus incondicionais admiradores, e discípulos. Não poucas das suas premissas são pelo menos discutíveis; não podem portanto ser alegadas como axiomas ou provas apodícticas".

42. *Ibid.*, 287.

43. *Ibid.*, 287-288.

44. *Ibid.*, 288: "Antes de tudo, não se pode aceitar integralmente a asserção seguinte: 'quando se fala em espiritual, ninguem pensa mais no Espirito Santo, mas em algo de vago e etéreo, que tanto se pode referir á literatura sentimental como ao espiritismo'. Será isto exato? As generalizações são sempre perigosas... De resto si é verdade que NINGUEM pensa no Espirito Santo quando ouve a palavra espiritual, em que coisa pensam TODOS indistintamente ao ouvir a palavra 'pneumático'? Todos os que estudaram grego e fizeram o curso de teologia estão muito familiarizados com o termo 'escatológico' e outros que tais da lingua grega, mesmo sem recorrer ao Dictionaire de théologie catholique Não cremos porem que os termos vernáculos correspondentes estejam tão gastos que seja necessário lançar mão das palavras gregas só conhecidas dos estudiosos e ignorados pela imensa maioria do povo. Também a confissão e comunhão são termos muito gastos: no entanto qual é o Padre que vai falar aos fiéis em exomologese e em sinaxe? Deste modo, acabaremos falando grego e não mais português".

45. *A Ordem* 28 (nov. dez. 1942), 566-570.

46. *Ibid.*, 566: "Fomos informados de que nossa resposta ao sr. Nilo de O. Antunes foi julgada por alguns prudentes em excesso, por outros pouco clara e imprecisa. Apresentaram várias objeções. De um lado, impugnaram o apelo feito em certo ponto a uma exposição de Guardini, autor que o critico considera insuficiente na questão da piedade popular em face da liturgia. De outro lado puzeram em dúvida algumas de nossas afirmativas. Atribuiram-nos um acatamento incondicional das idéias de Guardini. Ironizaram nossa citação do 'Dictionaire de Théologie Catholique', afirmando que não era preciso tanta coisa. Ridicularizaram nossa resposta dizendo que defendemos o emprego de 'pneumático' por espiritual, por que então não usar 'exomologese' e 'sinaxe' por confissão e comunhão, porque não dizer 'cal'iméra' (sic) em vez do já gasto bom-dia". Não diz de onde vêm as ironizações e ridicularizações. Mas, pelo estilo, vêm de *Estrela do Mar!* (cf. supra, nota 44).

47. *A Ordem*, *op. cit.*, 566-567.

48. *Ibid.*, 567-568: "Quanto a Guardini, não afirmamos em nossa resposta ser ele para nós autoridade incontestável, satisfazendo de modo pleno na questão da piedade moderna. Nossa opinião é justamente outra. Ao afirmar que não se deve opor os dois tipos de piedade, mas uni-los, dizendo não 'isto ou aquilo' mas 'isto e aquilo', Guardini não frisa com suficiência a hierarquia de valores nem as características peculiares da piedade moderna: tendência ao subjetivismo, ao psicologismo, ao sentimentalismo"

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

mentalidade de modernos",[49] sem que com isso haja também uma oposição radical entre o "litúrgico" e o "extralitúrgico". Apenas quis-se frisar que "o núcleo de nossa vida de piedade não são as práticas extralitúrgicas mas o culto oficial, a missa, os sacramentos e sacramentais, a oração canônica. E que este núcleo eleva todas as nossas atividades periféricas, inclusive aquelas práticas universais".[50] Quanto à questão da nova terminologia ridicularizada por *Estrela do Mar*,[51] *A Ordem* contesta:

> "A sugestão a propósito do uso de termos derivados do grego não passa de um equívoco elementar. Confissão, comunhão, são expressões de uso quotidiano, mas não deturpado, como acontece com 'espiritual'. Nosso adversário confunde as duas coisas e procura ridicularizar-nos. Pouco importa. A ninguem mais que nós repugna o emprego de termos de uso menos corrente. Mas se algum dia o significado de confissão e comunhão se deturpasse, então seria a ocasião de recorrer a exomologese e sinaxe. Pois prezamos muito a sobriedade e a elegância literária, mas prezamos ainda mais a verdade e a justeza dos conceitos".[52]

Não demora muito, e aparece outra carta publicada em *Estrela do Mar*, de novo vinda de São Paulo, da parte de J. S. B.:

> "Apezar de me conservar à margem do movimento mariano, sigo com interesse e simpatia o desenvolvimento das Congregações Marianas em nossa terra. Acho que este desenvolvimento é inegavelmente notável e consolador. Fico porém penalizado ao vêr que essa conceituada revista, Orgão OFICIAL das Congregações Marianas, tomou uma atitude hostil ou pelos menos desconfiada e pouco favorável em face do maravilhoso movimento litúrgico e da 'INSUBSTITUIVEL' (o adjetivo é de Pio XI) Ação Católica, que são as duas forças mais pujantes de renovação cristã dos nossos dias. Não seria util (pessoalmente julgo que é até necessário) que a ESTRELA DO MAR definisse claramente sua posição, afim de dissipar os lamentáveis equívocos que perturbam a opinião católica?".[53]

Em resposta, o Consultor reafirma que o combate de *Estrela do Mar* não se alinha contra o Movimento Litúrgico. Pelo contrário, incentiva a promoção dos ideais do Movimento Litúrgico, porém dentro dos "princípios da genuína ortodoxia católica". O que se combate não é o Movimento Litúrgico, mas os abusos que se verificam em certos setores do Movimento Litúrgico e da Ação Católica. Esta é a posição de *Estrela do Mar*: combater tudo o que não vai conforme as ordens e a doutrina da Igreja.[54] Quais seriam, no entanto, os abusos verificados? O Consultor, para comprovar sua existência e seu perigo, os ilustra com alguns tópicos de uma carta "muito significativa" de um "zeloso sacerdote" lamentando-se de uma série de "abusos", "inovações", "erros e heresias" litúrgicas que alguns tentam

49. *Ibid.*, 568.
50. *Ibid.*, 569.
51. Cf. supra, p. 171, nota 44.
52. *A Ordem*, *op. cit.*, 569-570.
53. *Estrela do Mar* nº 395 (jan. fev. 1943), 38.
54. *Loc. cit.*: "A sagrada Liturgia merece toda a nossa veneração, todo o nosso entusiasmo, todo o nosso apoio e amor. Estudemos pois diligentemente a Liturgia; tomemos parte ativa e inteligente nas funções litúrgicas. Esta foi sempre nossa atitude e nossa posição diante da A.C. e do movimento litúrgico. Esta posição e esta atitude não são definidas por nós mas pelos principios da genuina ortodoxia católica, do verdadeiro sentire cum Ecclesia. Por isso mesmo, ao verificar que erros perniciosos e abusos perigosíssimos se iam infiltrando em certos setores do movimento litúrgico e da A. C., desviando-os do caminho traçado pela Igreja, entendemos que era obrigação nossa apontar estes erros e estes abusos com a mesma lealdade e com a mesma firmeza com que defendemos a verdade católica e a vontade da Igreja. Foi o que fizemos. Estamos convencidos de ter cumprido um dever ineludível, posto que desagradavel e penoso. Os erros e os abusos apontados pela *Estrela do Mar* não só existem, mas além disto são tanto mais perigosos e prejudiciais quanto mais uniformes e generalizados. É o que mais preocupa todo aquele que tem verdadeiro amor à santa Igreja, à sua doutrina, aos seus principios e ao seu espírito".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

introduzir na Igreja. Em resumo, seria do exclusivismo litúrgico com o conseqüente desprezo das práticas extralitúrgicas que se queixa o piedoso pároco do "interior de um dos nossos Estados do Centro".[55] A carta é realmente significativa, e ilustra muito bem a posição apologética de *Estrela do Mar* em defesa da "ortodoxia católica" contra as "heresias" litúrgicas.

Enfim, em março de 1943, *Estrela do Mar* publica mais uma carta do consulente A. A. Q., de São Paulo, que diz:

> "No fascículo de Dezembro da Revista 'A Ordem', a Secção intitulada 'Correspondência' traz uma réplica à Estrela do Mar confesso-lhe que não entendo bem o que 'A Ordem' quer dizer. Não seria bom tratar a fundo toda a questão da liturgia na espiritualidade católica, esclarecendo os diversos aspectos do problema?".[56]

De sua parte, o Consultor de *Estrela do Mar* dá este desfecho:

> "Console-se que também eu não entendi e pode estar certo que não somos os únicos [...] A ORDEM adota uma definição nova de liturgia, que não é mais a definição *oficial* e *tradicional* da Igreja. Sigamos a Igreja, meu bom Consulente; sigamos, como Ela própria nos manda no seu Código de Direito Canônico (Canon 129)... evitando essas novidades exquisitas e as *charadas estereotipadas*, mais exquisitas ainda, dos que acham que se deve falar grego e não mais português... Quanto ao tratar a fundo toda a questão, acho isto perfeitamente inútil: o assunto já foi bem esclarecido. Continuar a repisar as mesmas cousas a refutar os mesmos erros, a apontar as mesmas extravagâncias, só teria uma finalidade: — alimentar uma polêmica totalmente infrutífera e prejudicial" [57]

Assim, desta maneira, o Órgão Oficial das Congregações Marianas se fecha definitivamente para a discussão polêmica com a revista do Centro Dom Vital em torno das novidades que o Movimento Litúrgico vinha tra-

55. *Ibid.*, 39. Vale a pena reproduzirmos na íntegra o texto da carta, publicado por *Estrela do Mar*: "Venho por meio desta carta felicitar a todos os Revdmos Snrs. Padres Jesuitas pelos sábios artigos da *Estrela do Mar* e pela campanha em prol da ortodoxia católica, contra os erros e heresias que alguns querem introduzir na Igreja.. Subscrevendo os artigos dos Revdmos. Padres Jesuitas, eis algumas observações que tenho colhido na convivência com um muito fervoroso membro da Ação Católica. a) Esses membros exaltados da A. C. só vêem na Religião a Liturgia. Por isto revoltam-se contra os Seminários, chamando-os até de escola de deformação, por não se insistir mais no ensino da Liturgia. b) Esse tal moço a que me referi, ao comungar, mastigava bem, com os dentes, a Santa Hóstia, dizendo que comemos a carne de Cristo, 'manducamus'. E ensinava aos demais que DEVEM mastigar a Hostia. Ficou furioso comigo quando lhe disse que jamais vi, em nenhum teólogo, tal teoria de se DEVER mastigar a hostia. c) Convidado esse moço, por um companheiro, para uma visita ao Santíssimo, durante o dia, ao passarem por uma igreja, respondeu negativamente, dizendo: 'Não! Já fizemos a principal visita pela manhã, na Missa e Comunhão'. Jamais foi visto este membro da A.C. em uma reza, fazendo uma visita ao Santíssimo. Parece-me que nem terço possuía... d) O tal 'sentire cum Ecclesia' é entendido por eles: 'cum Ecclesia' dos três primeiros séculos e das catacumbas. Nem se fala na devoção à Santíssima Virgem e mesmo dos Santos (só falam em S. Paulo e nos Santos Padres). Não querem se conformar e 'sentire cum Ecclesia' do século XX, da devoção à Santíssima Virgem, da devoção à Sagrada Eucaristia, como sacrifício e Sacramento permanente, da devoção ao Papa e do respeito aos Sacerdotes e vigários, da devoção ao têrço, à Via Sacra, ao Crucifixo nú e sofredor Possuem não a imagem oficial de Jesús Cristo, padecente e despido, mas de Jesus Cristo pregado na Cruz, bem vestido e glorioso... e) Perguntando a um outro da A. C., moço bom e piedoso, se reza diariamente o têrço, respondeu-me: 'Há muito que não rezo o terço, pois rezo toda a noite completas, por ser oração litúrgica e oficial da Igreja e muito superior ao têrço. '. f) Muitos sacerdotes e fieis, lendo os artigos que condenam o terço na Missa, estavam abandonando esta piedosa prática e mesmo fazendo campanha contra o terço.. É pois urgente, Revdmo. Sr. Padre, acatando, prestigiando, defendendo, propagando e favorecendo a Ação Católica, como é desejo e preceito da Igreja, é urgente, digo, abrir uma prudente, sábia e enérgica campanha em prol da verdadeira ortodoxia católica, contra os abusos e as inovações opostas ao 'sentire cum Ecclesia' Se nos descuidarmos, muitos embora bem intencionados agora, cairão na heresia formal. Comenta o Consultor, no fim: "Esta é uma das muitas cartas que recebemos dos mais diversos pontos do Brasil, cartas que refletem os mesmos receios justíssimos diante dos mesmos perigos e dos mesmos desvios que se repetem com uma uniformidade realmente alarmante!" *(loc. cit.)*.

56. *Estrela do Mar* nº 396 (março 1943), 64. Refere-se à *Nota* especial publicada em *A Ordem* 28 (nov. dez. 1942), 566-570 (cf. supra, p. 171-172).

57. *Estrela do Mar*, *op. cit.*, 64.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

zendo, apesar de que n'*A Ordem* mesma ainda prosseguiu a discussão em torno da piedade."[58]

Agora, depois destas discussões todas, poderíamos propor algumas observações críticas. Em primeiro lugar, pelos dados expostos por *Estrela do Mar*, deduz-se facilmente que deve ter havido abusos e exageros por parte de simpatizantes do Movimento Litúrgico. Porém, o limite até que ponto se chegou no exclusivismo litúrgico, é difícil comprová-lo. Pois pode ser que as cartas, sobretudo a de P. L. e a do pároco, também tenham exagerado. Sobre isso parece que *Estrela do Mar* nem se perguntou. Em todo caso, algum abuso, ou, pelo menos, imprudência por parte dos liturgistas, deve ter havido. Isso a revista deixa transparecer.

No entanto, é difícil condividir com o estilo usado por *Estrela do Mar* na abordagem das questões. Sintomático, por exemplo, o aparecimento de três cartas manifestando estranheza pelo comportamento negativo da revista frente ao Movimento Litúrgico. Na verdade, a nosso ver, *Estrela do Mar* usou uma linguagem pouco prudente, demais polêmica, beirando até mesmo à falta de cortesia ao censurar os abusos. Ora, um estilo assim poderia criar facilmente um clima de suspeita para com o Movimento Litúrgico. Na verdade, uma das cartas mesmo protesta: "V. Ex. ataca ferozmente o 'MOVIMENTO LITÚRGICO'".[59]

Estrela do Mar diz que não ataca o Movimento Litúrgico. Mas de nossa parte diremos que também não fez grande campanha para promovê-lo."[60] Sua grande campanha litúrgica limita-se em condenar os abusos e "heresias", em defesa da "ortodoxia católica"

Mas apesar de tudo isto, dois pontos muito positivos podem ser ressaltados. Primeiro, chamou a atenção para o perigo do exclusivismo litúr-

58. Por exemplo, o Pe. Carlos Ortiz diverge do Consultor desta revista no que diz respeito à necessidade das práticas extralitúrgicas (cf. *A Ordem* 29 (março 1943), 277-278). Acha que seria avançar demais concluir que tais práticas sejam necessárias para tornar um sacerdote mais santo ou um cristão mais perfeito. Se assim fosse, teríamos de aceitar esta conclusão inaceitável: "A Sagrada Liturgia... tornou-se insuficiente e incapaz de santificar o homem ativista e reflexivista dos tempos modernos" (*ibid.*, 278). Pedro Alves Siqueira, em resposta às observações do Pe. Ortiz, acha que o problema não está nas práticas extralitúrgicas, mas "na ignorância religiosa que pode levá-las facilmente "para o sentimentalismo e para outros erros ainda mais graves", chegando-se mesmo "às práticas heréticas ou supersticiosas". Acha que "o mais acertado para o fiel é socorrer-se dos dois meios — vida litúrgica e extra-litúrgica ao mesmo tempo". Assim, talvez, se poderá satisfazer a todos, pondo "um ponto final a essa tão debatida questão" (*A Ordem* 29 (maio 1943), 460-461.

O dominicano Frei Raimundo M. Cintra acha que as conclusões do Pe. Ortiz "parecem excessivas" (cf. *A Ordem* 30 (julho 1943), 91-93). Por exemplo, quanto "a nos 'desprendermos pouco a pouco das práticas destinadas a alimentar nossa fraqueza de modernos', devemos distinguir: 1 — Desprendermo-nos da fraqueza moderna, ou do que com ela pactua no domínio das práticas religiosas (sentimentalismo exagerado, superstição, formalismo, multiplicação excessiva de devoções acessórias), sem dúvida alguma; 2 — desprendermo-nos dos elementos legitimamente incorporados pelo desenvolvimento homogêneo da vida cristã através dos séculos e sancionados pela recomendação do magistério ordinário da Igreja, de modo algum" (*ibid.*, 91). Quanto à questão "de saber *se as práticas extra-litúrgicas são necessárias ou não para tornar o cristão mais perfeito*", Frei Raimundo dá seu parecer positivo. São necessárias no sentido de serem "úteis para tornar o cristão mais perfeito" (*ibid.*, 92). Além disso, quanto ao admitir que as práticas extralitúrgicas signifiquem uma afirmação da insuficiência da Liturgia, também é inadmissível, "pois nunca foi intenção da Igreja afirmar que a oração litúrgica é a única forma de orar". E conclui: "Não há, pois, oposição entre oração litúrgica e não-litúrgica. Ambas — cada qual no lugar que lhe compete — serão a expressão do fervor da caridade, que é a medida da perfeição espiritual ou da santificação do cristão" (*ibid.*, 92-93).

59. Cf. supra, p. 167, nota 16, e p. 173, nota 55.

60. *Estrela do Mar* nº 389 (julho 1942), 198; ou supra, p. 168, 170, 172.

61. Como promoção propriamente dita, constatamos apenas um temário sobre "A Eucaristia na vida mariana" proposto para as reuniões de abril de 1940 (cf. *Estrela do Mar* nº 364 (março 1940), 50-53; cf. supra, p. 102, com a nota 195)). Citaríamos a publicação da "Instrução" do Vigário Capitular do Rio de Janeiro sobre "Vida Litúrgica e Práticas Extra-litúrgicas", de 31-5-1942, que a revista chama de "precioso documento", e que "vale por tôdas as respostas" que porventura a revista esteja devendo aos seus consulentes (*Estrela do Mar* nº 399 (junho 1942), 135-136).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

gico, sobretudo em matéria de piedade litúrgica. Segundo, provocou discussão e, com a discussão, obrigou *A Ordem* à reflexão, ao aprofundamento das questões, à melhor precisão teológica.

Quanto a *A Ordem*, cumpre-nos afirmar que não foi também suficientemente prudente e cauta. Poderia ter sido mais esperta. Faltou-lhe um pouco de diplomacia. Isto é, para medir-se com a "ortodoxia" da *Estrela do Mar* em matéria de piedade, teve a infelicidade metodológica de servir-se de R. Guardini para discutir o problema da piedade, quando para o adversário o que valia era a voz do Papa!...

Além disso, não primou por grande clareza ao apresentar seu ponto de vista em torno do problema da piedade. Tanto é que a discussão, depois, se prolongou dentro da própria revista.[62]

Positivamente, *A Ordem* se apresenta bem mais serena na discussão, na exposição de seus pontos de vista, comparando com *Estrela do Mar*. Sua posição não é tanto de defesa nem de ataque, mas de disposição para a discussão, para o aprofundamento, para o estudo. Ela poderia, por exemplo, responder com a mesma moeda aos ataques "ferozes" de *Estrela do Mar*. Não o fez. Manteve-se calma, mais pendente ao diálogo do que à polêmica. Testemunha assim, na prática, um dos sentidos do Movimento Litúrgico implantado no Brasil: o superamento da mera apologética para um sentido vital da Liturgia.

III. "Em defesa da Ação Católica", contra o Movimento Litúrgico

Sob pretexto de defender o Movimento Litúrgico e a Ação Católica da infiltração de perniciosos erros litúrgicos, é que *Estrela do Mar* polemizou com a revista do Centro D. Vital.[63] Ora, esta posição da citada revista mariana e o estilo que ela usou, certamente influenciou e apoiou o grupo católico conservador de São Paulo.[64] Assim, quase contemporaneamente, Plinio Corrêa de Oliveira publicou um discutido livro intitulado *Em defesa da Ação Católica* que, na realidade, como diz D. Isnard, "era uma terrível catilinária contra a Ação Católica e o Movimento Litúrgico".[65]

62. Cf. supra, p. 174, nota 58.

63. Cf. *Estrela do Mar* nº 395 (jan. fev. 1943), 38; ou supra, p. 172, nota 54.

64. "Em São Paulo, o movimento mariano era muito forte, e dispunha de um órgão, *O Legionário*, jornal semanal, bem redigido e de grande irradiação. Quem orientava o jornal era o Dr. Plinio Correia de Oliveira, atual chefe da TFP (Tradição, Família e Propriedade). O atual bispo de Campos, D. Antônio de Castro Mayer, era Vigário Geral para a Ação Católica, e o pe. Geraldo de Proença Sigaud, SVD, era assistente eclesiástico da Juventude Feminina. O Arcebispo D. José Gaspar, sem ter ligações com o movimento litúrgico, andava bem preocupado com a atuação deste grupo que prenunciava o movimento mais tarde denominado 'integrista'. Composto de pessoas que se entendiam muito bem entre si, o grupo representava uma espécie de ponta de lança contra o movimento litúrgico. Quem quisesse sofrer, que esperasse a edição semanal de *O Legionário*, onde podia sempre encontrar artigos contra o Movimento e suas manifestações, contra Maritain, contra os 'desvios' da Ação Católica, etc. " (ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 221).

65. *Loc. cit.* A obra foi publicada pela "Ave Maria" em São Paulo, em 1943. Continua D. Isnard: "O pior é que o livro trazia um prefácio do Núncio Apostólico, D. Bento Aloisi Masella. Contou-me D. Paulo Marcondes Pedrosa O.S.B., de São Paulo, como foi obtido esse prefácio: o Núncio não lera o livro, não tomara conhecimento de seu conteúdo e agira confiando no *Imprimatur* dado por Mons. Castro Mayer" *(loc. cit.)*. Note-se que o *Imprimatur* não foi dado pelo Arcebispo D. José Gaspar diretamente, mas, "de mandato Ecmi. ac Revmi DD. Archiepiscopi Metropolitani", foi dado por Mons. Castro Mayer, com data de 25-3-1943! (cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, P., *op. cit.*, 4). Outro fato significativo: Quem redigiu o texto do Prefácio também não foi o Núncio, mas o Pe. Cesar Dainese, S. J., de *Estrela do Mar*! O Núncio apenas assinou! (Informação que nos vem diretamente do redator do texto do Prefácio). Algum tempo após, é anexada à edição as "aprovações e encômios" (cartas elogiosas) de pelo menos 23 Bispos, dos quais, exceto um, não consta que tenham feito grande

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Vejamos o que diz o livro. Naturalmente, restringimo-nos ao que nos interessa: o problema em torno do Movimento Litúrgico. Interessam-nos os erros do chamado "pseudoliturgismo" infiltrados em certos grupos de Ação Católica, aduzidos e condenados pelo Dr. Plinio Corrêa de Oliveira.

Fundamentalmente, o livro incrimina o fato de que, apoiando-se em "uma declaração verbal" de Pio X,[65] "afirma-se, sustenta-se, propaga-se" que a vida litúrgica bem praticada pelos membros da Ação Católica os imuniza dos perigos da sedução natural para o mal e das tentações diabólicas. Conseqüentemente, não haveria mais necessidade, neste caso, de o homem colaborar com a graça de Deus. Daí, desta concepção, vêm outras conseqüências.

Acusa o autor que, em decorrência dessa falsa concepção, "não foram poupadas censuras e ásperas críticas aos retiros espirituais, pregados segundo o método de Sto. Inácio, que foram apontados como odiosos e retrógrados". Querem simplesmente substituí-los por dias ou semanas de estudos.[66] E segue: "Também a meditação individual é concebida como mera iluminação. Êstes erros repudiam o exame de consciência, o exercício da vontade, a aplicação da sensibilidade, os chamados tesouros espirituais, a que, tudo, apontam como métodos decrépitos, torturas espirituais, etc".[67]

O método de Santo Afonso e o trabalho de seus seguidores não agrada.[68] As Ordens contemplativas são ridicularizadas.[69] São João da Cruz é colo-

campanha pelo Movimento Litúrgico (cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, P., *Em defesa da Ação Católica. Aprovações e Encômios de Autoridades Eclesiásticas*, São Paulo (s.d.), 1-20). Estranhamente, um deles, D. Hugo Bressane de Araújo, de Guaxupé (lembremo-nos do Sínodo de Guaxupé!), elogia e recomenda o livro para o clero (*ibid.*, 17).

Mais ainda: "Mais tarde, o mesmo livro, prefaciado pelo Núncio e oferecido ao Santo Padre Pio XII pelo autor, dava ocasião ao Dr. Plínio de receber uma carta da Secretaria de Estado, assinada por mons. Montini, agradecendo e abençoando. Para avaliar o alcance desta carta é bom lembrar que, poucos anos antes, um pastor protestante de Curitiba havia mandado ao Vaticano um livro provando que o Papa era o Anti-Cristo, e recebeu semelhante resposta, dando muito trabalho ao padre Leonel Franca, SJ, para explicar o equívoco. Por pouco a carta da Secretaria de Estado não era apresentada como aprovação *ex cathedra* do livro e de suas teses.. Quem viu e quem vê! Mons. Montini, cuja carta foi tão explorada, hoje Papa Paulo VI, é contestado por gente da TFP como herege ou fautor de heresias!" (ISNARD C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 221-222; a carta da Secretaria de Estado do Vaticano vem publicada em CORRÊA DE OLIVEIRA, P., *Em defesa da Ação Católica*, *op. cit.*, 5; cf. também referência em "Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno", *O Catolicismo* 31 (julho 1953), 1).

Adiantamos que a obra foi objeto de interminável discussão, como o atesta, 10 anos mais tarde, *O Catolicismo* (órgão oficial da diocese de Campos, cujo Bispo era D. Castro Mayer, líder religioso da TFP) (cf. *loc. cit.*).

66. CORRÊA DE OLIVEIRA, P., *Em defesa da Ação Católica*, *op. cit.*, 93: "não sabemos de que forma explicar a origem de certas doutrinas que sôbre Liturgia, de bôca em bôca, circulam infelizmente em alguns meios da A. C. O certo é que os apóstolos destas doutrinas alegam como base exclusiva de sua posição um só texto pontifício, isto é, uma declaração meramente verbal que o Santo Padre Pio X teria feito a interlocutores aliás dignos de todo o respeito. Essa declaração não constitue fundamento lógico para êrro algum. Aliás, é sumamente incorreto fazer uso dela". Qual seria esta declaração verbal? Infelizmente não o diz.

67. *Ibid.*, 94: "afirma-se, sustenta-se, propaga-se a bôca pequena que a prática da vida litúrgica, uma certa graça de estado própria à A. C., bem como a ação empolgante da grandeza dos ideais da A. C. fazem calar no íntimo dos membros desta, a sedução natural para o mal e as tentações diabólicas. Pretende-se, em última análise, que a participação nas funções da Sagrada Liturgia proporciona ao fiel a infusão de uma graça tão especial que, desde que êle se porte de modo meramente passivo, santificar-se-la, porque calarão no seu interior os efeitos do pecado original e as tentações diabólicas. Assim, a Sagrada Liturgia exerceria sôbre os fiéis uma ação mecânica ou mágica, de uma fecundidade tôda automática, que tornaria supérfluo todo o esforço de colaboração do homem com a graça de Deus". A tese é grave! A acusação é audaciosa!

68. *Ibid.*, 95: "Os retiros deveriam pois ser substituídos por dias ou semanas de estudos, o que facilmente se explica, já que o retiro se destina sobretudo ao adestramento da vontade no domínio das paixões, e, tornado tudo isto desnecessário, a simples iluminação das inteligências nos 'dias de estudos' e nas 'casas de estudos' é perfeitamente suficiente".

69. *Ibid.*, 95-96; cf. *ibid.*, 12-13.

70. *Ibid.*, 96: "Desagradam-se também das Missões Redentoristas, pregadas segundo o método de Santo Afonso, bem como de muitas obras dêsse autor, particularmente quanto a certos capítulos de Moral e Mariologia".

71. *Loc. cit.*: "Ridicularizam as Ordens contemplativas, por viverem, dizem êles, uma vida contemplativa mal orientada". Difícil entender esta afirmação, exatamente quando constatamos o grande surto de vocações contemplativas partidas de dentro do Movimento Litúrgico!

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

cado em descrédito e em ridículo.[72] Tudo sob pretexto de que "essas espiritualidades são eivadas não só de individualismo mas ainda de 'antropocentrismo'..., 'virtutocentrismo'".[73] E continua P. Corrêa de Oliveira: "Afirmam... que tudo isto constitue uma infiltração do individualismo protestante e do humanismo renascentista na Igreja". Enfim, "combatem os inovadores da A. C. ativamente o Rosário e a Via Sacra, devoções que exigindo o esforço da vontade, são por isso mesmo consideradas antiquadas".[74]

A origem de tais erros desencadeados, o autor a vê no

> "espírito de independência e prazer que procura libertar o homem do pêso e das lutas que o trabalho de santificação impõe. Eliminada a luta espiritual, a vida do cristão lhes parece como uma série ininterrupta de prazeres espirituais e de consolações. Por isto, os que assim pensam, evitam, e chegam a desaconselhar, a meditação dos episódios dolorosos da vida do Redentor, preferindo vê-lo sempre como vencedor cheio de glória".[75]

Ainda mais, sob pretexto de fraternidade cristã, nivelam-se sexos, idades e condições sociais.[76] Libera-se e até recomenda-se a freqüência a bailes de carnaval sob pretexto de apostolado nestes ambientes. "Vacinados contra o pecado, pelos efeitos maravilhosos da Liturgia e do mandato da A. C., pretenderiam, certos membros desta, como salamandras, instalar-se em pleno fogo, sem se queimar".[78]

São todos erros cheirando ao "modernismo" condenado pelos Papas. E "foi êste sentimento profundo de horror à mortificação que acabou por gerar a doutrina da ação mecânica e mágica da Liturgia".[80]

72. *Loc. cit.*: "Levam a ridículo as obras místicas de S. João da Cruz, que chamam de 'truque'"

73. *Loc. cit.* Isto é, tais espiritualidades "desviam de Deus os olhos, para os fitar sôbre as misérias humanas, e os combates da vida interior". Note-se: "Quem está na mira, no fundo, é também *A Ordem*, que usa idêntica linguagem àquela apontada pelo Dr. Plínio. Veja-se, por exemplo, uma recensão feita de dois livros de ascética publicados pela Vozes em 1941: *O Segredo do amor divino* e *As doze virtudes para cada mes do ano* (cf. *A Ordem* 27 (fev. 1942), 172-173). Diz a recensão, assinada por Christianus: "...são duas obras típicas de uma concepção virtuto-cêntrica da vida cristã. Como toda literatura virtuto-cêntrica, negam praticamente o primado do elemento místico-sacramental na vida cristã [...] virtuto-centrismo é toda concepção da vida de piedade para a qual a virtude, ou antes o esforço psicológico na realização da virtude é concebida como o centro da vida cristã [ ] com tendência antropocêntrica... Outra tendência bem marcante da literatura virtuto-cêntrica é um certo individualismo" *(loc. cit.)*.

74. *Em defesa da Ação Católica*, *op. cit.*, 96-97.

75. *Ibid.*, 97. E acrescenta: "Como já dissemos, recomendam expressamente ambientes impregnados de uma alegria que, tendo pretextos espirituais, entretanto se mostra sôfrega de satisfações naturais. Ensina-se aos membros da A. C., em certos círculos, que trajem exclusivamente roupas de cores claras e alegres, vestidos de feitio de adolescente, mantenham uma atitude sempre risonha, e evitem os assuntos sérios ou tristes" (*ibid.* 97-98). Assim é interpretada a experiência alegre do Mistério Pascal que certamente se experimentava pela Liturgia!...

76. *Ibid.*, 98: "Uma camaradagem completa nivela sexo, idade, condições sociais, em uma igualdade apresentada como realização da fraternidade cristã. Não espanta que desprezem e se riam de muitas das barreiras, que uma tradição cristã introduziu entre os sexos, na sociedade".

77. *Ibid.*, 99: "Ninguem ignora os múltiplos perigos, que os bailes trazem consigo. Tais bailes, entretanto, não são tolerados mas recomendados, não são recomendados, mas até impostos: os retiros espirituais durante o carnaval, são considerados uma deserção, pois que o membro da A. C. deve fazer apostolado nas festas pagãs do carnaval. Houve quem pretendesse que, indo a lugares suspeitos e escandalosos, faria apostolado, levando ali 'o Cristo'". Aliás, em fins de 1941, escrevendo "Contra as deturpações do Natal", P. Corrêa de Oliveira, advertia para a paganização contemporânea, modernista, do Natal, através de bailes, farras, etc. *(O Legionário* 480, 23-11-1941, 2).

78. *Em defesa da Ação Católica*, *op. cit.*, 99.

79. *Ibid.*, 103-106. Busca comprová-lo, citando textos pontifícios, como: de Pio X, Encíclica "Pascendi Domini Gregis", de 8-9-1907 (cf. *ASS* 40 (1907), 595); de Pio XII, Carta "Magna Equidem", de 2-8-1924), cf. *AAS* 16 (1924), 262-264); de Leão XIII, Encíclica "Tametsi Futura Prospiscientibus", de 1-11-1900 (cf. *ASS* 33 (1900-1901), 282) e Encíclica "Auspicatum Concessum", de 17-9-1882 (cf. *ASS* 15 1882), 147); de Pio XI, Carta Apostólica "Singulare Illud", de 13-6-1926 (cf. *AAS* 18 (1926), 262. Diz: "É vão, e destoa dos ensinamentos da Igreja, o propósito de ver na Sagrada Liturgia uma fonte de santificação automática, que dispensa o homem de qualquer mortificação, do esfôrço da vida interior, da luta contra o demônio e as paixões" (*Em defesa da Ação Católica*, *op. cit.*, 103).

80. *Ibid.*, 106.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Então, apoiado ainda na "doutrina da Igreja", o autor passa a refutar todos estes erros que ele chama de "erros do pseudo-liturgismo". Passa a refutar os "desmandos doutrinários" do "pseudo-liturgismo". Passa a refutar os "exageros do 'hyper-liturgismo'": [81] "A Sagrada Liturgia não dispensa a cooperação do homem, nem os meios tradicionais de ascese, como a fuga das ocasiões de pecado, a mortificação, etc". [82] "Não podem ser atacadas devoções que têm a aprovação da Igreja". [83] Não se pode admitir contradições entre a espiritualidade das várias Ordens Religiosas". [84]

Aí estão as "heresias" litúrgicas "modernistas" apontadas e condenadas por P. Corrêa de Oliveira. [85] A intenção, talvez, tenha sido boa: defender a Ação Católica da infiltração do mal em seu meio. Para o nosso caso, defender a Ação Católica contra o conceito "herético" do efeito mágico da Liturgia, com todas as conseqüências que daí advêm.

A intenção, talvez, tenha sido boa. Mas a execussão deixa muito a desejar, sobretudo para um historiador do Movimento Litúrgico que se pergunta *onde* se deram os abusos. Diremos: é até irritante. O autor aponta tantas "heresias" litúrgicas decorrentes de uma "heresia" mais fundamental (o conceito mágico de Liturgia), mas não dá *nenhuma indicação* de *onde* se deram os abusos. Nenhuma! Diz apenas, de um modo muito genérico: "em alguns círculos de nosso laicato". [86]

Enfim, o livro aparecia perigoso, pois criava um verdadeiro clima de suspeita para com o próprio Movimento Litúrgico. Isso se explica pelas imediatas reações que surgiram, defendendo o Movimento Litúrgico.

81. *Ibid.*, 107ss., acrescentando ainda outros textos pontifícios, como: de Pio XI, Encíclica "Miserantissimus Redemptor", de 8-5-1928 (cf. *AAS* 20 (1928), 171); de Leão XIII, Encíclica "Octobri Mense", de 22-9-1891 (cf. *ASS* 24 (1891), 201); de Pio X, Motu Proprio "Tra le sollecitudini", de 22-11-1903 (cf. *ASS* 36 (1903-1904), 331); de Pio XI, Carta Apostólica "Unigenitus Dei Filius", de 19-3-1924 (cf. *AAS* 16 (1924), 133-134) e Carta Apostólica "Meditantibus Nobis", de 3-12-1922 (cf. *AAS* 14 (1922), 629-630. 632).

82. *Em defesa da Ação Católica, op. cit.*, 107; cf. *ibid.*, 107-110. Alude de passagem ao exagero na concepção do chamado "sacerdócio passivo", com conseqüente exagero no "uso exclusivo do Missal" e da "Missa dialogada": "Deixamos também de lado o problema da 'Missa dialogada' e do uso exclusivo do Missal. Êste problema nada tem que ver de modo direto com êste livro, e transcende do campo de julgamento de um leigo. Não queremos deixar de acentuar, entretanto, que os exageros evidentes a que se têm entregue neste terreno certos 'pseudo-liturgistas' iludem mesmo a muitos espíritos precavidos. Com efeito, o mal mais grave dessa tendência não está aí, mas em certas doutrinas que ela professa mais ou menos veladamente, sôbre a piedade e sôbre o chamado 'sacerdócio passivo' dos leigos que ela exagera enormemente, deformando o ensino da Igreja, que aliás reconhece tal sacerdócio" (*ibid.*, 110).

83. *Ibid.*, 111-112. Também *ibid.*, 120: "É grave êrro pretender que as associações erigidas para cultuar determinado Santo, como Nossa Senhora, por exemplo, acarretem o risco de incutir uma visão fragmentária e tacanha da piedade, obnubilando o caráter 'cristocêntrico', que evidentemente tôda a vida espiritual deve ter. Não nos demos ao insuperável ridículo de pretender ser mais 'cristocêntricos' do que a Igreja, forma nova e infeliz de ser 'mais católico do que o Papa'".

84. *Ibid.*, 112-115: Quanto à espiritualidade da Companhia de Jesus, diz que ela "é inatacável, como a de qualquer outra Ordem religiosa, e, implicitamente, os 'tesouros espirituais', os Exercícios Espirituais, o exame de consciência várias vezes ao dia, não podem ser atacados por quem quer que seja, como recursos espirituais dos quais podem livremente lançar mão as almas, que notarem que com isto progridem na virtude" (*ibid.*, 112. Em setembro de 1940, já havia feito uma verdadeira apologia da piedade inaciana, contra o naturalismo, o liberalismo e o iluminismo falso que ataca esta espiritualidade como individualista — "Pio XII e a piedade inaciana", *O Legionário* 15-9-1940, 2).

Também fala dos Beneditinos: "Entender que o esfôrço desenvolvido pela Ordem Beneditina em prol de uma mais profunda compreensão da Liturgia e de sua exata localização na vida espiritual dos fiéis possa trazer inconvenientes, é um absurdo. E, por isto, reputamos caluniosa qualquer identificação que circunstâncias fortuitas, quiçá inexistentes, possam sugerir, entre espírito beneditino e espírito litúrgico autêntico, de um lado, e de outro lado, a estrategia modernista que vimos combatendo e os exageros do 'hyper-liturgismo'" (*Em defesa da Ação Católica, op. cit.*, 114).

85. Seria interessante, agora, fazer uma comparação entre as observações do Dr. Plinio e as de *Estrela do Mar*, para notarmos que há bastante semelhança entre o estilo e o conteúdo dos dois.

86. *Em defesa da Ação Católica, op. cit.*, 109.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

IV. Em defesa do Movimento Litúrgico

Estrela do Mar, como vimos, no intuito de *defender* a Liturgia, acabou atacando o Movimento Litúrgico. Pelo menos assim pensavam cartas enviadas àquela revista.[87] P. Corrêa de Oliveira, no intuito de *defender* a Ação Católica, acabou também por atacar o Movimento Litúrgico de pacto com as heresias modernistas. Acabaram atacando, no sentido de — com o estilo agressivo e hostil contra os erros e exageros — criarem um clima de suspeita contra o Movimento.

A situação torna-se crítica. O Movimento Litúrgico arriscava cair em descrédito. Devia, pois, aparecer alguma reação em sua defesa. E aparece.

Em *O Diário*, o dominicano Frei Boaventura escreve advertindo para não exagerar o valor e o alcance do livro *Em defesa da Ação Católica*, nem de querer tomá-lo como manual de Ação Católica. Adverte os leitores de Belo Horizonte que o que deve prevalecer na Arquidiocese é a orientação dada pela Pastoral de D. Cabral.[88]

Em Uberaba, o Bispo D. Alexandre G. do Amaral escreve uma forte crítica ao livro, e a distribui mimeografada para a Ação Católica, advertindo para os juízos precipitados e o clima de desconfiança que a obra criava.[89]

Mas, detenhamo-nos mais longamente sobre um artigo publicado por F. Alves Ribeiro, intitulado "Em torno do 'movimento litúrgico'".[90] Neste artigo, F. Alves Ribeiro nota que o movimento de volta à Liturgia e de restauração de uma vida cristã mais intensa e profunda, baseada nos sacramentos e na oração da Igreja, "suscitou em alguns meios católicos muitas desconfianças e incompreensões". Fala de "acusações que se vem acumulando ultimamente contra o chamado 'movimento litúrgico', entre nós, em artigos de jornal e de revista e até em livros".[91] Diz que "os acusadores não indicam.. onde se deram os abusos mencionados, nem quem externou, oralmente ou por escrito, as idéias erradas em questão", até mesmo equiparando os erros aduzidos às heresias modernistas. Ora, tudo isso mina e leva ao descrédito todo o esforço que se faz no Brasil "pela restauração de uma vida católica mais autêntica". Por isso mesmo,

87. Cf. supra, p. 168, 170, poderíamos também pensar na carta de Nilo de O. Antunes, para *A Ordem* (cf. supra, p. 168-169).

88. Cf. "'Em defesa da A. C.'", *O Diário* 4-7-1943, 2. Aliás, em São Paulo mesmo, é muito sintomático o que diz o próprio Arcebispo D. José Gaspar, em uma Circular ao clero, exatamente desta época, ou mais precisamente, de 25-4-1943. Entre outras coisas, diz: "Poder-se-ia ainda objetar à organização da Ação Católica na Arquidiocese os pretensos ou reais abusos, talvez algures cometidos em seu nome. Abusos ou excessos, se os houve, contra as diretrizes pontifícias, condenamo-los com tôda a energia e coragem, sem nos esquecer, porém, que tanto ou pior mal pode causar a *hostilidade ou reserva a êste movimento providencial*.." (grifo nosso) ("Circular do Arcebispo Metropolitano de São Paulo ao Clero sôbre as Semanas de Estudos da Ação Católica", *REB* 3 (1943), 530).

89. Cf. Apêndice IV, observação anexa.

90. *A Ordem* 30 (agosto 1942), 112-128.

91. *Ibid.*, 112. Pelo contexto, é evidente que, embora sem dizer, se refere ao livro de P. Corrêa de Oliveira. Podemos pensar também nas acusações de *Estrela do Mar*. Podemos pensar no jornal *O Legionário* (São Paulo), no jornal *O Povo* (do Rio). F. Alves dá as razões das acusações contra o Movimento Litúrgico: as aspirações deste "assumiram um caráter de novidade à mentalidade moderna, desabituada dos elementos clássicos e tradicionais do catolicismo", e, "algumas vezes, elas foram formuladas de modo errado ou impreciso, o que também é possível" ("Em torno do 'movimento litúrgico'", *art. cit.*, 112).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

o articulista se propõe *defender* o Movimento Litúrgico de uma série de acusações que o ameaçam de descrédito.[92]

Uma das acusações seria: "A Liturgia exerce uma ação mecânica e mágica dispensando o esforço pessoal de quem dela participa".[93] F. Alves Ribeiro responde — após bem documentada exposição doutrinal baseada "nos concílios, no catecismo e nas definições papais" sobre os efeitos dos sacramentos[94] — responde que não é a magicidade ou mecanicidade dos sacramentos que se afirma, mas o que se quer é "evitar e corrigir certa tendência da mentalidade moderna", onde o homem "quer tomar nas próprias mãos o magno negócio de sua santidade".[95] E continua:

> "O resultado daquele conceito mágico e mecânico da liturgia seriam no dizer dos acusadores, o esquecimento das tentações do demônio e das conseqüências do pecado original, aconselhando-se a freqüência nos cassinos, praias, bailes etc. Desprezar-se-ia a mortificação, diminuindo ou estinguindo o papel da cooperação humana na obra da graça. Combater-se-ia o exame de consciência, os retiros, o 'tesourinho espiritual' e outras práticas peculiares das espiritualidades modernas. Preferir-se-ia ver o Cristo sempre como vencedor glorioso a contemplar os episódios dolorosos de sua vida".[96]

Responde F. Alves Ribeiro que não se trata de "menosprezar as conseqüências do pecado original nem a mortificação", mas "o que se procura é evitar uma concepção estreita de vida cristã" preocupada *unicamente* com a pureza moral, a mortificação e a ascese, esquecendo-se com isso a "raiz" de tais práticas, que é "a paixão, morte e ressurreição de Cristo, de cujos frutos nos tornamos participantes pelo batismo. O primeiro ato de mortificação do cristão é 'ser mergulhado na morte de Cristo', é sepultar o velho homem com Cristo, ressuscitando com este para a vida nova".[97] Portanto, o que se quer é evitar o perigo moderno de *apenas o homem* arvorar-se em dono de sua santificação.[98]

Mais ainda faz notar F. Alves Ribeiro:

> "Sobre a questão do Cristo doloroso ou do Cristo glorioso, é necessário fazer notar antes de mais nada que a tendência observada entre os que trabalham pela volta à liturgia nada tem de exclusivista, uma vez que a visão integral do Homem-Deus Cristo Jesús inclue os dois aspectos de exinaninação e exaltação".[99]

O caso é que muitos têm exagerado a figura humana de Jesus, sobretudo no que diz respeito aos seus atrozes sofrimentos, esquecendo-se o

92. *Ibid.*, 112-113: "Não quero dizer que os acusadores sejam obrigados a entrar em detalhes. Mas uma vez que não fazem as necessárias distinções, de molde a salvaguardar o 'movimento litúrgico' em geral, é necessário defendê-lo de imputações que tornem suspeita a sua legitimidade e ortodoxia. É o que desejaria fazer neste artigo, muito embora não tenha preocupação para defender quem quer que seja, uma vez que no Brasil o 'movimento litúrgico' designa mais um estado de espírito e um esforço comum, do que mesmo uma organização com chefes, órgãos, etc. Falo em nome próprio, mas julgo não defender idéias pessoais".

93. *Ibid.*, 113.

94. *Ibid.*, 113-114.

95. *Ibid.*, 115-116, Argumenta citando textos de VONIER, A. O.S.B., *A nova e eterna aliança* ou o *catolicismo clássico*, *op. cit.*, 112, 129, 230.

96. ALVES RIBEIRO, F., "Em torno do 'movimento litúrgico'", *art. cit.*, 116.

97. *Ibid.*, 117.

98. *Ibid.*, 116-120. Argumenta citando Rm 5,12; 6,3-9; 8,13; Cl 3,5-9; Gl 5,19-22; textos de VONIER, A., O.S.B., *A nova e eterna aliança*, *op. cit.*, 30,47-49, 167-168; de ADAM, K., *Cristo nosso irmão*, Rio 1939, 57; de VIEUJEAN, M., "La liturgie est 'la didascalie de l'Église' (Pie XI). B. Par sa doctrine", in: *Le vrai visage de la Liturgie*, Cours et Conférences des Semaines Liturgiques, Tome XIV, Mons 1937, 126; de GARRIGOU-LAGRANGE, R., O.P., *Perfection et contemplation*, Paris 1923, 155-156, 159s.

99. ALVES RIBEIRO, T., "Em torno do 'movimento litúrgico' *art. cit.*, *120*. Cita Fl 2,8-9. "semetipsum exinanivit... propter quod et Deus exaltavit illum".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Cristo ressuscitado, o Cristo glorioso, o Cristo vitorioso.[100] Ora, os que trabalham pela volta à Liturgia, sem excluir o Cristo das dores, trabalham para ressuscitar a imagem do Cristo glorioso.[101]

Outra acusação: Os adeptos do Movimento Litúrgico combatem a oração privada e as práticas extralitúrgicas (Rosário, visitas ao Santíssimo, Via-Sacra).[102] F. Alves Ribeiro responde que não se trata de combater tais práticas de piedade, pois fazem parte da vida da Igreja.[103] "O que se critica e se procura evitar são certos desvios verificados na piedade cristã", muitas vezes frutos da ignorância religiosa e do predomínio do devocionismo e do sentimentalismo que se manifesta até mesmo "em pessoas conhecedoras da doutrina cristã", sobrevalorizando as práticas de piedade privada acima dos valores da própria Liturgia.[104] O que se quer não é destruir as práticas de piedade privada; o que se quer é restaurar o valor da Liturgia ocultado debaixo de um número sempre crescente de "plantas estranhas" que se deixou crescer através da História.[105]

Enfim, "entre as acusações figura ainda a de menosprezo ou combate à escolástica e ao tomismo". F. Alves Ribeiro responde que não se trata de desprezar ou de se opor ao tomismo e à escolástica, mas sim de voltar aos Santos Padres e revalorizá-los.[106]

Como se vê, o exposto artigo deste leigo do Centro D. Vital, defendendo o Movimento Litúrgico, sem pretender "de modo algum negar ou ser indulgente para com os erros que se houvessem verificado ou que realmente se verificam",[107] representa bem a preocupação de alguém que não pode ficar calado diante de uma série de acusações ameaçadoras da credibilidade do Movimento.

100. ALVES RIBEIRO, F., "Em torno do movimento litúrgico'", *art. cit.*, 120-121. Argumenta citando sobretudo longos textos de VONIER, A., O.S.B., *Vitória de Cristo*, Rio 1939, 17, 123, 136-137.

101. Exemplo típico é este texto de *A Ordem* comentando ORTIZ, C., *O Cristo total*, *op. cit.*: "O homem moderno vê quasi que exclusivamente o lado doloroso do mistério, que toca muito mais ao sentimentalismo. Mas o cristão, tem de ver também a ressurreição e a glória do Cristo à direita do Pai, evitando todo unilateralismo" (*A Ordem* 26 (ag. 1941), 168-169).

102. ALVES RIBEIRO, F., "Em torno do 'movimento litúrgico'", *art. cit.*, 121-122.

103. *Ibid.*, 122-123. Argumenta citando palavras de Pio XI a D. Capelle (o original dos textos citados encontra-se em CAPELLE, B., O.S.B., "Le Sainte-Siége et le Mouvement Liturgique", in: *Le vrai visage de la Liturgie*, *op. cit.*, 256 e 273ss.) e do Card. Pacelli ao Card. Minoretti (o original do texto citado encontra-se em CAPELLE, B., O.S.B., "Le Sainte-Siège...", *ibid.*, 253). Argumenta ainda com o CIC, can. 125; com as "justas observações" de Frei Raimundo M. Cintra, O.P., em *A Ordem* (cf. supra, p. 174, nota 58); com um texto da Pastoral Coletiva do Episcopado da Prov. Ecl. de Belo Horizonte (cf. Pastoral Coletiva..., *op. cit.*, 19; cf. supra, p. 131, nota 57); e com as determinações do Vigário Capitular da Arquidiocese do Rio de Janeiro sobre "Vida Litúrgica e Práticas Extralitúrgicas" (cf. supra, p. 149-150).

104. ALVES RIBEIRO, F., "Em torno do 'movimento litúrgico'", *art. cit.*, 123-126. Argumenta citando as palavras de D. Leme (1916) referindo-se ao fato de que para muitos fiéis "o santo é tudo, Deus quasi a nada se reduz. Vão à Igreja, visitam todos os altares... só não visitam o Santíssimo Sacramento. Não perdem 'novenas' e 'terços' ...esquecem o Sacrifício Augusto da Missa" (*Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme...*, *op. cit.*, 51). Cita também uma longa parte da Pastoral de D. Vilas-Bôas, frases do famoso trecho contra as "adulterações litúrgicas" (*1.ª Pastoral de D. Mário Vilas-Bôas...*, *op. cit.*, 40-42). Para mostrar o problema do devocionismo e do sentimentalismo na piedade moderna, cita um trecho da conferência do Mons. R. Harscouët sobre "Les dévotions traditionelles", tida na 1.ª Semana Litúrgica de Louvain (cf. *Questions Liturgiques* I (1910-1911), 461-462; citado em COELHO, P. *Curso de Liturgia Romana*, vol. I, Braga 1926, 275-276) e um texto de *BESSE*; D. J. B., O.S.B., "Du particularisme dans la piété et le culte public", in: *Cours et Conférences de la Semaine Liturgique de Maredsous, 19-24 Août 1912*, Abbaye de Maredsous, 1913, 330; citado em COELHO, P., *op. cit.*, 277). Cita ainda GARRIGOU-LAGRANGE, R., *De Deo Uno* (Commentarium in primam partæ S. Thomae), Paris 1937, 30-31; um texto de BEAUDUIN, L., O.S.B., *Vida Litúrgica*, "Lumen Christi", Rio 1938, 32-33; textos de VONIER, A., O.S.B., *Vitória de Cristo*, *op. cit.*, 27, e *A nova e eterna aliança*, *op. cit.*, 219 e 235. O assunto já foi por nós abordado acima (cf. supra, p. 75-81).

105. ALVES RIBEIRO, F., "Em torno do 'movimento litúrgico'", *art. cit.*, 126-127. Argumenta com um texto de CAPELLE, B., O.S.B., de *Le vrai visage de la Liturgie*, *op. cit.*, 173).

106. ALVES RIBEIRO, F., "Em torno do 'movimento litúrgico'", *art. cit.*, 127.

107. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A situação realmente era delicada e continuava delicada. O próprio dominicano Frei Boaventura, um mês após, em setembro de 1943, protesta que certos ataques contra setores da Ação Católica não passam de "juízos precipitados, taxando de erros a correntes de pensamento e atitudes, que não são suficientemente examinadas".[108] Só porque alguém manifesta seu entusiasmo pela Liturgia, e baseia "sua vida espiritual na Missa e nas orações oficiais da Igreja", já é taxado de exclusivista e desprezador da meditação e outros exercícios de piedade. Só porque alguém censura certas devoções do povo, ou o terço na Missa, "para restaurar melhor a vida litúrgica", é taxado de "destruidor das devoções populares e inimigo do Rosário".[109]

Outro dominicano, Frei Sebastião Tauzin, também se queixa que dentro da Ação Católica levantaram-se apaixonadas "discussões estéreis..., procurando... catalogar seus companheiros no grupo dos *liturgistas* ou no dos *anti-liturgistas*" Fala também de "leigos que procuram aprofundar sua fé e viver mais intensamente o mistério da Missa serem chamados precipitadamente de 'hereges'".[110] Enfim, é profundamente lamentável esta confusão produzida por ataques difamatórios. É profundamente lamentável, pois fazem mais mal do que bem.[111]

Eis como caminham as coisas. E a crise não se resolve tão fácil, como veremos logo mais. Por incrível que pareça, a situação ficou mais delicada ainda, as polêmicas aparecem mais quentes em torno da "Mystici Corporis Christi".

108. Frei Boaventura, O.P., "Ação Católica: erros e exageros", *REB* 3 (1943), 697-698. Diz: "Formam-se juízos precipitados, taxam-se de erros a correntes de pensamento e atitudes que não são suficientemente examinados. Quem não ouviu falar recentemente em exageros litúrgicos, em atentados contra os exercícios de S. Inácio, a devoção do SS. Sacramento, a Nossa Senhora, aos Santos — quanta indignação não se despertou e quantos protestos não se levantaram contra a petulância de certos leigos, suas pretensões injustas e suas irreverências ao Clero! A famosa questão do rosário na Missa provocou também celeumas e escândalos. Chegamos, porém, a perguntar aos nossos botões se todos êstes problemas foram examinados com bastante cuidado, com a devida prudência. Será que os críticos se inteiraram perfeitamente do pensamento e da atitude dos julgados" (*ibid.*, 697) É evidente que, mesmo não o dizendo, refere-se em grande parte aos ataques do livro *Em defesa da Ação Católica*.

109. Frei Boaventura, O.P., "Ação Católica: erros e exageros", *art. cit.*, 697. E continua: "Ficar no meio mundano para exercer um verdadeiro apostolado, não é desprezar a regra de Moral que manda fugir das ocasiões de pecado. Quem se deixa empolgar pelo aspecto mais positivo da vida cristã e se aplica ao conhecimento mais perfeito da vida da graça, das suas exigências e impulsos, não deve ser catalogado entre os inimigos da cooperação humana e da mortificação. Quando um simples cristão apresenta sua opinião e aspiração de batizado e chega até a discutir com um sacerdote, julgando estar na verdade, não é evidente que ele falta à devida reverência... Mesmo quando deparamos com alguns exageros, devemos examiná-los com certo critério. Há exageros que não prejudicam realmente, antes servem à verdade por serem apenas modos mais fortes de afirmações categóricas. Numa sala muito escura, há mister de lâmpadas mais luminosas. Num ambiente de acústica péssima, é preciso levantar a voz. Há verdades que precisam ser gritadas por serem muito importantes e por terem ficado desconhecidas ou afogadas demais no meio das outras" (*ibid.*, 697-698).

110. TAUZIN, S., O.P., "Lutas internas", *REB* 3 (1943), 699. E continua: Como se não fôssem suficientemente agudas essas divergências, alguns parecem sofrer de uma espécie de sadismo polêmico em remexer nessa casa de maribondos, com expressões fadadas, pela própria violência do seu unilateralismo, a um tremendo fracasso, uma vez que em lugar de esclarecer, caindo em falso, exacerbam ainda mais as oposições. O pior é o ostracismo de espíritos unívocos que não se contentando de discutir, como é perfeitamente legítimo, opiniões diferentes das suas, empreendem um trabalho de sabotagem sistemática, não recuando diante de duras calúnias, para apresentar as pessoas de quem discordam como hereges, inimigas da Igreja, etc." (*loc. cit.*).

111. *Loc. cit.*: "Êsses ataques pessoais, êsses insultos, essa difamação, podem revestir-se de sensacionalimo e marcar o triunfo do espírito geométrico, mas, como se escreveu recentemente, 'não edificam, mas destroem; não promovem a união dos espíritos, mas lançam a confusão no campo católico'. A pretexto de vir em auxílio de almas escandalizadas, tais injustiças escandalizam mais ainda. A paixão de que estão eivadas, a atmosfera de rancores pessoais e disfarçadamente políticos que as envolvem, traem a sua origem humana, em vez de ostentar o sôpro humilde e puro do espírito sobrenatural... O melhor modo de corrigir os erros e exageros que se infiltraram em certos meios sob o céu da Sagrada Liturgia, não é chamar de hereges a todos os leigos que procuram aprofundar sua Fé e viver mais intensamente o mistério da Santa Missa, mas, sim, orientar as aspirações atuais da consciência cristã que sente a necessidade de voltar às fontes do cristianismo" (*loc. cit.*).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

V. Polêmicas em torno das "condenações" da "Mystici Corporis Christi" e o Movimento Litúrgico no Brasil

Apesar de todas as explicações possíveis apresentadas em defesa do Movimento Litúrgico, a polêmica ainda persistiu. Ela esquentou, sobretudo com o aparecimento da encíclica "Mystici Corporis Christi" de Pio XII, de 29-6-1943,[112] a qual deu base para se prosseguir nos ataques contra o Movimento Litúrgico.

Por exemplo, *O Diário*, de Belo Horizonte, testemunha que, "quando se anunciou entre nós a publicação da Encíclica sobre o Corpo Místico, houve um grande alarido a respeito dos erros que ela condenava, frisando-se de modo particular que o Stº Padre visava ao Movimento Litúrgico, fulminando-o de morte".[113]

F. Alves Ribeiro, escrevendo sobre "O Corpo Místico e a renovação da vida cristã",[114] afirma:

> "...a propósito da vida litúrgica — e aquí convem lembrar-nos de algumas disputas recentes suscitadas entre nós em tôrno do movimento de volta à liturgia e de aprofundamento da vida cristã — não há no seio do Corpo Místico o problema das relações entre a oração individual, o exame de consciência e as práticas privadas, como o rosário e a visita ao SSmo. Sacramento de um lado, e as práticas oficiais do culto cristão de outro. A liturgia é a vida peculiar do Corpo Místico e terá de transfigurar tudo o mais. A liturgia dará à piedade privada um carater mais profundo e vital, menos eivado de subjetivismo e sentimentalismo. Desse modo as duas manifestações da piedade não se opõem mas uma, a privada, se subordina à outra, recebendo desta um sentido mais autenticamente eclesiástico".[115]

O beneditino Dom Paulo Gordan, diante da situação de confusão, de equívocos, de mal-entendidos e mentiras, que se apresentam em torno do assunto Liturgia, levanta-se com um longo artigo para esclarecer os ideais do Movimento Litúrgico e, com isso, defendê-lo de acusações de heresia.[116] Diz que o Movimento Litúrgico não é um movimento revolucionário, mas restaurador. Ele visa restaurar, trazer à clara luz do dia e propagar "a

112. Cf. *AAS* 35 (1943), 193-248. No Brasil, devido às dificuldades de comunicação em plena 2.ª Guerra Mundial, o texto oficial português teve a primeira publicação só a 5 de outubro de 1943, pelo *Jornal do Comércio*, do Rio.

113. "Condenações da 'Mystici Corporis Christi' e o Movimento Litúrgico", *O Diário* 23-8-1944, 2. Na verdade, como diz Dom T. Keller, "devido ao telegrama que anunciou a Encíclica o qual falou da condenação dum *liturgismo deprimente*, palavra que não se encontra nem nos títulos, acrescentados, da tradução portuguesa, como a outra do *falso misticismo*, a primeira tendência será considerar todos estes erros como sendo fomentados ou favorecidos pelo Movimento Litúrgico" ("'Mystici Corporis Christi'", *REB* 3 (1943), 852).

Sintomática é a resposta dada por *Estrela do Mar* a uma carta de "Alguns Congregados Marianos" do Rio sobre o discutido problema das Missas dialogadas. Texto da carta: "Saiu entre nós e os de outra associação uma grave discussão sôbre Missas dialogadas. Nem sôbre a definição nos pudemos pôr de acôrdo. E o que é peor, houve quem taxasse de atrazados e exorbitantes (!) algumas autoridades eclesiásticas cujas decisões trouxéramos em nosso abono. Concluiram dizendo que ninguem tem poder de proibir as Missas dialogadas, porque ninguem pode entravar o movimento litúrgico triunfante em nossos dias" (*Estrela do Mar* nº 400 (ag. 1943), 183; é que pouco antes, com data de 4-6-1943, o Vigário Capitular do Rio de Janeiro, Mons. Rosalvo da Costa Rêgo, havia proibido as Missas dialogadas para a Arquidiocese!). Resposta, entre outras, dada pelo Consultor: "O *espírito litúrgico que há de triunfar não é este*, com laivos de protestantismo e modernismo e *oportunamente condenado por Pio XII*, na Encíclica 'MYSTICI CORPORIS CHRISTI', *mas aquele* que se conforma *com os documentos supracitados*, levando-nos à verdadeira submissão e humildade de discípulos de Cristo e da sua S. Igreja" *(ibid.*, 184; os documentos alegados pelo Consultor são: o Dec. nº 4.375 de 4-8-1922 da S.C.R. sobre as Missas dialogadas, o Dec. 199 § 1º do CPB e a citada "Instrução" do Vigário Capitular do Rio de Janeiro).

114. *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 386-390.

115. *Ibid.*, 389. Citamos este texto, pois será alvo de fortes ataques por parte do Pe. M.T.L. Penido (cf. abaixo).

116. "Liturgia e Liturgismo. Estudo de equívocos", *O Diário* 15-12-1943, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

própria 'estrutura' da Igreja" que é litúrgica, isto é, "tudo o que corresponde à Lex Supplicandi", a qual deve inspirar e orientar todo o resto, inclusive as práticas de piedade particular.[117] É este o apostolado que Pio XII incentiva, o apostolado da genuína piedade, a piedade litúrgica.[118] E é um absurdo, pois, pensar que a "Mystici Corporis Christi" venha a condenar como herético este trabalho que o Movimento Litúrgico vem desenvolvendo.[119]

Dom Tomaz Keller O.S.B., escrevendo sobre a citada encíclica, faz ver que não é possível que o Papa tivesse condenado o Movimento Litúrgico, como se quis crer. Os erros indigitados pelo Sumo Pontífice, no que diz respeito à confissão sacramental e à oração,[120] não podem ser atribuídos ao Movimento Litúrgico, mas a indivíduos isolados que lamentavelmente difundiram tais erros.[121]

São todos indícios de que as dificuldades persistiam. Muitas discussões e mal-entendidos. Diante da encíclica sobre o Corpo Místico, no Corpo Místico os irmãos brasileiros (alguns) se digladiavam em torno da "questão litúrgica". As brigas prosseguiam.

Nas páginas de *O Legionário* saíam faíscas contra os chamados "pseudo-liturgistas". O Pe. Ascânio Brandão, na secção "Pregando e Martelando" deste jornal,[122] xingava os extremismos "lamentáveis e desastrosos" de uns grupinhos fanáticos, de "igrejinhas do peixe",[123] que só pensam em Liturgia, que condenam a oração particular, que zombam das devoções já consagradas e multisseculares da Igreja.[124] E após mostrar que a "Mystici

117. Diz que as "proprias devoções ou elas estão inspiradas e orientadas pela Lex Supplicandi (o sentimentalismo religioso tem dificuldade em admitir que haja uma lei inexorável que informe até a oração chamada 'particular'!), e então serão litúrgicas, ou não estão debaixo desta lei, e então nem siquer serão cristãs". Este texto será refutado e atacado mais tarde por Pe. Penido como exemplo de totalitarismo religioso (cf. abaixo).

118. Diz: "O apostolado liturgico será, pois, a grande escola da genuina piedade, escola, cujas portas o Santo Padre Pio XII em sua encíclica 'Do Corpo Místico de Cristo' abria largamente". Também este texto será refutado e atacado mais tarde pelo Pe. Penido (cf. abaixo).

119. Conclui: "Aqueles, pois, que falam em 'liturgismo' como se isto fosse uma nova heresia, não apenas estão semeando a confusão da lingua, mas também a confusão da consciência. Um 'Ismo' é entre nós geralmente um exagero, um exclusivismo e unilateralismo. Insinua-se até que o Papa teria condenado expressamente este erro na dita enciclica, apesar de não se encontrar aquela palavra barbara em lugar algum do texto latino e da tradução autêntica... Em todo caso: o movimento litúrgico, ou é litúrgico, e então não é herético, ou é herético, e então não é litúrgico. O que o Santo Padre condena é um 'falso misticismo', um 'falso quietismo' e 'erros relativos à oração e à confissão sacramental'. Não se vê como se pode construir com estes elementos o fantasma do 'liturgismo' e menos ainda: como identificá-lo com o movimento liturgico, a não ser por um processo de simplificação temerária".

120. Cf. *AAS* 35 (1943), 233-237.

121. KELLER, T., O.S.B., "'Mystici Corporis Christi'", *art. cit.*, 846-847. "Os três seguintes erros devem manifestamente ser atribuídos — absolutamente, não ao Movimento Litúrgico em si — mas a indivíduos que a êle aderem e nêle militam. É profundamente lamentável que êstes erros se tenham levantado entre as fileiras dos que se dedicam à Liturgia e procuram uma piedade por ela nutrida. Embora se compreenda que possa haver erros e exageros num movimento bom, é verdade que *corruptio optimi pessima*. Equivale, porém, a proscrição déstes erros a uma condenação implícita do Movimento Litúrgico? Não o posso crer. Pois neste caso não teria o Santo Padre enumerado o renovado estudo das coisas da Liturgia em primeiro lugar entre as causas, que moveram 'muitos a uma mais profunda contemplação das imperscrutáveis riquezas de Cristo, que na Igreja se conservam'. Igualmente não insinua isto a nitidez serena e soberana com que os erros são descritos" *(loc. cit.)*.

122. Cf. BRANDÃO, A., "Três erros". *O Legionário* 608, 2-4-1944, 5.

123. Trata-se de uma ironia contra os "arqueologistas" litúrgicos que buscam restaurar simbolismos litúrgicos do passado e impô-los aos outros a toda força. "Falam disso com um diletantismo insuportável". Por exemplo, querem introduzir paramentos góticos. Além disso, "por um *snobismo* substituem o crucifixo pelo símbolo *peixe*... *O peixe* e o gótico nos altares *arqueológicos*, modelados nas catacumbas e outras originalidades do Cristianismo das eras primitivas querem eles dominem tudo".

124. Diz que o mais generalizado em certos grupos de Ação Católica, é exatamente esta idéia de querer "reduzir a *questão litúrgica à restauração absoluta do culto oficial e público da Igreja com exclusão de todas as devoções particulares*". E continua: "O que o protestante fazia da *Bíblia*, faz o *pseudo-liturgista* do *Missal*. *Fora da Bíblia não há salvação*, brada o homem do livre exame! *Fora do Missal e da Liturgia não há... oração*, diz aquele".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Corporis Christi" é contra os que dizem que as orações particulares não valem, brada: "Ouviram, seus pseudo-liturgistas!".

O Pe. José Fernandes Veloso tenta provar que, embora o "liturgismo" não conste no texto oficial da "Mystici Corporis Christi", contudo este é claramente condenado pela encíclica.[125]

O Pe. Ascânio Brandão volta à carga, desta vez contra os "Falsos Profetas".[126] Parte de um artigo de Mesquita Pimentel, que aponta L. Bloy, Péguy, Tolstoy, Dostoiewski, Mauriac e outros como "falsos profetas" do mundo moderno.[127] Pois bem, o Pe. Ascânio toma a liberdade de acrescentar mais três nomes: Bernanos,[128] Maritain[129] e a gente de "igrejinha do peixe" e do "liturgismo de má lei *condenado* pela 'Mystici Corporis Christi'". São uns grupinhos de fanáticos que andam por aí, que se arrogam em donos da verdade, que se julgam verdadeiros profetas, "reformadores até do Papado", mas que não passam de "francos profetas do mal", gerando "confusão e dúvida" "criando uma mentalidade nova e perigosa".

Depois temos um artigo do Pe. M. T. L. Penido, "Corpo Místico, 'Liturgicismo' e Piedade Litúrgica",[130] que desencadeou uma longa discussão polêmica. Neste, aproveitando-se das reprovações do Papa a certos conceitos perigosos e exagerados referentes à confissão sacramental, à oração, à meditação e ao objeto da oração,[131] o Pe. Penido se investe violentamente contra os "exageros e desatinos de alguns asseclas do chamado movimento litúrgico". Chama os desvios censurados por Pio XII de "erros liturgicistas". Cita-os um por um, resumidamente.[132] E ilustra tais erros elencando alguns exemplos de uma "ampla messe de disparates" dos "liturgicistas" alemães, colhidos e publicados pelo franciscano Burcardo Thiel.[133]

125. "O 'Liturgismo' condenado pelo Santo Padre Pio XII", *O Legionário* 612, 30-4-1944, 3.

126. BRANDÃO, A., "Falsos Profetas", *O Legionário* 28-5-1944, 5.

127. PIMENTEL, M., "Falsos Profetas", *Vozes* 2 (N.S.) (1944), 145-180; o artigo foi transcrito em *O Legionário* 21-5-1944, 2 e 6. Logo após, ironizando a simpatia que se tem no Brasil por Maritain, L. Bloy, Bernanos e Péguy, escreve Mesquita Pimentel outro artigo: "Os Quatro Evangelistas da Nova Cristandade", *Vozes* 5 (N.S.) (1947), 289-313.

128. Chama-o de "católico anti-clerical e atrevidaço". Sabe-se que Bernanos era muito lido e admirado pelos grupos de Ação Católica simpatizantes do Movimento Litúrgico. Daí também outro motivo de desconfiança frente aos liturgistas!

129. Coloca Maritain entre os "fantasiados em estátuas da liberdade, que num democratismo agudo tipo *sillon* querem nos fazer compreender a Rússia e que afinal a Igreja há de se adaptar à era igualitária se quiser subsistir no mundo moderno. Esquecem-se do Syllabus. Então quando fala... Jacques Maritain, todos se curvam reverentes diante de um pontífice infalível e um mestre admirável... Maritain não pode errar, exclamam eles!...". Sobretudo este escritor moderno era muito admirado e lido pelos grupos de Ação Católica simpatizantes e propagandistas do Movimento Litúrgico no Brasil.

130. *REB* 4 (1944), 517-540. Pe. Penido (1895-1970) é sem dúvida respeitado como grande filósofo (e teólogo também) brasileiro. Doutorou-se em Filosofia (1918) e em Teologia (1928) na Universidade de Friburgo, na Suíça, onde foi professor até 1938, quando voltou ao Brasil. Deixou uma obra escrita — dentro do estilo rigorosamente escolástico de pensar — volumosa e respeitável pela "acribia" de um mestre no pensar, conquistando fama internacional. É até mesmo considerado "o pensador católico do Brasil" (cf. MOURA, O., O.S.B., *op. cit.*, 127-136).

131. Cf. *AAS* 35 (1943), 233-237.

132. PENIDO, M. T. L., "Corpo Místico...", *art. cit.*, 521-522.

133. Cf. THIEL, B., O.F.M., "Liturgizismus", *Wissenschaft und Weisheit* 5 (1938), 115-135. Cremos ser interessante transcrever o texto dos exemplos elencados por Pe. Penido, extraídos do citado artigo de B. Thiel: "1º Condena-se a Missa campal, porque sòmente dentro do 'espaço sacral' de um templo pode ser o Sacrifício condignamente oferecido. 2º Verbera-se a celebração simultânea de várias Missas na mesma Igreja. 3º Pretende-se que, nos conventos masculinos, deveria ser rezada apenas uma única Missa diária; abstendo-se da celebração os demais religiosos sacerdotes. 4º Reprova-se a celebração da Missa, quando não há assistentes, além do ajudante — ainda mais quando não há ajudante, como em certas terras de Missão. 5º Advoga-se a celebração da Missa em vernáculo (ou então que todos os fiéis aprendam o latim). 6º Proscrevem-se a polifonia e os cânticos em língua vulgar. 7º Condena-se a celebração de Missa em honra de mistérios determinados (p. ex., a Anunciação, a Transfiguração, etc.). 8º Impõe-se como assunto *obrigatório* da homilia dominical o 'próprio' da Missa. 9º Aconselha-se aos fiéis de *não* assistirem à Missa, quando nela não tencionam comungar. 10º Admoestam-se os fiéis a que se abstenham de Comunhão, de preferência a comungarem

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Consta que chegavam até a celebração da Missa em alemão", sussurra o Pe. Penido.[134]

Indica duas causas do "liturgicismo": o "'totalitarismo' religioso" e o "espírito 'arcaizante'".[135] Fala longamente da piedade litúrgica.[136] Ressalta sua legitimidade e importância.[137] Mas adverte que, no entanto, ela é "uma, entre várias irmãs", o que significa que ela não é exclusiva nem exclusivista.[138] Feita esta advertência, detém-se de novo sobre o chamado "'totalitarismo' religioso", para recalcar melhor o seu significado.[139] Então é que se investe mais diretamente contra os "liturgicistas". E é aí que o assunto se torna ao mesmo tempo mais delicado. Para provar existência de tais "liturgicistas" no Brasil e ilustrar sua ideologia — para não ser acoimado de calúnia", como diz o autor, — cita dois exemplos típicos de "'totalitarismo' religioso" e de exclusivismo em matéria de piedade litúrgica neste país. Cita textos de "dois publicistas desta tendência", criticando-os severamente. Quem são? Não o diz. Apenas cita os textos, sem indicação da fonte.[140] E só após paciente trabaho foi-nos possível identificá-los.

O primeiro acusado é F. Alves Ribeiro, do qual são citados dois textos. O primeiro texto é tirado do artigo "Em torno do 'movimento litúrgico'", que já abordamos acima,[141] usado pelo Pe. Penido neste comentário:

> "Antes da Encíclica, a quem apontava certos excessos, os 'liturgicistas' logo retrucavam protestando contra pretensas detrações gratuitas. Nas palavras de um dêles: 'os acusadores não indicam onde se deram os abusos mencionados, nem quem externou, oralmente ou por escrito, as idéias erradas em

fora da Missa. 11º Critica-se o culto à Eucaristia, por exemplo: a Bênção do Santíssimo. 12º Desaconselha-se o Batismo de crianças durante a Quaresma. 13º Faz-se oposição às indulgências, ao rosário, aos presépios, etc. 14º Assevera-se que só a piedade litúrgica é autêntica, só o apostolado litúrgico é eficaz". E prossegue o Pe. Penido: "Repetimos que essa lista não registra declarações de rapazolas irresponsáveis ou de beatas histéricas, mas opiniões externadas e *publicadas* por 'liturgicistas' conhecidos. Poderá o leitor medir a extensão e profundidade da chaga que corroía o movimento litúrgico na *Alemanha*. Quanto ao Brasil, não me consta ao certo qual a gravidade do mal. Que êle exista, faz fé a lúcida e firme 'Instrução ao Clero e aos fiéis sôbre vida litúrgica e práticas extralitúrgicas', baixada em 21 de maio de 1943, pelo então Vigário Capitular do Rio de Janeiro, o Revmo. Moosenhor Rosalvo Costa Rêgo" (PENIDO, M. T. L., "Corpo Místico...", *art. cit.*, 523).

134. *Ibid.*, 522.

135. *Ibid.*, 524-529. Sobre o "'totalitarismo' religioso" assim se expressa: "Menoscabam-se tôdas as manifestações do culto individual como 'subjetivas', exalta-se o carater 'objetivo' do culto social. Denuncia-se o 'egocentrismo', o 'moralismo', o 'psicologismo', o 'reflexivismo', o 'ascetismo' das piedades medieval e moderna, como verdadeiras degenerescências do cristianismo 'clássico' dos quatro primeiros séculos" (*ibid.*, 524-525). E sobre o "espírito 'arcaizante'", diz: "Analise o leitor os 14 erros ou abusos que acima alistamos, segundo Frei Burcardo Thiel, e verificará, sem dificuldade, que neles se manifesta o espírito arcaizante" (*ibid.*, 527).

136. *Ibid.*, 529s. Diz: "Encetemos nossa pesquisa por um ponto mais simples, o que não pode ser negado por qualquer conhecedor dos fatos: a expressão 'movimento litúrgico' não designa algo de orgânico como a Ação Católica, as Ordens Terceiras, o Apostolado da Oração, etc.; é apenas uma fórmula cômoda, uma chave, que abrange, com uma designação, *várias* correntes de propaganda litúrgica, autônomas e *divergentes*, nascidas — principal e não exclusivamente — em algumas abadias beneditinas, ou, para falar com maior exação, brotadas da atividade de certos monges beneditinos, refletindo-lhes as individualidades e idiossincrasias. Assim é que não há entendimento entre elas, nem mesmo sôbre *a noção de liturgia!*". E, em nota de rodapé, comenta: "É o que comprova fortemente Frei Burcardo Thiel, O.F.M.", confirmando-o com ZELLER, L., O.S.B., *art. cit.*, (cf. PENIDO, M. T. L., "Corpo Místico. ", *art. cit.*, 529, nota 11).

137. *Ibid.*, 529-535.

138. *Ibid.*, 535ss.

139. *Ibid.*, 537: "Não o compreendem, infelizmente, certos adeptos do 'liturgicismo', que se revelam neste particular fautores do mais radical 'totalitarismo' religioso. Convencidos de que tão-somente a piedade de forma prevalentemente litúrgica é autêntica e católica, pretendem impô-la a todos indiscriminadamente; sem perceber que advogam uma tirania espiritual em oposição com a santa liberdade dos filhos de Deus, que a Igreja já garante a seus membros".

140. Quanto a isso, cremos poder censurar a incorreção, a falta de honestidade e a falta de delicadeza do autor, obrigando-nos a um longo trabalho para identificar os autores dos textos citados.

141. Cf. supra, p. 179s.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

questão'. Depois da Encíclica, tenta-se fazer acreditar que se trata de resvalos individuais sem maior conseqüência. Tal fôra o caso, e não se entenderia uma intervenção pontifical sob forma tão grave".[142]

O outro texto de F. Alves Ribeiro citado por Pe. Penido é tirado do artigo "Corpo Místico e a renovação da vida cristã". também já por nós abordado acima.'"[143] Ora, comentando o aludido texto do acusado "liturgicista", responde o Pe. Penido:

> "Esconde-se nessas linhas um equívoco fundamental e sumamente danoso. É bem certo que, no seio do Corpo Místico não constituem problema as relações entre 'práticas privadas' e 'práticas oficiais do culto'. Mas por quê? Será porque estas deverão transfigurar aquelas? — Que *possam* 'transfigurar', orientar, inspirar, toda a espiritualidade, já o temos dito e repetido; mas que o *devam* fazer, não é exato. Nem por isso a piedade prevalentemente não-litúrgica estará 'eivada de subjetivismo e de sentimentalismo'; de modo algum: será e permanecerá autenticamente católica".[144]

O segundo acusado é o beneditino Dom Paulo Gordan.

Eis como assevera o Pe. Penido, citando um texto do beneditino em questão:

> "Manifestação típica de 'totalitarismo' religioso, encontramo-la ainda nas linhas publicadas pelo segundo 'liturgicista':.. Revestem elas a fórmula dum dilema: as devoções 'ou estão inspiradas e orientadas pela *Lex supplicandi* (o sentimentalismo religioso tem dificuldade em admitir que haja uma lei inexorável que informa até a oração chamada 'particular'!) e então serão litúrgicas; ou não estão debaixo desta lei, e então nem sequer são cristãs'".[145]

E comenta o texto citado:

> "Difícil é exigir com maior inflexibilidade a 'despersonalização' do indivíduo, a sua absorção pela comunidade! O carmelita conhecedor das insondáveis riquezas da contemplação são-joanina; o jesuíta, sabedor das fontes de santidade brotadas da meditação inaciana; como não protestariam ao ouvir que esta contemplação e esta meditação — por não estarem 'inspiradas e orientadas pela Liturgia' — nem sequer são cristãs?".[146]

Continua o Pe. Penido, citando outro texto de Dom Paulo Gordan:

> "Com espantosa e quase inacreditável inconseqüência, escreve pouco após o nosso 'liturgicista': 'O apostolado litúrgico será, pois, a grande escola da genuína piedade; escola cujas portas o Santo Padre Pio XII em sua Encíclica... abriu largamente'".[147]

142. PENIDO, M. T. L., "Corpo Místico...", *art. cit.*, 522; cf. ALVES RIBEIRO, F., "Em torno do movimento litúrgico", *art. cit.*, 112; cf. supra, p. 179. É evidente que aqui o Pe. Penido toma partido em favor das acusações de P. Corrêa de Oliveira.

143. Cf. supra, p. 183, onde vem transcrito o longo texto aludido, com indicação para a nota 115.

144. PENIDO, M. T. L., "Corpo Místico...", *art. cit.*, 537.

145. *Ibid.*, 539. O texto citado pelo autor, naturalmente sem indicação da fonte, encontra-se em GORDAN, P., O.S.B., "Liturgia e Liturgismo. ". *art. cit.*; cf. supra, p. 184, nota 117, onde vem transcrito o texto aludido. Interessante é a nota que o Pe. Penido acrescenta. "Assinalemos, de passagem, uma confusão na qual incidem muitos 'liturgicistas'; colocam os fiéis diante do seguinte dilema: ou liturgia ou 'devocionismo', entendendo por êsse nome uma religião que consista exclusivamente em novenas, tríduos, coroas, responsos, etc. Não têm êles dificuldade alguma em demonstrar a superioridade da piedade litúrgica sôbre tal 'devocionismo'. Triunfo demasiado fácil para ser definitivo. Os Exercícios de Santo Inácio nada têm a ver com o 'devocionismo', entretanto não se arrolam entre as manifestações de piedade 'litúrgica'. Logo o dilema é puramente fictício. — Que se procure esclarecer e aprofundar a piedade dos simples, nada de mais louvável; mas a 'piedade litúrgica' não é o *único* meio de fazê-lo embora seja meio ótimo" ("Corpo Místico..., *art. cit.*, 539, nota 23).

146. *Ibid.*, 539.

147. *Loc. cit.* O texto citado, sem indicação da fonte, encontra-se em GORDAN, P., O.S.B., "Liturgia e Liturgismo. .", *art. cit.*; cf. supra, p. 184, nota 118, onde vem transcrito o texto aludido.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

E comenta:

> Inacreditável inconsequência, pois que Pio XII, na sua Encíclica, tutela precisamente os imprescritíveis direitos do que o 'liturgicista' denomina desdenhosamente 'a oração chamada particular'; pois que Pio XII condena toda tentativa de nivelamento religioso...".[148]

Eis mais claramente para que lado são lançados os dardos das acusações contra os chamados "liturgicistas": contra F. Alves Ribeiro e contra Dom Paulo Gordan, O.S.B. Exatamente contra estes dois, muito ligados e empenhados na difusão do Movimento Litúrgico no Brasil, exatamente contra estes dois líderes!... Contra eles — e contra outros, pois eles são apenas apresentados como exemplares — investe o Pe. Penido em defesa das práticas extralitúrgicas, em defesa da "ameaçada" cidadania das devoções e das diversas espiritualidades.

Naturalmente, não se fica em silêncio.

Em março de 1945, *A Ordem* publica uma longa carta que F. Alves Ribeiro havia endereçado ao redator da *REB*, dando as devidas explicações e defendendo-se das acusações do Pe. Penido publicadas naquela revista.[149]

F. Alves Ribeiro fala com sinceridade. Dando todas as indicações bibliográficas, fala de expressões suas "duas vezes citadas" pelo Pe. Penido para acusá-lo de "liturgicista". Ora, não se conforma com esta acusação e, diante deste fato, julga-se no dever de se defender.[150]

À primeira acusação,[151] F. Alves Ribeiro refuta e prova que exatamente

> "não se pretendia negar que tivesse havido erros nesse trabalho pela renovação litúrgica entre nós, mas sim defender o movimento em geral contra os deslises dos que participavam dêle e sobretudo contra as acusações caluniosas ou exageradas".[152]

À segunda acusação,[153] F. Alves Ribeiro responde que jamais advogou uma "tirania espiritual ou 'totalitarismo' religioso". Prova-o com dois textos

148. PENIDO, M. T. L. "Corpo Místico.. ", *art. cit.*, 539.

149. ALVES RIBEIRO, F., "'Liturgicismo' e piedade litúrgica", *A Ordem* 33 (março 1945), 231-236. Convém lembrar esta observação inicial feita pelo autor: "A carta abaixo, datada de 22 de outubro de 1944, foi remetida ao Revmo. Redator da 'Revista Eclesiástica Brasileira'. Não tendo êste orgão levado em conta em seu último número as ponderações nela contidas, resolvemos inseri-la n"A Ordem', para esclarecimento e orientação do leitor" (*ibid.*, 231).

150. Eis como se inicia a carta: "Revmo. Sr. A 'Revista Eclesiástica Brasileira' publicou no número de setembro um artigo do Pe. Dr. M. T. L. Penido intitulado..., no qual por duas vezes são citadas expressões do autor destas linhas. Em minha opinião, parece que o pensamento nelas manifestado não foi compreendido pelo articulista. Julguei pois de meu dever levar à apreciação de V. Revma. algumas considerações em tôrno dos trechos citados. Tanto mais que tendo o autor desta carta sido classificado no artigo em questão entre os 'liturgicistas', cabe-lhe manifestar o seu repúdio a todos os erros direta ou indiretamente condenados pela encíclica 'Mystici Corporis Christi'. Nunca êle desejou defender idéias pessoais nem tem o menor apêgo a erros porventura cometidos e não lhe poderia ser concedida graça maior do que viver e morrer na mais humilde submissão a tudo quanto crê e ensina a Santa Madre Igreja" *(loc. cit.)*.

151. Cf. supra, p. 186-187.

152. ALVES RIBEIRO, F., "'Liturgicismo...", *art. cit.*, 232. Prova-o, citando um trecho maior que contextua o texto citado por Pe. Penido. E cita ainda mais este texto anteriormente publicado pelo próprio F. Alves Ribeiro: "Isso não significa que se deva defender ou mesmo ser indulgente para com os erros e abusos que se possam verificar ou que realmente se verificam. (Aí compete *a quem de direito* intervir admoestando os faltosos e tomando as medidas necessárias à preservação da fé e dos costumes). Significa apenas que protestar em nome da justiça contra acusações levianas, muitas vezes exageradas ou caluniosas e sempre vagas e indeterminadas, acusações que lançam a suspeição sôbre todos indistintamente — é um direito dos que trabalham com sinceridade e amor pela volta à liturgia e pela restauração de uma vida cristã intensa e profunda, baseada nos sacramentos e na oração da Igreja, na fidelidade às virtudes infusas e aos dons do Espírito Santo, na realização concreta das bemaventuradas evangélicas, e manifestando-se nos 'frutos do Espírito Santo' como diz São Paulo" (*ibid.*, 232-233; cf. *A Ordem* 30 (julho 1943), 90, nota 1).

153. Cf. supra, p. 187.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

seus anteriormente publicados, onde fala expressamente que, segundo o pensamento da Igreja, "não é possível erigir... orientação em esquema rígido, aplicável univocamente a todos os casos".[154] Muito menos se trata de querer suprimir as práticas piedosas ou mudar seu cunho próprio considerado subjetivista em si mesmo, como deixa entender o Pe. Penido ao negar que a Liturgia *deva* transfigurá-las.[155]

Enfim, conclui F. Alves Ribeiro nunca ter afirmado que "tão-somente a piedade de forma prevalentemente litúrgica é autêntica e católica", nem mesmo pretendeu "impô-la a todos indiscriminadamente". Na verdade, o que se quer é fazer com que a piedade às vezes acentuadamente subjetivista e sentimentalista dos fiéis se molde ao culto oficial e objetivo da Igreja, o que não significa supressão ou diminuição das práticas extralitúrgicas.[156]

Um mês após, em abril de 1945, F. Alves Ribeiro publica outro artigo, intitulado "Notas sôbre o movimento litúrgico".[157] Podemos dizer, um simpático artigo, sobretudo pela sinceridade com que encara os problemas que cercam o Movimento Litúrgico. Vê diante de si a experiência de muitas resistências frente ao Movimento. Reconhece o problema da imprecisão da linguagem de muitos adeptos do Movimento Litúrgico.[158] Sente o problema das incompreensões, de acusações demais precipitadas em relação ao Movimento Litúrgico, sobretudo no que diz respeito à questão das espirituali-

154. *Primeiro texto*, de "Ação Católica Universitária", *art. cit.*, 519: "A Igreja sabe respeitar os temperamentos, as variedades psicológicas, as tendências típicas, resultando de formações culturais, sociais, intelectuais e até artísticas diferentes... E êsse mesmo senso de discreção e largueza, que não é uma concessão à mediocridade, mas repita-se, o respeito à realidade e à riqueza ontológica de cada ser que se deve ter ao considerar a questão da *orientação espiritual* dos grupos de Ação Católica. Não é possível erigir essa orientação em esquema rígido, aplicável univocamente a todos os casos. Assim como a Igreja nunca exige que tôdas as ordens e congregações religiosas possuam as mesmas tendências em matéria de espiritualidade, permitindo essa variedade surpreendente, espantosa quase, da mesma forma julgo que não se pode estabelecer um estilo de piedade padrão para todos os casos".

Segundo texto, da resposta à carta de Nilo de O. Antunes (cf. supra, p. 168-170), de *A Ordem* 28 (julho 1942), 92: ". .a Igreja não traça nenhum esquema rígido para todos os fiéis mas respeita, com grande discreção e largueza, a variedade de 'estilos de piedade' das diversas famílias espirituais, a variedade de temperamentos e das mentalidades. Assim, no caso dos exercícios espirituais, o método de Santo Inácio é considerado o mais perfeito (veja-se a encíclica 'Mens Nostra' de Pio XI) mas nunca se pensou em impô-lo, como método único e exclusivo, aos beneditinos, aos dominicanos, aos franciscanos etc., pois, cada grupo espiritual possue a sua tradição e o seu estilo próprio" (cf. ALVES RIBEIRO, F., "'Liturgismo'..., *art. cit.*, 234-235).

155. Como prova disto, F. Alves Ribeiro cita um texto seu, publicado no jornal *O Lampadário* (Juiz de Fora) de 15-7-1944: "O princípio da solução indicou-a... Pio XII quando afirmou na 'Mystici Corporis Christi' que não só devemos amar a Liturgia da Igreja mas também os exercícios de piedade extra-oficiais... Essa piedade que o movimento litúrgico pretende restabelecer entre os fiéis cristãos em face dos desvios devocionistas e sentimentalistas, será litúrgica não de modo material, por exclusão ou diminuição das práticas de piedade privada, mas *formalmente*, enquanto essas práticas passam a ter por núcleo, modêlo e alimento a missa, a oração canônica, os sacramentos e sacramentais, e enquanto elas se purificam e aprofundam em contacto com o espírito do culto oficial da Igreja" (cf. "'Liturgicismo'", *art. cit.*, 234).

156. *Ibid.*, 235-236; explicando: "Na opinião dos que trabalham pela volta à liturgia, a piedade litúrgica é a *mais* autêntica porque é a que mais se procura moldar pelo culto oficial da Igreja. E se se afirma que a liturgia dará à piedade do fiel um cunho de maior pureza e profundidade, menos eivado de subjetivismo, é porque muitas vezes nas práticas piedosas dos fiéis predomina 'a inclinação natural da nossa sensibilidade', ou 'uma certa emoção da sensibilidade' exprimindo-se com certo lirismo mas sem sólido fundamento de verdade (cf. Garrigou-Lagrange, 'De Deo Uno', 1937, págs. 30-31). Quando se diz que a liturgia 'terá de transfigurar' tôdas as práticas não-litúrgicas de piedade, deseja-se exprimir o ponto de vista do movimento de restauração da vida cristã: que o maior número possível de fiéis se beneficie daquela piedade de forma prevalentemente litúrgica a que alude o Pe. Penido, sem que isso signifique supressão ou diminuição das práticas não-litúrgicas" (*loc. cit.*).

157. *A Ordem* 33 (abril 1945), 285-290.

158. *Ibid.*, 287: "O movimento litúrgico encontrou muitas resistências, seja porque as suas reivindicações assumiram um carater de inovação perigosa à nossa mentalidade moderna, mais ou menos eivada de naturalismo e racionalismo, seja enfim porque por vezes vieram contaminá-lo certas deficiências de carater prático ou doutrinário".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

dades.[159] Mas tem a consciência de que tudo isso não é motivo para temor, desconfiança ou mesmo desânimo na busca de superação dos mal-entendidos.[160]

Assim, na tentativa ansiosa de esclarecer e fazer desaparecer as dificuldades e os mal-entendidos, F. Alves Ribeiro retoma e recoloca o fim do Movimento Litúrgico e seu sentido em relação à questão da piedade e das diferentes espiritualidades.[161]

Não demorou muito e o Pe. Penido veio com outro artigo, prestando também ele seus esclarecimentos.[162]

Diz que uns interpretaram justamente seu artigo anterior como sendo escrito no intuito de salvar a concórdia e a unidade na diversidade "nestes dias em que a Igreja aparece tal qual cidadela sitiada por implacáveis inimigos".[163] Outros o haviam interpretado como uma ofensiva contra o Movimento Litúrgico e a piedade litúrgica, o que ele diz ser um absurdo.[164]

Então, o Pe. Penido rebate que não quis combater o Movimento Litúrgico como tal, mas sim a impertinência irritantemente exclusivista de *"alguns* propagandistas" de Liturgia, que vêem no Movimento Litúrgico o *único* movimento válido de renovação cristã.[165]

159. *Ibid.*, 289: "Alem disso é preciso evitar essa susceptibilidade exagerada que vê por tôda parte críticas impertinentes contra tal ou qual escola de espiritualidade e que quase sempre encobre uma má vontade consciente ou não para com o movimento litúrgico". *Ibid.*, 290: "Essas (acusações) relativas à questão das espiritualidades, nos pareceram mais graves pois revelam susceptibilidades feridas e uma certa exacerbação de ânimos deveras lamentável".

160. *Ibid.*, 287: "Pio XII na 'Mystici Corporis Christi' apontou alguns desses erros. Mas como bem o viu Dom Tomaz Keller... isso não é motivo para repudiarmos ou recebermos com desconfiança a restauração litúrgica e sim para, redobrando de vigilância em relação a tais erros e a certas formulações imprecisas, trabalhar cada vez mais com mais entusiasmo e afinco pela volta dos fiéis à participação e compreensão dos sacramentos e do ofício divino" (cf. KELLER, T., O.S.B., "'Mystici Corporis Christi'", *art. cit.*, 852-853). ALVES RIBEIRO, F., "Notas sôbre o movimento litúrgico", *art. cit.*, 290: "...tudo quanto se fizer para desfazer os malentendidos será proveitoso e há de contribuir para essa tão desejada união de esfôrços em pról do bem comum".

161. *Ibid.*, 287: "O movimento litúrgico é o movimento de volta àquelas 'fontes primárias e indispensáveis' da vida cristã, a que se referia o papa Pio X". *Ibid.*, 288: "O objetivo do movimento litúrgico é a instauração de uma piedade cujo núcleo vital seja constituido pela missa, pela oração canônica e pelos sacramentos e sacramentais — uma *piedade litúrgica* em suma. Isto não significa eliminar aquelas práticas piedosas não oficiais recomendadas e aprovadas pela Igreja, como o rosário, a via-sacra, a visita e adoração ao Santissimo Sacramento, ou certos exercicios ascéticos necessários para a perfeição espiritual, como o exame de consciência, a leitura e meditação dos textos sagrados ou dos escritos de autores eclesiásticos, os 'exercicios espirituais' e os retiros e recolhimento. O que a piedade litúrgica pretende é infundir naquelas práticas não oficiais o espírito da liturgia, pois se esta é a forma *canônica* da piedade cristã e eclesiástica, qualquer outra manifestação de piedade privada deverá procurar moldar-se por ela o mais possivel, sem perder a própria individualidade. Teremos assim uma piedade 'de forma prevalentemente litúrgica'. Há sem dúvida exemplos de piedade de forma *não prevalentemente litúrgica* tacitamente aceitas pela Igreja. Mas uma forma de piedade que procura aproximar-se o mais possivel do conjunto de práticas piedosas oficiais da religião há de ser forçosamente uma forma mais perfeita e mais desejavel. É nesse princípio, difícil de ser contestado, que se baseia o sentido do movimento litúrgico e do esfôrço pela instauração de uma piedade litúrgica".

162. "Em Tôrno do 'Liturgicismo'", *REB* 5 (1945), 482-494.

163. *Ibid.*, 482: "Foi no intuito de resguardá-la (a concórdia) que reagimos contra uma tentativa para substituir, em matéria de piedade, a legitima e harmoniosa diversidade, pela uniformidade constrangedora que visa impor uma única e determinada forma de vida espiritual, no caso, a forma litúrgica. Quisemos mostrar que havia diferentes tipos ou estilos de piedade, todos legítimos, cujo conviver pacífico tornava-se não só possível como imprescindível para ressalvar a liberdade das almas".

164. *Ibid.*, 482-483: "Espantou-nos e nos penalizou a um tempo, que alguns outros hajam interpretado nossa intervenção como o desencadear de uma ofensiva contra o movimento litúrgico, contra a piedade litúrgica. De nossa parte fôra não só berrante contradição, não apenas grave êrro, como ainda negra ingratidão, pois devemos pessoalmente a Guéranger, a Hedley, a Vandeur, a Festugière, a Marmion, a Schuster, tudo quanto jamais pudemos apreender e gozar da prece pública da Santa Igreja".

165. *Ibid.*, 483-484: "Não combatemos pois o movimento litúrgico; apenas lamentamos, em *alguns* propagandistas seus, uma agressividade que lhe granjeou sobejas oposições. Tivessem-se limitado a manifestar as riquezas da liturgia, a ensinar ao povo a assistir à Missa com inteligência e devoção! Mas assacaram graves, gravíssimos erros às piedades medieval e moderna, apresentaram-se como reformadores do catolicismo decaído, proclamaram que o movimento litúrgico não era apenas *um* movimento de renovação cristã, mas 'o movimento de renovação cristã', qual *shibboleth* que discriminaria

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Muito menos, se quis combater a piedade litúrgica. Pelo contrário, mostrou-se a profunda complementaridade entre a piedade litúrgica e a piedade extralitúrgica.[165] Não se combatia a piedade litúrgica, mas simplesmente se deplorava o "espírito intolerante e exclusivista" de "*alguns* propagandistas de liturgia", que queriam suprimir a oração privada em prol da subsistência única da piedade litúrgica.[167]

Passa então a refutar um texto de "um dos mais moderados e simpáticos dentre os 'liturgicistas'"[168] que, por ser um leigo, falta-lhe certamente o "senso teológico".[169]

O Pe. Penido acha que no referido texto de F. Alves Ribeiro[170] existem "dois erros capitais": 1°) "É falso que as piedades não prevalentemente litúrgicas sejam aceitas pela Igreja apenas de modo tácito".[171] 2°) "É falso que a piedade prevalentemente litúrgica seja 'uma forma mais perfeita e desejável' e que, por conseguinte, 'qualquer manifestação de piedade deverá procurar moldar-se por ela o mais possível'". É falso, pois revela um exclusivismo absoluto.[172]

E conclui:

> "Desvendem a todos os fiéis, sem intermissão, as insondáveis belezas da sagrada Liturgia, cultivem com esmêro a piedade prevalentemente litúrgica naqueles que o Espírito Santo chama a essa forma de vida espiritual — e nós lhes não regatearemos o mais espontâneo e sincero aplauso. Em trôco,

católicos puros e impuros. Em tais circunstâncias, como não melindrar-se-iam as Ordens religiosas, devotadas desde séculos, à custa de sacrifícios tantas vezes heróicos, à cristianização do Brasil? Irritam os 'liturgicistas', como irritam os protestantes que se jactam de trazer — enfim! — a estas plagas a luz evangélica. Não só irritam; conturbam também inúmeras almas devotas que, afeitas aos métodos dum Francisco de Assis, dum Inácio de Loiola, dum Francisco de Sales, dum Afonso de Ligório, se angustiam e indagam se estão transviadas, se tantos esforços não foram baldados, se não trilharam durante anos e anos uma senda que, bem longe de levá-los à perfeição cristã, despenhá-los-á no báratro do antropocentrismo pagão ou do subjetivismo protestante! Houvesse nossa intervenção logrado induzir um ou outro propagandista da liturgia a maior prudência e recato, dar-nos-íamos por bem pago".

166. *Ibid.*, 484-486.

167. *Ibid.*, 487: "O que deploramos em *alguns* propagandistas de liturgia, é muito precisamente êsse espírito intolerante e exclusivista, pelo que os denominamos 'liturgicistas' (e não liturgistas) para bem frisar que visávamos não já o movimento litúrgico mas apenas determinados desvios de certos fautores seus. Êstes alongam-se mais ou menos da verdade. Os extremistas quereriam suprimir a prece privada, para que subsistisse tão-sòmente a oração pública. Excesso que motivou há dois anos, a intervenção do Vigário Capitular do Rio de Janeiro, Revmo. Mons. Rossalvo Costa Rego e pouco após foi expressamente reprovado pela Enciclica *Mystici Corporis Christi*. Os moderados conservam ambos os elementos: privado e público, afirmam porém que a piedade de forma prevalentemente litúrgica é *mais perfeita*, mais desejável, logo que qualquer outra *deverá* moldar-se por ela".

168. *Loc. cit.*: "Um dos mais moderados e simpáticos dentre os 'liturgicistas' contestou-nos por duas vêzes, o que nos dá azo de prestar novos esclarecimentos, não já no intuito por demais ingênuo de persuadir os 'liturgicistas', mas a fim de precaver os incautos que se deixaram enredar pela sofística 'liturgicista'". Trata-se de F. Alves Ribeiro, cujos dois últimos artigos acabamos de abordar. Ao mesmo tempo, o Pe. Penido dá sua justificativa porque não dá indicações de nomes: "Não lhe transcreveremos o nome, como não o transcrevêramos dantes, porque em nossos meios onde os debates de idéias logo descambam para a esfera afetiva e se carregam de paixão, deve ficar assentado com meridiana clareza que não estão em jôgo pessoas senão princípios. Seguimos pois o exemplo dos doutôres medievais, que designavam seus contemporâneos com um simples e anônimo 'quidam dixerunt'" (*loc. cit.*, nota 4).

169. Eis o que irônicamente afirma o Pe. Penido: " ..são ainda necessárias a leitura e meditação diuturnas, a fim de que se vá criando, aos poucos, o 'senso teológico'. Se êste falece até a certos professores de teologia, seria milagre encontrá-lo num leigo" (Em Tôrno do 'Liturgicismo'", *art. cit.*, 487).

170. Cf. supra, p. 190, nota 161.

171. PENIDO, M. T. L., "Em Tôrno do 'Liturgicismo'", *art. cit.*, 488. Convém lembrar que F. Alves Ribeiro não fala de "as piedades...", mas de "exemplos de piedades de forma *não prevalentemente litúrgica*..." (cf. supra, p. 190, nota 161).

172. PENIDO, M. T. L., "Em Tôrno do 'Liturgicismo', *art. cit.*, 489ss. Cremos que aqui novamente o Pe. Penido interpreta mal o texto de F. Alves Ribeiro. Houve de novo distorção do texto! Em primeiro lugar, na frase" "qualquer manifestação de piedade deverá moldar-se por ela o mais possivel", o pronome "ela" não se refere à "piedade prevalentemente litúrgica", como entende o Pe. Penido, mas à "forma *canónica* da piedade cristã e eclesiastica" (cf. supra, p. 190, nota 161). Então sim, se entende porque a piedade prevalentemente litúrgica é "uma forma mais perfeita e desejável", isto é, *na medida* em que se molda e busca sua força no culto oficial da Igreja!

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pedimos-lhes algo tão simples quanto essencial: renunciem a cercear a liberdade das almas, não tentem monopolizar a piedade católica. Numa palavra: não menosprezem o que a Santa Igreja preza". [173]

Eis, pois, alguns exemplos de como as polêmicas em torno do Movimento litúrgico, e suas idéias, ainda prosseguiram, desta vez suscitadas pelas "condenações" da Encíclica "Mystici Corporis Christi".

Da parte de adeptos e propagandistas do Movimento Litúrgico embalados por um justo entusiasmo, houve certamente exagero, imprudência e imprecisão do ponto de vista prático e doutrinário, com coloridos exclusivistas. Isso os próprios liturgistas admitem. [174]

Porém, dizer que os seus adversários também não exageraram, seria uma mentira muito maior. Ora, sob pretexto de salvaguardar a ortodoxia, a harmonia e a unidade na diverisdade, sob pretexto de defender a piedade extralitúrgica e o próprio Movimento Litúrgico — e, por incrível que pareça, aproveitando-se das "condenações" da "Mystici Corporis Christi", às vezes lida de antemão com preconceitos —, usaram de um estilo de tal maneira hostil e agressivo que arriscaram comprometer o próprio Movimento Litúrgico.

Daí, com razão, os adeptos do Movimento Litúrgico se viram prontamente na obrigação de prestar os devidos esclarecimentos, zelando pelo valor e pelo bom nome do mesmo. E o fizeram de uma maneira assaz digna.

Um dos adversários, no entanto, como vimos, não se deixa convencer, até o fim. É o Pe. Penido, que, para manter firme seu ponto de vista acusando F. Alves Ribeiro de "liturgicista", chega mesmo a fazer distorções num texto deste. [175]

Enfim, se tivéssemos que caracterizar o estilo de ambos os lados, na discussão, diríamos: os acusadores, no chamar justamente a atenção para o exclusivismo em matéria de Liturgia e piedade litúrgica, são hostis e polêmicos, criando mais problemas do que propriamente resolvendo-os. Da parte dos acusados — sem querer isentá-los de possíveis imprecisões ou exageros — estes se apresentam bem mais serenos e comedidos na discussão, mostrando mais uma vez, na prática, que o Movimento Litúrgico não é *"apologético"* mas *litúrgico*.

VI. As Autoridades eclesiásticas brasileiras e as polêmicas em torno do Movimento Litúrgico

Depois de termos colhido todos estes dados sobre as polêmicas em torno do Movimento Litúrgico no Brasil, convém apresentarmos também um apanhado, se bem que sumário, destas polêmicas enquanto envolvendo autoridades eclesiásticas brasileiras.

173. PENIDO, M. T. L., "Em Tôrno do 'Liturgicismo'", *art. cit.*, 494.
174. Naturalmente, não é o caso aqui analisarmos o valor doutrinal das idéias apresentadas pelos adeptos do Movimento Litúrgico no Brasil.
175. Cf. supra, p. 191, notas 171 e 172.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Comecemos por D. Mário de Miranda Vilas-Bôas, um dos pioneiros do Movimento Litúrgico no Brasil. Não resta dúvida que ele foi muito mal visto por causa de suas idéias.[176] Sofreu muita contestação por causa de suas inovações. Isso se reflete bem em sua Pastoral de Saudação a Belém do Pará, pelo estilo bem mais moderado, inclusive com uma frase muito significativa, quando fala da necessidade de propagar a Liturgia e seu espírito: "Nem de longe nos faríeis a injúria de nos atribuir intuitos inovadores e exóticos".[177]

Em Belo Horizonte, na Pastoral Coletiva de 25-12-1941, em vista das polêmicas que surgiam em torno das devoções particulares e a participação ativa mais intensa à Missa, os Bispos daquela Província Eclesiástica se obrigam a advertir para não se estabelecer oposição entre ambas.[178]

D. Cabral, em sua famosa Carta Pastoral de 14-4-1943, falando à Ação Católica, encoraja: "Não vos atemorizem os pretensos ou reais abusos que se atribuem ao movimento de Ação Católica e ao movimento litúrgico".[179] Ora, exatamente por esta época havia saído o *Em defesa da Ação Católica* de P. Corrêa de Oliveira, atacando o Movimento Litúrgico. Lembremo-nos também dos ataques de *Estrela do Mar*...

Sabe-se que D. Cabral sofria muito por causa do Movimento Litúrgico. Os grupos de Ação Católica, que ele apoiava, eram continuamente taxados de hereges em questões de Liturgia, até mesmo em púlpito de igreja.[180] A pressão era grande. Pressionava certa literatura que criava um clima forte de suspeita sobre o valor do Movimento Litúrgico que D. Cabral tanto amava. Pressionava o Núncio Apostólico Mons. Aloisi Masella, que não tolerava inovações.[181] Enfim, basta dizer que o próprio *Congresso Litúrgico* que D. Cabral, em sua Pastoral, prometeu realizar,[182] não se celebrou por falta de suficiente apoio.[183] Com muito jeito e diplomacia, inseriu-o no Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica, em cujo resultado, aliás, no que diz respeito à Liturgia e ao Movimento Litúrgico, transparece uma decidida tomada de posição no sentido de evitar desentendimentos, inclusive com medidas concretas para que se evitem polêmicas, suspeitas e acusações infundadas contra a Ação Católica e o Movimento Litúrgico.[184]

O próprio Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte apresenta traços da existência de polêmicas existentes. Por exemplo, basta lembrar que, uma vez, usa a expressão *"a fim de se evitarem incompreensões"* (grifo nosso),[185] passando então a dar uma série de normas e observações práticas

176. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 225: "D. Mário foi tão perseguido por causa das idéias que tinha naquela época, que foi convidado pela Nunciatura a escrever algo que tornasse público seu acatamento ao Papa. Pairavam dúvidas sobre sua fé... Escreveu então a bela carta pastoral *Videre Petrum* que tapou a boca de seus adversários".

177. *Carta Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Arcebispo Metropolitano de Belém do Pará, op. cit.*, 26.

178. *Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de Belo Horizonte, op. cit.*, 19; cf. supra, p. 131, nota 57.

179. *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral..., op. cit.*, 41.

180. Cf. Apêndice VIII, itens 1 e 2.

181. O pior é que D. Cabral tinha um profundo respeito pelo Núncio. Afinal, era o representante do Papa! E isso fazia D. Cabral sofrer... De um lado, via a maravilha do Movimento Litúrgico. Do outro lado, tinha que se submeter à autoridade do Núncio que freava muitas iniciativas.

182. *Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral..., op. cit.*, 32.

183. Cf. Apêndice VII, item 2, e X.

184. Cf. *Resoluções do Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, de 7 a 12 de agosto*, Belo Horizonte 1943; cf. supra, p. 103s.

185. Dec. 563.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

sobre a virtude da Religião, sobre as inovações litúrgicas, sobre as formas de piedade, sobre a diferença entre a oração pública do celebrante e a particular dos leigos, sobre a própria oração particular, sobre as escolas de espiritualidade, sobre a piedade em geral, sobre ascese.[186] Como se vê, são todos temas em torno dos quais tanto já se tinha polemizado!

Permanecendo ainda em Minas, lembramos o Sínodo de Guaxupé que, no Decreto 29 § 5, referindo-se à Ação Católica, manda evitar colisões e discussões estéreis, sobretudo pela imprensa, pois só destroem e desedificam.[187]

No Rio de Janeiro, D. Leme não mostrava muito entusiasmo pelo Movimento Litúrgico. Tolerava-o, porque, afinal, via os frutos que dele iam surgindo. Como diz D. Isnard: "A polêmica em torno do movimento litúrgico o fazia sofrer, e percebia-se nele alguma indecisão".[188]

Morto D. Leme, o Vigário Capitular da Arquidiocese, Mons. Rosalvo Costa Rêgo, passa a tomar medidas que evidenciam uma atitude fortemente defensiva contra a presença de um perigo ameaçador. Com a "Instrução" de 31-5-1943, lança-se em enérgica defesa das práticas extralitúrgicas contra os que as julgam não necessárias para a santificação.[189] Evidentemente que o livro de P. Corrêa de Oliveira — com Prefácio do Núncio! —, exatamente desta época e, portanto, já fazendo o seu furor,[190] como toda a polêmica anterior de *Estrela do Mar*,[191] influenciou e encorajou certamente o Vigário Capitular a tal rígida tomada de posição.[192] O mesmo se diga da "Instrução" de 4-6-1943, em que proíbe na Arquidiocese as Missas dialogadas,[193] permitidas depois pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara (sucessor de D. Leme) só após a "Mediator Dei".[194]

O próprio Cardeal Câmara não sintonizava com o Movimento Litúrgico. Julgava-o exagerado, elitista.[195] Aliás, muito sintomático foi o estilo do Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica no Rio de Janeiro em 1946: preocupou-se em acabar com as discussões "estéreis" e preocupações "imediatistas"; incentivou-se a prática dos Exercícios Espirituais inacianos; houve muito pouco apelo à participação dos fiéis na Liturgia.[196]

186. Dec. 563-568. Acrescentaríamos a advertência do Dec. 562, chamando a atenção para não confundir o Movimento Litúrgico com o "desejo de aumentar a pompa dos atos rituais, a preocupação da beleza, diletantismo piedoso, gosto da arqueologia, missa dialogada". Sintomático também é o Dec. 564: "Os sacerdotes não tenham receio de levar os fiéis à participação do rico tesouro espiritual que é a oração da Igreja, fonte segura de piedade".

187. Cf. supra, p. 139.

188. "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 220. Testemunha ainda: "A 17 de outubro de 1942 falecia D. Leme, figura ímpar de bispo... Dias antes da sua morte o pe. Arlindo Vieira escrevera um artigo no *Correio da Manhã* estabelecendo paralelos entre o movimento litúrgico e o nazismo (o Brasil acabava de declarar guerra à Alemanha, e maioria dos monges do Mosteiro de São Bento era composta de alemães...)". Infelizmente, não nos foi possível acesso a este jornal, em busca deste artigo que sem dúvida seria importante aqui no caso.

189. Cf. supra, p. 149-150.

190. Cf. supra, p. 175s.

191. Cf. supra, p. 166s.

192. Aliás, é sintomático o título com que *O Legionário* publicou o documento: "Vida Litúrgica e práticas extra-litúrgicas. Importantes determinações da Câmara Eclesiástica do Rio de Janeiro" (*O Legionário* 564, 30-5-1943, 1). O documento foi mesmo bastante explorado para se atacar. Significativo por exemplo este texto de M. T. L. Penido: "Quanto ao Brasil, não me consta ao certo qual a gravidade do mal. Que êle exista, faz fé a lúcida e firme 'Instrução ao Clero e aos fiéis sôbre vida litúrgica e práticas extra-litúrgicas', baixada... pelo então Vigário Capitular do Rio de Janeiro...". E passa a citar um longo trecho do documento (cf. "Corpo Místico...", *art. cit.*, 523-524; o documento vem relembrado depois em "Em Tôrno do 'Liturgicismo'", *art. cit.*, 487).

193. Cf. supra, p. 150-151. Aliás, a medida suscitou certamente fortes discussões (cf. *Estrela do Mar* nº 400 (agosto 1943), 183-184; cf. supra, p. 183, nota 113).

194. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências..." in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 219.

195. *Ibid.*, 222; Cf. Apêndice XVI; cf. também Apêndice XV.

196. Cf. supra, p. 106-108.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Em São Paulo, as quentes polêmicas obrigaram os Bispos a tomarem decisões, exigindo deles até mesmo atitudes extremamente diplomáticas para salvaguardar a concórdia. Os documentos o dizem. Basta olhar as "considerações oportunas" apresentadas pelos Bispos da Arquidiocese na Circular de 27-11-1941, onde se pode notar o reflexo de toda uma polêmica anterior. Não é à toa, por exemplo, que aí os Bispos chegam a proibir a Missa *versus populum*, mandando inclusive evitar "de todo a chamada 'questão litúrgica'", etc.[197]

O próprio Arcebispo de São Paulo, D. José Gaspar, conforme testifica D. Isnard, andava preocupado com a atuação do movimento liderado por P. Corrêa de Oliveira, pelo Pe. Geraldo de Proença Sigaud e Mons. Castro Mayer, sem dúvida apoiados pelo Núncio Apostólico.[198] O livro de P. Corrêa de Oliveira fazia sucesso, espalhando desconfiança em relação ao trabalho que o Movimento Litúrgico desenvolvia no Brasil.

A D. José Gaspar, falecido a 27-8-1943 num desastre aéreo, indo para o Rio de Janeiro, sucede D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta. Antes de sua chegada à sede episcopal, foi advertido e minuciosamente informado da situação: "São Paulo fervia, agitado pelo grupo de *O Legionário*".[199]

Então, o que fez D. Motta? A partir da Carta Pastoral de Saudação com data de 29-10-1944, tomou medidas tais que pareceu contentar a todos, assegurando assim concórdia na Arquidiocese.[200] Como exclama D. Isnard:

> "D. Carlos Carmelo talvez não imagine o serviço que prestou à Igreja no Brasil com as atitudes que tomou: resumindo, ele limpou o campo... Como fruto imediato de sua atuação saneadora basta mencionar a transformação de *O Legionário*. Acabou aquela histeria semanal de ataques, que alimentava um clima de suspeita e oposição ao movimento litúrgico".[201]

Quanto ao Episcopado nacional em geral, no Concílio Plenário Brasileiro, sabemos da extrema cautela com que os Bispos do Brasil se apresentaram diante do Movimento Litúrgico. É que as polêmicas litúrgicas por essa época já eram grandes e quentes.[202] E isto certamente influenciou o Concílio. Daí a sua medrosa prudência pastoral em falar mais diretamente do assunto, para não produzir mais confusão. Preferiu limitar-se ao incentivo da instrução religiosa do povo.

De maneira geral, como vimos em capítulo anterior, o Episcopado brasileiro manteve grande reserva diante do Movimento Litúrgico neste período de 1934 a 1947. Não se encorajou muito a promover um movimento em torno do qual se faziam tantas polêmicas. Aliás, muito sintomáticas são as "aprovações e encômios" de pelo menos 23 Arcebispos e Bispos ao *Em defesa da Ação Católica* de P. Corrêa de Oliveira.[203] Um deles, após

197. Cf. supra, p. 142s.
198. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências.. ", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 221; cf. supra, p. 175, nota 64. Quanto ao Mons. Castro Mayer, relembramos o significativo fato que trazemos descrito na nota 2 deste capítulo.
199. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 223. Aliás, quem desenvolveu papel importante nas informações fornecidas ao novo Arcebispo foi o beneditino D. Paulo Marcondes Pedrosa.
200. Cf. supra, p. 144-146. Significativo é o artigo de P. Corrêa de Oliveira, intitulado "Amistício", publicado em *O Legionário* 641, 19-11-1944, 5, em que o autor, diante da Pastoral, expressa já sua alegria e esperança por dias mais amenos...
201. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências... in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 223.
202. Cf. supra, p. 163-166.
203. Cf. *Em defesa da Ação Católica. Aprovações e encômios de autoridades eclesiásticas*, *op. cit.*, 3-20.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

elogiar o "brilhante livro", chega a exclamar: "Já era tempo de serem rebatidos... os graves erros, que, sem culpa dela, se estavam introduzindo nos conceitos da Ação Católica, deturpando-lhe a finalidade. Estão vingadas as salutares práticas, que o mágico liturgicismo pretendia substituir".[204]

Como se vê, falando das Autoridades eclesiásticas brasileiras e as polêmicas litúrgicas, há quem tenha sofrido fortes pressões por causa de seu apoio e incentivo ao Movimento Litúrgico. Há quem tenha se apresentado quase hostil às inovações, a começar pelo Núncio Apostólico D. Aloisi Masella. Há quem tenha mantido uma atitude estritamente defensiva ou apenas reservada. Há quem teve que lutar para apaziguar os ânimos. Enfim, há os que se limitaram em bater palmas aos ataques desferidos contra os que trabalhavam pela restauração litúrgica. Numa palavra, as Autoridades eclesiásticas brasileiras não estavam concordes entre si quanto ao Movimento Litúrgico. Divergiam entre si quanto à maneira de encará-lo.

Conclusão

Concluindo este capítulo sobre "Controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil", antes de tudo fazemos notar que realmente adeptos e propagandistas do Movimento Litúrgico não deixaram de ser duramente atacados. Damos alguns apelativos e expressões características usadas para atacá-los:

"Mania de Liturgia", "espírito de capela", "'católicos DO Cristo'..., aristocratas, detentores das chaves do céu, tendo nas mãos a sabedoria, gente de escol, 'magister dixit', os condutores, os guias, os privilegiados", "exageros exóticos", "ridículas exquisitices", "'liturgismo' fanático, exclusivista, pedante, absurdo, exagerado, unilateral, ridículo, herético", "charadas estereotipadas", "pneumático" (com irônico segundo sentido: pneu de automóvel!),[205] "abusos", "erros e heresias", "novidades exquisitas", "inovadores", "pseudo-liturgismo", "desmandos doutrinários", "exageros do 'hyper-liturgismo'", "heresias modernistas", "igrejinhas do peixe", "pseudo-liturgistas", "falsos profetas", "francos profetas do mal", "liturgismo de má lei", "exageros e desatinos de alguns asseclas do chamado movimento litúrgico", "liturgicista(s)", "liturgicismo", "'totalitarismo' religioso", "espírito 'arcaizante'", "espírito intolerante e excluvista", etc.

Por que toda esta terminologia? Porque são acusados de uma série de erros e abusos em matéria de Liturgia, que passamos também a elencar.

Só pensam em Liturgia, olvidando-se da ação social. Só a Liturgia é que para eles vale ("Mania de Liturgia"!).

Há mesmo um irritante *snobismo* litúrgico (terminologia nova!, etc.) de uns grupos arrogantes de iniciados litúrgicos, "fanáticos".

Advogam o uso exclusivo do Missal (e folhetos litúrgicos), abolindo com isso o Terço na Missa.

204. Cf. carta de D. José Maurício da Rocha, bispo de Bragança, com data de 2-7-1943, publicada em CORRÊA DE OLIVEIRA, P., *op. cit.*, 9-10.
205. Cf. supra, p. 171, nota 44.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Desprezam o *Goffiné*.

Querem introduzir à força a Missa dialogada, a Missa *versus populum*, paramentos largos, procissão do Ofertório. (Falam até mesmo em se *dever* mastigar a Hóstia na Comunhão, pois a Liturgia diz: 'manducamus'!).

Querem abolir as orações no fim da Missa, por não serem litúrgicas.

Alegando não ser o Rosário oração litúrgica querem por força substituí-lo pelo Ofício Divino.

Atentam contra as devoções do povo, querendo substituí-las (eliminá-las) pela *única* devoção: a *litúrgica* (Missa, Sacramentos, Ofício Divino).

Atentam contra os Retiros fechados, especialmente os Retiros segundo o método de Santo Inácio. Alegam deverem estes ser substituídos por Palestras litúrgicas em ambiente mais livre e descontraído, com jogos e recreações, suprimindo-se o Terço, Via-Sacra, não podendo aí se falar do inferno, da luta contra as paixões, das virtudes passivas, etc. Atentam contra os Retiros de Quaresma, alegando que a Quaresma é o grande Retiro da Igreja, segundo a Liturgia.

Forçam substituir (não querem ver) a imagem do Cristo das dores pela do Cristo glorioso e vencedor, o Cristo *pantocrator*.

Sob pretexto de restaurar uma piedade autenticamente católica, litúrgica, criticam fortemente — querendo até excluir — o valor doutrinal e prático das formas de piedade extralitúrgicas e de ascese (Retiros espirituais, meditação, exame de consciência, exercícios de vontade, Rosário, Via-sacra, devoção ao Santíssimo,[206] tesouros espirituais, devoção aos Santos — só pensam em São Paulo e nos Santos Padres!).

Querendo ser cristocêntricos, atentam contra a piedade mariana.

Criticam as Escolas de Espiritualidade (a que mais se ressente é sempre a dos Jesuítas), alegando-se que só existe uma: a litúrgica.

São erros, a maioria deles, provenientes do conceito mecânico e mágico de Liturgia, que tem sua origem no espírito modernista de horror à mortificação e ao sacrifício, em busca de prazeres sensuais.[207]

Pela gravidade destes dados todos, alguém poderá logo deduzir que houve exageros por parte de adeptos e propagandistas do Movimento Litúrgico no Brasil. Não resta dúvida, houve imprudência e precipitação. Houve falta de precisão na linguagem. Houve excessos no falar e no agir. Os próprios liturgistas são concordes nesta afirmação.[208]

206. Um fato pitoresco. Certa feita, no Instituto de Educação em Belo Horizonte, o Pe. Orlando Machado afirmou numa conferência que "Cristo está na Eucaristia, não para ser adorado, mas adoramo-lo porque está presente". Houve protestos imediatos, sobretudo por parte dos Sacramentinos. Muitos até se retiraram da sala de conferência em protesto contra esta "heresia" que negaria a presença real. Fato idêntico aconteceu com o Pe. Agnaldo Leal em Belo Horizonte. Numa conferência, afirmara que "não guardamos o Santíssimo no Sacrário para adorar, mas o adoramos porque o guardamos...". Uma "beata" noticiou isto ao Núncio. O Núncio se queixou com D. Cabral. E este não podia fazer nada! (cf. Apêndice X e XI).

207. Tese de Plínio Corrêa de Oliveira.

208. Cf. ALVES RIBEIRO, F., "Ação Católica Universitária", *art. cit.*, 515; *id.*, "Em torno do 'movimento litúrgico'", *art. cit.*, 112; *id.*, "'Liturgicismo'... *art. cit.*, 232; *id.*, "Notas sôbre o movimento litúrgico", *art. cit.*, 287; KELLER, T., O.S.B., "'Mystici Corporis Christi'", *art. cit.*, 846-847.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Até que ponto vai a gravidade dos excessos é difícil dizê-lo. Pois é evidente que da parte dos acusadores houve muito mais excesso, sobretudo quanto ao método de atacar e apontar os erros dos que eles denominavam "hereges do liturgismo". Exageraram com uma terminologia que chega a ser descaridosa, caluniosa e ofensiva, com métodos pouco corretos, segundo se queixam alguns.[209] Além disso, notamos que os acusadores apenas se preocuparam em apontar os pecados do Movimento Litúrgico no Brasil. Não mostraram o mínimo interesse em apontar os frutos positivos do Movimento Litúrgico neste país. Apenas andaram à caça de "heresias" do Movimento.

No entanto, desta linguagem fortemente hostil e agressiva, deste comportamento adverso ao Movimento Litúrgico,[210] emerge também um dado sem dúvida interessante, sobretudo para quem estuda o complexo fenômeno cultural da religiosidade popular no Brasil:[211] É impressionante como esta gente defende "com unhas e dentes" uma *tradição* que de repente se vê ameaçada. Defende-se a todo custo um tipo de moral e ascese. Defende-se apaixonadamente a piedade extralitúrgica nas suas mais variadas formas. Defendem-se com paixão as Escolas de Espiritualidade, sobretudo a dos Jesuítas.[212] Defende-se a própria unidade è ortodoxia da Igreja.[213] Defende-se a própria Liturgia... Mas, *defendem, atacando*... Este foi o mal que ameaçou a própria credibilidade do Movimento Litúrgico.

Da parte dos acusados, estes reconhecem humildemente que houve erros e imprudência. No entanto, apesar dos deslizes, estão convencidos que o Movimento Litúrgico é bom, seus frutos são realmente consoladores, e que por isso mesmo é um sagrado dever defendê-lo.[214] Daí, dispostos a corrigir

209. Cf. por exemplo TAUZIN, S., O.P., "Lutas internas", *art. cit.*, 699; cf. GUGLIELMELLI, D., C.M., "Adversários da Ação Católica", *REB* 7 (1947), 489-490.

210. Dizemos "adversos ao Movimento Litúrgico" no sentido de, com a linguagem agressiva, criarem um clima de dúvida quanto ao próprio sentido do Movimento.

211. Cf. Introdução, p. 26, nota 9, onde damos uma bibliografia sobre a religiosidade popular no Brasil. Note-se esta observação de F. Alves Ribeiro já em 1942: "Nascemos em plena 'era barroca'. A descoberta e colonização do Brasil foi uma ruptura geográfica e cultural que contribuiu fortemente para desviar a religiosidade do nosso povo do genuino espírito da Igreja" (ALVES RIBEIRO, F., "Prefácio" in: GUARDINI, R., *O Espírito da Liturgia, op. cit.*, 21-22).

Daí se entenderia a afirmação de A. Amoroso Lima, em 1943, ao se referir às resistências ao renascimento espiritual que se processava no Brasil: "As resistências psicológicas provêem daquelas tendências ao subjetivismo, ao sentimentalismo, à superficialidade, à confusão, à indiferença religiosa que continua a ser um grave impecilho à conversão de uma catolicidade convencional e nominal em uma catolicidade consciente e depurada" (AMOROSO LIMA, A., "A Igreja e o Brasil", in: *id.*, *A Igreja e o novo mundo*, Rio de Janeiro 1943, 40).

212. Os jesuítas tanto lutaram contra os abusos do Movimento Litúrgico que, no fim, precisaram mostrar que os ideais da Companhia de Jesus combinam perfeitamente com os ideais do Movimento Litúrgico (cf. o artigo muito bem feito, ponderado, de ROSSETTI, N. P., S.J., "A liturgia e a Companhia de Jesus", *Mensageiro do Coração de Jesus* nº 568 (nov. 1943), 421-424, e nº 571 (jan. 1944), 25-31).

213. Chamamos a atenção para as preferências dos liturgistas por autores modernos, o que suscitou acerbas críticas por parte dos seus adversários fiéis ao Papa! Há até mesmo problemas políticos envolvidos. Por exemplo, os liturgistas eram suspeitos até mesmo de comunistas, subversivos, destrutivos. Por quê? Porque liam Maritain, antifranquista. Ora, quem era antifranquista — havia no Brasil muitos jesuítas espanhóis! — só poderia ser comunista, ou, pelo menos suspeito! (cf. Apêndice X; cf. PAOLIELLO, C. L., "'Vida'", *O Diário* 12-10-1937, 5; "A defesa da defesa" (Editorial), *A Ordem* 37 (fev. 1947), 97-102; cf. TAUZIN, S., O.P., "Lutas internas", *art. cit.*, 699; cf. "A Pastoral de Dom Justino", *A Ordem* 34 (set. 1945), 260-262; AMOROSO LIMA, A., *Companheiros de viagem*, Rio de Janeiro 1971, 67; cf. MOURA, O., O.S.B., *op. cit.*, 97-111, onde inclusive apresenta um apanhado geral sobre as controvérsias em torno do Movimento Litúrgico; cf. ainda ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 213-214).

214. Interessante como ainda em inicios de 1947 *A Ordem* se dispõe abertamente em defesa do Movimento Litúrgico com um Editorial intitulado "Em defesa da defesa": "O presente artigo visa afirmar que nossa orientação não se opta pelo gôsto gratuito da querela, visando também defender o direito da réplica viva ou melhor a defesa da defesa. Defendemos o movimento litúrgico porque êsse movimento, visto de perto, participado, vivido, demostrou-nos, não só pelos bons frutos, como também pela evidência de sua autenticidade católica, que era um reflexo da verdade divina o que estamos defendendo. Defendemos a obra de Maritain [...] em matéria decisiva... como as campanhas de difamação em tôrno do movimento litúrgico e da obra de Maritain, nós prosseguiremos com a nossa crítica destrutiva, defendendo a defesa, dizendo não ao não" (*A Ordem* 37 (fev. 1947), 97, 109).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

os erros, reafirmam sempre de novo os ideais do Movimento Litúrgico: não se trata de diminuir ou eliminar o *extralitúrgico*, mas fazer uma campanha para evidenciar o *litúrgico* (culto oficial da Igreja) que se encontrava caído no esquecimento por causa de uma religiosidade por demais subjetivista e sentimentalista.[215]

Da parte dos acusadores, embora não condividamos com o método usado, digno de nota, repetimos, é a paixão com que se procura salvaguardar uma tradição popular de piedade sem dúvida tipicamente brasileira[216] que se sentia fortemente criticada e ameaçada pela "invasão" do *litúrgico* oficial que o Movimento Litúrgico queria evidenciar.

Da parte dos liturgistas, digna de nota é a serenidade e ponderação com que defendem o Movimento Litúrgico: defendem o Movimento Litúrgico *defendendo-o*, isto é, não tanto atacando o adversário como o adversário o fazia, mas procurando evidenciar sempre melhor os ideais da vida litúrgica plenamente vivida e participada.

Enfim, resta apenas afirmar: De ambos os lados erraram, e de ambos os lados acertaram.[217] As controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil mostram como foi difícil combinar as novas idéias litúrgicas com as tradições locais de um catolicismo tipicamente tradicional.

1

215. Convém lembrar o que acenamos acima, p. 198, nota 211.

216. *Loc. cit.*

217. Poderíamos citar um ótimo resumo da problemática que viemos mostrando, de "Movimento Litúrgico", *O Diário* 20-8-1944, 2: "O Movimento Litúrgico causaria, como causou, alguma estranheza, porque vinha colocar em primeiro plano a Santa Missa e a vida sacramental, que sempre foram causas secundárias para as abundantes devoções sentimentalistas que por aqui vegetavam. Não vamos também negar que os métodos de alguns entusiastas, mais negativos que construtivos, atacando o devocionalismo vazio e agradavel em vez de substitui-los organicamente, aumentavam os desagrados. O observador sereno, embora verificando que uns e outros erraram compreenderá que todos tinham razão... Os que se aferravam ás 'suas' velhas devoções, porque naquilo nasceram, não as queriam abandonar, nem que fosse pelas práticas mais vitais da Santa Igreja. E os que atacavam, demolidores, as devoções sentimentais ou não autenticas, faziam-nos convictos de que é necessário substitui-las, dando o primeiro lugar á 'fonte primeira e indispensavel de toda a vida cristã'. Foi naquela fase desagradavel que apareceram os ataques reciprocos, as discussões apaixonadas, as arremetidas, pouco caridosas, as tentativas de ridiculo, as acusações infundadas de heresia e outras lástimas, de que todos, hoje, se devem humildemente penitenciar. Houve mesmo um momento de super-excitação: o Congresso de Ação Católica de Belo Horizonte, precedido da corajosa e marcante Pastoral do Exmo. Sr. Arcebispo, estimulava fortemente os adeptos do Movimento Liturgico, enquanto os seus adversarios se fundavam nos telegramas que anunciavam numerosas condenações que a Encíclica sobre o Corpo Místico cominava ao Movimento. Tudo passou, quando cedeu o entusiasmo do Congresso e a publicação do texto da Enciclica revelou que nem uma das famigeradas condenações atingia o Movimento Liturgico, tal como está sendo no Brasil. Atitudes mais energicas de alguns Prelados Diocesanos contribuiram imensamente para evitar as discussões (que apenas desuniam e desedificavam) e impeliram o Movimento para o seu verdadeiro rumo".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Concluindo a parte I

Como vimos, o Movimento Litúrgico no Brasil começou propriamente só em 1933, o que não significa que já antes deste ano não circulavam pelo Brasil notícias e idéias sobre o Movimento Litúrgico que se desenvolvia na Europa. Inclusive encontramos já a partir de 1905 exortações e legislações eclesiásticas que — alguns com base no *Motu Proprio* de Pio X, de 22-11-1903 — acentuavam a necessidade da instrução dos fiéis sobre a Liturgia e o Canto Gregoriano. Além disso, preciosas colaborações escritas surgiram no Brasil também já nesta época, no sentido de instruir e facilitar a participação na Liturgia. Mas tudo isso não possuía ainda o colorido e as dimensões de um verdadeiro movimento.

Ano de 1933. O Movimento Litúrgico na Europa já se encontrava em estágio amplamente desenvolvido. Lembramos os centros irradiadores como Solesmes (França), depois Maredsous e Mont-César (Bélgica), Beuron e Maria Laach (Alemanha), Klosterneuburg (Áustria), com vultos como Guéranger (Solesmes), o Papa Pio X, depois Beauduin (Mont-César), Herwegen e Casel (Maria Laach), Guardini, Parsch (Klosterneuburg), e outros.

Estes centros e estes nomes irradiam-se também para o Brasil, sobretudo a partir de 1933, com a vinda de Dom Martinho Michler O.S.B., que exatamente vivera nos ambientes de Beuron e Maria Laach, que conhecera muito bem Beauduin, Casel, Guardini e outros.

No Brasil, Dom Martinho Michler começa a dar aulas e cursos de Liturgia, sob o aspecto teológico e espiritual, para leigos universitários e intelectuais do Centro D. Vital no Rio de Janeiro. Coisa inédita até então! Uma grande novidade, primeiro porque até então não se imaginava que se pudesse dar aulas de Liturgia para leigos, segundo porque se "identificava" Liturgia com o seu mero aparato externo (velas acesas, flores no altar, paramentos, gestos, etc.). De repente, descobre-se que é bem outra coisa. Através do contacto com Dom Martinho Michler, começa-se a descobrir o profundo e envolvente sentido teológico-espiritual da Liturgia. Os ouvintes do recém-chegado monge beneditino da Alemanha se entusiasmam. E se entusiasmam sempre mais, sobretudo um grupo de jovens universitários da AUC do Centro D. Vital. Fundam no Centro um *Centro de Liturgia* (1933). Organizam retiros ("dias de comunidade") onde dialogam a Missa

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

versus populum com Dom Martinho Michler. Nos retiros como no Centro começam a rezar o Ofício Divino. Escrevem artigos litúrgicos e informações sobre a Liturgia na revista *Vida* da AUC. O mesmo fazem os intelectuais da revista *A Ordem* do próprio Centro D. Vital.

Implantava-se, pois, o Movimento Litúrgico no Brasil, que foi se irradiando do Rio para os mais diversos pontos do território nacional, sobretudo nos meios da Ação Católica fundada em 1935. Dom Martinho Michler esteve também em Minas, onde, através de suas exposições sobre o sentido da Liturgia, das Missas dialogadas, das Missas *versus populum*, etc., arrastou inúmeros jovens da Ação Católica, sobretudo moças, para o entusiasmo pela Liturgia. Basta dizer que vários rapazes do Rio e um bom número de moças de Minas, sobretudo de Belo Horizonte, acabaram entrando para os Mosteiros beneditinos ou em outras Ordens e Congregações Religiosas: é um dos imediatos frutos mais empolgantes do apostolado litúrgico de Dom Martinho Michler e do Movimento Litúrgico implantado no Brasil.

Falamos também de outros pioneiros do Movimento Litúrgico no Brasil, além de Dom Martinho Michler. São os que ofereceram imediato apoio material e ideológico ao Movimento que apenas iniciava, através de publicações praticamente indispensáveis para o seu desenvolvimento. São eles: Dom Beda Keckeisen O.S.B., com seu *Missal;* Dom Polycarpo Amstalden O.S.B., com seu "Folheto Litúrgico"; Dom Hildebrando Martins O.S.B. com seu *Ordinário da Missa;* Frei Henrique G. Trindade O.F.M. com seu *Sigamos a Missa;* o Bispo D. Mário de Miranda Vilas-Bôas, com sua famosa Carta Pastoral sobre a Ação Católica; e Dom Tomaz Keller O.S.B., com seu tratado intitulado *Missa Dialogada.*

Duas coisas impulsionaram imediatamente o desenvolvimento e a expansão do Movimento Litúrgico no Brasil: a) a grande descoberta do sentido da Liturgia como participação dos fiéis no Mistério de Cristo na Igreja, na Vida da Igreja como Corpo Místico de Cristo; b) através desta grande descoberta, percebe-se com angústia o "escândalo" da ignorância e alheamento geral do povo em matéria de Liturgia, "escândalo" de um povo entretido quase exclusivamente com devoções "sentimentais" e "subjetivas", com uma vida ascético-espiritual por demais "individualista".

Movido por estas duas contrastantes descobertas, parte-se para a reação contra o angustioso "escândalo" do distanciamento dos fiéis em relação à Vida da Igreja. A reação é feita às vezes de maneira dura, violenta até, exatamente pela "angústia" que a grande Novidade (Liturgia) trazia num ambiente onde quem parecia mandar era o "individualismo". Parte-se, portanto, para a ação: difundir o Movimento Litúrgico para possibilitar ao maior número possível de brasileiros a experiência da grande descoberta que muitos já iam fazendo e, assim, dar a todos a possibilidade de participar viva, ativa e conscientemente da grande Riqueza da Igreja como Presença viva de Cristo, na Liturgia.

Promovem-se inúmeras publicações litúrgicas. Publicações de livros e artigos de autores estrangeiros, dentre os quais figuram autores clássicos

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

como Capelle, Beauduin, Guardini, Casel, Parsch. Publicações, em escala menor, de livros e artigos escritos no Brasil mesmo. Publicações para servir diretamente ao culto (Missais, folhetos, Ordinários da Missa, etc.). Tudo somado: uma verdadeira biblioteca litúrgica.

Promovem-se cursos, congressos, retiros e outras programações litúrgicas sobretudo para a Ação Católica e com a colaboração efetiva dela. Promovem-se Semanas da Missa para o povo em geral nas paróquias com a participação e colaboração da Ação Católica. Todas promoções que se realizaram nos mais diversos pontos do país: no Rio de Janeiro, em Minas (Belo Horizonte, Juiz de Fora, Leopoldina, Uberaba, Poços de Caldas, Paraisópolis, etc.), em Sergipe (Aracaju), em Pernambuco (Garanhuns, Cajazeiras), em Belém do Pará, etc.

Promove-se a renovação até mesmo na arte sacra em geral, na música, na pintura, na escultura. Funda-se a revista *Musica Sacra* (Petrópolis, 1941). Funda-se uma "Escola de Música Sacra" no Rio (1943). Fundam-se coros de meninos cantores e *Scholae Cantorum*. Difunde-se a imagem do Cristo Glorioso, *pantocrator*, seguindo o modelo de Maria Laach. Constroem-se igrejas cristocêntricas, procurando centrar-se para o altar, em função da Liturgia.

Além disso, diante do entusiasmo que pode levar a exageros, e diante das críticas adversas que podem gerar confusão e intrigas, cuidou-se seguidamente no sentido de manter equilíbrio no abraçar e difundir o Movimento Litúrgico.

Reservamos um capítulo especial sobre a atitude do Episcopado do Brasil diante e para a promoção do Movimento Litúrgico neste país. Analisando o documento do Primeiro Concílio Plenário Brasileiro (CPB), os documentos de 6 Sinodos Diocesanos e várias Cartas Pastorais e Editais de Cúria, concluímos que as Autoridades episcopais do Brasil se colocaram em geral de maneira muito reservada frente ao Movimento. Não falam contra. Mas também não falam muito a favor. São bastante reservados. Com algumas excessões, é claro.

O CPB, sem usar a expressão "Movimento Litúrgico", permite com extrema cautela a Missa dialogada. Dos 6 Sínodos Diocesanos, apenas um usa a expressão "Movimento Litúrgico". É o Sínodo de Belo Horizonte (1944) que, aliás, é o único que expressamente se interessa e estabelece diretivas para promover o Movimento. Os outros Sínodos — também o CPB —, quando tocam em assuntos litúrgicos, a preocupação maior vai na linha do disciplinamento doutrinário e organizativo do culto.

Das várias Cartas Pastorais analisadas, embora demonstrem real interesse — umas mais, outras menos — em promover uma vida litúrgica profunda, viva e consciente nos fiéis, a maioria evita falar diretamente do Movimento Litúrgico. São relativamente poucas as que o fazem. Algumas permitem ou aconselham a Missa dialogada e recitada. No Rio de Janeiro, a Missa dialogada é proibida (1943), depois que em São Paulo, por razões de prudência, fora vedada a Missa *versus populum* (1941).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Tomando todos os documentos episcopais em seu conjunto, o que positivamente mais aparece é a insistência no sentido de *instruir os fiéis* sobre a Liturgia, bem como se insiste bastante em promover o canto litúrgico, sobretudo o Canto Gregoriano.

Portanto, tocamos já num primeiro obstáculo — se assim podemos dizer — para o Movimento Litúrgico no Brasil: a reserva e extrema cautela da maioria dos Bispos.

Mas houve outros obstáculos não menos graves. Sabemos que simpatizantes do Movimento Litúrgico, descobrindo a beleza da Liturgia e, conseqüentemente, "escandalizando-se" com o devocionalismo do povo entregue ao "individualismo" e ao "sentimentalismo" de uma vida espiritual longe dos moldes da Liturgia oficial, não medem por vezes palavras para criticar a situação de pobreza litúrgica em que vivem inúmeros católicos brasileiros. Atacam o devocionalismo. Propagam a Liturgia como superior às devoções e como ponto central da vida espiritual, capaz de resgatar o povo da praga do "individualismo" para um sentido de vida comunitária (eclesial) realmente intensa.

Diante disso, da outra parte, da parte dos tradicionalistas, surgem reações violentas, ataques impiedosos, polêmicas apaixonadas.

Da parte de muitos adeptos do Movimento Litúrgico, levados pelo entusiasmo que a grande Novidade descoberta despertava, não escaparam sem dúvida ao exagero, à imprudência e à imprecisão da linguagem teológica, seja em atacar — de maneira violenta até — a pobreza litúrgica que vegetava pelo país afora, seja em apresentar os ideais do Movimento Litúrgico, seja em rebater os ataques dos adversários. Com este fato são concordes liturgistas brasileiros de renome na época. Além do mais, a existência de tais imperfeições se deduz dos próprios apelos e procuras que seguidamente se fizeram dentro do próprio Movimento no sentido de cuidar para que houvesse equilíbrio.

Da parte dos tradicionalistas, sobretudo no período da última guerra,[1] os ataques se fazem de maneira realmente violenta e dura contra os "abusos", contra as "heresias litúrgicas", de "alguns asseclas do assim chamado movimento litúrgico", como diz o Pe. M. T. L. Penido. Fazem-no sobretudo por três motivos: a) os "liturgicistas" propagam um "exclusivismo litúrgico"; b) conseqüentemente, desprezam as devoções privadas recomendadas pela Igreja; c) e desprezam os métodos tradicionais de ascese e espiritualidade. E, não obstante as tentativas de explicação dadas pelos chamados "liturgicistas", os ataques se fazem de maneira sempre mais feroz e agressiva, de tal modo que ameaçam a própria credibilidade do Movimento como tal. Na realidade, no fundo é o próprio Movimento que é atacado: primeiro, pela própria maneira exageradamente agressiva, generalizada e vaga com que os "liturgicistas" são anatematizados; segundo, porque os adversários do chamado "liturgicismo" não demonstram o mínimo interesse em

1. Sobre a relação entre o Movimento Litúrgico no Brasil e a última grande guerra, acenaremos brevemente na Conclusão geral deste trabalho.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

verificar os valores positivos do Movimento como se desenvolvia no Brasil (surto de vocações sacerdotais e religiosas, melhor conhecimento, vivência e participação da Missa, etc.).

Contudo, pode-se dizer também que as polêmicas e controvérsias tiveram seu lado positivo: obrigaram os liturgistas brasileiros a rever e aprofundar suas posições.

Enfim, apesar dos obstáculos todos, o Movimento Litúrgico, como vimos, de 1933 a 1947 cresceu e se desenvolveu pelo Brasil afora de maneira edificante e consoladora, levando para os mais diversos pontos do país uma mensagem de vida eclesial (comunitária) intensamente marcada pela Liturgia.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

PARTE II

O Movimento Litúrgico no Brasil de 1947 a 1959

(Da "Mediator Dei" ao anúncio do Vaticano II)

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Capítulo I

Primeiras repercussões da "Mediator Dei" no Brasil

Já nos são conhecidas as grandes realizações operadas pelo Movimento Litúrgico no Brasil no período anterior a 1947. Também nos são conhecidas as dificuldades e problemas enfrentados pelo mesmo Movimento neste país.

Apareceu a Encíclica "Mediator Dei" de Pio XII (20-11-1947),[1] onde desta vez quem toma posição é o próprio Papa, para traçar as linhas doutrinais e pastorais e os limites na promoção da vida litúrgica para toda a Igreja.

A Encíclica atinge também o Brasil, marcando praticamente uma nova fase para o Movimento Litúrgico neste país,[2] e que por isso mesmo marca também o início da segunda parte deste nosso trabalho.

Assim, pois, dada a inegável importância da "Mediator Dei" dentro da História do Movimento Litúrgico, atingindo também o Brasil, iniciamos a segunda parte deste trabalho indagando antes de tudo pelas primeiras repercussões desta Encíclica no Brasil. É o que fazemos neste capítulo, atendo-nos ao período que vai da publicação da Encíclica até fins de dezembro de 1950 e início de janeiro de 1951 com o II Congresso Brasileiro de Teologia.

Veremos, pois, como a "Mediator Dei" é acolhida no Brasil, principalmente através de publicações, decisões de Autoridades Eclesiásticas, e Congressos e Semanas de Estudos, nos três primeiros anos após a sua publicação.

I. Júbilo no grupo d'O Legionário [3]

Relembrando tudo o que vimos no capítulo IV da Parte I sobre "Controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil", torna-se bem in-

1. Cf. *AAS* 39 (1947), 521-559. Citaremos a Encíclica da seguinte maneira: "Mediator Dei", *op. cit.*
2. Como diz D. Isnard: "A Encíclica *Mediator Dei*, de Pio XII, marca nitidamente uma transição. O movimento litúrgico no Brasil sai das catacumbas e adquire foros de cidadania. Agora não seria mais possível condená-lo globalmente" ("Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 226).
3. Lembramos que falamos de *O Legionário* anterior a 1948. É que a partir deste ano, por três anos, o grupo passou a viver sem jornal: *O Legionário* passara a ser órgão da Arquidiocese de São Paulo (cf. Editorial, "Legionário em Terceira Fase", *O Legionário* 29-2-1948, 1), mudando completamente de feição, como ainda teremos ocasião de observar. A partir de janeiro de 1951, sob a tutela espiritual do Bispo de Campos, D. Castro Mayer, o grupo fundou um novo jornal, *O Catolicismo*, seguindo praticamente a mesma linha reacionária — e até pior — de *O Legionário* anterior a 1948.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

teressante notar como é acolhida a Encíclica "Mediator Dei" pelo grupo de *O Legionário*. Numa palavra, com a Encíclica na mão, o grupo sente finalmente uma espécie de saboroso gosto de vitória contra os "hereges liturgicistas".

"Pio XII condena o liturgicismo quietista e naturalista": é a manchete de primeira página com letras garrafais n'*O Legionário* de 7 de dezembro de 1947, noticiando a publicação da famosa Encíclica de Pio XII sobre a Liturgia.[4]

A expressão do jornal é de "júbilo" pelo "veredicto" do Papa contra o "liturgicismo":

> "Para nossos leitores, que se lembram do interesse vivaz e das profundas preocupações com que acompanhamos o desenvolvimento da questão liturgicista no orbe catolico, é facilmente explicavel a emoção, feita de veneração e jubilo, com que acolhemos o veredicto decisivo que o Sumo Pontífice, continuando os ensinamentos da Enciclica 'Mistici Corporis Christi', pronunciou sobre o liturgicismo. A publicidade da Enciclica 'Mediator Dei' constitue... para todos nós, motivo de santo e vibrante jubilo".[5]

No número seguinte, número 801 de *O Legionário*, de 14 de dezembro de 1947, outra grande manchete de primeira página salta aos olhos: "Por uma sadia piedade litúrgica. Gravíssima advertência do Papa Pio XII". Introduzindo a publicação que iniciava da respectiva Encíclica, em português,[6] mais uma vez manifestava seu júbilo, porque o Papa, com este documento "esperado... com... sofreguidão", "fulminava os erros do liturgicismo". Era a "glória cristã" que vencia finalmente a "gloriola mundana".[7] Sente-se um orgulhoso sabor de vitória...:

> "Lendo-se a Enciclica, salta aos olhos que o Santo Padre confirmou largamente todas as nossas apreensões acerca do liturgicismo, bem como as teses que contra o liturgicismo sustentamos. Temos a ventura indizivel de ver que sempre estivemos com o Papa, sentimos com o Papa, com o Papa pensamos sempre nos assuntos de que trata a Enciclica 'Mediator Dei'".[8]

Dias depois, o Mons. Ascâneo Brandão, na secção "Pregando e Martelando" de *O Legionário*, sai com um satisfeito grande desabafo pelo que a Encíclica "Mediator Dei" diz:

> "Sim, permitam-me agora os leitores do 'LEGIONÁRIO', um desabafo de quem muito já sofreu e vê hoje suas idéias confirmadas e sancionadas num documento pontificio. Explico-me. Acaba de ser lançada á publicidade a nova enciclica de *S. S. Pio XII*, 'Mediator Dei'".[9]

4. Abaixo do título (manchete) citado, traz ainda um subtítulo, com frases tiradas da Encíclica: "'Sério perigo para a caridade e a unidade da Fé' — 'Os preguiçosos são incitados à ação' — 'O santo equilíbrio do Corpo Místico'". Ainda à primeira página, debaixo de uma grande fotografia do Papa em solenes vestes pontifícias, lemos esta frase dedicatória: *"A Sua Santidade o Papa Pio XII apresentamos, por motivo da publicação da Enciclica 'Mediator Dei', as expressões de nosso jubiloso reconhecimento e profunda obediência"*.

5. "Fé, união e disciplina", *O Legionário* 7-12-1947, 1 e 7.

6. A Encíclica vem publicada em *O Legionário* 14-12-1947, 3-5 e *O Legionário* 21-12-1947, 3-7. Em *O Legionário* 28-12-1947, 3-4, cita-se uma série de excertos da Encíclica, com um breve "comentário da redação" sobre cada excerto.

7. "Glória cristã e gloriola mundana", *O Legionário* 14-12-1947, 1.

8. "Na casa do Pai comum", *O Legionário* 14-12-1947, 1. Justificando-se, no entanto: "não nos julgamos contudo no direito de tomar, em relação a nada e a ninguém, a atitude de vencedores. Quando o Papa esmaga o erro e ensina a Verdade, é o Papado que vence. E o Papado é grande demais, para que sua vitoria seja a vitoria deste ou daquele grupo, deste ou daquele individuo. As vitorias do Papado são vitorias da Igreja inteira" *(loc. cit.)*.

9. "Permitam-me um desabafo...", *O Legionário* 28-12-1947, 5.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

E, após descrever o quanto sofreu por causa de seu combate contra os "liturgicistas" ou "liturgeiros" e em defesa da piedade extralitúrgica,[10] exclama aliviado e com vivo orgulho, sem no entanto deixar ainda de ser polêmico:

> "Ao ler a Enciclica *'Mediator Dei'*, tive uma das maiores consolações de minha vida de jornalista católico; — foi a de ver como de ha muito defendia aquelas idéias, aqueles principios, e mais ainda, tinha sofrido muito por ter sustentado e defendido o que o Papa sustenta e defende hoje neste oportuno documento!... Combati os absurdos dos Liturgicistas, nunca a piedade liturgica. Si isto era ser *embólorado, retrogrado*, felicito-me por me achar em boa companhia agora — com Pio XII! Tudo passou, graças a Deus! Triunfou a verdade e hoje hão de estar murchos os liturgeiros...".[11]

O então bispo de Jacarezinho, Dom Geraldo de Proença Sigaud, S.V.D.,[12] observando os desvios do liturgicismo que grassavam e grassam em "certas regiões" e em "algumas camadas" católicas do Brasil,[13] agora felicita-se com o Diretor *d'O Legionário* pelo seu livro que já bem antes havia advertido para os mesmos erros liturgicistas que agora aparecem condenados pela Encíclica:

> "É para nós uma grande consolação lembrar neste momento o livro magistral do Diretor do 'Lecionário', dr. Plínio Corrêa de Oliveira: 'Em defesa da Ação Católica'. ...esse livro foi um brado de alarme e um cauterio. Brado de alarme, impediu que milhares de fiéis se entregassem, em sua boa fé aos erros e desmandos do Liturgicismo que avançava como uma onda avassaladora... Apraz-nos... dar hoje Nosso testemunho a um livro que preparou corações para receberem com docilidade a palavra infalivel do Papa na 'Mediator Dei'".[14]

10. *Loc. cit.*: "Ha mais de sete anos venho me empenhando numa luta que me fez sofrer muito e me conquistou bom numero de gratuitos adversarios. Esta luta foi pela defesa das idéias e dos principios hoje luminosamente expostos na recente Enciclica papal. Quando o meu senso de ortodoxia, o meu *'sentire cum Ecclesia'* combatia o *Liturgicismo*, os senhores e as meninas da *egrejinha do peixe*, os partidarios da igreja mumificada das catacumbas, os inimigos do Rosario da Virgem, os que faziam vir o mundo abaixo quando um pobre devoto recitava um terço na Missa; quando com muita pena feria esta gente, ou melhor, tais erros e perigosos exagêros, ai! quanto padeci!... Apontavam-me como o maior dos *inimigos do movimento liturgico, no Brasil!* Um jornal paulista deu-me o titulo de *'lider' dos reacionarios, dos embolorados, dos que não compreendiam a renovação de que estava necessitada a Igreja no Brasil*... E, as criticas acerbas, as ironias, as indiretas ferinas, as alusões irreverentes e atrevidas? Só Deus sabe o que me custou a defesa do Rosario da Virgem contra os exagêros dos Liturgicistas. E mais do que tudo, doeu-me no fundo d'alma ver os que deveriam se pôr ao meu lado nesta campanha apontaram-me como provocador de polemicas entre católicos, *'por ninharias de devoções de beaterio'*... Como si o terço fosse devoçãozinha inutil de beatas! Finalmente, obrigaram-me a um silencio que deveriam ter notado principalmente os leitores de nosso 'Legionario'. Calei-me. A prudencia assim o mandava... As verdades pareciam muito amargas e os liturgeiros eram sensiveis demais! Havia muita gente boa comprometida neste movimento... Permitam-me um desabafo: — lamento que catolicos e tanta gente de responsabilidade, tenham se atirado contra um pobre jornalista católico a ponto de o acoimarem quasi de *herege* e aponta-lo como *perigoso inimigo da Liturgia e da Ação Catolica*... *Inimigo do movimento liturgico?!* Com todo ardor de minha alma defendi a devoção particular e sobretudo o Rosario contra os *Liturgeiros* ou *Liturgicistas*, como queiram... Defendi com calor, o exame de consciencia, o uso da meditação, a necessidade da mortificação, os retiros espirituais pelo metodo de Santo Inacio. Preguei mil vezes o Rosario de Maria".

11. *Loc. cit.*

12. D. Sigaud já desde muito tempo, antes de ser Bispo, fazia parte do grupo de *O Legionário* (cf. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 221; ou, supra, p. 175, nota 64). Típica por exemplo é a ampla cobertura, com grandes manchetes de primeira página, dada por *O Legionário* à nomeação e sagração episcopal do Pe. Sigaud, bem como por ocasião de sua tomada de posse como Bispo de Jacarezinho (cf. "Elevado ao Episcopado o Padre Geraldo de Proença Sigaud. A personalidade relevante do novo bispo. As grandes homenagens que lhe serão prestadas", *O Legionário* 18-11-1946, 1; cf. ainda *O Legionário* 4-5-1947, 1; *O Legionário* 11-5-1947, 1 e 2).

13. "A Enciclica 'Mediator Dei' e um pouco de história da Igreja no Brasil", *O Legionário* 28-12-1947, 1: "Aí está o exclusivismo na campanha do Missal, ...aí está a praxe recomendada de não fazer a confissão de devoção, a antipatia à ascese ignaciana, a campanha contra a recitação do terço na Missa, o arqueologismo esotérico; a luta contra as imagens dos altares, a luta contra os Crucifixos que representam o Homem das Dores; aí está o exclusivismo litúrgico na ascese, a abreviação da ação de graças depois da Comunhão, a luta contra a Comunhão fora da Missa, a campanha contra a Adoração Perpétua. Tudo isto ocorreu e ocorre no Brasil". O artigo se encontra também em *Mens. Cor. Jesus* nº *619* (abril 1948), 9-12.

14. *O Legionário, loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Temos assim alguns exemplos de como a Encíclica foi acolhida por um grupo, pelo grupo considerado polêmico em relação às inovações introduzidas pelo Movimento Litúrgico no Brasil. A expressão — assim nos parece — é de satisfação e júbilo, não tanto pela doutrina e pelas diretrizes pastorais que o documento pontifício apresenta, mas pelas "condenações" que ele faz.

II. Outras expressões de contentamento e júbilo

Imediata explosão de júbilo como no círculo de *O Legionário* não encontramos. Encontramos outras expressões de júbilo, ou melhor dizendo, de contentamento e gratidão, surgidas mais posteriormente cá e lá, e que fazemos questão de também registrar.

Uma expressão de contentamento encontramo-la em *O Diário*, de Belo Horizonte, num artigo escrito pelo Pe. Juvenal Arduini. Diz o articulista:

> "Sempre que leio a 'Mediator Dei' de Pio XII, aflora-me ao pensamento com insistência redobrada êste convite: Vamos à Liturgia. Pio XII ofereceu à Igreja este magistral documento não para afastar ou desviar os fiéis do culto divino mas, ao contrário, para encaminhá-los à Liturgia e concentrá-los como águias sagradas ao redor do culto oficial. Esta enciclica não nos aparta ou distancia da Liturgia, mas a ela nos arrasta com veemência jamais verificada no cristianismo. Nunca nos sentiremos tão articulados ás funções sacerdotais exercidas pelo Pontifice eterno como depois deste documento".[15]

E, após lembrar que "a 'Mediator Dei'... não é antes de tudo um documento apologético, mas dogmático",[16] após mostrar o fator grandemente equilibrante da Encíclica, conclui:

> "Devemos ler, reler, meditar sôbre êste documento que veio não só orientar nosso espírito, mas tambem normalizar nossa piedade. Vamos á Liturgia".[17]

Acrescentaríamos também as observações feitas pelo Pe. Francisco Lage Pessoa, afirmando categoricamente que, com a "Mediator Dei" "verificamos aliviados que está perfeitamente fora de moda falar em 'movimento litúrgico'".[18]

Outra expressão de satisfação pelo aparecimento da "Mediator Dei" encontramo-la na alocução do Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente

15. ARDUINI, J., "'Vamos à Liturgia'", *O Diário* 28-9-1948, 2. O titulo do artigo é tirado do titulo do prefácio feito por Dom G. Lefebvre sobre o seu próprio livro *Liturgia*, ao qual não pudemos até o momento ter acesso.

16. ARDUINI, J., *art. cit.*, 2. E dá esta explicação: "Seria certamente torcer a verdade tentar negar o lado apologético da 'Mediator Dei'. Mas seria diminui-la, seria deturpá-la, seria esvaziá-la, procurar reduzir-lhe o inesgotável conteúdo doutrinário a polêmica ou subordinar-lhe a estruturação grandiosa à poda da ramagem bastarda que o agricultor do Vaticano vai fazendo ora à direita ora à esquerda" *(loc. cit.)*.

17. *Loc. cit.*

18. LAGE PESSOA, F., "Piedade da Igreja", *O Legionário* 2-7-1950, 6: "Com a enciclica do Santo Padre sôbre a sagrada Liturgia, reconheceu-se no mundo inteiro a oficialização dos anseios que faziam o lastro do até então chamado 'movimento liturgico'. Pelo fato mesmo, quase talvez insensivelmente, foi-se deixando na sombra essa denominação. Antes de 20 de novembro de 1947, já a tinhamos por impropria. Lembro-me do querido prior do Mosteiro da Bahia, Dom Jeronimo, com aquela eminencia que lhe dava sua solida formação em Beuron, falando em substancia para o nosso grupo de 'irmãos unidos': 'A piedade dos cristãos andou tão decadente que foi preciso surgir na Igreja um MOVIMENTO (e sublinha a palavra) em prol da Liturgia'. Se então, graças ao nosso convivio com a sagrada Liturgia, sentiamos certa repugnancia em intitular movimento o que nos parecia tão imanente — e necessário — a propria vida da Mãe Igreja, hoje verificamos aliviados que está perfeitamente fora de moda falar em 'movimento litúrgico'". O mesmo diz mais tarde Dom Cândido Padim O.S.B., no II Congresso Brasileiro de Teologia (cf. abaixo).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Scherer, a 24-10-1948, na Missa de abertura da III Semana Nacional de Ação Católica que se reunia exatamente para estudar a importante Encíclica de Pio XII. Pois bem, logo no início da alocução, assim se expressava Dom Scherer:

> "Recebemos as novas cartas que nos vieram da Sé Apostólica, com sentimentos de profunda gratidão. Encerra a enciclica 'Mediator Dei' preciosos ensinamentos sobre o movimento liturgico que, bem compreendido e orientado segundo as normas pontificias, pode e há de se tornar um instrumento poderoso de recristianização e de desenvolvimento da vida sobrenatural". [19]

Portanto, Dom Scherer manifesta "profunda gratidão" para com Pio XII pela segura orientação doutrinal dada ao Movimento Litúrgico que só pode fazer bem à Igreja e à sociedade.

Enfim, um terceiro exemplo de aliviada satisfação pelo advento da "Mediator Dei" nos vem do recém-nomeado Bispo de Cajazeiras (Paraíba), Dom Luís do Amaral Mousinho, em sua Primeira Carta Pastoral, de 28-11-1948. A certa altura, ao falar da Sagrada Liturgia, exclama:

> "Graças a Deus, os principais e lamentáveis deslizes decorridos nesta matéria, nestes últimos anos, já foram definitivamente apontados e profligados por Sua Santidade o Papa Pio XII na belíssima e confortadora encíclica 'Mediator Dei'". [20]

Portanto, "graças a Deus" pela "belíssima e confortadora" Encíclica de Pio XII que veio profligar os principais erros litúrgicos, é a exclamação do novo Bispo de Cajazeiras que, ao mesmo tempo, incentiva a todos para conhecerem, assimilarem, divulgarem entre o fiéis e amarem este precioso documento pontifício que só pode trazer bem para os indivíduos e para a sociedade. [21]

Portanto, se de um lado, isto é, especialmente da parte do pessoal de *O Legionário,* anterior a 1948, a Encíclica era vista preferentemente no seu aspecto "condenador", de outro lado — como acabamos de exemplificar — rejubila-se porque com a "Mediator Dei" agora se sente mais segurança doutrinal e prática no campo da Liturgia e do chamado Movimento Litúrgico.

III. Outras repercussões iniciais (apanhado geral)

Sem dúvida, o advento da Encíclica "Mediator Dei" despertou imediatamente grande interesse em todo o Brasil. Isto se manifesta sobretudo na grande difusão de seu texto e da sua doutrina e orientação prática.

19. *Unitas* nº 10-12 (out. dez. 1948), 230 *(Nota:* a citada revista é da Arq. de Porto Alegre). Em seguida, passa a apresentar sumariamente os ensinamentos da Encíclica (*cf. ibid.*, 230-238). Chamaríamos apenas a atenção para as únicas poucas linhas em que fala dos "exageros e desvios" apontados por Pio XII: "Depois de descrever a beleza da sagrada liturgia e encorajar o movimento liturgico obediente a normas seguras e ortodoxas, ocupa-se a enciclica em corrigir paternalmente exageros e desvios ocorridos no pensamento e na vida eucarística com mais freqüência, segundo minha opinião, na Alemanha, sob a influência de preconceitos protestantes..." (*ibid.*, 233). Interessante que não fala de exageros existentes no Brasil!...

20. *Primeira Carta Pastoral de Dom Luis do Amaral Mousinho, Bispo de Cajazeiras* (sem local nem data de impressão), 11.

21. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

1) *Difusão da Encíclica pela publicação de seu texto*

Realmente, chama a atenção este ponto: o texto da "Mediator Dei" foi difundido para os mais variados pontos do país através de várias publicações de seu texto.

Em São Paulo, como já vimos, a Encíclica foi publicada pelo jornal *O Legionário*.[22] No Rio de Janeiro, a Ação Católica Brasileira encarregou-se de divulgá-la através do jornal *Correio da Noite*.[23] A própria Arquidiocese do Rio de Janeiro publicou-a também através de seu órgão oficial.[24] A revista do Apostolado da Oração publicou o resumo da "Mediator Dei" dado pelo *L'Osservatore Romano* de 30-11-1947.[25] O mesmo resumo encontramos no jornal *A Tribuna*, de Recife.[26] Em Petrópolis, a Editora Vozes, através da *REB*, publicou toda a Encíclica no original latino,[27] fazendo também uma publicação vernácula em forma de livrinho na Coleção "Documentos Pontifícios".[28] Em Belo Horizonte, foi publicada em *O Diário* a partir de 15-1-1948. Também em Porto Alegre a Encíclica foi publicada através da revista daquela Arquidiocese.[29]

São os dados que colhemos sobre a publicação da Encíclica como tal no Brasil, dando assim uma primeira indicação do interesse imediato despertado pelo importante documento pontifício. O documento parecia ser realmente de grande importância também para o Brasil.

2) *Congressos e Semanas de Estudos sobre a "Mediator Dei"*

Sinal do interesse despertado no Brasil pela "Mediator Dei" são também alguns importantes Congressos e Semanas de Estudos realizados especificamente para estudar e discutir o importante documento de Pio XII.

Destacamos, neste sentido, a Primeira Semana Diocesana de Ação Católica de Leopoldina, reunida de 18 a 22 de fevereiro de 1948 para estudar a "Mediator Dei".[30]

Na Arquidiocese do Rio de Janeiro, de 21 a 26 de junho de 1948, numa promoção da Ação Católica, realizou-se uma Semana de Estudos intitulada "Semana 'Mediator Dei'".[31]

De 24 a 26 de outubro de 1948, realizou-se em Porto Alegre a III Semana Nacional de Ação Católica, tendo como tema de estudo "A formação na A.C. à luz da 'Mediator Dei'".[32]

22. Cf. supra, p. 208, nota 6.
23. Não nos foi possível acesso a este jornal. Sabemo-lo através de *O Diário* 15-1-1948, 2.
24. Cf. *Revista do Clero*, ano V, nº 1 (jan. 1948), 2-70 (*Nota*: A citada revista é da Arq. do Rio de Janeiro). Consta que também os beneditinos do Mosteiro de São Bento do Rio publicaram o documento, mas não pudemos tê-lo em mãos até o momento.
25. Cf. *Mens. Cor. Jesus* nº 619 (abril 1948), 9-12.
26. "Encíclica 'Mediator Dei'. Visão geral do grande e novo documento pontifício", *A Tribuna* 10-1-1948, 1 e 5.
27. Cf. *REB* 7 (1947), 959-1000.
28. Pio XII, *Sobre a Sagrada Liturgia* (Mediator Dei), Col. "Documentos Pontifícios" 54, Petrópolis 1948.
29. "Encíclica 'Mediator Dei' do Santo Padre o Papa Pio XII sobre a Liturgia", *Unitas* nº 4-6 (abril-junho 1948), 45-100.
30. Cf. notícia em *O Diário* 14-2-1948, 2; *O Diário* 24-2-1948, 2. Não dispomos de outros dados sobre este Congresso.
31. Cf. "A 'Mediator Dei' na Arquidiocese do Rio de Janeiro", *A Ordem* 40 (nov. 1948), 378-383.
32. Cf. *Rev. Ass. Ecl.* nº 14 (nov. 1948), 10-13; cf. *Unitas* nº 10-12 (out. dez. 1948), 229-238. Desconhece-se por ora as conclusões deste Congresso. Pelo menos, não foram publicadas pelas revistas conhecidas.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Enfim, merece destaque muito especial a celebração do II Congresso Brasileiro de Teologia reunido no Mosteiro de São Bento em São Paulo, de 28 de dezembro de 1950 a 6 de janeiro de 1951, com mais de 71 Congressistas inscritos, para estudar e debater sobre a Encíclica "Mediator Dei".[33] Logo mais, abordaremos de modo específico este Congresso.

3) *Medidas tomadas a partir da "Mediator Dei" pela Arquidiocese do Rio de Janeiro e pela Comissão Episcopal nacional de Ação Católica*

Como resultado da "Semana 'Mediator Dei'" na Arquidiocese do Rio de Janeiro de que falamos há pouco, a partir dos ensinamentos da Encíclica, o Cardeal Arcebispo Dom Jaime de Barros Câmara baixa uma "Regulamentação do Apostolado Litúrgico". O documento data de 25 de junho de 1948.[34]

Um mês após, em decreto de 25 de julho de 1948, o Cardeal Câmara, em obediência às determinações da "Mediator Dei", institui uma Comissão Arquidioceana de Liturgia.[35]

A mesma Comissão, presidida pelo Mons. Costa Rêgo, logo entrou em ação: com data de 31 de outubro de 1948, baseando-se na "Mediator Dei", baixa "Normas Práticas para a Missa Dialogada".[36]

São todas medidas que, no que tange à Liturgia, vão ter depois grande influência na confecção dos decretos do I Sínodo da Arquidiocese, em 1949, o qual também usa em grande abundância as orientações da citada Encíclica do Papa Pio XII.[37]

Enfim, temos as "Normas Práticas decorrentes da *Mediator Dei*", baixadas em Porto Alegre pela Comissão Episcopal da Ação Católica, por ocasião da III Semana Nacional de Ação Católica em outubro de 1948.[38] Logo mais abordaremos estes documentos de modo mais específico. Por ora damos apenas um apanhado geral.

4) *Difusão da Encíclica através de publicações sobre a Encíclica*

Outro ponto a ressaltar, e que espelha a repercussão da "Mediator Dei" no Brasil, seria a publicação de comentários sobre a Encíclica. São comentários apresentando ao público a estrutura e o conteúdo geral do documento.

33. Cf. KLOPPENBURG, B., O.F.M. (pela Comissão Organizadora), "Atas do II Congresso Brasileiro de Teologia", *REB* 11 (1951), 1-2; THIESEN, U., S.J., "Crônica do Segundo Congresso Brasileiro de Teologia", *REB* 11 (1951), 3-12.

34. Cf. *Revista do Clero*, ano V, nº 8 (ag. 1948), 496-501; "A 'Mediator Dei' no Rio de Janeiro", *A Ordem*, *op. cit.*; "O resultado dos estudos sobre a Encíclica Mediator Dei", *Mens. Cor. Jesus* nº 626 (nov. 1948), 379-381; *O Diário* 9-7-1948, 2.

35. Cf. *Revista do Clero*, ano V, nº 7 (julho 1948), 426-427. Nomes indicados para formar esta Comissão: Mons. Joaquim Nabuco, Mons. Gastão Neves, Mons. Helder Câmara, Pe. M. T. L. Penido e Dom Tarcísio Ferreira, O.S.B. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 562: "Consilium... constituatur ad liturgicum provehendum aostolatum, ut vigilante cura vestra diligenter omnia ex Apostolicae Sedis praescriptionibus eveniant".

36. Cf. *Revista do Clero*, ano V, nº 11 (nov. 1948), 754-757.

37. Sobre o Sínodo ainda falaremos de modo específico logo mais.

38. Cf. *Rev. Ass. Ecl. nº 14* (nov. 1948), 10-13; cf. também *Unitas* nº 10-12 (out. dez. 1948), 238-241 *A Tribuna* (Recife) 12-2-1942, 5; *REB* 9 (1949), 216-218.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Não são muitos. Dentre estes, destacamos a publicação, feita pela *REB*, de um longo artigo do jesuíta A. Thiry, intitulado "A Encíclica 'Mediator Dei' sobre a Liturgia".[39]

Convém citar também dois trabalhos do Cônego Dr. José Moos Tapajós: a) uma "síntese felicíssima" da "Mediator Dei", distribuída ao Clero, às Religiosas e aos leigos da Arquidiocese do Rio de Janeiro como material de estudo de preparação para a III Semana de Ação Católica em Porto Alegre, e que foi publicada pela *Revista do Assistente Eclesiástico;*[40] b) um artigo sobre "Formação e ação à luz da *Mediator Dei*", que se resume nestes três pontos:

> "I) o que o Papa deseja em matéria litúrgica é a concórdia na verdade; II) o Papa afirma como dever de vida cristã o verdadeiro espírito e sadio apostolado litúrgicos; III) o Papa afirma como necessária a legítima piedade extra-litúrgica".[41]

Também *A Ordem* publicou um longo artigo sobre a "Mediator Dei", de autoria do beneditino L. de Almeida Prado, resultado de conferências suas realizadas no Centro D. Vital sobre a referida Encíclica.[42]

Merece destaque o artigo do teólogo Frei Constantino Koser O.F.M., "A Encíclica 'Mediator Dei' de Pio XII", publicado pela *REB*,[43] onde conclui que:

> "Pio XII... não quis apresentar novidades. Quis apenas repor em seu lugar... os pontos de doutrina e de prática de vida e culto cristão confundidos, esquecidos ou mesmo negados por amigos e adversários do moderno movimento litúrgico. Exageros de ambas as partes, defeitos também de ambas as partes levaram à situação caótica que se vinha fazendo sentir com enorme prejuízo das almas nos últimos decênios e que lentamente ia se agravando. Nos embates por vezes ferozes já pouco valiam as vozes do bom-senso que jamais se calaram. O fragor das lutas sufocava-as. Foi necessário que a Santa Sé... viesse propor a todos... o que afinal de contas ninguém tinha o direito de ignorar".[44]

Não podemos, naturalmente, nos esquecer também da série de 15 artigos sobre a "Mediator Dei" publicados pela *REB* em março de 1951. Mas destes ainda falaremos especificamente ao abordarmos o II Congresso Brasileiro de Teologia. São as principais conferências apresentadas neste Congresso.

39. *REB* 8 (1948), 525-552; o artigo é uma tradução do original francês "L'Encyclique 'Mediator Dei' sur la liturgie", *Nouv. Rev. Théol.* 80 (1948), 113-136.
40. "Síntese da Mediator Dei", *Rev. Ass. Ecl.* nº 10 (julho 1948), 19-39.
41. Cf. *Rev. Ass. Ecl.* nº 14 (nov. 1948), 59-75.
42. "A Encíclica 'Mediator Dei'", *A Ordem* 41 (março 1949), 155-189.
43. *REB* 10 (1950), 553-595. Interessante notar como começa o artigo: "Entre os documentos do Pontificado de Pio XII gloriosamente reinante... a encíclica *Mediator Dei* é sem dúvida um dos mais importantes. O Sumo Pontífice destinou este documento a exercer uma influência profunda e duradoura sobre as almas e sobre a teologia. Para que essa influência de fato se verifique, é necessário que a encíclica seja carinhosamente estudada, profundamente meditada e energicamente executada. Muito pouco se fez em nossa terra para corresponder a esses anseios do Papa. Não discutamos os motivos da fraca atenção prestada a tão importante documento, mas regozijemo-nos que o II Congresso Brasileiro de Teologia, a realizar-se no fim do corrente ano e princípio do próximo, em São Paulo, tenha escolhido essa encíclica para objeto de seus estudos" (*ibid.*, 553). O artigo obedece a seguinte esquematização: a) a autoridade doutrinal da encíclica; b) Critério fundamental de interpretação, ministrado pela própria encíclica; c) a disposição da encíclica; d) sílabos de erros condenados pela encíclica. (Aqui o autor faz questão de frisar que não se pode iludir querendo se fixar apenas nos erros: "Pio XII não se limitou a condenar erros"); e) as recomendações feitas na encíclica; f) os mandamentos da encíclica; g) as doutrinas propostas pela encíclica (cf. *ibid.*, 553-554).
44. *Ibid.*, 595.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Enfim, não podemos nos esquecer de citar o trabalho imenso de difusão dos ensinamentos da "Mediator Dei" feito no Nordeste pelo beneditino Dom Pedro Bandeira de Melo através das páginas do jornal *A Tribuna*, de Recife. Também deste falaremos de modo específico logo mais.

IV. Normas baixadas na Arquidiocese do Rio de Janeiro a partir da "Mediator Dei"

Referimo-nos a três documentos desta Arquidiocese, há pouco por nós acenados: a) "Regulamentação do Apostolado Litúrgico", do Cardeal Arcebispo Dom Jaime de Barros Câmara; b) "Normas práticas para a Missa Dialogada", da Comissão Arquidiocesana de Liturgia; c) I Sínodo da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Vejamos, pois, o que dizem os documentos.

1) "*Regulamentação do Apostolado Litúrgico*"[45]

Este documento, baixado pelo Cardeal Câmara a 25-6-1948, buscando ser expressão de uma estrita obediência à voz da Santa Sé quanto à promoção e organização da vida litúrgica expressa na Encíclica "Mediator Dei",[46] desenvolve-se dentro de quatro âmbitos, segundo as quatro grandes partes da Encíclica, a saber:

1º "Sobre a natureza, origem e progresso da Liturgia".[47]

Dentro deste âmbito, tendo em mente as determinações da "Mediator Dei", o Cardeal Câmara antes de tudo lança esta primeira recomendação sobre o problema das polêmicas, sobre a diligência e sobre a prudência no campo da Liturgia:

> "Ouvido a voz do Pai Comum, Roma tendo falado, empenhem-se todos em adotar a palavra precisa e conciliatória do Vigário de Cristo, abstendo-se em absoluto de polêmicas, já sem razão de ser, e de mútuas recriminações sobre o passado, cuidando outrossim de que no domínio sagrado da Liturgia se tornem diligentes os que se reconhecem culpados de incúrias, e prudentes os que, em atos e palavras, se tiverem revelado imoderados".[48]

Uma segunda recomendação manda acabar com as discussões em torno do problema da "piedade objetiva" e "piedade subjetiva", assim dizendo:

> "De modo especial cessem de todo os debates acerca das chamadas 'piedade objetiva' e 'piedade subjetiva', claro que fica, após a palavra do Papa, que retamente entendidos esses dois gêneros de oração longe de, entre si divergirem ou se oporem, caminham na mesma direção e se fundem, ao passo que mal entendidos e entre si dissociados ambos acabam por se tornarem estéreis".[49]

45. Cf. "Regulamentação...", *Revista do Clero*, ano V, nº 8 (ag. 1948), 496-501; cf. supra, p. 213, nota 34.

46. Eis como se inicia o documento: "Fazemos saber que, tendo o Santo Padre Pio XII, gloriosamente reinante, publicado a Encíclica 'Mediator Dei', no intuito de os fiéis 'compreenderem melhor e terem em grande apreço o preciosíssimo tesouro que se contem na sagrada Liturgia', recordando a autoridade dos Bispos para 'vigiar, diligentemente, a observância das prescrições dos sagrados canones sôbre o culto divino', advertindo-os de 'defender', impondo-lhes 'dirigir e determinar cada um em sua própria Diocese ou Circunscrição Eclesiástica, o modo e a medida em que os fiéis hão de participar da ação litúrgica', estimulando-os, finalmente 'a não desfalecer pelas dificuldades que surgirem, nem fraquejar, em momento algum, no zêlo pastoral', Nós, em tudo querendo proceder de acôrdo com as decisões e conselhos da Santa Sé, havemos por bem determinar para a Nossa Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, como pelas presentes Nossas Letras determinamos, quanto segue" ("Regulamentação...", *op. cit.*, 496).

47. *Ibid.*, 496-497; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 525-547.

48. "Regulamentação..." *op. cit.*, 496-497.

49. *Ibid.*, 497; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 530-537.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Enfim, num terceiro ponto, proíbe-se qualquer inovação litúrgica ou implantação de novos costumes sem o consentimento da Santa Sé, uma vez que compete à Hierarquia regular a Liturgia:

> "Firme-se de vez, na teoria e na prática, que a Liturgia é regulada pela Hierarquia Eclesiástica, e não pode ser entregue ao arbítrio de particulares, ficando por isso mesmo proibidas quaisquer práticas de inovações nos ritos litúrgicos que não tenham expressa aprovação da Santa Sé, ou a implantação entre nós de costumes embora legítimos noutros países, ou de práticas aprovadas especialmente para eles".[50]

Nota-se que, quando Pio XII fala da "natureza, origem e progresso da Liturgia", o Cardeal Câmara se fixou preferentemente na parte onde o Papa toca nos assuntos polêmicos. Não leva em consideração, por exemplo, a parte da Encíclica em que fala da Liturgia como culto público.[51] A preocupação do Cardeal Câmara parece mais jurídico-organizativa do que propriamente teológica.

2º "Sobre o culto eucarístico".[52]

Aqui, a preocupação se centra de preferência na regulamentação da participação ativa dos fiéis na Missa.

Neste sentido, passa a ordenar as seguintes práticas: a) introduzir a dialogação da Missa, mas só depois de boa preparação; b) preparar membros da Ação Católica e Associações Religiosas para dinamizar a dialogação da Missa; c) fazer os fiéis participarem dos cantos apropriados às diversas partes da Missa, como preparação para a Missa cantada em latim; d) promover Missas solenes com participação do povo no canto gregoriano.[53] Na mesma linha, manda-se ainda que os fiéis sejam instruídos sobre a exigência de comungar dentro da Missa.[54]

Também aqui, inspirando-se na "Mediator Dei", o Cardeal Câmara se liga ao ponto de vista prático e organizativo da participação ativa dos fiéis na Missa, ou melhor, aos meios para promover tal participação (Missa dialogada, Missa recitada, Missa rezada, cânticos para cada parte da Missa,

50. "Regulamentação...", *op. cit.*, *loc. cit.*; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 538-547.
51. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 525-530.
52. "Regulamentação...", *op. cit.*, 497-498; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 547-572.
53. Textualmente: "1) — Para satisfazer a legítima piedade dos fiéis que desejarem participar da Santa Missa pela dialogação com o sacerdote, adotamos o uso da missa dialogada, em Nossa Arquidiocese, dentro das seguintes normas: a) para que a missa dialogada possa entrar em uso dos fiéis sem maiores dificuldades a ser praticada de modo consciente, muito importa que os Revmos. Reitores de igrejas só a introduzam depois de adequada preparação dos respectivos grupos, para o que é de grande eficiência a prática de missas recitadas e explicadas, podendo nisso ser auxiliados por algum leigo piedoso e instruído que permaneça no meio ou atrás dos fiéis e siga literalmente o texto que lhe fôr dado; b) iniciem os Revmos. Párocos a preparação dos membros da Ação Católica e das Associações Religiosas para que possam consciente, digna e piedosamente dialogar uma das Missas nos domingos e dias santos; c) igualmente, como preparação à missa cantada, em latim, por todos os assistentes, promova-se, em missas rezadas, a participação do povo em cânticos vernáculos apropriados às várias partes da missa; d) em tôdas as paróquias, ao menos algumas vêzes por ano, haja Missas solenes em que, restituído o canto gregoriano ao uso dos fiéis, êstes participem das cerimônias sagradas, não como estranhos ou espectadores mudos, mas unindo suas vozes à do sacerdote" ("Regulamentação...", *op. cit.*, 497-498; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560-566, 588-591).
54. Textualmente: "2) — Reconhecido como plenamente legítimo o uso de comungar fora do Santo Sacrifício, desde que haja causa justa, sejam instruídos os fiéis na exigência litúrgica de preferirem comungar dentro da Missa" ("Regulamentação...", *op. cit.*, 498; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 562-568). Toca ainda na promoção da devoção ao Santíssimo Sacramento: "3) — Incrementem-se o mais possível as visitas individuais ou coletivas a Jesus sacramentado, no Sacrário ou exposto em adoração. 4) — Mereça especial carinho do zêlo de todos a frequência diurna e noturna ao Santuário Nacional do Coração Eucarístico de Jesus, dando-se a maior solenidade à visita coletiva das paróquias a êsse Trôno Perpétuo de Amor e à Semana Eucarística de maio" ("Regulamentação...", *op. cit.*, *loc. cit.*; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 568-572).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Canto Gregoriano para o povo). Esquece-se no entanto de fazer referência aqui ao uso do Missal por parte do povo, expressamente recomendado pela "Mediator Dei" como meio de participação ativa.[55]

3º "Sobre o Ofício Divino e o Ano Litúrgico".[56]

Dentro deste âmbito regulamenta-se que, nas paróquias da Arquidiocese, as tardes dos domingos e dias santos sejam santificadas com "pregações catequéticas para adultos (cf. Decretos 431 e 432 do Concílio Plenário Brasileiro) e bênção do SS. Sacramento, precedidas do cântico de Vésperas ou da recitação do terço".[57]

Quanto ao Ano Litúrgico, prescreve-se:

> "a) celebração condigna de tôdas as funções prescritas, com a bênção da pia batismal na Vigília de Pentecostes ou as procissões e ladainhas das Rogações; b) esforço perseverante e hábil para que a vida dos fiéis se vá impregnando progressivamente do espírito peculiar de cada fase do Ano Litúrgico; c) aproveitamento inteligente de legítimas tradições e costumes populares, como o presépio ou a procissão do Senhor Morto".[58]

Interessante que aqui não se faz nenhuma referência às festas dos Santos,[59] muito menos à festa do Padroeiro da cidade e da Arquidiocese, São Sebastião. Contudo, é interessante o fato de acentuar o aproveitamento de legítimas tradições populares.

4º "Sobre Diretrizes Pastorais".[60]

Dentro deste âmbito, acentua-se que, paralelamente ao apostolado litúrgico, deverá ser desenvolvido na Arquidiocese um intenso apostolado extra-litúrgico,[61] dando realce aos meses de Maria e do Coração de Jesus como épocas especiais para aproximar os fiéis da Igreja, da Liturgia, dos Sacramentos.[62]

Fala-se então da Comissão Arquidiocesana de Liturgia:

> "Fica desde já constituída em Nossa Cúria Metropolitana, segundo as determinações do Santo Padre uma Comissão de Liturgia, incumbida de promover o apostolado litúrgico, e de cuidar que nada se faça nesse campo fora da mente da Santa Sé".[63]

55. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560.
56. Cf. "Regulamentação...", *op. cit.*, 498-499; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 572-583.
57. "Regulamentação...", *op. cit.*, 498; cf. "Mediator Dei", op. cit., 575-576. Para a Catedral, regulamenta-se que "o canto de Vésperas nas principais festas litúrgicas tenha o comparecimento do Revmo. Cabido Metropolitano e do Seminário Arquidiocesano" ("Regulamentação...", *op. cit., loc. cit*).
58. "Regulamentação...", *op. cit.*, 499.
59. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 581-583.
60. Cf. "Regulamentação...", *op. cit.*, 499-501; cf. "Mediator Dei", op. cit., 583-593.
61. "Regulamentação..." *op. cit.*, 499: "Paralelamente ao apostolado litúrgico desenvolvam os Revmos. Párocos intenso apostolado extra-litúrgico, envidando esforços para que os fiéis e, em especial, os membros da Ação Católica e de Associações Religiosas consagrem diàriamente, algum tempo à meditação espiritual e ao exame de consciência; frequentem com sempre melhor preparação e com as devidas disposições, o sacramento da Penitência; participem anualmente de algum retiro, preferindo os pregadores o método de Santo Inácio, aconselhado sem exclusividade pela Santa Sé; cultuem os mistérios divinos, Nossa Senhora, os anjos e os santos com novenas e tríduos, coletiva ou individualmente; alimentem o mais acendrado amor e devoção à Virgem Mãe de Deus e nossa, sobretudo com a recitação piedosa do rosário ou do têrço, particularmente ou reunidos em família ou na Igreja; cultivem especial devoção à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo para o que desejamos que, ao menos nas sextas-feiras da Quaresma haja, nas paróquias, em horas convenientes para o povo, o exercício da Via Sacra" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 583-593).
62. "Regulamentação...", op. *cit.*, 499: "A celebração dos mêses do Coração de Jesus e de Nossa Senhora seja o mais solene possível, afastados os abusos que por vêzes se introduzem e aproveitando-se essas oportunidades excelentes para verdadeiras missões que levam o povo à melhor participação do Santo Sacrifício, à mais fervorosa recepção dos sacramentos e ao melhor conhecimento da Religião e de sua Liturgia".
63. *Ibid.*, 500; cf. supra, p. 213, nota 35, com o texto da "Mediator Dei" referente ao assunto. Exatamente um mês após, com o Decreto de 25-7-1948, o Cardeal Câmara publicava a lista dos componentes desta Comissão.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Cabe, especificamente, a esta Comissão promover de vários modos conhecimentos sobre Liturgia, sobre a Missa, a Comunhão e a Adoração Eucarística, promover a difusão de subsídios para melhor participação dos fiéis nas Missas dialogadas e Vésperas (Missal, folhetos litúrgicos, etc), colaborar com a Comissão de Música Sacra na promoção do canto gregoriano e na supressão dos abusos, colaborar na censura das publicações sobre Liturgia, vigiar e advertir sobretudo o que estiver em desacordo com as normas litúrgicas e com a "Mediator Dei", responder consultas e dar certas autorizações.[64] Enfim, a Comissão velará para que se evite precipitação na aplicação destas Normas,[65] procurando-se cuidar para que se ministre ampla catequese litúrgica.[66]

Como se percebe, o interesse de Dom Jaime nesta "Regulamentação do Apostolado Litúrgico", a partir da "Mediator Dei", centra-se todo ele no aspecto prático da Encíclica. Na verdade, quem lê o documento do Cardeal Câmara sem ter lido a "Mediator Dei", poderia concluir que a Encíclica não passa de um grande Código jurídico-organizativo do culto, quando na realidade este importante documento pontifício contém antes de tudo um conteúdo teológico e doutrinal.

Pois bem, tal mentalidade, tal maneira preferentemente rubricista de ler a Encíclica, vai se refletir também no seguinte documento que passamos a ver mais de perto.

2) *"Normas práticas sobre a Missa dialogada", da Comissão Arquidiocesana de Liturgia*[67]

A "Mediator Dei" elogia a iniciativa daqueles que incentivam a participação ativa através da dialogação da Missa.[68] Assim sendo, o Cardeal Câmara com muita cautela, consente a Missa dialogada na Arquidiocese.[69] E a Comissão Arquidiocesana de Liturgia, em resposta à extrema cautela do Cardeal, estabelece algumas normas bem detalhadas sobre o assunto.

64. Textualmente, cabe à Comissão Litúrgica: "a) promover a divulgação de livros, folhetos e avulsos, bem como a realização de conferências e sessões de estudos para a maior difusão de conhecimentos teóricos e práticos sôbre a sagrada Liturgia, especialmente a Santa Missa, a Sagrada Comunhão e a Adoração Eucarística; b) favorecer, inteligentemente, a difusão, entre os fiéis, do Missal Romano, em português e latim, assim como de outros livros e folhêtos litúrgicos úteis à participação dos fiéis em missas dialogadas e em Vésperas; c) prestar a mais decidida colaboração à Comissão de Música Sacra para a participação do povo no Canto Gregoriano e para a supressão dos abusos condenados pela Santa Sé, segundo as normas que estabelecemos em Nossa Pastoral sôbre música sacra; d) colaborar com os Censores de livros incumbindo-se do exame de livros, folhêtos e artigos que versam sôbre a sagrada Liturgia; e) estar vigilante e advertir-nos sôbre tudo quanto se fizer no campo da sagrada Liturgia ou fôr divulgado em conferências e publicações em desacôrdo com as normas litúrgicas e com a Encíclica Mediator Dei, quer por exageros e desvios que o Papa condena, quer por desidia e preguiça não menos condenadas; f) responder a consultas e autorizar a prática de legítimos atos litúrgicos e para-litúrgicos não previstos nas presentes Normas" (Regulamentação. .", *op. cit.*, 500; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560-562, 593).

65. "Regulamentação...", *op. cit.*, 500: "Para evitar a precipitação e o açodamento na aplicação dos dispositivos das presentes Normas, vele a Comissão de Liturgia no sentido de não permitir improvisações que impliquem em desdouro das sagradas cerimônias e em desedificação dos fiéis.

66. *Ibid.*, 501: "Para que a Liturgia conte sempre com o entendimento seguro e seja objeto de prática fiél e consciente, impõe-se larga base catequética, motivo que nos leva a insistir no apostolado do ensino da religião, recomendado novamente pelo Santo Padre Pio XII no discurso de 1948 aos pregadores quaresmais de Roma".

67. Cf. *Revista do Clero*, ano V, nº 11 (nov. 1948), 754-757. O documento vem assinado pelo Presidente da Comissão, Mons. Costa Rêgo, com data de 31-10-1948.

68. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560.

69. Cf. "Regulamentação...", *op. cit.*, 497-498.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Assim inicia o documento:

> "A Comissão Arquidiocesana de Liturgia (CAL), no intuito de conseguir por em prática a carta Encíclica 'Mediator Dei' do Santo Padre Pio XII, gloriosamente reinante, e para que haja uniformidade nas Missas que forem dialogadas nesta Arquidiocese, há por bem determinar o que segue".[70]

Duas exigências prévias se impõem para o funcionamento harmonioso e correto da Missa dialogada, a saber:

> "1) Noções exatas sôbre a Santa Missa, sua liturgia, e o ano litúrgico; 2) reta pronúncia do latim e manuseio do Missal".[71]

Daí, necessitam-se instruções prévias, ensaios, sobretudo em agrupamentos como Colégios e Comunidades Religiosas, nos grupos de Ação Católica e Associações Religiosas.[72] Quanto aos fiéis em geral não agrupados nestas entidades:

> "Assistindo à Missa dialogada, irão, também êles, adquirindo aos poucos o senso litúrgico de participação mais íntima na celebração dos sagrados Mistérios".[73]

A Comissão, depois de exortar a que as Congregações Femininas adotem a Missa dialogada, dispõe-se com o "máximo interesse" em dar as orientações necessárias neste campo, consciente ao mesmo tempo que o uso é do agrado dos fiéis:

> "A experiência tem mostrado a alegria e íntima satisfação que sentem os fiéis quando verificam que êles também podem tomar parte mais ativa no Santo Sacrifício, e não como simples 'presentes' a ato tão solene".[74]

Assim pois, desde já, a Comissão dá três indicações práticas bem detalhadas de como deve funcionar a Missa dialogada, a saber:

> "1 — Os fiéis responderão, com voz clara e com as pausas marcadas nos folhetos impressos juntamente com o acólito da Missa, as partes que pelas rubricas êsse deve responder. 2 — Na comunhão os fiéis recitarão juntos, com o acólito, e em voz clara, o Confiteor, dirão Amen no fim do Misereatur e do Indulgentiam, e, depois de o celebrante ter dito Ecce Agnus Dei, dirão três vezes juntamente com o celebrante (e em tom mais baixo que o Confiteor) o Domine non sum dignus. 3 — Os fiéis recitarão juntamente com o celebrante as partes fixas da Missa ditas em voz alta, a saber o Kirie, o Glória, o Credo, o Sanctus e o Agnus Dei".[75]

Além destas determinações detalhadamente práticas e rubricais, a Comissão estabelece algumas proibições. Destacamos duas, uma que diz respeito à procissão do Ofertório e outra que diz respeito ao altar da celebração *ad hoc* mais próximo da assembléia:

> "A) A CAL não pode permitir introdução de ritos não previstos pelas rubricas, e entre estes ela se vê forçada a colocar a chamada procissão do ofertório, se o celebrante nela tomar parte, interrompendo a Missa. Para

70. Comissão Arquidiocesana de Liturgia, "Normas práticas para a Missa Dialogada", *Revista do Clero*, *op. cit.*, 754.
71. *Loc. cit.*
72. *Loc. cit.*
73. *Loc. cit.*
74. *Loc. cit.*
75. "Normas práticas...", *op. cit.*, 755, apresentando ainda: "Convém lembrar que a recitação em comum e em voz alta do Credo é o mais belo ato de fé possível, conforme declarou o Concílio de Toledo do ano 589. A recitação das partes móveis exige maior exercício e conhecimento por parte dos fiéis e raramente aconselhável" *(loc. cit.)*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

tanto seria necessário obter prévia licença e regulamentação da Santa Sé. B) Não será tampouco permitido a colocação duma mesa em frente dos bancos, à guisa de altar, para o celebrante celebrar mais perto dos fiéis".[76]

Lembrando o problema da monotonia quando na Missa tudo é rezado em voz alta, a Comissão aconselha a necessidade de variar o modo de recitar as orações ("ora dialogadas, ora em conjunto, outras vezes em voz baixa e privada").[77] Além disso, o *Amen* respondido pelos fiéis é muito importante e significativo.[78]

Enfim, após lembrar a viva recomendação de Pio XII de os fiéis comungarem dentro da Missa e, se possível, também com hóstias consagradas na mesma Missa,[79] depois de reprovar o costume de se negar a Comunhão dentro da Missa, adverte:

> A Missa dialogada não pode substituir a Missa solene com o canto de todos os fiéis, alvo ideal a ser atingido, conforme declarou Pio XII".[80]

Portanto, a Missa dialogada ainda não é tudo. O alvo a que se quer chegar é o da Missa cantada pelo fiéis. Como realmente diz a Comissão de Liturgia:

> "A CAL deseja trabalhar com tôdo empenho para acabar com a falsa idéia de que a Missa cantada é coisa complicada e difícil, reservada às grandes festas e espera fazer da Missa cantada pela assistência o pão dominical de todos os fiéis.[81]

3) *Primeiro Sínodo da Arquidiocese do Rio de Janeiro (1949)*[82]

Celebrado nos dias 6 a 9 de junho de 1949,[83] o Primeiro Sínodo da Arquidiocese do Rio de Janeiro, no que diz respeito à Liturgia, segue simplesmente a mesma linha dos dois últimos documentos da Arquidiocese que acabamos de abordar, numa aplicação eminentemente prática dos ensinamentos da "Mediator Dei", com uma preocupação preferentemente rubricista.[84]

76. *Loc. cit.* Uma terceira proibição diz respeito à recitação do Cânon: "Nunca é permitido a recitação do Cânon em voz alta, seja em latim, seja no vernáculo, e o contrário será considerado abuso a ser eliminado. O mesmo se diga, embora com menor rigor, das orações do ofertório que o celebrante reza em voz baixa" *(loc. cit.)*.

77. *Ibid.*, 755-756: "A experiência confirma essas afirmações: uma Missa na qual tudo, do começo ao fim, fôsse rezado em voz alta tornar-se-ia monótona e cansativa, e desagradaria aos fiéis e ao celebrante; enquanto a alternação de orações, ora dialogada, ora em conjunto, outras vezes em voz baixa e privada, torna mais agradável à assistência a Santa Missa, e permite aos fiéis um pouco de meditação sôbre os augustos mistérios que se celebram no altar".

78. *Ibid., 756:* "O Santo Padre na sua encíclica chama a atenção para a tão bela quanto significativa oração 'Per Ipsum et cum Ipso', com o qual a liturgia termina o que é propriamente o Cânon, respondendo, uníssono o povo fiel Amen. Convém lembrar aos fiéis que o 'Per omnia saecula saeculorum' dito por duas vezes em voz alta depois de orações em voz baixa, tem por fim chamar a atenção dos assistentes para que êles respondam alto Amen" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 559-560).

79. "Normas práticas...", *op. cit.*, 756; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 564.

80. "Normas práticas...", *op. cit.*, 757; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560-561.

81. "Normas práticas...", *op. cit.*, 757.

82. Em si deveríamos abordar este Sínodo posteriormente, no capítulo em que trataremos especialmente dos Sínodos Diocesanos. Porém, uma vez que aqui neste capítulo estamos tratando das primeiras repercussões da "Mediator Dei", isto é, no período que vai até a celebração do II Congresso Brasileiro de Teologia em fins de 1950 e começo de 1951, convém tomar em consideração também este Sínodo. O mesmo se diga do Sínodo Diocesano de Juiz de Fora (1950) que veremos logo mais.

83. Cf. Edital de convocação de D. Jaime, com data de 4-5-1949, em *Revista do Clero*, ano V, nº 5. (maio 1949), 86-87. Toda a legislação sinodal, que começou a atuar com força de lei a partir de 1-1-1950, está contida no volume *I Sínodo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, convocado — presidido — proclamado pelo Exmo. e Revmo. Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo Metropolitano*, Rio de Janeiro 1949.

84. O Sínodo se apóia em farta documentação. Dentro do assunto que estamos tratando, além dos três documentos mencionados ("Mediator Dei", "Normas sobre a Missa Dialogada" e "Regulamentação do Apostolado Litúrgico"), apóia-se principalmente ainda nos seguintes documentos: CIC (can. 482; 609 § 3; 733 § 1; 818; 819; 836; 1162 § 1 e 4; 1164; 1171; 1191 § 1, 2, 4; 1248; 1259 § 1; 1261 § 1; 1273; 1278; 1279; 1280; 1280 § 1; 1296 § 3; 1399); Pio X, Motu Proprio "Tra le sollecitudini",

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

No art. 127 § 1º, fala-se da Comissão Arquidiocesana de Liturgia. Aqui, praticamente se reproduz o que o Cardeal Câmara já havia estabelecido na "Regulamentação para o Apostolado Litúrgico",[85] com as seguintes modificações: Os itens c, d, f, da "Regulamentação...", ao falar da Comissão de Liturgia, não aparecem no citado artigo; há um acréscimo, dizendo que cabe à Comissão:

> "Incentivar a prática da recitação de Vésperas nos Domingos e Dias Santos nas igrejas paroquiais, com a participação do povo".[86]

Há ainda outro acréscimo:

> "Para evitar que o apostolado litúrgico se desvie das normas da Santa Sé, a Comissão Arquidiocesana de Liturgia estará vigilante e comunicará ao Prelado o que se fizer ou se divulgar em desacordo com a Encíclica *Mediator Dei*".[87]

No art. 261, lembrando que "o santo Sacrifício da Missa deve ser de fato para o sacerdote e para o fiel, como o é para a Igreja, centro e principal fonte de vida sobrenatural",[88] o Sínodo ordena que os sacerdotes sigam todas as rubricas do Missal celebrando a Missa atenta e devotamente "como o principal ato do dia e do apostolado", sem jamais omitir a preparação e ação de graças.[89] Além disso:

> "Instruam os fiéis sobre as cerimônias, orações e simbolismo do ritual, para que o mistério da fé não seja para muitos mistério de ignorância.[90]

Comparando este texto do Sínodo com os textos da "Mediator Dei" que falam da instrução litúrgica dos fiéis,[91] percebe-se bem a tendência rubricista do Sínodo.

No art. 263 § 1º, no intuito de favorecer o incremento da participação consciente dos fiéis na santa Missa, o Sínodo simplesmente reproduz de novo o que Dom Jaime já havia estabelecido na "Regulamentação para o apostolado litúrgico",[92] insistindo porém no sentido de que:

22-11-1903, *ASS* 36 (1903-1904), 329-339; SCR, "De coetu fidelium sacro adstantium...", 4-8-1922, *AAS* 14 (1922), 505; Pio XI, Const. Apost. "Divini Cultus", 20-12-1928, *AAS* 21 (1929), 33-41; Pio XII, Enciclica. "Mystici Corporis Christi", 29-6-1943, *AAS* 35 (1943), 51-248; CPB; Pastoral de D. Jaime de Barros Câmara sobre "Música Sacra", 15-9-1945, in: *Cartas Pastorais de D. Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro e Ordinário dos Católicos de Ritos Orientais no Brasil*, Edições Paulinas, Rio de Janeiro 1955.

85. Cf. *Revista do Clero*, ano V, nº 8 (agosto 1948), 500; cf. supra, p. 213, nota 34.

86. A idéia também é tirada da "Regulamentação...", de D. Jaime (cf. "Regulamentação.. *op. cit.*, 498; cf. supra, p. 217, nota 57; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 575-576.

87. Art. 127 § 3. Tal cuidado se fará "principalmente em relação às chamadas piedades objetiva e subjetiva, ao princípio *lex orandi, lex credendi*, à introdução de novos usos ou ritos litúrgicos e à restauração de obsoletos, aos conceitos de sacerdócio leigo, participação e concelebração dos fiéis, sentido social do Sacrifício da Missa, necessidade da Comunhão dos fiéis e ação de graças, do culto eucarístico fora do Sacrifício da Missa e a pretendida oposição entre o culto ao Cristo glorificado e ao Cristo histórico, e, de maneira toda especial, às manifestações de falso misticismo, deletério quietismo e pernicioso humanismo, assim como às doutrinas sobre o modo de presença da natureza humana de Cristo na alma dos justos e à natureza da Graça que une os fiéis à Cabeça do Corpo místico" *(loc. cit.;* cf. "Mediator Dei", op. cit., 562; 524; 532-533; 537; 540; 544-547; 552-553; 556-557; 563; 566; 570-571).

88. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 547: "Christianae religionis caput ac veluti centrum Sanctissimae Eucharistiae Mysterium est; *ibid.*, 592: Augustum altaris Sacrificium divini cultus praecipua actio est; oportet igitur christianae etiam pietatis sit fons ac veluti centrum".

89. Art. 261, a.

90. Art. 261, b. Baseia-se no CPB, dec. 193.

91. "Mediator Dei", *op. cit.*, 587: "Vos... adhortamur..., ut... ea... provehatis, quae altiorem populo impertiant sacrae Liturgiae cognitionem"; *id., op. cit.*, 598: "Ut vero supernis hisce muneribus ditioribus usque christianus populus poriri valeat, de pietatis thesauris, quos sacra continet Liturgia, eum docete diligenter...". No art. 389, a, o Sínodo recomenda "o costume de fazer preceder de breve explicação a administração dos sacramentos e sacramentais".

92. "Regulamentação...", *op. cit.*, 497-498; cf. supra, p. 216, nota 53.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Seja amplamente difundido o uso do Missal em vernáculo, entre os que estiverem em condições de, por meio tão útil, se unirem ao sacerdote celebrante, inclusive na recitação das mesmas orações".[93]

No § 2º do mesmo art. 263, referindo-se às Missas dialogadas, o Sínodo simplesmente reproduz as "Normas práticas" da Comissão Arquidiocesana de Liturgia, de 31-10-1948, seja no que diz respeito às indicações práticas, seja no que diz respeito às proibições.[94]

No art. 384 volta-se a insistir e recomendar aos responsáveis das igrejas (Párocos, Reitores e Capelães) que:

"Por meio de insistentes avisos e ensaios, especialmente com membros de associações religiosas, habituem os fiéis a tomarem parte nos cânticos e orações, com ordem e piedade e sem respeito humano".[95]

Naturalmente:

"Em tudo o que diz respeito à participação ativa dos fiéis no culto divino, sejam fielmente observadas as determinações das Comissões de Música Sacra e de Liturgia.[96]

Nos artigos 385 e 387, reproduzindo as normas dadas por Dom Jaime na "Regulamentação para o apostolado litúrgico", insiste-se na santificação das vésperas dominicais nas paróquias e que se favoreça uma verdadeira e consciente participação dos fiéis nos diversos ciclos do Ano Litúrgico.[97]

Falando do incentivo à participação dos fiéis na Liturgia através da música sacra, no art. 424 § 1º, o Sínodo insiste na necessidade de uma grande mas criteriosa difusão do canto da Igreja propriamente dito, o canto gregoriano,[98] sem também esquecer as *Scholae Cantorum*,[99] a polifonia[100] e o canto popular,[101] tudo dentro da máxima ordem e obediência às normas da Igreja, excluindo-se tudo o que é profano.[102]

93. Cf. "Regulamentação. ", *op. cit.*, 500, item b; cf. supra, p. 218, nota 64. O art. anterior, 262 § 1-3, fala dos horários das funções litúrgicas. No art. 386 § 1-2, insiste de novo: "É de desejar que o Missal romano, ou pelo menos um excerto que contenha o Ordinário da Missa, esteja nas mãos de todos os fiéis, devidamente preparados para usá-lo. Onde for possível, os párocos tenham à disposição dos fiéis missais ou folhetos que sejam distribuídos antes da Missa e recolhidos depois" (cf. "Regulamentação...", *op. cit.*, 500; cf. supra, p. 218, nota 64; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560-562).

94. Comissão Arquidiocesana de Liturgia, "Normas práticas para Missa Dialogada", *Revista do Clero*, *op. cit.*, 755; cf. supra, p. 218-220.

95. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 588-591.

96. Art. 384 § 2, indicando como fonte, entre outras, "Mediator Dei", *op. cit.*, 544-547 *et passim*.

97. Cf. supra, p. 217, com indicação para as notas 57 e 58. Citamos o texto do art. 385 do Sínodo: "Reiteramos e urgimos a determinação de, em cada paróquia, serem santificadas as tardes dos domingos e dias santos de guarda pela pregação catequética para adultos e Bênção do SS. Sacramento, precedidas do canto ou da recitação das vésperas ao menos em vernáculo, ou do Terço de Nossa Senhora" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 575).

98. Art. 424 § 1: "Desejamos ardentemente que seja larga mas criteriosamente difundido entre o povo o canto gregoriano, único que a Igreja propõe aos fiéis como diretamente seu" (cf. Pio XII, "Mediator Dei", *op. cit.*, 589). Daí, na prática: "a) os sacerdotes, em geral, e particularmente os Párocos, enviem elementos capazes aos centros de Formação da Escola de Música Sacra para se instruírem nas diversas formas da música religiosa, e principalmente no canto gregoriano; b) os colégios católicos, máxime os mantidos por Religiosos e Religiosas, velem para que se formem as novas gerações no espírito litúrgico através do gosto pelo canto gregoriano; c) a pedido dos Párocos, Diretores de colégios e outros interessados, a Comissão Arquidiocesana de Música Sacra indique e forneça elementos aptos a coadjuvá-los em tão elevada empresa..." (art. 424 § 1).

99. Art. 424 § 2: "Temos por merecedores de especialíssimos encômios os sacerdotes que formam coros de meninos, para que, também nesta Arquidiocese, venham a florescer as celebres *Scholae Cantorum*" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 589.

100. Art. 425: "Pelas características do canto polifônico religioso, seja também este cultivado em larga escala".

101. Art. 426: "Especial cuidado se dedique outrossim ao canto popular, procurando-se que o povo não permaneça mudo nas funções sagradas, adote a reta pronúncia do texto e a uniformidade da melodia, sem admitir variantes" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 590).

102. Cf. art. 423 e seguintes.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Enfim, ressaltaríamos também a insistência do Sínodo no sentido de incentivar a Comunhão freqüente dos fiéis,[103] de preferência dentro da Missa.[104]

Concluindo, percebemos como o Sínodo segue praticamente a mesma linha dos dois documentos anteriores na aplicação prática da "Mediator Dei".

Há uma grande preocupação no sentido de aplicar os ensinamentos da "Mediator Dei" para levar os fiéis a participarem ativa e conscientemente da vida litúrgica. Porém, o caminho que se quer percorrer para levar a esta participação é mais rubricista que teológico. O Sínodo usou com abundância a "Mediator Dei". Mas usou-a como um mero instrumento de organização prática (externa) do culto, sem interesse em apresentar a teologia que a Encíclica traz.

A impressão que se tem é que o Sínodo — e com o Sínodo também os dois documentos anteriores — sofre uma contradição interna, não vendo, não levando muito a sério a advertência que a própria "Mediator Dei" faz: "e não erram menos os que a tem (a Liturgia) como simples conjunto de leis e regras com que a Hierarquia Eclesiástica manda ordenar a execução dos ritos sagrados".[105]

Contudo, não deixa de ser notável e positivo o fato de o Sínodo, no que diz respeito à Liturgia, ter se interessado realmente pela grande Encíclica de Pio XII sobre a Liturgia, explorando-a amplamente.

V. Comissão Episcopal de Ação Católica: "Normas práticas decorrentes da Mediator Dei".[106]

Como já dissemos,[107] por ocasião do III Congresso Nacional de Ação Católica celebrado em Porto Alegre em outubro de 1948, a Comissão Episcopal Nacional de Ação Católica resolveu baixar para a Ação Católica Brasileira algumas "Normas práticas decorrentes da *Mediator Dei*".

Desde já podemos dizer: O documento não é original. Isto é, trata-se simplesmente do mesmo documento do Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, "Regulamentação do apostolado litúrgico",[108] apenas adaptado para a Ação Católica com alguns acréscimos e algumas modificações. Aliás, isso indica a influência que exercia em nível nacional o então Arcebispo da então Capital da República.

103. Art. 280: "Empenhem-se os sacerdotes para que os fiéis recebam a sagrada Comunhão com frequência, e até diariamente.." Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 564-565). No art. 281 § 1, insiste-se também na necessidade da preparação para a Comunhão bem como na necessidade da ação de graças após a mesma (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 566).

104. Art. 281 § 2: "... instruam-se, porém, os fiéis sobre a exigência litúrgica de preferirem comungar durante a Santa Missa; e, quando forem consagradas novas partículas, sejam estas distribuídas, se houver comunhão, mesmo que há outras de reserva" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 562-566).

105. "Mediator Dei", *op. cit.*, 532: "nec minus ii aberrant, qui eam meram legum praeceptorumque summam reputent, quibus Ecclesiastica Hierarchia iubeat sacros instrui ordinarique ritus".
Poderíamos acrescentar ainda: "At est aliquid etiam maiorisque momenti..., quod peculiari modo sedulitati studioque vestro apostolico commendemus, Quidquid ad externum religionis cultum attinet suam profecto habet gravitatem; attamen pernecesse potissimum est christianos Liturgiae vitam vivere, eiusque supernum alere ac refovere afflatum" (*ibid.*, 591).

106. "Normas práticas decorrentes da *Mediator Dei*", *Rev. Ass. Ecl.*, nº 14 (nov. 1948), 10-13. Sentimos não podermos até o momento ter descoberto e apresentar os membros desta Comissão. O documento aparece publicado também em *A Tribuna* (Recife) 12-12-1949, 5 e em *Unitas* nº 10-12 (out. dez. 1948), 238-241. Seguimos o texto publicado em *Rev. Ass. Ecl.*

107. Cf. supra, p. 213.

108. Cf. supra, p. 213 e 215-218.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Vejamos, pois, o que diz o documento. Naturalmente, não vamos repetir o que o Cardeal Câmara já havia regulamentado para a Arquidiocese do Rio de Janeiro e que aqui é assumido como norma para a Ação Católica. Ressaltaremos apenas os elementos que não se encontram naquele documento, e que portanto aqui aparecem de certa maneira originais.

Antes de tudo, dentro do âmbito "Sôbre a natureza, origem e progresso da Liturgia",[109] acrescentando o lembrete no sentido de que "sòmente ao Romano Pontífice compete reconhecer, estabelecer, inovar aprovar e modificar tudo o que se refere à sagrada Liturgia" e que aos Bispos compete "vigiar a fiel observância da disciplina em vigor", e que, por isso mesmo, particulares não têm nenhuma autoridade no assunto,[110] a Comissão faz aqui estas duas recomendações práticas para a Ação Católica:

> "a) quanto à Regulamentação da 'Mediator Dei' não se antecipem aos próprios Ordinários, mesmo nos pontos que aqui recomendamos, pois só eles são juízes competentes da conveniência e oportunidade de determinadas aplicações práticas da palavra pontifícia; b) abstenham-se de vir a público criticar ou condenar quaisquer práticas litúrgicas, extra-litúrgicas ou anti-litúrgicas, certos de que melhor concorrerão para a glória de Deus contentando-se de cientificar o Ordinário ou a Comissão de Liturgia sobre os pontos a respeito dos quais tiverem suspeição ou reserva".[111]

Percebe-se aqui nitidamente como a Comissão Episcopal, sentindo ainda nos ouvidos os ecos barulhentos das polêmicas anteriores em torno da Liturgia e do Movimento Litúrgico, agora, a partir da força da "Mediator Dei" — *Roma locuta, causa finita!* — busca como que frear as "iniciativas" particulares e as "discussões" em torno do assunto.

Dentro do âmbito "Sobre o Culto Eucarístico",[112] a Comissão aqui recomenda que a Ação Católica se ponha "a serviço da Hierarquia para que a missa dialogada possa entrar no uso dos fiéis sem maiores dificuldades e ser praticada de modo consciente".[113] Duas normas práticas nesta linha são apresentadas para a Ação Católica seguir, a saber:

> "a) ajudar o Pároco em missas explicadas e recitadas, permanecendo no meio ou atrás dos fiéis e seguindo literalmente o texto indicado; b) prontificar-se a aprender e a ensinar aos outros a dialogação da Santa Missa para que, quando o julgarem oportuno os legítimos superiores, esteja em condições de dar exemplo de dialogação consciente, piedosa e digna".[114]

No mais, volta-se sempre de novo a solicitar a colaboração da Ação Católica na promoção de todos os meios de participação ativa dos fiéis segundo as indicações dadas pelo Cardeal Câmara na "Regulamentação do apostolado litúrgico".[115] No entanto, um meio ficou esquecido, assim como também o Cardeal o havia esquecido: o apostolado do Missal!

Em seguida, no item intitulado "Sôbre o Ofício Divino e o Ano Litúrgico",[116] prossegue-se recomendando a colaboração da Ação Católica na di-

109. "Normas práticas decorrentes da Mediator Dei", *Rev. Ass. Ecl.*, *op. cit.*, 10-11; cf. supra, p. 215-216; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 544.
110. "Normas práticas decorrentes...", *op. cit.*, 11.
111. *Loc. cit.*
112. *Ibid.*, 11-12; cf. supra, p. 216-217.
113. "Normas práticas decorrentes...", *op. cit.*, 11, Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560.
114. "Normas práticas decorrentes...", *op. cit.*, 11.
115. "Normas práticas decorrentes. ", *op. cit.*, 11-12; cf. "Regulamentação...", *Revista do Clero*, *op. cit.*, 497-496; cf. supra, p. 216.
116. "Normas práticas decorrentes... *op. cit.*, 12-13; cf. supra, p. 217.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

fusão e dinamização das Vésperas dominicais nas Paróquias e na vivência do Ano Litúrgico pelos fiéis. Ressaltamos as recomendações a respeito das Vésperas:

> "1 — Entregue-se a A.C. ao apostolado da santificação das tardes dos domingos e dias santos, comparecendo em massa e atraindo os adultos à pregação catequética e à bênção dos SS. Sacramento, precedidas do cântico das Vésperas ou da recitação do têrço... 3 — Nos lugares em que houver ou for introduzido o uso das Vésperas esmere-se a A.C. em dignamente recitar ou cantar as partes que competirem ao povo, colaborando outrossim com os Revmos. Párocos para que todos os fiéis fiquem em condições de o fazer".[117]

Enfim, no último ponto, "Sôbre Diretrizes Pastorais",[118] toda a parte da "Regulamentação..." do Cardeal Câmara referente à Comissão de Liturgia, aqui é substituída por esta advertência:

> "Seja a A.C. modelo de submissão às diretrizes da Comissão de Liturgia que a Autoridade Diocesana estabelecer, seguindo as indicações do Santo Padre e colabore com zelo em todas as suas iniciativas".[119]

Enfim, solicita-se a colaboração da Ação Católica no sentido de ajudar no desenvolvimento de uma intensa catequese litúrgica, para que a Liturgia seja sempre melhor compreendida e mais conscientemente participada.[120]

Vemos como o espírito rubricista de Dom Jaime consegue influenciar fortemente para além das fronteiras da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Além disso, aparece-nos evidente neste documento a grande preocupação da Comissão Episcopal em frear as "iniciativas" particulares e as "críticas" dos membros da Ação Católica em matéria de Liturgia e não-Liturgia.

Outro ponto que se evidencia é a grande preocupação da Comissão em estabelecer as normas práticas nos mínimos detalhes para a Ação Católica. Assim, tudo feito, para a Ação Católica não resta mais senão executar docilmente o que a Comissão Episcopal detalhadamente regulamentou a partir da "Mediator Dei".

Muito positiva parece-nos a insistência que faz a Comissão Episcopal à Ação Católica no sentido de colaborar intensamente no apostolado litúrgico (apostolado do Ofício Divino, ensaios, dinamização das Missas dialogadas e recitadas, dinamização do canto, catequese, etc.).

Outros artigos, embora não citem a "Mediator Dei" como base de sua elaboração, não deixam também de traduzir o ensinamento da Encíclica. Assim, temos o art. 147 sobre a importância do Sacrifício da Missa na vida

117. "Normas práticas decorrentes...", *op. cit.*, 12-13.
118. *Ibid.*, 13; cf. supra, p. 217-218.
119. "Normas práticas decorrentes...", *op. cit.*, 12-13.
120. *Ibid.*, 13: "4 — Para que a Liturgia conte com entendimento seguro e seja objeto de prática fiel e consciente, devote-se a A.C. à catequese, base do apostolado litúrgico e da própria Ação Católica, sem discuidar-se outrossim de utilizar a liturgia como ótimo recurso didático de ilustrar o ensino da religião e de impedir que se resuma a um conhecimento teórico de verdades. 5 — Os membros da A.C. que frequentam educandários dirigidos por Religiosos ou Religiosas sejam cuidadosamente iniciados nas atividades previstas nas presentes normas, de modo a levarem para o mundo post-escolar orientação segura e fecunda em matéria de vida cristã" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 593).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

VI. Primeiro Sínodo Diocesano de Juiz de Fora e algumas Cartas Pastorais

Prosseguindo nossa pesquisa sobre "Primeiras repercussões da 'Mediator Dei' no Brasil", convém que abordemos ainda o Primeiro Sínodo de Juiz de Fora, celebrado em maio de 1950, mais algumas Cartas Pastorais do período anterior aos fins de 1950.

1) *Primeiro Sínodo Diocesano de Juiz de Fora (1950)*

Comparando com o Sínodo do Rio de Janeiro, o Sínodo de Juiz de Fora [121] cita pouquíssimo a "Mediator Dei" ao abordar temas litúrgicos. [122] Basta dizer que nos 20 artigos (art. 141-161) que perfazem o Título Primeiro ("Da Santa Missa") do Terceiro Capítulo ("Da Eucaristia"), apenas 3 vezes vem citada a "Mediator Dei" como fonte de base. Porém, as vezes em que cita, o faz sem dúvida de maneira mais clara e decidida.

Em primeiro lugar, no art. 156, ao se referir às Missas dialogadas, o Sínodo manda que se adotem as seguintes normas "decorrentes da Mediator Dei": [123]

> "a) Os assistentes recitem, com o acólito, em voz clara, as partes, que a este competem. b) Com o celebrante, recitem o *Glória*, o *Credo*, o *Sanctus*, o *Agnus Dei* e — na comunhão dos fiéis — o *Domine, non sum dignus*. c) Sendo possível, recitem ainda, em latim ou vernáculo, as partes móveis, que se cantam nas Missas solenes. d) Não é permitido recitar-se, em voz alta o texto litúrgico, mesmo traduzido, que o celebrante deve pronunciar em voz baixa, ou que, nas Missas solenes, compete exclusivamente ao celebrante, dentro ou fóra do *Canon*".

Comparando com o art. 263 § 3º do Sínodo do Rio de Janeiro, [124] aqui o Sínodo de Juiz de Fora aparece mais corajoso e decidido, no sentido de não se perder em minúcias.

No art. 160 insiste-se na participação ativa dos fiéis na Liturgia, acentuando claramente a necessidade da difusão do Missal:

> "Insistimos em que os fiéis não se devem portar, durante o Santo Sacrifício da Missa, como estranhos espectadores, mas devem participar das cerimônias sagradas unindo suas preces à do celebrante. Seja, pois, amplamente, mas com critério, difundido o uso do missal em vernáculo". [125]

E no art. 161 pede-se para se promover a instrução litúrgica dos fiéis, conforme pede a "Mediator Dei":

> "Promovam os párocos periodicamente a *Semana da Missa* ou a *Semana Eucarística*, em que ouçam os fiéis a doutrina completa dêste Santíssimo Sacramento, em conferências sobre as suas cerimônias, simbolismo e ritos, ao alcance de todos". [126]

121. Toda a legislação do Sínodo encontra-se publicada no volume *Primeiro Sínodo Diocesano de Juiz de Fora, convocado e promulgado pelo Exmo. e Revmo. Sr. Dom Justino José de Sant'Ana, Maio 1950* (sem qualquer outra indicação).
122. Cita de preferência documentos anteriores como Cânones do CIC, do CPB, do CPAL (Concilium Plenarium Americae Latinae — 1899), e artigos das CPEMB (Constituições Primeiras dos Estados Meridionais do Brasil — 1915).
123. Em nota de rodapé, o Sínodo dá estas indicações: "Pio XII, 'Mediator Dei' (20/11/47), AAS XXXIX, p. 521ss et passim; S.C.R. 18 e 22/2/21; CPB 199". Mais especificamente, cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560.
124. Cf. supra, p. 222, com indicação para a nota 94.
125. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560; o Sínodo coloca como base também o can. 355 § 2 do CPB.
126. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 593. O Sínodo, inexplicavelmente, nota como base *ibid.*, 560 e 591.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

dos sacerdotes,[127] o art. 155 sobre a promoção da Missa cantada em gregoriano pelos fiéis,[128] e o art. 170 sobre a comunhão freqüente e dentro da Missa.[129]

2) *Algumas Cartas Pastorais*

Em 7 Cartas Pastorais deste período (novembro de 1947 a dezembro de 1950) que recolhemos, notamos uma grande variedade na maneira de abordar a "Mediator Dei" quando se fala de Liturgia. Para começar, apenas 3 fazem referência ou citam a Encíclica, havendo uma diferença também entre estas.

Já falamos da expressão de gratidão de Dom Amaral Mousinho pelo advento da "belíssima e confortadora" Encíclica que veio apontar e profligar os "principais e lamentáveis deslizes" em matéria de Liturgia.[130]

Comecemos aqui, em primeiro lugar, pela Pastoral de Saudação do novo Bispo de Amazonas, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, com data de 21 de janeiro de 1949.[131]

Após falar da Ação Sacerdotal (formação dos seminaristas, problema das vocações, etc.), e após falar da Ação Católica e do Ensino Religioso na Diocese,[132] passa então a dedicar um espaço especial à Liturgia.[133]

Característico deste capítulo sobre a Liturgia é a grande atenção que Dom Gaudêncio Ramos dá à Encíclica "Mediator Dei", citando-a abundantemente e nela procurando realmente inspirar-se para promover a formação litúrgica.

Pois bem, a certa altura do seu discurso sobre o problema da formação religiosa na Diocese, Dom Gaudêncio Ramos toca no ponto nevrálgico desta formação, a saber, a vida litúrgica:

> "Conseqüência lógica e natural de uma bôa formação cristã é a vida litúrgica. Bem pouco serviria iluminar as inteligências com os dógmas da Fé, se elas não traduzissem na prática suas convicções pela recepção dos Sacramentos. Bem árida se tornaria a vida cristã se fosse reduzida à cautela contínua para não infringir os mandamentos, ou a 'um formalismo sem fundamento e sem conteúdo' (*Mediator Dei* — I, — II)".[134]

127. Art. 147: "Os sacerdotes façam do Santo Sacrifício da Missa o ponto de referência ou a razão de ser de sua vida sacerdotal, precedendo-o de piedosa preparação próxima, celebrando-o sem precipitação mas com edificação para os fiéis e seguindo-o de fervorosa ação de graças ao menos por quinze minutos" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 547 e 592; cf. supra, p. 221, nota 88, onde citamos os textos).

120. Art. 155: "Esforcem-se os párocos, para conseguir que, nas festas principais, a assembléia dos fiéis cante uma das Missas gregorianas. Para isto, ensinem-na primeiramente às crianças do catecismo e infiltrem o côro paroquial entre os fiéis. Com tempo e paciência, recolherão resultados satisfatórios" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 588-591).

129. Art. 170 § 1: "Esforcem-se os párocos para despertar, revigorar e ampliar a vida eucarística em suas paróquias, estabelecendo o hábito da Comunhão diária do maior número possível de almas bem formadas na piedade". Art. 170 § 2: "Esclareçam aos fiéis que é mais de acôrdo com o espírito da Igreja a Comunhão dentro da Missa, mas não façam dificuldades em ministrá-la fóra da Missa..." (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 562-566).

130. Cf. supra, p. 211.

131. *Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Bispo do Amazonas. Com saudações a seus Diocesanos*, Manaus 1949.

132. *Ibid.*, 9-24.

133. *Ibid.*, 25-28.

134. *Ibid.*, 25; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 532 e 591; cf. supra, p .223, nota 105, onde vêm citados dois textos da Encíclica que tocam mais diretamente ao assunto.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Em outras palavras, a própria vida litúrgica, a participação nesta vida constitui um dado importante para o próprio crescimento espiritual e moral dos cristãos, pois aí — na Liturgia —, através do Ano Litúrgico, é o próprio sacerdócio de Cristo que é exercido.[135]

Segundo Dom Gaudêncio Ramos, o problema dos "excessos, exclusivismos e unilateralismos litúrgicos", advertido pelo Papa, não existe na Diocese do Amazonas. O grande problema existente — também este lamentado por Pio XII — é o da *ignorância* em torno da Liturgia,[136] com as manifestações e conseqüências que assim descreve:

> "O alheiamento completo das cerimônias, o desconhecimento dos textos litúrgicos a obrigatoriedade de novenas e outras devoções durante a Santa Missa, a falta de gosto no revestimento dos templos e na ornamentação dos altares, a deturpação da música sacra com a introdução de ritmos sentimentais ou de ópera, a letra ridícula e até herética de alguns hinos, tudo isso forma matéria abundante às censuras dos adversários de nossa Religião e impede a aproximação das ovelhas transviadas".[137]

A solução a este problema do total desconhecimento da Liturgia oficial da Igreja com conseqüências que afetam — diríamos hoje — até o ecumenismo, Dom Gaudêncio Ramos a indica com estas palavras, reproduzindo os próprios anseios da "Mediator Dei":

> "Desejamos ardentemente patentear aos fiéis as riquezas da Liturgia, de acôrdo com o sentir do Sumo Pontífice, a fim de que 'em toda parte as igrejas se encham e os altares sejam cercados de fiéis, os quais, como

135. *Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos..., op. cit.*, 25-26: "A participação na vida litúrgica da Igreja possibilita a ilustração da inteligência, o fortalecimento da vontade, o equilíbrio dos sentimentos, a orientação da piedade, a revisão adequada e periódica de todas as verdades da Religião e das mais importantes passagens da Sagrada Escritura. 'Assim a alma se eleva a Deus mais e melhor; assim o sacerdócio de Jesus Cristo está sempre em ato na sucessão dos tempos, não sendo a Liturgia outra coisa que o exercício dêste sacerdócio. Como a sua cabeça divina, assim a Igreja assiste continuamente os seus filhos, ajudando-os e os exorta à santidade, para que, ornados com essa dignidade sobrenatural, possam um dia voltar ao Pai que está nos céus' (Mediator Dei). Acompanhando os ciclos do ano litúrgico, encontram os fiéis, crianças e adultos, uma escola intuitiva e prática das verdades de nossa Crença. 'Evocando êstes mistérios de Jesus Cristo, a Sagrada Liturgia visa a fazer deles participar todos os crentes de modo que a divina Cabeça do Corpo Místico viva na plenitude da sua santidade nos membros' (Mediator Dei III, — 2º). Mais adiante diz o Santo Padre: 'Assim o ano litúrgico que a piedade da Igreja alimenta e acompanha não é uma fria e inerte representação de fatos que pertencem ao passado, ou uma simples e núa evocação da realidade de outros tempos. É antes o próprio Cristo, que vive sempre na sua Igreja e que prossegue o caminho de imensa misericórdia por ele iniciado, piedosamente nesta vida mortal, quando passou fazendo o bem (At. 10,38) com o fim de colocar as almas humanas em contacto com os seus mistérios e fazê-las viver por eles, mistérios que estão perenemente presentes e operantes, não no modo incerto e nebuloso, de que falam alguns autores recentes, mas porque, como nos ensina a doutrina católica e segundo a sentença dos doutores da Igreja, são exemplos ilustres de perfeição cristã e fonte de graça divina pelos méritos e intercessão do Redentor, e porque perduram em nós, no seu efeito, sendo cada um deles, de modo consentâneo à própria índole, a causa da nossa salvação' (Mediator Dei)" (cf. original latino dos textos citados em "Mediator Dei", *op. cit.*, 529-530, 577, 580).

136. *Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos...*, op. cit., 26-27: "Queremos crer que não tenham transposto a cortina das selvas amazônicas e não se tenham implantado em nossa querida Diocese os excessos, exclusivismos e unilateralismos litúrgicos condenados pelo Santo Padre o Papa Pio XII, gloriosamente reinante, na recente e memorável encíclica *Mediator Dei*, já por Nós várias vezes citada. Bem provável é que, em vez dos exageros e excentricidades de 'pessoas muito ávidas de novidades que se afastam do caminho da sã doutrina e da prudência seja mais frequente encontrar no Amazonas — como em muitas outras regiões de nossa Pátria — 'conhecimento e o estudo da Liturgia escassos ou quase nulos', o que 'com dor' verifica o paternal coração do Sumo Pontífice (Mediator Dei)" (para o original latino dos textos citados, cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 524).

137. *Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos..., op. cit.*, 27. Observa ainda que a ausência de vida litúrgica nestas regiões chega "ao ponto de se transferirem as festas religiosas conforme as conveniências dos festeiros ou dos comerciantes, ou de querer conduzir andores com imagens na procissão de Corpus Christi" *(loc. cit)*. Passa a citar o longo texto sobre as "adulterações litúrgicas" da Pastoral de 30-10-1938 de D. Mário Vilas-Bôas (cf. *Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos..., op. cit.*, 27-28; cf. *1ª Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas..., op. cit.*, 42-43; cf. supra, p. 69, com indicação para as notas 214-216). Nota-se nestas observações de D. Alberto uma velada reação contra resquícios do domínio leigo na piedade popular, muito típico do tradicional catolicismo popular do Brasil (sobre a História da religiosidade popular no Brasil, cf. Introdução geral, p. 26 nota 9, onde oferecemos alguns dados bibliográficos). Enfim, é de se notar também a preocupação ecumênica de D. Alberto no texto citado.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

membros unidos à divina cabeça, se fortifiquem com as graças dos sacramentos e juntamente com Êle e por Êle celebrem o augusto Sacrifício e apresentem ao Eterno Pai os louvores que lhe são devidos' (MD IV, II)".[138]

Enfim, como imediata conclusão prática, Dom Gaudêncio Ramos propõe o seguinte:

> "Para tal conseguirmos, evitando os exageros e as 'experimentações arbitrárias', em obediência ao que prescreve o Santo Padre nas muitas vezes citada Encíclica, 'como já existe para a arte e a música sacra, também se constitua uma comissão para promover o apostolado litúrgico a fim de que, sob o vosso vigilante cuidado, tudo se faça diligentemente segundo as prescrições da Sé Apostólica' (MD)"[139]

Temos, portanto, aí um exemplo de como a Encíclica "Mediator Dei" repercutiu até no Amazonas, isto é, na Pastoral de Saudação do Bispo daquela Diocese, Dom Alberto Gaudêncio Ramos.

Numa palavra, a Encíclica incentivou o novo Bispo à formação litúrgica para os fiéis daquela Diocese, muitas vezes mais afeitos às "adulterações litúrgicas" do que à Liturgia propriamente dita. A Encíclica, através desta Pastoral, mostrou aos fiéis do Amazonas que a formação litúrgica era urgente e importante...

O documento seguinte a considerar é a Pastoral de Saudação do novo Bispo de Campina Grande (Paraíba), Dom Frei Anselmo Pietrulla, com data de 4 de outubro de 1949,[140] citando duas vezes a Encíclica de Pio XII sobre a Liturgia.

Falando a certa altura da Eucaristia como presença constante de Cristo, como memorial perene de sua Paixão e Morte e como "pão dos fortes", chama a atenção para a necessidade absoluta de uma vida eucarística profunda, de comunhão freqüente, e, de preferência, dentro da Missa[141] Argumenta-o citando um primeiro texto da "Mediator Dei":

> "E isto porque 'o Augusto Sacrifício do altar, não é uma pura e simples comemoração da Paixão e Morte de Cristo, mas, verdadeira e propriamente sacrifício, no qual, imolando-se incruentamente, o Sumo Sacerdote faz o que fez uma vez na Cruz, oferecendo-se, totalmente, ao Pai eterno, como Hóstia gratíssima. Uma só é a vítima. E Aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que, outrora, se ofereceu na Cruz, divergindo, apenas, o modo de oferecer' (Encicl. sobre a S. Liturgia".[142]

Em outras palavras, presenciamos, com os olhos da fé, o mesmo sacrifício oferecido por Cristo no Calvário. Daí, pela honra enorme de poder

138. *Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos...*, *op. cit.*, 28; para o original latino do texto citado, cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 593; cf. ainda *id.*, *op. cit.*, 587; cf. supra, p. 221, nota 91.
139. *Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos...*, *op. cit.*, 28; para o original latino dos textos citados, cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 562; cf. também supra, p. 213, nota 35. Até que ponto realmente foram executados estes propósitos, infelizmente não o pudemos até o momento constatar.
140. *Carta Pastoral de D. Frei Anselmo Pietrulla, Bispo de Campina Grande, saudando seus diocesanos*, Mensageiro da Fé, Salvador (Bahia) 1949.
141. *Ibid.*, 24-25. Diz: "Não é possível... uma vida verdadeiramente cristã que não seja uma vida profundamente eucarística. Dizemos mais: o termômetro infalível de vida cristã pelo qual se mede a nossa religiosidade é o amor que votamos a Cristo Sacramentado e Sacrifício do Altar. Porisso recomendamos que conserveis os louváveis costumes que tanto honram a nossa Diocese... da comunhão frequente... Como, porém; a Comunhão é uma parte integrante do sacrifício, nada mais conveniente do que unir-se a Cristo na Eucaristia, depois de haver prestado 'por Ele, com Ele e n'Ele' toda honra e glória ao Pai celeste na santa missa..." (*ibid.*, 25). D. Frei Anselmo não o cita, mas a idéia sobre a comunhão freqüente e dentro da Missa pode ser encontrada em "Mediator Dei", *op. cit.*, 564-566.
142. *Carta Pastoral de D. Frei Anselmo Pietrulla...*, *op. cit.*, 25-26; para o original latino do texto citado, cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 548.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

participar deste Sacrifício e pelos frutos que daí advêm, é necessário que tal participação se efetue realmente de maneira fervorosa, ativa, numa íntima comunhão de sentimentos com o Eterno Sacerdote Jesus Cristo. É o que aparece no segundo texto da "Mediator Dei" que Dom Frei A. Pietrulla cita:

> "E para que a assistência à santa missa seja plenamente frutuosa, o S. Padre, na sua Encíclica sobre a Sagrada Liturgia pede insistentemente 'que todos os fiéis considerem o seu principal dever e suma honra o participar no Sacrifício Eucarístico; não como uma assistência passiva, negligente e distraída, mas, tão fervorosa e ativamente que a união com o Sumo Sacerdote não possa ser mais íntima, conforme a palavra do Apóstolo: "Tende vós mesmos os sentimentos de Jesus Cristo'; Com Ele e por Ele ofereçam o Sacrifício..., e juntamente com o Divino Mestre crucificado, a si mesmos, suas preocupações, dores, angústias, misérias e necessidades..."'.[143]

São os dois textos da Encíclica, citados nesta Pastoral por Dom Frei Anselmo Pietrulla. Como se vê, o novo Bispo de Campina Grande dá preferência a textos da Encíclica com conteúdo mais teológico-espiritual para fundamentar e motivar a participação ativa na Liturgia. Primeiro se preocupa com este conteúdo para então passar ao aspecto mais prático e externo.

Assim, pois, passa a apresentar e incentivar dois elementos práticos para a participação ativa na Missa. Não cita a Encíclica. Mas os elementos estão presentes na Encíclica: a instrução dos fiéis[144] e o uso do Missal para os fiéis.[145]

Enfim, após incentivar os fiéis para o cultivo da oração em comum nas famílias (oração da manhã e da noite, antes e após as refeições, Rosário e Ofício de Nossa Senhora),[146] volta a insistir na participação ativa no Sacrifício da Missa e outras funções religiosas sobretudo através de canto.[147]

Como se vê, para Dom Frei A. Pietrulla, o que sobretudo lhe chamou a atenção na Encíclica ao se tratar da promoção da vida litúrgica, foi a apresentação teológico-espiritual dada por Pio XII sobre a Missa.

Havíamos acenado antes para a diferença com que as Cartas Pastorais encaram a "Mediator Dei". Realmente já vimos por exemplo como a Pas-

143. *Carta Pastoral de D. Frei Anselmo Pietrulla*..., *op. cit.*, 26; para o original latino do texto citado, cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 552 e 560.

144. *Carta Pastoral de D. Frei Anselmo Pietrulla*..., *op. cit.*, 27: "Pela santa missa o mundo deve ser restaurado. Por isso não desprezaremos nenhuma ocasião e nenhum meio — e o mesmo pedimos aos caríssimos sacerdotes — de levar os nossos amados diocesanos a uma compreensão sempre mais clara e profunda do Santo Sacrifício do altar"; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 587 e 593; cf. supra, p. 221, nota 91.

145. *Carta Pastoral de D. Frei Anselmo Pietrulla*..., *op. cit.*, 27-28: "Aplaudimos, vivamente, o uso do missal na mão do leigo instruído; lembramos, porém, que o missal, em si, ainda não garante a melhor participação da missa... Assim sendo também os fiéis que, com piedade profunda, acompanham as partes da missa, meditando sobre o que se desenrola no altar, ou rezando orações apropriadas ou cantando hinos correspondentes, dão perfeitamente 'honra e glória a Deus'. O que o Senhor nos pede é um coração reto, contrito, humilde e confiante"; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560-562.

146. *Carta Pastoral de D. Frei Anselmo Pietrulla*..., *op. cit.*, 29-30; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 583-587, onde se recomenda vivamente outras formas de piedade não estritamente litúrgicas. Interessante que a citada Carta Pastoral de D. Frei A. Pietrulla não faz referência ao Ofício Divino!

147. *Carta Pastoral de D. Frei Anselmo Pietrulla*..., *op. cit.*, 30-31: "Tomai, caríssimos irmãos, igualmente parte no culto religioso, não só no santo sacrifício da missa, de que já vos falamos, mas, em todos os atos a que a Igreja convida a família de Deus que é a paróquia. Quanta vida e vibração religiosa animaria p. e. os nossos fiéis, se todos em comum cantassem as respostas na missa solene, na bênção do SS. Sacramento e nas ladainhas, por ora reservadas ao coro! Ou, se durante a santa missa, fossem cantados pelo povo todo, cânticos correspondentes às partes do santo sacrifício, do mesmo modo como nos tríduos, novenas, trezenas ou outras devoções aprovadas pela Igreja. Um sacerdote norte-americano que, a título de observação, visitava os países da América do Sul, declarou que uma das causas do progresso das seitas protestantes, nesses países, era a assistência passiva do povo católico no culto religioso. Por isso, cuidaremos que os nossos fiéis sejam levados a uma participação sempre mais ativa nos atos religiosos"; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 588-591.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

toral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos se preocupa logo diretamente com o problema da formação litúrgica para um povo alheio à Liturgia, enquanto que Dom Frei Anselmo Pietrulla procura primeiro fundamentos teológico-espirituais na Encíclica, como motivação para promover uma ativa participação dos fiéis no culto.

Outras Pastorais falam da necessidade de promover a vida litúrgica, mas não citam a "Mediator Dei".[148] Uma vez até se usa uma terminologia que a Encíclica desaprova,[149] o que deixa a impressão de que o célebre documento pontifício nem tinha sido lido pelo Bispo. E vezes há que nem de Liturgia se fala, quando se podia e devia muito bem tê-lo feito.[150]

Portanto, enquanto para uns a "Mediator Dei" nem é tomada em consideração — como acabamos de ver — para outros aparece como um documento de grande valor orientativo imediato na promoção da vida litúrgica.

VII. A "Mediator Dei" difundida no Nordeste do Brasil pelo beneditino Dom Pedro Bandeira de Mello

Não podemos deixar de levar em consideração também o grande trabalho de Dom Pedro Bandeira de Mello O.S.B.,[151] difundindo os ensinamentos da "Mediator Dei" no Nordeste do Brasil através do semanário católico *A Tribuna*, de Recife.

Nos anos 1948 e 1949, na secção "A Nota Litúrgica" deste jornal, em pelo menos 19 artigos Dom Bandeira de Mello explicitamente comenta e cita a Encíclica de Pio XII sobre a Liturgia.

148. Cf. *Dom Frei Felicio da Cunha Vasconcellos, O.F.M., Bispo de Penedo. Pastoral de Saudação aos seus Diocesanos*, 1949, 10-14, citando bastante a "Mystici Corporis Christi"; cf. *Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M. Ultimas Palavras à Diocese de Bonfim. Terceira Pastoral*, Petrópolis 1948, 15-16; cf. *Não nos iludamos e trabalhemos. Quarta Pastoral de Dom Frei Henrique Golland Trindade da Ordem Franciscana, Bispo de Botucatu*, Petrópolis 1949, 8-9, 12, 17, 20-27; cf. *Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M., Bispo de Botucatu. Pró Santificação do Dia do Senhor (um ano inteiro de trabalho). Quinta Pastoral*, Petrópolis 1950, 11-14. Falaremos especificamente destas Pastorais mais tarde, no capítulo sobre Sínodos e Pastorais.

149. *Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M.... Pró Santificação do Dia do Senhor..., op. cit.*, 11: "Oh! se, ao menos, as nossas Missas, embora mal frequentadas, fossem compreendidas, vividas, *concelebradas* (grifo nosso) pelos fiéis!". Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 553: "Sunt enim..., qui hodie ad iam olim damnatos errores accedentes, ...Eucharisticum Sacrificium veri nominis 'concelebrationem' existimant, ac reputant expedire potius ut sacerdotes una cum populo adstantes 'concelebrent', quam ut privatim Sacrificium offerant absente populo".

150. *Dom Ruy Serra, Bispo Diocesano de São Carlos, saudando os seus diocesanos*, "Ave Maria", São Paulo 1948. Esta Pastoral datada de 16-5-1948, baseando-se em Pio XII, fala longamente da Ação Católica, sua necessidade na paróquia, sua formação. Mas não acena uma única vez para a Liturgia, quando a "Mediator Dei" explicitamente se refere à colaboração que a Ação Católica pode dar na promoção da vida litúrgica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 593).

Cf. ainda *Carta Pastoral de Dom Francisco Expedito Lopes, 1º Bispo de Oeiras. Saudando seus diocesanos*, 1948. O documento, de 12-12-1948, apresenta o sugestivo lema do Episcopado de D. Expedito: "Instaurare omnia in Christo" (Ef. 1,10). Fala do problema da ignorância religiosa, propondo remédios para saná-lo: Instrução religiosa, catecismo na família, catecismo na escola, catecismo na igreja, catecismo para adultos, catecismo nas capelas e sítios do interior das paróquias, formação de catequistas, promoção das vocações sacerdotais. E, mesmo com a "Mediator Dei" publicada já havia 1 ano, não se toca no assunto Liturgia e formação litúrgica dos fiéis.

151. Sobre sua vida e trabalho, cf. MELO, H., "Dom Pedro Bandeira", *Diário de Pernambuco* 15-9-1972, primeiro caderno, 3. Neste artigo, entre outras coisas escreve Dom Hildebrando: (Dom Pedro Bandeira) "escrevia artigos sobre temas teológicos, litúrgicos, monásticos e históricos. Iniciou o Movimento Litúrgico no Nordeste, em 1948. Organizou e dirigiu dezenas de Semanas de Missa Nestas Semanas Litúrgicas, explicava os ritos sacros e a teologia sacramental. Usava cartazes e projetava 'slides' para vizualizar os seus ensinamentos litúrgicos. Usava ainda a dramatização através de paraliturgias e autos sacros. Dom Pedro tornava-se um mestre autêntico de Liturgia através de uma catequese litúrgica dinâmica e atualizada... Colaborou com artigos sobre Liturgia no jornal 'A Tribuna'. Era membro da Academia Olindense de Letras". Quanto ao Movimetno Litúrgico, sabemos que já havia sido iniciado bem antes de 1948 no Nordeste, com o Bispo D. Vilas-Bôas, e outros. Contudo, como veremos, é inegável o pioneirismo de Dom Bandeira de Mello no campo da difusão da Liturgia no Nordeste, a partir de 1948.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Um dos temas bastante acentuados e repetidos pelo nosso autor é o da importância central da Liturgia na vida da Igreja, sendo o Sacrifício da Missa o ato central da Liturgia, o ato central da piedade da Igreja, o ato central da vida de oração da Igreja — Corpo Místico, o ato central da vida católica.[152] Diz Dom Bandeira de Mello:

> "Na parte final da "Mediator Dei"..., o Santo Padre frisa ser a Liturgia fonte e centro da piedade cristã. Essa tese atinge o pensamento dominante da Encíclica que, na verdade, gira em torno da autêntica piedade católica".[153]

Em outras palavras, a Encíclica veio afirmar e orientar o movimento de restauração litúrgica, que é de levar os fiéis a viverem de preferência o que "ocupa o primado de honra", isto é, a Liturgia, o que também não significa exclusivismo. Não se pode excluir a piedade individual. Ambas, piedade litúrgica e piedade individual, completam-se. E a piedade individual até pode contribuir grandemente para a piedade central, que é a piedade litúrgica.[154] Mas acentua:

> "Uma conclusão impõe-se: Os fiéis devem disciplinar suas devoções, concedendo à Santa Missa primazia sobre os demais atos do culto e da piedade individual".[155]

A partir da importância central da Missa na vida litúrgica da Igreja, Dom Bandeira de Mello, inspirando-se na "Mediator Dei", insiste sobre outros temas importantes.

Um dos temas que o nosso autor faz sobressair muito, é o tema da formação litúrgica dos fiéis. Realmente, insiste na urgência da educação litúrgica dos fiéis instada pela Encíclica, principalmente através de cursos intensivos, Semanas da Missa, etc.[156]

Assim se expressa Dom Bandeira de Mello a respeito:

> "A Encíclica 'Mediator Dei' insiste e grifa o tema: Urge aprender para haurir o que a Liturgia tem de vivificante".[157]

152. *A Tribuna* 10-4-1948, 3; *id.* 17-4-1948, 3; *id.* 8-5-1948, 3; *id.* 12-6-1948, 3; *id.* 17-7-1948, 3; *id.* 31-7-1948, 3; *id.* 7-8-1948, 3.

153. *A Tribuna* 16-10-1948, 3; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 592: "Augustum altaris Sacrificium divini cultus praecipua actio est; oportet igitur christianae etiam pietatis sit fons ac veluti centrum".

154. Cf. *A Tribuna* 12-6-1948, 3, citando, em tradução portuguesa, um texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 537: "Procul dubio liturgica precatio [...] inter se discrepare vel repugnare"). *Nota: Os textos da Encíclica citados por Dom Bandeira de Mello são todos em tradução portuguesa.*

Cf. ainda *A Tribuna* 31-7-1948, 3, citando outro texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 569-570: "Eiusmodi autem cultus varias... formas [...] ad liturgicam vivendam vitam procul dubio summopere conferunt"; e também *ibid.*, 571: "Summa igitur, qua soletis, diligentia contendite, Venerabiles Fratres, ut templa... christifidelibus frequentioribus usque pateant").

Cf. ainda *A Tribuna* 3-12-1949, 3, citando outro texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 584: "Ac praeterea, cum impensis [...] quominus liturgicae preces in inanes ritus dilabantur).

Cf. também *A Tribuna* 17-12-1949, 3.

155. *A Tribuna* 31-7-1948, 3; cf. id. 7-8-1948, 3.

156. Cf. *A Tribuna* 10-4-1948, 3; *id.* 8-5-1948, 3; e *id.* 19-6-1948, 3, citando um texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 593: "Ut vero supernis hisce muneribus [...] praestare operam ad Iesu Christi Regnum provehendum"; o mesmo texto, parcial ou integralmente, é citado por Dom Bandeira de Mello ainda em *A Tribuna* 24-7-1948, 3, e *id.* 18-12-1948, 3; encontramos também referência ao conteúdo do texto em *A Tribuna* 10-4-1948, 3; *id.* 8-5-1948, 3; *id.* 23-10-1948, 3).

Cf. ainda *A Tribuna* 17-7-1948, 3, citando outro texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 587: "ea incepta provehatis, quae altiorem populo impertiant sacrae Liturgiae cognitionem; ita quidem ut ipse aptius queat atque facilius divinos ritus eo animo participare, quo christianos addeceat"; citado também em *A Tribuna* 7-8-1948, 3; *id.* 23-10-1948, 3). Como se vê, estes dois textos da Encíclica foram bastante explorados por Dom Bandeira de Mello.

Em *A Tribuna* 19-6-1948, 3, cita e comenta ainda o apelo da Encíclica quanto à formação dos seminaristas e do clero jovem (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 591-592: "Alacriter igitur consulite [...] ac sanctus fiat sanctitatis administer").

Cf. ainda *A Tribuna* 31-7-1948, 3; *id.* 28-8-1948, 3; *id.* 4-9-1948, 3; *id.* 2-10-1948, 3.

157. *A Tribuna* 10-4-1948, 3.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

> "Existe... a necessidade premente de formar os fiéis. Neste particular, muito resta a fazer. A incompreensão de alguns, a estreiteza de outros, a ausência por vezes do autêntico senso católico, concorreram para formar verdadeira 'muralha chinesa' de modo a não permitir aos fiéis a visão grandiosa da vida de oração da Igreja. A *'Mediator Dei'* desfaz a muralha intransponível e abre a estrada do Movimento Litúrgico agora expurgado de falhas e lacunas, porisso em condições de informar a piedade católica".[158]

Outro tema bastante acentuado nos artigos de Dom Bandeira de Mello, comentando a "Mediator Dei", é o tema da participação ativa dos fiéis na Liturgia,[159] fundamentando-se no princípio de que a Missa "é o ato central da vida católica..., Sacrifício da Igreja..., nosso Sacrifício".[160]

Fala da participação ativa através do Missal,[161] da participação ativa através da Missa dialogada,[162] da participação ativa através do canto, principalmente do canto gregoriano,[163] da participação ativa comungando freqüentemente, de preferência dentro da Missa e com hóstias *consagradas na mesma Missa*,[164] da participação ativa dos fiéis no Ofício de Vésperas nas paróquias.[165]

Além disso, em vista da importância central da Santa Missa, e para favorecer a melhor participação dos fiéis, Dom Bandeira de Mello não deixa de chamar a atenção ao apelo que a Encíclica faz no sentido de apresentar um ambiente cultual digno, favorecendo o decoro e a dignidade dos tempos.[166]

No entanto, só o aspecto externo da participação ativa nos Sagrados Mistérios ainda não é tudo. É preciso sobretudo *viver a Liturgia*.[167]

158. *A Tribuna* 28-8-1948, 3.

159. Cf. *A Tribuna* 10-4-1948, 3; *id.* 8-5-1948, 3; *id.* 17-7-1948, 3, citando um texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 592: "Studiosissima navitate vestra [...] christianae etiam pietatis sit fons ac veluti centrum").

Cf. *A Tribuna* 23-10-1948, 3, citando outro texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 552: "Expedit igitur [...] ut cum Summo Sacerdote arctissime coniungentur").

Cf. também *A Tribuna* 27-11-1948, 3 citando dois textos da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560: "Laudibus igitur ii digni sunt [...] animus noster Summo Sacerdoti Novi Testamenti assimuletur oportet", e *ibid.*, 561: "Quamobrem vos adhortamur [...] et Codex Iuris Canonici edidere").

Como se vê, vários textos da Encíclica foram aproveitados por Dom Bandeira de Mello no sentido de acentuar a importância e o valor da participação ativa.

160. *A Tribuna* 8-5-1948, 3.

161. Cf. *loc. cit.*; *id.* 19-6-1948, 3; e *id.* 24-7-1948, 3, citando um texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560:" Laudibus igitur ii digni sunt [...] iisdemque Ecclesiae sensibus comprecentur"), cf. ainda *A Tribuna* 27-11-1948, 3.

162. *A Tribuna* 27-11-1948, 3, citando um longo texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 561 — texto citado supra, nota 159), acentuando ao mesmo tempo que não se proíbe a Missa dialogada. Pelo contrário!...

163. Cf. *A Tribuna* 19-6-1948, 3; *id.* 24-7-1948, 3, citando um texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 589: "Praeterea 'quo actuosius fideles [...] liturgica vulgarive lingua propositis, vix respondeat'"), parcialmente citado também em *A Tribuna* 12-3-1949, 3, que também cita um outro texto (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 589: "Gregoriani concentus [...] ad adstantium fidem pietatemque adaugendam").

164. Cf. *A Tribuna* 17-7-1948, 3, citando um texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 564: "Quam ad rem Tridentina Synodus [...] cuius consecratio iam antea rite peracta fuerit").

Cf. ainda *A Tribuna* 31-7-1948, 3, citando outro texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 565: "Valde autem opportunum est [...] omni benedictione caelesti et gratia repleamur'").

165. Cf. *A Tribuna* 19-6-1948, 3; *id.* 24-7-1948, 3, citando um texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 575: "verumtamen summopere optandum est [...] ut variis modis christifidelium pietatem suaviter alliciant"); cf. *A Tribuna* 19-3-1949, 3, citando o mesmo texto, mas com o acréscimo de uma frase a mais (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 576: "Perdiscant pro viribus omnes eas formulas retinere, quae in precibus ad vesperam habitis concinuntur, earumque significatione suos imbuant animos").

166. Cf. *A Tribuna* 24-7-1948, 3, citando um texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 588: "In omnibus Liturgiae rebus [...] catholicam Ecclesiae unitatem patefaciat").

Cf. *A Tribuna* 7-8-1948, 3, citando outro texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 588: "Cupimus autem etiam [...] cum omnia sint Divinae Maiestati dicata").

167. Cf. *A Tribuna* 28-8-1948, 3; *id.* 18-12-1948, 3, citando um texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 591: "Quidquid ad externum religionis cultum [...] eiusque supernum alere ac refovere afflatum").

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Continuando, outro tema da "Mediator Dei", dando um sentido mais profundo à participação dos fiéis na Liturgia, e que Dom Bandeira de Mello acentua bastante, é este: em vista da enorme dignidade recebida no Batismo, os cristãos participam a seu modo do Sacerdócio de Cristo, oferecem o Sacrifício *pelas mãos* do sacerdote, oferecem o Sacrifício *juntamente* com o sacerdote, e oferecem *a si mesmos* como vítimas.[168] Assim deve ser, o que não significa que os fiéis tenham o poder sacerdotal.[169]

Eis pois como a "Mediator Dei" veio dar uma orientação segura ao Movimento Litúrgico, veio mostrar-lhe o caminho certo, veio traçar os justos limites do movimento de restauração litúrgica, indicando a verdade e corrigindo os abusos.[170] E conclama Dom Bandeira de Mello:

> "O Vigário de Cristo proferiu a palavra de ordem. Sigamo-la. Pelos chamados "abusos litúrgicos' ficam responsabilizados os homens que se colocaram à frente do Movimento e não a idéia porque, afinal de contas, a Liturgia é a Igreja em oração...".[171]

Como se vê, Dom Pedro Bandeira de Mello apresenta uma boa visão geral das orientações doutrinárias e práticas da Encíclica "Mediator Dei". Sem transcurar o aspecto doutrinal, acentua sobremaneira o aspecto pastoral da Encíclica. Enfim, assim é vista a Encíclica por Dom Pedro Bandeira:

> "A 'Mediator Dei' é um monumento, um baluarte de verdadeira e genuína piedade da Igreja..., uma regra preciosa que encerra os princípios que devem presidir a formação espiritual dos católicos, a carta magna da espiritualidade em nossos dias e guia da alma no trabalho de santificação..., é o *criterium* que deve ser aplicado na formação espiritual do católico".[172]

VIII. A Encíclica "Mediator Dei", tema de estudo do II Congresso Brasileiro de Teologia (28-12-1950 — 6-1-1951)

Consideração muito especial merece, enfim, o II Congresso Brasileiro de Teologia, reunido na Abadia de São Bento, em São Paulo, de 28 de dezembro de 1950 a 6 de janeiro de 1951.[173]

168. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 552-560.

169. Cf. *A Tribuna* 14-8-1948, 3, citando textos da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 554: "Quae quidem fidei certitudine constant; at praeterea christifideles etiam divinam offerre hostiam, diversa tamen ratione dicendi sunt"; e *ibid.*, 555: "Baptismatis enim lavacro [...] atque adeo ipsius Christi sacerdotium pro sua condicione participant").

Cf. *A Tribuna* 4-9-1948, 3, citando outro texto da Enciclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 555-556: "Hanc autem restricti nominis [...] ad ipsum liturgicum refertur cultum"; parcialmente citado também em *A Tribuna* 11-9-1948, 3, que indica também alguns erros indigitados por Pio XII — cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 556-557).

Cf. *A Tribuna* 18-9-1948, 3, citando outro texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 552: "Expedit igitur [...] unaque cum eo se devoveant").

Cf. *A Tribuna* 25-9-1948, 3, citando textos da Enciclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 559-560: "Animadvertant igitur christifideles [...] cum divino Capite Cruci suffixo offerre"; e *ibid.*, 557: "Ut autem oblatio illa [...] semet ipsos nempe quasi hostiam immolent necesse est").

170. Cf. *A Tribuna* 12-6-1948, 3; *id.* 19-6-1948, 3; *id.* 14-8-1948, 3, citando um texto da parte introdutória da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 523-524: "Vobis procul dubio perspectum est Apostolicam hanc Sedem [...] neve vitiosa omnino evandant").

171. *A Tribuna* 23-10-1948, 3; cf. também *id.* 12-6-1948, 3, onde fala que o Papa refuta erros exclusivistas de alguns propagadores do Movimento Litúrgico.

A Tribuna 14-8-1948, 3: "A Encíclica, desde a introdução, traça os justos limites do Movimento Litúrgico, e chama a atenção dos Bispos sobre os perigos que o Movimento, mal conduzido, pode suscitar".

172. *A Tribuna* 16-10-1948, 3; *id.* 21-8-1948, 3.

173. Cf. supra, p. 213-214, onde já aludimos a este Congresso, organizado por Frei Constantino Koser O.F.M., Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M. e Pe. José Fernandes Veloso, e patrocinado pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, e pelo Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Como já sabemos, o tema deste Congresso foi justamente a Encíclica "Mediator Dei". A escolha deste tema[174] mostra, sem dúvida, antes de tudo a disposição dos teólogos brasileiros em afirmar sua sintonia com o pensamento da Igreja em matéria de Liturgia. Neste sentido, assim mesmo se expressou o Mons. Vicente Marchetti Zioni, no discurso de saudação e boas-vindas aos Congressistas:

> "Aqui reunidos, iremos interpretar, luz dos ensinamentos pontifícios e decisões da Santa Sé, a monumental Encíclica *Mediator Dei*, fonte cristalina de vida sobrenatural e de eficientíssimo apostolado. Aqui reunidos, procuremos, como filhos dedicados de uma bendita Mãe Comum, a Santa Igreja, penetrar-lhe os pensamentos, auscultar-lhe os desejos, a fim de querer e pensar em matéria de Liturgia e Apostolado litúrgico, em matéria de culto externo e de Teologia litúrgica, de pleno acordo com o Querer e iluminado Pensamento desta mesma Igreja".[175]

E o Mons. João Batista da Mota e Albuquerque arremata:

> "Foi o zelo pela verdade, o respeito pelas coisas da fé, que nos reuniu para estudar a *Mediator Dei*, com que não só estabeleceu Pio XII a paz e a união ao redor do Altar de Deus, mas se colocou na vanguarda do autêntico movimento litúrgico".[176]

Vejamos imediatamente os temas tratados neste Congresso em torno da famosa Encíclica de Pio XII.

O primeiro tema tratado foi a questão do "Conceito de Liturgia na 'Mediator Dei'", num estudo apresentado pelo Mons. João Batista da Mota e Albuquerque[177] que, após incitar a todos para o estudo objetivo como amor à verdade, isto é, buscando realmente "sentire cum Ecclesia" ao estudar a "Mediator Dei", sem apegos a opiniões pessoais,[178] tece considerações sobre a Liturgia como culto público de todo o Corpo Místico onde Cristo exerce o seu glorioso Sacerdócio.[179] E termina protestando contra o erro de se querer muitas vezes ver a Liturgia como um amontoado de ações e aparatos externos apenas:

> "Lamentável confusão do que seja liturgia e direito litúrgico! Conseqüência ainda mais lamentável cria na mente dos alunos dos nossos seminários para os quais a liturgia não passa de um acervo de rúbricas para decorar. Quantos sacerdotes devem o seu desinteresse e desmazelo nas funções sagradas ao enfado das aulas de liturgia".[180]

Um segundo tema, apresentado pelo Pe. João de Castro Engler, C.M.F., faz longas considerações sobre as relações existentes entre a fé e a Liturgia: "Lex Orandi, Lex Credendi". Eis como esquematizou o trabalho: *Princípios doutrinais da "Mediator Dei"; Exposição da doutrina.* I. *A Liturgia vai haurir suas expressões e ritos nas fontes da revelação e por isso é lugar teológico*

174. O tema fora "escolhido e votado por maioria de votos" no I Congresso Brasileiro de Teologia, em janeiro de 1950 (cf. KOSER, C., O.F.M., "Atas do I Congresso Brasileiro de Teologia", *REB* 10 (1950), 2).

175. Cit. em THIESEN, U., S.J., "Crônica do Segundo Congresso Brasileiro de Teologia", *REB* 11 (1951), 5. O citado orador (Mons. Marchetti Zioni) é atualmente Arcebispo de Botucatu, Estado de São Paulo.

176. ALBUQUERQUE, J. B. da M. e, "Conceito de Liturgia na 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 13.

177. *Ibid.*, 12-22.

178. *Ibid.*, 14. Textualmente: "Há... um perigo a prevenir. O estudo é amor da verdade. Deve ser sincero, leal. Nos anos que precederam houve sobre liturgia lutas mais ou menos ardentes; houve amor próprio ferido. Ao ouvirmos as palavras do Pai comum, procuremos ouvi-las como ele as pronunciou".

179. *Ibid.*, 15ss.; cf. Também "Mediator Dei", *op. cit.*, 525-530.

180. ALBUQUERQUE, J. B. da M. e, *art. cit.*, 22. O autor era Reitor do Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro, e atualmente é Arcebispo de Vitória, Espírito Santo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

de primeira ordem para provar uma doutrina revelada: 1) A Liturgia vai haurir suas expressões e ritos nas fontes da revelação; 2) A Liturgia é um lugar teológico de primeira ordem para provar uma doutrina revelada. II. *A Liturgia não é critério experimental discriminatório de proposições doutrinárias*: 1) Sentido básico desta afirmação; 2) Influência dos efeitos litúrgicos na existência e no desenvolvimento dos dogmas.[181]

Um terceiro tema foi apresentado pelo Pe. José Sebastião Saba, intitulado: "A Liturgia e a Hierarquia, a Comissão Litúrgica Diocesana".[182]

Um quarto tema, apresentado pelo beneditino Dom Cândido Padim, intitula-se "As Criticas ao 'Movimento Litúrgico' na 'Mediator Dei'".[183] Neste estudo, antes de tudo Dom Padim fala de sua pessoal antipatia pela denominação "*Movimento Litúrgico*", pelo fato de o termo "movimento" se prestar a muita ambigüidade. A denominação "movimento" não é conveniente, segundo ele, para ser aplicada ao renascimento do espírito litúrgico em processo na Igreja.[184] Prefere antes contemplar uma Vida que passa no Tempo, vivificadora da Igreja que se renova caminhante na História.[185] Prefere falar antes em a própria Igreja que se volta para o seu verdadeiro espírito. Prefere ver a Igreja como Mestra que orienta sabiamente, no auge da operosidade *humana* sempre sujeita a percalços, na busca da renovação litúrgica. Diz:

> "É justamente nessas ocasiões que se faz necessária a intervenção da autoridade a fim de incentivar e ao mesmo tempo orientar tão louvável operosidade. Essa a missão que Pio XII cumpriu com a publicação da Encíclica '*Mediator Dei*', a qual marca, a nosso ver, a última etapa na restauração da autêntica piedade cristã".[186]

> "Falando como Mestre da Igreja universal..., Pio XII paira acima de qualquer unilateralismo. Assim, reprova tanto as posições que pecam por excesso como as que pecam por deficiência, repreendendo tanto os *audazes* e *imprudentes* como os *inertes* e *desleixados*".[187]

Mas adverte Dom Padim: Os propósitos mais profundos da Encíclica não estão, no entanto, na mera repressão dos erros e abusos, como se quis entender.[188] Foi no intuito de *orientar* o justo caminho do trabalho de re-

181. Cf. ENGLER, J. de C., C.M.F., "Lex Orandi, Lex Credendi", *REB* 11 (1951), 23-43. O autor era professor de dogma no Teologado dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, em Curitiba. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 540-541.

182. A *REB* não o publicou. O conferencista era professor da Faculdade Teológica do Seminário de São Paulo. Cf. também "Mediator Dei", *op. cit.*, 538-541 e 562.

183. Cf. PADIM, C., O.S.B., "As Críticas ao 'Movimento Litúrgico' na 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 43-53. O autor era professor da Faculdade de Filosofia de São Paulo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e atualmente é Bispo de Bauru, Estado de São Paulo.

184. *Ibid.*, 43-46. Diz: "Não negamos a possibilidade da existência de 'movimentos' dentro da Igreja, mas negamos a conveniência da denominação de 'movimento' ao renascimento do espírito litúrgico que se vem operando desde o século passado" (*ibid.*, 46. Mesmo parecer já havia manifestado o Pe. Francisco Lage Pessoa em outra ocasião — cf. "Piedade da Igreja" *O Legionário* 2-7-1950, 6; cf. supra, p. 210, nota 18). E explica: "Na ausência de normas pontifícias claras e precisas incrementou-se demasiadamente a iniciativa privada. Coisas louváveis foram feitas, mas desacertos foram também praticados. É nessa fase que podemos reconhecer a existência de 'movimentos' em torno das questões litúrgicas, isto é, iniciativas fora das normas da hierarquia eclesiástica" (PADIM, C., O.S.B., *art. cit.*, 47).

185. Cf. *ibid.*, 44-45.

186. *Ibid.*, 47. É de notar que para o nosso autor a "Mediator Dei" marcava a "última etapa na restauração da autêntica piedade cristã". Não se sonhava ainda com o Vaticano II!

187. *Ibid.*, 48-49; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 524.

188. PADIM, C., O.S.B., *art. cit.*, 47: "É certo que alguns quiseram ver como principal razão e finalidade da Encíclica a repressão aos erros e abusos. Tal opinião, contudo, resulta de uma consideração assaz superficial do documento, pois a simples visão de conjunto do esquema da encíclica bastaria para nos capacitar dos propósitos bem mais profundos do Santo Padre".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

novação litúrgica[189] que Pio XII se sentiu no dever de também censurar os erros e abusos relativos ao conceito de Liturgia, à questão da piedade objetiva e subjetiva, à questão do "abuso de autoridade" na introdução de inovações litúrgicas, à questão do "arqueologismo" em matéria de Liturgia.[190] Por trás das chamadas "censuras" da Encíclica se coloca antes de tudo a vontade de orientar e incentivar o próprio apostolado litúrgico:

> "Temos inegàvelmente, com a *'Mediator Dei'*, o início de uma nova fase do Apostolado Litúrgico. Já agora, os próprios Bispos são encarregados pelo Sumo Pontífice de promover a restauração da ativa participação dos fiéis na Sagrada Liturgia. Recomenda até a instituição de um órgão diocesano dedicado especialmente a essa tarefa".[191]

Enfim, como conclusão prática, Dom Padim chama a atenção para o fato de não se circunscrever o Apostolado Litúrgico, o trabalho de renovação litúrgica, apenas a grupos privilegiados, mas estendê-lo a todo povo, como é desejo da Encíclica.[192] Além disso, há dois perigos a se evitarem no Apostolado Litúrgico: o artificialismo e o superficialismo.[193] E para sanar estes perigos, sugere-se a "realização periódica, preferivelmente anual, de Semanas Litúrgicas Paroquiais.[194]

Como se vê, Dom Padim não se fixa apenas nas chamadas "críticas da 'Mediator Dei' ao 'Movimento Litúrgico'", mas prefere indicar antes as razões mais profundas destas "criticas": a própria Igreja que procura orientar e promover o apostolado litúrgico, que procura renovar e *se* renovar na *Vida* que lhe é mais própria.

Bastante diferente do estilo de Dom Padim é o estudo seguinte apresentado pelo Pe. José Fernandes Veloso sobre a questão da piedade objetiva e piedade subjetiva na "Mediator Dei".[195] Neste estudo, o autor se fixa, se preocupa sobremaneira em destacar os principais exageros do Movimento Litúrgico (exclusivismo, arqueologismo, superexaltação da chamada "piedade objetiva" com conseqüente destruição ou diminuição da chamada "piedade subjetiva", supervalorização da chamada "piedade litúrgica" com conseqüente empobrecimento da chamada "piedade não-litúrgica"), historiando-os com bastante detalhes, para mostrar que a Encíclica tinha razão em intervir contra tais erros.[196]

189. *Ibid.*, 48: "O que o Santo Padre pretende é, antes de tudo, deixar bem claro e preciso o anunciado dos princípios e, por esse meio, como por uma luz fortíssima, afastar inteiramente da Igreja os erros e desvios que comprometem esses princípios sagrados".

190. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 532-533, 544, 593. Para quem interessar, existe um "Sílabo de Erros Condenados pela Encíclica", organizado por KOSER, C., O.F.M., "A Encíclica 'Mediator Dei'", *art. cit.*, 572-576.

191. PADIM, C., O.S.B., *art. cit.*, 51.

192. *Ibid.*, 52: "É de se esperar, portanto, que essa restauração da sadia piedade cristã não se circunscreva mais a certas 'Élites' privilegiadas, mas se estenda a todas as regiões e ambientes, adaptando-se convenientemente às respectivas necessidades. Entraremos, assim, na fase popular do Apostolado Litúrgico, ardentemente desejada pela 'Mediator Dei'".

193. *Loc. cit.*: "Parece-nos, contudo, de suma conveniência assinalar dois perigos, que poderão advir nessa fase de vulgarização da restauração litúrgica: o *artificialismo* e o *superficialismo*".

194. *Ibid.*, 53.

195. Cf. VELOSO, J. F., "Piedade Objetiva e Subjetiva segundo a 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 53-70. O autor era professor de dogma no Seminário Central da Imaculada Conceição, no Ipiranga, São Paulo. Atualmente, é Bispo coadjutor de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, e Reitor da Universidade Católica daquela mesma cidade. Cf. também "Mediator Dei", *op. cit.*, 532-537.

196. Explora bastante PENIDO, M.T.L., *O Corpo Místico*, Petrópolis 1944, 311ss. (= "Corpo Místico, 'Liturgicismo' e Piedade Litúrgica", *art. cit.*) e ZELLER, L., O.S.B., "O Movimento Litúrgico", *art. cit.* O famoso *Monitum* do Bispo de Linz (Áustria) (cf. *Periodica* 27 (1938), 163-167) é também com muito prazer considerado. E outros... E como exemplo de tais erros correntes entre nós no Brasil, manda olhar as páginas da revista *A Ordem* (cf. VELOSO, J. F., "Piedade Objetiva e Subjetiva.. ", *art. cit.*, 56, 58 nota 19, em que afirma: "Inúmeros exemplos poderá encontrar quem se der ao trabalho de folhear coleções antigas dessa revista, sobretudo dos anos 1942 e 1943", e 59 nota 20. Para entender a linha do autor, lembramos também um seu artigo quando saiu a "Mystici Corporis Christi", intitulado "O 'Liturgicismo' condenado pelo Santo Padre Pio XII", *O Legionário* 612, 30-4-1944, 3.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O carmelita Frei Angelino Wissink apresentou um estudo sobre o culto dos Santos na "Mediator Dei", falando do culto dos Santos em geral, do culto dos Santos na Escritura, do fundamento teológico do culto dos Santos, do culto de Nossa Senhora, e, enfim, de algumas dificuldades em torno do culto dos Santos (dificuldades com os protestantes, o problema da superstição, e "dificuldades especificamente liturgicistas" — o culto dos Santos favorece o subjetivismo).[197]

Dom Clemente Isnard O.S.B., apresentou o tema "Liturgia e Monaquismo", dando um panorama geral da ação do monaquismo na promoção da vida litúrgica da Igreja (o Ofício Divino, a Disciplina do Sacramento da Penitência, o Movimento Litúrgico.[198]

O salesiano Pe. Antônio Charbel apresentou o tema "A Liturgia e a Comunhão na Encíclica 'Mediator Dei'", dividindo o trabalho em duas partes: I. *Fundamentos Teológicos*: 1) A Comunhão, Culto Litúrgico; 2) Relações entre a Comunhão e o Sacrifício da Missa; 3) Efeitos da Comunhão Eucarística. II. *Ensinamentos da "Mediator Dei" sobre a Comunhão.*[199]

O verbita Pe. Heriberto Bulkowski apresentou o tema "O Ofício Divino Segundo a Encíclica 'Mediator Dei'", seguindo este esquema: I. *O Ofício Divino é Oração.* II. *O Ofício Divino é Oração Cristã* (Per Christum, No Espírito Santo, Ad Patrem). III. *O Ofício Divino é Oração Litúrgica* (Oração do Corpo Místico, Oração do Cristo total): 1) Per Dominum Nostrum Iesum Christum; b) In Unitate Spiritus Sancti; c) Ad Patrem.[200]

O jesuíta Pe. Urbano Thiesen apresentou o tema intitulado "Conceito de Sacrifício segundo a 'Mediator Dei'", dividindo o trabalho em três partes: I. *O sacrifício segundo os teólogos do Concilio de Trento*: 1) A existência do sacrifício; 2) a essência do sacrifício. II. *O Sacrifício segundo o Aquinate*: 1) A existência do sacrifício; 2) a essência do sacrifício. III. *O sacrifício segundo a "Mediator Dei"*: 1) A existência do sacrifício; 2) A essência do sacrifício; 3) Propriedades do sacrifício eucarístico; 4) Teorias sobre o sacrifício da Missa.[201]

O franciscano Frei Mateus Hoepers apresentou o tema "A Missa e a Epístola aos Hebreus", tema este que segue duas grandes divisões: I. Síntese da estrutura dialética da Epístola aos Hebreus. II. Conclusões teológicas em relação ao Sacrifício da Missa.[202]

197. Cf. WISSINK, A., O. Carm., "O Culto dos Santos segundo a "Mediator Dei"", *REB* 11 (1951), 71-84. O autor era Prior e professor de S. Escritura no Estudo Teológico dos Padres Carmelitas da Provincia Fluminense. Cf. também "Mediator Dei", *op. cit.*, 581-583.

198. Cf. ISNARD, C., O.S.B., "Liturgia e Monaquismo", *art. cit.* Como já vimos em capítulos anteriores, este artigo nos ofereceu ótimas informações sobre o Movimento Litúrgico no Brasil. O autor já nos é conhecido.

199. Cf. CHARBEL, A., S.D.B., "A Liturgia e a Comunhão na Encíclica 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 99-111. O autor era professor de S. Escritura no Instituto Pio XI em São Paulo. Como ensinamentos da Encíclica sobre o assunto, aponta estes: "1) A Comunhão dos fiéis não pertence à integridade do Sacrifício da Missa; 2) Recomenda-se vivamente a comunhão espiritual, e mais ainda a frequente comunhão sacramental; 3) Louva-se a comunhão de hóstias consagradas na própria Missa, o que, porém não é exigido; 4) Os fiéis comunguem logo depois da comunhão do Sacerdote, mas pode haver razões que justifiquem comungar antes ou depois da Missa; 5) Recomendação insistente da ação de graças depois da comunhão, prolongada para além da Missa" (*ibid.*, 106; mais especificamente, *ibid.*, 105-109). Cf. também "Mediator Dei", *op. cit.*, 562-568.

200. Cf. BULKOWSKI, H., S.V.D., "O Ofício Divino Segundo a Encíclica 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 111-124. O autor era professor de Apologética e Liturgia no Seminário do Espírito Santo em São Paulo. Cf. também, "Mediator Dei", *op. cit.*, 576.

201. Cf. THIESEN, U., S.J., "O Conceito de Sacrifício Segundo a 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 125-134. O autor era professor de dogma no Seminário Central de São Leopoldo e no Colégio Cristo Rei dos Jesuítas, no Rio Grande do Sul. Cf. também "Mediator Dei", *op. cit.*, 547-552.

202. Cf. HOEPERS, M., O.F.M., "A Missa e a Epístola aos Hebreus", *REB* 11 (1951), 135-156. O autor era professor de S. Escritura na Faculdade Teológica dos Franciscanos, em Petrópolis.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O redentorista Pe. Tiago Cloin apresentou o tema "A Relação entre o Sacrifício de Cristo na Missa e na Cruz segundo os princípios da 'Mediator Dei'", assim dividindo o trabalho: I. A doutrina comum à 'Mediator Dei' e ao Tridentino. II. A doutrina complementária da Encíclica "Mediator Dei". III. O princípio da explicação teológica da relação entre o Sacrifício de Cristo na Missa e na Cruz.[203] E conclui:

> "I. O sacrifício de Cristo na Missa e na cruz é diverso 'quoad solum modum' e é idêntico 'quoad totam substantiam'. II. A identidade da substância do sacrifício de Cristo na Missa e na cruz é uma identidade, não apenas específica, mas até numérica. III. A explicação desta relação pela concepção sacramental da Missa, enquanto baseada na separação sacramental real do corpo e sangue de Cristo, contradiz, formalmente, os princípios da Encíclica e é, portanto, insustentável".[204]

O dominicano Frei Romeu Dale apresentou o tema "Aspectos Dogmáticos da Participação dos Fiéis na Missa segundo a 'Mediator Dei'", onde principalmente recolhe os textos doutrinais da Encíclica sobre o assunto.[205]

O salvatoriano Pe. Mário Gurgel apresentou um "despretensioso" trabalho — como ele mesmo diz — sobre "Aspectos Pastorais da 'Mediator Dei' quanto à Participação dos fiéis na Missa". Obedece este esquema, tratando o tema sob dois aspectos: I. *Qual deve ser a participação dos fiéis na S. Missa*: 1) O S. Padre deseja que os fiéis participem ativamente na Missa: (a. Devem participar; b. Devem participar ativamente); 2) A participação ativa na Missa deverá ser principalmente interna (a. Em que consiste a participação interna no Sacrifício; b. A participação interna é a mais importante); 3) Deve-se procurar uma participação externa adequada (a. Deve-se procurar uma participação externa; b. Formas de participação externa; c. Qual a forma de participação externa preferível); 4) A Missa Dialogada (a. Até que ponto pode ser feita a dialogação; b. É viável a dialogação da Missa paroquial?). II. *O Pastor de almas e a participação dos fiéis na S. Missa*: 1) Vigilância pastoral (a. Ânsia de novidade; b. Coletivismo; c. Nivelamento entre clero e povo); 2) Apostolado litúrgico (a. Sua importância; b. Meios para exercê-lo: exemplo, para atrair; palavra, para ensinar; Ação, para uma participação exterior mais ativa.[206]

O lazarista Pe. Duarte Passos trouxe uma contribuição sobre "A Função Estética na Liturgia", abordando dentro do tema os seguintes itens: Arte Cristã, Arte Sacra, Formas Aceitas, Leis da Arte Sacra (As Prescrições Litúrgicas, Relações da Arte Sacra com o Culto), Progresso e Tradição, Nossa Atitude em Face da Arte Moderna (Perigos, Vantagens)[207] e, como conclusão, exigindo do artista moderno três cuidados, a saber:

203. Cf. CLOIN, T., C.SS.R., "A Relação entre o Sacrifício de Cristo na Missa e na Cruz segundo os Princípios da Encíclica 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 157-171. O autor era professor de dogma no Seminário Maior Redentorista de Floresta, Minas. Cf. também "Mediator Dei", *op. cit.*, 547-552.

204. CLOIN, T., C.SS.R., *art. cit.*, 171.

205. Cf. DALE, R., O.P., "Aspectos Dogmáticos da Participação dos Fiéis na Missa segundo a 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 172-179. O autor era Prior do Convento dos Dominicanos no Leme, Rio de Janeiro. Cf. também "Mediator Dei", *op. cit.*, 552-562.

206. Cf. GURGEL, M., S.D.S., "Aspectos Pastorais da 'Mediator Dei' quanto à participação dos Fiéis na Missa", *REB* 11 (1951), 180-200. O autor é atualmente Bispo de Itabira, Minas. Cf. também "Mediator Dei", *op. cit.*, 552-562.

207. Cf. PASSOS, D. D., C.M., "A Função da Estética na Liturgia", *REB* 11 (1951), 201-210. Antes, este autor já havia contribuído, na *REB*, com vários artigos sobre Arte Sacra: cf. "A Arte Moderna e a Igreja", *REB* 4 (1944), 861-865; "A Arquitetura Barroca no Brasil", *REB* 5 (1945), 328-352; "A Moderna Matriz de Monlevade", *REB* 5 (1945), 371-373; "A Linguagem dos Símbolos na Igreja Primitiva", *REB* 5 (1945), 782-787; "Arte Cristã e Arte Sacra", *REB* 6 (1946), 331-340; "Normas Gerais para a Construção de um Templo", *REB* 7 (1947), 94-106. Cf. também "Mediator Dei", *op. cit.*, 588, 590-591.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

> *"Elevando o sentimento religioso dos fiéis; adaptando sua obra ao espírito e às exigências da Liturgia; refletindo a beleza e sublimidade de Deus".* [208]

Enfim, o franciscano Frei Mansueto Kohnen apresentou o tema "A Hinódia Litúrgica", seguindo esta divisão: I. *Hinódia litúrgica e arte litúrgica.* II. *Situação do termo "hino".* III. *Síntese histórica*: 1) Os primeiros séculos do cristianismo; 2) A hinódia litúrgica oriental; 3) A hinódia ocidental. IV. *Caracterização espiritual da hinódia litúrgica* (predomínio do *nós* ante o *eu;* respeito ante o maior ser hierárquico; teocentrismo; *"espírito de reserva, de distância e de discrição", "espírito de continuidade orgânica"; "espírito clássico".* [209]

São estes os temas apresentados no II Congresso Brasileiro de Teologia, reunido para estudar a Encíclica "Mediator Dei". Não entramos em muitos detalhes de conteúdo da maioria dos temas apresentados. Apenas quisemos constatar e mostrar o fato: Teólogos do Brasil se reúnem, sentam-se juntos, para estudar o programa de reforma e vida litúrgica traçado por Pio XII neste grande documento, o que não deixa de se revestir de grande significação e importância. [210]

Quanto às Resoluções concretas tomadas pelo Congresso, [211] salientamos esta:

> "O II CBT (Congresso Brasileiro de Teologia) manifesta o desejo de que a *Mediator Dei* seja objeto de semanas ou círculos de estudos nos Seminários". [212]

As Conclusões do Congresso.

No que diz respeito a *Conclusões Teóricas*, não se formulou nenhuma síntese final. [213]

Como *Conclusões Práticas*, pode-se dizer que foram tiradas duas:

1ª — Mesmo sem submeter a votação, o Congresso admitiu tacitamente que os métodos apontados pela "Mediator Dei" para o apostolado litúrgico são adequados a todos. [214]

208. PASSOS, D.C., "A Função da Estética na Liturgia", *art. cit.*, 210.

209. Cf. KOHNEN, M., O.F.M., "A Hinódia Litúrgica", *REB* 11 (1951), 211-223. O autor era professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Estranhamente, o autor não faz nenhuma referência à Encíclica, no que se refere à música, muito menos ao Canto Gregoriano (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 588-590).

210. Na verdade, o Congresso até mereceu a seguinte mensagem em radiograma da parte da Santa Sé: *"Sua Santidade louva zelo Prelados e Professores de Teologia reunidos São Paulo estudo Enciclica Mediator Dei e invocando luzes divinas para que Congresso dê duradouros concretos resultados concede Vossa Eminência, Cardeal Câmara e cada um participantes implorada Bênção Apostólica. Montini substituto"* (citado em THIESEN, U., S.J., "Crônica do Segundo Congresso Brasileiro de Teologia", *art. cit.*, 8). Também o Bispo de Manaus, D. Alberto Gaudêncio Ramos, muito interessado na "Mediator Dei" (cf. supra, p. 227-229), se manifestou. Eis o telegrama que mandou ao Congresso: "Elevo preces Divino Mediador abençoe trabalhos congressistas estudo compreensão execussão preciosa enciclica. Alberto Ramos Bispo Manaus" (citado em THIESEN, U., S.J., *art. cit.*, 9).

211. *Ibid.*, 10-11. Somam ao todo 11 resoluções.

212. *Ibid.*, 10.

213. *Ibid.*, 11: "Como em geral, os relatores acentuassem que na *Mediator Dei* não se propunham novos ensinamentos teóricos nem se dirimiam sentenças discutidas em teologia, senão que se afiram por doutrinas universalmente admitidas, sobretudo expressas pelo Concílio de Trento e pelo Doutor Angélico, práticas do benemérito movimento litúrgico, a Comissão de conclusões não julgou oportuno redigir fórmulas que sintetizem o resultado das pesquisas feitas na Encíclica de Pio XII".

214. *Loc. cit.*: "Embora o Congresso não o tenha submetido a votação, admitiu, tàcitamente, o princípio de que, na prática, segundo a *Mediator Dei*, os métodos a serem empregados no apostolado hão de ser adequados tanto às pessoas a serem pastoreadas quanto aos apóstolos, sacerdotes ou leigos, que cooperem com o Mediador de Deus e dos homens na conquista e na santificação das almas resgatadas pelo Sacrifício da Cruz".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

2ª — O Congresso solicitou ao Cardeal Motta que apresentasse à Santa Sé, em nome do Episcopado nacional, "o pedido de empregar a língua vernácula na administração de alguns sacramentos".[215]

Algumas observações de nossa parte.

Notamos, de maneira geral, olhando no seu conjunto, que os temas tratados neste Congresso salientam-se por uma preocupação mais doutrinal que pastoral, às vezes com uma certa carga de estilo bem escolástico.[216]

Houve pequenas divergências no estilo de abordar a "Mediator Dei": uns carregam mais o aspecto *condenatório* da Encíclica, outros admiram-se da beleza de doutrina do documento, e outros enfim se entusiasmam com as diretivas de Pastoral Litúrgica aí oferecidas por Pio XII. Mas tudo contribuiu, sem dúvida, para o enriquecimento de todos.[217]

Enfim, mesmo que também não se tenham tirado grandes conclusões, uma coisa é certa: um grande número de teólogos brasileiros ficou conhecendo mais profundamente a "Mediator Dei". Não só os teólogos, mas também a maioria do clero ficou conhecendo melhor esta Encíclica através deste Congresso, pois os temas aí apresentados — com excessão de um — foram publicados pela *REB*.

Conclusão

Após termos visto as primeiras repercussões da Encíclica "Mediator Dei", nos primeiros três anos após sua publicação, no Brasil, concluindo, poderíamos dizer o seguinte: as primeiras reações diante deste documento pontifício manifestam-se de modos bem diversificados, segundo as diversas circunstâncias, correntes e maneira de pensar e encarar o Movimento Litúrgico neste país.

De um lado, principalmente da parte dos mais polêmicos em relação ao Movimento Litúrgico, a Encíclica é acolhida com imenso júbilo, não tanto por causa do conteúdo doutrinário e pastoral do documento, mas preferentemente por causa das "condenações" ao chamado "liturgicismo". Em outras palavras, segundo o grupo de *O Legionário*, a Encíclica vinha confirmar e dar razão às "polêmicas" anteriores deste grupo, vinha apoiar plenamente os nobres anseios dos "defensores" da verdadeira Liturgia,

215. *Loc. cit.* Eis o texto do pedido: "1. Considerando-se o que diz o Sumo Pontífice na 'Mediator Dei': 'Em muitos ritos o uso da língua vulgar pode ser assaz útil para o povo, mas sòmente a Sé Apostólica tem o poder de concedê-lo, e por isso...'; 2. Considerando-se que na administração de alguns sacramentos tal uso seria de grande utilidade; 3. Considerando-se que no Brasil já existe este uso para o matrimônio; 4. Considerando-se por último que semelhante concessão já foi feita a alguns países da Europa: *Os Congressistas pedem a S. Emcia. O Cardeal Motta se digne levar ao conhecimento do Episcopado Nacional a sugestão de pedido idêntico para o Brasil*" (cf. *ibid.*, 11-12). Na verdade, como veremos, em 1953 se iniciam os trabalhos de tradução do Ritual para os sacramentos (cf. abaixo).

216. Aliás, é de se notar ainda que dos 8 conferencistas com atividade magisterial explicitamente indicada (cf. KLOPPENBURG, B., O.F.M. (Pela Comissão Organizadora), "Atas do II Congresso Brasileiro de Teologia", *art. cit.*, 1-2), 4 são indicados como *professores de Dogma*, 3 são mencionados como *professôres de S. Escritura*, e *apenas 1* vem assinalado como *professor de Liturgia*.

217. THIESEN, U., S.J., "Crônica do Segundo Congresso Brasileiro de Teologia", *art. cit.*, 9-10: "Os debates, no entrechoque das divergências de escolas e de opiniões pessoais, trouxeram luzes, esclarecimentos e preciosas contribuições às inteligências abertas e acessíveis ao progresso do dogma. O superior espírito dos Congressistas soube descobrir os pontos de concordância existentes em todas as divergências dos teólogos católicos e acatar pontos de vista de escolas e pessoas, contanto que não destoassem do tradicional senso de piedade católica nem colidissem com os pronunciamentos do magistério autêntico".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

vinha enfim como um poderoso carro armado em apoio na batalha contra os "hereges", para dar o golpe final ao perigoso inimigo ameaçador das tradições católicas. O grupo se rejubila porque a "Mediator Dei" lhe parecia assegurar a vitória certa contra a "heresia do liturgicismo".

Trata-se, sem dúvida, de uma maneira parcial de ver a Encíclica, maneira esta que não deixou de ser prontamente advertida por alguns autores.[218]

De outra parte, de maneira geral, a Encíclica é vista como um precioso documento que não veio apenas para censurar os erros e abusos, mas que sobretudo veio apresentar uma diretiva doutrinal e pastoral segura para o Apostolado Litúrgico. Sente-se segurança. Sente-se gratidão e alegria. Não há mais dúvidas. Tudo estava resolvido. A Autoridade Suprema da Igreja traçou magistralmente as linhas e limites do movimento de restauração litúrgica. Só resta estudar e aplicar o que Pio XII deixou determinado de maneira excelente.

Isto explica a movimentação imediata na divulgação da Encíclica, seja publicando seu texto, seja publicando estudos sobre o documento, seja organizando Congressos e Semanas de Estudos sobre a Encíclica. Mesmo parecendo que pouca atenção tenha sido prestada inicialmente à "Mediator Dei",[219] contudo, algo se fez para divulgá-la.

Neste trabalho, o que aparece como típico é a diversidade — também aqui — na maneira de abordar o documento: uns acentuam o aspecto mais teológico-espiritual, outros o aspecto teológico-dogmático, outros o aspecto puramente pastoral e prático, outros encaram o documento numa ótica acentuadamente jurídica e rubricista, e outros enfim parecem mesmo ignorar a existência da "Mediator Dei".[220]

Por exemplo, quanto às Autoridades Eclesiásticas no Brasil, para alguns Bispos, a "Mediator Dei" não é tomada muito em consideração.[221] Já na Arquidiocese do Rio de Janeiro predominou o espírito rubricista na leitura e aplicação dos ensinamentos da Encíclica, influenciando inclusive fortemente sobre as próprias "Normas práticas decorrentes da *Mediator Dei*" da Comissão Episcopal para a Ação Católica. O Sínodo de Juiz de Fora cita pouco a Encíclica, numa aplicação mais rubrical de seus ensinamentos práticos, sem no entanto cair em tantas minúcias como o fez o Sínodo do Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, Dom Scherer manifesta "profunda gratidão" pelos "preciosos ensinamentos" da "Mediator Dei". Dom Amaral Mousinho, em Cajazeiras, dá "graças a Deus" pela profligação dos principais "deslizes" em matéria de Liturgia. Para o Amazonas, na voz de seu Bispo Dom Gaudêncio Ramos, a Encíclica vem como grande incentivo à formação litúrgica dos fiéis. Em Campina Grande, Dom Anselmo Pietrulla dá pre-

218. Cf. PADIM, C., O.S.B., *art. cit.*, 47; cf. supra, p. 236, nota 188; cf. também ARDUINI, J., "'Vamos à Liturgia'", *art. cit.*; cf. supra, p. 210, nota 16; cf. "Repercute na Arquidiocese de Diamantina o congresso de setembro próximo", *O Diário* 19-7-1950, 3; cf. KOSER, C., O.F.M., *art. cit.*, 553-554; cf. supra, p. 214, nota 43, item d.

219. Cf. KOSER, C., O.F.M., *art. cit.*, 553; cf. supra, p. 214, nota 43.

220. Haveria também um incógnito grupo, o grupo dos "desobedientes", isto é, daqueles que continuaram ainda nos "abusos" litúrgicos mesmo após a Encíclica (cf. *AAS* 17 1950), 636-644, *in specie* 639-640; *REB* 10 (1950), 471, *in specie* 474. Mas deste problema preferimos tratar ao abordarmos as controvérsias...

221. Cf. supra, p. 231.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ferência ao conteúdo teológico-espiritual da "Mediator Dei" como primeiro fundamento motivador da participação ativa dos fiéis na Liturgia.

São alguns exemplos de como algumas Autoridades Eclesiásticas no Brasil encararam a "Mediator Dei". É sempre de novo a diversidade que aparece na maneira de ler a Encíclica, segundo as necessidades locais ou também segundo a mentalidade de cada Autoridade local.

Dignos de nota, incluindo o trabalho do beneditino Dom Pedro Bandeira de Mello explicando a Encíclica para o Nordeste através das páginas de *A Tribuna* de uma maneira bastante completa, são os Congressos e Semanas de Estudo, especialmente o II Congresso Brasileiro de Teologia, indicando um real esforço de conhecer, fazer conhecer e aplicar a "Mediator Dei" mais ou menos no seu todo, e assim tentar superar também a parcialidade na abordagem deste grande documento de Pio XII.

Enfim, neste período de três anos após a publicação da Encíclica "Mediator Dei", constatam-se de maneira geral, no Brasil, duas tendências: a) de um lado a tendência a uma leitura parcial da Encíclica segundo interesses e mentalidades particulares e segundo situações concretas de lugares; b) de outro lado, a busca de uma visão da Encíclica em sua totalidade, principalmente através de publicações da Encíclica e sobre a Encíclica e através de Congressos e Semanas de Estudos, culminando com o II Congresso Brasileiro de Teologia.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Capítulo II

O Movimento Litúrgico em Desenvolvimento (1947-1959): obras, trabalhos, promoções

Tendo visto no capítulo anterior as primeiras repercussões da "Mediator Dei" no Brasil, passemos agora a considerar como prosseguiram os trabalhos de promoção da vida litúrgica neste país.

Como já vem indicado no título deste capítulo, trata-se de vermos alguns exemplares de obras, trabalhos e promoções realizadas no Brasil, em relação à Liturgia, neste período.[1]

Para tanto, dividimos o capítulo em três partes.

Na primeira parte buscamos fazer um levantamento de publicações litúrgicas. Na segunda parte consideramos a Liturgia sendo promovida através de Semanas Litúrgicas e Cursos de Liturgia. E na terceira parte trazemos algo também sobre a promoção da música sacra, especialmente do canto gregoriano.

I. Promoção do Movimento Litúrgico através de publicações

Um dado avaliativo importante do desenvolvimento do Movimento Litúrgico neste período pós "Mediator Dei" até 1959 são as publicações (livros, artigos, etc). Consciente de nossos limites,[2] trazemos aqui alguns exemplos dos mais importantes.

1) *O Legionário, em nova fase, promovendo a Liturgia*

Como já acenamos acima,[3] a partir de inícios de 1948, *O Legionário*, passando a órgão da Arquidiocese de São Paulo, mudou completamente de feição. Deixou de ser aquele jornal que investia violentamente contra o chamado "Liturgicismo", passando a publicar, na nova secção intitulada "Crônica de Liturgia", artigos litúrgicos em grande consonância com os ideais do próprio Movimento Litúrgico.

1. Fica excluído aqui o trabalho e a posição das Autoridades eclesiásticas em relação à Liturgia, pois será assunto do próximo capítulo.
2. Chamaríamos a atenção, por exemplo, para o grande trabalho de publicações feito pelo Bispo de Uberaba, D. Alexandre Gonçalves do Amaral, no jornal diário daquela cidade, chamado *Correio Católico* (Cf. Apêndice XIV) ao qual não pudemos até o momento ter acesso.
3. Cf. supra, p. 207, nota 3.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

É principalmente a partir de 1949 até 1952 que aparecem tais artigos litúrgicos, ou se quisermos, crônicas litúrgicas. Assim, temos um artigo intitulado "Liturgia", de autor anônimo, falando da Liturgia como "culto da Igreja" e incentivando a cultivar "o sadio espírito litúrgico: estudar, estimar, explicar, promover e defender a Liturgia."[4]

Num pequeno artigo de H. A. C. fala-se da necessidade urgente e necessária de fazer os homens participarem da Santa Missa, no que a Ação Católica pode exercer um grande papel.[5]

O autor M. B. (é assim que vem assinado) publica um artigo sobre "o verdadeiro espírito da quaresma" como um grande "retiro" da Igreja em preparação para a Páscoa,[6] e o P. Tomás Vaquero vem com um longo artigo sobre as relações entre a Liturgia e a Fé, segundo este esquema: 1) A Liturgia não é causa da Fé; 2) A Liturgia fundamenta-se no dogma; 3) Liturgia, fonte teológica; 4) Liturgia, expressão da Fé.[7]

O autor M. B. volta com outro artigo, "Vida cristã e Liturgia", no qual busca mostrar o íntimo entrelaçamento que existe entre a vida cristã e a Liturgia.[8]

Num artigo de P. Reuter fala-se de "Liturgia e as atividades humanas", mostrando que a Liturgia "se dirige exatamente ao homem completo, sem omitir nenhum dos aspectos de seu ser".[9]

"A Liturgia e o sentido do mistério" é outro artigo litúrgico publicado por *O Legionário*, desta vez de autoria do Bispo de Bayonne (França), L. A. Terrier.[10]

4. Cf. "Liturgia", *O Legionário* 16-1-1949, 6. Anteriormente já havia publicado também uma longa notícia do Congresso Litúrgico de Louvain, resumindo um artigo de A. Bugnini no *L'Osservatore Romano* (cf. "O Congresso Litúrgico de Louvain", *O Legionário* 7-8-1948, 2-3; cf. BUGNINI, A., "Lo studio della 'Mediator Dei' al Congresso Liturgico di Lovaino", *L'Osservatore Romano* 2-7-1948, 3).

5. H. A. C., "Os homens e a Santa Missa", *O Legionário* 13-2-1949, 6. Uma das causas da falta de participação é que os homens, em geral "não entendem o que se passa no altar. Aí está um belo apostolado para os homens da Ação Católica. Se houvesse padres, seria de grande proveito que ficasse um no pulpito durante a celebração, dando breves e oportunas explicações ao povo... Que revelação quando se chega a entender a união que existe, e deve haver, entre o Celebrante e os fiéis, não simples assistentes à Missa, mas participantes dela!... Os padres, porem, são poucos... Será a ocasião do membro da A.C., oferecer-se, não para a missa explicada, mas para a *missa recitada*" *(loc. cit.)*.

6. M. B., "O verdadeiro espirito da Quaresma", *O Legionário* 13-3-1949, 7. Diz o autor: "No pensamento da Igreja esse tempo não é outra coisa senão um retiro coletivo, cujo fim é preparar-nos para reviver o misterio pascal, considerando em seu duplo aspecto de vida e morte, de tristeza e alegria. Podemos constatar esta verdade examinando no missal as missas e os ritos quaresmais" *(loc. cit.)*. Por aí se vê como *O Legionário* agora vem mudado!

7. Cf. VAQUERO, T. "Relações entre a Liturgia e a Fé", *O Legionário* 3-4-1949, 7, que conclui com estas palavras; "...ha intimas relações entre Liturgia e Dogma ou fé. Não é possivel existir verdadeira Liturgia se não estiver fundamentada na Teologia, assim como esta formosa disciplina não será completa e vital se não for vivida continuamente nas praticas liturgicas. A Teologia nos mostra a Deus como nosso Criador e Pai. A Liturgia no faz cultua-LO como criaturas e amá-LO como a nosso Pai. Aprofundemos, pois, os conhecimentos de nossa Santa Religião, para conhecer sempre melhor a Deus. Vivamos uma vida liturgica intensa, para que a nossa união com Deus seja sempre intima".

8. M. B., "Vida cristã e Liturgia", *O Legionário* 12-6-1949, 7. Diz o autor: "Vemos assim quão fortemente, os nossos dois conceitos: 'vida cristã e Liturgia', se unem e se entrelaçam, a ponto de ser impossivel a realização do primeiro, sem o segundo, da mesma forma que não se pode compreender a Liturgia sem ser fundada na propria vida cristã" *(loc. cit.)*.

9. REUTER, P., "A Liturgia e as atividades humanas", *O Legionário* 21-8-1949, 7. Interessante que o mesmo artigo, depois, é publicado de novo em *O Legionário* 30-4-1950, 10.

10. TERRIER, L. A., "A Liturgia e o sentido do mistério", *O Legionário* 28-8-1949, 7. Interessante notar que também este artigo foi depois publicado de novo em *O Legionário* 2-4-1950, 6. Note-se que por esta época *O Legionário* faz questão de publicar também toda a 4ª Pastoral de Dom Frei Henrique G. Trindade, de 12-6-1949, sobre a qual ainda teremos ocasião de falar. Título da Pastoral: *Não nos iludamos e trabalhemos* (cf. *O Legionário* 6-11-1949, 1 e 7, com este longo título inicial: "Realismo dos nossos Bispos. Não nos iludamos: Procissões e congressos, Igrejas cheias nos dias de festa e casamentos pomposos, colegios católicos abarrotados e associações sem conta... E a multidão dos cegos e coxos que também foram convidados para o festim da Igreja? Pastoral de Dom Frei Henrique G. Trindade". O texto da Pastoral prossegue depois em *O Legionário* 13-11-1949, 1 e 11.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O Pe. Orlando Machado publica um longo artigo sobre a discutida questão do uso da casula gótica ou romana,[11] criticando fortemente o mau gosto nos ornamentos de muitas casulas,[12] e mostrando simpatia pelo tipo gótico de casula.[13] No fundo, defende sobretudo o bom gosto na arte de vestir bem o Celebrante no Altar do Sacrifício.

Citaríamos também três artigos do Pe. Francisco Lage Pessoa. O primeiro aborda brevemente o Mistério da Liturgia, falando do "Mistério do culto do Cristo" e do "Mistério do culto da Igreja" Corpo do Cristo.[14] O segundo artigo fala da participação ativa na Missa: só a Missa dialogada ainda não diz tudo; a participação deve ser *consciente*, princípio este que obriga que as pregações sejam realmente *litúrgicas*.[15] Num terceiro artigo, afirmando categoricamente que hoje, após a "Mediator Dei", está fora de moda falar em "Movimento Litúrgico", faz algumas considerações sobre a "Piedade da Igreja", definindo-a como "o nosso trabalho de santificação por meio da Liturgia".[16]

Alguns artigos litúrgicos publicados n'*O Legionário* em nova fase são do dominicano Frei Barruel de Lagenest, interessando-se sobretudo por uma Liturgia paroquial e popular realmente vivida e participada comunitariamente por todos.[17]

11. MACHADO, O., "Casula gótica ou romana?", *O Legionário* 13-11-1949, 4 e *O Legionário* 20-11-1949, 7.

12. *O Legionário* 20-11-1949, 7: "Umas são estreitas demais, outras se parecem com um violão; estas são tão pesadas que lembram aquelas capas de chumbo com que Dante revestiu os orgulhosos no inferno; estoutras ostentam uma multiplicidade espantosa de ornamentos falsos tais como galões imitando ouro, latas imitando prata, pombas voando em torno de calices mal feitos, cachoeiras, cordeirinhos, corações sangrando, etc. etc. Não é essa arte comercializada, teatralizada que está aí a concorrer para a indiferença do povo em materia de participação ativa ao culto liturgico? Este mau gosto quase generalizado não pode ser apontado também como uma das causas da falta de recrutamento do Clero? Não foi sem razão que Pio XII recomendou, na 'Mediator Dei', o decoro dos edifícios sagrados e dos santos altares..." (*cf.* "Mediator Dei", *op. cit.*, 590-591).

13. Falando das tendências no sentido de introduzir a casula gótica, diz: "De qualquer modo, os amigos do movimento liturgico só podem congratular-se com estas tendencias, pois a casula ampla envolvendo nas suas dobras harmoniosas o Celebrante, exprime melhor do que qualquer outra a imagem da caridade que abraça todos os homens no Santo Sacrificio" *(O Legionário* 20-11-1949, 7). Ligado à questão da casula, fala também do que significa "tradição romana" no caso: "Há uma boa e uma má tradição de 'romanitá' e 'italianita' Romanitá é procurar sentir com o Papa, com a Igreja Universal, com a Diocese da qual o Bispo é o Esposo e Cabeça, enquanto unido ao Supremo Pastor. Mas não é 'romanitá' a exclusão aprioristica e caprichosa de qualquer outra cultura e estilo de vid desde que imbuidos de genuino espirito cristão, como se a Igreja que o todo transcende não fosse catolica" *(loc. cit.)*.

14. LAGE PESSOA, F., "O Mistério da Liturgia", *O Legionário* 19-3-1950, 6. Desta época é também a publicação de um artigo de P. Parsch, "A Paróquia e a Liturgia", em *O Legionário* 30-4-1950, 10 e 12, extraido de *Bibel pad Liturgie*, dez. 1949, segundo indicação do próprio jornal.

15. LAGE PESSOA, F., "Rumo à participação", *O Legionário* 25-6-1950, 6. Palavras textuais do autor: "Parece que se põe afoitamente, muitas vezes, o problema da missa dialogada após a "Mediator Dei'. Na realidade é ela uma das formas mais vibrantes de contacto entre o Pai e sua Familia paroquial. Mas deve preparar-se por um ambiente liturgico, condição indispensavel para que não seja uma mediocridade a mais, uma grande inspiradora de rotina... Cumpre-nos... uma pregação mais liturgica, concentrada no misterio eucaristico, sobretudo no seu aspecto sacrifical [...] ...topamos apenas esta alternativa, pois decididamente não haveremos de moralizar somente nosso povo, nem encher-lhe os ouvidos de uma retorica vazia, como nos grandes sermões que andam por aí nos diversos homiliarios" *(loc. cit.)*.

16. LAGE PESSOA, F., "Piedade da Igreja", *O Legionário* 2-7-1950, 6. Antes havia dado outra definição: "a sagrada Liturgia é a piedade da Igreja". *Cf.* supra, Parte II, Cap. I, com indicação para a nota 18, onde damos outras noticias sobre este artigo. Interessante também como termina o artigo: "Tudo o que foi dito pode ser muito distante ainda; tentamos hoje caracterizar o que chamamos piedade da Igreja, em suas linhas gerais, procurando libertar-nos de qualquer tom polemico que muitas vezes vivemos antes da 'Mediator Dei'. Cumpre-nos a todos meditar a serio o importante documento: não foi escrito inutilmente nem para uns nem para outros dos que até pouco se defrontavam como em campos opostos, quando o assunto liturgia era por muitos considerado acidental e discutivel em face da piedade catolica" *(art. cit.)*.

17. LAGENEST, B. de, O.P., "Evolução de Liturgia", *O Legionário* 16-4-1950, 6; *id.*, "Liturgia e realidade paroquial", *O Legionário* 14-5-1950, 6; *id.*, "Liturgia popular", *O Legionário* 16-7-1950, 6, onde diz: "Ha pessoas para as quais a 'liturgia' é como uma forma de piedade para uso exclusivo das pessoas instruidas, capazes de compreender todos os sentidos, literarios e espirituais, de um texto inspirado, e de penetrar todas as sutilezas de um simbolismo refinado"; *id.*, "Liturgia Paroquial", *O Legionário* 23-7-1950, 6.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Enfim, o Pe. Sebastião Maria Martin SS.CC., numa série de artigos apresenta um apanhado histórico sobre "A Liturgia da Eucaristia".[18]

São alguns exemplos de como *O Legionário*, em sua nova fase, promoveu a Liturgia num sentido bem diferente de antes: mostra-se agora altamente simpatizante dos ideais do Movimento Litúrgico, procurando inclusive promovê-los. O Movimento Litúrgico é promovido pelo *O Legionário*..[19]

2) *Notícias e informações do exterior*

Um dos pontos importantes da promoção do Movimento Litúrgico através da Imprensa no Brasil são as notícias e informações a respeito do Movimento em processo no exterior. Destacamos algumas.

Antes de tudo, encontramos em *O Legionário* um artigo sobre o Congresso Litúrgico de Louvain de 1948 sobre a "Mediator Dei", resumido de um artigo de A. Bugnini publicado no *L'Osservatore Romano*.[20]

Em *A Ordem* de dezembro de 1947 encontramos uma boa apresentação do número 7 da revista *La Maison Dieu* de 1946.[21] Eis como inicia a apresentação:

> "O número 8 desta revista do Centro de Pastoral Litúrgica" [na verdade trata-se do nº 7!] "...merece a consideração e o estudo de todos aqueles que se interessam pelo movimento litúrgico. Efetivamente. Neste número consta o resumo do memorandum que Mgr. Groeber, arcebispo de Friburgo, dirigiu aos bispos alemães reunidos na conferência de Fulda. Consta a carta circular que o Cardial Bertram dirigiu, em nome da Santa Sé, aos mesmos bispos alemães. E finalmente, a resposta do Cardial Innitzer a Mgr. Groeber".[22]

Dá então um breve resumo de cada documento, chamando a atenção, enfim, para um artigo de P. Parsch sobre "Métodos para um trabalho de liturgia popular", outro de A. Heitz sobre o Movimento Litúrgico alemão, e um terceiro artigo, de L. Beauduin, sobre a concelebração.[23]

Outra notícia nos vem pela revista *REB*, que traz no original um "Responsum Supremae S. Congregationis S. Officii de Re Liturgica" de 25-11-1948, ao Arcebispo de Salzburg, referindo-se a um artigo de um beneditino sobre a "Mediator Dei".[24] A nota introdutória e explicativa dada pela *REB* já nos faz saber qualquer coisa a respeito:

18. MARTIN, S. M., SS.CC., "A Liturgia da Eucaristia, desde os primeiros seculos do Cristianismo", *O Legionário* 15-6-1952, 10; *id.*, "A Liturgia da Eucaristia. II. A Missa dos Apostolos", *O Legionário* 22-6-1952, 4; id., "A Liturgia da Eucaristia. III. A Missa dos Martires", *O Legionário* 29-6-1952, 2 e 11; *id.* "A Liturgia da Eucaristia. IV. A Missa dos Santos Padres", *O Legionário* 5-7-1952, 6; *id.*, "A Liturgia da Eucaristia. V. Culto Eucaristico da primitiva Igreja", *O Legionário* 12-7-1952, 4; *id.*, "A Liturgia da Eucaristia. VI. Um novo aspecto da Liturgia Eucaristica", *O Legionário* 3-8-1952 4.

19. Deveríamos, em seguida, tratar também do trabalho de *O Diário* de Belo Horizonte por ocasião da Semana de Liturgia naquela Arquidiocese. Mas deste preferimos falar ao abordarmos a citada Semana.

20. Cf. *O Legionário* 7-8-1948, 2-3. Já falamos deste artigo acima (cf. supra, p. 245, nota 4).

21. Cf. *A Ordem* 38 (dez. 1947), p. 437-439.

22. Para os tais documentos, cf. *La Maison Dieu* 7 (1946), 94-114.

23. Cf. BEAUDUIN, L., O.S.B., "La concélebration", *ibid.*, 7-27; HEITZ, A., "Dernières étapes du renouveau liturgique allemand", *ibid.*, 51-73; PARSCH, P., "Méthode pour un travail de liturgie populaire", *ibid.*, 74-96.

24. Cf. *REB* 10 (1950), 468-471.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"A seguinte resposta da Suprema S. Congregação do Santo Ofício ao Arcebispo de Salzburg foi publicada no 'Korrespondenzblatt des Priestergebetsvereins' de Innsbruck (Áustria) no seu número de julho de 1948. Refere-se a um artigo escrito por D. Bento Reetz, O.S.B., Abade de Seckau, e publicado no Klerusblatt' sob o título *'Mediator Dei'*. Para melhor compreensão da resposta do S. Ofício transcrevemos abaixo também no original os trechos deste artigo expressamente mencionado na resposta da Sagrada Congregação".

O Primeiro Congresso Litúrgico realizado em Frankfurt, na Alemanha, de 20 a 22 de junho de 1950, vem amplamente noticiado e comentado por Dom Pedro Bandeira de Mello em *A Tribuna*, de Recife.[25] Também a *REB* noticia o evento, apresentando o título das principais conferências do Congresso.[26]

Dignas de nota são também as interessantes sugestões que *A Ordem* extraiu da revista americana *Worship*, relativas à reforma do Missal. São sugestões apresentadas por "uma assembléia de autoridades eclesiásticas internacionais" realizada em julho de 1951 na Abadia de Maria Laach, na Alemanha.[27]

Cremos não poder deixar de notar também as informações dadas pela *REB* sobre as reformas da Semana Santa promovidas pela Santa Sé a partir de fins de 1955, seja publicando os documentos no original, seja publicando comentários sobre os mesmos.[28]

É de notar ainda a publicação que a *REB* fez, de uma série de votos (sugestões) do Congresso Litúrgico da América do Norte, em London (Ontario), no Canadá, de 20 a 23 de agosto de 1956, para a modificação do Missal e do Breviário.[29]

Enfim, vejamos também algumas notícias e informações no Brasil em torno do Primeiro Congresso Internacional de Liturgia Pastoral em Assis, de 19 a 22 de setembro de 1956.

Antes mesmo de o Congresso se realizar, *O Diário* já publicara um longo artigo de autoria do Bispo de Kansas City, Mons. Edwin V. O'Hara, intitulado: "Transcendência do Congresso Litúrgico Internacional de Assis".[30] O mesmo *O Diário*, mais tarde, vem com esta manchete sobre o Congresso: "Deseja o Papa sinceramente que o movimento litúrgico progrida, livre de erros e perigos", passando então a publicar o célebre discurso de Pio XII aos Congressistas.[31]

25. Cf. *A Tribuna* 8-7-1950, 3 e 15-7-1950, 3.
26. Cf. *REB* 10 (1950), 1012.
27. Cf. "Restauração litúrgica", *A Ordem* 48 (julho 1952), 73-74. Cf. *Worship* 26, nº 4 (março 1952), 201-205.
28. Cf. "Decretum Generale Sacrae Congregationis Rituum quo liturgicus hebdomadae sanctae Ordo instauratur" e "Instructio Sacrae Congregationis Rituum Ordine hebdomadae sanctae instaurato rite peragendo", de 16-11-1955, *REB* 15 (1955), 1028-1035 (cf. *L'Osservatore Romano* 27-11-1955, 1, onde se encontram estes dois documentos); cf. ANTONELLI, F., O.F.M., "A importância e o Caráter Pastoral da Reforma Litúrgica da Semana Santa", *REB* 16 (1956), 108-112 (cf. original italiano deste artigo em *L'Osservatore Romano* 27-11-1955, 2); cf. "Circa functiones liturgicas 'Tridui sacri' secundum Ordinem hebdomadae sanctae instauratum", de 15-3-1956, *REB* 16 (1956), 468-469 (cf. *AAS* 48 (1956), 153.154); cf. "Circa Ordinem Hebdomadae Sanctae Instauratum", de 1-2-1957, *REB* 17 (1957), 174-177 (cf. *AAS* 49 (1957), 91-95); Cf. ANTONELLI, F., O.F.M., "As Novas Modificações para a Semana Santa", *REB* 17 (1957), 137-140 (cf. original italiano: "Revivere il grande Mistero della Redenzione", *L'Osservatore Romano* 15-2-1957, 1-2); cf. "Dubia de interpretatione Decreti quo Ordo liturgicus hebdomadae sanctae instauratur" (= "Responsa S. Congregationis Rituum patribus Congregationis Sancti Spiritus, die 18 Junii 1956, collecta *ex L'Ami du Clergé*, 7-3-1957, pp. 154-155"), *REB* 17 (1957), 454-455.
29. "Os Votos do Coogresso Litúrgico da América do Norte", *REB* 16 (1956), 932-934.
30. Cf. *O Diário* 13-9-1956, 2 e 13. Segundo indicação do próprio jornal, este artigo foi escrito especialmente para *O Diário*.
31. Cf. *O Diário* 3-10-1956, 2. Para o original do discurso do Papa, cf. *AAS* 48 (1956), 711-725.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Também na capital paulista o jornal *O São Paulo*,[32] debaixo do título "Congresso Internacional de Liturgia Pastoral", em primeira página,[33] traz publicado todo o discurso de Pio XII no encerramento do Congresso.[34]

Também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) faz questão de publicar (em tradução portuguesa) em seu *Comunicado Mensal* todo o citado discurso de Pio XII.[35]

Em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o jornal daquela Arquidiocese, *Jornal do Dia*, vem com este título: "Pio XII traça os limites da Liturgia da Igreja", passando então a apresentar uma visão geral do discurso do Sumo Pontífice, com a preocupação maior centrada sobre os limites traçados pelo Papa.[36]

Uma visão geral e o sentido de todo o Congresso vem apresentada pela *Revista Gregoriana*, num longo artigo de J. Claire,[37] seguido de uma breve consideração sobre o Movimento Litúrgico como "sinal providencial dos tempos presentes, passagem do Espírito Santo na Igreja" (Pio XII).[38]

Enfim, temos uma longa "Comunicação" de G. Baraúna, O.F.M., publicada pela *REB*, sobre o Congresso Litúrgico de Assis, apresentando os títulos de todas as conferências, com um apanhado geral das principais conferências e problemáticas discutidas.[39]

Como se vê, houve um bom trabalho no Brasil, neste período pós "Mediator Dei", no sentido de informar sobre documentos e realizações de outros países — e da Santa Sé — em torno da promoção dos ideais do Movimento Litúrgico.

3) *Traduções*

Como fizemos no segundo capítulo da primeira parte deste trabalho, também aqui elencamos algumas das principais publicações traduzidas neste período que vai de 1947 a 1959.[40]

32. Trata-se do jornal da Arquidiocese de São Paulo, que veio substituir *O Legionário* a partir de janeiro de 1956.

33. Cf. *O São Paulo* 14-10-1956, 1. Note-se que traz ainda um longo subtítulo: "A Liturgia constitui função vital de toda a Igreja e não de um grupo ou dum movimento determinado — 'Depositum fidei' e 'Depositum gratiae' — tesouros da Igreja comunicados aos fiéis — Entre os membros da Igreja, deve reinar antes de tudo, a concórdia, a união, a colaboração — Elementos imutaveis e elementos variaveis na Liturgia — Palavras de S. S. o Papa Pio XII aos participantes do certame realizado em Assis *(loc. cit.)*.

34. *Ibid.*, 1 e 4.

35. Cf. *Comunicado Mensal CNBB* nº 49 (out. 1956), 4-10, dizendo em nota introdutória: "Dada a importância da matéria, abrimos espaço neste *Comunicado*, mesmo com sacrifício de secções habituais, para transcrever na íntegra o importante e recentíssimo documento pontifício".

36. Cf. *Jornal do Dia* 25-9-1956, 1 e 2.

37. CLAIRE, J., "1º Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica", *Revista Gregoriana* nº 20 (março abril 1957), 34-44. O artigo é extraído de *Revue Grégorienne* 36 (1957), 57-71, sob o título "Le Liturgie et l'Eglise". Convém acrescentar ainda a publicação, que a *Revista Gregoriana* fez, do discurso do Card. Lercaro no Congresso, sob o título "Voltemos à Liturgia Solene", *Revista Gregoriana* nº 22 (julho agosto 1957), 4-11. Encontra-se publicado também em *Musica Sacra* 18 (1958), 4-9. O artigo foi extraído de *Revue Grégorienne* 35 (1956), 37-45.

38. "O Movimento Litúrgico. 'Sinal providencial dos tempos presentes, passagem do Espírito Santo na Igreja'", *Revista Gregoriana* nº 20 (março abril 1957), 54. O artigo é extraído de *Ora et Labora* III, nº 6 (1956), 255.

39. BARAUNA, G., O.F.M., "O Primeiro Congresso Internacional de Liturgia Pastoral", *REB* 16 (1956), 924-932. Acrescentariamos ainda uma "Comunicação" de F. Neefjies sobre a "Primeira Semana Internacional de Estudos sobre Liturgia e Missões", realizada em Nijmegen e Uden (Holanda), de 12 a 19 de setembro, de 1959, publicada em *REB* 19 (1959), 899-902.

40. Para as traduções e publicações da Encíclica "Mediator Dei", cf. supra, p. 212.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Inicialmente, temos uma significativa publicação feita por *A Ordem*. Trata-se da publicação, em versão portuguesa, dos Decretos da Santa Sé: "Sacra Tridentina Synodus", de 20-12-1905, sobre a comunhão freqüente, e "Quam Singulari", de 8-8-1910, sobre a primeira comunhão das crianças.[41] Motivo da publicação: o pouco conhecimento destes Decretos por parte dos católicos.[42]

No mesmo ano *A Ordem* publicou também, em forma de artigo, um capítulo sobre a Missa, do livro *Principes pour l'action*, do dominicano L. J. Lebret.[43]

De *O Legionário*, em sua secção "Crônica de Liturgia", destacamos o artigo do Bispo de Bayonne (França), L. A. Terrier, sob o título "A Liturgia e o sentido do Mistério",[44] o artigo "A Paróquia e a Liturgia", de P. Parsch,[45] e um artigo de A. G. Martimort sobre "Os diversos elementos da Liturgia".[46]

Digna de nota é a publicação, feita pela "Lumen Christi" em 1951, de um livrinho de 41 páginas, de A. François, *Como explicar a Missa aos fiéis*.[47]

Na revista *A Ordem* encontramos um artigo de G. Michonneau, intitulado "Liturgia e Ação Católica".[48]

A *Revista Gregoriana*, da Escola Pio X do Rio de Janeiro,[49] publicou vários artigos litúrgico-musicais, de autoria de J. Cayard, da *Revue Grégorienne* de Paris.[50] Ressaltamos, no entanto, um artigo de A. Le Guennant sobre o "Motu proprio" de Pio X e o futuro da música sacra,[51] dois artigos de J. Claire, um sobre a atualidade do "Motu proprio"[52] e o outro sobre o 1º Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica de Assis,[53] um artigo do

41. Cf. "Decretos 'Sacra Tridentina Synodus' e 'Quam Singulari'", *A Ordem* 41 (janeiro fevereiro 1949), 52-62. Cf. original latino dos respectivos Decretos em *ASS* 38 (1905-1906), 400-406, e AAS 2 (1910), 577-583.

42. Como diz *A Ordem* em nota introdutória e explicativa: "Sendo muito pouco conhecidos dos católicos os decretos 'Sacra Tridentina Synodus' e 'Quam Singulari' resolvemos reproduzi-los em nossas páginas..." (*A Ordem*, *op. cit.*, 52).

43. LEBRET, L. J., O.P., A Missa", *A Ordem* 42 (julho agosto 1949), 59-70. No original francês: *Principes pour l'action*, L'Abresle (Rhône), 1944, 76-94. Um ano após, em 1950, saía do prelo, no Brasil, *Princípios para a ação*, trad. de Carlos Pinto Alves, Ed. de "Economia e Humanismo", São Paulo. Em 1958 a obra já atingia a 3ª edição, e a 4ª em 1961 (cf. *REB* 19 (1959), 255; *REB* 22 (1962), 806).

44. Cf. *O Legionário* 2-4-1950, 5. Cf. supra, p. 245, nota 10.

45. Cf. *O Legionário* 30-4-1950, 10 e 12. Cf. supra, p. 246, nota 14.

46. Cf. *O Legionário* 28-5-1950, 4 e 11. Não conseguimos até o momento acesso ao original.

47. Em 1960 a obra saiu em 2ª edição. Não conseguimos até o momento acesso ao original da obra.

48. MICHONNEAU, G., "Liturgia e Ação Católica", *A Ordem* 54 (novembro 1955), 324-333. Segundo indicação de *A Ordem*, o artigo foi extraído da revista inglesa *New Life*. Mas não dá outras informações.

49. Desta Escola e da revista falaremos especificamente mais adiante.

50. Cf. CAYARD, J., "A Missa de Pentecostes", *Revista Gregoriana* 3 (maio junho 1954), 17-23 (original francês: "La Messe de la Pentecôte", *Revue Grégorienne* 32 (1953), 98-104); *id.*, "Missa da Assunção", *Revista Gregoriana* 4 (julho agosto 1954), 14-22 (original francês: "La Messe de l'Assomption", *Revue Grégorienne* 26 (1947, 134-146); *id.*, "A Missa de Cristo Rei", *Revista Gregoriana* 5 (set. out. 1954), 23-29 (original francês: "La Messe du Christ-Roi", *Revue Grégorienne* 25 (1946), 168-176); *id.*, "Notas rápidas sobre o canto das Missas de Natal", *Revista Gregoriana* 6 (nov. dez. 1954), 9-22 (original francês: "Notes rapides sur le Chant des Messes de Noël", *Revue Grégorienne* 25 (1946), 210-228); *id.*, "Comentário sobre o canto das Missas da Semana Santa e da Páscoa", *Revista Gregoriana* 7 (jan. fev. 1955), 28-37 (original francês: "Notes rapides sur le Chant des Messes de la Semaine Sainte et de la Pâques", *Revue Grégorienne* 25 (1946), 50-65).

51. *Revista Gregoriana* 1 (jan. fev. 1954), 11-19 (original francês: "Le Motu próprio et l'avenir du chant grégorien", *Revue Grégorienne* 32 (1953), 227-233).

52. CLAIRE, J., "Atualidade do Motu Proprio", *Revista Gregoriana* 12 (nov. dez. 1955), 15-22 (original francês: "Actualité du Motu proprio", *Revue Grégorienne* 33 (1954), 49-57. Seria de acrescentar ainda: ROBERT, L., O.S.B., "Pio X. Canonização de Pio X a 29 de maio de 1954", *Revista Gregoriana* 3 (maio junho 1954), 28-36; cf. "Pie X", *Revue Grégorienne* 30 (1951), 85ss.

53. CLAIRE, J., "1º Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica", *Revista Gregoriana* 20 (março abril 1957), 34-44; cf. supra, nota 37.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Cardeal Lercaro intitulado "Voltemos à Liturgia solene",[54] e um artigo sobre "Nossa Senhora no Tempo Pascal", de P. Guéranger.[55]

A Editora Vozes, em 1957, publicou um instrutivo livro de Catherine Beebe, *A Missa explicada para o lar, a escola e a Igreja.*[56]

A Flamboyant, de São Paulo, publicou em 1958, de F. Amiot, numa tradução das Religiosas da Companhia da Virgem, o livro *A Missa e sua história.*[57]

Enfim, destacaríamos a publicação feita pela *REB*, em tradução portuguesa, da "Instructio de Musica Sacra et Sacra Liturgia", de 3-9-1958, da Sagrada Congregação dos Ritos.[58]

Depois deste elenco de publicações traduzidas no Brasil neste período pós "Mediator Dei" até 1959, poderíamos dizer o seguinte: "Diminuiu sensivelmente o número deste tipo de publicação, em relação ao período anterior. Parece que esfriou aquele interesse, aquela fome de conhecer a Liturgia, característica do período anterior."[60] Contudo, algo também se fez...

4) *Publicações elaboradas no Brasil mesmo*

Sem repetir as publicações já mencionadas,[60] acrescentamos aqui outras elaboradas no Brasil mesmo.

Para iniciar, chamaríamos a atenção para a revista *Estudos* (Órgão da Associação de Professores Católicos do Rio Grande do Sul), que publicou alguns artigos sobre a Eucaristia.[61]

Temos em seguida um precioso livrinho de Dom Hildebrando Martins O.S.B., *O Nosso Sacrifício*, publicado pela "Lumen Christi" em 1949, explicando o sentido da Missa, o Ordinário da Missa, o Missal e o Ano Litúrgico,

54. Cf. *Revista Gregoriana* 22 (julho agosto 1957), 4-11; cf. supra, p. 249 nota 37.

55. Cf. *Revista Gregoriana* 14 (março abril 1956), 3-6, extraído de *Revue Grégorienne* 33 (1954), 37-39, sob o título "Notre Dame au temps pascal".

56. Como se diz no Prefácio: "êste livro, fácil de se ler e fácil de se compreender, é dedicado aos pais e educadores, desejosos de auxiliar as crianças católicas a conhecerem e amarem a Santa Missa" (BEEBE, C., *A Missa explicada para o lar, a escola e a Igreja*, p. 5). Original inglês da obra: *We know the Mass, for Home, School and Church*, Paterson 1940.

57. Título original da obra: *Histoire de la Messe*, Paris 1956.

58. Cf. *REB* 18 (1958), 1049-1073. Cf. original latino do documento em *AAS* 50 (1958), 630-663.

59. Acrescentaríamos ainda neste período duas obras antigas, uma do séc. XVII e outra do séc. XIX, publicadas pela Vozes: a) São Leonardo de Porto-Maurício, da Ordem dos Frades Menores, *As excelências da Santa Missa, com um método prático e devoto de ouvi-la com fruto, conforme a edição romana de 1937, dedicada a S.S. o Papa Clemente XII*, Petrópolis 1948; b) EYMARD, Beato Pedro Julião, *A Santissima Eucaristia*, trad. da nova ed. crítica francesa, Vozes, Petrópolis 1955, em 5 volumes (cf. *REB* 15 (1955), 1066).

60. Naturalmente, excluímos aqui toda a literatura em torno da "Mediator Dei", já citada no capítulo anterior, bem como a literatura referente às notícias e informações a respeito do Movimento Litúrgico em outros países. Excluem-se também as publicações feitas em *O Legionário*, já indicadas neste capítulo. Também excluímos os trabalhos (publicações) de Dom Pedro Bandeira de Mello, do qual falaremos expressamente logo mais.

61. Cf. FIORI, E. M., "A Eucaristia, a Igreja e a Civilização", *Estudos* VIII, nº 2 (julho agosto 1948), 11-26; BARBOSA, B., "A Eucaristia e a vida", *Estudos* VIII, nº 4 (out. dez. 1948), 31-36; BRAUN, B., S.J., "Fraternidade em Cristo pela Eucaristia", *Estudos* XV, nº 55 (jan. mar. 1955), 5-12; LOEBMANN, A., S.J., "A divina Eucaristia a serviço dum mundo melhor", *Estudos* XV, nº 56 (abril-junho 1955), 19-23. Acrescentaríamos ainda um artigo escrito na revista da Universidade Católica de Belo Horizonte: LEME LOPES, P. F., S.J., "O tríplice aspecto da Eucaristia e a piedade católica", *Verbum* XII (1955), 295-309.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

com interessantes esquemas e gráficos. Finalidade do livro: contribuir com o apostolado de aprofundamento do sentido da Missa.[62]

Destacaríamos três artigos publicados em *A Ordem*: 1) "A missa, dever comunitárjo e social", do dominicano Frei Domingos Maia Leite;[63] 2) "A Eucaristia: vida da Ação Católica", de H. J. Hargreaves, acentuando o contacto com o *Cristo vivo* que temos na Eucaristia;[64] 3) "Reflexões sobre o Sinal na Vida da Igreja", do beneditino Dom L. de Almeida Prado.[65]

A *REB* publicou um artigo de B. Kloppenburg O.F.M., que trata das "Controvérsias Sobre a Teoria do Mistério".[66]

Explicação didática da Santa Missa é o título de um livrinho do Mons. José de Andrade Lima, publicado pela Editora Mensageiro da Fé (Salvador) em 1951.[67]

A *REB* publicou em 1953 um longo artigo sobre Pio X e a música sacra, de autoria de Frei Romano Koepe O.F.M.

Na *Revista Gregoriana* encontramos vários artigos do beneditino Dom Estêvão Bettencourt, falando ora do Saltério, ora sobre a Eucaristia, ora sobre a Missa, mas sobretudo comentando festas e tempos do Ano Litúrgico.[69]

62. Como o autor mesmo diz na "Apresentação" da obra: "Desde a promulgação da encíclica MEDIATOR DEI, um dos primeiros frutos que constatamos é o crescente interêsse por uma compreensão mais profunda do sentido e do valor do Sacrifício Eucarístico — centro da vida cristã. Por tôda parte se tem procurado explicar aos fiéis em 'semanas da Missa', nas paróquias, nos colégios, nos catecismos e nos circulos de estudos da Ação Católica, o significado teológico e histórico da Santa Missa. O livro que apresentamos é mais uma contribuição a êsse apostolado, que vai conquistando seu lugar de honra em nosso Brasil" (*O Nosso Sacrifício*, p. 8). E continua: "Prestaram-nos também valioso auxilio, alguns trabalhos de Dom Odo Casel, O.S.B., Pius Parsch, H. Ch. Chéry O.P., e Z. de Korte" *(loc. cit.)*.

63. Cf. *A Ordem* 41 (abril 1949), 243-256. Esquema seguido pelo artigo: Deus tem direito à homenagem de suas criaturas; A Igreja, comunidade cristã; A Missa, centro da comunidade cristã; Dever dos fiéis relativamente à Santa Missa; Dever da comunidade paroquial.

64. Cf. *A Ordem* 44 (julho 1950), 5-18.

65. Cf. *A Ordem* 45 (junho 1951), 284-294.

66. Cf. *REB* 11 (1951), 241-256. Opinião do autor: "Verdadeira ou não, é certo que a teoria do mistério despertou a consciência de nossa união vital com o Redentor e com todo o seu Corpo Místico. Pode ser — e a mim me parece certo — que esta teoria exagerou a presença de Cristo e da obra da Redenção, mas é verdade também que a tradição teológica dos últimos séculos nos tinha distanciado excessivamente do mistério de Cristo. E nisso, em ter outra vez aproximado a nossa consciência e o nosso modo de viver para Cristo, eu vejo um mérito imperecível de Odo Casel e de sua escola" (KLOPPENBURG, B., O.F.M., "Controvérsias Sobre a Teoria do Mistério", *art. cit.*, 241). E falando da "Mediator Dei" e a Teoria do Mistério, conclui: " .o Papa não condena diretamente a teoria do mistério: em dizer que o modo de falar é 'incertum ac subobscurum', ainda não está incluida uma condenação. Mas devemos notar outrossim que o modo como Pio XII opõe à teoria do mistério a doutrina católica, esclarecendo como é que os mistérios de Cristo se tornam presentes e distanciando-se, nessa explicação, essencialmente da teoria de Casel (Casel chamaria a doutrina de Pio XII de teoria do efeito, Effektustheorie), parece excluir positivamente a teoria do mistério. Com a exclusão da possibilidade de explicar os mistérios do ano litúrgico pelo modo de Casel, caem, ao mesmo tempo, fortes suspeitas também sobre a concepção caseleana dos sacramentos" (*ibid.*, 256).

67. O livro, de 144 páginas, fala da vocação sacerdotal, fala do sacerdócio, da classificação do culto, da origem e natureza do culto, para enfim falar da origem do vocabulário "Missa". O livro é fraco. Nem mesmo cita a "Mediator Dei"!

68. KOEPE, R., O.F.M., "O B. Papa Pio X e a Restauração da Música Sacra. A propósito do Cinquentenário do Motu Proprio sobre a Música Sacra", *REB* 13 (1953), 825-837. Para o campo da arte sacra citaríamos NABUCO, J. Mons., "A arte Sacra a Serviço da Igreja", *REB* 8 (1948), 1-11; SOUZA, B. de, "Arte Religiosa", *REB* 10 (1950), 650-655.

69. Cf. por exemplo BETTENCOURT, E., O.S.B., "'Saltério meu, alegria minha' (Sto. Agostinho)", *Boletim da Escola Pio X* nº 3 (jul. ag. set. 1953), 1-7 (uma explicação: a citada revista era a que antecedeu a *Revista Gregoriana*, da Escola Pio X, no Rio de Janeiro); *id.*, "A Eucaristia, Encontro com o Redentor", *Revista Gregoriana* 1 (jan. fev. 1954), 20-25; *id.*, "A Missa, Sacrifício dos Fiéis", *Revista Gregoriana* 5 (set. out. 1954), 10-21; *id.*, "A Páscoa dos cristãos", *Revista Gregoriana* 1 (jan. fev. 1954), 6-13; *id.*, "Pentecostes e o cântico novo", *Revista Gregoriana* 3 (maio junho 1954), 7-16; *id.*, "A Virgem Glorificada", *Revista Gregoriana* 4 (julho agosto 1954), 3-12; *id.*, "A Quaresma", *Revista Gregoriana* 7 (jan. fev. 1955), 3-11; *id.*, "Alleluia!", *Revista Gregoriana* 8 (março abril 1955), 3-10. Acrescentaríamos ainda o artigo de MOREIRA NEVES, L., O.P., "São Domingos. A Ordem dos Dominicanos. A Liturgia", *Revista Gregoriana* 15 e 16 (maio junho julho agosto 1956), 3-8.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Da autora Maria Marta temos o livrinho, publicado pela Vozes em 1954, *O Santo Sacrifício explicado às crianças.*[70]

Para as crianças que já fizeram a primeira comunhão a autora R. Regi publicou neste mesmo ano de 1954, pela Flamboyant, em São Paulo, um interessante livrinho de explicação da Missa, intitulado *A Santa Missa.*

A revista *A Ordem*, por ocasião do 36º Congresso Eucarístico Internacional realizado no Rio de Janeiro em 1955, publicou uma série de artigos sobre a Eucaristia.[71]

O cônego José Ribeiro Leitão publicou em 1955, pela *REB*, um artigo em que trata da questão do latim ou do vernáculo na Liturgia.[72]

Do poeta beneditino Dom Marcos Barbosa temos o "mistério" *Sacrifício Vespertino*, publicado em Belo Horizonte em 1958.[73]

Da revista *Musica Sacra* destacaríamos dois artigos: Um de Frei Romano Koepe O.F.M. sobre "Adaptações da Música Sacra aos Tempos Modernos, segundo a Encíclica 'Musicae Sacrae Disciplina'",[74] e outro, de Dom Frei Henrique G. Trindade O.F.M., intitulado "Côro e Canto em Comum"

Enfim, destacaríamos ainda o artigo de F. P. Richtmann, publicado pela revista *Vozes, sobre* "A significação da Liturgia em nossa vida cristã".[75]

5) *Publicações para servir diretamente ao culto*

Antes de tudo lembramos a 2ª edição, em 1947, do livro *Liturgia de Natal, Páscoa e Pentecostes nas Abadias Beneditinas*, de Dom Hildebrando Martins O.S.B., publicada pela "Lumen Christi". Ainda neste mesmo ano Dom Hildebrando organizou e publicou, pela "Lumen Christi", *Prima e Completas do Breviário Romano. Oração Oficial da Santa Igreja para a manhã e a noite.*

De 1948 lembramos um livrinho de 24 páginas, publicado pela Marques Saraiva, no Rio de Janeiro, intitulado *Ordinário da Missa.*[77] Deste mesmo

70. Temas tratados no livro: Definição de Sacrifício; O Sacrifício no AT; o Sacrifício no NT; Instituição do Santo Sacrifício da Missa; Santa Missa, renovação do Sacrifício da Cruz; Somente a Deus é oferecido o Sacrifício da Missa; O Ministro da Santa Missa; O altar e seus acessórios; Preparação do cálice; Os paramentos sacerdotais; As diferentes partes da Santa Missa; A Ante-Missa ou Missa dos Catecúmenos; O Santo Sacrifício ou Missa dos Fiéis (Ofertório, Consagração, Comunhão); O Culto Divino; A Liturgia; O Ano Litúrgico (o Ciclo do Natal, o Ciclo da Páscoa, o Próprio dos Santos).

71. Cf. por exemplo, AMOROSO LIMA, A., "A Eucaristia e a Ação Social", *A Ordem* 54 (julho 1955), 6-13; KLOPPENBURG, B., O.F.M., "Problemas da Transubstanciação", *A Ordem* 54 (julho 1955), 14-26; VASCONCELLOS, C., S.J., "Perto dos que se foram para longe", *A Ordem* 54 (julho 1955), 27-33; ALVES RIBEIRO, F., "Frutos do Congresso Eucarístico", *A Ordem* 54 (julho 1955), 34-38; PENNA, I., O.S.B., "A Eucaristia em Santo Tomás de Aquino", *A Ordem* 54 (julho 1955), 39-52; DALE, R., O.P., "A Eucaristia, súmula do cristianismo", *A Ordem* 54 (julho 1955), 53-59; AMOROSO ANASTACIO, T., O.S.B., "O centro da vida do cristão", *A Ordem* 54 (julho 1955), 60-66.

72. RIBEIRO LEITÃO, Côn. J., "Latim ou Vernáculo?", *REB* 15 (1955), 918-925, tratando dos seguintes pontos: a) A língua; b) A História; c) A vantagem do latim; d) A desvantagem do latim (o povo não entende).

73. *A Ordem*, comentando a obra, diz: "Através do seu teatro litúrgico, ele pode cumprir a mais delicada missão: levar a Liturgia ao povo, numa linguagem moderna e atraente" (*A Ordem* 56 (janeiro 1959), 64). Veremos logo mais como os "mistérios" de Dom Marcos Barbosa foram realmente admirados na Semana de Liturgia de Belo Horizonte.

74. Cf. *Musica Sacra* 16 (1956), 65-72.

75. Cf. *Musica Sacra* 17 (1957), 129-133.

76. Cf. *Vozes* 53 (1959), 305-306.

77. Trata-se de um Ordinário da Missa em latim e português. O livro não traz prefácio nem introdução. Não se sabe bem quem promoveu sua publicação. Há apenas um "Com aprovação eclesiástica". E no verso da 2ª capa: "Pedidos às Edições 'Lumen Christi'".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ano é o livro *Rezo a Missa. "Missal do Domingo", para todos os domingos e dias de festas, com um devocionário popular e a Missa dialogada, impresso em tipo grande, compilado pelo Pe. Hugo H. Hoever, S.O.Cist.*, publicado em New York, com "Imprimatur" do Cardeal Spellman e do Vigário Geral de São Paulo (Brasil), José Maria Monteiro.[77] Ainda em 1948, sob o "Imprimatur" do Mons. Frank, Vigário Geral de Porto Alegre, publicou-se nesta cidade o livro, de 124 páginas, *Missa Dialogada em Português e em Latim, seguida de várias orações e cânticos populares para uso dos Colegiais Católicos.*

Vivamos a Missa é o título de outra obra, publicada na Bahia a partir de fins de 1949, sob os cuidados de Dom Beda Keckeisen. Trata-se de uma série de fascículos litúrgicos para cada domingo e dias de festa, com a finalidade de ajudar o povo a participar ativamente no Santo Sacrifício.[78]

Com o intuito de buscar superar a grande dificuldade do povo no manuseio do Missal, B. Vieira e Dom Pasquarelli publicaram em 1952 o *Missal Popular Pio XII* (Edição Pincar, São Paulo).[79]

Lembramos dois livrinhos, de 14 páginas, de autoria de Frei Elzeário Schmitt O.F.M., *Missa festiva das Crianças* (Canoinhas 1953) e *Missa dos escolares* (Caxias do Sul 1954).

78. Na Introdução são feitas algumas considerações sobre "A Missa, centro da nossa Vida Religiosa" e sobre a Missa dialogada, seguindo uma exposição bem clara (com desenhos) e minuciosa sobre as vestes sagradas *(Rezo a Missa..., op. cit.*, 6ss.). Sobre a Missa dialogada distinguimos estas palavras: "Nos últimos dez anos tem-se desenvolvido, em vários países, o santo costume da Missa Dialogada, em que o Povo recita, em voz alta, todas as respostas ordinárias, dadas pelo acólito. O fim da Missa Dialogada é fazer participar os Fiéis mais activamente no Santo Sacrifício, unindo-os mais intimamente ao Celebrante..." (*ibid.*, 8).

79. Tivemos em mãos o *Vivamos a Missa. Festa de Cristo Rei*, edição especial em homenagem ao 1º Congresso Nacional de Vocações Sacerdotais, Bahia 1949. No verso da 1ª capa deste fascículo vem exposto o conteúdo do mesmo, bem como sua finalidade: "O presente fascículo contém instruções sobre o culto da Igreja, a Santa Missa e o Ano Eclesiástico. Queremos dar aos fiéis uma simples porém sólida instrução sobre a Vida da Igreja. A parte principal compreende o texto do Santo Sacrifício da Missa, a parte que é igual em todas as Missas — o Ordinário da Missa —, e para cada domingo e festas de preceito, a parte que se chama o Próprio da Missa: textos, leituras, cânticos e orações que variam segundo o tempo do Ano Eclesiástico e o espírito das festas. Publicamos este fascículo para todo o povo católico, mesmo quem não possa usar o missal — seja as orações que o Sacerdote reza — e assim melhor participe e mais intensamente viva o Sacrifício do Altar. Mas temos ainda outra intenção: a de facilitar aos fiéis a participação ativa no Santo Sacrifício como é o desejo do Santo Padre Pio XII, pela *Missa dialogada* ou *recitada*. Para isso encontram-se no texto da Missa partes em latim e português, assim como outras em português sòmente, e várias orações com pausas marcadas para a recitação em comum". No verso da 2ª capa encontramos o seguinte: *"Vivamos a Missa.* Para cada domingo o fascículo: 1º Nas paróquias — une os fiéis ao Vigário, Pai da Comunidade religiosa. E une os fiéis entre si numa grande e fervorosa família; 2º Em todas as famílias católicas — instrui os pais e educa os filhos; 3º Ensina a todos a Doutrina. Faz obedecer aos mandamentos e comunica a Vida divina pela graça; 4º Faz-nos rezar, meditar e sacrificar com a Igreja e no Espírito da Igreja. *Propagar* o 'Vivamos a Missa' é pois fazer real e verdadeira Ação Católica. Voluntários — Propagandistas — Apóstolos, apresentai-vos ao Apostolado da Missa. *Dirigir-se a Dom Beda.* O 1º fascículo dominical aparecerá no 1º domingo do Avento, dia 27 de nov. de 1949 e em todos os domingos seguintes". Pudemos observar que realmente saiu durante um ano inteiro, todos os domingos!

80. Dizem os autores na "Explicação Prévia": "As várias edições do Missal Romano, seja em fascículos seja em volume encadernado, com zêlo e mérito publicados entre nós, infelizmente não são manuseados pelo povo que não sabe como usar o Missal..., e não tem muitas vezes quem lho ensine. Além disso não estão estas edições economicamente ao alcance de todos. Ultimamente saiu a edição do Missal dominical, facilitando imenso o seu manuseio, pois indica cuidadosamente a página a que se deve voltar. Julgávamos esta edição a última palavra, mas tivemos a tristeza de verificar que, apesar de todas as qualidades, o povo ainda não o consegue usar. Porque? — Porque, apesar de fácil é alto demais para o nosso meio. Foi isto que nos levou à emprêsa que hoje se realiza: à edição do *Missal Popular*. Popular no modo, na apresentação, na finalidade, no tamanho e no preço... Neste livro o fiel encontrará a oração oficial de Cristo ao Pai do Céu, sem precisar voltar páginas atrás para encontrar o que no altar está rezando o sacerdote, porquanto as orações são *seguidas*. Para isto, colocamos em tradução fácil e corrente tôdas as partes *fixas* da Missa e substituimos as partes móveis ou *variáveis* por trechos litúrgicos, acomodados ao sentido da prece oficial... Ao modo de assistir à Sta Missa, julgamos útil acrescentar as principais orações do cristão: orações da manhã, da noite, das refeições, exame minucioso da consciência, confissão, atos para a Comunhão, Via Sacra, terço, bênção do Santíssimo, e informações sobre toda a Semana Santa. Tudo piedoso e breve. Breve, para não cansar..., fácil de se levar no bolso ou na bolsa..." (*Missal Popular Pio XII, op. cit.*,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Lembramos também a publicação do missalzinho para crianças intitulado *A Ceia do Senhor*, de autoria de Lenita Camargo e Maria José Villaça, com desenhos de Leyla Perrone, publicação promovida em 1955 pela Capela da Pontifícia Universidade de São Paulo.[81] No mesmo ano, 1955, foi publicado pela Confederação Arquidiocesana do Rio de Janeiro o livrinho *Missa Recitada* (36 páginas), com aprovação especial do Cardeal Câmara.[82]

No Rio de Janeiro, com anotações históricas e litúrgicas feitas por Frei Lucas Moreira Neves O.P., publicou-se também o livro *O Sacrifício da Missa. Ordinário segundo o rito dominicano* (Rio de Janeiro 1956). De 1956 ainda é a publicação de *Liturgia da Semana Santa restaurada, conforme a Edição Vaticana*, numa tradução dos beneditinos Dom Hildebrando Martins e Dom Marcos Barbosa ("Lumen Christi", Rio de Janeiro 1956).

Em São Paulo, Glória Regi publicou pelas Edições Paulinas, em 1958, um interessante missalzinho próprio para crianças que acabaram de fazer a primeira comunhão. Sob o título *Missal*, leva a doxologia: "Ao Rei dos Séculos, Imortal e Invisível, ao Deus Único, Honra e Glória nos Séculos dos Séculos. Amen".

Fato assaz importante foi, em 1958, depois de longo trabalho, o lançamento do *Pequeno Ritual Romano português-latino*, na IV Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), editado pela "Lumen Christi". Um acontecimento considerado "providencial". Finalmente saía no Brasil o Ritual Romano em língua vernácula.[83]

8-9). Seguem então, na mesma "explicação Prévia", considerações sobre o significado e valor da Missa, sobre a finalidade da Missa, sobre o preceito de assistência à Missa, sobre o modo de assisti-la, sobre as cores litúrgicas, sobre as principais vestes litúrgicas, e sobre os objetos litúrgicos" (*ibid.*, 12-18).

81. Na apresentação, diz o Pe. V. Vieira, Capelão da Pontifícia Universidade Católica: "A Missa quotidiana continua a ser para a maioria dos fiéis o mistério por excelência. Poucos se preocupam em penetrar-lhe o conteúdo e a beber-lhe a riqueza. E, enquanto o sacerdote no altar fala a Deus em nome dos fiéis, os fiéis conversam com os Santos as suas prediletas orações inhas particulares que nada têm a ver com o Mistério Eucarístico. Entristece verificar que a maior riqueza do cristianismo não é amada e vivida, por ser desconhecida... Esta é a verdade inegável ao menos no Brasil. Há, porém, graças a Deus e a Pio XII..., um movimento autênticamente católico que procura colocar nas mãos dos fiéis, devidamente instruídos, o Missal. Aqui está, pois, êste Missalzinho para crianças. É fruto de experiência. As Autoras, antes de o escreverem, ministraram aulas, ricas graças, a muitas crianças na Capela da Universidade Católica, procurando fazê-las entender o grande Mistério do altar. E o fruto foi consolador. De tais aulas é que surgiu êste trabalho. Nós o colocamos no Coração da Mãe de Deus..." (*Ceia do Senhor, op. cit.*, 3).

82. Texto da aprovação: "É com o mais vivo interesse que a Igreja vem incrementando cada vez mais a participação dos fiéis nas funções sagradas, especialmente no Santo Sacrifício da Missa. Neste intuito, determina o Concílio Plenário Brasileiro: 'os *fiéis acompanhem quanto possível as orações do sacerdote que celebra a Missa*', 355, § 2º) e sobre o mesmo assunto, assim se expressa o Sínodo Arquidiocesano: '*é de grande eficiência a prática de Missas recitadas e explicadas, podendo* (os sacerdotes) *ser nisto auxiliados por leigo piedoso e instruído que permaneça no meio ou atrás dos fiéis e siga literalmente o texto que lhe for dado*' (263, § 1º, a). Atendendo a estas determinações é que aprovamos para nossa Arquidiocese o presente texto de Missa Recitada, em que se procura seguir fielmente o ordinário da Missa; incluindo-se também as posições em que se devem manter os fiéis quando se tratar de Missas acompanhadas desta maneira. A fim de que se mantenha neste particular a mais perfeita uniformidade, confiamos à Confederação Católica Arquidiocesana o encargo de editar e difundir êste método, que esperamos seja adotado com proveito em tôdas as igrejas, capelas e educandários da Arquidiocese..." (*Missa Recitada, op. cit.*, 3-4).

83. Cf. *Comunicado Mensal CNBB* nº 70 (julho 1958), 15 (para esta revista passaremos a usar a sigla *C.M.CNBB*); cf. também notícia em *REB* 18 (1958), 827. Um pouco de história desta importante publicação: Em 1953, a pedido de uma comissão especial, nomeada pela CNBB, Dom Antônio de Almeida Lustosa, Bispo de Fortaleza, se encarregou de elaborar um projeto de tradução. Traduziu uma parte (Batismo e Matrimônio), que foi enviada a todas as circunscrições eclesiásticas para as devidas observações e correções (cf. *C.M.CNBB* nº 14 (nov. 1953), 1; nº 17 (fev. 1954), 3). O trabalho despertou vivo interesse. Das 61 respostas-depoimentos enviadas até setembro do mesmo ano, com as devidas correções e observações, geralmente de ordem estilística, a maioria aprova e elogia o trabalho. Muitos, movidos por grande entusiasmo, inclusive fazem votos para que logo *todo o Ritual* seja traduzido para o vernáculo, pois assim o povo pode entender melhor todas as cerimônias, o que o ajuda a se aproximar mais da Liturgia da Igreja (cf. *C.M.CNBB* nº 18 (março 1954), 4-6; nº 19 (abril 1954), 4-5; nº 20 (maio 1954), 4-5; nº 21 (junho 1954), 4-5; nº 22 (julho 1954), 3-5). O projeto foi então aprovado em setembro de 1954, na II Assembléia Ordinária da CNBB, sendo logo após

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Enfim, não poderíamos deixar de citar também a publicação, feita pelas Edições Paulinas (São Paulo), do *Missal Romano quotidiano em latim-português*, em 1959, com uma breve "Introdução" e considerações sobre a Santa Missa e o Ano Litúrgico, elaboradas pelo Pe. Tiago Alberione.[84]

Por estas publicações para servir diretamente ao culto se vê que também neste período não faltou no Brasil uma grande preocupação no sentido de facilitar (ajudar) aos fiéis uma melhor compreensão e participação no Santo Sacrifício.

6) *O trabalho de Dom Pedro Bandeira de Mello O.S.B., no Nordeste*

Já falamos longamente no capítulo anterior sobre o trabalho de Dom Bandeira de Mello difundindo os ensinamentos da "Mediator Dei" através das páginas de *A Tribuna*.[85]

No entanto, não foi só sobre a "Mediator Dei" que o nosso autor escreveu em *A Tribuna* dos anos 1948 a 1950. Cumpre-nos o dever de acrescentar aqui ainda — apenas citaremos rapidamente — o rico material em torno de outros temas litúrgicos.

Em primeiro lugar, damos a indicação de uma série de comentários em torno do Ano Litúrgico e festas litúrgicas, preparando o fiel leitor a viver intensamente o Mistério da respectiva Festa ou Período litúrgico que se celebra na Igreja. Assim temos artigos sobre o Advento,[86] sobre o Natal e sua Liturgia,[87] sobre o período e as festas pós natalinas.[88] Temos artigos sobre a Septuagésima,[89] a Sexagésima[90] e Qüinquagésima,[91] artigos sobre a Quaresma.[92] Temos artigos sobre a Páscoa e tempo pós-pascal,[93] sobre a festa da Ascensão[94] e sobre a solenidade das Rogações.[95] Temos artigos sobre Pentecostes e tempo depois de Pentecostes,[96] e artigos sobre festas

remetido à Sagrada Congregação dos Ritos que também o aprova (cf. *C.M.CNBB* nº 25 (out. 1954), 3; nº 26 (nov. 1954), 8; nº 47 (março 1956), 5). Em 1955, prosseguiu-se o trabalho para as outras partes do Ritual, com uma reação igualmente positiva e entusiasta (cf. *C.M.CNBB* nº 36 (set. 1955), 2; nº 39 (dez. 1955), 2-3; nº 42 (março 1956), 6-7). Enfim, em 1958, na IV Assembléia Geral da CNBB, se dará o lançamento oficial do Ritual, com aprovação da Sagrada Congregação dos Ritos, em decreto de 14-3-1958 (cf. *C.M.CNBB* nº 70 (julho 1958), 15; *REB* 18 (1958), 827).

84. *Missal Romano quotidiano latim-português*. Edições Paulinas, São Paulo 1959, 18-21. Sobre o Ano Litúrgico diz: "O ano litúrgico apresenta-se qual uma Grande Missa, a espelhar, renovar e perpetuar a história do Sacrifício de Cristo" (*op. cit.* 21).

85. Cf. supra, p. 231-234.

86. Cf. *A Tribuna* 4-12-48, 3; *id.* 11-12-1948, 3; *id.* 18-12-1948, 3; *id.* 26-11-1949, 3.

87. Cf. *A Tribuna* 23-12-1947, 5; *id.* 24-12-1948, 3.

88. Cf. *A Tribuna* 31-12-1948, 3. Sobre a Epifania: *A Tribuna* 10-1-1948, 3 e 8-1-1949, 3. Sobre o 2º domingo da Epifania: *A Tribuna* 15-1-1949, 3. Sobre as semanas que seguem a Epifania: *A Tribuna* 22-1-1949, 3. Sobre o 3º domingo depois da Epifania: *A Tribuna* 29-1-1949, 3. Sobre os dois últimos domingos da Epifania: *A Tribuna* 5-2-1949, 3.

89. Cf. *A Tribuna* 24-1-1948, 3; *id.* 12-2-1949, 3.

90. Cf. *A Tribuna* 31-1-1948, 3; *id.* 12-2-1949, 3.

91. Cf. *A Tribuna* 7-2-1948, 3; *id.* 12-2-1949, 3. Cf. também *A Tribuna* 19-2-1949 3 (= A Liturgia continua orientando para a preparação para o santo tempo da Quaresma e para a Páscoa).

92. Cf. *A Tribuna* 14-2-1948, 3; *id.* 29-2-1949. 3. Sobre a Quarta-Feira de Cinzas: *A Tribuna* 5-3-1949, 3. Sobre o 2º domingo da Quaresma: *A Tribuna* 21-2-1948, 3. Sobre o 3º domingo da Quaresma: *A Tribuna* 28-2-1948, 3. Sobre o 4º domingo da Quaresma: *A Tribuna* 6-3-1948, 3 e 26-3-1949, 3. Sobre o domingo da Paixão: *A Tribuna* 13-3-1948 e 2-4-1949, 3. Sobre o domingo de Ramos: *A Tribuna* 20-3-1948, 3. Sobre a Semana Santa: *A Tribuna* 9-4-1949, 3.

93. Cf. *A Tribuna* 3-4-1948, 3; *id.* 10-4-1948, 3; *id.* 7-5-1949, 3; *id.* 23-4-1949, 3. Sobre os 3 últimos domingos do tempo pascal: *A Tribuna* 17-4-1948, 3. Sobre o 5º domingo da Páscoa: *A Tribuna* 21-5-1949, 3.

94. Cf. *A Tribuna* 15-5-1948, 5 e 6.

95. Cf. *A Tribuna* 24-4-1948, 3; *id.* 1-5-1949, 3.

96. Cf. *A Tribuna* 22-5-1948, 3; *id.* 29-5-1948, 3; *id.* 26-6-1948, 3; id. 3-7-1948, 3; *id.* 10-7-1948, 3; *id.* 4-6-1949, 3; *id.* 27-8-1949, 3.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

como Corpus Christi,[97] do Sagrado Coração de Jesus[98] e da Assunção de Nossa Senhora.[99] Além destes, indicaríamos ainda dois artigos sobre o Ano Litúrgico,[100] dois artigos sobre o "Dia do Senhor,"[101] e uma série de artigos comentando o sentido do Santoral.[102]

É de se notar que a maioria dos artigos acima elencados baseiam-se em grande parte nas partes (textos) móveis das Missas das respectivas festas.

Além dos comentários em torno das festas e dos períodos do Ano Litúrgico, Dom Pedro Bandeira escreveu também sobre outros assuntos litúrgicos, como sobre a oração e apostolado,[103] sobre os sacramentais,[104] sobre a Paróquia como centro de vivência litúrgica e comunitária,[105] sobre o sentido da Hierarquia[106] e o poder de governo na Igreja.[107]

Enfim, indicamos ainda outros artigos, considerando a Liturgia como tal,[108] bem como a discutida questão da piedade católica,[109] sem deixar de citar também dois artigos comentando o 1° Congresso Litúrgico de Frankfurt, na Alemanha, de 20 a 22 de junho de 1950.[110]

Concluindo este item I sobre promoção do Movimento Litúrgico no Brasil através de publicações, no período que vai de 1947 a 1949, poderíamos dizer o seguinte:

a) Em relação ao período anterior à "Mediator Dei", diminuíram sensivelmente as publicações de maior fôlego (livros e artigos de revista) relacionados diretamente com a Liturgia e o Movimento Litúrgico.

b) Compreende-se: o trabalho concentra-se preferentemente na difusão das orientações da "Mediator Dei".[111]

c) Aparece um bom número de material litúrgico para as crianças acompanharem a Missa.

d) Considerável também é o cuidado em oferecer subsídios mais populares aos fiéis, procurando facilitar-lhes a participação e a compreensão da Santa Missa e da Liturgia em geral (Missais, Ritual, Folhetos, Ordinários da Missa, Missas Dialogadas, Missas Explicadas, Explicações da Missa, etc.).

97. Cf. *A Tribuna* 11-6-1949, 3.
98. Cf. *A Tribuna* 18-6-1949, 3.
99. Cf. *A Tribuna* 13-8-1949, 3.
100. Cf. *A Tribuna* 5-6-1948, 3; *id.* 18-12-1948, 3.
101. Cf. *A Tribuna* 17-6-1948, 3; *id.* 24-6-1948, 3.
102. Cf. *A Tribuna* 20-10-1948, 3; *id.* 6-11-1948, 3; *id.* 13-11-1948, 3; *id.* 20-11-1948, 3.
103. Cf. *A Tribuna* 21-8-1948, 3 (= Ação Litúrgica e Ação Católica completam-se!).
104. Cf. *A Tribuna* 14-5-1949, 3; *id.* 28-5-1949, 3.
105. Cf. *A Tribuna* 17-9-1949, 3; *id.* 24-9-1949, 3; *id.* 8-10-1949, 3; 15-10-1949, 3; *id.* 22-10-1949, 3; *id.* 29-10-1949, 3; *id.* 5-11-1949, 3.
106. Cf. *A Tribuna* 30-7-1949, 3.
107. Cf. *A Tribuna* 6-8-1949, 3.
108. Cf. *A Tribuna* 9-10-1948, 3 ("O ofertório realça o conceito cristão de comunidade e desperta o sentido paroquial"). Sobre o papel educativo da Liturgia da Igreja: *A Tribuna* 23-7-1949, 3. Sobre a Hierarquia (magistério, ministério e governo): *A Tribuna* 30-7-1949, 3. Liturgia não é uma questão arqueológica nem mesmo se limita a mera regulamentação oficial: *A Tribuna* 10-12-1949, 3. Série de artigos sobre *Catecismo e Liturgia: A Tribuna* 1-7-1950, 3; *id.* 22-7-1950, 3; *id.* 29-7-1950, 3; *id.* 5-8-1950, 3; *id.* 12-8-1950, 3; *id.* 19-8-1950, 3; *id.* 26-8-1950, 3; *id.* 2-9-1950, 3. Série de artigos sobre *Bíblia e Liturgia: A Tribuna* 9-9-1950, 3; *id.* 16-9-1950, 3; *id.* 23-9-1950, 3; *id.* 30-9-1950, 3; *id.* 7-10-1950, 3.
109. Sobre a piedade litúrgica e a piedade individual: *A Tribuna* 3-9-1949, 3. A oração litúrgica não exclui a oração individual: *A Tribuna* 10-9-1949, 3. A piedade católica é a litúrgica, sem exclusão das outras formas de piedade: *A Tribuna* 19-11-1949, 3 e 17-12-1949, 3.
110. Cf. *A Tribuna* 8-7-1950, 3 e 15-7-1950, 3.
111. Parte do capítulo anterior já o comprova.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

e) Procura-se manter o Brasil bastante informado do que acontece em outros países em torno do Movimento Litúrgico — especialmente, 1º Congresso Internacional de Liturgia Pastoral —, bem como dos documentos emanados da Santa Sé na promoção da Liturgia.

f) Sem desmerecer outros jornais católicos,[112] digno de nota é o trabalho de *O Legionário*, em nova fase, difundindo os ideais do Movimento Litúrgico, e o trabalho de Dom Bandeira de Mello nas páginas de *A Tribuna* promovendo o espírito litúrgico.

II. Semanas Litúrgicas e Cursos de Liturgia

Falamos há pouco da promoção da Liturgia e do Movimento Litúrgico no Brasil através da Imprensa, neste período pós "Mediator Dei". Além deste meio de promoção litúrgica, constatamos outros ainda muito importantes. Referimo-nos às chamadas "Semanas Litúrgicas" e Cursos de Liturgia, dos quais destacamos: 1) a Semana de Liturgia de Belo Horizonte (3 a 9 de setembro de 1950); 2) um Curso de Liturgia em Porto Alegre (20 a 27 de agosto de 1954); 3) duas promoções em São Paulo (uma Semana da Missa na Paróquia de São João Batista — 23 a 30 de outubro de 1949, e um Curso de Missa por correspondência).

1) *Curso de Liturgia em Belo Horizonte*

Como uma maneira típica de comemorar o Ano Santo de 1950, a Arquidiocese de Belo Horizonte programou para os dias 3 a 9 de setembro de 1950 uma Semana de Liturgia. Esta foi preparada e incentivada intensamente através de "Semanas de Liturgia" em todas as paróquias e através de uma ampla cobertura dada pelo jornal *O Diário*, com artigos doutrinários, inquéritos e informações diversas, na secção intitulada "Semana de Liturgia", especialmente aberta para a ocasião. Tudo sob o encargo de uma equipe de sacerdotes especialmente nomeados pelo Arcebispo Dom Antônio dos Santos Cabral.[113]

a) Preparação através de *O Diário*

Iniciemos falando do trabalho de *O Diário* na preparação para a Semana de Liturgia, especialmente através de artigos doutrinários, inquéritos e informações, preparados pela supracitada equipe de sacerdotes.

122. Cf. supra, p. 244, nota 2. Falaremos logo mais do grande trabalho prestado pelo *O Diário* a uma Semana de Liturgia em Belo Horizonte, em 1950, da qual passamos a falar logo mais. Notaremos também mais adiante a boa cobertura dada pelo *Jornal do Dia*, da Arquidiocese de Porto Alegre, a um Curso de Liturgia ministrado naquela cidade em 1954.

113. *O Diário* 14-6-1950, 3: "A organização da Semana Litúrgica está confiada a um grupo de sacerdotes, que se incumbiu de colaborar com os vigários na realização das Semanas Paroquiais e de manter, nesta página de O DIÁRIO, uma secção bissemanal de artigos, inquéritos e reportagens sobre os assuntos que constituirão objeto daquele certame". *O Diário* 21-6-1950, 3: "Somos 8 sacerdotes aprovados pelo Sr. Arcebispo que, divididos em duas equipes, nos oferecemos aos senhores vigários para, juntamente com êles, a partir da segunda quinzena deste mês de junho, realizarmos uma 'Semana de Liturgia' em tôdas as paróquias, em preparação à semana de 3 a 9 de setembro, que será Provincial". Desconhecem-se os nomes dos sacerdotes que compõem tal equipe, pois *O Diário* não os dá.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

1. Artigos doutrinários

Como parte desta preparação ressaltaríamos uma série de artigos doutrinários publicados pelo jornal, com o fim de oferecer subsídios para a reflexão sobre Liturgia, sobre Pastoral Litúrgica e Vida Paroquial, numa palavra, visando "esclarecer os fiéis sobre o alcance da Semana de Liturgia".[114]

Temos, por exemplo, um artigo intitulado "Paróquia e Liturgia", de A. B., traduzido do *L'Osservatore Romano*.[115]

Também publicou-se um artigo intitulado "A Comunidade Cristã", com o seguinte subtítulo resumindo o conteúdo geral do mesmo: "O Movimento Litúrgico: Seus esforços e seus perigos — a Missa e a comunidade sincera — na Igreja Primitiva — Hoje em dia — Mensagem para um novo amor".[116]

Outro artigo, de autor anônimo, intitula-se: "A Sagrada Escritura na vida cristã".[117] Depois, aparece o artigo intitulado "A primeira comodidade cristã".[118]

Foram também publicadas pelo *O Diário* as conclusões da Semana Litúrgica de Vanves (30 de abril a 4 de maio de 1946), em artigo intitulado "Catequese da Missa".[119]

Há um artigo sobre "Liturgia e Sagrada Escritura", de autor anônimo, refletindo sobre a função e importância da Palavra de Deus na Missa, nos Sacramentos em geral e no Ofício Divino.[120]

"A Liturgia, ação sagrada por excelência", é o título de um seguinte artigo, que traz o seguinte subtítulo: "Como fala Dom Bernardo Capelle, monge de Mont Cesar, procurando desvendar a verdadeira face da Liturgia".[121]

Num artigo do francês Robert Barrat, vem descrita a experiência nova de alguns monges beneditinos vivendo de maneira muito viva e ativa, dando

114. Cf. *O Diário* 14-6-1950, 3. Chamamos logo a atenção para o fato de que vários artigos são traduzidos com incompleta — e até errada — indicação do texto original, o que nos dificultou e até impossibilitou a identificação de sua fonte de origem.

115. Cf. *O Diário* 7-6-1950, 3. *O Diário* diz que o artigo se encontra publicado em *L'Osservatore Romano* de 10 de abril de 1950, quando, na realidade, se encontra em *L'Osservatore Romano* de 3-4 de abril de 1950.

116. Cf. *O Diário* 10-6-1950, 3. Como já advertimos anteriormente, trata-se de uma tradução com indicação incompleta da origem do texto. Apenas indica de maneira vaga, no fim, entre parênteses: "De uma publicação de 'Regnum Christi', Itália".

117. Cf. *O Diário* 14-6-1950, 3. O artigo se divide em três pontos: 1) A Sagrada Escritura na vida cristã; 2) A palavra da Igreja; 3) Novos rumos da pastoral litúrgica [Neste último ressaltaríamos a frase: "O nome de Pius Parsch já é hoje bastante conhecido, como um dos grandes propulsores do movimento de Liturgia Pastoral"].

118. Certamente deve-se ler: "A primeira comunidade cristã"! Foi publicado em *O Diário* 28-6-1950, 3. Como no caso acima (cf. supra, nota 116), o artigo traz apenas a vaga indicação: "De 'Regnum Christi", Italia". Divide-se em 4 pontos, a saber: 1) Comunidade de oração; 2) Comunidade de vida; 3) Pregação comunitária; 4) Todos um só, para que o mundo creia.

119. Cf. *O Diário* 12-7-1950, 3. Para o original, cf. *La Messe et sa catéchèse*, Vanves, 30 avril — 4 mai 1946 (= Lex Orandi 7), Paris 1947, 323-328. O artigo se divide em 4 pontos, a saber: 1) Missa e Catequese da Missa; 2) Objeto da Catequese; 3) Como deve fazer-se a Catequese; 4) Duas condições pressupostas para uma boa Catequese.

120. Cf. *O Diário* 22-7-1950, 3.

121. Cf. *O Diário* 2-8-1950, 3. É uma tradução de um trecho de um artigo de Dom Capelle (cf. original francês: CAPELLE, B., O.S.B., "Le vrai visage de la Liturgie". in AA.VV., *Le vrai visage de la Liturgie*. *op. cit.*, 135-139.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ao povo a imagem de uma religião sem formalismos, num subúrbio de Paris.[122]

Enfim, temos um artigo do Pe. Francisco Lage Pessoa, mostrando de maneira geral o sentido — e como será — da Semana de Liturgia de Belo Horizonte e, ao mesmo tempo, convidando a todos para tomarem parte desta manifestação religiosa.[123]

2. Inquéritos

Como subsídios para reflexão, discussão e propaganda em preparação à citada Semana de Liturgia de Belo Horizonte, são interessantes também alguns inquéritos feitos pela supracitada equipe de sacerdotes[124] junto a Vigários paroquiais sobre a vida litúrgico-espiritual dos fiéis, e publicados pelo *O Diário*.

Damos um apanhado geral do conteúdo das respostas, dos testemunhos dados por 5 Vigários a 5 perguntas a eles dirigidas.[125]

Negativamente: De maneira geral há uma grande ignorância quanto à Missa e os Sacramentos, principalmente na parte doutrinal. Não se tem a consciência de que a Missa é o ato essencial da vida cristã. Participa-se mais por "obrigação" e por "hábito" do que por convicção. Muitíssimas comunhões são feitas ainda apenas por devoção, sem ligação com a Missa. Numa palavra, de maneira geral ainda não há vivência da Liturgia. E é praticamente impossível que *todos* adquiram uma consciência verdadeiramente litúrgica.

Na administração do Batismo: curiosidade e distração. A maioria dos Batismos são feitos por devoção e conveniência.

122. BARRAT, R., "A glória e a honra de ser cristão", *O Diário* 19-8-1950, 3, trazendo este subtítulo (resumo do artigo): "L'hay-les-Roses testemunha a presença da Igreja nos tempos novos — Uma comunidade paroquial de suburbio, em Paris — Monges que realizam uma caridade ativa e eficaz — 'O sr. não prega para nós; o sr. conversa conosco' — Dar ao povo a imagem de uma religião sem formalismos". Infelizmente, *O Diário* não dá nenhuma indicação de onde extraiu o texto, como já o fez antes.

123. LAGE PESSOA, F., "Aproximação maior das fontes da santidade na Igreja", *O Diário* 27-8-1950, 3 e 9. Trata-se de uma palestra na Rádio Inconfidência. Aliás, ao lado de *O Diário não* podemos deixar de citar aqui também o trabalho desta Rádio: através de suas ondas o Pe. Lage Pessoa proferiu uma série de palestras em preparação à Semana de Liturgia *(ibid.)*; cf. "Comunicar uma mentalidade para a renovação que a Igreja quer", *O Diário* 1-9-1950, 3; cf. "Inicia-se amanhã a Semana de Liturgia", *O Diário* 2-9-1950. 3).

124. Cf. supra, p. 258, nota 113.

125. Nome dos Vigários: Pe. Osvaldo Motta Lírio (Paróquia de Sant'Ana da Serra), Pe. Geraldo Matosinhos (Paróquia Santa Efigênia dos Militares), Pe. Venâncio Hulselmans (Paróquia dos Sagrados Corações), Pe. Samuel de Gangi (Paróquia do Bom Jesus do Horto) e Padres da Paróquia da Floresta. As perguntas feitas, presentes em cada um dos artigos citados:

1º) Qual o fruto que V. Revma. espera do Ano Santo para a sua paróquia? Se fôsse uma consciência mais perfeita da vida sacramental da parte de todos os paroquianos? Acha possível conseguí-lo?

2º) A Missa é, na consciência dos fiéis, o ato essencial da vida cristã? e por que é a oração de Cristo em união com sua Igreja? Julga possível suscitar uma visão mais profunda do Santo Sacrifício nas associações paroquiais e no conjunto dos fiéis? Como?

3º) Que atitude os fiéis demonstram durante a administração dos sacramentos, especialmente o Batismo, Matrimônio e a Extrema-Unção? Compreenderão eles o papel dos sacramentos na vida cristã e pressentirão a riqueza oculta no aparato litúrgico que os envolve? Que meios V. Revma. sugeriria para reavivar-lhes a compreensão?

4º) Será a Sagrada Escritura objeto de leitura constante de seus paroquianos, influindo em tôda a sua piedade? Que meios, a seu ver, seriam eficientes para fazê-la conhecida?

5º) Demonstram seus paroquianos, uns com os outros e todos para com a V. Revma., estarem possuídos da convicção de constituírem um organismo vivo, célula da Diocese e da Igreja? Essa convicção é mais forte nos atos do culto? (cf. "Consciência mais perfeita da vida litúrgica", *O Diário* 17-6-1950, 3; "O povo em face da liturgia", *O Diário* 15-7-1950, 3; "'A Paróquia é e deve ser uma família'", *O Diário* 29-7-1950, 3; "Pregações e Cursos Paroquiais de Liturgia", *O Diário 5-8-1950*, 3; "Os fiéis amam sua Paróquia", *O Diário* 26-8-1950, 3).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Na celebração do Matrimônio predomina a preocupação com exterioridades apenas.

Diante do Sacramento da Extrema-unção os fiéis se apresentam com grande medo supersticioso.

A Sagrada Escritura não é conhecida, muito menos lida por quase todos.

Falta, enfim, por parte da maioria, uma autêntica consciência de vida paroquial como comunidade eclesial. Os fiéis são movidos mais por uma mentalidade individualista que comunitária, com ligações mais afetivas que vivencialmente responsáveis.

Positivamente: O povo é bom. Bom mesmo!

Em várias Paróquias já se realizaram Semanas do Missal, Semanas Litúrgicas ou Semanas Paroquiais, com resultados consoladores, mostrando que há por toda parte uma sede misteriosa das fontes de santificação. O povo gosta destas Semanas. Pregações constantes e insistentes sobre a Missa e os Sacramentos já mostraram bons resultados. Já se fez muita campanha do Missal. Em vários lugares dialoga-se a Missa. Há Paróquia em que durante o Batismo os fiéis dispõem de um folheto para acompanhar as cerimônias.

Existem uns grupos de católicos realmente conscientes da vida litúrgica e paroquial, com quem inclusive se pode contar no apostolado litúrgico. São principalmente os membros da Ação Católica.[126]

Constata-se também que, dentro da Paróquia, apesar do espírito individualista predominante nos paroquianos, pode-se dizer que existe sempre alguma ligação com a igreja paroquial, com o Vigário e companheiros de bairro, ligação afetiva que facilita muito no apostolado.[127]

Enfim, elogia-se a feliz iniciativa da Arquidiocese de Belo Horizonte de comemorar o Ano Santo com uma Semana de Liturgia, convocando a todos os fiéis para um estreitamento maior e mais consciente e ativo com a essência da vida cristã.

Sugestões: Para sanar o problema da ignorância e distanciamento da maioria dos fiéis em matéria de Missa e Sacramentos em geral, sugere-se antes de tudo pregação, muita pregação aos fiéis, insistente pregação, catecismo e estudo, começando pelas associações religiosas. Mas que a pregação seja simples, expondo de maneira simples a doutrina e a liturgia da Missa e dos Sacramentos.

Sugere-se que sejam realizadas, com freqüência, nas Paróquias, Semanas ou Tríduos sobre a Missa e Sacramentos.

126. Como testemunha o Vigário de Santa Efigênia: "...já existe uma elite de senhoras e sobretudo de moças da Ação Católica que não somente demonstram compreender de maneira crescente a Missa e a Liturgia em geral, mas que estão seriamente dispostas a ajudar o Vigário no trabalho de levar ao povo êste mesmo manancial, que é, sem dúvida, a fonte primária e indispensável do espírito cristão e da genuína piedade" ("O povo em face da liturgia", *O Diário* 15-7-1950, 3).

127. Como testemunha o Vigário do Bom Jesus do Horto: "...há qualquer coisa de instintivo da parte de nossos fiéis, para com a igreja paroquial, para com o vigário, para com os companheiros do mesmo bairro ou subúrbio, à espera de uma positivação, de um esclarecimento e de uma vida" ("Pregações e Cursos Paroquiais de Liturgia", *O Diário* 5-8-1950, 3).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sugere-se que se façam explicações da Missa pelo sacerdote durante a própria celebração, em domingos consecutivos, em todas as Missas. Sugere-se que mesmo pessoas da Ação Católica possam colaborar neste trabalho, com livrinhos especialmente compostos para tanto.

Sugere-se que haja sempre uma ligação entre o texto da Missa e a pregação. Além disso, que nas pregações seja mais abundante o uso de textos da Escritura. Pede-se incentivar a campanha do Missal.

Sugere-se que, no início, não se dialogue *toda* a Missa, mas apenas as partes mais incisivas e breves, para o que se pede sempre de novo a colaboração dos membros da Ação Católica. No entanto, deve-se ter sempre em mente que a dialogação é apenas um *instrumento* de participação. É necessário que se incuta nos fiéis o sentido profundo da celebração.[128]

Para o Batismo, Matrimônio e Extrema-unção sugere-se o uso da língua vernácula para a sua celebração. Para o Batismo, haja folhetos para acompanhar a cerimônia. Porém, tudo isto ainda não basta. Urge toda uma campanha de esclarecimento e doutrina, através de pregações freqüentes e insistentes, até mesmo através de cursos paroquiais sobre os Sacramentos.

Enfim, sugere-se maior divulgação da Bíblia, promovendo edições populares da mesma, para que os fiéis tenham maior e mais fácil acesso à Palavra de Deus.

São testemunhos e contribuições oferecidas por alguns Vigários ao jornal *O Diário* e, através de *O Diário*, a toda a Arquidiocese em preparação para a Semana de Liturgia.

Uma coisa se deduz: bastante já se fez. Mas muito está ainda por se fazer.

3. Notícias e informações

Além das sugestões doutrinárias, como também dos testemunhos de Vigários paroquiais acima considerados, digna de nota é a ampla cobertura dada pelo *O Diário* tanto às Semanas Litúrgicas paroquiais, como à própria Semana em si. Tudo foi amplamente noticiado e informado, apresentando programas e noticiando as realizações. Numa palavra, o próprio jornal como que colaborava a formar um clima favorável a uma ótima realização da tão esperada Semana de Liturgia. As afirmações que aqui fazemos se comprovam com as seguintes notícias que passamos a constatar.

b) Preparação através de Semanas Litúrgicas nas Paróquias

Como já acenamos acima, a Semana de Liturgia de Belo Horizonte foi preparada também — e especialmente — por Semanas Litúrgicas nas Paróquias da Arquidiocese, com um programa bem determinado e com boa concorrência de fiéis e com bons resultados.

1. Programa

Foram programados três dias especialmente dedicados à Santa Missa, focalizando-a "como oração da comunidade cristã, em união com seu chefe

128. Como adverte o Vigário de Santa Efigênia: "É indispensável. que se incuta a consciência do 'mistério', a presença do Senhor Jesus e de todo o ciclo de seus mistérios sacramentalmente renovados" ("O povo em face da liturgia", *O Diário* 15-7-1950, 3).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Jesus Cristo".[129] Foram três dias em que se visou inculcar nos fiéis, à luz da "Mediator Dei", "a idéia de comunidade cristã".[130] Isso teoricamente. Na prática:

> "Partiremos da 'santa Missa', procurando apresentá-la como uma realidade VIVA, como a própria comunidade cristã em oração e ação, sob a presidência da Hierarquia, em união com Cristo seu Chefe e Cabeça".[131]

Portanto, mais praticamente ainda, programou-se passar a Missa parte por parte, explicando aos fiéis o significado de cada parte e dos textos que a Liturgia oferece.

Para os três dias seguintes programou-se o estudo dos Sacramentos:

> "...passaremos a demonstrar ao povo, ainda de um modo quanto possível vivo e prático, a ação de Jesus Cristo dentro do âmbito da paróquia e da diocese, formando e fazendo desenvolver-se a família ou comunidade cristã, através dos sacramentos. E focalizaremos todos os sacramentos em ordem à Eucaristia, ao Altar".[132]

2. Como foram as Semanas Litúrgicas em algumas Paróquias

A equipe de sacerdotes encarregada de pregar as Semanas Litúrgicas testemunham, através de *O Diário*, o sucesso destas em algumas Paróquias.

Por exemplo, na Paróquia da Lagoinha, a Semana Litúrgica, realizada nos dias 3 a 8 de julho de 1950, concorrida por muita gente, ofereceu aos paroquianos momentos de vivo entusiasmo coletivo. É o que testemunha a equipe sacerdotal pregadora:

> "Muitos homens e rapazes, muitas senhoras e moças, seguindo atentamente as explicações nas palavras dos padres e na letra dos livrinhos que trouxeram consigo. Havia momentos de entusiasmo coletivo admirável: tôda a igreja se tornava orante, participando da dialogação das partes da missa mais acessíveis".[133]

Na Paróquia de Santa Efigênia, a Semana Litúrgica, realizada de 10 a 15 de julho de 1950, com a participação de numerosas pessoas, foi seguida com "vivo interesse", com "franco entusiasmo", com uma "notável espontaneidade" na ambientação com a Liturgia, e penetrando "suavemente" num grande "espírito de comunidade".[134]

129. Cf. "A Preparação nas Paróquias", *O Diário* 24-6-1950, 3.
130. Cf. "Preparação nas Paróquias", *O Diário* 21-6-1950, 3. Como se diz ainda textualmente: "A luz da Mediator Dei, que será a nossa orientadora, ...procuraremos incutir no povo os princípios fundamentais indispensáveis para uma compreensão orgânica e vital da S. Liturgia, que a nosso ver, segundo a encíclica, são os seguintes: 1) O mistério da ENCARNAÇÃO do Verbo, com suas conseqüências ainda as mais remotas. 2) O mistério da IGREJA enquanto Corpo Místico de Cristo e sua realidade 'sacramento'. 3) O HOMEM, espírito vivendo num corpo de carne, tributário de um CULTO INTEGRAL a Deus. 4) O homem, ser SOCIAL (Natural e sobrenatural) tributário de um CULTO COMUNITÁRIO ao seu Deus. Harmonia das partes e do todo, da pessoa e da comunidade" *(loc. cit.)*.
131. *Loc. cit.*
132. "A preparação nas Paróquias", *O Diário* 21-6-1950, 3. E continua: "Devido à escassês do tempo, vemo-nos obrigados a dividir os temas da seguinte forma: o quarto dia será consagrado aos sacramentos do batismo, da Crisma, e da Penitência, reservando o 5º e 6º, respectivamente, os sacramentos da Extrema-unção e do Matrimônio. O Sacramento da Ordem focaliza-lo-emos durante todos os demais" *(loc. cit.)*.
133. "Encerrou-se a Semana de Liturgia na Lagoinha", *O Diário* 9-7-1950, E continua: "Tinhamos bem viva a impressão do que podem os padres conseguir com uma catequese aturada dos temas fundamentais da MEDIATOR DEI, naturalmente fugindo sempre ao esquematismo superficial e rotineiro que imagina ter resolvido o problema, quando obteve a missa dialogada ou cantada pelo povo, ou parte do povo" *(loc. cit.)*.
134. "Semana de Liturgia em Santa Efigênia e Vila Concórdia", *O Diário* 16-7-1950, 3: "Foi com vivo interesse que o povo da Paróquia de Santa Efigênia acudiu ao apelo de seu vigario, sendo numerosos aqueles que acompanharam toda a Semana com o maximo interesse. Era notavel a espontaneidade com que o povo se ia ambientando com a liturgia: respondia às saudações e versículos em conjunto, deixando entrever como o espírito de comunidade estava penetrando suavemente, mas de

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Na Paróquia de Vila Concórdia, mais de 400 pessoas participaram da Semana Litúrgica com vivo interesse e grande assiduidade, num clima de grande simplicidade evangélica e de participação ativa:

> "A primeira impressão era a de que estavamos num clima eminentemente evangélico. Na verdade, tudo se fez dentro da maior simplicidade. Até o fim, notamos a mesma freqüência, o mesmo interesse e a mesma simplicidade".[125]

Na Paróquia dos Sagrados Corações foram "magníficos" os resultados obtidos pela Semana Litúrgica seguida por todos com grande interesse:[126]

> "Foi possível, dado ao povo o Espirito da Missa, com a cooperação de todos os Padres da Congregação, que estiveram toda a semana prontos para nos ajudar, conseguir a dialogação em aclamações solenes na lingua da Igreja. A apresentação da Liturgia Sacramental foi seguida e aprendida com o mesmo interesse. Homens, mulheres e crianças, nos bancos e junto à Mesa da Comunhão queriam ver e saber o que é o Batismo...[127]

Enfim, testemunha a equipe de sacerdotes encarregada de pregar as Semanas Litúrgicas nas Paróquias, em preparação à Semana de Liturgia Provincial:

> "Cada semana paroquial é um estimulo, a mais, para nos lembrarmos da exortação de Pio XII no fim da *'Mediator Dei'*: não desanimar em face do trabalho que, para nós, é um longinquo começo do que desejamos".[128]

Eis, pois, alguns dados colhidos de *O Diário* sobre a intensa preparação para a Semana de Liturgia em Belo Horizonte, de 3 a 9 de setembro de 1950. A mobilização era grande. Tanto é que, segundo o mesmo jornal, repercutiu até mesmo em outras dioceses de Minas. Basta dizer que em Diamantina, o Seminário Maior daquela Arquidiocese resolveu realizar também uma Semana Litúrgica, manifestando comunhão com a Arquidiocese de Belo Horizonte em preparação para a Semana de Liturgia.[129]

maneira forte, porque encontrava um povo bom e desejoso de conhecer e viver cada vez mais a vida da Igreja. As cerimonias da missa eram celebradas enquanto outro sacerdote as explicava. As noções eram todas baseadas nos gestos e nas palavras da liturgia. Foram objeto de atenção não só a missa como os sacramentos. Realizou-se uma explanação ilustrada pelas cerimonias, o que foi seguido com grande interesse". Além disso, o programa constou de projeções de diapositivos sobre a Missa e os Sacramentos, acompanhadas de explanações feitas por um sacerdote.

135. *Loc. cit.* Mais ainda: " ..nosso trabalho tomou logo no inicio o sentido de um dialogo com o povo. Um sacerdote explicava os pontos fundamentais da Liturgia, conforme o plano da semana. Outro, no meio dos fieis, fazia perguntas ou relembrava mais outro aspecto da mesma doutrina. E não faltavam as perguntas do proprio povo, que estava mesmo interessado a conhecer e viver essas riquezas da vida liturgica da Igreja... Houve... uma procissão do ofertório e da comunhão e o povo sentiu que devemos oferecer no Altar toda a nossa vida e nosso trabalho, representados naquelas ofertas. Do mesmo modo, a liturgia do batismo tomou um aspecto vivo, pois diante do povo procuramos mostrar a história e o sentido do catecumenato e logo depois o proprio Misterio do homem novo que sai das águas batismais. Tudo isto foi representado, e não apenas falado. E, assim, nossas reuniões tiveram um aspecto ao mesmo tempo doutrinario, intuitivo e alegre" *(loc. cit.)*.

136. "Semana Litúrgica na Paróquia dos Sagrados Corações", *O Diário* 8-8-1950, 2: "Começamos por mostrar ao povo a Comunidade que reza e que, por seu Sacerdote e junto com ele, sacrifica. Mais que respostas decoradas, em latim, interessa ao movimento liturgico a aquisição do espirito da Oração Comunitária e participação dos cristãos, no Sacrifício. A Liturgia é comunitaria. As formas, em latim, que o povo responde, devem ser a expressão desse espirito".

137. *Loc. cit.*

138. *Loc. cit.* Cf. "Mediator Dei", *op. cit.* 593.

139. "Repercute na Arquidiocese de Diamantina o congresso de setembro próximo", *O Diário* 19-7-1950, 3: "Por iniciativa e sob a direção do Sr. Pe. Resende..., o Seminário Maior de Diamantina decidiu levar avante uma Semana Litúrgica. Informados de que, em Belo Horizonte, vai-se realizar a primeira Semana Litúrgica, em setembro, resolveram os seminaristas desenvolver o seu trabalho num pensamento de comunhão com a Arquidiocese vizinha, e como uma preparação ao Congresso belorizontino que os empolga". A notícia foi levada à redação de *O Diário* pelo lazarista Pe. Domingos Guglielmelli, professor de Teologia e Filosofia no Seminário Maior de Diamantina *(loc. cit.)*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

c) A Semana de Liturgia de Belo Horizonte como tal

1. Finalidade

Antes de tudo é bom lembrar que o documento inspirador para este encontro de estudos foi a Encíclica "Mediator Dei". Assim:

> "Esta celebração da Província Eclesiástica de Belo Horizonte tem a finalidade de pôr mais uma vez em foco o importantíssimo tema da *Mediator Dei*, ...versando sôbre o sacerdócio de Nosso Senhor continuado atualmente na santa Igreja, por meio da Liturgia".[140]

Porém, há também, ainda, uma outra finalidade mais concreta e imediatamente pastoral: Inspirando-se na "Mediator Dei", pretende-se "preparar uma elite" que se encarregue de "levedar o ambiente" com o espírito litúrgico. Textualmente:

> "Procuramos ter diante de nós a linha essencial da encíclica *Mediator Dei*, estendendo-a do plano teológico para o plano pròpriamente litúrgico e pastoral. Não nos esquecemos além disto, de que semelhantes semanas raramente atingem a massa, tendo antes a finalidade de preparar uma elite, com a missão de levedar todo o ambiente".[141]

Portanto, a finalidade da Semana seria a de formar, inspirando-se na "Mediator Dei", líderes litúrgicos (elite) para as massas (ambiente), já em parte iniciadas e preparadas pelas Semanas Litúrgicas paroquiais.

2. Temário e programa desenvolvido

Vista a finalidade geral da Semana de Liturgia, vejamos agora, passo por passo, dia por dia, o temário e o programa seguido por este encontro belo-horizontino de estudos litúrgicos.

Primeiro dia (3 de setembro): Coincidindo com a comemoração do 25º aniversário de fundação da Juventude Operária Católica (JOC), a Semana de Liturgia foi inaugurada propriamente com uma Missa solene celebrada pelo Arcebispo Dom Antônio dos Santos Cabral, no adro da Catedral de Nossa Senhora da Boa Viagem, para e com os operários católicos. Dizia o Arcebispo na ocasião:

> "Mister se fazia que nós iniciássemos esta semana da Liturgia tendo o pensamento voltado para a JOC, que deve estar animada do espirito liturgico. Sem a compreensão dos mistérios da Liturgia nunca chegaremos a compreender a nossa vida cristã".[142]

E, quanto a esta Missa, temos esta notícia:

> "As orações do próprio dia foram lidas em voz alta pelo Revmo. Padre William Silva, ao passo que a missa foi dialogada pelos núcleos operários da Ação Catolica Arquidiocesana".[143]

À noite, às 20 horas, foi a abertura oficial da Semana, em sessão solene no auditório do Colégio Imaculada Conceição. Foi cantado por todos

140. "Inicia-se domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 31-8-1950, 3.
141. "Temário da Semana de Liturgia", *O Diário* 8-8-1950, 3. E continua: "O trabalho junto ao povo o estamos realizando nas Semanas Paroquiais, que também o dispuseram a esta visão mais alta e profunda, mas nem por isto menos realista e incarnável da Liturgia" *(loc. cit.)*.
142. "Belo Horizonte celebra desde domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 5-9-1950, 3; cf. também "Inicia-se hoje a Semana de Liturgia", *O Diário* 3-9-1950, 3. Para o programa geral da Semana, cf. também "Temário da Semana de Liturgia", *O Diário* 9-8-1950, 3; "Inicia-se domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 31-8-1950, 3; "Comunicar uma mentalidade para a renovação que a Igreja quer", *O Diário* 1-9-1950, 3.
143. "Belo Horizonte celebra desde domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 5-9-1950, 3.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

o "Credo". Então, Dom Cabral, tomando a palavra de abertura da sessão, num tom levemente ressentido, fala do anseio que sempre teve, de realizar uma Semana Litúrgica na Arquidiocese, mas que, por circunstâncias alheias à sua vontade, nunca o tinha conseguido. No entanto, agora, com a segurança da "Mediator Dei", podia finalmente realizar decididamente o seu grande sonho.[144] Homenageia a JOC pelo seu jubileu. Agradece a presença de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral (Bispo de Uberaba) e de Dom José Medeiros Leite (Bispo de Oliveira). E enfim, voltando a falar da Liturgia, passa a advertir:

> "Esse cristianismo falso, alimentando-se apenas das aparencias, deve dar lugar ao cristianismo plenamente vivido, alimentado pelo total conhecimento da Liturgia".[145]

Seguiu uma conferência, proferida por Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, intitulada: "Diocese, Paróquia e Família: Comunidade de oração".[146]

Do programa desta sessão constou ainda o seguinte:

> "1 — 'As duas fumaças', de Catulo da Paixão Cearense, por uma jocista de Nova Lima; 2 — 'A Igreja está conosco', mistério de Dom Marcos Barbosa, O.S.B., representado por um jovem operário; 3 — 'Alleluia' (tempo pascal) trecho de gregoriano, executado pela Juventude feminina Católica; 4 — Aclamações em gregoriano; 5 — Hino Internacional da JOC".[147]

Segundo dia (4 de setembro): Às 7,30 horas, Missa dialogada para homens e rapazes na Igreja São José, e para senhoras e moças na igreja de Lourdes. Às 9 horas, aulas e círculos de estudos sobre o assunto do dia.[148]

À noite, às 20 horas,[149] em sessão solene, o beneditino Dom Estêvão Bettencourt apresentou uma conferência sobre "A Sagrada Escritura em função do Mistério". Seguiu-se uma execussão do "Kyrie" (Fons bonitatis) e uma dramatização sobre "A Sagrada Escritura na Ante-Missa", a cargo de elementos da Juventude Católica de Belo Horizonte. Aclamações em canto gregoriano também não faltaram. Enfim, foi apresentada uma "interessante palestra" de Mr. l'Abbé Ferdinand Portier, discorrendo sobre o Movimento Litúrgico em franco progresso na França.[150]

144. *Loc. cit.*: ...foi sempre o meu anseio fazer com que na Arquidiocese de Belo Horizonte se realizasse uma Semana Liturgica... Circunstancias alheias á nossa vontade forçaram o adiamento da Semana. . Efetivamente, levamos a efeito a nossa Semana de Liturgia algum tempo depois da publicação da extraordinária enciclica 'Mediator Dei', de Pio XII, que será o centro de nossos estudos. Seriamos acoimados de 'liturgistas' — se promovessemos a Semana de Liturgia antes da publicação da 'Mediator Dei'. Agora podemos caminhar tranquilos porque estamos em companhia do Papa, o mais liturgico e o mais autentico interprete da Igreja, porque iluminado pelo Espirito Santo. O estudo da 'Mediator Dei' nos dará impeto para esse movimento de renovação que é realizado pela Ação Católica. Vamos cuidar da revitalização da comunidade cristã". Transparece nestas palavras evidente ressentimento pelas antigas polêmicas litúrgicas que já nos são conhecidas. Lembramos o Congresso Litúrgico de 1943 que não se realizou, etc. (cf. supra, p. 193).

145. "Belo Horizonte celebra desde domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 5-9-1950, 3.

146. Aqui deparamo-nos novamente com um limite: Desta conferência, como de todas, infelizmente não dispomos do texto integral, senão apenas dos títulos e breves resumos e textos apresentados pelo *O Diário*.

147. "Belo Horizonte celebra desde domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 5-9-1950, 3.

148. Esta parte do programa seguiu inalterada, todos os dias, até o dia 9 de setembro, sendo para as aulas às 9 horas assim distribuído o pessoal: "1) — Para homens e rapazes, no Salão de São José; 2) — Para senhoras, no Salão de Lourdes; 3) — Para moças, no Salão da Imaculada; 4) — Para sacerdotes e seminaristas, no Salão da Boa Viagem, sendo mestre Dom Alexandre Gonçalves do Amaral" ("Inicia-se hoje a Semana de Liturgia", *O Diário* 3-9-1950, 3; cf. "Inicia-se domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 31-8-1950, 3).

149. E o horário de todas as sessões solenes, sempre no Salão do Colégio Imaculada Conceição.

150. Cf. "Inicia-se domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 31-8-1950, 3; "Belo Horizonte celebra desde domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 5-9-1950, 3.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Terceiro dia (5 de setembro): À noite,[151] foi apresentada pelo Pe. Juvenal Arduini, Reitor do Seminário de Uberaba, uma "notável" conferência sob o tema "Mistério, Sacramento da União de Cristo com sua Igreja". Sobre a conferência observa *O Diário:*

> "Com a agudeza de conceitos, a elevada cultura que todos lhe reconhecem, o sacerdote discorreu sôbre o sacrifício da Missa, bem como acêrca do grandioso e oportuno movimento litúrgico, expressamente recomendado, e enaltecido na Encíclica *'Mediator Dei'*, de Pio XII. Mostrou como êsse movimento 'não é moda, mas posição essencialmente católica'".[152]

Seguiu-se no programa uma parte artística constituída de um canto coral do "Credo" e da representação de um "mistério" sobre o Sacramento do Matrimônio.[153]

Quarto dia (6 de setembro): A conferência deste dia esteve a cargo do dominicano Frei Estêvão Cardoso Avelar, que discorreu de maneira "elucidativa e clara" sobre "Os sete Sacramentos — Difusão do Mistério na vida cristã", diante de um auditório bem concorrido.[154]

Seguiu-se a parte artística da sessão:

> "Um expressivo 'misterio' — o 'Misterio da Veste', de autoria de D. Marcos Barbosa, O.S.B.. foi levado á cena, desempenhado por elementos da Ação Católica e dos Colegios da Piedade e Sagrado Coração de Jesus. As jovens alunas dos referidos Colegios contribuiram para o explendor dos coros, que cantaram o 'credo' e outros motivos sacros".[155]

Quinto dia (7 de setembro): Com a presença do Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, e dos seminaristas de Diamantina, presença que veio empolgar mais ainda a Semana, foi apresentada à noite pelo Pe. Paulo Fernandes, Vigário-cooperador da Floresta, uma erudita conferência sobre "Os Sacramentais — assunção do Universo pela Igreja".

Nota "brilhante e belíssima" deram à sessão as apresentações artísticas:

> "O côro do Seminário cantou, em gregoriano, algumas partes da missa da Ascenção. Também... levou-se á cena um misterio desse grande poeta que é D. Marcos de Araujo Barbosa, O.S.B., desempenhado por vários rapazes da A.C. e focalizando a Igreja, desde a profecia e através da realidade do mundo".[156]

Sexto dia (8 de setembro): Na costumeira sessão solene da noite, discorreu "magistralmente" neste dia o lazarista Pe. José Telles Arruda, Vigário da Gameleira, sobre o tema: "À procura de uma Liturgia pastoral", abordando sobretudo o problema da participação do povo na Missa.[157]

151. A parte da manhã segue o programa de sempre, para todos os dias, sem alteração, segundo já indicamos acima (cf. supra, nota 148).
152. "Semana Litúrgica de Belo Horizonte", *O Diário* 6-9-1950, 3.
153. *Loc. cit.*
154. "Prossegue com brilho a Semana de Liturgia", *O Diário* 7-9-1950, 3: "'A Liturgia é a continuação, pela Igreja, do ofício sacerdotal do Cristo' — disse o Revmo. Frei Estêvão de Avelar. Essa conferencia, elucidativa e clara, plasmada nas mais expressivas lições de Santo Tomás de Aquino e com repetidas citações da encíclica 'Mediator Dei', foi uma utilíssima lição de teologia, proferida por verdadeiro mestre. Mostrou o ilustre dominicano o carater sacramental da Igreja e expôs a contextura do sacramento (materia e forma). Deteve-se, com especialidade no exame do maior de todos, que é a Eucaristia".
155. *Loc. cit.*
156. "A Semana de Liturgia empolga os meios católicos", *O Diário* 9-9-1950, 3. O programa da manhã sofreu uma leve modificação neste dia. O círculo de estudos dos homens se realizou das 17 às 18 horas, numa das salas do Convento dos Redentoristas.
157. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sétimo dia (9 de setembro): Na última sessão solene, marcada pela presença de Dom Motta (Cardeal Arcebispo de São Paulo), de Dom Cabral, de Dom Amaral e Dom Medeiros Leite, e marcada também por números festivos de canto coral [158] e por agradecimentos, [159] o carmelita Frei Anselmo pronunciou uma conferência sobre o tema: "A Liturgia, Alma de todo Apostolado", que assim enunciou a sua tese:

> "Se não se concebe o apostolado se mvida interior, se a Liturgia concentra a vida interior e lhe dá forma, torna-se claro que é impossivel fazer apostolado sem liturgia". [160]

Encerramento: O encerramento da Semana deu-se no dia seguinte, 10 de setembro, com Missa dialogada, às 8 horas, na Matriz da Floresta, celebrada pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta. [161]

Concluindo, podemos dizer que foi realmente grande e vasto o trabalho desenvolvido em Belo Horizonte na e para a Semana de Liturgia, no sentido de — agora com o estímulo e a segurança dos ensinamentos de Pio XII na Encíclica "Mediator Dei" — levar a Liturgia ao melhor conhecimento e participação dos fiéis. Como conclui *O Diário:*

> "O campo ficou bem preparado. Centenas de fiéis em todas as paróquias, já estão compreendendo melhor os atos do culto e se acham em condições de acompanhar as orações oficiais da Santa Igreja. O resultado não poderá deixar de ser auspicioso: ama mais o que mais se entende. Advirá para esta Cidade Eucaristica maior fervor ainda e maior aperfeiçoamento da vida cristã. [162]

Em outras palavras, a Semana de Liturgia com toda a sua intensa preparação mostra que em Belo Horizonte — agora com o incentivo dado pelos ensinamentos da "Mediator Dei" — prossegue-se num real esforço no sentido de popularizar a Liturgia.

2) *Um Curso de Liturgia em Porto Alegre*

Também em Porto Alegre tomou-se consciência do "individualismo avassalador que toma conta da vida moderna", exigindo-se uma reação

158. "Encerra-se hoje a Semana de Liturgia", *O Diário* 10-9-1950, 3: "Os 'Pequenos trovadores de Deus', meninos cantores da paroquia de São Francisco, de Carlos Prates, dirigidos pelo Revmo. Frei Antonelli, emprestaram brilho invulgar á parte artistica. Á entrada dos altos dignitarios cantaram eles o 'Ecce Sacerdos'. Depois, ainda se fizeram ouvir em outros numeros".

159. *Loc. cit.*: "Saudando S. Eminencia o Sr. Cardeal Motta, falou o Revmo. Pe. João Batista de Freitas, que enalteceu os meritos do ilustre purpurado. S. Revma., em nome dos promotores da 'Semana', agradeceu aos Exmos. Srs. Bispos de Uberaba e Oliveira e aos conferencistas e a quantos contribuiram para o brilho da Semana, nomeadamente, ao Revmo. Clero e seminaristas desta Capital e de Diamantina, aos elementos da Ação Catolica, aos colegios, aos Revmos. Vigarios de São José e de Lourdes, aos congregados marianos, a O DIARIO e outros orgãos da imprensa, ás revmas. Monjas da Abadia de Nossa Senhora, ao Colegio da Imaculada Conceição, na pessoa de sua Revma. Diretora".

160. *Loc. cit.* Enfim, Dom Motta, tomando a palavra, exaltou o progresso litúrgico em Belo Horizonte sob o estímulo de Dom Cabral *(loc. cit.)*.

161. *Loc. cit.*

162. *Loc. cit.* Convém ressaltar também o destaque dado pelo *O Diário* à obra do beneditino Dom Marcos Barbosa apresentada nesta Semana: "...é preciso dizer alguma coisa a respeito dos 'Misterios' que tem sido encenados nas sessões solenes. Notadamente os do grande apostolo da liturgia, o bom beneditino que é Dom Marcos Barbosa. Ele soube, com a inspiração dos artistas, tornar agradaveis e até atuais as cenas do velho estilo. Semelhantes entrechos bem poderiam merecer maiores ambientes, quando se pensar seriamente, no Brasil, a respeito do verdadeiro teatro" *(loc. cit.)*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

urgente e bem ordenada, em submissão às sábias orientações da Igreja.[163] A realidade está aí com uma Liturgia quase completamente desconhecida dos católicos:

> "Infelizmente, ...a Liturgia é a grande esquecida na vida religiosa da grande maioria dos católicos. Não precisamos ir longe: quantos fiéis, cumpridores do preceito dominical, compreendem a Missa? Sabem o seu verdadeiro e grandioso significado?... [164]

Diante desta situação, e para começar sanar esta situação, é que a Arquidiocese de Porto Alegre, tendo à sua frente o Arcebispo Dom Vicente Scherer, programou para os dias 20 a 27 de julho de 1954 um Curso de Liturgia, destinado não apenas para sacerdotes e religiosos, mas para todos os fiéis interessados. O Curso procurou ter, pois, caráter eminentemente popular.

Para ministrar o Curso foram convidados dois ilustres beneditinos do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro: Dom Clemente Isnard e Dom Marcos Barbosa.

O Curso seguiu o lema "Liturgia e Espiritualidade", visando a valorizar devidamente o Movimento Litúrgico, dentro do espírito da "Mediator Dei", tendo no programa os seguintes tópicos a serem tratados: Natureza da Liturgia; notas de história da Liturgia e o Movimento Litúrgico; formação da mentalidade pela Liturgia; o Batismo; a Crisma; a Missa; a Penitência; os Sacramentais; a oração litúrgica; o Ano Litúrgico; arte sacra em geral; decoração das igrejas; vestes litúrgicas; preparação para a primeira comunhão; festas religiosas; etc. Falando ainda do programa, as aulas foram programadas para dois turnos: *diurno* (8 às 11 e 14 às 17 horas, com Missa dialogada às 8 horas na Capela da Pontifícia Universidade Católica) e *noturno* (20,15 às 22,15 horas, com Missa dialogada às 7,30 horas na igreja de Nossa Senhora do Rosário).

Local do Curso: Pontifícia Universidade Católica (PUC), cujo Reitor era o Cônego Alberto Etges, depois Bispo de Santa Cruz.[165]

O sucesso foi imediato. Mais de meio milhar de inscrições no início, número que logo depois subiu para mais de mil. Desde o início despertou grande interesse, atraindo sempre maior número de pessoas para escutar uma palavra sobre as belezas e as riquezas da Liturgia. Basta ver os títulos dados pelo *Jornal do Dia* informando sobre o evento: "Inaugurado ontem o Curso de Liturgia na PUC. Grande interêsse pela matéria.. "; [166]

163. "Liturgia e Espiritualidade", *Jornal do Dia* 15-7-1954, 4: "Quando se medita um instante sôbre o individualismo avassalador que toma conta da vida moderna, ...chegava-se à conclusão de que a reação urge e bem ordenada. O individualismo instala-se também na vida religiosa, com graves prejuízos para a espiritualidade. Neste terreno, como em tudo o que se refere à espiritualidade, devemos seguir submissos a orientação e as preciosas lições da Igreja. Não queiram inovar, modificar, 'modernizar' aquilo que o espírito tradicionalista oferece. Quando a Igreja, com sua sabedoria divinamente inspirada, entende de introduzir reformas, então, sim, adaptemo-nos a tais inovações, que sempre são benéficas e visam a atender as necessidades modernas. Temos, como dois exemplos flagrantes, as missas vespertinas e a alteração do jejum eucarístico...".

164. *Loc. cit.*

165. *Loc. cit.*: cf. também "O Curso de Liturgia inaugura-se dia 20" *Jornal do Dia* 15-7-1954, 8; "Inscrições na PUC e na igreja do Rosário", *Jornal do Dia* 16-7-1954, 8; "Instala-se, hoje, o Curso de Liturgia da Arquidiocese", *Jornal do Dia* 20-7-1954, 8; "Curso de Liturgia", *Unitas fasc.* 3 (set. 1954), 223. Segundo Dom Isnard, o Curso foi *organizado* pelo Cônego Alberto Etges, "sob os auspícios da Universidade Católica local" (cf. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 227), o que pelo jornal da Arquidiocese de Porto Alegre, *Jornal do Dia*, não vem dito.

166. *Jornal do Dia* 21-7-1954, 8.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Mais de meio milhar de pessoas no Curso de Liturgia"; [167] "Invulgar interêsse pelo Curso de Liturgia"; [168] "Verdadeiras multidões têm buscado os salões da P.U.C.". [169] Enfim, comenta o *Jornal do Dia:*

> "Foram dias da mais alta espiritualidade e de intensa atividade cultural êstes do Curso de Liturgia, o que levou aos salões da Pontifícia Universidade Católica verdadeiras multidões de pessoas tanto da capital como do INTERIOR. [170]

Foi uma boa introdução à Liturgia:

> "Os dois ilustres conferencistas, com muita piedade e profundo saber, introduziram os ouvintes no conhecimento da vida litúrgica e do sentido do culto sacramental e divino". [171]

E Dom Clemente Isnard, anos mais tarde, observa:

> "Essa semana parece ter tido grande influência na divulgação do movimento pelo Rio Grande do Sul". [172]

Numa palavra, também a Arquidiocese de Porto Alegre, finalmente, em 1954, aceitou o urgente desafio do Movimento Litúrgico: desvendar aos fiéis as belezas e riquezas da Liturgia e levá-los a dela participar de modo consciente, vivo e intenso.

3) *Duas promoções em São Paulo*

De São Paulo, destacamos duas escassas, porém importantes, notícias que nos vêm através de *O Legionário:*

a) Semana da Missa na Paróquia de São João Batista

Visando proporcionar aos paroquianos a oportunidade de um conhecimento mais profundo sobre o Santo Sacrifício da Missa, a Paróquia São João Batista, em São Paulo, organizou para os dias 23 a 30 de outubro de 1949 uma Semana da Missa.

Pregador da Semana: o nosso já conhecido Dom Polycarpo Amstalden O.S.B., autor da publicação do *Folheto Litúrgico.*

Além das palestras, no programa constou uma exposição de paramentos e objetos sagrados de uso no Santo Sacrifício, além de Missas dialogadas às 6,30 horas dos dias 26, 27 e 28. [173]

Na escassez de informações a respeito desta Semana, pode-se perceber que em São Paulo o Movimento Litúrgico continua a desenvolver seu trabalho.

167. *Jornal do Dia* 22-7-1954, 8.
168. *Jornal do Dia* 23-7-1954, 8.
169. *Jornal do Dia* 24-7-1954, 8; cf. ainda "Prossegue hoje o Curso de Liturgia", *Jornal do Dia* 25-7-1954, 8; "Encerra-se hoje o Curso de Liturgia", *Jornal do Dia* 27-7-1954, 8: "Teve o maior êxito a palestra realizada na noite de domingo último por Dom Clemente Isnard..., e intitulada *O Mistério do Lenho e a Eucaristia*".
170. "Encerrado o Curso de Liturgia e Espiritualidade. Homenagem a Dom Clemente Isnard e Dom Marcos Barbosa O.S.B. ." *Jornal do Dia* 28-7-1954, 8.
171. "Curso de Liturgia", *Unitas* fasc. 3 (set. 1954), 223.
172. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências. ", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 227, dando ainda esta curiosa observação: "O arcebispo Dom Vicente Scherer que lhe dera sua aprovação, assistiu no dia 25 de julho a primeira missa dialogada celebrada de frente para o povo em Porto Alegre" *(loc. cit.)*.
173. "Semana da Missa na Paroquia São João Batista — De 23 a 30 de outubro", *O Legionário* 23-10-1949, 7.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

b) Um Curso de Missa por correspondência

Até isso foi inventado! Um Curso de Missa por correspondência! Pode-se dizer: uma idéia bem original, surgida em São Paulo em 1952.

> "Em que consiste o CURSO POR CORRESPONDÊNCIA? Consiste em 20 lições que abrangem tudo o que um fiel deve saber sobre a essencia e as cerimonias da Missa".[174]

Os interessados mandam o nome (ou pseudônimo) com o pedido para o "Centro do Curso de Missa por correspondência",[175] onde são matriculados, recebendo, pelo correio, a primeira lição.

> "Cada uma lição contém uma explicação de determinados pontos da Missa e uma série de perguntas sobre os mesmos pontos".[176]

Então, recebida a lição, o cursista a lê atentamente, devendo em seguida responder a várias perguntas na mesma folha de papel enviada, remetendo-as para o "Curso de Missa", que as corrige e as envia de volta ao cursista, com uma nova lição a ser estudada.

Responsável pelo Curso:

> "Com a aprovação e as bênçãos do... Cardeal Motta, Arcebispo de S. Paulo, este CURSO está a cargo de Frei João José Pedreira de Castro, O.F.M. Este sacerdote franciscano prontifica-se a qualquer pergunta que sobre a Missa lhe for feita, reconhecendo-se sumamente feliz se por meio deste CURSO por correspondência puder levar alguém a conhecer melhor e amar mais ardentemente a HOSTIA SANTA de nossos ALTARES".[177]

Não deixa de ser uma iniciativa original e interessante na promoção do conhecimento da Missa. O alcance de seu sucesso resta por ser ainda estudado... Contudo, a iniciativa mostra que pelos mais diversificados meios se buscava levar a Missa ao povo.

4) *Sem esquecer de outros...*

Como último ponto deste item II, gostaríamos de fazer ainda outras considerações:

Em primeiro lugar, não poderíamos deixar de lembrar o testemunho dado por Dom Hildebrando de Melo a respeito de Dom Pedro Bandeira de Mello e as Semanas Litúrgicas por ele pregadas:

> "Organizou e dirigiu dezenas de Semanas da Missa. Nestas Semanas Litúrgicas, explicava os ritos sacros e a teologia sacramental. Usava cartazes e projetava 'slides' para vizualizar os seus ensinamentos litúrgicos. Usava ainda a dramatização através de paraliturgias e autos sacros".[178]

Portanto, como Dom Hildebrando mesmo afirma, Dom Bandeira de Mello, além de apóstolo da Liturgia através das páginas de *A Tribuna*, tornou-se também "um mestre autêntico de Liturgia através de uma catequese litúrgica dinâmica e atualizada".[179]

174. "Curso de Missa por correspondência", *O Legionário* 29-7-1952, 7. O curso é gratuito. Paga-se apenas os selos para o correio.
175. Endereço do Centro: Rua Pires da Mota 1116, Ginásio das Irmãs Dorotéas — São Paulo.
176. "Curso de Missa por correspondência", *O Legionário* 29-7-1952, 7.
177. *Loc. cit.*
178. MELO, H. de, O.S.B., "Dom Pedro Bandeira", *art. cit.*
179. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Além do trabalho de Dom Bandeira de Mello, lembramos também o apelo e o testemunho do Bispo de Belém do Pará, Dom Gaudêncio Ramos, em uma Pastoral de 7-9-1952, no sentido de se prosseguir com as "Semanas da Missa", a exemplo das que já se têm feito na Arquidiocese.[180]

Enfim, não podemos deixar de ao menos fazer deferente referência a todas aquelas promoções do gênero das Semanas e Cursos de Liturgia, pelo Brasil afora, que por acaso aqui permaneceram no anonimato. Lembramo-nos, por exemplo, do que escrevia Dom Hildebrando Martins O.S.B., já em 1949:

> "Desde a promulgação da Encíclica Mediator Dei... Por tôda parte se tem procurado explicar aos fiéis em 'semanas da Missa', nas paróquias, nos colégios, nos catecismos e nos círculos de estudos de Ação Católica, o significado teológico e histórico da Santa Missa".[181]

A todos e a tudo o que aqui — devido aos nossos possíveis limites — permaneceram por acaso no anonimato, a nossa homenagem e nosso respeito.

III. Promoção da música sacra, especialmente gregoriana

Sobretudo a partir de 1950 começou a se acentuar o cultivo do canto gregoriano no Brasil, como um meio de participação e solenização do culto. Daí, como último ponto, precisamos dizer uma palavra também sobre a promoção do canto gregoriano, sobretudo no Rio de Janeiro, mas também em outros lugares.

1) *No Rio de Janeiro*

Referimo-nos principalmente a três tipos de trabalhos que se desenvolveram conjuntamente na então capital do país: a fundação da Escola Pio X de canto gregoriano, a fundação — nesta mesma Escola — de uma revista de difusão do gregoriano, e a realização das chamadas "Semanas Gregorianas".

a) Fundação da Escola Pio X[182]

A idéia de fundar um Curso de canto gregoriano no Rio de Janeiro surgiu da dominicana Madre Marie Rose Porto, assistindo aulas de A. Le Guennant no "Institut Grégorien de Paris", onde estudou por três anos e meio.

Voltando ao Brasil, a partir de julho de 1950 Madre Marie Rose tratou de entrar logo em contacto com o Cardeal Arcepispo Dom Jaime de Barros Câmara, com o Mons. João Batista da Mota e Albuquerque, Presidente da

180. *Instalação da Arquidiocese de Manaus. Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos*, Manaus 1952, 22.

181. MARTINS. H., O.S.B., O.S.B., *O Nosso Sacrifício*, "Lumen Christi", Rio de Janeiro 1949, 8.

182. Cf. PORTO, M. R., O.P., "A vida da Escola Pio X", *Boletim da Escola Pio X*, nº preliminar (out. nov. dez. 1952), 4-21; *id.*, "A vida da Escola Pio X", *Boletim da Escola Pio X*, nº preliminar (jan. fev. março 1953), 9-10; cf. "Le Chant Grégorien au Brésil", *Revue Grégorienne* 31 (1952), 146, com um artigo do crítico musical brasileiro MURICY, A., "Le chant grégorien, art et beauté", *ibid.*, 146-147 (cf. original português: "O Gregoriano, arte e beleza", *Boletim da Escola Pio X*, nº preliminar (out. nov. dez. 1952), 22-24); cf. BIHAN, J., "Le voyage au Brésil de M. Le Guennant et de M. l'abbé Bihan", *Revue Grégorienne* 31 (1952), 240-244.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Comissão Arquidiocesana de Música Sacra, com o Abade do Mosteiro de São Bento, Dom Martinho Michler, e outros.

Estabelece-se um vaivém de idéias e informações. Madre Marie Rose recebe todo o apoio das Autoridades eclesiásticas. E por fim fica determinado que a partir de setembro de 1950 o Curso de canto gregoriano iria funcionar mesmo, com o nome de Escola Pio X, sob o patrocínio da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra e sob a inspiração do "Institut Grégorien de Paris".

Faz-se propaganda. Aparecem pessoas para estudar. O número vai aumentando. E a 1º de outubro a Escola já contava com 35 alunas (14 religiosas e 21 leigas).

O Curso dividia-se em 3 ciclos: 1) *Ciclo A* — curso de 3 anos para formação de professores técnicos e regentes de coro; 2) — *Ciclo B* — curso de 3 anos com uma aula por semana; 3) *Ciclo C* — curso gratuito para domésticas.

Aulas dadas: Canto gregoriano; Liturgia; Latim; Solfejo; e, mais tarde, impostação da voz.

Apesar da desistência de várias alunas, pode-se dizer que a Escola estava fadada a fazer grande bem. Pelo menos o entusiasmo era grande. E realmente houve progresso. Basta dizer que em 1956, quando a Escola abriu um Curso também para homens, fez o lançamento de um belo "long play" com os principais cânticos da Semana Santa, a cargo do coro feminino, sob a direção de Dom João Evangelista Enout O.S.B.[183]

b) Fundação da *Revista Gregoriana*

Junto com a Escola Pio X fundou-se também uma revista que fosse um elo de união entre a Escola e os seus amigos, e que constituísse sobretudo um veículo de difusão dos ensinamentos do canto gregoriano a partir do estilo de Solesmes e do "Institut Grégorien de Paris".

Inicialmente a revista chamava-se simplesmente *Boletim da Escola Pio X*, passando depois, em 1954, a chamar-se *Revista Gregoriana*, e, a partir de 1965, *Liturgia e Vida*.

Comporta vários gêneros de artigos: estudos técnicos; estudos e interpretações do gregoriano, bem como artigos litúrgicos e sobre o Movimento Litúrgico, com abundante matéria sobre Pio X e sua obra.[184]

A revista, no fundo, quer assumir o estilo da *Revue Grégorienne* de Paris. Porém, comparando as duas revistas, nota-se uma diferença. A *Revista Gregoriana* se preocupa bem menos do que a *Revue Grégorienne* com assuntos de Liturgia e Movimento Litúrgico diretamente. Acentua sobretudo o aspecto mais técnico, artístico e histórico do canto gregoriano, com comentários de "Missas", etc. A revista tende mais para o aspecto cultural do que propriamente pastoral. Sua preocupação vai preferencialmente nessa direção: ensinar o gregoriano e divulgar o que sobre o gregoriano existe, o que naturalmente tem também sua incidência sobre a pastoral litúrgica.

183. Cf. "Curso de Gregoriano", *A Ordem* 57 (junho 1957), 403-404.
184. Cf. os dois citados artigos da Madre M. R. Porto, à nota 182; cf. também MURICY, A., "Revista Gregoriana", *Revista Gregoriana* 12 (nov. dez. 1955), 39-41.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

É claro, não afirmamos que ela ignora totalmente os temas litúrgicos e o Movimento Litúrgico.[185] Apenas dizemos que ela não apresenta aquela preocupação mais diretamente litúrgico-pastoral que a *Revue Grégorienne* apresentava.

Contudo, através do ensinamento e divulgação do gregoriano, *Revista Gregoriana* colaborou sem dúvida para a pastoral litúrgica no Brasil.

c) "Semanas Gregorianas" [186]

Promovidas pela Escola Pio X, dirigida pela Madre Marie Rose Porto, sob o apoio da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra, realizaram-se no Rio de Janeiro, a partir de 21 de julho até 15 de agosto de 1952, uma série de Cursos de canto gregoriano para o povo em geral, começando naturalmente pelas casas religiosas. São as chamadas "Semanas Gregorianas", uma verdadeira campanha de canto gregoriano no Rio de Janeiro, nos colégios, escolas, no Seminário Arquidiocesano, nas igrejas, e através do programa "Ondas Musicais" da Rádio Ministério de Educação e Cultura.

Para dirigir estas Semanas, estiveram no Brasil, a convite da Escola Pio X, M. Le Guennant e M. Bihan (diretor e vice-diretor do "Institut Grégorien de Paris").

Apesar de não terem a participação que se esperava, contudo, pode-se dizer que as "Semanas Gregorianas" tiveram consolador sucesso. Tal sucesso notou-se no dia 15 de agosto, na igreja da Candelária, numa Missa celebrada pelo Mons. J. B. da Mota de Albuquerque: mais de 700 pessoas cantando a Missa em gregoriano! J. Bihan assim descreve o evento espetacular:

> "Le 15 août, 750 chanteurs, dont 620 enfants, purent être rassemblés en l'église de la Candelaria, la plus grande église de Rio... Exploitée par la Presse, la Radio, la Télévision, cette Messe fut un événement considérable. Nous n'avons pas à redire les impressions des témoins... nous pouvons dire celles des responsables et des acteurs: joie d'un succès complet, joie plus encore peut-être devant les perspectives que cette journée ouvrait sur l'avenir... Nous sommes sûrs... que ce rassemblement qui a permis à plus de six cents enfants, sans aucune répétition générale, de chanter avec cette perfection et avec des nuances expressives remarquables, fut le plus fort argument en faveur de la cause grégorienne au Brésil".[187]

São alguns elementos que colhemos em torno da promoção do canto gregoriano no Rio, ou, mais especificamente, em torno da Escola Pio X e o seu trabalho, liderado pela Madre Marie Rose Porto. Basta dizer que esta, em carta, recebeu da parte de Dom Martinho Michler vivas congratulações "pelos beneméritos esforços desenvolvidos em prol do Canto Gre-

185. Já citamos as principais publicações (cf. supra, p. 249 notas 37-38; p. 250-251, notas 50-55; p. 252, nota 69).

186. Cf. PORTO M. R., O.P., "A vida da Escola Pio X", *Boletim da Escola Pio X* nº 1 (jan. fev. março 1953), 9-14; MURICY, A., "O Gregoriano, arte e beleza", *Boletim da Escola Pio X*, nº preliminar (out. nov. dez. 1952), 22-24; id., "As 'Semanas Gregorianas'", *Boletim da Escola* Pio X, nº 1 (jan. fev. março 1953), 10-12 (= extraído do *Jornal do Comércio* de 10-9-1952); BIHAN, J., "Le voyage au Brésil..., *art. cit.*

187. BIHAN, J., "Le voyage au Brésil...", *art. cit.*, 243; E A. Muricy acrescenta: "A missa da Assunção..., dia 15 de agosto, na igreja da Candelária, foi um dos acontecimentos mais importantes e mais decisivos de nossa vida artístico-religiosa, a etapa em que se afirmou o trabalho de reforma da música sacra entre nós; reforma penosa e difícil. Mais de 700 vozes, sob a direção de M. Le Guennant..., assistido por M. l'abbé Bihan... (MURICY, A., "O Gregoriano, arte e beleza", *art. cit.*, 24).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

goriano", e, ao mesmo tempo, Dom Martinho fazia "votos ardentes para que a Escola Pio X se afirme cada vez mais, para a boa formação litúrgica dos fiéis".[188]

2) *Em outros lugares*

Naturalmente, não se restringiu ao Rio de Janeiro este tipo de trabalho ao qual nos referimos. Também em outros lugares o canto gregoriano era promovido. Damos alguns exemplos.

Lembramos, por exemplo, a fundação de uma Escola de Música Sacra no Recife, nos inícios de 1949, onde se ensinava o canto gregoriano e popular. O evento é elogiado e positivamente comentado por Dom Bandeira de Mello, O.S.B., que cita uma das Paróquias da Arquidiocese, a Paróquia da Água Fria, como exemplar no canto sacro, onde até mesmo as Vésperas vinham cantadas pelo povo.[189]

Lembramos os números de canto gregoriano apresentados por grupos nas sessões solenes da Semana de Liturgia de Belo Horizonte.[190]

Em João Pessoa, Paraíba, já em 1953, o Diretor do Conservatório de Canto Orfeônico daquela cidade, Professor Gazzi de Sá, formou uma Escola de canto gregoriano baseada na Escola Pio X do Rio de Janeiro.[191]

Enfim, além destes exemplos, citaríamos ainda o bom cultivo do canto gregoriano sobretudo nas Casas de Formação (Seminários Maiores), onde até semanalmente se cantavam Missas em gregoriano.[192]

Conclusão

Antes de tudo, pudemos notar, neste capítulo, que diminuíram sensivelmente neste período (1947-1959) as publicações (livros e artigos, traduzidos ou não) de divulgação da Liturgia e do Movimento Litúrgico. Exceção se faria para os periódicos como *O Legionário* (em nova fase), *A Tribuna* (com Dom Bandeira de Mello) e *O Diário*.

A impressão que se tem é que, a partir de 1947, isto é, com o advento da "Mediator Dei", os problemas, sobretudo de ordem teológica, pareciam estar todos resolvidos. Com isso, aquela febre de divulgação e discussão litúrgica, característica do período anterior,[193] agora acalmou consideravelmente. É que a preocupação concentra-se agora preferentemente em transmitir as orientações da Encíclica[194] sobre a Missa, os Sacramentos em geral, etc., buscando aplicá-las concretamente.

188. PORTO. M. R., O.P., "A vida da Escola Pio X", *Boletim da Escola Pio X*, nº 1 (jan. fev. março 1953), 13.
189. Cf. *A Tribuna* 12-3-1949, 3; *id.* 19-3-1949, 3.
190. Cf. supra, p. 266s.
191. Cf. *Boletim da Escola Pio X* nº 4 (out. nov. dez. 1953), 15.
192. Citaríamos, como um dos exemplos, o Convento Bom Jesus, de Curitiba, onde os Franciscanos da Província da Imaculada estudavam Filosofia. E em Petrópolis, Teologado dos Franciscanos, todas as Missas, por exemplo, de 1ª Classe eram cantadas em gregoriano pelos frades, sob a direção de Frei Leto Bienias.
193. Cf. supra, p. 81ss.
194. Já fizemos notar no capítulo anterior a ampla divulgação da "Mediator Dei" no Brasil.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Realmente, foi encorajada pela segurança da "Mediator Dei" que a Arquidiocese de Belo Horizonte, para comemorar o Ano Santo de 1950, levou a cabo uma Semana de Liturgia [195] preparada intensamente através da Imprensa, do Rádio, e sobretudo por Semanas Litúrgicas nas Paróquias da Arquidiocese: uma verdadeira campanha provincial da Missa e dos Sacramentos, sob a inspiração da Encíclica de Pio XII sobre a Liturgia.

Não só em Belo Horizonte, mas também em Porto Alegre levou-se a cabo um Curso de Liturgia que congregou bem um milhar de pessoas para aprender algo sobre a Missa e os Sacramentos, e aprender a participar do Santo Sacrifício.

Também em São Paulo e em outros lugares procurou-se organizar Semanas da Missa, no sentido de fazer o povo compreender e participar melhor do que se passa no Altar. Até mesmo um Curso de Missa por correspondência foi inventado!

Esta preocupação, portanto, é notada com bastante freqüência: levar o povo a entender e participar melhor do que se passa no Altar. Daí se entende o grande número de publicações para servir diretamente ao culto, neste período. E neste sentido é considerável a forte tendência em cuidar para que as crianças tenham o seu "Livrinho de Missa" à mão.

Surge bom número de material litúrgico neste sentido. Além disso, digno de nota é também o cuidado em oferecer subsídios litúrgicos mais populares aos fiéis em geral para acompanharem a Santa Missa.

Naturalmente, em todos estes trabalhos de promoção litúrgica, procurou-se não se isolar, isto é, ignorar o que estava acontecendo em outros países em termos de Liturgia e Movimento Litúrgico. A Imprensa católica, neste sentido, procurou manter os católicos brasileiros bastante informados, mormente com respeito ao 1º Congresso Internacional de Liturgia Pastoral de Assis.

Enfim, embora às vezes o acento tivesse tido um colorido mais cultural que propriamente pastoral, notamos o grande trabalho de promoção da música sacra, especialmente gregoriana, principalmente no Rio de Janeiro, com repercussões certamente positivas para a melhor participação e solenização da Liturgia.

Resumindo: Em relação ao período anterior, percebe-se uma sensível diminuição das discussões teológicas em torno da Liturgia, para se restringir mais ao aspecto pastoral e prático da promoção da Liturgia.

Vejamos em seguida a posição do Episcopado brasileiro frente ao Movimento Litúrgico neste período pós "Mediator Dei" até 1959.

195. Vejam-se as palavras de Dom Cabral na inauguração da Semana: cf. supra, p. 266, nota 144.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Capítulo III

O episcopado brasileiro e o Movimento Litúrgico (1947-1959)

Consideramos nos dois capítulos precedentes desta segunda parte as primeiras repercussões da "Mediator Dei" no Brasil, bem como buscamos conhecer obras, trabalhos e promoções do Movimento Litúrgico em desenvolvimento neste país no período pós "Mediator Dei" até 1959.

A citada Encíclica fala do "direito" e do "dever" que têm os Pastores de "dirigir toda a vida da Igreja e, acima de tudo, a espiritual".[1] Mais especificamente, compete aos Bispos a primeira responsabilidade de vigiar pelo bom andamento e pela promoção da vida litúrgica.[2]

Sendo assim, convém que verifiquemos como o Episcopado brasileiro reagiu frente aos ideais do Movimento Litúrgico neste período. É o assunto deste capítulo.

O capítulo será desenvolvido baseando-se em três tipos de documentos deste período, que correspondem a três itens diversos: 1°) Nos Sínodos Diocesanos; 2° Em algumas Cartas Pastorais; 3° Na IV Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Teremos assim um panorama geral de como os Bispos do Brasil assumiram os desafios do Movimento Litúrgico dirigido pelo próprio Santo Padre.

I. Em Sínodos Diocesanos

Já nos são conhecidos dois Sínodos deste período pós "Mediator Dei", dos quais nos obrigamos a falar quando tratamos das primeiras repercussões dessa Encíclica no Brasil: o I Sínodo da Arquidiocese do Rio de Janeiro[3] e o Primeiro Sínodo Diocesano de Juiz de Fora.[4] Deles já falamos abundantemente. Sem, no entanto, querer aqui perdê-los de vista ou ignorá-los, passaremos a considerar, nas páginas que seguem, outros quatro Sínodos, para ver até que ponto também eles respondem à necessidade de promoção da vida litúrgica na Igreja do Brasil. São eles: 1) Segundo

1. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 594.
2. Cf. CIC, can. 1261 § 1°; can. 336 § 2.
3. Cf. supra, p. 220-223.
4. Cf. supra, p. 226-227.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sínodo de São Carlos (1951); 2) Quarto Sínodo de Florianópolis (1951); 3) Primeiro Sínodo da Diocese de Taubaté (1954); 4) Primeiro Sínodo da Diocese de Leopoldina (1955).[5]

1) *Segundo Sínodo de São Carlos (1951)*

Já falamos acima do Primeiro Sínodo de São Carlos, de 1941.[6] Agora é a vez do Segundo Sínodo, realizado dez anos após o Primeiro.

De saída, pode-se dizer que este Segundo Sínodo, realizado após o advento da "Mediator Dei", deu amplos passos avante, em relação ao Sínodo de 1941. Basta dizer que, desta vez, há todo um Capítulo (Capítulo Sétimo, da Terceira Parte, do Livro Terceiro) dedicado especialmente à Liturgia, abrangendo 18 artigos (art. 933-950), em que, baseando-se bastante na citada Encíclica de Pio XII, manifesta viva preocupação em instruir os fiéis e levá-los por todos os meios a participar ativamente na vida litúrgica da Igreja.

"É necessário que não haja uma presença indiferente e passiva" dos fiéis na Liturgia, — proclama o Sínodo — seja por falta de instrução, seja por insuficiente estímulo a esta participação, seja "porque percebem que as coisas santas não são tratadas com o devido decôro e respeito".[8]

Sobretudo a instrução litúrgica dos fiéis é vista pelo Sínodo como muito importante. Isto se nota pela insistência com que fala do assunto: instrução sobre a natureza e missão da Igreja, instrução dos fiéis sobre sua participação na vida da Igreja, instrução sobre a dignidade e o valor das ações litúrgicas, sobre os ritos e a participação nos mesmos.[9] Mas, sobretudo, instrução, muita instrução sobre a Santa Missa, como é o desejo da "Mediator Dei":

> "Nunca se pregará demais sôbre a Santa Missa como centro de tôda a nossa vida de piedade, que a piedade ou é eucarística ou deixa de ser piedade, visto a Eucaristia ser o ápice da sagrada liturgia, súmula e centro da religião cristã (Mediator Dei)".[10]

Ou, como insiste ainda, praticamente transcrevendo a citada Encíclica de Pio XII:

> "É necessário, pois, explicar freqüentemente aos fiéis constituir o seu principal dever e suma dignidade participar do Sacrifício Eucarístico, não com uma assistência passiva, negligente e distraída, mas com tal empenho e fervor que os ponha em contacto íntimo com o Sumo Sacerdote, oferecendo com Êle e por Êle, santificando-se com Êle *(Mediator Dei)*".[11]

5. Há também o Primeiro Sínodo Diocesano de Caxias. Não trataremos especificamente deste Sínodo, pois a data de sua celebração (setembro de 1959) ultrapassa o limite último do nosso trabalho (25 de janeiro de 1959, quando foi anunciada por João XXIII a realização do Concílio Vaticano II). Sobre ele faremos apenas um breve aceno, em nota à parte, no fim deste item.

6. Cf. supra, p. 128-129.

7. O Segundo Sínodo de São Carlos foi celebrado nos dias 23, 24 e 25 de janeiro de 1951, sendo suas Constituições promulgadas a 25 de janeiro do mesmo ano. Toda a legislação deste Sínodo se encontra no volume *Segundo Sínodo Diocesano de São Carlos* convocado, presidido e promulgado solenemente por Dom Ruy Serra, Bispo Diocesano, São Paulo 1951.

8. Art. 933.

9. Art. 934: "Todos os que têm cura de almas devem, pois, instruir por todos os meios os fiéis sôbre a natureza da Igreja, qual a sua missão, a parte que têm na vida da Igreja, a dignidade e o valor soberano dos atos comuns e públicos da liturgia, a significação dos ritos e a sua participação pelos fiéis". Note-se que tal insistência na instrução dos fiéis aparece também em outras partes, como por exemplo, ao falar da Extrema-unção (cf. art. 559), do sacramento da Ordem (cf. art. 576) e do Matrimônio (cf. art. 584).

10. Art. 935; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 592-593.

11. Art. 936; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 552.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Portanto, há realmente uma obrigação, a obrigação de levar os fiéis à consciência de uma participação espiritual plena no Santo Sacrifício. Daí a necessidade de explicar aos fiéis a Santa Missa, em todos os seus aspectos, para que descubram realmente nela "a oração por excelência, centro de tôda a vida cristã".[12]

Para favorecer tal participação, e para que ela seja "frutuosa", o Sínodo manda que se coloque nas mãos dos fiéis o Missal Quotidiano em vernáculo, ou pelo menos, o Missal Dominical. E se o manuseio do Missal ainda for difícil, aconselha-se o uso de "folhetos com o ordinário da Missa", de tal modo que, através destes folhetos, o povo possa adquirir pouco a pouco a capacidade de chegar ao manuseio fácil do próprio Missal.[13] O ideal, portanto, é que o povo disponha de um Missal, sobretudo do Missal Quotidiano, para participar da Missa, ideal este que não pode de maneira alguma ser obstaculado. Aqui, em favor deste ideal, o Sínodo mostra-se bem duro:

> "Censuramos os sacerdotes que, sistemàticamente, se opõem ao uso do missal pelo povo, ou ridicularizam o seu uso procurando impedí-lo. Tais sacerdotes não estão pensando com a Igreja, mas, agindo contra as suas diretrizes e a êsses aconselhamos um estudo das encíclicas que tratam dêsse assunto, especialmente da *'Mediator Dei'*".[14]

Além do Missal, o Sínodo aponta também a chamada "missa rezada" e "missa recitada" como meios fáceis para levar o povo a uma boa participação no Sacrifício, sem deixar de se referir também à "missa dialogada":

> "A experiência mostra que não é difícil conseguir-se a participação do povo no Santo Sacrifício, por meio da 'missa rezada', ou o que ainda é mais fácil, da 'missa recitada'. Em relação à Missa dialogada', a facilidade não é a mesma, mas nos colégios, associações religiosas, núcleos de Ação Católica, com pequeno ensaio e preparo consegue-se essa maior participação do povo no Sacrifício do Altar".[15]

12. Art. 937: "É obrigação, pois, inculcar e provocar esta participação espiritual que todos os assistentes podem ter no Santo Sacrifício da Missa. Os leigos, embora não participando do poder sacerdotal, podem, em união moral com o celebrante, oferecer a Deus a Vítima imolada sôbre o altar. Para isso é sumamente necessário que se explique aos fiéis a Santa Missa, sua natureza, seus ritos e cerimônias, seus fins, a fim de que os fiéis vejam na Santa Missa não uma reza semelhante a tantas outras, mas, a oração por excelência, centro de tôda a vida cristã".

13. Art. 938: "Devem, pois, os sacerdotes colocar oportunamente nas mãos do povo o 'Missal Romano' em língua vernácula, com o fim de tornar mais fácil e frutuosa a sua participação no Sacrifício Eucarístico, de modo que os fiéis, unidos ao sacerdote, orem com êle, com as suas próprias palavras e com os mesmos sentimentos da Igreja (Mediator Dei)" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560). E continua, no art. 939: "Não sendo o 'Missal Cotidiano' acessível a tôdas as bolsas e o seu manuseio difícil a algumas pessoas, recomendamos o 'Missal Dominical', de manuseio fácil, ou pelo menos, o uso de folhetos com o ordinário da Missa, para que, gradativamente, vão os fiéis se familiarizando com as cerimônias e rubricas, até se tornarem capazes de usar, com facilidade, o 'Missal Cotidiano'".

14. Art. 940.

15. Art. 941. No art. 942 passa a indicar 3 métodos para a dialogação da Missa: "Entre eles, o mais resumido..., consiste na resposta coletiva dos fiéis apenas nas partes em que cabe ao acólito responder. Pode-se também acrescentar a êste primeiro método a recitação com o celebrante, *sem alternar*, do *Gloria*, *Credo*, *Sanctus*, *Agnus Dei* e *Domine non sum dignus*, antes da comunhão dos fiéis. Outro método, que é o melhor e mais completo, é acrescentar ao segundo a recitação com o celebrante, sem alternar, do *Introito*, *Gradual* e *Alleluia*, com o seu versículo, *Tractus*, *Sequentia*, *Offertorio* e *Communio*. Êste é o método mais completo e mais aconselhável a grupos homogêneos tais como comunidades religiosas, Ação Católica, colégios, seminários e associações".

O art. 945 aconselha "completar a missa dialogada" com "uma curta ação de graças litúrgica, salmodiada por dois coros", para o que "recomenda... o cântico dos três jovens na fornalha, em que se convidam tôdas as criaturas de Deus a louvar e agradecer ao Senhor" (cf. Dan. 3,52-90).

No art. 943 proíbe-se a recitação pública e comum das partes da Missa reservadas exclusivamente ao celebrante, bem como proíbe-se a recitação em voz alta, pelo povo, da invocação "Meu Senhor e Meu Deus" na elevação da hóstia e do cálice.

No art. 994, o Sínodo proíbe qualquer acréscimo aos ritos da Missa, bem como proíbe retardar a duração da missa por meio da oração ou canto.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Em seguida, o Sínodo chama a atenção para o fato de que "a participação por excelência ao sacrifício é a comunhão sacramental", na medida do possível "dentro da Missa".[16] E adverte:

> "É censurável, pois, o costume daqueles que, assistindo à missa inteira, deixam de comungar durante a mesma para comungar no começo, a fim de terem mais tempo para dar ação de graças. Censuramos êsse costume, como contrário ao espírito da Igreja, e que se verifica frequentemente em colégios católicos".[17]

É claro, havendo motivo, não pode ser negada a comunhão fora da missa. Disso o Sínodo tem plena consciência.[18]

Enfim, "para maior compreensão dos fiéis", o Sínodo aconselha que, sempre que possível, os sacerdotes usem da língua vernácula em suas orações, em traduções oficiais e autorizadas.[19]

Como se vê, o Sínodo, neste capítulo sobre a Liturgia, baseando-se na "Mediator Dei", dá bastante importância à Santa Missa e à participação dos fiéis na mesma. A preocupação é eminentemente litúrgico-pastoral, a partir do incentivo da citada Encíclica de Pio XII.

Convém notar que existe também um longo capítulo dedicado especialmente ao Santo Sacrifício da Missa (Capítulo Terceiro, da Primeira Parte, do Livro Terceiro), abrangendo 40 artigos (art. 478-517), mas que — interessante! — ignora completamente a Encíclica "Mediator Dei". Todo o capítulo é um seguir detalhado de rubricas e determinações sobre como, quando, em que condições, quantas vezes, por quem, etc., deve e pode ser celebrada a Missa. A única vez, neste capítulo, em que mais ou menos se ocupa com a participação dos fiéis é no art. 482:

> "Havendo numa igreja vários sacerdotes, quanto possível as missas não deverão ser celebradas na mesma hora, mas, em horas diferentes, para dar maior facilidade aos fiéis para a audição da Santa Missa".

O mesmo que acabamos de dizer acontece também com os demais sacramentos. Do Ofício Divino não se fala.

Há um capítulo sobre a música sacra (Capítulo Sexto, da Terceira Parte, do Terceiro Livro), abrangendo os art. 920-932. Também aqui não há a mínima referência à "Mediator Dei". Manda, sim, realizar o que foi prescrito pelo *Motu Proprio* de Pio X (22-11-1903) e pela Encíclica "Divini Cultus" de Pio XI (20-12-1928):[20] promover largamente entre os fiéis sobretudo o canto gregoriano, para que participem piedosa e ativamente na Liturgia e adquiram o "verdadeiro espírito litúrgico da Igreja".[21]

16. Art. 946; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 564. Também no art. 520 do Sínodo, após insistir na "prática da comunhão frequente e cotidiana" (cf. art. 518), pede-se para aconselhar aos fiéis "frequentemente a comunhão na missa"; Cf. "Mediator Dei", *loc. cit.*

17. Art. 946.

18. Cf. art. 947; cf. também art. 520. O artigo seguinte, art. 948, fala da necessidade de observar minuciosa e estritamente as prescrições litúrgicas e rubricas para melhor edificação dos fiéis.

19. Cf. art. 949. O artigo seguinte, art. 950, determina como devem ser comemoradas as festas dos santos na diocese.

20. Cf. art. 920. Para os referidos documentos pontifícios, cf. *ASS* 36 (1903-1904), 329-339 e *AAS* 21 (1929), 33-41; cf. também "Mediator Dei", *op. cit.* 588-589.

21. Art. 921: "Para que se possa conseguir a realização dessas prescrições, seja largamente difundido e ensinado entre os fiéis o canto gregoriano, único proposto aos fiéis pela Igreja como diretamente seu e o mais condizente com a dignidade do culto divino". Art. 922: "A música sacra é um dos meios que, desde os primeiros séculos, usou a Igreja para fazer o povo tomar parte ativa na liturgia. Devem, pois, os Párocos, evitar nela qualquer caráter profano seguindo as normas que favorecem a piedade e a devoção".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

É o que encontramos no Segundo Sínodo de São Carlos, no que diz respeito à promoção da vida litúrgica da Igreja.

Como se pode perceber, de um lado ele evoluiu para uma preocupação eminentemente litúrgico-pastoral, assumindo as diretivas da "Mediator Dei", no sentido de, por todos os meios, levar os fiéis a participarem plenamente do Sacrifício Eucarístico. De outro lado, não consegue escapar da tendência puramente jurídico-organizativa do culto. Contudo, conseguiu de certa maneira superar esta tendência, com o capítulo sobre a Liturgia. No entanto, é de se notar que o estilo deste capítulo destoa dos outros referentes ao culto em seus diferentes aspectos (sacramentos, etc.): os apelos litúrgico-pastorais da "Mediator Dei" aparecem como que encaixados à força no meio de todo um arcabouço de leis e normas minuciosamente elaboradas. Mas, apesar de tudo, o capítulo sobre a Liturgia mostra que o Sínodo teve desta vez coragem: coragem de falar sobre a instrução litúrgica dos fiéis e preocupação pela participação ativa dos mesmos, coragem de falar sobre a Missa dialogada, recitada e rezada, sobre a promoção do Missal, sobre a comunhão freqüente e dentro da Missa, sobre o uso do vernáculo na Liturgia. E essa coragem lhe veio certamente da "Mediator Dei". Sem esquecer o incentivo que se dá na promoção da música sacra, sobretudo do canto gregoriano, para melhor participação dos fiéis no culto.

Sem dúvida, dentro do assunto que estamos tratando, este Segundo Sínodo de São Carlos provou notável evolução, numa legislação que permaneceu em vigor por dez anos na diocese, até 1961.[22]

Art. 926: "Os colégios católicos devem ensinar o canto gregoriano aos seus alunos e alunas, procurando, assim, formá-los no verdadeiro espírito litúrgico da Igreja. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 588-590. Os outros artigos determinam os tipos de música, tipos de instrumentos, tipos de coros (cf. art. 929: "Os coros mistos de homens e mulheres ficam proibidos"!), etc.

22. Dez anos mais tarde, nos dias 23, 24 e 25 de janeiro de 1961, celebrou-se o Terceiro Sínodo de São Carlos. Sua legislação vem publicada no volume *Terceiro Sínodo de São Carlos* (convocado, presidido e promulgado solenemente por Dom Ruy Serra, Bispo Diocesano), Catanduva 1961. Neste Sínodo, no capítulo sobre a Liturgia, praticamente se repete o mesmo que disse o Segundo Sínodo, mas *com alguns interessantes acréscimos*, reproduzindo trechos da Instrução de 3-9-1959 da SCR (cf. SCR, Instructio "De musica sacra et sacra liturgia ad mentem Litterarem Encyclicarum Pii Papae XII 'Musicae Sacrae Disciplina' et 'Mediator Dei'", *AAS* 50 (1958), 630-663). Assim, após o art. 940 do Segundo Sínodo (cf. supra, p. 279, com referência para a nota 14), temos, no Terceiro Sínodo, a inserção de dois novos artigos — art. 958 e 959 —, com estes textos que aqui apresentamos. Art. 958: "Não é lícito misturar funções litúrgicas e exercícios pidedosos. Se se apresenta este caso, o exercício piedoso virá antes ou depois da função litúrgica (Instrução da S. C. dos Ritos de 3-IX-58)" (cf. SCR, Instructio "De musica sacra et...", n. 12, *op. cit.*, 635). Art. 959: "Interpretando êsse parágrafo da citada Instrução, a S. C. dos Ritos diz: 'O Rosário será rezado fóra da Missa'. Na mesma ocasião, a S. Congregação esclarece que *funções litúrgicas* são unicamente aquêles atos sagrados que 'instituídos por Jesus Cristo e pela Igreja, são realizados por pessoas legitimamente designadas, de acôrdo com os livros sacros aprovados pela Santa Sé para o culto devido a Deus, aos santos e aos bem-aventurados'. Acrescenta ainda que os outros atos sagrados, dentro ou fora da igreja, são exercícios piedosos, inclusive os que se realizam em presença do sacerdote ou por êle mesmo. A Missa é, portanto, função litúrgica, enquanto que o rosário é considerado exercício piedoso" (cf. SCR, Instructio "De musica sacra et...", n. 1. *op. cit.* 632). Portanto, com base na citada Instrução da SCR, o Sínodo ganha coragem para enfrentar uma questão delicada, e que foi assunto de tanta polêmica no Brasil: a reza do rosário dentro da santa Missa!

No art. 960 do Terceiro Sínodo, em substituição ao art. 942 do Segundo Sínodo (cf. supra, p. 279, com referência para a nota 15, onde citamos também o texto do art. 942), praticamente se reproduz o n. 31 da citada Instrução, sobre os quatro graus em que se pode dialogar a Missa (cf. SCR, Instructio "De musica sacra et..., n. 31, *op. cit.*, 643).

O art. 961 do Terceiro Sínodo é também novo, isto é, não se encontra no Segundo Sínodo. Reproduz simplesmente o que diz o n. 34 da citada Instrução: "Para se tornar possível a participação ativa dos fiéis na Liturgia, dialogando a Santa Missa, é condição essencial que o sacerdote celebrante evite a pressa exagerada, de modo a tornar possível ser acompanhado pelos fieis" (cf. SCR, Instructio "De musica sacra et...", *op. cit.*, 643). No mais, repete-se simplesmente o que foi dito no Segundo Sínodo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

2) *Quarto Sínodo de Florianópolis (1951)*

Não há muito a dizer sobre os ideais do Movimento Litúrgico no Quarto Sínodo de Florianópolis.[23] Mesmo com a valiosa contribuição da "Mediator Dei", o Sínodo se nos apresenta pobre demais, com um tom acentuadamente jurídico-organizativo.[24]

Contudo, não nos atenhamos à pobreza, mas vejamos o pouco que há de riqueza no campo da renovação da vida litúrgica, neste Sínodo.

No art. 168, quando começa a falar do Sacrifício da Missa, o Sínodo inicia professando sua fé na Eucaristia, expressa no cânon 801 do Código de Direito Canônico (CIC):

> "Na santíssima Eucaristia sob as espécies de pão e de vinho, está contido, se oferece e se consome o mesmo Jesus Cristo Senhor Nosso".[25]

Partindo desta profissão de fé, e procurando atender à "devoção em torno do altar" incentivada "nestes últimos tempos", baseando-se no decreto do Concílio Plenário Brasileiro e no canon 810 do CIC, o Sínodo manda que se celebre a Missa digna, atenta e devotamente, não esquecendo a preparação antes e a ação de graças depois da Missa. São os requisitos exigidos,[26] num tom sem dúvida bastante juridicista.

Passa então, citando um texto da "Mediator Dei", a lembrar o "dever" e a "suma dignidade" da participação ativa dos fiéis na Santa Missa dominical,[27] "assistência devota" esta que vem considerada de dois modos pelo Sínodo:

a) Individualmente:

> "Por meio de cânticos, orações, recitação do Têrço. ., etc. e, em particular, pelo missal para uso dos fiéis, o qual, para os que sabem ler, é a maneira mais apta de acompanhar o santo sacrifício, pois está rezando precisamente com as mesmas orações que oferece o sacerdote no altar".

b) Coletivamente:

> "quando respondem às palavras do sacerdote, executem cânticos correspondentes às várias partes do sacrifício ou fazem uma e outra coisa, ou, enfim,

23. O citado Sínodo foi celebrado nos dias 20 e 21 de dezembro de 1951, sendo promulgado em 31-5-1952. Toda a sua legislação está contida no volume intitulado *Quarto Sínodo de Florianópolis* (convocado, presidido e promulgado por s. excia. o sr. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano, por ocasião do seu áureo jubileu sacerdotal), Florianópolis 1952. Os anteriores Sínodos desta Arquidiocese se celebraram nos anos de 1910, 1919 e 1925.

24. Em quatro artigos (art. 173-175 e 187) vem citada a Encíclica.

25. O canon 801 no seu original latino: "In sanctissima Eucharistia sub specibus panis et vini ipsemet Christus Dominus continetur, offertur, summitur".

26. Art. 169: "Eis porque, nestes tempos em que, mercê de Deus, se procura incentivar a devoção em torno do altar, importa ao sacerdote corresponder, na celebração da santa Missa, a esses quatro requisitos: 1º que seja celebrada DIGNE, isto é, a) em *estado de graça*; b) isenção de censura, irregularidade, pena, ou impedimento canônico que se oponha ao exercício da ordem sacerdotal; 2º *Attente et devote*, para maior proveito próprio e edificação dos fiéis (C.P.B. dec. 197); 3º com a devida preparação própria, ou seja as 'pias orações' (c. 810), as quais tanto podem ser as da *'Praeparatio ad Missam'*, como a Meditação, ou outras *ad libitum* do celebrante (Cf. Cance, n. 181, 185), 4º com a devida ação de graças *'pro tanto beneficio'* (c. 810) e cuja omissão total, segundo os autores, não excusaria pelo menos de pecado venial, — e também cuja observância, pelo contrário, tanto edifica os fiéis".

27. Art. 173: "Sendo o domingo o *dia do Senhor*, que ha de ser santificado principalmente pela audição da S. Missa, nunca será demais repetir as palavras do Santo Padre: 'É necessário que todos os fiéis considerem seu principal *dever* e suma *dignidade*, participar do Santo Sacrifício Eucarístico, e não com uma assistência passiva, negligente e distraída, mas com tal empenho e fervor que os ponha em contato com o Sumo Sacerdote.. oferecendo com Ele, e por Ele, santificando-se com Ele' (Enc. M.D., A.A.S. 552)".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

quando na Missa solene respondam alternadamente às orações dos ministros de Jesus Cristo e se associam ao cântico litúrgico (Pio XII, Enc. *Mediator Dei*)". [28]

Portanto, em outras palavras, firmando-se na "Mediator Dei", o Sínodo apóia o uso do Missal, bem como da Missa dialogada e métodos afins. Apóia tais usos, mas não os recomenda!... [29] Recomenda, sim, — e aqui aparece bastante forte o espírito rubricista do Sínodo — recomenda que:

> "Esta participação e as respostas na Missa devem ser feitas 'disciplinadamente' (M.D.) talvez para 'uma assistência mais ou menos seleta, instruída e homogênea', e obedecendo 'escrupulosamente' (id. ib.) aos preceitos da Igreja e às rubricas do Missal, bem como às normas dos sagrados ritos (Id.)". [30]

E acrescenta:

> "A igreja não é lugar de experiência e o povo, em particular o celebrante, devem ser ajudados e não perturbados durante as funções divinas". [31]

Em seguida, o Sínodo faz um apelo para que os sacerdotes empenhem grandes esforços em conduzir os fiéis à comunhão freqüente, [32] de preferência dentro da Missa, como manifestação melhor de participação no Sacrifício. [33]

Na administração dos sacramentos em geral, o Sínodo aconselha aos sacerdotes atenção e o máximo apreço aos seus ritos e cerimônias. [34] Aliás, todos os "promovidos ao presbiterato" deverão conhecer bem as rubricas e cerimônias da Missa, sendo muito conveniente, mesmo "para a celebração piedosa da Missa", o seguinte:

> "Saibam dar a razão do significado histórico-teológico das orações que lhe são próprias, aproveitando dessarte, todas as riquezas do Missal". [35]

28. Art. 175; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560.

29. Compare-se com o Segundo Sínodo de São Carlos, onde, sobretudo quanto ao Missal, as recomendações são explícitas e insistentes!

30. Art. 177; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 560. Note-se que a palavra "diligenter", da Encíclica, foi aqui estranhamente traduzida para "escrupulosamente"! Aliás, o texto português da Editora Vozes também usa o vocábulo "escrupulosamente" (cf. Pio XII, *Sobre a Sagrada Liturgia (Mediator Dei)*, Col. "Documentos Pontifícios" 54, Petrópolis 1948, 41. A expressão "uma assistência mais ou menos seleta, instruída e homogênea" não a encontramos na "Mediator Dei"!

31. Art. 177; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 562: "neve cuilibet, etsi sacerdoti, liceat arbitrio suo sacris aedibus quasi experimenti causa uti". No art. 178, referindo-se ao art. anterior (art. 177), acrescenta-se: "Onde esses requisitos não possam ser conseguidos, ou pelo menos nesses casos, ter-se-á em vista o estabelecido pelo C.P.B.: 'Convém — *expedit* — se observe a praxe comum segundo a qual os fiéis que assistem ao sacrifício da Missa não respondam simultânea e conjuntamente ao sacerdote que celebra (dec. 199)'".

32. Art. 185: "...que os fiéis, pelos pastores de almas, portanto imediatamente pelos párocos, 'sejam exercitados e convidados à s. comunhão frequente, e mesmo diária (c. 863), acrescentando, apenas o C.P.B. decr. 225, como é natural, que o façam digna e devotamente *(digne ac devote)*, por motivo de fé generosa e sincera". Art. 280: "Empenhem-se os sacerdotes para que os fiéis recebam a sagrada Comunhão com frequência, e até diàriamente, não havendo, da parte da Igreja, nenhuma exigência maior para a Comunhão cotidiana do que para a hebdomadária ou mensal, isto é, além do jejum eucarístico, o estado de graça e a boa intenção". Cf. ainda art. 400 § 1º e art. 500 § 4º.

33. Art. 187, citando textualmente um texto da "Mediator Dei": "Para melhor e mais claramente manifestar-se a participação dos fiéis no Sacrifício Divino por meio da comunhão, louva a s. Igreja a devoção daqueles que, não só desejam nutrir-se do alimento celeste durante a assistência ao Sacrifício, *mas preferem alimentar-se com hóstias consagradas no mesmo Sacrifício*" ("Mediator Dei", *op. cit.*, 564: "...ut satius luculentiusque patescat christifideles per Eucharistiae perceptionem divinum ipsum participare Sacrificium eorum pietatem dilaudat, qui non modo caelesti pabulo, dum Sacrificio intersunt, enutriri cupiant, sed ipsis in eodem Sacrificio consecratis hostiis cibari praeoptent"). E continua o mesmo art. 187, dizendo que "os srs. sacerdotes procurarão secundar e estabelecer por praxe estes desejos, pelo menos nas comunhões mais solenes ou gerais". Art. 181 § 2: "instruam-se... os fiéis sobre a exigência litúrgica de preferirem comungar durante a Missa; e, quando forem consagradas novas partículas, sejam estas as distribuídas, se houver comunhão, mesmo que haja outras de reserva". Art. 181 § 3º: "Nos domingos e demais dias... de preceito, habitualmente se distribua a santa Comunhão *intra Missam*".

34. Art. 145.

35. Art. 220, b.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Além disso, aconselha-se que a homilia seja bem preparada, "acomodada às circunstâncias e à capacidade dos ouvintes", dentro de um espaço de tempo razoável, isto é, breve, e "precedida da leitura, em vernáculo, do texto sagrado".[36]

Sem mais nada a acrescentar,[37] podemos concluir que este Sínodo realmente aproveitou muito pouco das riquezas da "Mediator Dei". E as vezes em que dela se serviu, fê-lo dentro de um ponto de vista fortemente jurídico-organizativo.[38] A Encíclica é vista preferentemente como um instrumento de organização prática (externa) do culto: Não há grande interesse (interesse litúrgico-pastoral) em *recomendar* realmente — e até insistir, talvez! — a promoção de uma participação íntima, viva e ativa dos fiéis na Liturgia. Sem dúvida, também contra este Sínodo poderíamos jogar aquela afirmação da própria "Mediator Dei": "não erram menos os que a tem" — a Liturgia — "como simples conjunto de leis e regras com que a Hierarquia Eclesiástica manda ordenar a execução dos ritos sagrados."[39]

Contudo, descontando as críticas negativas que se podem fazer, já é bem positivo o fato de que o Quarto Sínodo de Florianópolis, com o advento da "Mediator Dei", *admite* — embora com extrema cautela; nem mesmo recomenda! — o dever e a dignidade da participação ativa dos fiéis na Missa, admite o uso do Missal para os fiéis, bem como o uso da Missa dialogada — se bem que a expressão não é usada pelo Sínodo — e métodos afins. Digna de nota, enfim, seria a recomendação feita quanto à comunhão freqüente, e dentro da Missa.

3) *Primeiro Sínodo da Diocese de Leopoldina (1954)*

Não há muito que dizer sobre o Primeiro Sínodo da Diocese de Leopoldina, no Estado de Minas,[40] dentro do assunto que estamos tratando. Digamos: é bem sóbrio ao tratar da promoção da vida litúrgica na Diocese. Mas há alguns elementos interessantes.

Antes de tudo, nos chama a atenção o pedido que este Sínodo faz no sentido de os sacerdotes instruírem o povo sobre a Santa Missa:

> "Os Sacerdotes ensinem aos fiéis que o Santo Sacrifício da Missa é a continua oblação do Sacrifício Redentor de Cristo. Por isso, mòrmente nos dias de preceito, haja maior frequência dos fiéis à Missa e se explique a doutrina do Sacrifício, para que esta frequência se transforme numa verdadeira e ativa participação".[41]

Portanto, o Sínodo mostra-se realmente interessado no aumento da freqüência e da participação dos fiéis no Santo Sacrifício, participação esta

36. Cf. Art. 330-332.
37. Interessante notar que não se fala da Música Sacra. Não se fala também da *instrução* litúrgica dos fiéis, a não ser uma vez, quando se refere à exigência litúrgica de se comungar dentro da Missa (cf. art. 811 §§ 2-3; cf. supra, p. 283, nota 33.
38. Compreende-se: o próprio Arcebispo se apresenta como "doutor em Cânones" (cf. "Decreto de confirmação e promulgação", in: *Quarto Sínodo de Florianópolis*..., *op. cit.*, 23), tendo o Sínodo como "emérito jurista" o Pe. Cândido Santini, S.J., (cf. "Atas", in: *op. cit.*, 13), do qual já falamos quando tratamos da questão da Missa dialogada no Concílio Plenário Brasileiro (cf. supra, p. 126).
39. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 532; cf. supra, p. 223, nota 105, onde citamos o texto no original latino.
40. Toda sua legislação vem publicada no volume *Primeiro Sinodo da Diocese de Leopoldina*, Leopoldina 1855. Celebrou-se nos dias 28 a 30-7-1954. Sua legislação entrou em vigor a partir de 1-1-1955.
41. Art. 172.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

que advém com o ensino dos fiéis. E "para que este ensino seja realmente proveitoso", ..."relembra os conselhos pastorais da Encíclica 'Mediator Dei'":

> "a) Seja explicada a Santa Missa por um sacerdote, enquanto outro celebra; b) divulgue-se a participação à Santa Missa pelo Missal, tão logo os fiéis estejam para isso preparados; c) pratique-se o método da Missa recitada, sobretudo com as crianças; d) nos estabelecimentos de ensino, dirigidos por Religiosas e Sacerdotes, pratique-se, ao menos uma vez por semana, a Missa Dialogada...".[42]

Portanto, às vezes com um pouco de cautela, busca-se promover a Missa explicada, o Missal, a Missa recitada e a Missa dialogada.

E enfim, no art. 181, pede-se aos sacerdotes para exortarem os fiéis "à prática da comunhão freqüente".[43]

É tudo! Como se vê, este Sínodo é muito sóbrio em se tratando de promoção da vida litúrgica. No entanto, na sua sobriedade, não deixa de evidenciar um real interesse tanto pela *instrução* dos fiéis sobre a Santa Missa, como pela participação melhor deles na mesma.

4) *Primeiro Sínodo da Diocese de Taubaté (1954)*

Lendo a legislação do Primeiro Sínodo de Taubaté, Estado de São Paulo,[44] no que diz respeito à Liturgia,[45] o que se percebe é sobretudo o acento (insistência) que se dá à *instrução* dos fiéis.[46]

Assim, no art. 448, o Sínodo pede que "nas pregações, reuniões de irmandades, círculos de estudos da Ação Católica", os fiéis sejam "instruídos sobre a Santa Missa", segundo vem indicado pelo SCR na Instrução de 14-7-1941, que assim resume:

> "a) Da natureza e excelência do Sacrifício da Missa, seus ritos e cerimônias; b) do seu valor impetratório e propiciatório; c) da grande obrigação de ouvir a Missa inteira; d) da salutaríssima participação no celeste convívio sempre que assistem à Missa; e) do dogma da Comunhão dos Santos, em razão do qual o Santo Sacrifício é frutuosamente aplicado pelos vivos e mortos".[47]

Para realizar tudo isto, recomenda-se "a realização periódica da 'Semana da Missa'",[48] bem como "o uso do missal" como instrumento valioso para ajudar os fiéis a "conhecerem e amarem o Santo Sacrifício".[49]

42. Art. 173; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 551-552, 560, 592-593. E, num último ponto, continua ainda o Sínodo: "c) enfim, para se evitar a rotina, não haja uniformidade de métodos, os quais, entretanto, deverão ser reconhecidos e aprovados pela Santa Igreja" (art. 173).
43. Art. 181; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 564-565.
44. Toda a sua legislação vem publicada no volume *Primeiro Sínodo da Diocese de Taubaté* (realizado na Igreja Catedral de São Francisco das Chagas, nos dias 12-13-14 de agosto e promulgado na Festa da Assunção de Nossa Senhora no Ano do Senhor, de 1954, pelo Exmo. e Revmo. Bispo Diocesano Dom Francisco Borja do Amaral). Volume Primeiro. Constituições Sinodais, 1954 (sem outras indicações).
45. Cf. art. 448-462, sobre a Santíssima Eucaristia; cf. também art. 535ss., sobre o Culto Divino.
46. O Sínodo não o diz, mas a idéia aparece evidente em "Mediator Dei", *op. cit.*, 593.
47. Cf. SCR, Instructio "De fidelibus exhortandis ut Missae Sacrificio frequenter ac devote intersint", *AAS* 33 (1941), 389-391, *in specie* 390-391.
48. Art. 448 § 1º; cf. supra, nota 42.
49. Art. 449: "Consoante o CPB, d. 355 § 2, muito contribuirá para os fiéis conhecerem e amarem o Santo Sacrifício, o uso do missal, cujo manuselo poderá ser-lhes ensinado principalmente nos núcleos da Ação Católica. Para facilitar-lhes o uso do missal, convém difundir ou afixar no guarda-vento das igrejas um calendário com as Missas da semana". Embora o Sínodo não o indique, a idéia do uso do Missal pelos fiéis se encontra em "Mediator Dei", *op. cit.*, 560.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Além disso, pede-se que se mantenha "bem viva nos fiéis a idéia de que o sacerdote é o único ministro oficial do Santo Sacrifício."[50] Mas acrescenta:

> "Não se preze menos, contudo, a idéia de que 'os fiéis, quanto possível, cooperem ativamente nos Santos Mistérios, porque aí, primeira e necessàriamente hão de beber o verdadeiro espírito cristão' (Pio X)".[51]

Em seguida, o Sínodo "recomenda" o uso da Missa recitada[52] e apenas "permite" a Missa dialogada,[53] manifestando evidente cautela no uso destes meios para levar os fiéis a uma participação íntima na Ação Santa.

Mais adiante, volta-se a insistir na instrução dos fiéis. Recomenda-se instrução sobre a necessidade e as condições necessárias para a eficácia da oração,[54] mas, sobretudo, "acurada instrução" sobre a Liturgia em geral, conduzindo os fiéis a uma participação sempre melhor nos "atos do culto", participação esta que manifesta sua maior "excelência" na Comunhão sacramental dentro da própria Missa:

> "Sendo a liturgia a mais perfeita forma de prestar culto a Deus, ministre-se aos fiéis acurada instrução que vise não só à maneira de assistir aos atos do culto, senão também e principalmente à compreensão da oração oficial da Igreja. Pelo conhecimento e prática da liturgia, encaminhem-se gradativamente, os fiéis a tomarem parte ativa nos atos do culto, lembrando-lhes, sobretudo, que o meio por excelência de participar o cristão da Missa é a Comunhão sacramental, feita quanto possível, durante o Santo Sacrifício".[55]

Concluindo estas páginas sobre a promoção da vida litúrgica na legislação do Primeiro Sínodo de Taubaté, poderíamos observar o seguinte: Este Sínodo não cita nenhuma vez a Encíclica "Mediator Dei". Apenas uma vez faz referência a este documento pontifício, quando "permite" a dialogação da Missa.[56] No entanto, mesmo assim, não deixam de ser recomendados vários elementos que são abertamente propostos pela Encíclica: a realização de Semanas da Missa,[57] o uso do Missal pelos fiéis,[58] o cuidado para

50. Art. 450; embora não venha indicado pelo Sínodo, a idéia se encontra em "Mediator Dei", *op. cit.*, 553: "Quod tamen christifideles Eucharisticum participant Sacrificium, non idcirco sacerdotali etiam potestate fruuntur. Id quidem vestrorum gregum clare prae oculis ponatis omnino necesse est".

51. Art. 450; baseia-se explicitamente na Circular Coletiva do Episcopado Paulista, de 27-11-1941 (cf. *Circular Coletiva...*, *op. cit.*, 6-7; supra, p. 143, com referência para a nota 139); o texto de Pio X vem traduzido de maneira bastante livre: confronte-se com Pio X, Motu Proprio "Tra le sollecitudini", *ASS* 36 (1903-1904), 331, retomado mais tarde por Pio XI, Const. Apost. "Divini Cultus", *AAS* 21 (1929), 35; a idéia geral do incentivo à participação dos fiéis vem expressa em "Mediator Dei", *op. cit.*, 552-562.

52. Art. 451: "Sem menosprezar outros meios de proveitosamente assistir à Santa Missa, como sejam: a meditação sôbre os quatro fins do Sacrifício, a reza individual ou coletiva do têrço, recomenda, não obstante, o Sínodo, para que 'o povo intimamente penetrado do espírito litúrgico tome parte na Ação Santa'" [baseia-se aqui explicitamente em *Circular coletiva...*, *op. cit.*, 6-7] "a prática da Missa recitada, tendo-se, porém, o cuidado, segundo o CPB d. 199 § 1º, de não ler em voz alta as Secretas, o Cânon e as palavras da Consagração, que poderá ler cada um em particular".

53. Art. 452: "Acatando as intenções da Santa Sé, que aos Ordinários Diocesanos deixou a liberdade de se definirem em tais casos, permite o Sínodo, que em ambientes devidamente preparados e a juízo do Ordinário, se adote a Missa dialogada"; baseia-se explicitamente nos seguintes documentos: SCR, Dec. n. 4375, de 4-8-1922, ad I et II, *AAS* 14 (1922), 505; resposta da SCR, de 30-11-1935, ao Card. Minoretti, Arcebispo de Gênova, sobre a conveniência da Missa dialogada (cf. *Rivista Liturgica* 23 (jan. 1936), 20 — tal documento encontra-se citado em KELLER, T., O.S.B., *Missa Dialogada*, *op. cit.*, 39-40); e "Mediator Dei", *op. cit.*, 560.

54. Art. 535: "Instrua-se os fiéis sôbre a necessidade da oração e as condições necessárias para a sua eficácia. Recomendem-lhes os sacerdotes a prática da meditação cotidiana, como adminículo de perfeição cristã".

55. Art. 536; sobre a comunhão dentro da Missa, cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 564; cf. supra, p. 283, nota 33, onde citamos o texto da Encíclica sobre o assunto. No art. 545, pede-se para celebrar com particular solenidade as festas como Páscoa, Pentecostes, Natal, as festas dos Titulares, Padroeiros, etc. bem como os meses de Maio, Junho e Outubro: "São excelentes ocasiões para a instrução religiosos do povo".

56. Cf. supra, nota 53.

57. Cf. supra, p. 285, com referência para a nota 48.

58. Cf. supra, p. 285, nota 49.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

não igualar sacerdócio comum dos fiéis,[59] a busca de participação ativa na Missa,[60] a comunhão dentro da Missa,[61] e, de um modo todo especial, a instrução litúrgica dos fiéis.[62]

Portanto, mesmo não fazendo referências à "Mediator Dei" — fá-lo apenas uma vez —, o Sínodo transmite uma porção de elementos que estão presentes nesta Encíclica.

Enfim, dentro de um estilo levemente jurídico-organizativo do culto, o Sínodo soube dar um toque pastoral aos artigos que acabamos de ler. Repetimos: digna de nota é a preocupação no sentido de promover a instrução litúrgica dos fiéis.

Lidas as Constituições dos Sínodos Diocesanos deste período pós "Mediator Dei" até inícios de 1959 no Brasil,[63] no que toca à promoção da vida litúrgica, poderíamos concluir o seguinte:

O Sínodo de São Carlos, embora ignore por completo a "Mediator Dei" ao falar de cada sacramento (Batismo, Crisma, Eucaristia, etc.) com um peso bem jurídico-organizativo, é o único que apresenta um capítulo dedi-

59. Cf. supra, p. 286, com referência para a nota 50.
60. Cf. supra, p. 286, com referência para a nota 51.
61. Cf. supra, p. 286, com referência para a nota 55.
62. Cf. supra, p. 285, com referência para a nota 46, *et passim*.
63. Nos dias 7 e 8 de setembro de 1959 celebrou-se também o Primeiro Sínodo Diocesano de Caxias, no Rio Grande do Sul. Sua legislação encontra-se publicada no volume *Primeiro Sínodo Diocesano de Caxias* (convocado, presidido e promulgado por S. Excia. Revma. o Sr. Dom Benedito Zorzi, Bispo Diocesano, por ocasião do jubileu de Prata da Diocese de Caxias), Caxias do Sul 1959. Não tratamos especificamente deste Sínodo, pois o nosso trabalho abrange o período que vai até 25 de janeiro de 1959, quando foi anunciada pelo Papa João XXIII a realização do Concílio Vaticano II (cf. *AAS* 51 (1959), 65-69; cf. *L'Osservatore Romano* 26-27-1-1959; cf. *Acta et Documenta Concilii Vaticano II apparando*, Series I (Antepraeparatoria), Volumen I, Acta Summis Pontificis Ioannis XXIII, Typis Poliglottis Vaticanis, MCMLX, 3-6). No entanto, não deixa de ser interessante ressaltar rapidamente alguns elementos deste Sínodo. Em primeiro lugar, quanto ao Ritual bilíngüe latino-português: "Podem os sacerdotes usar o Ritual bilingue...; mas façam a leitura das orações em vernáculo, pausadamente, de sorte que os assistentes as possam acompanhar" (art. 91; cf. supra, p. 255, com referência para a nota 83, onde falamos da publicação deste Ritual no Brasil). Insiste-se também na instrução dos fiéis, sobre o Batismo (art. 92), sobre a Crisma (art. 98), sobre a Missa (art. 101: "Explicar que a simples assistência obrigatória à Missa não basta para cativar os fiéis e atraí-los a assistir fiel e freqüentemente ao Santo Sacrifício. É preciso revelar-lhes teórica e praticamente as riquezas do Grande Mistério da fé e a parte que lhes cabe como membros do Corpo Místico de Cristo. Porisso esforcem-se os pastores de almas para indefessamente instruí-los sobre o Augusto Sacrifício, insinuando-lhes de modo particular, como a Santa Missa é o ato essencial mais sublime, mais útil e mais necessário, do culto divino, do qual todos os fiéis participam"; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 592-593. Permite-se a Missa dialogada, método a ser usado com muito cuidado: "Ensine-se aos fiéis a assistir à Missa, acompanhando o sacerdote, ou rezando devotas orações ou o têrço do Rosário, ou cantando hinos apropriados ao S. Sacrifício ou ao mistério do dia" (art. 101 § 1º; note-se que aqui o Sínodo não viu bem o que diz o n. 12 da Instrução de 3-9-1958 da SCR: "Actiones liturgicas et pia exercitia inter se commisceri non licet; sed, si casus ferat, pia exercitia actiones liturgicas aut praecedant aut sequantur" — cf. SCR, Instructio "De musica sacra et. ", n. 12, *op. cit.*, 635). E continua: "O Sínodo, mesmo aprovando as Missas dialogadas, recomenda se sigam as instruções da Santa Sé. longamente indicadas na Instrução da S. C. dos Ritos (REB, dezembro de 1958)" (mais exatamente, cf. *REB* 18 (1958), 1049-1073), onde se encontra publicada em tradução portuguesa a supracitada Instrução). "Evite-se tudo o que diminua a gravidade e solenidade ao Ato ou excite a curiosidade dos fiéis, distraindo-os mais que edificando-os, e desperte-se neles profundo respeito e devoção ao sublime Mistério do altar" (art. 101 § 2º). E segue: "Dialogando a Santa Missa, evitem-se os clamores, falhos de todo sentimento de devoção e que mais se parecem com recitação teatral que com oração humilde e suplicante" (art. 101 § 3º). E ainda: "Preferivelmente, onde não há sacerdote para dirigir as missas dialogadas, escolha-se a voz possante de um homem, preparado para isto na A. C. ou em outra Associação, a fim de que os homens e moços tomem também parte ativa nas sagradas cerimônias. A voz feminina não é apropriada para movimentar religiosamente a assembléia dos fiéis em atividade de prestar as suas homenagens ao Supremo Senhor do céu e da terra" (art. 101 § 4º)! Incentiva-se a comunhão na Missa (art. 112), etc. Enfim, uma estranha observação. Nas Atas do Sínodo, falando da Missa de encerramento do mesmo, encontramos esta frase: "O exmo. e Revmo. Sr. Dom Cândido celebrou a santa Missa, enquanto S. Excia. Dom Benedito rezava, seguido pelo Clero o Santo Rosário" (*Primeiro Sínodo Diocesano de Caxias*..., *op. cit.* 15). A observação que fazemos é que o próprio Sínodo, na prática, não colocou em prática o que está no n. 12 da Instrução de 3-9-1958 da SCR (cf. supra; cf. o que diz mais tarde o Terceiro Sínodo de São Carlos sobre o Rosário, supra, p. 281, nota 221). Contudo, apesar de ignorar parte da citada Instrução, e apesar da extrema e quase medrosa cautela em introduzir a Missa dialogada, é sem dúvida positivo o fato de este Sínodo se interessar por uma melhor instrução litúrgica dos fiéis e pelo vernáculo no uso do Ritual.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

cado especialmente à Liturgia, construído — ao contrário do que sucedeu nas outras partes — com base nas diretivas pastorais da citada Encíclica, para recomendar a promoção da participação ativa na Missa por todos os meios.

O Sínodo de Florianópolis, por sua vez, aproveitou bem pouco a dita Encíclica e, quando o fez, fê-lo dentro de um prisma acentuadamente jurídico-organizativo do culto. O Sínodo de Taubaté, embora fazendo apenas uma referência à "Mediator Dei", ao permitir a Missa dialogada, traz uma porção de elementos desta Encíclica. E o Sínodo de Leopoldina, na sua sobriedade litúrgica, aconselha seguir, com prudência, os conselhos pastorais da "Mediator Dei".

Com exceção do Sínodo de Florianópolis, todos os Sínodos ou insistem ou recomendam a instrução religiosa e litúrgica dos fiéis como meio necessário para uma participação mais ativa e consciente na Liturgia.

No insistir sobre a instrução dos fiéis, o Sínodo de Taubaté é o único que, concretamente, aconselha a realização de "Semanas da Missa".

É comum em praticamente todos os Sínodos a consciência da importância e necessidade da participação ativa dos fiéis na Missa, através de meios como a Missa dialogada, recitada e rezada, através do Missal na mão dos fiéis, através da comunhão freqüente e dentro da Missa, etc. Há, no entanto, diferenças na enfatização destes meios: uns insistem mais, outros menos, uns quase determinam o uso de alguns destes meios, outros apenas os aconselham ou permitem com muita cautela e dentro de limites jurídicos minuciosamente determinados.

Era de se esperar que tivessem sido muito mais exploradas as riquezas teológico-pastorais da Encíclica "Mediator Dei" pelos citados Sínodos, sobretudo dos três últimos (Florianópolis, Leopoldina, Taubaté). A excessiva cautela e prudência jurídica dos mesmos obstaculou de certa maneira a coragem de recomendar e *insistir* realmente — não apenas lembrar ou apenas permitir! — sobre a participação ativa na Missa por todos os meios indicados pela Encíclica.

Contudo, tendo em conta a mentalidade ainda excessivamente rubricista da época, pode-se dizer que, com a contribuição da "Mediator Dei", os Sínodos que acabamos de ver aparecem mais enriquecidos, sobretudo quanto à consciência sobre a importância e necessidade da instrução dos fiéis na Liturgia (São Carlos, Leopoldina, Taubaté), e quanto à consciência da importância e necessidade da participação ativa no Santo Sacrifício.

II. Em algumas Cartas Pastorais

Visto que os Sínodos diocesanos abordam o problema da promoção da vida e atividade litúrgica neste período pós "Mediator Dei" até inícios de 1959, passemos agora a considerar o que algumas Cartas Pastorais deste período falam sobre o assunto.[64] Assim vai se completando melhor nossa

64. Lembramos o que já advertimos acima sobre o nosso acesso ao maior número possível de Cartas Pastorais (cf. supra, p. 142, nota 134).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

visão sobre a atitude do Episcopado brasileiro quanto aos ideais do Movimento Litúrgico. Abordaremos primeiro as Pastorais nas quais se cita ou se fazem referências explícitas à "Mediator Dei" ou outros documentos pontifícios sobre a Liturgia posteriores à citada Encíclica. Em segundo lugar, abordaremos as Pastorais que falam da Liturgia sem citar ou referir explicitamente aos citados documentos pontifícios.

1) *Cartas Pastorais que citam ou fazem referência explícita à "Mediator Dei" e outros documentos pontifícios posteriores à Encíclica*

a) Três Pastorais de Dom Alberto Gaudêncio Ramos

1. Pastoral de Saudação aos diocesanos do Amazonas (21-1-1949)

Não precisamos repetir tudo o que já foi dito sobre este documento anteriormente.[65] Apenas queremos relembrar a quantidade de longos textos da "Mediator Dei" aí citados, para mostrar a urgência da instrução litúrgica do povo daquela região do Amazonas, onde os fiéis vivem num "alheamento completo" da Liturgia por falta de conhecimentos litúrgicos. Na prática, Dom Alberto estabelece que "se constitua uma comissão para promover o apostolado litúrgico" na diocese.

2. Pastoral por ocasião da instalação da Arquidiocese de Manaus (7-9-1952).

Nesta Pastoral,[66] após abordar alguns problemas sérios de ordem social no vale amazônico, Dom A. Gaudêncio Ramos passa a ressaltar a finalidade do Congresso Eucarístico Regional de Manaus realizado neste mesmo ano de 1952: *santificar o domingo pela Missa e pela Comunhão.*[67]

Após falar do mal aproveitamento do domingo em nossa sociedade, com interesse centrado nos prazeres, que só levam à canseira,[68] Dom A. Gaudêncio Ramos insiste sobre a necessidade do repouso para recuperar as energias físicas e para o encontro familiar depois de uma semana de trabalhos. Mas, sobretudo, não se pode compreender o domingo sem o ato de culto por excelência, a santa Missa freqüentada "não por obrigação, tradicionalismo ou rotina", mas como um momento de verdadeiro encontro com Deus.[69]

Louva o apostolado litúrgico que já fez muito "para incentivar a participação mais intensa e extensa, mais efetiva e afetiva no Santo Sacrifício do Altar".[70] Mas há muito por fazer ainda, diante daquela *intensidade de participação* no Sacrifício aconselhada pela "Mediator Dei".[71]

65. Cf. supra, p. 227-229.
66. *Instalação da Arquidiocese de Manaus. Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos*, Manaus 1952.
67. *Ibid.*, 18.
68. *Ibid.*, 18-19. E pergunta: "poderão denominar-se 'domingo' — *dies dominica* — dia do Senhor, as 24 horas que uma pessoa passa na piscina, no estádio, nos bares e nos salões de baile?" (*ibid.*, 19).
69. *Ibid.*, 19-20.
70. *Ibid.*, 21.
71. *Loc. cit.*; cita em tradução portuguesa um longo texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 552-553: "Expedit igitur, Venerabiles Fratres, christifideles omnes animadvertant [...] ita quidem ut Pauli sententiam usurpare possimus: 'Christo confixus sum Cruci'").

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Daí, Dom A. Gaudêncio Ramos insiste que os sacerdotes preguem insistentemente sobre o valor e significação do Santo Sacrifício, e que seja oferecido um digno ambiente geral de culto onde se respire devoção e serenidade.[72] Solicita que se procure variar os modos de participação ativa, que já são bem abundantes.[73] Que se continue promovendo as "Semanas da Missa". E enfim, que o catecismo e o ensino religioso sejam feitos com "uma cuidadosa e psicológica formação litúrgica", para formar bons leigos virtuosos, conscientes e apóstolos.[74]

Enfim, o domingo será santificado pela participação total no Sacrifício, isto é, também pela Comunhão. Não basta ser testemunhas apenas, espectadores do Sacrifício. É necessário unir-se realmente à Vítima-Cristo, comungando e procurando ter os mesmos sentimentos d'Ele. E isto se conseguirá em amplitude sempre maior, na medida em que os fiéis conhecerem o valor da Missa. Todos são convidados à Comunhão freqüente.[75]

Portanto, também aqui Dom A. Gaudêncio Ramos continua sua campanha em prol da formação litúrgica dos fiéis, a fim de se aproximarem mais e mais do Altar, a fim de participarem mais consciente e ativamente na Liturgia dominical. E o faz com entusiasmo, apoiando-se nas diretivas da Santa Sé.

3. Pastoral de saudação à Arquidiocese de Belém do Pará (3-10-1957)

Nesta Pastoral,[76] a certa altura, depois de abordar o problema da "adaptação das paróquias ao nosso tempo e ao nosso meio", Dom A. Gaudêncio Ramos busca convencer seus arquidiocesanos sobre a oportunidade e a importância dos "recentes documentos pontifícios sobre o jejum eucarístico, missas vespertinas, simplificação das rubricas do Missal e do Breviário, 'Ordo' instaurado da Semana Santa, etc.", que vem exatamente ajudar a "ajustar" a vida espiritual das paróquias.[77] Na verdade, comenta:

> "Percebe-se com nitidez, da parte da Santa Sé, e em particular do próprio Soberano Pontífice, uma compreensão cabal das especiais circunstâncias dos tempos hodiernos, um carinho peculiar para facilitar a aproximação dos pobres, dos humildes e dos trabalhadores aos grandes mananciais da liturgia católica".[78]

Acontece, porém, constata Dom A. Gaudêncio Ramos — que, "não obstante essa magnanimidade da Autoridade Apostólica", tais concessões e

72. *Instalação da Arquidiocese de Manaus...*, *op. cit.*, 22. Para favorecer tal ambiente, manda que se cuide do seguinte: rubricas, asseio, conforto das igrejas, limpeza e conservação das alfaias, recolhimento e atenção dos fiéis, perfeita execução da música sacra, pontualidade, boa escolha dos acólitos.

73. *Loc. cit.*: "Procurem variar a maneira de participação dos fiéis nos atos litúrgicos, ora promovendo missas dialogadas, ...ora pedindo a outro sacerdote que explique os ritos e textos da Missa, ora confiando mesmo a um leigo bem instruído a leitura em voz alta das partes móveis, ora fazendo todo o povo cantar em gregoriano a missa 'De Angelis', ora selecionando cânticos adequados para as diversas partes do Sacrifício, ora ensinando os fiéis a manusear o Missal".

74. *Ibid.*, 22-23.

75. *Ibid.*, 23-25; cita um longo texto da Encíclica (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 564-565: "Faxit autem utinam Deus [...] ut frangentes panem unum, pharmacum summant immortalitatis") como apoio neste incentivo à participação plena pela Comunhão sacramental na Missa.

76. *Saudação à Arquidiocese de Belém. Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano e Administrador Apostólico da Arquidiocese de Manaus*, Manaus 1957.

77. *Ibid.*, 15-17; para os citados documentos pontifícios, cf. Pio XII, Const. Apost. "Christus Dominus", *AAS* 45 (1963), 15-24; *id.*, Motu Proprio "Sacram Communionem", *AAS* 49 (1957), 177-178; SCR, Dec. "Cum nostrae haec aetate" (= "De rubricis ad simpliciorem formam redigendis"), *AAS* 47 (1955), 218-224; *id.*, Dec. "Maxima redemptionis nostrae mysteria" (= "Liturgicus hebdomadae sanctae ordo instauratur"), *op. cit.*, 838-841; cf. *id.*, Instructio "De ordine hebdomadae sanctae instaurato rite peragendo", *op. cit.*, 842-847.

78. *Saudação à Arquidiocese de Belém...*, *op. cit.*, 15.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

reformas ditadas pela Santa Sé não tiveram ainda "por tôda parte" uma "completa percepção", uma "adesão perfeita" ao seu espírito e um "aproveitamento sábio" do seu alcance pastoral.[79]

E, o que é pior, muitas "pessoas piedosas (e até religiosas e sacerdotes)", movidas por um teimoso espírito tradicionalista e reacionário, simplesmente rejeitam tais "Normas Pontifícias": "consideram tais 'inovações' perigosas e desnecessárias (para não dizer desedificantes)".[80] A estas pessoas Dom A. Gaudêncio Ramos tem uma palavra bem enérgica, chamando-lhes a atenção para o perigo da heresia e para o pecado de desobediência e falta de respeito para com as decisões pontifícias.[81]

Enfim, diante desta situação e, como que rebatendo a "desobediência" dos tradicionalistas, Dom A. Gaudêncio Ramos deixa reafirmado seu ato de "irrestrita obediência" ao Papa:

> "...desejamos, neste passo, reafirmar nossa irrestrita obediência ao Santo Padre Pio XII, que saudamos reverentemente, ...sobretudo pelas medidas de caráter geral que tem tomado para facilitar a vida pastoral e favorecer a freqüência dos sacramentos e a participação da vida litúrgica".[82]

Segue então propondo que sejam "multiplicadas" as "missas post-meridianas", bem como sugere horários para a distribuição da Comunhão durante o dia.[83]

Característico, portanto, nas Pastorais de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, é o empenho com que adere às decisões pontifícias na promoção de uma gradativa formação litúrgica na diocese, na promoção de uma gradativa reforma litúrgica para facilitar, ajudar, e promover a participação sempre mais perfeita dos fiéis no Sacrifício, na vida da Igreja.

b) Duas Pastorais de Dom Frei Anselmo Pietrulla

1. Pastoral de Saudação aos diocesanos de Campina Grande (4-10-1949)

Já falamos longamente desta Pastoral em capítulo anterior.[84] Apenas queremos relembrar aqui o fato de que, neste documento, Dom Frei A. Pietrulla cita alguns textos da "Mediator Dei" para mostrar o sentido teológico-espiritual e a importância do Sacrifício da Missa como renovação do Sacrifício da Cruz, e, com isso, motivar a participação ativa e íntima (plena) dos fiéis no mesmo. Além de mostrar o "dever" e a "suma honra" de poder participar do Sacrifício da Cruz que se renova incruentamente no Altar, dá algumas indicações práticas necessárias para esta participação: Comunhão freqüente e dentro da Missa, uso do Missal por parte dos fiéis, cânticos adequados, e instrução do povo sobre a Missa.

79. *Loc. cit.*
80. *Loc. cit.*
81. *Ibid.*, 15-16: "Confundem tais católicos a essência da Religião com as velhas formas disciplinares que, assim como foram estabelecidas pela Igreja, também podem ser alteradas pela mesma Igreja. E suas palavras de indiferença ou desprêzo, revelando apêgo demasiado a costumes cristalizados ou hábitos educacionais, refletem mesmo insidiosa heresia: a de negar ao Santo Padre competência para introduzir tais reformas e até para restaurar antiquíssimos ritos ou tradições, tidos como 'novidades' pelos ignorantes da História dos tempos primitivos da Igreja. E se não raiarem pela heresia, faltarão contudo ao acatamento e respeito com que devemos acolher tôdas as decisões pontifícias".
82. *Ibid.*, 16.
83. *Ibid.*, 16-17.
84. Cf. supra, p. 229-230.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

2. Pastoral de Saudação aos diocesanos de Tubarão (10-8-1955)

De Campina Grande, Dom Frei A. Pietrulla passou a Bispo de Tubarão, Estado de Santa Catarina. "Servir à graça e à verdade" é o tema em torno do qual gira o conteúdo principal desta Pastoral de Dom Frei A. Pietrulla saudando os diocesanos daquela diocese catarinense.[85] Interessa-nos o "Servir à graça", onde fala um pouco de Liturgia.[86]

Fala-se da Igreja-Corpo Místico, no qual somos inseridos pelo Batismo, no qual se renova continuamente o Sacrifício da Cruz em que Cristo se nos dá continuamente em Alimento intensificador da vida divina em nós.[87] E afirma:

> "Por isso, ...o Santo Sacrifício da Missa deve sempre ocupar na nossa vida o lugar que pela vontade de Cristo lhe compete, o lugar central de onde há de irradiar-se todo nosso apostolado".[88]

Este "lugar central" do Sacrifício o cristão o demonstra sê-lo por uma participação íntima e plena no mesmo, isto é, subindo "o Calvário" e colocando-se "aos pés do Cristo que, em estado glorificado, revive diante de nós a Sua Paixão e Morte",[89] buscando assumir na própria vida os mesmos sentimentos de Cristo, morrendo na Cruz com Ele,[90] sem jamais esquecer a Comunhão freqüente como parte integrante do Sacrifício, a qual nos estreita "intimamente a Cristo e a Seu Corpo Místico" e produz em nossa alma "os mais salutares efeitos".[91]

Portanto, também aqui mantém praticamente a mesma linha da Pastoral de Saudação a Campina Grande em matéria de promoção da vida litúrgica: preferência pelo conteúdo teológico-espiritual para motivar a participação na Missa.

c) Duas Pastorais de Dom Luís do Amaral Mousinho

1. Primeira Pastoral à Diocese de Cajazeiras (29-11-1948)

Já tivemos ocasião de falar acima sobre este documento, quando fizemos notar como, nele, Dom Amaral Mousinho dá "graças a Deus" pelo advento da "Mediator Dei" que veio profligar os principais erros litúrgicos.[92] Apenas queremos acrescentar aqui o fato de que, nesta Pastoral, o citado Bispo de Cajazeiras faz questão de afirmar que "nossas preocupações devem convergir também para a esfera litúrgica,... sendo além disso nosso dever "conhecer e assimilar com exatidão,... divulgar entre os fiéis e amar extremosamente" as duas "áureas encíclicas" de Pio XII, que são a "Mystici Corporis Christi" e a "Mediator Dei".[93]

85. *Carta Pastoral de Dom Frei Anselmo Pietrulla, Bispo de Tubarão. Saudando seus Diocesanos*, Vozes, Petrópolis 1955.
86. *Ibid.*, 6-12.
87. *Ibid.*, 6-7.
88. *Ibid.*, 7-8; sobre a Santa Missa como fonte e centro da piedade cristã. cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 592.
89. *Carta Pastoral de Dom Frei Anselmo..., op. cit.*, 11.
90. *Ibid.*, 11-12; comprova-o citando um longo texto da "Mediator Dei" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 552-553: "Iam vero illud Apostoli 'hoc [...] sentite in vobis quod et in Christo Iesu' [...] ita quidem ut Pauli sententiam usurpare possimus: 'Christo confixus sum Cruci'"), praticamente o mesmo texto citado por Dom Alberto Gaudêncio Ramos na Pastoral de 7-9-1952 (cf. supra, p. 289, nota 71).
91. *Carta Pastoral de Dom Frei Anselmo..., op. cit.*, 10-11.
92. Cf. supra, p. 211.
93. Cf. *Primeira Carta Pastoral de Dom Luís do Amaral Mousinho, Bispo de Cajazeiras, op. cit.*, 10-11.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

2. Primeira Pastoral à Diocese de Ribeirão Preto (1-6-1952)

Há bem pouco a dizer sobre esta Pastoral, que fala sobre o problema da "Unidade e Atualização do Apostolado".[94] Temos unicamente o seguinte: Nela, apenas se toca de leve a Liturgia, citando um texto da "Mediator Dei" para mostrar que os elementos humanos na Liturgia podem ser modificados.[95] E é só.

Como se vê, embora afirme que se deve conhecer, assimilar, divulgar e amar a "Mediator Dei", Dom Amaral Mousinho, nestas duas Pastorais, praticamente não entra em particularidades da Encíclica.

d) Pastoral de Dom Castro Mayer sobre problemas do apostolado moderno (1-6-1953)

Há também esta Pastoral do Bispo de Campos (Estado do Rio), Dom Antônio de Castro Mayer, contendo um inteiro capítulo sobre a Liturga.[96] Neste capítulo, baseando-se abundantemente na Encíclica "Mediator Dei", o Bispo de Campos, em defesa da "verdadeira Liturgia", preocupa-se simplesmente em rebater uma série de erros dos chamados "liturgicistas" e "protestantes". Sem dúvida, embora afirme que "a encíclica 'Mediator Dei' aprova e promove o *verdadeiro* (grifo nosso) movimento litúrgico", e "tudo quanto leve os fiéis a conhecer e amar a Sagrada Liturgia só merece aplausos",[97] trata-se de um documento polêmico. Por isso, deixamos para abordá-lo mais detalhadamente no próximo capítulo, ao tratarmos das controvérsias em torno do Movimento Litúrgico.

e) Dom João de Sousa Lima: Pastoral de Saudação à Diocese de Nazaré (27-5-1955)

Trazendo como tema "A Cruzada por um mundo melhor", esta Pastoral,[98] após abordar o problema dos costumes morais na sociedade, bem como de problemas de ordem social (saúde pública, agropecuária, etc.), passa a tecer breves considerações sobre a vida da graça que nos vem principalmente dos Sacramentos, da Liturgia.[99] Sendo assim, sendo a Liturgia "fonte de graça", uma coisa se nos impõe:

> "Necessitamos de uma renovação litúrgica dentro dos princípios da Encíclica *'Mediator Dei'*".[100]

Ou, sobre os Sacramentos:

> "Baste-nos exprimir o desejo de que se renove a mentalidade dos cristãos a respeito dos Sacramentos e lhe aproveitem as riquezas inexauríveis. Neste particular necessitamos também de uma renovação litúrgica dentro dos princípios da Encíclica *'Mediator Dei et Hominum'*".[101]

94. *Primeira Carta Pastoral de Dom Luis do Amaral Mousinho, Bispo de Ribeirão Preto. Unidade e Atualização do Apostolado*, Ribeirão Preto 1952.
95. *Ibid.*, 40; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 541-542: "illa vero, prout temporum, rerum animorumque necessitates postulant, varias commutationes hebere possunt, quas Ecclesiastica Hierarchia, S. Spiritus innixa comprobaverit".
96. *Dom Antônio de Castro Mayer, Bispo de Campos, Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno contendo um Catecismo de verdades oportunas que se opõem a erros contemporâneos*, 2ª ed., Boa Imprensa Ltda., Campos 1953, 27-39. O documento data de 6-1-1953. Portanto, no mesmo ano já havia saído a 2ª edição, o que significa que teve boa divulgação. O documento pode ser encontrado também numa coletânea de Pastorais de Dom Castro Mayer, intitulada: *Por um cristianismo autêntico*, São Paulo 1971, 17-118. Seguiremos a edição do próprio documento, de 1953.
97. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno...*, *op. cit.*, 30.
98. *Dom João de Sousa Lima, Bispo de Nazaré. A Cruzada por um mundo melhor. Pastoral de Saudação*, 1955 (sem outros dados).
99. *Ibid.*, 13-16.
100. *Ibid.*, 15.
101. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Portanto, também Dom João de Sousa Lima, nesta Pastoral, aborda a Encíclica de maneira geral, sem entrar em particularidades. Contudo, não deixa de ser importante a consciência da necessidade de uma renovação litúrgico-sacramental dentro dos princípios desta Encíclica.

f) Dom Antonio Mendonça Monteiro: Pastoral comemorativa do 25º aniversário da Diocese de Bonfim (1958)

A certa altura desta Pastoral,[102] fala-se de dois pontos que nos interessam: "A Eucaristia", e, "O Sacrifício incruento da Missa".[103]

Quanto ao ponto sobre "A Eucaristia", fala-se primeiro do Congresso Eucarístico a se realizar em Bonfim em ação de graças pelo Jubileu da diocese, nos dias 23 a 26 de outubro de 1958, com o seguinte tema: "A Eucaristia, fonte de renovação e progresso espiritual pela Missa e pela Comunhão".[104] Passa-se então a tecer curtas considerações teóricas sobre a Eucaristia.

Interessa-nos mais de perto o segundo ponto: "O Sacrifício incruento da Missa", onde se dá este confortante testemunho:

> "Nota-se atualmente um louvavel progresso dos estudos e da piedade cristã no atinente ao Santo Sacrifício da Missa. Uma bibliografia riquíssima versa a respeito do único Sacrifício oficial da Nova Lei".[105]

Em seguida, faz questão de citar — "importa citar", diz ele — as palavras da "Mediator Dei" sobre o "dever" e a "suma honra" de participar ativamente do Sacrifício eucarístico.[106]

Enfim, Dom Mendonça Monteiro pede aos Vigários (párocos) para providenciarem pessoal apto que se disponha a "explicar a Missa", principalmente às crianças, o que terá repercussões positivas no próprio apostolado dos leigos.[107]

Portanto, explicação da Missa, importância da participação ativa e o progresso dos estudos litúrgicos, são os pontos colocados nesta Pastoral de Dom Antônio Mendonça Monteiro, por ocasião do 25º aniversário da Diocese de Bonfim, que prossegue na busca de uma renovação baseada na Liturgia.

2) *Cartas Pastorais que falam da Liturgia sem citar ou referir explicitamente a "Mediator Dei" ou outros documentos pontifícios posteriores à Encíclica*

102. *Dom Antonio Mendonça Monteiro, Bispo de Bonfim. Carta Pastoral Comemorativa do Jubileu de Prata da Diocese de Bonfim,* Salvador 1958.
103. *Ibid.*, 6-8.
104. *Ibid.*, 6. Portanto, aquele ideal litúrgico do antigo Bispo Dom Frei Henrique G. Trindade, prossegue em Bonfim, talvez com algumas diferenças, também nesta época.
105. *Ibid.*, 7.
106. *Ibid.*, 7-8; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 552: "Expedit igitur [...] christifideles omnes animadvertant summo sibi officio esse [...] unaque cum eo se devoveant".
107. *Dom Antônio Mendonça Monteiro, Bispo de Bonfim. Carta Pastoral Comemorativa..., op. cit.*, 8: "Recomendamos aos Revmos. Vigários providenciarem quem possa e saiba, quando oportuno, explicar a S. Missa, principalmente às crianças, seguindo a orientação de impressos aprovados pela autoridade eclesiástica e também para que o espírito apostólico se implante no coração das crianças que 'aprenderá como rezar na Missa, como oferecê-la com intenção que abranja o mundo inteiro e sobretudo os grandes interesses da Igreja' segundo as normas do Sumo Pontífice Pio XII aos participantes do II Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos (6-10-1957)". Na verdade, o citado discurso de Pio XII não foi no dia 6, mas no dia 5 de outubro de 1957; para este discurso, cf. *AAS* 49 (1957), 922-939, *in specie* 932 onde se encontra a frase citada por Dom Antônio.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

a) Quatro Pastorais de Dom Frei Henrique G. Trindade

Já nos é conhecido este nome: Dom Frei Henrique G. Trindade. Já falamos de duas Pastorais suas aos diocesanos de Bonfim, no período anterior a novembro de 1947.[108] Após este período, Dom Frei H. G. Trindade continuou a escrever, incentivando e falando com grande zelo pastoral sobre o conhecimento e a participação na Liturgia por parte dos fiéis. Assim, temos mais quatro Pastorais suas que passamos a considerar. O interessante — para adiantar — é que, numa linguagem muito pessoal, não faz nenhuma citação nem referência explícita à Encíclica de Pio XII sobre a Liturgia ou a documentos pontifícios sobre a Liturgia posteriores à Encíclica!

1. "Últimas palavras à diocese de Bonfim", Pastoral de 12-8-1948

De Bonfim (Bahia), Dom Frei H. G. Trindade foi nomeado Bispo de Botucatu, Estado de São Paulo. E, como despedida aos seus diocesanos de Bonfim, escreve esta Pastoral,[109] que entre outras coisas, traz este testemunho sobre a promoção da Liturgia naquela diocese baiana:

> *"Liturgia* — Foi sempre objeto de nossa particular atenção e carinho. Pouco fizemos, mas desejávamos muito fazer: canto e oração em comum, limpeza e melhor arranjo nas igrejas e capelas, tudo com sobriedade e dignidade, melhor compreensão das cerimônias da Igreja, etc. Conseguimos, talvez, alguma coisa a respeito do centro da liturgia: a santa missa — explicada, dialogada, recitada e a missa das crianças, assistida de um modo ativo e inteligente".[110]

Portanto, depois de 7 anos de trabalhos na Diocese de Bonfim, Dom Frei H. G. Trindade deixa o testemunho de um certo progresso em torno da participação na Santa Missa por parte dos fiéis daquela Comunidade eclesial.

2. "Não nos iludamos e trabalhemos", Pastoral de 12-6-1949

Como Bispo de Botucatu, Dom Frei H. G. Trindade trouxe-nos mais esta Carta Pastoral,[111] onde reflete como ele prossegue com paixão no seu zelo pastoral em favor de uma vida cultual mais consciente e melhor participada pelos fiéis.[112]

Antes de tudo, Dom Frei H. G. Trindade faz notar a quantidade de gente que não vai à Missa aos domingos, permanecendo pelas ruas ou em casa, entregues ao comodismo e ao indiferentismo.[113] Daí a razão do título: Não nos iludamos!

108. Cf. supra, p. 153-154.
109. *Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M. Últimas Palavras à Diocese de Bonfim. Terceira Pastoral*, Petrópolis 1948.
110. *Ibid., 15-16;* cf. as considerações que fizemos em torno da Primeira e Segunda Pastorais de Dom Frei H. G. Trindade para Bonfim, supra, p. 153-154.
111. *Não nos iludamos e trabalhemos. Quarta Pastoral de Dom Frei Henrique Golland Trindade, da Ordem Franciscana, Bispo de Botucatu*, Petrópolis 1949.
112. O documento foi inteiramente publicado também pelo *O Legionário* (cf. *O Legionário* 6-11-1949, 1 e 7, seguindo em *O Legionário* 13-11-1949, 1 e 11), que o apresentou com este sugestivo título: *Todos* são convidados a participar do "festim da Igreja": "Realismo dos nossos Bispos. Não nos iludamos: Procissões e congressos, Igrejas cheias nos dias de festa e casamentos pomposos, colégios católicos abarrotados e associações sem conta. . E a multidão dos cegos e cochos que também foram convidados para o festim da Igreja? Pastoral de Dom Fr. Henrique G. Trindade" (*O Legionário* 6-11-1949, 1).
113. *Não nos iludamos e trabalhemos. op. cit.*, 8-9; cf. *ibid.*, 26-27.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Por que tanto desinteresse? Dom Frei H. G. Trindade o vê na grande ignorância do povo quanto à Santa Missa e Sacramentos, que o aliena de maneira espantosa destas fontes de graça e bênção.[114]

A Pastoral não se firma, no entanto, só na constatação negativa da realidade, lamentando a situação. Olha confiante para "três movimentos importantes" que se esboçam na diocese, "como em toda parte": "o *movimento catequético*, o *movimento litúrgico* e o movimento de *assistência social*."[115]

Sobre o Movimento Litúrgico, assim testemunha:

> "O movimento litúrgico, abençoado e recomendado sempre pelo Santo Padre, já se vive em várias paróquias e instituições católicas, onde os cristãos já sabem rodear o altar do sacrifício, participando, ativamente, de uma Santa Missa, onde já se dá atenção ao sentido dos sacramentos, onde a Santa Comunhão não é apenas um ato de piedade a mais, mas um princípio de vida divina na alma".[116]

Assim, pois, incentivado por esta realidade altamente positiva do Movimento Litúrgico que já se vive na Igreja, Dom Frei H. G. Trindade lança o imperativo: Trabalhar realmente, para que "todos" sejam "participantes ativos". Como diz textualmente:

> "*Acabemos com atores e expectadores em nossas igrejas.* Todos devem ser participantes ativos, uns como clero, outros como leigos, de nossas cerimônias e exercícios de piedade".[117]

E, na prática:

> "Introduzam-se, com prudência, *as missas dialogadas*, e, sem prudência, isto é, sem receio, *as missas recitadas*. Só não poderia acompanhar uma missa recitada quem não souber ler ou quem não for batizado".[118]

Portanto, também aqui Dom Frei H. G. Trindade continua sendo um verdadeiro fã da Missa dialogada e da Missa recitada, ideal pelo qual já vem lutando desde o longínquo ano de 1938, quando publicava o seu *Sigamos a Missa*.[119]

Enfim, notamos nesta Pastoral o apelo feito no sentido de cuidar também para que nas igrejas haja um ambiente realmente digno para o culto.[120]

3. "Pró Santificação do Dia do Senhor", Pastoral de 3-5-1950

Dom Frei H. G. Trindade continua sempre seu trabalho de conscientização para uma participação melhor do povo na Liturgia, principalmente aos domingos.

"As nossas pobres Missas. ", é o título de um pequeno capítulo que aparece nesta Pastoral.[121] A este capítulo, segue um outro, intitulado: "Haja uma reação".[122]

114. *Ibid.*, 12.
115. *Ibid.*, 17.
116. *Loc. cit.*
117. *Ibid.*, 23.
118. *Ibid.*, 24.
119. Cf. supra, p. 65-66.
120. *Não nos iludamos e trabalhemos...*, *op. cit.*, 24-25. O apelo corresponde, tacitamente, com o que Pio XII dizia sobre a necessidade de decoro no ambiente geral de culto (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 588).
121. *Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M., Bispo de Botucatu, Pró Santificação do Dia do Senhor (um ano inteiro de trabalho), Quinta Pastoral*, Petrópolis 1950, 11-12.
122. *Ibid.*, 12-13.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Como se pode logo deduzir, por trás do primeiro capítulo se esconde uma amarga queixa: a enorme e inquietante distância ainda existente entre os fiéis e o altar. Se todos pudessem participar como faziam os primeiros cristãos! Na verdade, após afirmar que "o nosso problema não é apenas a falta à Missa, o trabalho servil e os desmandos dos dias do Senhor", exclama:

> "Oh! se, ao menos, as nossas Missas embora mal freqüentadas, fossem compreendidas, vividas, concelebradas pelos nossos fiéis! Se houvesse uma aproximação, ainda que longínqua, das Missas dos primeiros cristãos, que rezavam e cantavam com o celebrante, e, de suas mãos, recebiam o pão eucarístico! Se rodeássemos, como eles, o altar do sacrifício, onde se formava para a caridade fraterna, para a luta contra os tiranos e as feras, para o heroísmo, para a santidade!...."[123]

Realmente, Dom Frei H. G. Trindade se preocupa com a situação das Missas dominicais, onde comumente se dá toda a importância às aparências externas, e onde as homilias tantas vezes são sem contacto com a realidade, onde a presença dos fiéis prima pela alienação.[124]

E pergunta, exclamativo:

> "será isso o sacrifício do cristão, o tremendo 'misterium fidei', a ceia sacrifical que, unida ao sacrifício da cruz, é o princípio da renovação do mundo?! Será isso que Cristo Senhor Nosso nos deixou como herança, em uma hora tão séria da sua paixão, herança que devia atravessar os séculos para perpetuar a sua presença entre nós?!".[125]

Na verdade, a consciência da Presença de Cristo foi ofuscada com banalidades, vaidades, ostentações e estupidez.[126] Enfim, é doloroso ver como os fiéis do século XX correspondem ao amor de Cristo que se deu a nós em sacrifício, "só preocupados consigo mesmos, com a sua pequenez!...". E volta a exclamar: "Oh as nossas Missas dominicais!".[127]

Urge uma reação "cheia de bondade": muita instrução sobre a santa Missa, todo o seu valor, suas graças, sua força, sua beleza, suas exigências, pois a ignorância é grande.[128] Os coros abandonem o espírito exibicionista

123. *Ibid.*, 11. Interessante como Dom Frei H. G. Trindade usa aqui sem medo uma terminologia que foi decididamente reprovada por Pio XII. Usa a palavra "concelebrar" referida aos fiéis, terminologia que já havia usado antes no seu *Sigamos a Missa!* (cf. supra, p. 66 com referência para a nota 186; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 553, onde vem reprovada a idéia daqueles que dizem que os fiéis "concelebram" a Missa; cf. supra, p. 231, nota 149, onde citamos o texto latino da Encíclica sobre o assunto). Pessoalmente, tendemos a ver nesta terminologia usada por Dom Frei Henrique não tanto uma afirmação doutrinal, mas uma expressão enfática. Contudo, não deixa de suscitar estranheza!

124. ...*Pró Santificação do dia do Senhor*..., *op. cit.*, 11: "As nossas pobres Missas dominicais! muitas... com a preocupação da toilette e do terno novo, com a preocupação do coro a cantar motetes, às vezes sentimentais, com os coroinhas distraídos e barulhentos, com as homilias, tanta vez, sem contacto algum com a realidade... Homens encostados às colunas e paredes, sem fazerem absolutamente nada, a não ser esperarem, pacientemente, que a Missa termine. Senhoras e moças com tercinhos e manuais elegantes, com mangas curtas e rostos bem tratados e pintados... Cumprimentos à entrada e à saída; ou, então, o virar o rosto, o fingir que não se viu... No fim, a bênção do sacrifício, recebida com o sinal da cruz, feito pela metade; as três Ave-Marias rezadas em surdina, com respeito humano, e com pronúncia mutilada...".

125. *Loc. cit.*

126. *Ibid.*, 11-12: "Realmente, Cristo Senhor, vivo, com seu corpo e sua divindade, a nos ver, pronto a nos escutar, desejoso de nos dar seu Sangue, sua Força, sua Luz e seu Amor... rodeado de tanta banalidade, de tanta vaidade, de tanta ostentação, e, quando não, de tanta estupidez".

127. *Ibid.*, 12.

128. *Loc. cit.* E exclama novamente: "Como é triste! Há tantos anos que um católico freqüenta a igreja, já ouviu muitas centenas ou mais de sermões e pregações, e tão pouco sabe do principal, da mensagem de Cristo, do sacrifício de Cristo, da presença de Cristo. Por que não se aproveitam as novenas e os célebres meses festivos, para a instrução séria dos fiéis?! Que responsabilidade! Entra mês e sai mês, com flores e fitas, e o povo a ignorar o principal..." *(loc. cit.)*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

das vozes, e se conscientizem de sua importante missão no culto divino: edificar os fiéis e glorificar a Deus. Além de prestar serviços nas grandes solenidades, constituem um excelente auxílio para o canto em comum.[129]

E conclui Dom H. G. Trindade:

> "Quanto se poderia fazer, se houvesse boa vontade! Do contrário, daqui a cem anos, o povo cristão continuará a ignorar o sacrifício de Cristo, e que a Missa não é só ação do padre, ou dos coroinhas, ou do coro, mas é ação de todos os fiéis, sobretudo a Missa dominical".[130]

4. "A diocese somos nós, são as almas...", Pastoral de 1-5-1958

Foi por ocasião do cinqüentenário da diocese de Botucatu, que Dom Frei Henrique G. Trindade escreveu esta Pastoral,[131] que traz um pequeno capítulo dedicado especialmente à "Vida Litúrgica".[132]

Toda a preocupação aí gira em torno do imperativo de uma piedade mais cristocêntrica, isto é, mais litúrgica, e menos individualista. Como afirma:

> "A nossa vida religiosa deve ser litúrgica. A liturgia é Cristocêntrica. Desenvolve-se tôda ao derredor do altar, e o altar é Cristo. Será essa a característica de nossa vida religiosa? Não é tão individualista a nossa piedade?.[133]

Segue então uma série de perguntas sobre a mentalidade e a atitude com que nos colocamos frente à Missa.[134] No fundo, por trás destas perguntas se esconde uma afirmação: não temos ainda suficiente espírito comunitário, litúrgico e cristocêntrico em nossa vida de piedade. Daí, o imperativo final:

> "Ressoe o nome de Cristo em tôdas as nossas assembléias e igrejas. Sinta-se a sua presença misteriosa mas real. Que a devoção a Maria Santíssima e aos Anjos e Santos sirva para nos levar mais para junto de Cristo Jesus, pelo qual, com o qual e no qual, queremos glorificar a Deus, agora e por tôda a eternidade... Seja o resumo de nossa oração individual e coletiva a petição ensinada pelo próprio Cristo: 'Senhor, venha a nós o vosso reino'".[135]

129. *Ibid.*, 12-13; e acrescenta: "para os domingos e dias comuns, o coro paroquial, cônscio de sua responsabilidade, devia ajudar os fiéis a cantarem ou devia alternar com eles" (*ibid.*, 13).
130. *Loc. cit.*
131. *Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M. A Diocese somos nós, são as almas. Pelo seu cinquentenário. Sétima Pastoral*, Petrópolis 1958.
132. *Ibid.*, 13-14.
133. *Ibid.*, 13.
134. *Ibid.*, 13-14: "E para muitos e muitos católicos não está a intercessão dos santos à frente da mediação de Cristo? Preferimos a nossa oração particular à oração comunitária da Igreja, que faz todos os seus filhos, nas catedrais e nas matrizes e por tôda parte, rezarem juntos, terminando, sempre, as suas súplicas com a significativa conclusão 'por Cristo nosso Senhor'. É assim que pedimos e rezamos? Qual a nossa atitude para com a santa Missa? Vemos nela, realmente, o sacrifício de Cristo, que se imola por nós, continuamente, em todos os altares do mundo? Que sentido tem a nossa missa dominical, obrigatória? Assistimos a ela, sem interêsse ou tomamos parte nela, com a possível compreensão? Que fazemos durante a meia hora na qual o sacerdote permanece no altar? Podemos (conceda-se), rezar o nosso querido têrço (que ficaria bem a outra hora), ler algum livro espiritual, recitar orações aos santos, mas *nunca nos podemos esquecer de Cristo*, sacerdote e vítima, sem o qual a missa não tem sentido algum, ou melhor, nada é. E o problema das missas por devoção, no decorrer da semana?! Já decretamos, talvez, que não temos tempo e que não é obrigação? Estamos convencidos de que a comunhão não é um luxo ou não é uma recompensa para as almas puras? Compreendemos que a missa não se compreende sem a comunhão pessoal? E que a comunhão pessoal é a nossa maior experiência religiosa e nossa maior elevação?".
135. *Ibid.*, 14.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Poderíamos dizer que nesta Pastoral Dom Frei H. G. Trindade nos apresenta sintetizada toda a sua preocupação, suas perguntas, suas buscas, seu pensamento, seus anseios pastorais no que toca à Liturgia: ver o povo todo rodeando comunitariamente o Altar de modo consciente e vivo, na participação viva no Sacrifício que ali se renova.

b) Dom Frei Felício da Cunha Vasconcellos: Pastoral de Saudação aos diocesanos de Penedo (Alagoas) (29-7-1949)

Nesta Pastoral,[136] a certa altura, após tecer considerações teóricas sobre a Eucaristia como Sacrifício e como Sacramento,[137] Dom Frei F. da Cunha Vasconcellos faz este convite:

> "Participemos ativamente da santa Missa e não nos contentemos de assisti-la passivamente, para não merecermos a censura do Apóstolo: 'por isso (por não haver discernimento do corpo do Senhor) há entre vós muitos doentes e fracos (no espírito) e dormem muitos (o sono do pecado)'". [138]

O convite se alarga igualmente no sentido de "sempre mais estudar, conhecer, acompanhar e viver integralmente a Missa", sem perdê-la jamais nos domingos e dias santos e, sempre que possível, também nos dias de trabalho. Lembra que "a Comunhão... é o modo de mais íntima e perfeitamente participar do Sacrifício". E completa:

> "Façamos da Missa e da Comunhão freqüente e devota o centro prático de nossa vida religiosa, o fóco donde jorrarão torrentes de luz, de graça, de consôlo, de força, de amor para toda a nossa atividade individual, profissional, familiar, social, para o tempo e para a eternidade!". [139]

Como se percebe, também esta Pastoral não faz qualquer referência à Encíclica de Pio XII sobre a Liturgia. Contudo, não podemos negar que traz bons elementos daquele documento pontifício: participação ativa, conhecimento e estudo da Missa, Comunhão como o modo mais excelente de participação, Comunhão freqüente.

c) Dom Frei Inácio João Dal Monte: Pastoral de Saudação aos diocesanos de Guaxupé (15-8-1952)

Sobre este documento,[140] diríamos apenas o seguinte: Ele fala, numa de suas partes, da Eucaristia como "fonte de vida sobrenatural" e que "conserva a vida", como "vínculo de caridade", como "fonte de fé" e "de esperança".[141] Portanto trata mais do Sacramento em si do que do seu aspecto celebrativo.

d) Dom Daniel T. Baêta Neves: Pastoral de Saudação aos diocesanos de Januária (15-9-1958)

136. *Dom Frei Felício da Cunha Vasconcellos, O.F.M., Bispo de Penedo. Pastoral de Saudação aos seus diocesanos*, Florianópolis 1949.
137. *Ibid.*, 10-13. Duas definições: a) "Como Sacrifício é o memorial perêne da paixão e morte do Senhor; ato supremo de adoração á infinita Majestade de Deus uno e trino; a mais perfeita ação de graças que se possa render a Deus por seus inumeráveis benefícios; a mais eficaz ação impetratória que tudo pode arrancar do céo; ato propiciatório por excelência, único capaz de por si só aplacar a justa cólera de Deus provocada pelos crimes do mundo" (*ibid.*, 12). b) "Como Sacramento é o pão vivo que desceu do céu para dar vida ao mundo..." (*ibid.*, 13). Baseia-se na Encíclica "Mystici Corporis" para desenvolver o discurso.
138. *Ibid.*, 13; cf. 1Cor 11,30; a Pastoral não o refere, mas a idéia da participação ativa pois ser encontrada em "Mediator Dei", *op. cit.*, 552.
139. *Ibid.*, 14; sobre a Comunhão Eucarística, cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 563-566.
140. *Dom Frei Inácio João Dal Monte, O.F.MCap. Bispo de Guarupé. Pastoral de Saudação aos seus diocesanos*, Curitiba 1952.
141. *Ibid.*, 5-12.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Dos cinco pontos (conselhos) acentuados nesta Pastoral de Saudação aos diocesanos de Januária,[142] um deles, o 4º ponto, é sobre a "Participação ativa na vida litúrgica da Igreja".[143]

Após notar que "uma das características de grande importância na vida da Igreja, nos tempos atuais, é a participação dos fiéis na vida litúrgica da Igreja", e que a Missa é o ato litúrgico por excelência, o "centro e o ponto de convergência e de atração da nossa vida crità e da vida de toda a Igreja", Dom Baêta Neves acentua:

> "Desejamos, vivamente, que os fiéis sejam instruídos sobre a essência, os fins e as cerimônias da Santa Missa".[144]

E acrescenta, citando *ipsis verbis* as palavras da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em sua IV Assembléia-Geral realizada nos dias 3-11 de julho de 1958:[145]

> "Que se difunda a prática das Missas explicadas e se facilite a formação de explicadores da Santa Missa".[146]

E, enfim, após lembrar a tradução do Ritual, aprovada pela Santa Sé em março deste ano, "para que os fiéis entendam o que ouvem e acompanhem e tomem parte na ação litúrgica a que assistem", Dom Baêta Neves conclama:

> "Sejamos apóstolos do movimento restaurador da participação dos Fiéis na vida litúrgica da Santa Igreja".[147]

Portanto, ser apóstolo do movimento que leva os fiéis a uma melhor participação na vida litúrgica da Igreja, a difusão da prática das Missas explicadas e a instrução sobre a Missa nos seus mais variados aspectos, são os principais pontos litúrgicos acentuados por Dom Baêta Neves nesta Pastoral.

Concluamos este item II

São 17 (de dez diferentes Bispos) as Pastorais que acabamos de considerar. Destas 17 Pastorais: 1) 10 delas (de 6 diferentes Bispos) citam ou fazem referência explícita à "Mediator Dei" ou outros documentos pontifícios posteriores à Encíclica; 2) 7 delas (de 4 diferentes Bispos) falam da Liturgia e da promoção da melhor participação dos fiéis na mesma, mas não citam nem fazem referência aos ditos documentos.[148] Há, portanto,

142. *Carta Pastoral de Dom Daniel Tavares Baêta Neves, Primeiro Bispo de Januária — MG. Saudando os seus diocesanos,* Belo Horizonte 1958.
143. *Ibid.*, 25-26. Os outros quatro pontos são: a) Grandeza de nossa vocação e fidelidade às promessas do Batismo"; b) "Prática das máximas do Evangelho"; c) "Cultura e Fé Católica"; d)...; e) "Apostolado individual de cada filho da Igreja".
144. *Ibid.*, 25.
145. Logo mais trataremos especificamente desta Assembléia.
146. *Carta Pastoral de Dom Daniel..., op. cit., 25; cf. C.M.CNBB* nº 71 (ag. 1958), 40.
147. *Carta Pastoral de Dom Daniel..., op. cit.*, 26.
148. Convém lembrar que há também Pastorais que, estranhamente, nem sequer tocaram no assunto Liturgia, quando poderiam muito bem tê-lo feito. Cf., por exemplo, a *Carta Pastoral de Dom Francisco Expedito Gomes, Iº Bispo de Oeiras. Saudando seus diocesanos,* de 12-12-1948: Sendo o lema de Dom Francisco Expedito o "Instaurare omnia in Christo" (Ef. 1,10), e sendo que a Pastoral fala, do começo ao fim, da instrução religiosa e do catecismo, era de se esperar que falasse também da Liturgia. Mas, nem toca no assunto!
Talvez, mais típico e característico é este documento: *Pastoral Coletiva dos Cardeais, Arcebispos, Bispos, e Prelados residenciais do Brasil. A Igreja ante os problemas atuais,* Petrópolis 1951. Esta Pastoral, de 7-9-1951, com bem 56 páginas, toca problemas de caráter religioso (necessidade de mais padres, lares cristãos, educandários autênticos, catequese, apostolado dos leigos), problemas de ordem moral, e problemas de ordem política. Ora, pelo título que lhe é dado ("A Igreja ante os problemas

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

uma diferença e, nesta diferença, a proporção é superior para o primeiro grupo.

No entanto, dentro mesmo do primeiro grupo, há diferenças na abordagem da citada Encíclica de Pio XII e outros documentos pontifícios posteriores.

Antes de tudo, notamos que apenas uma Pastoral — a Pastoral de Saudação a Belém do Pará, de Dom Alberto Gaudêncio Ramos — se interessa explicitamente pelos documentos pontifícios posteriores à "Mediator Dei", incitando aos diocesanos a acatá-los plenamente, e com obediência e respeito, para o bem da reforma da vida espiritual nas paróquias.[149]

Na abordagem da "Mediator Dei", para alguém chama a atenção, na Encíclica, o aspecto "purificador" de erros litúrgicos,[150] e para outro ela é vista sob o ângulo "condenador" das "heresias liturgicistas".[151]

Há os que a abordam apenas de maneira geral, como um ótimo documento a ser estudado e divulgado com amor e diligência, e à base de cujos princípios deve-se promover uma renovação litúrgico-sacramental. Não se entra em particularidades, portanto.[152]

De outra parte, explora-se de maneira mais ou menos exaustiva a mensagem da "Mediator Dei", e com abundantes citações, seja enfatizando o aspecto teológico-pastoral da mesma (Dom Alberto Gaudêncio, Dom Antônio Mendonça Monteiro), seja acentuando seu aspecto teológico-espiritual (Dom Frei Anselmo Pietrulla), para motivar e incentivar a reforma e a intensificação da vida litúrgica entre os fiéis. *Elementos mais comuns que aparecem*: Insiste-se sobre a importância ("dever" e "suma honra") da participação na Missa e, para favorecer esta participação, recomenda-se a instrução litúrgica dos fiéis (explicações sobre a Missa e Missas explicadas), o uso do Missal pelos fiéis, cânticos adequados às várias partes da Missa, Comunhão freqüente e dentro da missa, necessidade de assumir os mesmos sentimentos de Cristo. Constata-se também progresso no campo do apostolado litúrgico. *Elementos presentes cá e lá*: ignorância e alheamento (desinteresse) dos fiéis quanto à Missa; importância (lugar central) da Santa Missa como renovação do Sacrifício da Cruz; estabelecer uma Comissão litúrgica para promover o apostolado litúrgico; promover Semanas de Missa; fazer da Catequese uma Catequese "litúrgica"; intensificar a participação ativa através de meios como Missas dialogadas, Missas explicadas, canto gregoriano (Missa "De Angelis"), ambiente geral digno para o culto; "sentir" (presenciar) o drama do Calvário que se renova sobre o

atuais"), era de se esperar que, ao afrontar os "problemas de caráter religioso", esta Pastoral ao menos tocasse o problema da Liturgia. Afinal de contas, a aproximação da Liturgia ao povo (e vice-versa) constituia um problema ou não?! Para alguns Bispos, como já tivemos ocasião de verificar, sem dúvida! Mas, para todo o Episcopado brasileiro, em 1951, parece que ainda não! Prova disto é esta Pastoral Coletiva!

Citaríamos também este documento: *Dom Frei Caetano Antônio dos Santos, O.F.M.Cap., 6º Bispo de Ilhéus, Pastoral de Saudação aos seus diocesanos*, Ilhéus 1958: Fala só do Rosário!

149. Cf. *Saudação à Arquidiocese de Belém...*, *op. cit.*, 15-17; cf. supra, p. 290-291.

150. Cf. *Primeira Carta Pastoral de Dom Luis do Amaral Mousinho, Bispo de Cajazeiras*, *op. cit.*, 11; cf. supra, p. 292.

151. Cf. *Dom Antônio de Castro Mayer... Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno...*, *op. cit.*, 27-39; cf. supra, p. 293.

152. Cf. *Primeira Carta Pastoral de Dom Luis do Amaral Mousinho, Bispo de Cajazeiras*, *op. cit.*, 11; *Primeira Carta Pastoral de Dom Luis do Amaral Mousinho, Bispo de Ribeirão Preto...*, *op. cit.*, 40; cf. supra, p. 293; cf. *Dom João de Sousa Lima, Bispo de Nazaré, A Cruzada por um mundo melhor ..*, *op. cit.*, 13-16; cf. supra, p. 293-294.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Altar. *Sintetizando*: Diante da grandeza (importância, sublimidade) do Sacrifício da Missa e da participação na mesma, e diante do desinteresse de tantos fiéis frente a esta realidade, duas coisas se impõem: a) instrução dos fiéis sobre a Missa em seus mais variados aspectos; b) conduzir os fiéis a uma ativa e íntima participação na Missa através dos meios mais variados que vão se colocando à disposição.

Quanto ao segundo grupo, isto é, das Pastorais que não citam nem fezem referência à "Mediator Dei" e outros documentos posteriores à Encíclica, observamos:

O elemento mais comum, que logo aparece mais evidente, neste grupo de documentos, é *a insistência quanto à participação ativa* dos fiéis na Santa Missa, a tal ponto que, uma vez, para enfatizar este ideal de participação, chega-se a usar uma terminologia sem dúvida ousada.[153] Afinal, a Missa é também do povo, e deve ser participada ativamente por ele.

Para realizar este ideal, urge um maior e melhor conhecimento da Missa (ato litúrgico por excelência) em todos os seus aspectos. Instrução, portanto! Urge, além disso, conduzir os fiéis a uma piedade mais cristocêntrica, litúrgica, e menos individual. Pois, apesar dos progressos já realizados pelo Movimento Litúrgico, é grande ainda o individualismo cheio de interesses vaidosos na piedade dos fiéis, é grande ainda o alheamento, o desinteresse, e ignorância quanto à Missa, sobretudo dominical. Além disso, insiste-se quanto aos meios de participação ativa, como Missas dialogadas, Missas recitadas, Missas explicadas e Comunhão dentro da Missa. São elementos que aparecem cá e lá, nestas Pastorais.

Portanto, este grupo se apresenta sem dúvida rico de elementos da "Mediator Dei", apesar de não fazer referência explícita a ela.

Enfim, retomando de novo todas as Pastorais em seu conjunto, fazemos as seguintes observações:

1) Proporcionalmente, apesar de ser superior o número de Pastorais que citam e fazem referência explícita à "Mediator Dei" e outros documentos posteriores, é muito pequeno o número daquelas que exploram estes documentos de maneira mais ou menos exaustiva para promover o apostolado litúrgico. Apenas quatro!

2) Apesar desta pouca consideração explícita por parte da maioria destes documentos episcopais que verificamos, pode-se dizer que vários elementos litúrgico-pastorais da Encíclica são comuns à maioria deles.

3) Assim temos: a) Consciência da importância e sublimidade da Missa e da participação na mesma; b) o problema do desconhecimento da Liturgia por parte dos fiéis; c) a urgência da instrução do povo sobre a Missa; d) premente necessidade de promover a participação ativa, íntima e consciente dos fiéis no Santo Sacrifício através dos meios mais variados colocados à disposição.

153. Referimo-nos à palavra "concelebrar", usada por Dom Frei Henrique G. Trindade em relação aos fiéis (cf. *Pró Santificação do Dia do Senhor*..., *op. cit.*, 11; cf. supra, p. 297.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

4) Naturalmente, não podemos concluir que esta preocupação litúrgico-pastoral seja representativa de *todo* o Episcopado nacional, o qual, pelo menos até inícios da década de 1950, como um *todo* nacional, não sentia ainda a urgência de uma reforma litúrgica. Ela não constituía problema! Prova disso é a Pastoral Coletiva de todos os Bispos do Brasil sobre "A Igreja ante os problemas atuais", de 7-9-1951. [154]

As preocupações litúrgico-pastorais dos documentos episcopais que acima abordamos são, sem dúvida, representativas de uma evolução do Episcopado nacional, evolução esta que conquistou expressão nacional só em 1958, na IV Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

III. Na IV Assembléia Geral da CNBB (julho de 1958)

"*Renovação Paroquial*" foi o "importantíssimo" tema central tratado na IV Assembléia Geral da CNBB, reunida em Goiânia, de 3 a 11 de julho de 1958. O tema central se subdividiu em seis outros temas, um dos quais era exatamente "*Paróquia e Liturgia*". [155]

Pela primeira vez na história do Movimento Litúrgico no Brasil, certamente influenciado bastante pelo Congresso Litúrgico de Assis, [156] todo o Episcopado nacional se pronunciou abertamente a favor do Movimento.

O Bispo Dom Hélder Câmara foi o Relator deste tema, do qual, depois de ser estudado, os Bispos todos emitiram suas "Conclusões gerais". Enfim, uma "Mensagem ao nosso Clero" convoca a todos para uma intensa campanha de participação litúrgica renovada, como fator indispensável de renovação paroquial.

1) *Relatório de Dom Hélder Câmara* [157]

1°) Preliminarmente, Dom Hélder Câmara chama a atenção para o caráter "essencialmente prático e pastoral" da Assembléia.

Daí:

> "estudar, em Encontro assim as relações entre Paróquia e Liturgia, equivale a procurar saber como pode a Liturgia contribuir para a renovação de nossas Paróquias". [158]

Também não se restringirá exclusivamente à Liturgia:

> "Quando recursos para-litúrgicos levarem à Liturgia e à renovação paroquial, não vacilaremos em apresentá-los e comentá-los". [159]

154. Cf. supra, p. 300, nota 148.
155. Cf. *C.M.CNBB* nº 53 (fev. 1957), 2; nº 71 (ag. 1958), 23-24.
156. Lembramos como a Revista da CNBB fez questão de publicar todo o discurso de Pio XII aos Congressistas (cf. *C.M.CNBB* nº 49 (out. 1956), 4-10; cf. supra, p. 249, nota 35).
157. *C.M.CNBB* nº 70 (julho 1958), 14-27. O Relatório vem assim dividido: 1º) Observações Preliminares; 2º) Ritual bilíngüe: acontecimento providencial; 3º) Renovação em torno da Santa Missa; 4º) Sacramentais e superstições populares; 5º) O anúncio da palavra de Deus; 6º) Experiências paralitúrgicas.
158. *Ibid.*, 14.
159. *Ibid.*, 15.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

2º) Em seguida, fala do "acontecimento providencial" que é o Ritual bilíngüe, sobretudo nesta Assembléia em que se aproveitou para o lançamento do *Pequeno Ritual Romano: português-latino*, sobre o qual assim se expressa:

> "Publicação destinada a ter a mais profunda repercussão no seio dos fiéis. Com ela o Brasil se integra no movimento de renovação litúrgica já em curso em diversos países".[160]

O que se acentua com relação ao Ritual bilíngüe é a "preparação indispensável" para o seu uso, seja para os fiéis como para o Celebrante.[161] O Celebrante, por exemplo, muitas vezes sente dificuldade com o vernáculo, estranha-o, pois não pode mais "ler o que deve ler, no tempo-relâmpago de que se serve". Na verdade, agora, o Celebrante não deve mais apenas ler um texto, mas deve esforçar-se para que os fiéis o acompanhem. O Celebrante precisa estar atento "quanto à desejável e urgente participação ativa dos fiéis nos ritos sagrados", sabendo que a Liturgia é "o culto integral do Corpo Místico".[162]

Assim, cada Ordinário deverá promover uma *adequada preparação* em sua Diocese para o lançamento do Ritual bilíngüe. Como? Para o clero: reuniões especiais. Para o povo: tríduos litúrgicos paroquiais, com apresentação e comentário do Ritual português-latino.[163]

3º) *Renovação em torno da Santa Missa:*

— Quanto à *Missa explicada*, sondagem feita em 2 Arquidioceses, 6 Dioceses e 2 Prelazias,[164] mostra que, "a não ser em 2 Paróquias..., onde quer que tinha sido experimentada..., os resultados foram encorajadores".[165]

— Quanto à *Missa recitada*, igualmente, o resultado apresentado é bom.[166]

— Quanto ao uso mais largo do Missal, várias dificuldades se apresentam: muitíssimos não sabem ler; os textos litúrgicos são difíceis por causa da extrema concisão; muitos não têm condições financeiras para comprar um Missal; e, além disso, destacaríamos:

> "O pouco interesse dos padres menos zelosos em difundir um instrumento que importará em contrôle de sua própria celebração do Santo Sacrifício; a falta de educação litúrgica generalizada não só entre os fiéis, mas até entre os padres (dado que liturgia em alguns Seminários ainda é muito o mero ensino das rubricas dos Ofícios Sagrados)".[167]

160. *Loc. cit.* Cita o exemplo dos Rituais Croata e Esloveno, aprovados no Pontificado de Pio XI; do Pontificado de Pio XII, registra o "Pequeno Ritual para o uso das Dioceses de lingua francesa" (1947), a "Collectio rituum ad instar appendicis Ritualis romani" (1950) para as Dioceses da Alemanha, o "Pequeno Ritual para uso das Dioceses da India inglesa" (1950), a "Collectio rituum" latino-inglesa (1954); manda conferir a tese do Card. Garlier: "Os Rituais bilingues e a eficácia pastoral dos Sacramentos" (1º Congr. Inter. de Liturgia Pastoral, Assis-Roma, set. 1956). *O Pequeno Ritual Romano português-latino* foi aprovado por decreto de 14-3-1958 da SCR e publicado pelas Edições "Lumen Christi", Rio de Janeiro (cf. notícia em *REB* 18 (1958), 827. Para um breve histórico da tradução deste Ritual, cf. supra, p. 255, no'a 83.

161. *C.M.CNBB*, op. cit., 15: "Tenhamos, porém, a coragem de reconhecer que o novo Ritual terá efeitos muito diferentes, conforme haja ou não uma preparação cuidadosa dos padres e dos fiéis"

162. *Loc. cit.*; cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 528-529.

163. *C.M.CNBB*, *op. cit.*, 15.

164. *Ibid.*, 16, onde apresenta o resultado numérico da sondagem. As 2 Arquidioceses: Fortaleza e Porto Alegre; as 6 Dioceses: Santa Maria, Amargosa, Campina Grande, Lajes, Lorena, Parnaíba; as 2 Prelazias: Xingu e Tefé.

165. *Loc. cit.*

166. *Ibid.*, 16-17. Inclui uma definição de *Missa recitada*: "Chama-se assim a Missa em que, distribuídos folhetos no gênero do 'Sigamos a Missa' de Dom Henrique Trindade, alguém lê os trechos destinados ao leitor, enquanto o povo diz alto as partes que lhe cabem" *(loc. cit.)*.

167. *Ibid.*, 17.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Por outro lado, constata-se que, onde o Missal é usado, tal uso é feito de modo inteligente e piedoso, "servindo, inclusive, de ponto de partida para a dialogação da Santa Missa".[168]

— Quanto ao canto gregoriano, o Instituto Pio X (dos Beneditinos do Rio de Janeiro) mantém Cursos na Sede, Cursos por Correspondência, Semanas intensivas em diferentes pontos do país, lançamento de discos gravados (Ofício da Semana Santa e Missa IX) e, sobretudo, a *Revista Gregoriana*.[169]

— Em vista da escassez do clero e das enormes distâncias, o povo dos meios rurais "vê padre poucas vezes no ano e só poucas vezes no ano pode assistir à Santa Missa". Para encher este vazio, sugere-se incentivar os chamados "*Domingos sem Missa*", "um modo piedoso de unir-se às missas que se celebram no mundo inteiro".[170] O povo, sob a presidência de um líder mais instruído e, à base de subsídios oferecidos pelos Bispos e pelos Párocos, se reúne para "*pensar na Missa*", perpassando a Missa, parte por parte, com explicações, orações, momentos de silêncio, e cantos adaptados a cada parte.[171]

— Propõe-se estudar a situação dos grandes centros urbanos, onde a construção de novas igrejas é muitas vezes já impossível. Assim, propõe-se estudar a possibilidade de "alargamento quanto ao local, hora e celebração da Santa Missa".[172]

Todos estes pontos são propostos para serem debatidos, estudados e votados.[173]

4°) Diante do fenômeno do espiritismo e das superstições populares, propõe-se que se incentive o seguinte:

> "Um largo e inteligente aproveitamento das riquezas dos Sacramentais e bênçãos do Ritual Romano como meio de contrabalançar e substituir as superstições populares".[174]

5°) O anúncio da palavra de Deus, a pregação, pede uma revisão urgente.[175] Faltas que geralmente se notam: as pregações, além da dificuldade

168. *Ibid.*, 18.
169. *Loc. cit.*
170. *Loc. cit.*
171. *Cf. ibid.*, 18-23. Por exemplo, no início, depois de ter feito toda uma motivação sobre a "nossa" situação sem Missa, o líder diria: "Vamos, então pensar na Missa. A esta hora, o padre se prepara, aos pés do altar, para começar o Santo Sacrifício. Confessa-se pecador e pede a misericórdia de Deus: vamos fazer como êle, rezando o *Eu pecador*". Seguem-se hinos apropriados. Lê-se o Evangelho do dia, Recita-se o "Credo". "Pensa-se" no Ofertório, Na Consagração... Momentos de silêncio... Canta-se. Reza-se o Pai Nosso. "Pensa-se" na Comunhão. Silêncio... Canto. Oração. Monição final. E, assim, nos domingos, o povo do interior acompanha a Missa, sem Missa.
172. *Ibid.*, 23: "Nos grandes centros, dado o fenômeno das super-cidades, que torna impossível a multiplicação de igrejas em condições de atender às grandes massas populacionais, parece indispensável que marchemos para pedidos corajosos à Santa Sé tanto na linha de locais de celebração (Missas em Edifícios de apartamentos; em Estádios e Campos de desportos; em Praças públicas; em Estradas de Ferro e Aeroportos; em galpões amplos), como na de horário de celebração (Missa todas as horas do dia e da noite, conforme a possibilidade e conveniência, a juízo do Ordinário) e ao número de celebração (difundir a trinação e chegar à quatrinação)".
173. *Ibid.*, 25, em resumo: "1) Difunda-se a prática das Missas explicadas e facilite-se formação de explicadores da Santa Missa, mediante a publicação de textos adequados (cuidados que confiamos de modo especial ao Secretariado Geral de nossa Conferência); 2) Difunda-se a prática das Missas recitadas, merecendo especial cuidado a Missa das crianças; 3) Difunda-se, dentro do possível, o uso do Missal, da Missa dialogada, e do Canto Gregoriano; 4) Difunda-se a prática do chmado 'Domingo sem Missa'; 5) Pleiteiem-se da Santa Sé alargamentos convenientes quanto a local, hora e quatrinação da Santa Missa (Redija-se a respeito um texto a ser encaminhado à S. C. dos Ritos em nome do Episcopado)".
174. *Ibid.*, 26; cf. também *ibid.*, 23.
175. *Ibid.*, 23: "Parece bastante geral a convicção de Bispos, Padres e fiéis quanto à necessidade de revisão urgente da pregação".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

de locução por parte de muitos, são "longas, desinteressantes, com muitas exigências morais, com muita reclamação e, sobretudo, muito pedido de dinheiro".[176] Tudo isso faz com que muitos se desinteressem da Missa. Assim, pois, promova-se, "por meio de adequada Comissão de especialistas, a publicação de esquemas de sermões, capazes de ajudar a inadiável reforma da pregação".[177] Além do mais, incentive-se o máximo aproveitamento do rádio e da televisão para a pregação da palavra de Deus.[178]

6º) *Experiências de paraliturgia.* Sobre isso, diz textualmente o Relator:

> "Em grandes cidades como o Rio de Janeiro, onde a percentagem dos missalizantes é tão pequena (e na Missa nos domingos é o mínimo de contacto com a Igreja) é preciso, de vez em quando, atingir, em profundidade, a população, com a propaganda religiosa intensiva e extensiva, seguida de um espetáculo religioso assistido por uma enorme multidão e difundido ainda mais pelo rádio e pela TV".[179]

Exemplo foi a "Tarde Sagrada", cerimônia religiosa realizada no Domingo de Ramos de 1958, no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, com assistência de 200 mil pessoas e seguido pelo rádio e TV por outros milhares, tendo como centro culminante a Santa Missa. Exemplo em nível paroquial, temos a "Coroação da Rainha", empreendida pela Matriz da Glória, a 31-5-1958. Experiências nessa linha deveriam ser incentivadas, além de se estudar medidas concretas para difundir entre os fiéis o canto dos Salmos, mediante a adaptação das melodias do Padre J. Gelineau.[180]

2) *Conclusões Gerais da Assembléia no que diz respeito à Liturgia*[181]

O Relatório de Dom Hélder Câmara, após ser discutido, foi plenamente aprovado pelos 84 Arcebispos e Bispos provenientes de 23 Províncias Eclesiásticas. Conclusão: incentivar a promoção de todas as propostas apresentadas pelo Relator.[182]

Sobre a Missa ainda acrescentam:

> "Promova-se, em cada Diocese, intensivo e permanente trabalho de esclarecimento e afervoramento em tôrno da Santa Missa, de modo a torná-la com a graça de Deus, o centro da vida para os sacerdotes e os fiéis".[183]

Vemos assim comprovado o interesse de todo o Episcopado nacional por uma pastoral orientada para uma vida litúrgica mais intensa. Tal interesse e preocupação aparece ainda mais vivo na Mensagem que os Bispos dirigiram ao Clero nesta ocasião.

3) "*Mensagem ao nosso clero*"[184]

Aos sacerdotes que, em Cristo Sacerdote, receberam dos Bispos o poder, o espírito e a fecundidade de seu ministério, a eles os Bispos resolvem dirigir uma especial "palavra de estímulo, de amizade e de bênção".[184]

176. *Ibid.*, 24.
177. *Ibid.*, 26.
178. *Loc. cit.*; *ibid.*, 24.
179. *Ibid.*, 24.
180. *Ibid.*, 24-26.
181. *C.M.CNBB* nº 71 (ag. 1958), 39-41.
182. *Ibid.*, 40.
183. *Ibid.*, 34-37; *REB* 18 (1958), 641-644.
184. *C.M.CNBB*, *op. cit.*, 34.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Após manifestarem sua tristeza e angústia pela escassez de sacerdotes no Brasil, pela vida difícil e penosa de tantos sacerdotes que trabalham no meio de uma situação social tanta vez mais difícil ainda, preocupados com a pobreza material que muitas vezes obstacula o trabalho pastoral, preocupados com o rendimento e a eficácia dos métodos e trabalho pastoral,[185] os Bispos se propõem a apresentar-lhes um programa de renovação de vida paroquial.

"Fenômeno universal: soprou o Espírito de Deus, renova-se a face da Igreja. O Brasil não pode ficar alheio ao movimento renovador", exclamam os Prelados.[186] Soou a hora de os sacerdotes aceitarem o desafio da *vida nova* que se manifesta por toda parte, se quiserem ser colaboradores desta "floração de vida cristã" na "primavera de graça" que presenciamos.

A civilização técnica que vivemos, nos impele "ao estudo, à revisão e adaptação dos métodos de trabalho, da pastoral, da estruturação da paróquia". Não se trata de substituir os encargos sacerdotais de serviço do altar por outros trabalhos.

> "Trata-se, sim, de estreitar o povo ao redor do altar, de fazê-lo sentir e viver sua dignidade de povo santo real e sacerdotal. O movimento litúrgico, dirigido pelo próprio Santo Padre, provocou nos fiéis uma sêde imensa de participação litúrgica. Com que direito conservaremos ainda afastado 'das fontes primeiras do espírito cristão' o povo fiel?".[187]

A "transformação paroquial" pela "participação ativa dos fiéis na Liturgia", portanto, é o grande programa que se deverá afrontar. E isso, naturalmente, propõe um outro desafio: "supõe sacerdotes imbuídos do ideal litúrgico, de mentalidade segura e atualizada". Por exemplo, o sacerdote "não pode mais considerar-se como dono da missa; celebrar a missa preocupado apenas consigo e as rubricas. A liturgia é um serviço público".[188] O povo deve acompanhar. Deve entender. E isso exigirá de muitos sacerdotes um esforço muito grande para eliminar "hábitos arraigados", "atitudes egoístas" que "hoje, mais do que nunca, não tem cabimento no ministério sacerdotal".[189]

E se há algo que deve dominar nas paróquias, "é a figura do sacerdote aberto para com o povo, que quer vê-lo participar dos mistérios litúrgicos e da árdua tarefa do pastoreio",[190] é a figura do sacerdote despojado de suas exageradas prerrogativas de chefe, para formar com o povo uma verdadeira comunidade de vida litúrgica e colaboração pastoral.

Concluindo. Estamos diante de um acontecimento sem dúvida histórico para o Movimento Litúrgico no Brasil e, ao mesmo tempo, significativo

185. *Ibid.*, 34-35.
186. *Loc. cit.* Pode-se ver nestas palavras, como nas que seguem, uma espécie de eco daquelas famosas palavras que Pio XII pronunciou no encerramento do 1º Congresso Internacional de Liturgia Pastoral de Assis, a 22-9-1956: "Le mouvement liturgique est apparu ainsi comme un signe des dispositions providentielles de Dieu sur le temps présent, comme un passage du Saint-Esprit dans son Eglise, pour rapprocher davantage les hommes des mystères de la foi et des richesses de la grâce, qui découlent de la participation active des fidèles à la vie liturgique" (*AAS* 48 (1956), 712).
187. *C.M.C.N.B.B.*, op. cit., 36. Como já acenamos, é a primeira vez na história do Movimento Litúrgico no Brasil que vemos todo o Episcopado nacional se pronunciar assim aberta e explicitamente a favor do Movimento.
188. *Loc. cit.*
189. *Loc. cit.*
190. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

para a história deste Movimento: Todo o Episcopado brasileiro, pela primeira vez, pronuncia-se aberta e explicitamente a favor do Movimento Litúrgico, "dirigido pelo próprio Santo Padre", cujos ideais parecem aos Bispos praticamente indispensáveis para a renovação paroquial que urgia. Certamente encorajado pelo Congresso Litúrgico de Assis e, sem dúvida, sob a carga de inúmeros trabalhos e experiências anteriores, com bons resultados, o Episcopado aceita, finalmente, os desafios do Movimento Litúrgico e todos são desafiados a renovar-se dentro do espírito da Liturgia. Para a urgência da renovação paroquial exigida pela época, a CNBB encontrou no Movimento Litúrgico uma resposta: só começará haver paróquia realmente renovada quando todos os fiéis começarem participar ativamente das "fontes primeiras do espírito cristão".

Conclusão

Antes de colocarmos um ponto final neste capítulo, necessário se faz ressaltar algumas observações conclusivas.

Antes de tudo, notamos que, de maneira geral, o que predomina é a preocupação prático-pastoral nos documentos episcopais empenhados na promoção da vida litúrgica. São poucos os que procuram dar fundamentação teológica para motivar a pastoral litúrgica.

E não só isso. Acontece que até mesmo esta preocupação prático-pastoral se viu às vezes sobrecarregada de uma excessiva cautela e prudência jurídica, sobretudo nos Sínodos, o que sem dúvida contribuiu para bloquear a sensibilidade teológico-pastoral.

Na verdade, por causa desta mentalidade ainda excessivamente rubricista e legalista da época, que aparece sobretudo nos Sínodos, e pelo predomínio da preocupação prático-pastoral sobretudo nas Cartas Pastorais, até mesmo as riquezas teológico-pastorais da "Mediator Dei" deixaram de ser suficientemente exploradas pela maioria dos documentos.

Aliás, isto se observa também no fato de não terem eles feito nenhuma referência a Teólogos e Liturgistas modernos de renome, ao se falar da promoção da vida litúrgica. Atêm-se quase que exclusivamente aos documentos pontifícios, sobretudo à "Mediator Dei" — quando neles se baseiam —, o que nos faz perguntar: por que então não se explorou mais as riquezas da Encíclica? A resposta certamente vai pela mentalidade excessivamente legalista, cautelosa (medrosa até), e prático-pastoral, que aparece na maioria dos documentos episcopais em seus diferentes estilos.

Acrescente-se ainda o estranho fato de que os documentos abordados neste capítulo praticamente não fazem referência ao Ofício Divino rezado pelos fiéis, aconselhado explicitamente por Pio XII na Encíclica sobre a Liturgia,[191] e que fora entusiasticamente divulgado pelo Movimento Litúr-

191. Cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 575. Exceção se faça para os seguintes documentos, já tratados acima: "Regulamentação do Apostolado Litúrgico", da Arq. do Rio de Janeiro (25-6-1948) cf. supra, p. 217); "Normas práticas decorrentes da *Mediator Dei*", da Comissão Episcopal de Ação Católica (out. 1948) (cf. supra, p. 224-225); e o art. 127 § 1º do I Sínodo do Rio de Janeiro set. 1949) (cf. supra, p. 221), que por sinal fala de maneira geral e vaga: Fala do incentivo à "prática das Vésperas nos Domingos e Dias Santos nas igrejas paroquiais". Não fala diretamente sobre o incentivo à participação *dos leigos* nestas.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

gico no Brasil, sobretudo nos meios da Ação Católica. Ignora-se, portanto, um dos temas mais estimados por este Movimento: o Ofício Divino rezado pelos fiéis.

Outro caso estranho e que demonstra um certo descuido (desinteresse?) da Hierarquia pelo próprio problema da Liturgia em geral — ao menos em 1951 — se manifesta na própria Pastoral Coletiva de 7-9-1951 de *todos* os Cardeais, Arcebispos, Bispos e Prelados residenciais no Brasil.[192] O tema da Pastoral era: "A Igreja ante os problemas atuais", onde também se afrontam "*problemas de caráter religioso*" (grifo nosso). Ora, ao tratar de "problemas de caráter religioso", estranhamente nem sequer se tocou no problema da Liturgia! Afinal de contas, aproximar do povo a Liturgia (ou vice-versa) constituía um problema para os Bispos ou não?!...

Naturalmente, à base de um documento só, não vamos absolutizar com uma afirmação totalmente negativa. Os documentos em geral mostram que houve real interesse e até mesmo preocupação por levar os fiéis a uma melhor participação à Missa. Neste sentido, chama-nos a atenção a grande quantidade de vezes em que vemos repetida a insistência quanto à instrução dos fiéis sobre a Missa.

No entanto, com esta justa preocupação, caiu-se em certos exageros. Exagerou-se cá e lá a dimensão catequética do Movimento Litúrgico e da Liturgia, através de certas decisões tomadas que nos parecem muito estranhas.

Por exemplo, chama-nos a atenção esta recomendação dada por alguns documentos: enquanto um sacerdote celebra a Missa, outro faça a explicação da mesma ao povo.[193] O mesmo se diga da insistência — até mesmo enérgica insistência — quanto ao uso do Missal, "folhetos", e outros meios, pelos fiéis durante a Missa, para melhor participar do Santo Sacrifício.[194]

São praxes que para nós hoje não deixam de ser estranhas. Estranhamo-las, exatamente por termos hoje a Missa *versus populum*, em vernáculo, dialogada. Hoje o fiel é capaz de acompanhar o que se passa no altar, porque, até certo ponto, entende as orações que se rezam, entende os gestos porque os vê. Naquele tempo não! Imaginemos naquela época grandes igrejas, o celebrante lá na frente, distante, celebrando de costas para o povo, em latim, etc. O que acontecia? Enorme distância entre o celebrante e o povo, entre o altar e o povo na nave da igreja, assistindo

192. Cf. supra, p. 30, nota 148.

193. Cf. *Instalação da Arquidiocese de Manaus...*, *op. cit.*, 22 (cf. supra, 290, nota 73); cf. Sínodo de Leopoldina, art. 173 (cf. supra, p. 285); cf. Sínodo de Caxias, art. 101, § 4º (cf. supra, p. 287, nota 63) o qual dá a possibilidade a um *leigo* e não leiga! Como diz: "A voz feminina não é apropriada para movimentar religiosamente a assembléia dos fiéis em atividade de prestar suas homenagens ao Supremo Senhor do céu e da terra" *(loc. cit.)*. Até com este problema se ocupa o Sínodo! O costume de um sacerdote explicar a Missa ao povo enquanto o outro celebra, foi também sugerido e até usado em Belo Horizonte, em preparação para a Semana de Liturgia de 3 a 9 de setembro de 1950 (cf. supra, p. 262; cf. "Encerrou-se a Semana de Liturgia na Lagoinha", *O Diário* 9-7-1950, 3, ou supra, p. 263.

194. Cf. por exemplo: "Regulamentação do Apostolado Litúrgico", *op. cit.*, 500 (cf. supra, p. 218, nota 64); I Sínodo do Rio de Janeiro, art. 263 § 1º (cf. supra, p. 222); Sínodo de Juiz de Fora, art. 160 (cf. supra, p. 226); Segundo Sínodo de São Carlos, art. 938-940 (cf. supra, p. 279); Quarto Sínodo de Florianópolis, art. 175 (cf. supra, p. 282); Sínodo de Leopoldina, art. 173 (cf. supra, p. 285); Sínodo de Taubaté, art. 449 (cf. supra, p. 285); *Carta Pastoral de Dom Frei Anselmo Pietrulla...* (saudação a Campina Grande), *op. cit.*, 27-28 (cf. supra, p. 230, nota 145).

Naturalmente, não precisaríamos tocar no "absurdo" de acompanhar a Missa (= meio para bem participar!) através de orações extralitúrgicas durante a Missa (cf. Sínodo de Florianópolis, art. 175 — cf. supra, p. 282; Sínodo de Caxias, art. 101 § 1º — cf. supra, p. 287, nota 63).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

à Missa.[195] Pouco a pouco, tomava-se consciência deste problema. E, para "saná-lo", alguns Bispos então apelam para decisões como essas que acabamos de assinalar.

Não duvidamos do zelo catequético que se esconde por trás de tais decisões. Mas não deixam de ser também exageradas, exatamente pelo perigo de fazer da Missa mais uma aula de catequese litúrgica do que propriamente uma celebração.

Além do mais, tais decisões nos lembram outro aspecto digno de nota: Os Bispos (Sínodos e Pastorais), pensando que o problema da participação se resolveria através da abundância de "meios" (Missa explicada, Missal, "folhetos", Missa dialogada, etc.) oferecidos ao povo, acabaram ignorando que o problema se coloca também na própria maneira de celebrar que precisava de reformas! Na verdade, quanto a este último ponto nem se cogitou. A Missa como tal, ou melhor, a maneira como era celebrada, parecia realmente intocável. Em outras palavras, para a maioria dos Bispos, o problema central da participação parecia estar antes no povo "ignorante" que assistia à Missa, e não na própria maneira de celebrar a Missa. Ora, um dos trabalhos do Movimento Litúrgico era exatamente este: não só oferecer "meios" — entre eles, a instrução litúrgica como dos mais importantes — para o povo participar do Sacrifício, mas, em favor desta participação, reformar a própria maneira caduca de celebrar a Missa (por exemplo, introduzir a Missa *versus populum*, vernáculo, etc., como primeiros passos). Isso os Sínodos e as Pastorais não viram ou não quiseram ver. Aliás, a própria "Mediator Dei" não abriu muito a mão para tais reformas. E era normal que os Bispos brasileiros não dessem passos além dos da Encíclica.

Contudo, dentro destes limites todos da Hierarquia brasileira, não podemos negar na maioria dos documentos episcopais a presença — em alguns mais, noutros menos — de uma grande preocupação, inquietação até, por uma participação melhor dos fiéis na vida litúrgica da Igreja, preocupação esta que por vezes se inspira, se apóia e se orienta explicitamente nas diretivas da Santa Sé.

Assim, pois, tanto em Sínodos como nas Pastorais, presenciamos testemunhos de admirável empenho para aproximar os fiéis da Liturgia, procurando despertar neles um verdadeiro interesse pelo Santo Sacrifício.

Estes documentos (Sínodos e Pastorais) nos mostram claramente que — seja apoiando-se explicitamente na "Mediator Dei" (e outros documentos pontifícios posteriores) ou não — difundia-se paulatinamente dentro do Episcopado do Brasil a convicção sobre a importância da participação ativa na Liturgia da Igreja por parte dos fiéis; crescia a consciência sobre a desoladora e inquietante distância entre os fiéis e o altar; difundia-se sempre mais a consciência sobre a necessidade urgente de instruir os fiéis a respeito do ato central da Liturgia, a Santa Missa, para interessá-los e conduzi-los à ativa participação de modo também mais inteligente e íntimo;

195. Aliás, quem se mostra muito sensível, e até mesmo angustiado com esta situação, é o Bispo Dom Frei Henrique G., Trindade, sobretudo na Pastoral de 3-5-1950 (cf. ...*Pró Santificação do Dia do Senhor*..., *op. cit.*, 11-12 — cf. supra, p. 297.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

difundia-se mais e mais a convicção sobre a importância dos meios práticos — e de habituar os fiéis a estes meios; chegando até mesmo a cair em exageros — (Missa dialogada, Missa recitada, Missa explicada, Missal, música sacra, gregoriano, ambiente geral digno para o culto, etc.) que ajudassem o povo a tomar parte ativa nos Sagrados Mistérios.

Tal conscientização paulatina culminou com um consenso em nível nacional, na IV Assembléia Geral da CNBB, em 1958, onde, no limite "essencialmente prático e pastoral", todo o Episcopado aceitou e recomendou corajosamente o desafio dos ideais do Movimento Litúrgico como praticamente indispensável para a renovação urgente das paróquias.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Capítulo IV

Controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil

(1947-1959)

Nos três capítulos precedentes, consideramos as primeiras repercussões da "Mediator Dei" no Brasil; vimos o desenvolvimento do Movimento Litúrgico neste país, com suas obras, trabalhos e promoções no período posterior à Encíclica; e consideramos como o Episcopado brasileiro reagiu frente aos ideais do Movimento Litúrgico neste período.

Ora, sabemos também que não passou-se tudo em brancas nuvens: houve polêmicas e controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil também depois da publicação da "Mediator Dei". Dessas é que passamos a tratar neste capítulo.

Não são muitos os documentos envolvidos, nos quais nos baseamos. Mas são significativos.

Em primeiro lugar, acenaremos brevemente para o estilo polêmico com que *O Legionário* faz a imediata leitura da citada Encíclica de Pio XII.

Passaremos então a considerar uma carta que a Sagrada Congregação dos Seminários enviou aos Bispos do Brasil, advertindo-os para a importância da tradição e, entre outros, para o perigo do que o documento chama "Liturgismo" na formação dos futuros sacerdotes. Faremos uma leitura e uma avaliação do documento. Para avaliá-lo, buscaremos situá-lo dentro do contexto histórico geral do Movimento Litúrgico sob polêmicas e controvérsias no Brasil, o que faremos com base em dois elementos significativos: a) coincidências entre vários conteúdos do documento e os conteúdos de acusações contra os chamados "liturgicistas" no período anterior à "Mediator Dei"; b) problemas no Seminário de Belo Horizonte a partir de 1949, ajudando a compreender melhor o documento.

Em terceiro lugar, abordaremos uma Carta Pastoral do Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, na qual, procurando resolver umas intrigas entre a Ação Católica e as Congregações Marianas, indiretamente apóia o Movimento Litúrgico.

Mostraremos em seguida como o jornal *O Catolicismo* segue a linha do antigo *O Legionário* no combate ao Movimento Litúrgico.

Enfim, traremos à mão uma Carta Pastoral do líder religioso do grupo de *O Legionário* / *O Catolicismo*, o Bispo de Campos, Dom Castro Mayer,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

na qual reassume sinteticamente os principais erros do chamado "liturgicismo", combatendo-os simultaneamente, um por um, com "verdades oportunas".

I. Estilo polêmico do grupo de O Legionário na leitura da "Mediator Dei" logo após a sua publicação

No primeiro capítulo desta segunda parte, tivemos ocasião de falar sobre o "júbilo" com que o grupo de *O Legionário* acolheu o advento da Encíclica "Mediator Dei".[1] Sem querer repetir tudo o que ali deixamos escrito, aqui queremos apenas relembrar o estilo polêmico que colore este "júbilo".[2]

Logo de saída, o que chama a atenção são os títulos dos artigos deste jornal anunciando a publicação da famosa Encíclica de Pio XII. Para *O Legionário*, o mais importante, isto é, que merece aparecer em manchete de primeira página do jornal, com letras bem grandes, é a condenação que Pio XII faz do "liturgicismo quietista e naturalista",[3] é a "gravíssima advertência" feita por Pio XII quanto à piedade litúrgica.[4]

Portanto, como já tivemos ocasião de verificar, o mais importante para este grupo é que a "Mediator Dei" "fulminava os erros do liturgicismo".[5] Importante era o "veredicto" do Papa sobre o "liturgicismo", trazendo para o grupo grande satisfação. O fato lhe constituía "motivo de santo e vibrante júbilo",[6] pois a Encíclica vinha confirmar seus ideais "para com a Verdade", isto é, "combater o erro e difundir a sã doutrina".[7]

Assim, pois, com estas "consolações" suscitadas pela Encíclica, abriu-se agora espaço para o "desabafo" de um "jornalista católico" contra os "liturgicistas" ou "liturgeiros" irreverentes — como ele diz —, que antes da "Mediator Dei" o haviam feito tanto sofrer, o haviam "atacado" como "provocador de polêmicas entre católicos", na sua luta a favor do Rosário, do exame de consciência, da meditação, da mortificação, dos retiros inacianos. É o Mons. Ascânio Brandão que desabafa: "Tudo passou, graças a Deus! Triunfou a verdade e hoje hão de estar murchos os liturgeiros..."![8]

Enfim, da pena do Bispo Dom Geraldo Sigaud sai expresso o sentimento de "uma grande consolação": o polêmico livro de P. Corrêa de Oliveira, *Em defesa da Ação Católica*, é visto como uma espécie de precursor da "Mediator Dei" no Brasil, na luta contra os "erros e desatinos do Liturgismo". Segundo Dom Sigaud, o livro "preparou" no Brasil muitos corações "para receberem com docilidade a palavra infalível do Papa na 'Mediator Dei'".[9]

1. Cf. supra, p. 207-210.
2. Para entender melhor, lembramos as polêmicas em torno do Movimento Litúrgico antes da "Mediator Dei", onde este grupo foi um dos principais protagonistas.
3. "Pio XII condena o liturgicismo quietista e naturalista", *O Legionário* 7-12-1947.
4. "Por uma sadia piedade litúrgica. Gravíssima advertência do Papa Pio XII", *O Legionário* 14-12-1947.
5. Cf. "Glória cristã e gloríola mundana", *O Legionário* 14-12-1947.
6. "Fé, união e disciplina", *O Legionário* 7-12-1947, 1 e 7.
7. "Na casa do Pai comum", *O Legionário* 14-12-1947, 1.
8. BRANDÃO, A., "Permitam-me um desabafo...", *O Legionário* 28-12-1947, 5; cf. supra, p. 208-209.
9. SIGAUD, G., "A Encíclica 'Mediator Dei' e um pouco de história da Igreja no Brasil", *O Legionário* 28-12-1947, 1. Para o citado livro de P. Corrêa de Oliveira, cf. supra, p. 175-178.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Portanto, como já tivemos também ocasião de acenar,[10] este grupo apresenta uma imediata leitura sem dúvida unilateral da Encíclica de Pio XII.

Não queremos duvidar de sua boa-fé nesta luta pela Verdade. Mas o que estranha é esta preferência praticamente exclusiva pelas "condenações" de Pio XII ao chamado "liturgicismo". Não se sente necessidade de sublinhar o conteúdo doutrinário e pastoral da Encíclica. Esta é vista praticamente só sob o ângulo "condenador".

Além disso, chama a atenção a insistência com que este grupo toma as "condenações" para justificar e reforçar seu conhecido método polêmico de encarar os ideais e os esforços do Movimento Litúrgico no Brasil.

Enfim, trata-se de um grupo representativo de toda uma linha de grande força e influência no Brasil, fazendo inclusive chegar até aos ouvidos da Santa Sé os "abusos litúrgicos" existentes no Brasil. E, realmente, não demorou muito para aparecer, da parte de Roma, uma advertência a todos os Bispos do Brasil, como veremos a seguir.

II. Uma carta da Santa Sé aos Bispos do Brasil, advertindo sobre a reta formação dos seminaristas maiores

No âmbito das controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil, torna-se realmente interessante abordarmos uma significativa carta enviada pela Sagrada Congregação dos Seminários e Estudos Universitários aos Bispos do Brasil, com data de 5 de março de 1950, advertindo os Bispos à vigilância na formação dos futuros sacerdotes.[11]

Na abordagem deste documento, primeiro apresentamos o conteúdo do mesmo, depois buscaremos situá-lo dentro do contexto histórico geral do Movimento Litúrgico sob polêmicas e controvérsias no Brasil e, enfim, faremos uma avaliação do mesmo.

1) *Conteúdo do documento*

O motivo da carta é o de chamar a atenção para "o perigo mais urgente", que não é o "apego demasiado rígido e exclusivo à tradição, mas principalmente o de um gosto exagerado e pouco prudente por toda e qualquer novidade que apareça".[12]

10. Cf. supra, p. 207-210 e 241-242.
11. Cf. SACRA CONGREGATIO DE SEMINARIIS ET STUDIORUM UNIVERSITATIBUS, "Epistula ad Emos. PP. DD. Cardinales atque exmos. PP. Archiepiscopos, Episcopos ceterosque Ordinarios Brasiliae: De recta clericorum institutione rite provehenda", *AAS* 42 (1950), 836-844. O documento vem publicado também em *REB* 10 (1950), 471-477, sob o título "Circular da Sagrada Congregação dos Seminários ao Episcopado do Brasil"; e é de se notar que aqui o documento vem imediatamente após a publicação, no original, da carta do Santo Ofício ao Arcebispo de Salzburg, de 25-11-1948, reprovando alguns pontos de um artigo de Dom Bento Reetz, O.S.B., Abade de Seckau, sobre a "Mediator Dei" (cf. *REB* 10 (1950), 468-471; cf. supra, p. 247-248).
Seguiremos, nas páginas que seguem, o texto da carta da S. Congregação dos Seminários publicado na *AAS*, com esta indicação: "Epistula...", *op. cit.*
12. "Epistula...", *op. cit.*, 837. E completa: "Cremos de utilidade chamar a atenção dos Excelentíssimos Senhores Bispos, para êste grave perigo que tornaria vãos os melhores esforços e, ainda mais, produziria efeitos completamente opostos àqueles que se procuram conseguir com tanto sacrifício de pessôas e dispêndio de recursos materiais" *(loc. cit.)*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Portanto, chama-se a atenção para não se infiltrar nos Seminários do Brasil o "gosto exagerado e pouco prudente por toda e qualquer novidade".

O documento passa, logo em seguida, a acentuar a necessidade de, na formação dos futuros sacerdotes, "seguir Santo Tomás",[13] seguir o "Pensamento da Igreja",[14] seguir o "método escolástico",[15] seguir a "doutrina tradicional".[16] Sobre este último ponto, diz:

> "Se o professor tiver aprofundado a doutrina tradicional, e estiver entusiasmado por ela, também os discípulos haverão de saboreá-la, sem necessidade de irem beber em fontes envenenadas. Se, pelo contrário, o professor, sob o pretêxto de filosofia modernizada ou de teologia 'viva' procura ensinar com sentenças oratórias e com expressões peregrinas as novidades da moda do dia, deformará as inteligências e comprometerá o futuro da Igreja em todo o campo das influências de seus alunos".[17]

Portanto, fala-se também do "perigo" de "fontes envenenadas", fala-se de uma "filosofia modernizada ou de teologia 'viva'", fala-se de "novidades da moda do dia". São expressões que achamos por bem sublinhar logo, para nos ajudar num posterior comentário crítico.

Em seguida, o documento elenca alguns "erros ocultos sob uma aparência de verdade, e mui freqüentemente, com uma terminologia pretensiosa e obscura", suscitados pelo "'snobismo' das novidades". São erros relativos ao Milagre, à Graça e ao Pecado Original:

> "Que se quer fazer apologética sem falar do milagre, nem refutar os êrros, apresentando ùnicamente a vida íntima da Igreja; que se exalta a grandeza do homem, deixando na sombra o pecado original e as suas conseqüências; que se contempla a glória da Ressurreição do Redentor sem meditar sobre a Sua Paixão; que se magnifica a onipotência da graça, sem falar da necessidade da cooperação por parte do homem".[18]

O conteúdo deste texto já nos parece bastante familiar, de quando escutávamos as investidas dos "polêmicos" em relação ao Movimento Litúrgico no Brasil antes do advento da "Mediator Dei". Mas deixemos os comentários para depois.

Após chamar a atenção a respeito de "teorias arriscadas" sobre a criação do homem,[19] passa-se a um ponto que interessa mais diretamente ainda ao historiador do Movimento Litúrgico no Brasil. A carta chama a atenção para alguns "perigos... no campo da vida espiritual". Após referir-se ao fato de a "Mediator Dei" ter assinalado e reprovado "certos abusos, que alguns estavam introduzindo, sob pretexto de uma Liturgia mais pura", eis como o documento especifica os "abusos" do chamado "Liturgismo", em torno da Eucaristia e da Oração, no Brasil:

> "Assim, falava-se contra a adoração do Santíssimo, que, diziam, se conservava sòmente para o viático a ser levado aos doentes; falava-se contra a ação de graças prolongada por algum tempo depois da Comunhão e da Santa Missa; falava-se contra a Bênção Eucarística tida por inovação irracional. Alguns iam mais longe, reprovando a representção de Jesus Crucificado,

13. *Ibid.*, 837-838.
14. *Ibid.*, 838.
15. *Loc. cit.*
16. *Ibid.*, 838-839.
17. *Loc. cit.*
18. *Ibid.*, 839.
19. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

> por ser menos conforme às suas concepções sôbre a vida mística; outros não admitiam senão a oração litúrgica ou desprezavam a meditação particular, os Exercícios Espirituais, os exames de consciência. Erros êsses todos, opostos à tradição mais sadia e constantemente aprovada pela Santa Sé, e que também depois da Encíclica, não parece tenham desaparecido inteiramente, muito embora hajam sido aberta e explicitamente atingidos por aquele documento". [20]

É de se notar que, dirigindo-se aos Bispos do Brasil, o documento adverte que "não parece tenham desaparecido inteiramente" tais "abusos".

Em seguida, após advertir para o perigo do "espírito de novidade" alimentando o "espírito de crítica",[21] após advertir para o perigo do "laicismo", do "liberalismo", do "esquerdismo",[22] após advertir para a necessidade da "vigilância" dos Bispos nos seus respectivos Seminários,[23] e após chamar a atenção para a necessidade de, antes da teologia, ensinar nos Seminários "uma boa e sã filosofia, isto é, a filosofia tradicional, seguindo os princípios de Santo Tomás,[24] passa-se a falar de um outro ponto que nos interessa, porque se relaciona de certa maneira também com o Movimento Litúrgico entre polêmicas e controvérsias. Fala-se da "formação à virtude".[25] Trata-se, portanto, do conhecido problema da ascese. Neste sentido, eis o que, textualmente, diz o documento sobre "a humildade, a abnegação da vontade própria, a obediência":

> "Alguns dizem que estas são virtudes 'passivas', que tiveram sua eficácia no passado, mas que não correspondem mais às exigências da sociedade moderna. Hoje, segundo eles, devem exercitar-se as virtudes que denominam 'activas' (ação, apostolado, organização). São, por conseguinte, favoráveis às Ordens e Congregações de vida ativa e menosprezam as de vida contemplativa. Acrescentam que tanto os sacerdotes, como os simples fiéis, devem gozar da mais ampla liberdade individual, seja no pensamento como na ação sendo o Espírito Santo, mais do que a Hierarquia quem age diretamente na consciência de cada um". [26]

São todos "erros funestos" com colorido "protestante", que colocam em perigo de "desagregação" a multissecular disciplina da Igreja de Cristo — confirma o documento.

20. *Ibid.*, 839-840. E acrescenta: "Relembramos apenas esta sentença, na qual Pio XII enumera alguns dos exercícios de piedade que a Igreja recomenda não só ao clero e aos Religiosos, mas também ao povo católico: *Haec autem sunt, ut praecipua tantum attingamus, spiritualium rerum meditatio, diligens sui ipsius recognitio ac censura, sacri secessus aeternis commentandis rebus instituti, piae ad Eucharistica tabernacula salutationes ac peculiares illae preces supplicationesque in honorem Beatae Virginis Mariae habitae, in quibus, ut omnes norunt, Mariale excellit Rosarium* (*AAS* XXXIX, 1947, p. 584)" ("Epistula..., *op. cit.*, 840).

21. *Loc. cit.*: "É natural que, logo a seguir, as idéias erradas manifestem o seu perigoso influxo na atividade pastoral. O espírito de novidade não deixará jamais sem crítica a nada de quanto até hoje, mesmo com visíveis vantagens, se tenha praticado. Aproveitar-se-á de qualquer abuso, ou ainda de algum exagêro num costume tradicional ou num método de apostolado, para ridicularizar e hostilizar o todo, tomado no seu conjunto".

22. *Ibid.*, 840-841.

23. *Ibid.*, 841-842: "...Muito, quase tudo, depende da boa escolha dos sacerdotes que devem viver em contacto com os jovens levitas formar neles, quer a inteligência, quer a vontade. Apenas alguns deles, Superior, Professor, Diretor Espiritual se manifeste contaminado pelo espírito que acima descrevemos, deve ser afastado, com firmeza e solicitude. Semelhante medida parecerá, às vezes, tornar-se causa de conseqüências danosas, em virtude de afeto que, não poucas vezes, a juventude tem a esses inovadores; mas a experiência demonstra, ao invés, que os bons efeitos não tardam a aparecer, para o bem e a alegria de todos".

24. *Ibid.*, 842.

25. *Loc. cit.*: "Não basta, porém, cultivar retamente a inteligência dos seminaristas; além do que, esta mesma cultura seria impossível, se não se procurasse formar primeiramente a vontade e o coração. De fato, o que se encontra no fundo dos desvios que indicamos é, principalmente, o amor próprio, a vaidade, o orgulho. Quer-se aparecer, e por isto procura-se não o que é verdadeiro, mas aquilo que parecerá melhor recebido dos demais. É preciso, portanto, ir à raiz, e ensinar aos jovens o que há de formá-los: a humildade, a abnegação da vontade própria, a obediência".

26. *Ibid.*, 842-843.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Daí, insiste-se que "pesa sobre os Superiores e os Diretores Espirituais" a "grave responsabilidade" de formar jovens clérigos para a abnegação de si mesmos, para a humildade e para a obediência, formação esta que mostra ser boa através de alguns sinais típicos:

> "Então aparecem os sinais de uma bôa formação clerical, sinais que são os seguintes: uma sólida piedade mantida pelos exercícios comuns e pelas devoções tradicionais ao Santíssimo Sacramento, à Sagrada Paixão, ao Sagrado Coração de Jesus, à Santíssima Virgem, a São José, aos Santos Patronos da juventude eclesiástica".[27]

Aí está, portanto, o conteúdo da carta que a Sagrada Congregação dos Seminários enviou aos Bispos do Brasil, orientando sobre a reta formação dos seminaristas.

Como se vê, o documento não fala da importância da Patrística na formação dos jovens clérigos. Sua finalidade é antes chamar a atenção para o valor do tomismo, da escolástica, do Magistério e da "doutrina tradicional". Não fala do valor positivo do Movimento Litúrgico. Apenas chama a atenção para os perigos do "Liturgismo". Não fala da importância da Liturgia, da vida litúrgica, na formação dos jovens clérigos. Sua finalidade é recalcar sobre o valor das devoções extralitúrgicas e dos exercícios de ascese e moral.

Numa palavra, a finalidade do documento é acentuar o valor praticamente absoluto da tradição, e frear perigos exagerados de algumas novidades, na formação dos jovens brasileiros candidatos ao sacerdócio.

Perguntamo-nos: Por que o documento optou por este estilo de orientação, excluindo as outras alternativas que colocamos? Para respondermos a esta pergunta, requer-se que o situemos dentro do contexto histórico geral do Movimento Litúrgico no Brasil sob polêmicas e controvérsias no Brasil.

2) *Situação do documento no contexto histórico geral do Movimento Litúrgico sob polêmicas e controvérsias no Brasil*

Para tal situação a que nos propomos, seguiremos duas etapas: primeiro, apresentaremos uma série de coincidências entre vários conteúdos do documento e os conteúdos de acusações contra os chamados "liturgicistas" no período anterior à "Mediator Dei"; em segundo lugar, contaremos com alguns problemas no Seminário de Belo Horizonte, como elementos que nos ajudam a compreender melhor o documento.

a) Coincidências entre vários conteúdos do documento e os conteúdos de acusações contra os chamados "liturgicistas" no período anterior à "Mediator Dei".

Acabamos de apresentar acima o conteúdo da carta da Sagrada Congregação dos Seminários aos Bispos do Brasil. Ora, lendo o documento, percebe-se que uma série de expressões suas já nos são familiares, ou, pelo menos, nos conduzem à lembrança de dados por nós já conhecidos, de

27. *Ibid.*, 843. Além destes sinais que ressaltamos, apresenta ainda outros: "— uma conduta regular e disciplinada; — um respeitoso afecto para com os Superiores, para com o próprio Bispo e tôda a Hierarquia; — e, particularmente, um entranhado amor ao Vigário de Cristo..." *(loc. cit.)*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

quando, no Capítulo IV da Parte I, tratamos de controvérsias em torno do Movimento Litúrgico no Brasil, especialmente quando líamos as investidas dos "polêmicos" em relação ao Movimento. Daí, aliás, também a razão por que tratamos deste documento neste capítulo, e não em outro.

Em primeiro lugar, chamamos a atenção para a insistência do documento no sentido de "seguir Santo Tomás", seguir o "Pensamento da Igreja", seguir o "método escolástico" e seguir a "doutrina tradicional".[28]

Ora, já tivemos ocasião de observar que uma das acusações que se colocava a adeptos do Movimento Litúrgico ia exatamente no sentido de se dar importância exclusiva à Patrística e à Liturgia, desprezando o Doutor Angélico e a escolástica,[29] e que se dava mais importância a autores modernos que ao "Pensamento da Igreja" e à "doutrina tradicional".[30] É uma primeira coincidência.

Outras expressões que nos chamam a atenção: "fontes envenenadas" e "filosofia modernizada" [31]

Ora, tais expressões nos levam a recordar, por exemplo, os fortes ataques feitos por M. Pimentel e Mons. A. Brandão aos brasileiros simpatizantes dos "falsos profetas" da era moderna,[32] entre os quais consta o nome de J. Maritain, muito lido pelos adeptos do Movimento Litúrgico. Aliás, as supracitadas expressões do documento da Sagrada Congregação dos Seminários, como ainda veremos, foram seguramente interpretadas no Brasil como referindo-se também a Maritain. Sabemos que professores do Seminário de Belo Horizonte foram duramente repreendidos porque davam aulas sobre este autor.[33]

O documento fala também de "teologia viva", e "que se quer fazer apologética sem falar do milagre, nem refutar os erros, apresentando unicamente a vida íntima da Igreja.[34]

Ora, uma das grandes acusações contra o entusiasmo dos adeptos do Movimento Litúrgico no Brasil está exatamente no fato de haver descoberto a "vida íntima da Igreja", isto é, a Liturgia. Daí também o entusiasmo por uma "teologia viva", isto é, inspirando-se na "vida íntima da Igreja" que é litúrgica,[35] com a conseqüente necessidade da passagem de uma religião por demais individualista, moralista e apologética para uma vivência mais mística da religião,[36] entusiasmo este que não deixou de ser duramente

28. *Ibid.*, 837-839.
29. Cf. carta de um "zeloso sacerdote", em *Estrela do Mar* (cf. supra, p. 173, nota 55, item d): "só falam em S. Paulo e nos Santos Padres"; cf. ALVES RIBEIRO, F., "Em torno do 'movimento litúrgico'", *art. cit.* 127 (cf. supra, p. 181). Chegou-se até mesmo a classificar o pensamento de Dom M. Michler de "antitomista, intuitivo e quase panteísta" (cf. VILLAÇA, A. C., *op. cit.*, 148 — cf. supra, p. 46).
30. Cf. p. ex. *Estrela do Mar* nº 392 (set. 1942), 286-288, sobre o uso "exclusivoso" de R. Guardini feito por *A Ordem* (cf. supra, p. 170-172).
31. "Epistula...", *op. cit.*, 838-389.
32. Cf. supra, p. 185.
33. Cf. Apêndice XIII, itens 6-9; cf. também Apêndice X.
34. "Epistula...", *op. cit.*, 839.
35. Cf. p. ex. os artigos da revista *Vida*: MATTOS, H. A., "Vamos renascer na liturgia", *art. cit.*; PENIDO FILHO, J. M., "Comunidade", *art. cit.*; PENNA, W., "Espiritualidade litúrgica", *art. cit.*; ISNARD, C., O.S.B., "A volta à Liturgia", *art. cit.*; cf. também *1ª Carta Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas...*, *op. cit.*, 37-44; cf. resposta de *A Ordem* a uma carta da J.F.C. de Uberaba: "Membros da Juventude Feminina Católica de Uberaba (Minas Gerais)", *A Ordem* 27 (jan. 1942), secção "Correspondência", 88-90; ALVES RIBEIRO F., "Ação Católica Universitária", *art. cit.*, 513; *id.*, "Martinho Michler e um testemunho", *art. cit.*, 559; cf. supra, p. 40-51.
36. Cf. supra, p. 78 com referência para as notas 23 e 24.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

atacado pelos "polêmicos" em relação ao Movimento Litúrgico, exatamente porque, segundo eles, "sob pretexto de uma teologia 'viva'", desprezava-se Santo Tomás e o método escolástico.[37]

O documento chama a atenção para o "erro" da exaltação da "grandeza do homem, deixando na sombra o pecado original e as suas conseqüências", e "que se magnifica a onipotência da graça, sem falar da necessidade da cooperação por parte do homem".[38]

Estamos diante da célebre questão da ascese e Liturgia, um dos pontos pelos quais simpatizantes do Movimento Litúrgico no Brasil também foram fortemente acusados de "heresia".[39]

O documento fala do "erro" em que "se contempla a glória da Ressurreição do Redentor sem meditar sobre a Sua Paixão".[40] Trata-se da famosa questão do Cristo Glorioso. Na verdade, logo depois, chama-se a atenção para um dos "abusos" do "Liturgismo": "Alguns iam mais longe, reprovando a representação de Jesus Crucificado, por ser menos conforme às suas concepções de vida mística".[41]

Ora, tal advertência nos faz lembrar novamente os ataques dos "polêmicos" contra os simpatizantes do Movimento Litúrgico no Brasil, no sentido de que, com a introdução da imagem do Cristo Glorioso, estes tenderiam eliminar a imagem do Cristo Sofredor, tentariam ignorar as dores atrozes do Crucificado.[42]

Passa-se então a apontar concretamente alguns "erros" ou "abusos" do chamado "Liturgismo", frisando que tais "abusos" "não parecem tenham desaparecido inteiramente", apesar dos mônitos da "Mediator Dei": "falava-se contra a adoração do Santíssimo, ...contra a ação de graças... depois da Comunhão e da Santa Missa, ...contra a Bênção Eucarística", reprovava-se a representação do Cristo das dores, admitiam apenas a oração litúrgica, desprezando a meditação particular, os Exercícios Espirituais, os exames de consciência. E, citando um texto da "Mediator Dei", o documento recomenda a reverência ao Santíssimo no Tabernáculo e a devoção à Virgem Santíssima sobretudo através do Rosário.[43]

37. *Cf.* supra, p. 318, nota 29. Significativo é a advertência feita pelo Cón. A. de Castro Mayer aos brasileiros sobre o perigo da "Nova Teologia" (Cf. CASTRO MAYER, A., "Nova Teologia", *REB* 7 (1947), 793-817. Fá-lo, baseando-se em dois artigos do dominicano R. Garrigou-Lagrange: "La nouvelle Théologie ou va-t-elle?", *Angelicum* 23 (1946), 126-145, e "Verité e immutabilité du Dogme", *Angelicum* 24 (1947), 124-139).

38. "Epistula. .", *op. cit.*, 839.

39. Lembremo-nos dos ataques de P. Corrêa de Oliveira contra os "vacinados contra o pecado" pela "ação mecânica da Liturgia" (cf. supra, p. 176s.); cf. também a defesa de F. Alves Ribeiro, no artigo "Em torno do 'Movimento litúrgico'" (cf. supra, p. 180).

40. "Epistula...", *op. cit.* 939.

41. *Ibid.*, 840.

42. Como diz a famosa "carta de um congregado", em *Estrela do Mar* (cf. supra, p. 167, nota 16): "Pretenderam substituir o crucifixo comum da nossa sala de reuniões por um crucifixo com a imagem de Cristo vestida com um diadema real". Convém ver também a resposta dada pelo Consultor da revista a esta carta (cf. supra, p. 167-168).

Como diz também a carta de um "zeloso sacerdote, em *Estrela do Mar* (cf. supra, p. 173, nota 56, item d): "...Não querem se conformar e 'sentire cum Ecclesia'... da devoção... ao Crucifixo nú e sofredor... Possuem não a imagem oficial de Jesus Cristo, padecente e despido, mas de Jesus Cristo pregado na Cruz, bem vestido e glorioso...".

Como diz CORRÊA DE OLIVEIRA, P., *Em defesa da Ação Católica*, *op. cit.*, 97 (cf. supra, p. 177): "...evitam, e chegam a desaconselhar, a meditação dos episódios dolorosos da vida do Redentor, preferindo vê-lo sempre como vencedor cheio de glória". Cf. defesa de F. Alves Ribeiro, em "Em torno do 'movimento litúrgico'", art. cit. 120-121 (cf. supra, p. 180). Cf. Apêndices VI, VII e X.

43. "Epistula. ", *op. cit.*, 839-840.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Novamente estamos diante de questões amplamente debatidas e polemizadas no Brasil, dados estes ("heresias") dos quais adeptos do Movimento Litúrgico e da Ação Católica foram duramente atacados com métodos sem dúvida discutíveis.[44] Numa palavra, trata-se da célebre acusação de "exclusivismo litúrgico" com o conseqüente desprezo da devoção e dos exercícios extralitúrgicos e ascéticos (devoções eucarísticas, meditação, Exercícios Espirituais, exame de consciência, Rosário, Via-Sacra, etc.), atirada (bem entendido!) contra o próprio Movimento Litúrgico no Brasil. Neste sentido, lembramos apenas os ataques de *Estrela do Mar* abrindo uma acirrada discussão com *A Ordem*.[45] Lembramos os ataques de P. Corrêa de Oliveira contra estas "heresias modernistas".[46] Lembraríamos a célebre advertência do Vigário Capitular da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Mons. Rosalvo Costa Rêgo, na Instrução de 21-5-1943, lançando-se em enérgica defesa das práticas extralitúrgicas contra os que as julgam não necessárias para a santificação.[47] Lembramos as defesas de F. Alves Ribeiro contra as acusações.[48] Lembramos os duros ataques do Pe. M. T. L. Penido contra o "totalitarismo 'religioso'" de "alguns asseclas do chamado movimento litúrgico", como ele diz,[49] abrindo discussão com o leigo F. Alves Ribeiro[50]...

Enfim, um último ponto a ressaltar e que também coincide de certa maneira com antigas polêmicas em torno do Movimento Litúrgico no Brasil, é a questão da "formação à virtude": O documento incrimina os "erros funestos" de "alguns" que menosprezavam virtudes como "a humildade, a abnegação, a vontade própria, a obediência", por serem virtudes "passivas"; dá-se mais valor às virtudes "ativas", mais correspondentes "às exigências da sociedade moderna"; conseqüentemente, são "favoráveis às Ordens e Congregações de vida ativa e menosprezam as de vida contemplativa"; enfim, apelam para a ampla liberdade individual de todos no pensar e no agir, alegando que o Espírito Santo age mais diretamente do que a Hierarquia na consciência de cada um.[51]

Estamos de novo diante da célebre questão da ascese, ou melhor ainda, estamos diante de erros chamados "funestos", "modernistas", "protestantes", dos quais os chamados "liturgicistas" não deixaram de ser também acusados com os métodos que já nos são bem conhecidos. Isto é, "vacinados contra o pecado" pelo poder da vida litúrgica, não restaria aos "liturgistas" senão a ação, o apostolado, em plena liberdade e consciência indi-

44. Veja-se a nossa conclusão, supra, p. 196-204. Interessante este desabafo do lazarista Dom Guglielmelli, pouco antes do advento da "Mediator Dei", em setembro de 1947: "Muito se tem falado dos erros e abusos da A. C. Formam-se juízos precipitados, taxam-se de erros a correntes de pensamentos e atitudes que não são suficientemente examinados. Já vai longe a lista de heresias da A. C.: negação da devoção a Nossa Senhora, ao Santíssimo Sacramento, aos Santos, as aberrações litúrgicas, os atentados contra os exercícios de Santo Inácio, contra o terço. Sem falar neste cisma dos leigos com suas pretenções injustas e suas irreverências ao clero... Tudo isto é bem verdade e foi considerado com a devida prudência? E quantas destas acusações são difundidas sem provas e universalizadas, além dos justos limites! E note-se que estas acusações são feitas de um modo tão vago que logo se percebe sua fatuidade e leviandade. A mais elementar justiça reclama que a alguém não se atribua desfavoravelmente o que não seja certo. Entretanto, até hoje não se conhecem os verdadeiros autores dos erros da A.C., e em que lugar precisamente se deram. Lançar suspeitas sobre a A.C. e repetir calúnias e invencionices é realmente uma obra diabólica cujas conseqüências não se pode medir adequadamente, como não se calcula a malfazeja irradiação da maledicência..." (GUGLIELMELLI, D., C.M., "Adversários da Ação Católica", *art. cit.*, 489-490).

45. Cf. supra, p. 166-175.
46. Cf. supra, p. 175-178.
47. Cf. supra, p. 149-150 e 194.
48. Cf. supra, p. 181.
49. Cf. supra, p. 185ss.
50. Cf. supra, p. 188-192.
51. "Epistula...", *op. cit.*, 842-843.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

vidual, com o conseqüente estabelecimento de contradições entre as diferentes Ordens e Congregações, ou Escolas de Espiritualidade.[52]

São todas interessantes coincidências entre os conteúdos da citada carta da Sagrada Congregação dos Seminários e os conteúdos das acusações movidas contra os chamados "liturgicistas" no período anterior à "Mediator Dei", coincidências estas que quase nos fazem crer, à primeira vista, que o citado documento da Santa Sé endossa e apóia indiretamente toda aquela luta dos anti-"liturgicistas" que inclusive coloca em perigo de credibilidade o próprio Movimento Litúrgico... Mas ainda é precipitado darmos uma justa avaliação do mesmo. E aqui é preciso lembrar que o documento se propôs como finalidade chamar a atenção, não para o "perigo" das novidades como tais, mas para o comportamento "exagerado" e "pouco prudente" de alguns na aceitação das novidades que apareciam.[53] Ora, sabemos muito bem que houve exageros, imprecisão de linguagem e imprudências por parte de adeptos do Movimento Litúrgico no Brasil antes da "Mediator Dei".[54] É outra coincidência!

Dissemos que ainda não é hora de darmos uma justa avaliação do documento. Isto é, mister se faz lançarmos mão ainda de alguns problemas internos, concretamente, num Seminário, no Seminário da Arquidiocese de Belo Horizonte, sobretudo a partir de 1949. É um elemento que também nos ajudará a entender melhor o documento, para depois avaliá-lo.

b) Problemas no Seminário de Belo Horizonte, ajudando a compreender melhor o documento

Dentro de compreensíveis limites,[55] tentemos apresentar uma situação do Seminário de Belo Horizonte passando por graves problemas de divisão interna, sobretudo a partir de 1949, por causa de correntes de espiritualidade, o que pode contribuir para compreender melhor a carta de que estamos tratando.

1. Antes do advento da carta da Sagrada Congregação dos Seminários

Sabemos que no dia 15 de outubro de 1949, em reunião dos professores do Seminário, com a presença do Arcebispo Dom Antônio dos Santos Cabral, o Reitor do Seminário trouxe à baila uma significativa queixa: existe no Seminário um "certo ambiente", um ambiente tenso, onde não se pode nem mesmo falar em santidade. A devoção a Nossa Senhora é ridicularizada. E alguns parece serem contra a ascese tradicional. Pede-se, portanto, ao Sr. Arcebispo, de fazer-se valer de sua autoridade para agir energicamente contra tal situação tensa. Resultado: Ficou decidido que Dom Cabral faria imediatamente uma visita canônica ao Seminário.[56]

52. Para este ponto, recordamos a conhecida "carta de um congregado", em *Estrela do Mar* (cf. supra, p. 167, nota 16), CORRÊA DE OLIVEIRA, P., *Em defesa da Ação Católica*, *op. cit.*, 95-100, 107ss. (cf. supra, p. 175-178, *in specie* 176-177), PENIDO, M. T. L., "Corpo Místico...", *art. cit.*

53. Cf. "Epístula...", *op. cit.*, 837.

54. Veja-se a nossa conclusão à p. 197.

55. Advertimos para a absoluta escassez de documentos publicados a este respeito. Baseamo-nos sobretudo em documentos inéditos (crônicas, atas, depoimentos) que trazemos em Apêndice no final do trabalho. Além disso, dada a delicadeza da questão, procuramos evitar ao máximo citar nomes de pessoas envolvidas.

56. Cf. Apêndice XII, item 1.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

[illegible] a visita canônica, con-
[illegible] uma reunião "extraordinária" dos professores. Finalidade da reunião: "resolver algumas questãos do Seminário". Nesta reunião, apresentando sua impressão sobre a visita canônica, Dom Cabral disse que, à primeira vista, "os fatos encheram de tristeza o seu coração", mas que pouco a pouco notara da parte de todos uma grande "boa vontade" e um grande "ideal de perfeição". E apresentou 4 conclusões a serem seguidas: 1) Necessidade de haver "toda confiança e lealdade" entre o Reitor e os professores, bem como "todo aprêço e veneração" para com a pessoa do Diretor Espiritual; 2) Liberdade no seguimento de espiritualidades, "contanto que esteja dentro do pensamento da Igreja", evitando-se "particularismos dentro das divisões", a fim de que ninguém se sinta "dentro ou fora dêsse ou daquele movimento ou devoção particular"; 3) Acabar com a confusão e rivalidades entre Congregação Mariana e Ação Católica. É um fato que os membros da Ação Católica não impõem restrições à devoção mariana na Arquidiocese. Daí, deve-se estabelecer desde o Seminário Menor os "círculos de estudos de Ação Católica" e restabelecer no Seminário Maior a Congregação Mariana; 4) Intensificar o Movimento Litúrgico no Seminário, por ser um Movimento da própria Igreja, buscando compreender sempre melhor a Missa, os Sacramentos, o Ofício Divino e as Ordens sacras, sem menosprezar os exercícios ascéticos, e sem menosprezar a devoção a Nossa Senhora, que faz parte do próprio Movimento.[57]

Como se percebe, pelas entrelinhas, havia problemas. Havia divisões. Havia rivalidades. Havia acusações mútuas entre os que optavam por uma espiritualidade mais tradicional e devocional, e os que optavam por uma espiritualidade mais litúrgica e mística. Estes, naturalmente, buscando uma espiritualidade centrada mais na Liturgia, eram acusados de desprezadores da devoção a Nossa Senhora e dos exercícios ascéticos. Até que ponto iam os particularismos (exclusivismos) dos "liturgistas", é difícil defini-lo. No entanto, pode-se dizer que havia comportamentos "exagerados" e "pouco prudentes" da parte destes diante do bloco dos "marianistas" não menos apegados às suas idéias tradicionais de vida espiritual. E Dom Cabral, na tentativa de solucionar o clima de tensão criado no Seminário, opta justamente por "não querer ferir a caridade de ninguém, nem tomar partido nas questões", opta por querer contentar a todos, seja incentivando a devoção mariana e os exercícios ascéticos para todos, seja incentivando os ideais do Movimento Litúrgico igualmente necessários também para todos.

Pouco depois, com data de 5-3-1950, vem a conhecida carta da Sagrada Congregação dos Seminários. O que acontece então?.

2. Depois do advento da carta da Sagrada Congregação dos Seminários

Uma primeira reação interessante diante deste documento vem da parte do próprio Arcebispo Dom Cabral, em reunião dos professores, no dia 15 de maio de 1950. Afirma o Arcebispo que "seu Seminário jamais foi orientado contra as determinações da Santa Sé". Mais ainda. Afirma nunca ter encontrado no Seminário os "reprováveis casos" elencados pelo documen-

57. Cf. Apêndice XII, item 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

to. Prova disto é a visita canônica realizada no ano anterior, na qual pôde verificar "a melhor boa vontade de todos". O que acontece é que "há sacerdotes que dizem ser a Ação Católica e o Movimento Litúrgico mal orientados na Arquidiocese, mas tais sacerdotes são mal encarados e indignos do sacerdócio".[58]

Mas a verdade é que o documento vinha criar embaraços. Tanto é que, na mesma reunião, o Reitor perguntava se podia lê-lo para os Seminaristas. A resposta de Dom Cabral foi, naturalmente, afirmativa, "por não fazer dele nenhum segredo".[59]

E o Seminário? De saída, podemos dizer que, após o advento da carta da Sagrada Congregação, a situação no Seminário, em vez de melhorar, torna-se mais tensa ainda. Muitas "discórdias internas"!....[60]

Bastaria dizer que, para 1951, foi nomeado um novo Reitor, vindo de outra Arquidiocese, da Arquidiocese de São Paulo, para ver se assim se resolveria a situação de divisão interna sempre mais tensa. No entanto, a fogueira era tal que, no fim do mesmo ano, o novo Reitor não agüentou mais. Renunciou ao cargo.[61]

Alguns fatos acontecidos neste ano de 1951 ilustram como caminhava a situação. Por exemplo, os Exercícios Espirituais no Seminário Maior, realizados em fevereiro e pregados por um carmelita, tiveram pouca ressonância. Como atesta o cronista, o pregador "não foi bastante hábil para haver-se nas circunstâncias do momento".[62] A Novena do Espírito Santo, celebrada "dentro das normas litúrgicas e das determinações da Pastoral Coletiva", provocou "resmungos dos saudosistas que nada podem entender que seja um pouco diferente do que era...".[63] As palavras de um outro pregador carmelita em visita rápida ao Seminário com uma imagem de Nossa Senhora do Carmo foram dirigidas aos Seminaristas "com bastante infelicidade".[64]

Mas o fato talvez mais significativo e que permaneceu muito vivo na lembrança dos padres belo-horizontinos ligados à Ação Católica e ao Movimento Litúrgico, foi uma controvertida "visita" do Mons. Mário Ginetti, Regente da Sagrada Congregação dos Seminários para a América Latina, em agosto de 1951, para intervir pessoalmente na situação do Seminário e da

58. Cf. Apêndice XII, item 3. Outra versão posterior, de 1952, fala de uma afirmação de Dom Cabral de que "a referida Carta da Sagrada Congregação tinha sido *"tôda recalcada em documentos enviados de Belo Horizonte"* (cf. Apêndice XIII, item 8). Tal afirmação certamente deve ser entendida no sentido de que a referida carta baseou-se sobretudo em queixas enviadas de Belo Horizonte à Santa Sé. Ora, se assim é, segundo a afirmação de Dom Cabral na referida reunião dos professores, tais queixas são infundadas. E, portanto, infundados seriam também os dados em que se baseou o referido documento da Santa Sé.

59. Cf. Apêndice XII, item 3.

60. Cf. Apêndice XIII, item 2ss. É bom lembrar aqui a celebração da Semana de Liturgia na Arquidiocese, em setembro de 1950, com a participação também dos Seminaristas (cf. Apêndice XIII, item 1; cf. também supra, p. 264-268), evento este que veio seguramente reforçar os entusiasmos dos "liturgistas" e, com isso, alimentar asamarguras do "partido" oposto! Por outro lado, assinalamos também três acontecimentos *marianos* de relevância em fins de 1950, dando certamente força aos "mariasistas": a proclamação do dogma da Assunção, a 1º de novembro; a visita da imagem de N. Sra. de Fátima ao Brasil (cf. *O Diário* 4-11-1950, 3); e a vinda da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora benzida pelo próprio S. João Bosco (cf. *O Diário* 12-11-1950, 3).

61. Cf. Apêndice XIII, item 7.

62. Cf. Apêndice XIII, item 3.

63. *Ibid.*, item 4.

64. *Ibid.*, item 5.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Arquidiocese.[65] No Seminário, através de entrevistas, entra em contacto com professores e estudantes. E, nestas entrevistas, várias acusações são movidas contra o Reitor. Por exemplo, favorece os professores que ensinam Maritain; "alimenta idéias avançadas em Liturgia e Ação Católica"; favorece professores que fazem "Círculos de Patrística" com os estudantes; etc. O Reitor, naturalmente, declara-se inocente de tais acusações.[66]

Resultado: o Reitor renuncia ao cargo no fim do mesmo ano de 1951. E no ano seguinte, 1952, entra um novo Reitor, que impõe duras condições para o exercício do cargo: a) Afastamento de "alunos que, porventura, se mostrem com idéias avançadas"; b) controle rígido e até mesmo afastamento de professores pertencentes ao "grupo de Padres de idéias avançadas", o que realmente aconteceu.[67]

Como posteriormente se resolveu a situação, foge-nos ao controle, por falta de documentação adequada. O que quisemos é apenas trazer um exemplo típico de controvérsias internas num Seminário, no Seminário de Belo Horizonte, em torno do Movimento Litúrgico, imediatamente antes e depois do advento da referida carta da Sagrada Congregação dos Seminários, para melhor compreensão deste documento, para depois avaliá-lo.

Algumas observações conclusivas, antes de passarmos a uma avaliação da carta: a) sem dúvida, os "liturgistas" não foram suficientemente "prudentes" em um ambiente onde necessariamente deviam conviver com um bloco de tradicionalistas ("marianistas") sujeitos a "escandalizar-se" facilmente com as "novidades" que apareciam; b) da parte destes últimos, apegados a valores da tradição (devoções e ascese tradicionais, etc.) e, conseqüentemente, não conseguindo perceber bem o alcance e o valor daquilo que os "liturgistas" procuravam acentuar (a "vida íntima da Igreja"), acabaram fixando-se preferentemente nos "defeitos" do Movimento Litúrgico; c) daí vêm os choques, as discórdias, as acusações mútuas, as divisões que se fazem sempre mais tensas; d) mas, apesar das incompreensões, parece ter havido "boa vontade" e "vontade de perfeição"; e) digna de nota é a proposição equilibrada de Dom Cabral para solucionar a situação tensa no Seminário: procurando contentar a todos, incentivando os valores defendidos por ambas as partes como válidos e necessários para todos; g) no entanto, exatamente após o advento da carta da Sagrada Congregação dos Seminários e com a "intervenção" do Mons. M. Ginetti, o equilíbrio sonhado por Dom Cabral não se viu imediatamente realizado. Aumentaram as tensões; h) por quê? Respondê-lo-emos posteriormente, ao fazermos uma avaliação do documento da Santa Sé.

65. Mons. M. Ginetti participara do IV Congresso Interamericano de Educação Católica realizado no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 5 de agosto de 1951 (sobre este Congresso, cf. notícia em *REB* 11 (1951), 747-751, onde não se faz referência à presença de Mons. Ginetti). Em Roma o Mons. já havia recebido informações sobre Belo Horizonte. Na Capital da República tomara conhecimento mais direto da situação. O que faz? Terminado o Congresso, dirige-se a Belo Horizonte, apresentando-se "como alguém que tinha autoridade para corrigir as 'heresias' de ordem litúrgica" existentes naquela Arquidiocese. D. Cabral, naturalmente, exige-lhe a documentação oficial da Santa Sé outorgando-lhe poderes para fazer tal "visita". Mons. Ginetti não os tinha. Descobre-se que ele assumira por própria conta o cargo de uma espécie de "Visitador Apostólico" na Arquidiocese. É uma versão do fato (cf. Apêndice XIV; cf. também Apêndices VI, VII, X, XI). Outra versão diz que Mons. Ginetti "visitou Belo Horizonte, a convite do Sr. Arcebispo" (cf. Apêndice XIII, item 6). Portanto, se Mons. M. Ginetti usurpou poderes ou não, não é ainda bem claro. Fica a ser estudado. A verdade é que ele visitou a Arquidiocese e entrou em contacto com todos no Seminário, declarando "repetidamente não trazer nenhuma missão oficial" (!) *(loc. cit.)*.

66. Apêndice XIII, item 6.

67. Apêndice XIII, item 7 e 8.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Portanto, falando da situação do documento no contexto histórico geral do Movimento Litúrgico entre polêmicas e controvérsias no Brasil, podemos concluir o seguinte: 1) Uma série de conteúdos do documento coincide perfeitamente com os conteúdos de acusações contra os chamados "liturgicistas" no período anterior à "Mediator Dei". 2) Combina também com a constatação de "imprudências" por parte de "alguns" ligados ao Movimento Litúrgico; 3) Segundo a carta, "abusos do Liturgismo" continuavam a existir, apesar dos mônitos da "Mediator Dei". Concretamente, constatamos problemas no Seminário de Belo Horizonte: acusações contra os "liturgistas" por parte dos tradicionalistas; 4) Com a incriminação dos "abusos", feita pela carta da Sagrada Congregação dos Seminários, os problemas não se resolveram de imediato. Pelo contrário, o ambiente do Seminário se torna mais tenso ainda.

3) *Avaliação do documento*

Apresentado o conteúdo da carta da Santa Sé e situado este documento no contexto histórico geral do Movimento Litúrgico entre polêmicas e controvérsias no Brasil, cremos poder partir para uma avaliação do mesmo.

Em primeiro lugar, chama-nos a atenção a tendência exclusivista da carta atendo-se unicamente aos valores da tradição, como já tivemos ocasião de verificar. Ignora o valor da Patrística na formação dos seminaristas. Ignora os valores positivos do Movimento Litúrgico.[68] Ignora o valor da própria Liturgia na formação dos jovens clérigos. Neste sentido, ressaltaríamos como exemplo típico deste exclusivismo os "sinais de uma bôa formação clerical" apresentados pelo documento: "uma sólida piedade mantida pelos exercícios comuns e pelas devoções tradicionais ao Santíssimo, à Sagrada Paixão, ao Sagrado Coração de Jesus, à Santíssima Virgem, a São José, aos Santos Patronos...", etc.,[69] omitindo portanto a participação ativa, viva e consciente na Liturgia como um sinal importante — senão o mais importante! — desta formação.

Perguntamo-nos pelo porquê deste exclusivismo. Trata-se seguramente de uma opção metodológica. Isto é, diante das inúmeras queixas que certamente chegaram à Santa Sé, contra os "abusos do Liturgismo" colocando em "perigo" os "valores tradicionais" no Brasil,[70] a Sagrada Congregação dos Seminários partiu para esta opção: acentuar, "levantar" estes valores para contrabalançar, para equilibrar a situação. Trata-se de uma opção sem dúvida válida e louvável, pois revela o grande zelo, a grande boa vontade desta Sagrada Congregação no sentido de cuidar para não "decair" a formação dos seminaristas, pelo esquecimento dos valores tradicionais prezados pela Igreja.

68. É de chamar a atenção, por exemplo, que, preocupando-se com a formação dos candidatos ao sacerdócio, o documento desconhece também o valor positivo do Movimento Litúrgico na obra das vocações sacerdotais e religiosas, isto é, desconhece o grande número destas vocações que o Movimento Litúrgico produziu no Brasil. Há um aceno no início da carta, onde se congratula com os "progressos conseguidos" ("Epistula...", *op. cit.*, 836). Mas evita citar os agentes deste progresso, dentre os quais — sabemos muito bem — sobressai o Movimento Litúrgico e a Ação Católica. Aliás, como já dissemos, qualquer valor positivo do Movimento Litúrgico vem simplesmente desconhecido.

69. Cf. "Epistula...", *op. cit.*, 843; cf. supra, p. 317.

70. Restaria a ser estudado por exemplo o papel exercido neste sentido por alguns Bispos do Brasil, um D. Castro Mayer, D. Sigaud, D. Jaime de Barros Câmara, e outros, que se destacaram ou pelo combate ou por sérias reticências às "novidades" do Movimento Litúrgico no Brasil.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

No entanto, cumpre-nos também afirmar que o método como tal não foi muito feliz, exatamente pelo seu exclusivismo, podendo-se prestar a sérios mal-entendidos. Sobretudo pelo estilo do documento,[71] que trai um manifesto apoio à ala dos anti-"liturgicistas", a citada Congregação arriscou-se mais a dividir do que a unir, mais a desequilibrar do que propriamente a conciliar.

Na verdade, a infelicidade metodológica do documento se revela concretamente na própria situação interna do Seminário de Belo Horizonte. Isto é, notamos que exatamente após o advento desta carta é que o clima ali se torna mais tenso. Dom Cabral havia tentado uma solução equilibrada, incentivando os valores defendidos por ambos os "partidos". Mas, acontece que, logo após, vem a carta que, com o seu conhecido método, de certa maneira suplanta, pela sua autoridade, as propostas de Dom Cabral. Resultado: aumentam os conflitos, que teriam sido certamente evitados, se tivesse havido uma coincidência com a linha metodológica de Dom Cabral. Isto é, se a carta tivesse seguido uma metodologia sem tintura exclusivista, certamente teria sido mais feliz, mais conciliadora.

Não negamos o fato de ter havido exageros e imprudências — o problema mais urgente a ser resolvido, segundo o documento — por parte dos "liturgistas". E a Sagrada Congregação dos Seminários fez muito bem em apelar para a "vigilância" dos Bispos neste sentido.[72] Mas o método usado por ela pode ser considerado duvidoso, por ter deixado margem para a intensificação das divisões.

Enfim, compreende-se tal opção. O documento revela o quanto foi difícil para a Sagrada Congregação dos Seminários ter em mente todo o contexto histórico geral do Movimento Litúrgico no Brasil, para apresentar uma orientação realmente conciliadora.

III. Discordância entre Ação Católica e Congregações Marianas: Problema para o qual adverte D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta numa Carta Pastoral

A discordância entre Ação Católica e Congregações Marianas é um problema de tempos remotos e que até 1950 não se havia ainda resolvido. Eram duas forças que continuamente se digladiavam. Primeiro, porque não se conseguia ver bem os limites específicos de cada um destes movimentos em particular.[73] Segundo, porque a Ação Católica assumiu de corpo

71. Vejam-se as coincidências entre vários conteúdos do documento e os conteúdos de acusações contra os chamados "liturgicistas" (cf. supra, p. 317-321).

72. Do mesmo parecer é GURGEL, M. T., S.D.S., "Aspectos Pastorais da 'Mediator Dei' quanto à Participação dos Fiéis na Missa", *REB* 11 (1951), 192.

73. Basta folhear a revista *Estrela do Mar*, para se dar conta da quantidade de "Consultas" enviadas à redação a este respeito (cf. p. ex. *Estrela do Mar* 346 (julho 1938), 184-186; *id.* 352 (jan. fev. 1939), 34; *id.* 357 (julho 1939), 191; *id.* 358 (ag. 1939), 224-225; *id.* 359 (set. 1939), 256; *id.* 360 (out. 1939), 288; *id.* 361 (nov. 1939), 320; *id.* 369 (ag. 1940), 194; *id.* 373 (jan. fev. 1941), 38; *id.* 374 (março 1941), 70; *id.* 382 (nov. 1941), 326-328; *id.* 384 jan. fev. 1942), 37; *id.* 386 ag. 1949), 104; *id.* 390 ag. 1942), 231; *id.* 396 (março 1943), 64). Tudo isto, apesar do número de artigos escritos nesta revista, tentando esclarecer a respeito da Ação Católica e suas relações com as Congregações Marianas (cf. p. ex. LELOTE, F., S.J., "Acção Catholica e Congregações Marianas", *Estrela do Mar* 308 (fev. 1935), 31-35 e *id.* 309 (março 1935), 57-59; cf. "Acção Catholica Brasileira", *id.* 322 (abril 1936), 94-96; *id.* 323 (maio 1936), 121-123; *id.* 325 (julho 1938), 180-182; *id.* 326 (ag. 1936), 205-207; cf. DAINESE, C., S.J., "Congregações Marianas e Acção Catholica", *id.* 348 (set. 1938), 225-229; *id.*, "Ação Católica e Congregações Marianas", *id.* 367 (junho 1940), 137-142, *id.* 378 (julho 1941), 169-172, *id.* 380 (set. 1941), 235-239, *id.* 386 (abril 1942), 73-76). Houve até mesmo discordância a respeito entre um artigo da *REB* (cf. DIDONET, F., "Ás Congregações Marianas e a Ação Católica Brasileira", *REB* 2 (1942), 94-122) e *Estrela do Mar* (cf. DAINESE, C., S.J., "Congregações Marianas e Ação Católica Brasileira", *Estrela do Mar* 390 (ag. 1942), 201-213; *id.*, "A propósito de um artigo", *id.* 392 (set. 1942), 272-275.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

e alma o Movimento Litúrgico que, com suas idéias "modernas", parecia "ameaçar" as "tradições" defendidas pelos marianos.

Perduravam ainda os desentendimentos entre estes dois grupos por causa do Movimento Litúrgico. Não só em Belo Horizonte,[74] mas também em São Paulo a situação não parecia solucionada de todo. Tanto é que o Cardeal Arcebispo desta capital, Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, achou por bem intervir com uma Carta Pastoral, de 7-9-1950.[75]

O documento não fala de Movimento Litúrgico. Nem toca em assuntos litúrgicos. Mas, indiretamente, nas entrelinhas deixa a entender, testemunha, que algo tinha a ver com o Movimento Litúrgico.

Baseando-se na Constituição Apostólica "Bis Saeculari" de Pio XII, de 27-9-1948,[76] Dom Motta chama a atenção para a necessidade da "coexitência e cooperação" entre ambos os movimentos,[77] uma "colaboração necessária",[78] atendendo à "paternal insistência" do Papa neste sentido.[79]

E passa então a tocar no nó da questão, quando fala de algumas "contradições", isto é, de alguns ataques e acusações injustas movidas contra o movimento de Ação Católica no Brasil. Fala-se que no Brasil ela é mal orientada[80] e que no seu seio grassa um certo espírito modernista:

> "Há... os que assoalham grassar no Brasil um certo modernismo, um tal ou qual 'espírito francês', libertino e herético e que estaria empolgando clérigos e fiéis... como se em nossa Pátria não houvese tradições cristãs de quatro séculos de lutas e vitórias contra hereges franceses, ingleses e holandeses e contra o galicanismo e maçonismo vencidos pelo desassombro dos dois heróicos atletas da Fé — Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira e Dom Antônio de Macedo Costa! E como se não tivesse o Brasil de hoje mais de uma centena de Bispos vigilantes, virtuosos e cultos, à frente de um clero zeloso e de fiéis disciplinados!".[81]

Ora, pelo contexto das acusações continuamente movidas no Brasil contra os "liturgicistas", isto é, contra o chamado "modernismo" sob o nome de "movimento litúrgico" infiltrado na Ação Católica do Brasil, deduz-se que Dom Motta se refere indiretamente também ao Movimento Litúrgico. Em outras palavras, Dom Motta defende o Movimento Litúrgico defendendo a Ação Católica de injustas acusações de "modernismo herético". Nisto sem dúvida está o grande valor desta Carta Pastoral.

74. Lembramos a advertência de Dom Cabral no sentido de acabar com as rivalidades entre Ação Católica e Congregações Marianas (cf. Apêndice XII, item 2; cf. supra, p. 322).
75. *A Palavra do Santo Padre. Carta Pastoral de Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Cardeal Arcebispo de São Paulo aos seus Diocesanos no sexto aniversário de sua posse no Arcebispado. Ano Santo de 1950*, São Paulo 1950. Aliás, não é a primeira vez que Dom Motta teve que intervir assim. Lembramos por exemplo sua Pastoral de Saudação, de 29-10-1944 (cf. supra, p. 144-146. É bom lembrar também que, exatamente a 9-12-1948, o Mons. Castro Mayer havia pronunciado uma conferência em Piracicaba (Est. de São Paulo), na qual defende as Congregações Marianas como sendo também Ação Católica, chama a atenção, critica a unilateralidade da Ação Católica, e elogia o famoso livro de P. Corrêa de Oliveira (cf. MAYER, C., *A Constituição Apostólica "Bis Saeculari Die". Repercussões jurídicas. Esclarecimentos doutrinários*, São Paulo 1950).
76. Cf. *AAS* 40 (1948), 393-402.
77. *A Palavra do Santo Padre. Carta Pastoral...*, *op. cit.*, 7-8: "A vontade do Papa... é a coexistência e a cooperação fraterna das Congregações Marianas e da Ação Católica, tanto umas quanto outra, igualmente subordinadas a uma só e mesma autoridade que é o Bispo Diocesano", coexistência esta que "implica que nem se confundam e nem se identifiquem as primeiras com a segunda, nem se substituam umas e outra. Que se mantenham diversas, não porém adversas; diferentes e não indiferentes".
78. *Ibid.*, 9-10.
79. *Ibid.*, 10-12.
80. *Ibid.*, 15.
81. *Loc. cit.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

IV. O Jornal O Catolicismo segue a linha do antigo O Legionário no combate ao "Liturgismo"

Como já tivemos ocasião de acenar, em inícios de 1951 o grupo Plínio Corrêa de Oliveira, liderado pelo já então Bispo de Campos (Estado do Rio), Dom Castro Mayer, funda um novo jornal, *O Catolicismo*, "impresso em São Paulo sob a égide do bispado de Campos", seguindo praticamente a mesma linha de *O Legionário*, porém com menor repercussão.[82]

Para se dar conta de como *O Catolicismo* segue a linha do antigo *O Legionário*, basta notar os títulos de vários artigos publicados sobre a Liturgia. São simplesmente textos traduzidos de documentos pontifícios, sobretudo da "Mediator Dei". Pelos títulos, percebe-se o estilo polêmico. Pelos textos, percebe-se a preferência e o estilo unilateral na leitura dos documentos pontifícios.

Damos aqui uma série destes títulos: "A mania do antigo na liturgia";[83] "A mania do antigo na liturgia revive os erros do Conciliabulo de Pistóia";[84] "Liturgia e Rosário";[85] "O povo fiel não goza de poderes sacerdotais";[86] "A piedade extralitúrgica é indispensável para a salvação";[87] "O latim é alvo de acerbos ataques dos inimigos da Igreja";[88] "Obra perniciosa e temerária o enquadrar apenas nos esquemas litúrgicos os exercícios de piedade aprovados pela Igreja".[89]

Como se vê, predomina o estilo apologético e unilateral no encarar temas litúrgicos. O que se quer sem dúvida é combater o "Liturgismo". Mas, o que entende por "Liturgismo"?

Para percebermos o que *O Catolicismo* entende por "Liturgismo", temos uma interessante "Consulta" enviada ao jornal, com a respectiva resposta dada pela Redação. A "Consulta":

> "Escreve-nos Jansen: — 'Hoje em dia ouço falar muito em 'Liturgismo'. Que se deve entender por esta palavra?'".[90]

O jornal responde com base na famosa carta da Sagrada Congregação dos Seminários aos Bispos do Brasil, de 7-3-1950, após citar um texto deste documento:

82. Cf. ISNARD, D., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 223. Três anos (1948-1951), o grupo passara sem um órgão oficial. É que em inícios de 1948 *O Legionário* passara a órgão oficial da Arquidiocese de São Paulo. Aliás, seria de se perguntar se este fato não constituiu uma jogada política do Arcebispado de São Paulo, no sentido de neutralizar a influência deste grupo, pois *O Legionário* gozava de grande irradiação! Se assim é, o mérito certamente é de Dom Motta que, como já sabemos, assumiu clara posição a favor da Ação Católica injustamente acusada de ser mal orientada.

83. *O Catolicismo* 3 (março 1951), 2. Para o original do texto traduzido, "Mediator Dei", *op. cit.*, 245-246: "Haec eadem iudicandi ratio tenenda est [...] etiamsi normis obtemperent ab Apostolica Sede datis".

84. *O Catolicismo* 4 (abril 1951), 5. Para o original do texto traduzido, "Mediator Dei", *op. cit.*, 546: "Quemadmodum enim e catholicis cordatus nemo [...] qua sacra Liturgia adoptionis filios ad caelestem Patrem salutariter dirigit".

85. *O Catolicismo* 10 (out. 1951), 6. Para o original do texto traduzido, "Mediator Dei", *op. cit.*, 583-584: "Quo facilius errores traiectionesque veritatis [...] Mariale excellit Rosarium".

86. *O Catolicismo* 20 (ag. 1952), 5. Para o original do texto traduzido, "Mediator Dei", *op. cit.*, 553-554: "Quod tamen christifideles [...] nullo modo iure sacerdotali frui posse".

87. *O Catolicismo* 21 (set. 1952), 6. Para o original do texto traduzido, "Mediator Dei", *op. cit.*, 584-585: "Multiplicibus hisce pietatis formis [...] ut vitalis arboris sucus suaves queat solummodo optimosque alere fructus".

88. *O Catolicismo* 22 (out. 1952), 2. Trata-se de um texto traduzido da Carta Apostólica "Officiorum omnium" de Pio XII, 1-8-1922 (cf. *AAS* 14 (1922), 449-458, *in specie* 452-454).

89. *O Catolicismo* 30 (junho 1953), 5. Para o original do texto traduzido, "Mediator Dei", *op. cit.*, 586-587: "Aliaque praeterea pietatis exercitia [...] sanaeque pietati obstet".

90. *O Catolicismo* 4 (abril 1951), 2. Tratando-se de um texto de uma página só, não lhe daremos mais indicações em nota de rodapé.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"A Santa Sé entende, pois, por 'Liturgismo', os abusos que alguns introduziram sob pretexto de uma liturgia mais pura".[91]

Quais são os abusos? *O Catolicismo* os enumera citando um texto da referida carta da Sagrada Congregação dos Seminários,[92] afirmando que "como diz a carta, são apenas exemplos". Na realidade, a carta não afirma que "são apenas exemplos". Ela só diz: "assim, falava-se...", etc. Mas o que o jornal quer é ir adiante, por própria conta, com os exemplos. E, para tanto, chega a querer forçar a carta a dizer o que ela não disse.

E realmente vai adiante. Buscando especificar mais o que é "Liturgismo", afirma:

"A Encíclica '*Mediator Dei*' para a qual apela a Congregação dos Seminários, filia o 'liturgismo' ao Jansenismo, condenado por Pio XII ao proscrever o Sínodo de Pistoia".[93]

E conclui:

"Poderíamos, portanto, dizer que o 'Liturgismo' vem a ser até certo ponto o Jansenismo em seu aspecto litúrgico. As aberrações litúrgicas dos Jansenistas prendiam-se por sua vez aos princípios de seu sistema religioso tributário do Protestantismo".

Cita então uma série de exemplos de "aberrações litúrgicas" dos Jansenistas: leitura obrigatória da S. Escritura; reprovação ao culto do Sagrado Coração de Jesus; negação da Maternidade de Nossa Senhora; anulação das Missas sem comunhão dos fiéis; validade da Missa só quando os fiéis acompanham as orações do Celebrante, com o Missal na mão; condenação das "missas simultâneas" na mesma igreja; os fiéis "concelebram" a Missa; vida litúrgica obrigatoriamente ligada à paróquia.[94] E conclui de novo:

"Lamenta a Carta da Sagrada Congregação dos Seminários que 'depois da Encíclica êsses êrros não parece tenham desaparecido inteiramente, muito embora tenham sido aberta e explicitamente atingidos por aquele documento'".[95]

Ora, trata-se de uma conclusão própria d'*O Catolicismo*, pois a referida carta não cita nem faz referência a nenhuma destas "aberrações litúrgicas" dos Jansenistas elencadas pelo jornal como ainda existentes no Brasil! Mais uma vez o jornal avança as fronteiras na interpretação da carta!

Enfim, chama a atenção para não se confundir "Liturgismo" com "apostolado litúrgico".[96] Chama a atenção, porém, que acontece que nem sempre

91. Para o texto que o jornal cita, cf. "Epistula..." *op. cit.*, 839: "Em sua Encíclica *Mediator Dei* [...] de uma liturgia mais pura".

92. Cf. "Epistula...", *op. cit.*, 839-840: "Assim falava-se contra [...] os exames de consciência". Cf. supra, p. 315-316, onde citamos o texto completo.

93. Comprova-o citando em português um texto da "Mediator Dei". Para o original do texto citado, cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 546: "Haec enim cogitandi agendique oratio [...] iure meritoque reprobavit".

94. A respeito desta última "aberração" que, como diz o jornal, "impropriamente" chamam de espírito litúrgico", comenta: "No mesmo sentido a Constituição Apostólica 'Bis Saeculari Die', de 27 de setembro de 1948, condena a recente atitude de elementos exagerados da Ação Católica, que, em certos lugares, pretendiam reduzir toda a atividade do fiel ao círculo da paróquia (cf. AAS 40, p. 398)".

95. Cf. "Epistula...", *op. cit.*, 840.

96. Textualmente: "Não se deve, de fato, confundir 'Liturgismo' e 'apostolado litúrgico'. São coisas muito diferentes. O 'Liturgismo' é condenável, e de fato a Igreja já o proscreveu, como heretizante, pois revigora o Jansenismo. O 'apostolado litúrgico' é, ao contrário, não só louvável, mas deve até ser incrementado. O 'apostolado litúrgico' legítimo, aquele que teve em Dom Guéranger seu grande propulsor, e que torna 'as augustas cerimônias do sacrifício do Altar mais conhecidas, compreendidas e estimadas; a participação aos sacramentos maior e mais frequente; as orações litúrgicas mais suavemente saboreadas e o culto eucarístico tido — como verdadeiramente o é — por certo é fonte da verdadeira piedade cristã' (MD, AAS 39, 523)".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

o "apostolado litúrgico" se mantém no espírito da Igreja, caindo-se no "Liturgismo". Dá exemplos do "pretenso apostolado litúrgico": "exclusivismo no uso do Missal"; "condenação do canto popular e polifônico"; obrigatoriedade da Comunhão *na Missa;* "obrigação da Missa dialogada"; e redução de todo o apostolado catequético ao apostolado litúrgico. Sobre a questão da "obrigação da Missa dialogada", faz este interessante comentário:

> "Neste sentido vai longe, até confundir o sacerdócio dos leigos com o Padre, um livrinho, 'Sigamos a Missa', que por aí corre como meio de difundir o apostolado litúrgico. Pois faz o fiel declarar que vai com o Padre 'fazer o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo'. Ora, só o Padre tem êste poder".[97]

Concluindo, podemos dizer com Dom Isnard: "*O Catolicismo* repete *O Legionário*".[98] Segue a linha do antigo *O Legionário.* Isto é, prossegue na leitura dos documentos pontifícios sob o ponto de vista "condenador", para combater o "Liturgismo" (ou "liturgicismo"). É o combate de maneira quase obsessiva, de tal maneira que chega a distorcer a carta da Sagrada Congregação dos Seminários aos Bispos do Brasil, extraindo dela coisas que ela não disse, para tirar conclusões sem dúvida precipitadas sobre a presença de "aberrações litúrgicas" do Jansenismo no meio católico brasileiro.

Como ponto positivo, ressaltaríamos a persistência com que este grupo continua a sua luta pela preservação da ortodoxia católica.

Vejamos, em seguida, como o líder religioso deste grupo, Dom Castro Mayer, encara o Movimento Litúrgico em uma Carta Pastoral sua de 1953.[99]

V. Uma Pastoral de D. Antônio de Castro Mayer, com um "Catecismo de verdades oportunas que se opõem a erros contemporâneos"

Para se perceber melhor ainda a linha e a orientação do grupo de *O Catolicismo,* torna-se realmente interessante a leitura de uma significativa Carta Pastoral de seu líder religioso, o Bispo de Campos, Dom Antônio de Castro Mayer.[99]

Além disso, trata-se de um exemplo de posição cerrada (de direita conservadora) dentro do próprio Episcopado brasileiro, contra os erros "liturgicistas" e "protestantes".[100] O próprio título da Pastoral já indica o seu espírito cerrado, apologético-combativo: *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno contendo um Catecismo de verdades oportunas que se opõem a erros cotemporâneos.*[101]

97. Trata-se do livrinho de Frei Henrique G. Trindade, sobre o qual já tivemos ocasião de comentar (cf. supra, p. 65-66).

98. ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.,* 223. Aliás, Dom Isnard chega mesmo a identificar *O Catolicismo* como sendo também um "inimigo figadal do movimento litúrgico" *(loc. cit.).*

99. O documento é de 6-1-1953. Para referência bibliográfica, cf. supra, p. 293, nota 96. É opinião comum hoje no Brasil de que Dom Castro Mayer é o Bispo mais tradicionalista do país.

100. No índice analítico da obra, sob o verbete "liturgicismo", exatamente, vem o subverbete "renovação dos erros protestantes, jansenistas", com indicação para as páginas "27 a 39" (exatamente as páginas de todo o capítulo sobre a Liturgia!) (cf. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno..., op. cit.* 136).

101. A Pastoral é longamente exaltada pelo *O Catolicismo* como um valoroso documento de combate à infiltração do liberalismo e do jansenismo no Brasil (cf. "Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno", *O Catolicismo* 31 (julho 1953), 1-2). O artigo aproveita para citar ainda outros significativos documentos que, como diz, são testemunhos de "efervescência" do liberalismo e do jansenismo no Brasil: a famosa "Instrução" do Mons. Rosalvo Costa Rêgo sobre "Vida litúrgica e práticas extralitúrgicas", de 17-10-1942 (cf. supra, p. 149-150), a Circular Coletiva do Episcopado

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Neste documento, no capítulo que trata da Liturgia, em 13 proposições — seguindo uma explanação após cada uma —, Dom Castro Mayer opõe (em paralelo) 13 verdades "oportunas" a 13 erros "liturgicistas".[102] Por exemplo, a primeira proposição, tratando da questão da "concelebração" do fiel na Missa:

Errado	*Certo*
"O fiel quando assiste à Santa Missa, e pronuncia com o celebrante as palavras da consagração, coopera para a transubstanciação e o sacrifício".	"O fiel é incapaz de concelebrar com o Sacerdote, cooperando para a transubstanciação, porque lhe falta o Sacramento da Ordem que comunica tal capacidade".[103]

Na segunda proposição aborda ainda o mesmo problema. Errado: "O fiel concelebra com o Padre o Santo Sacrifício da Missa". Certo: "O fiel participa do Sacrifício da Missa".[104]

Na terceira proposição trata-se da questão do uso do Missal pelos fiéis. Errado: O fiel, com o Missal, participa, sem o Missal apenas assiste à Missa. A este erro Dom Castro Mayer opõe a verdade "oportuna":

> "A participação do fiel no Santo Sacrifício da Missa consiste na união com as intenções do Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, e do Sacerdote celebrante. Qualquer método — Missal, Terço, Meditação, etc. — será perfeito se fôr eficaz para produzir esta união".[105]

Na quarta proposição segue tratando ainda da questão do Missal, colocando como proposição errada esta afirmação: Na Missa devem-se excluir as orações privadas (Terço, Meditação, etc.). A assistência à missa só deve ser feita "seguindo as palavras do Missal", e "só a Missa dialogada e 'versus populum' é coerente com a posição do fiel no Santo Sacrifício". Como proposição certa, oposta a este erro, a Pastoral diz que o fiel tem toda a liberdade de escolher os métodos aprovados pela Igreja e que melhor con-

Paulista sobre a questão litúrgica, de 27-11-1941 (cf. supra, p. 142-144), o livro *Em defesa da Ação Católica*, de P. Corrêa de Oliveira (sobre este assim fala: "Esta efervescência se manifestou também por polêmicas em vários órgãos da imprensa católica. Muito característico de tal situação foi que em 1943 o então Presidente da Junta Arquidiocesana de Ação Católica de São Paulo, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, tivesse publicado todo um livro sobre numerosos pontos controvertidos em matéria de A.C., livro este que deu ocasião aos pronunciamentos mais díspares, sendo de um lado elogiado pelo Emm. Revmo. Sr. Cardial Aloisi-Masella, na ocasião Núncio Apostólico, e aprovado por numerosos Srs. Arcebispos e Bispos, e de outro lado vigorosamente atacado por numerosos elementos católicos de realce. E ainda mesmo depois da carta de louvor que, em nome de Sua Santidade, o Exmo. Revmo. Mons. J. Montini, então Substituto da Secretaria de Estado, escrevendo ao autor, a discussão a propósito do livro não cessou inteiramente" — "Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno", *art. cit.*, 1), e a "admirável" Carta da Sagrada Congregação dos Seminários aos Bispos do Brasil. Cita ainda outros documentos, como a conferência do Mons. Castro Mayer em Piracicaba, a 9-12-1948 (cf. supra, p. 327, nota 75), uma Circular do Bispo de Campos antes de Dom Castro Mayer, Dom Otaviano P. de Albuquerque, na qual, entre outras coisas, recomenda a leitura do livro de P. Corrêa de Oliveira; e um discurso de Dom Geraldo Sigaud numa concentração mariana em Porto Alegre em 1948 (a estes últimos não nos foi possível acesso).

102. Na verdade, o documento é atraente pela sua clareza de exposição.

103. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno*..., *op. cit.*, 21. Na explanação, afirma: "A proposição impugnada renova a heresia dos protestantes, condenada no Concílio de Trento (ses. 23, cap. 4), e novamente proscrita na 'Mediator Dei' de S. Santidade Pio XII (A.A.S. 39, p. 556)" *(loc. cit.)*.

104. *Loc. cit.* Comprova-o com uma longa explanação (*ibid.*, 27-28), fazendo referência a Pio XII, "Mediator Dei", *op. cit.*, 555-556. Notamos aqui uma indireta acusação ao seu colega de Episcopado, Dom Frei Henrique G. Trindade, que usa explicitamente a palavra "concelebrar" em referência aos fiéis, na Pastoral de 3-5-1950 (cf. ...*Pró Santificação do dia do Senhor*..., *op. cit.*, 11; cf. supra, p. 297, onde citamos o texto).

105. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno*... *op. cit.*, 29. Na explanação, afirma: "A sentença impugnada renova o espírito jansenista contido nesta proposição de Quesnel, condenado por Clemente XI na Bula 'Unigenitus' de 8 de setembro de 1713: 'Tirar ao povo simples esta consolação de unir sua voz à voz de toda a Igreja, é costume contrário à prática apostólica e à intenção divina' (prop. n. 86, D. 1436)" *(loc. cit.)*. E segue, a respeito da sentença impugnada: "Em si mesma, é ela uma conseqüência da doutrina errônea de que o fiel concelebra com o Padre a Santa Missa" *(loc. cit.)*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

tribuem para a sua participação no Sacrifício. Porque aprovados pela Igreja, "são inteiramente coerentes com a posição do fiel no Sacrifício. Qualquer exclusivismo, neste ponto, é reprovável".[106]

Na quinta proposição trata da questão do "altar em forma de mesa":

Errado	*Certo*
"O altar deve ser em forma de mesa que lembre a Ceia Eucarística".	"'Está fora do caminho quem quer restituir ao altar a antiga forma de mesa' ('*Mediator Dei*', A.A.S. 39, p. 545)".[107]

Vê-se como a "Mediator Dei" vai sendo encarada antes como um código de normas de organização do culto e de defesa da ortodoxia, do que propriamente como um corpo teológico-pastoral positivo.

O sexto erro que se impugna refere-se à supressão paulatina da Comunhão *extra Missam* e de todas as outras formas de piedade eucarística, por serem extralitúrgicas.[108] Dom Castro Mayer, na proposição certa oposta a este erro, responde:

> "Todas as formas de culto ao SS. Sacramento constituem preciosas formas de piedade e como tais devem ser encorajadas. Embora se deva aconselhar a Comunhão intra-Missam, a recepção da SS. Eucaristia fora da Missa é um meio de participar regularmente do Sacrifício Eucarístico".[109]

O sétimo erro impugnado reza que "a celebração simultânea de várias Missas rompe a unidade do Sacrifício social". A resposta é um categórico "não".[110]

Aqui certamente Dom Castro Mayer exagera (extrapola) a possível expressão *"não explicita o sentido social do Sacrifício"* para *"rompe a unidade do Sacrifício social"*.

O oitavo erro impugnado reza que "nos altares não deve haver imagens, além do Crucifixo". A resposta igualmente é um "não": não há nenhum inconveniente, desde que as imagens "não ocupem o lugar reservado àquele" (o Crucifixo).[111]

106. *Ibid.*, 30. Na explanação (cf. *ibid.*, 30-31), afirma que a "proposição impugnada" se liga ao "falso princípio do sacerdócio formal dos fiéis, que acima apontamos". Comprova-o como "falso", à base da "Mediator Dei", *op. cit.*, 539. Chama o "erro impugnado" de "novidade protestante, que os jansenistas se esforçaram por manter no seio da Igreja, levados pelo mesmo espírito de reformá-la visceralmente, tornando-a de sociedade monárquica e aristocrática em sociedade democrática" (*Pastoral sobre problemas do apostolado moderno...*, *op. cit.*, 31). Comprova-o citando a condenação feita pela Bula "Auctorem fidei" de Pio VI, de 28-8-1794, aos princípios do Concílio de Pistóia de que o poder dos pastores é dado pela comunidade dos fiéis (*loc. cit.*; cf. Denzinger [38] 2602).

107. *Pastoral sobre problemas do apostolado moderno...*, *op. cit.*, 31.

108. *Ibid.*, 31-32: "A Comunhão extra-Missam, as visitas ao SS. Sacramento, o culto prestado às Sagradas Espécies, a adoração perpétua, a bênção do Santíssimo, constituem formas extra-litúrgicas de piedade e como tais devem ser paulatinamente supressas".

109. *Loc. cit.* Baseia-se em "Mediator Dei", *op. cit.*, 566. Na explanação, lembra a condenação feita pela "Mediator Dei" (*ibid.* 565-566) ao princípio de "ser supérflua toda forma de piedade privada". Além disso, lembra as proposições condenadas pelo Concílio de Trento, nos cânones 5, 6 e 7 da sessão XIII (cf. Denzinger [38] 1655-1657).

110. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno... op. cit.*, 32: "A simultaneidade de várias Missas não rompe a unidade do Sacrifício social da Igreja". Na explanação (*ibid.*, 32-33), cita um texto da "Mediator Dei" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 556: "nec desunt qui asseverent sacerdotes non posse eodem tempore pluribus in aris divina libare hostia, quod hac agendi ratione communitatem dissocient, eiusque unitatem in discrimen adducant"), citando também um texto da Const. "Auctorem fidei" de Pio VI, na qual se condena a exigência jansenista do Concílio de Pistóia de haver um altar só em cada igreja (cf. Denzinger [38] 2631).

111. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno... op. cit.*, 33. Na explanação (*loc. cit.*), fazendo referência à "Mediator Dei", *op. cit.*, 582 e 546, lembra que a Encíclica "recomenda a exposição das imagens dos Santos nos templos, para edificação dos fiéis, e reprova aqueles que desejariam retirar tais imagens".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A nona proposição é interessante. Trata-se do Ofício Divino participado pelo fiel. Eis o texto:

Errado	*Certo*
"O fiel, quando reza o ofício divino, faz oração litúrgica".	"A oração litúrgica, que é feita em nome da Igreja, com os termos e ritos por ela propostos, só pode ser feita pelos clérigos, e os religiosos de tal incumbidos. A oração do simples fiel é sempre oração privada, seja litúrgico ou extra-litúrgico o seu texto". [112]

Não entramos em discussões doutrinárias sobre o assunto. Apenas constatamos até que ponto vai a preocupação minuciosa de Dom Castro Mayer na defesa da ortodoxia!

O décimo erro apontado diz que "para a vida espiritual do fiel e sua união com Jesus Cristo basta que participe dos atos litúrgicos, recitando os textos oficiais". Como resposta oposta a esta proposição errada, o Prelado coloca esta afirmação:

> "A vida espiritual do fiel compõe-se necessariamente não só da participação à Santa Missa e Sacramentos, como ainda aos atos de piedade privada, sem os quais a salvação é impossível". [113]

A afirmação é sem dúvida arrojada: sem os atos de piedade privada "a salvação é impossível". [114] E cremos não ser provada suficientemente. Não prova porque tanto no texto que cita da "Mediator Dei" quanto no can. 125 § 2º do CIC a que se refere, não se trata de colocar em jogo a salvação do fiel, mas chamar a atenção para a importância da piedade privada na vida do fiel. O resto é conclusão do autor da Pastoral.

O décimo primeiro erro apontado pela Pastoral trata daquilo que uma vez se denominou "conceito mágico da Liturgia", onde, "vacinado" pela Liturgia, sob pretexto de apostolado litúrgico, o fiel poderia freqüentar sem medo ambientes "levianos". [115] Responde Dom Castro Mayer que nenhuma espiritualidade imuniza o homem do perigo de queda nas "ocasiões próximas e voluntárias de pecado". Além disso, "o apostolado exercido com risco próximo da salvação é temerário e não pode contar com as bênçãos de Deus. [116]

112. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno...*, *op. cit.*, 33. Na explanação (*ibid.*, 34), comprova-o citando simplesmente um texto da "Mediator Dei" (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 573: "Est igitur 'Divinum Officium', quod vocamus, Mystici Iesu Christi Corporis precatio, quae christianorum omnium nomine eorumque in beneficium adhibetur Deo, cum a sacerdotibus aliisque Ecclesiae ministris et a religiosis sodalibus fiat, in hanc rem ipsius Ecclesiae instituto delegatis").

113. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno...*, *op. cit.*, 34. Na explanação (*loc. cit.*), busca-se comprovar com um texto de Pio XII (cf. "Mediator Dei", *op. cit.*, 533: "Quibus ex acutis argumentis nonnulli concludunt [...] quae supra proponuntur, principia, fallaces omnino esse, insidiosas ac perniciosissimas nemo est qui non videat"), fazendo referência também ao can. 125 § 2º do CIC.

114. Aliás, é uma afirmação que já vinha feita pelo *O Catolicismo*, dois anos antes, publicando um outro texto da "Mediator Dei" (cf. "A piedade extraliturgica é indispensavel para a salvação", *art. cit.*; *cf. supra*, p. 328, nota 87).

115. Textualmente: "Constitue moralismo retrógrado proibir aos fiéis a freqüentação de bailes, dancings, piscinas. Alimentados pela piedade litúrgica, podem eles freqüentar estes ambientes sem temor, e aí praticar o apostolado de infiltração irradiando o Cristo com sua presença" (*Carta sobre problemas do apostolado moderno..., op. cit.* 35; o tema fôra abordado 10 anos antes no discutido livro de P. Corrêa de Oliveira, livro que, como sabemos, constituía um constante "cavalo de batalha" do seu grupo: cf. CORREA DE OLIVEIRA, P., *Em defesa da Ação Católica*, *op. cit.* 12-13, 93ss.).

116. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno...*, *op. cit.*, 35. Na explanação (*ibid.*), argumenta com um texto de Inocêncio XI impugnando o quietismo de Miguel de Molinos (cf. Denzinger [36] 2210).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A décima segunda proposição também é característica, e fazemos questão de destacar:

Errado	*Certo*
"O estado matrimonial deve ser exaltado sobre o estado de castidade perfeita, porque é santificado por um Sacramento".	"O grau de perfeição de um estado de vida se mede pela maior união com Deus, que normalmente se obtém pela graça santificante e a caridade. Para isso deve supor maior abnegação de quem o abraça e deve fornecer-lhe maiores meios de santificação. Assim, o estado de perfeição por excelência é o estado religioso e o estado de castidade perfeita é mais elevado do que o matrimônio".[117]

Na explanação, após argumentar com uma série de documentos sobre o valor da virgindade,[118] Dom Castro Mayer afirma que "a propaganda protestante contra o celibato é uma das armas com que os hereges saciam seu ódio a tudo quanto é da Igreja e de Deus".[119]

Enfim, o último ponto refere-se à unidade paroquial em torno da Eucaristia, propondo-se como princípio errado o fato de os fiéis serem obrigados a participar da Missa na sua paróquia, e não em outra.[120] Dom Castro Mayer responde que "a Paróquia é a célula da Diocese", e por isso mesmo os fiéis têm o direito de participar da Missa também em outras igrejas, sendo naturalmente aconselhável que "mantenham contacto vivo com o Vigário e estejam sob sua direção".[121]

Algumas observações conclusivas a esta Pastoral:

Estamos em pleno 1953. Dom Castro Mayer retoma o problema do "liturgicismo", sobre o qual tanto se discutiu e tanto se escreveu desde os longínquos anos de 1942/43. Retoma-o, no capítulo sobre a Liturgia desta Pastoral em forma de Catecismo bem claro, mostrando o que é errado e o que não é, o que é "liturgicista" (jansenista, protestante) e o que é católico, opondo às "heresias" "verdades oportunas". Pode-se dizer: sintetiza, codifica, toda a problemática "liturgicista" contra a qual os tradicionalistas sempre vinham lutando.

Segundo a Pastoral, os erros elencados continuavam a existir ainda em 1953 no Brasil. Isto é, caso contrário não teria havido razão para elencá-los e opor a eles verdades que Dom Castro Mayer chama "oportunas".

Sua finalidade, portanto, entre outras, é combater e erradicar sobretudo o espírito "jansenista" e "protestante" do Concílio de Pistóia infiltrado e ainda existente na Igreja do Brasil.

117. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno...*, *op. cit.*, 35-36.
118. Cf. *ibid.*, 36-37. Documentos aludidos: 1Cor 7; Santo Tomás, *Summa Theologica*, II IIae, q. 152, a. 4 e II IIae, q. 40, a 2, ad 4um; o NB. após o nº 74 do *Sylabus* de Pio IX (cf. Denzinger [36] 2974); uma Alocução de Pio XII às Religiosas cf. *AAS* 44 (1952), 823-826, *inpecie* 824); e outra Alocução de Pio XII a um grupo de moças do movimento "Oasis" (cf. *L'Osservatore Romano* 24-25-11-1952, 1).
119. *Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno...*, *op. cit.*, 37.
120. Textualmente: "Sendo a Paróquia uma comunidade, a manutenção da vida comunitária exige que todos os paroquianos participem juntos do mesmo Sacrifício, recebam as graças do mesmo Pai espiritual, e unam suas orações no mesmo templo. O fato de freqüentarem os fiéis outras paróquias, ou igrejas não paroquiais, rompe a unidade da vida comunitária" *(loc. cit.)*.
121. Cf. *ibid.*, 37-39. Como já vimos, *O Catolicismo*, dois anos antes, identifica a vida litúrgica obrigatoriamente ligada à paróquia como uma das "aberrações litúrgicas" dos jansenistas (cf. *O Catolicismo* 4 (abril 1951), 2; cf. supra, p. 329, e nota 94).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Até que ponto vai a gravidade de tais erros e onde exatamente eles se deram, é difícil comprová-lo. É difícil comprová-lo por esta Pastoral, porque, em primeiro lugar, ela fala de maneira geral e vaga, isto é, mais preocupada com a ortodoxia do que em apontar *onde* se davam os erros; em segundo lugar, usa argumentações nem sempre convincentes, citando textos sem contexto e, pior ainda, forçando os textos dizerem o que eles não disseram, deixando assim a nítida impressão de que sua tendência foi mesmo exagerar nas proposições.

Chama a atenção também como a "Mediator Dei" é encarada preferentemente como uma espécie de *Sylabus* combatendo idéias jansenistas e protestantes. Desconhecem-se os positivos incentivos litúrgico-pastorais da Encíclica. Esta é vista apenas sob o ângulo "condenador". E, conseqüentemente, o Movimento Litúrgico no Brasil vem encarado apenas como um foco de "heresias".

Estranhamente, o documento não fez nenhum aceno à carta da Sagrada Congregação dos Seminários aos Bispos do Brasil. Desconhecemos por ora a razão. Seria mero esquecimento?

Outro ponto que chama a atenção é a clareza didática com que a Pastoral expõe as idéias. Trata-se de uma exposição sem dúvida atraente.

Enfim, descontando a tendência da Pastoral em exagerar os temas tratados, o ponto positivo que poderíamos tirar dela é o de chamar a atenção para o perigo — o perigo sempre pode existir! — do exclusivismo em assuntos litúrgicos.

Conclusão

Como primeira observação conclusiva deste capítulo, diríamos que as controvérsias mais pesadas, neste período pós "Mediator Dei", se deram sobretudo nos primeiros anos depois da publicação da Encíclica, até fins de 1953. Depois, aos poucos as polêmicas vão diminuindo. Pelo menos é o que aparece mais pelos documentos publicados.[122]

A razão está na própria ótica com que imediatamente se fez a leitura da Encíclica. Como já tivemos ocasião de observar, não houve unanimidade na maneira de encarar este documento de Pio XII.[123] Se de um lado a

122. Observe que a 14-10-1952 foi fundada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que começa a oferecer sempre maior coesão dentro do próprio Episcopado, descobrindo-se sempre mais a necessidade de reformas urgentes (sobre a CNBB como instituição jurídica, sua história e fundamentos teológico-pastorais, cf. QUEIROGA, G. V. de, *CNBB. Comunhão e corresponsabilidade*, Edições Paulinas, São Paulo 1977 = tese de láurea defendida na Faculdade de Direito Canônico da Universidade Gregoriana de Roma). Além disso, observe-se que em setembro de 1956 aconteceu o Congresso Litúrgico de Assis, que certamente veio despertar ainda mais nos Bispos a necessidade de reformas também litúrgicas. Prova disto é a IV Assembléia Geral da CNBB realizada em julho de 1958 (cf. supra, p. 303-308).

123. Cf. supra, p. 207-243, sobretudo as conclusões que aí tiramos. No próprio II Congresso Brasileiro de Teologia, reunido em dezembro/janeiro de 1950/1951 para estudar a "Mediator Dei", houve "entrechoques de pensamentos", como diz um dos organizadores do Congresso, B. Kloppenburg, O.F.M.: "...reuniram-se nessa semana de estudos membros do clero secular e de todas as principais Ordens e Congregações Religiosas, representando não apenas escolas teológicas, mas ainda diferentes orientações que se vinham formando em torno do assim chamado movimento litúrgico. Era natural que nem todos tangessem na mesma corda: embateram-se as várias tendências, houve discussões, as escolas se manifestaram, nem todos saíram concordando com tudo — como se poderá ver mesmo na redação das teses opostas que aqui publicamos" (KLOPPENBURG, B., O.F.M., "Atas do II Congresso Brasileiro de Teologia", *REB* 11 (1951), 1; para as teses apresentadas, cf. *ibid.*, 12-223; cf. também supra, p. 234-241).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Mediator Dei" foi vista sob um ponto de vista meramente jurídico-organizativo do culto e, de outro lado, vista como um corpo realmente rico de ensinamentos e incentivos teológico-litúrgico-pastorais, numa terceira ala foi encarada sob um ângulo meramente "condenador" de abusos e heresias litúrgicas.

Assim, sobretudo os "integristas" ligados ao antigo *O Legionário*, aproveitando-se das "condenações" feitas por Pio XII, encontraram apoio na própria Encíclica para esbravejar agora "com autoridade" contra seus inimigos "liturgicistas" e, ao mesmo tempo, justificar sua própria batalha anti-"herética".

Trata-se de todo um grupo muito influente desta linha. Um grupo que tudo procurava fazer para realmente levar à morte, ou, pelo menos, neutralizar os esforços do Movimento Litúrgico no Brasil, o que se deduz do próprio fato de este grupo não mostrar nenhuma preocupação em acentuar — pelo menos acenar — os valores positivos deste Movimento (Congressos, Semanas Litúrgicas, publicações, etc.).

Não que não tivesse havido exageros e imprudências. Mas, identificar simplesmente o Movimento Litúrgico que se desenvolvia no Brasil com o Jansenismo, parece também ser muito exagerado!

Tratava-se de um grupo muito influente, dizíamos, e seu intento era "sanar" pela raiz a doença do "Liturgismo", isto é, "moralizando" o próprio clero. Tão influentes eram seus membros, tão fortemente soaram a trombeta de alarme, que a própria Santa Sé resolveu intervir através da Sagrada Congregação dos Seminários, com uma carta dirigida a todos os Bispos do Brasil, advertido-os para a vigilância na formação dos seminaristas quanto ao "gosto exagerado e pouco prudente por toda e qualquer novidade".[124]

Na realidade, havia problemas. Trouxemos como exemplo o Seminário de Belo Horizonte, onde dois "partidos" se digladiavam: os "liturgistas" adeptos do Movimento Litúrgico que criticavam os usos tradicionais (devoções, ascese, etc.), em favor de uma "Liturgia mais pura", e os tradicionalistas ("marianistas") que anatematizavam aqueles, defendendo os valores tradicionais de espiritualidade. Dom Cabral propõe uma solução pacífica, procurando ressaltar os valores defendidos por *ambos* os "partidos" como válidos e necessários para todos.

Vem a carta da Sagrada Congregação que, justamente, chama a atenção para, na formação dos futuros padres, não desmerecer a importância dos valores tradicionais prezados pela Igreja nesta formação.

No entanto, metodologicamente a carta não foi muito feliz. Atendo-se exclusivamente aos valores tradicionais de formação e espiritualidade, e censurando o "Liturgismo", seguramente deu a entender que apoiava a ala dos tradicionalistas com uma tradição de luta anti-"liturgicista" de vários anos, e desmerecia — pelo menos ignorava — a causa pela qual lutavam os simpatizantes do Movimento Litúrgico. Prova disso é o imediato pio-

124. Cf. "Epistula...", *op. cit.*, 836ss. Repetimos: Resta um interessante estudo a se fazer para o historiador do futuro, quando lhe for dado acesso aos arquivos do Vaticano: identificar exatamente a proveniência das acusações levadas à Santa Sé.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ramento das divisões internas do Seminário de Belo Horizonte, em vez de melhorar, apesar da proposta equilibrada de Dom Cabral, que então, diante da autoridade do documento da Santa Sé, de certa maneira perdia a sua possível força conciliadora.

Em São Paulo, o Cardeal Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta se debatia com o problema de intrigas entre as Congregações Marianas e a Ação Católica. Isto é, esta vinha sendo acusada de ser mal orientada e de assumir o espírito "modernista" (Movimento Litúrgico!) em seu seio. Dom Motta — estamos falando de sua Carta Pastoral de 7-9-1950 —, julga injustas tais acusações e, defendendo a Ação Católica, toma indiretamente posição em favor do Movimento Litúrgico.

Em Campos, para onde se transferira o Quartel-General dos "integristas" a partir de 1949, com a nomeação de Dom Castro Mayer para aquela Diocese, o jornal *O Catolicismo*, daquela Diocese, continuava as investidas deste grupo contra o Movimento Litúrgico. A maneira unilateral e extrapoladora com que lê os documentos pontifícios para anatematizar o "jansenismo sob o aspecto litúrgico" presente no Brasil é uma prova típica de que este jornal visava realmente combater o Movimento Litúrgico como se apresentava neste país.

Enfim, os principais erros "liturgicistas" ("jansenistas" e "protestantes") do Movimento Litúrgico no Brasil, contra os quais este grupo vinha combatendo há anos, aparecem codificados numa Carta Pastoral do próprio Dom Castro Mayer, na *Pastoral sobre problemas do apostolado moderno*, de 6-1-1953, na qual, em forma de Catecismo, a cada erro contrapõe "verdades oportunas". Também aí, a maneira unilateral e exagerada de propor as questões e servir-se de documentos pontifícios para combater os erros, deixa entrever que quem estava sendo combatido era o próprio Movimento Litúrgico.

Sintomático é que, diante de todas estas agressões, aparecem bem poucas reações na imprensa da parte dos adeptos do Movimento Litúrgico, comparando com o período anterior à "Mediator Dei". É que, apoiados nos incentivos teológico-litúrgico-pastorais da Encíclica, estavam convencidos que também eles estavam certos.[125]

Repetimos: não duvidamos que tenha havido deslizes por parte de "alguns" do Movimento Litúrgico no Brasil. Mas combater estes "alguns" sem absolutamente tomar em consideração os valores positivos deste Movimento significa sem dúvida também desmerecê-lo!

Contudo, e apesar de tudo, estas polêmicas todas trouxeram também uma contribuição certamente positiva para o Movimento Litúrgico no Brasil, no sentido de obrigar seus adeptos a reverem e aprofundarem sempre de novo suas posições e comportamentos litúrgicos na Igreja.

125. Interessante, neste sentido, esta observação de Dom Cabral no discurso de abertura da Semana de Liturgia em Belo Horizonte, a 3-9-1950: "seríamos acoimados de 'liturgistas' — se promovêssemos a Semana de Liturgia antes da publicação da 'Mediator Dei'. Agora podemos caminhar tranqüilos porque estamos em companhia do Papa" ("Belo Horizonte celebra desde domingo a Semana de Liturgia", *O Diário* 5-9-1950, 3; *cf.* supra, p. 266, nota 144).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Concluindo a parte II

Aparece a "Mediator Dei". O Movimento Litúrgico no Brasil passa para uma nova fase. Assume um novo colorido. Isto é, seu ponto de referência na busca de reforma litúrgica se desloca preferentemente para as diretivas dadas por Pio XII na citada Encíclica. A partir desta, e tendo-a como principal fonte de inspiração, é que se leva avante no Brasil o apostolado de promoção da vida litúrgica.

Perguntávamos pelas primeiras repercussões da Encíclica no Brasil, nos três primeiros anos após sua publicação. Constatamos duas tendências. Uma tende a fazer uma leitura parcial do documento, segundo interesses e mentalidades particulares e segundo situações concretas de lugares. Outra busca uma visão da Encíclica em sua totalidade. Portanto, falando das primeiras repercussões da "Mediator Dei no Brasil, nota-se uma diversidade na maneira de fazer a sua imediata leitura.

De um lado, a reação é de alegria e júbilo, porque Pio XII "condenou" os "abusos". Principalmente os adversários do Movimento Litúrgico ligados ao antigo *O Legionário*, numa leitura extremamente unilateral da "Mediator Dei", rejubilam-se, exultam realmente pelas "condenações" feitas por Pio XII ao chamado "liturgicismo". Não lhes interessa tanto o conteúdo doutrinário e pastoral do documento. Interessam-lhes unicamente as "condenações": estas lhes vinham "garantir" a sensação de que seus ataques contra o Movimento Litúrgico estavam perfeitamente justificados.

Por outro lado, de maneira geral, a "Mediator Dei" é vista como um precioso documento que não apenas vem censurar erros e abusos, mas que traz uma segura diretiva teológica e pastoral para o apostolado litúrgico. A reação é de alegria e gratidão, porque o apostolado litúrgico dispunha então da segura orientação dada por Pio XII. Promovem-se publicações do texto da Encíclica. Publicam-se comentários sobre o documento. Emanam-se declarações e documentos da parte da Hierarquia a partir e sobre o documento.

No entanto, tudo isto não significa que também aqui os pontos de vista na leitura da Encíclica tivessem sido totalmente iguais ou concordes entre si. Também aqui é bem típica a diversidade de acento na abordagem da Encíclica, segundo as diversas mentalidades, correntes de pensar, interesses pessoais e locais. O acento balança ora para o aspecto teológico-espiritual,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ora para o aspecto teológico-dogmático, ora para o puramente pastoral e prático, ora se retém no puramente jurídico e rubricista. Aliás, exemplo típico desta diversidade de acento aparece sobretudo em documentos emanados de Autoridades eclesiásticas sobre e a partir da "Mediator Dei".

É claro, houve também esforço no sentido de conhecer, fazer conhecer e aplicar a Encíclica mais ou menos no seu todo. Ressaltamos neste sentido o trabalho feito para difundir o texto da Encíclica, bem como várias publicações de comentários sobre a mesma, dentre as quais fazemos notar o trabalho do beneditino Dom Bandeira de Mello através das páginas de *A Tribuna* de Recife. Ressaltamos também a realização de Congressos e Semanas de Estudo sobre a "Mediator Dei", dentre os quais sobressai o II Congresso Brasileiro de Teologia.

Falando do desenvolvimento do Movimento Litúrgico no Brasil após a "Mediator Dei", constatamos que diminuíram sensivelmente as publicações litúrgicas (sobre a Liturgia) neste período. A razão está na própria importância da Encíclica, a qual, traçando as diretivas e os limites exatos para o apostolado litúrgico, passou como que a substituir qualquer outro tratado teológico-litúrgico-pastoral. O Papa tinha a palavra. Bastava segui-lo. Conseqüentemente, acalmou-se aquela febre de discussões litúrgicas e buscas de "novidades", característica do período anterior.

Assim, é sob o incentivo desta Carta Magna da Liturgia, é inspirando-se nela que se prosseguem os Cursos e Semanas de Liturgia. Em Belo Horizonte parte-se para uma verdadeira campanha de catequese litúrgica para o povo em geral. No norte e nordeste (Belém do Pará, Pernambuco, etc.), no centro (Belo Horizonte), no sul (São Paulo, Porto Alegre, etc.), em todos estes lugares foram ministrados Cursos e pregadas Semanas Litúrgicas.

Muito característico é que neste período as campanhas litúrgicas se acentuam sempre mais nas paróquias, isto é, para além do círculo da Ação Católica, para o povo em geral. A preocupação mais freqüente vai no sentido de instruir o povo em geral sobre o significado da Missa e ensiná-lo como acompanhar a Missa. Portanto a preocupação é preferentemente prática: fazer o povo entender e acompanhar o que se passa no altar. Isso explica inclusive a quantidade de publicações de cunho sempre mais acessível e popular para serem usadas pelos fiéis — pelas crianças de modo especial — no culto.

No Rio de Janeiro promove-se uma grande campanha em torno da música sacra: fundação da Escola Pio X; fundação da *Revista Gregoriana;* a realização das "Semanas Gregorianas". Embora a tendência parecia mais cultural que litúrgica, contudo não se pode negar a incidência positiva destas promoções sobre a Liturgia.

Numa palavra, falando do Movimento Litúrgico em desenvolvimento no Brasil após a "Mediator Dei", constatamos uma certa tendência para a diminuição do entusiasmo pela teologia litúrgica, em favor de uma pastoral litúrgica muito prática no sentido de ensinar o povo a assistir a Missa.

Interessante que tal tendência fortemente prático-pastoral se nota sobretudo nos documentos episcopais deste período (Sínodos e Pastorais),

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

onde o que sobressai é a insistência no sentido de *instruir* os fiéis sobre a Missa para melhor assistir ("participar") ao Santo Sacrifício. Os Bispos tomavam realmente consciência do problema da distância entre o povo e o altar. Vários deles se manifestam realmente preocupados com este problema. E para "saná-lo", insistem também sobre alguns "meios" necessários como, por exemplo, Missa explicada por um sacerdote enquanto outro celebra, uso do Missal ou "folhetos litúrgicos" pelos fiéis, devoções extralitúrgicas durante a Missa, etc. São usos que para nós hoje soam sem dúvida muito estranhos. Na verdade, exagera-se a dimensão catequética da Liturgia e do Movimento Litúrgico. Compreende-se pelo zelo pastoral dos Bispos ao assumir as diretivas pontifícias. Além disso, o problema era visto como presente apenas na "ignorância" do povo, e não na própria celebração da Missa desprovida de qualquer comunicação direta com este povo. Compreende-se esta "cegueira" exatamente pela tendência rubricista na aplicação da "Mediator Dei" — sobretudo nos Sínodos — e pela excessiva cautela e prudência jurídica nos incentivos da promoção litúrgica, que transparecem em grande parte dos documentos. Além disso, a própria "Mediator Dei" não abriu muito a mão para uma reforma da própria celebração da Missa. Esta reforma caminhava muito lentamente, chegando só mesmo com o Vaticano II. Outro fator que certamente fez pesar a "prudência" dos Bispos foi a força dos adversários do Movimento Litúrgico que continuamente atacavam as tentativas de reformas como sendo um ninho de heresias.

Contudo, descontando as omissões (por exemplo quase não se fala do Ofício Divino) e as falhas, chama a atenção como vários Bispos se mostram realmente preocupados com o problema da falta de participação dos fiéis à Missa. E realmente a consciência deste fato vai se alastrando sempre mais. Testemunha-o a própria insistência quanto à instrução e quanto aos meios para levar a uma melhor participação, numa suada tentativa de "liturgizar" o povo, desconhecendo no entanto a necessidade de "popularizar" a própria Liturgia.[1] E, graças ao Congresso de Pastoral Litúrgica de Assis (setembro de 1956), esta consciência de que falamos se tornou ainda mais forte. Assim, finalmente, em julho de 1958, na IV Assembléia Geral da CNBB, dentro do limite "essencialmente prático e pastoral", todo o Episcopado nacional aceitou, apoiou e recomendou o desafio dos ideais do Movimento Litúrgico como realmente necessários para a renovação urgente das paróquias.

Enfim, não podiam faltar de novo as controvérsias! E aqui chama a atenção em primeiro lugar a instrumentalização da Encíclica "Mediator Dei" feita pelos adversários do Movimento Litúrgico para golpeá-lo e ao mesmo tempo justificar a "nobreza" de seus golpes. Isso se nota nas páginas do antigo *O Legionário*. Isso se observa no jornal *O Catolicismo*, da Diocese de Campos. Isso se percebe na própria Pastoral do Bispo de Campos, Dom Castro Mayer, de 6-1-1953. Certamente tinham razão em chamar a atenção para o perigo dos abusos do exclusivismo litúrgico. Mas o fato de desconhecerem qualquer ponto positivo do Movimento Litúrgico

1. Entendemos aqui "popularizar" a Liturgia no sentido de realmente reformar a própria maneira de celebrá-la, tornando-a mais acessível (por exemplo, Missa *versus populum*, como um primeiro início). E entendemos por "liturgizar" o povo no sentido de forçar o povo por todos os meios a entender e acompanhar a celebração "intocável" da Liturgia.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

no Brasil é muito significativo: o Movimento na verdade não lhes parecia mais do que um ninho de heresias destruidoras do verdadeiro catolicismo brasileiro.

Realmente, os adversários faziam grande alarde. Ameaçavam. Tanto que em São Paulo o Cardeal Motta teve que intervir para defender a paz, a concórdia, a Ação Católica e o próprio Movimento Litúrgico na sua Arquidiocese.

Eram influentes. E o Movimento Litúrgico foi por eles tão negativamente pintado que mereceu uma advertência da própria Santa Sé, na carta que a Sagrada Congregação dos Seminários enviou aos Bispos do Brasil.

Na realidade, havia imprudências. Havia exageros. Havia problemas, sobretudo no Seminário de Belo Horizonte, para os quais Dom Cabral propôs uma solução muito equilibrada, exatamente pela sua imparcialidade: valorizar os elementos tradicionais e valorizar o Movimento Litúrgico. Também a carta da Sagrada Congregação dos Seminários propôs uma solução: acentuar a tradição e acabar com o Liturgismo.

A solução dada pela Santa Sé é válida. Mas falhou metodologicamente. Pelo seu exclusivismo em favor da tradição e contra o Liturgismo, desconhecendo os valores positivos do Movimento Litúrgico no Brasil, deixa a entender ter sido muito parcial. Deixa a entender que apoiava exclusivamente as reivindicações dos adversários do Movimento, deixa a entender que apoiava toda a guerra destes contra o Movimento, deixa a entender que dava toda a razão aos adversários do Movimento. Este foi certamente um dos golpes mais fortes que levou o Movimento Litúrgico no Brasil em toda a sua história.

Contudo, o Movimento não morreu. Suas inúmeras realizações (difusão da "Mediator Dei", publicações, Congressos, Cursos, Conferências, Semanas Litúrgicas, orientações eclesiásticas, etc.), embora com compreensíveis falhas e defeitos, comprovam suficientemente que o Movimento Litúrgico no Brasil, após o advento da "Mediator Dei", não morreu, mas continuou seu lento desenvolvimento, sob a segurança que a Encíclica lhe garantia.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Conclusão

Naturalmente, não queremos repetir aqui tudo o que concluímos depois de cada capítulo e após cada uma das partes deste trabalho. Trata-se de uma conclusão geral. Isto é, ressaltamos os dados gerais que emergem como mais comuns, buscando inclusive aprofundar algumas razões da emergência destes dados.

Realmente, com Dom Martinho Michler O.S.B., auxiliado imediatamente por indispensáveis suportes de grande valor no clero (Dom Beda Keckeisen, Dom Polycarpo Amstalden, Dom Hildebrando Martins, Frei Henrique G. Trindade, Dom Mário Vilas-Bôas, Dom Tomaz Keller) e no laicato (AUC e Ação Católica), desencadeou-se pelo Brasil afora a partir de 1933 um verdadeiro movimento de transformação espiritual pela Liturgia vivida como participação comunitária no Mistério de Cristo, na Igreja como Corpo Místico de Cristo.

Prova deste fato são as inúmeras publicações litúrgicas que se espalharam para os mais diversos recantos do país, dentre as quais sobressai sem dúvida o *Missal* de Dom Beda Keckeisen. Inclusive autores clássicos como Casel, Parsch, Beauduin, Capelle, Vonier, Guardini, foram traduzidos e publicados no Brasil. Sem deixarmos de citar I. Herwegen, A. François, F. Desplanques e outros, que também foram traduzidos e publicados, inclusive com sucesso. Como já dissemos, tudo somado entre artigos e livros, a bibliografia litúrgica neste país tornou-se realmente vultosa.

Além das publicações, outras realizações comprovam a grande expansão do Movimento Litúrgico: Congressos, Semanas Litúrgicas, Semanas da Missa e dos Sacramentos, Retiros, Tríduos Litúrgicos, implantaram e desenvolveram de norte a sul do país o novo espírito que o Movimento espalhava. Minas Gerais — sobretudo em Belo Horizonte — foi sem dúvida o centro onde o Movimento se desenvolveu com maior vivacidade.

Além disso, convém citar a introdução da Missa dialogada. Esta enfrentou dificuldades iniciais. Mas, graças à monografia de Dom Tomaz Keller O.S.B., *Missa Dialogada*, o uso conseguiu vencer os obstáculos (sobretudo o CPB!), conquistando adeptos calorosos mormente nos meios da Ação Católica. Introduziu-se também a Missa recitada e a Missa explicada. Todos usos para levar os fiéis a participar mais ativamente no Santo Sacrifício. Introduziu-se a Missa *versus populum* já em 1934 com Dom Mar-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

tinho Michler. Mas o uso não vingou muito, devido às sérias reticências causadas pela prudência das Autoridades eclesiásticas. Editaram-se Missais e "folhetos", cujo uso foi difundido calorosamente.

Até mesmo na arte sacra e na música sacra procurou-se elaborar uma linguagem artística em função da Liturgia, centrada nela. Constroem-se igrejas cristocêntricas, cujo interno busca convergir para o altar. Difunde-se a imagem do Cristo Glorioso, que aliás provocou tanta polêmica. No campo da música, fundam-se revistas, Escolas, *Scholae Cantorum*, promovem-se Semanas Gregorianas e Cursos de canto gregoriano, etc.

São todas realizações que por alto dão uma idéia do quanto realmente se fez na difusão do Movimento Litúrgico no Brasil. Realmente, muito se realizou, através do apoio e do trabalho paciente, corajoso, e até "ousado", de Bispos,[1] padres[2] e leigos[3] que logo se entusiasmaram, lançaram-se à luta, e granjearam sempre mais adeptos para o Movimento renovador.[4]

São todas realizações que demonstram um enorme trabalho no sentido de aproximar os fiéis da Liturgia, de modo mais consciente, vivo e ativo, seja oferecendo-lhes acurada instrução litúrgico-sacramental, seja oferecendo-lhes meios para uma melhor participação nos Santos Mistérios.

Aqui tocamos num ponto que emerge sem dúvida como uma das principais características do Movimento Litúrgico no Brasil: a contínua e preocupada insistência quanto à *instrução litúrgica dos fiéis*. Realmente, é impressionante como se insiste neste tema com tanta freqüência. Compreende-se pelo baixo nível cultural brasileiro, ao qual, por diversos fatores histórico-culturais, se liga um catolicismo popular profundamente tradicional sustentado pelo devocionalismo em seus mais diversos matizes.[5] Além disso, há que tomar em consideração a enorme distância que havia entre o altar e os fiéis.

1. Lembramos, por exemplo, nomes como Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas (Bispo de Garanhuns, e depois Arcebispo de Belém do Pará), Dom Antônio dos Santos Cabral (Arcebispo de Belo Horizonte), Dom Alexandre Gonçalves do Amaral (Bispo de Uberaba), Dom Hugo Bressane de Araujo (Bispo de Guaxupé), Dom Justino José Sant'Ana (Bispo de Juiz de Fora), Dom Henrique Golland Trindade (Bispo de Bonfim, e depois Bispo de Botucatu), Dom Alberto Gaudêncio Ramos (Arcebispo de Manaus), Dom José de Medeiros Delgado (Bispo de Caicó), e outros. Além disso, convém lembrar dois Arcebispos de São Paulo, que foram sem dúvida grandes defensores do Movimento Litúrgico contra as ameaças "integristas": Dom José Gaspar de Afonseca e Silva e o Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta. Convém lembrar também o nome de Dom Hélder Câmara, relator do tema "Paróquia e Liturgia" na IV Assembléia Geral da CNBB em 1958.

2. Além dos nomes já citados ao lado de Dom Martinho Michler, lembraríamos por exemplo ainda Mons. Hermenegildo França, Dom Clemente Isnard O.S.B., Dom Marcos Barbosa O.S.B. e Dom Paulo Gordan O.S.B. (Rio de Janeiro). De Belo Horizonte lembraríamos por exemplo o Pe. Agnaldo Leal, Pe. Álvaro Negromonte, Pe. Orlando Machado, Pe. Alexandre Gonçalves do Amaral (futuro Bispo de Uberaba), Pe. José Medeiros Leite (futuro Bispo de Oliveira), Mons. Leão Medeiros Leite, Pe. Juvenal Arduini, e outros. Ainda teríamos Frei Boaventura (?) O.P. e Frei Sebastião Tauzin O.P., o Pe. Carlos Ortiz, e tantos outros. Sem nos esquecermos dos beneditinos Dom Pedro Bandeira de Mello (Olinda-Recife) e Dom Paulo Marcondes Pedrosa (São Paulo). De Porto Alegre teríamos o côn. Alberto Frederico Etges (futuro Bispo de Santa Cruz do Sul). Etc. etc.

3. Aqui quem sobressai é a própria Ação Católica liderada pelo grande talento de Alceu Amoroso Lima. Lembramos os jovens do Centro de Liturgia da AUC (p. ex. José Carlos Isnard — futuro Dom Clemente — Haroldo Mattos, Weimar Penna, e outros). Na revista *A Ordem* temos o batalhador Fábio Alves Ribeiro. Em Minas sobressai a Juventude Feminina Católica, da qual não podemos esquecer o nome da líder Maria de Lourdes Ribeiro (hoje Dona Luzia: Abadessa de N. Sra. das Graças em Belo Horizonte). Sem, naturalmente, esquecermos da ala masculina, com Edgar de Godoi da Mata Machado (Belo Horizonte), Henrique Hargreaves (Juiz de Fora), e tantos outros...

4. Convém lembrar também as Editoras que mais contribuíram para o desenvolvimento do mesmo: a "Lumen Christi" (dos Beneditinos do Rio), Vozes (dos Franciscanos de Petrópolis), Editora Beneditina (Mosteiro de S. Bento da Bahia) e Oficinas Gráficas do Ginásio S. Bento (Mosteiro de S. Bento em São Paulo).

Revistas que contribuíram: *Vida* (AUC — Centro Dom Vital), *A Ordem* (Centro Dom Vital), *Vozes*, *REB* e *Música Sacra* (Editora Vozes — Petrópolis). Jornais: *O Diário* (Belo Horizonte), *O Legionário* (após 1948 — São Paulo), *A Tribuna* (Recife). Sem nos esquecermos do *Correio Católico* (Uberaba), *O Lampadário* (Juiz de Fora), e outros, aos quais não nos foi possível acesso direto.

5. Cf. indicações bibliográficas sobre o assunto, supra, p. 26, nota 9.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

No entanto, a razão desta insistência parece-nos dever colocar-se não apenas na "ignorância" popular e na distância entre altar e fiéis, mas também em *quem* estava preocupado com a instrução do povo. E aqui se acrescenta outra característica do Movimento Litúrgico no Brasil: trata-se de um *Movimento de elite*. Trata-se de um Movimento que se implantou, se desenvolveu e teve sua maior força nos meios cultos (intelectuais e universitários), de pessoas "iniciadas" (Ação Católica) [6] que, descobrindo o sentido da Liturgia, e assim percebendo a "ignorância" dos católicos brasileiros, se dispuseram a uma apaixonada luta em favor da instrução litúrgica da massa popular. Daí também a razão por que não se trata de um Movimento elitista (restrito a um grupo fechado em si), mas de elite, isto é, de elite que se dirige às massas para educá-las liturgicamente. Apesar de se ter movimentado e realmente entusiasmado massas populares em movimentos litúrgicos diocesanos e paroquiais, trata-se de um *Movimento de elite*, isto é, de um Movimento que parte não de uma espontânea reivindicação popular de transformação, mas que parte, se desenvolve e procura se aprofundar entre "iniciados" encarregados de "levedar" a massa.[7]

Outra característica que se liga a esta última: o Movimento Litúrgico foi implantado da Europa para o Brasil. Daí também a razão do título deste trabalho: o Movimento Litúrgico *no* Brasil. Não se trata portanto de um Movimento Litúrgico propriamente *brasileiro*, no sentido de ter sua origem no Brasil. Trata-se de um Movimento que vem de novo "de cima" (Europa com seu contexto histórico-cultural típico) "para baixo" (Brasil com outro contexto histórico-cultural próprio). Daí se explicam em parte também os ásperos conflitos surgidos. De um lado, há um grande entusiasmo no Brasil com a Novidade que a experiência histórica européia havia descoberto, e se ataca o devocionalismo brasileiro. De outro lado, apoiando-se estritamente em Roma, defende-se energicamente, violentamente até, uma tradição religiosa tipicamente brasileira, defende-se a própria "identidade" cultural brasileira (catolicismo tradicional devocional) que parecia ameaçada por um corpo estranho, e se ataca o Movimento Litúrgico como "subversivo" da "ordem" estabelecida.[8]

Ainda falando das características, notamos diferenças entre o Movimento Litúrgico no Brasil antes da "Mediator Dei" e depois da "Mediator Dei". Antes da "Mediator Dei", caracteriza-se tanto por uma busca muito viva e quente do sentido teológico da Liturgia, através de apaixonadas discussões, círculos de estudos, etc., quanto por uma viva preocupação pastoral e prática em torno da mesma. Depois da "Mediator Dei" o fervor

6. Cf. AZZI, R., "Elementos para a História do Catolicismo Popular", *REB* 36 (1967), 127. Aliás, o fato se liga ao "dinamismo das conversões das elites e da ação católica nas massas" que tem sua longínqua origem impulsionadora já na Questão Religiosa em 1874 (cf. AMOROSO LIMA, A., "O Brasil Católico", *A Ordem* 57 (fev. março 1957), 87-91; cf. *id.*, *A Igreja e o mundo*, Rio de Janeiro 1943, 24-31).

7. Neste sentido, é muito significativo o que dizia o jornal *O Diário*, em preparação à Semana de Liturgia de Belo Horizonte de 3 a 9 de setembro de 1950: "Não nos esqueçamos... de que semelhantes semanas raramente atingem a massa, tendo antes a finalidade de preparar uma elite, com a missão de levedar todo o ambiente" ("Temário da Semana de Liturgia", *O Diário* 9-8-1950, 3).

8. Sobre essa questão cultural relacionada com o Movimento Litúrgico, veja-se a interessante reflexão de GORDAN, P., O.S.B., "Brasilien und Chile", in BOGLER, Th., O.S.B., *op. cit.*, 118-120. O autor é bastante crítico, chegando mesmo a perguntar: "Am Schluss dieser Bemerkungen drängt sich die Frage auf, ob nicht die Liturgische Bewegung in Latein-Amerika auf einem verlorenen Posten kämpfe? Ja, ob sie nicht wirklich in diesen Ländern der störende, überflüssige Fremdkörper ist, zu dem ihre Gegner sie machen wollen, um so mehr, als das Problem, dessen Lösung sie bringen will, 'gar nicht vorhanden ist'?" (*ibid.*, 119). Pessoalmente, não endossamos a idéia de um verdadeiro *falimento* do Movimento Litúrgico no Brasil, mas preferimos falar de *limites* deste frente aos fortes obstáculos que se lhe opuseram.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

das discussões em torno de princípios teológicos e pastorais diminui sensivelmente, para dar lugar a uma preocupação sobretudo prático-pastoral. É que as questões "abertas" de repente aparecem todas resolvidas e respondidas pelo célebre documento pontifício. Não havia mais necessidade para discussões e pesquisas. Bastava seguir as diretivas da Encíclica e aplicá-las fielmente. E disto se encarregam sobretudo os Bispos, cautelosamente. Daí se fala inclusive que, com o advento da "Mediator Dei", deu-se um esfriamento do entusiasmo da Ação Católica pela Liturgia.[9] Se e até que ponto a Encíclica contribuiu para tal esfriamento, resta ainda ser estudado melhor. É que o fato também coincide com uma nova orientação assumida pela Ação Católica já a partir de 1946 (Ação Católica especializada, e preocupada sempre mais com problemas sociais e políticos.[10] Em todo caso, houve uma progressiva perda de entusiasmo da Ação Católica pelo Movimento Litúrgico a partir de 1946/47/48 no Brasil.[11]

Percebe-se, portanto, que, além das grandes realizações, o Movimento Litúrgico no Brasil teve também seus limites: desenvolvimento maior no âmbito da elite, dificuldade de adaptar os modelos europeus de pensar a Liturgia à cultura local brasileira, diminuição do entusiasmo após a "Mediator Dei". Mas a estes limites, naturalmente, se junta ainda outro: o de exagerar por vezes a dimensão catequética do Movimento Litúrgico e da própria Liturgia. Como já referimos anteriormente, é impressionante o zelo pastoral do Movimento, no sentido de *instruir* o povo para melhor participar da *Vida* da Igreja e inclusive de oferecer-lhe os meios concretos e práticos para esta participação (Missal, folhetos, etc.). Mas não se furtou a excessos e exageros cá e lá. Por exemplo, referindo-se à "ignorância" popular, as palavras às vezes são agressivas, mormente nos inícios, custando ao Movimento ataques mais agressivos ainda.[12] Compreende-se pelo contexto cultural em que o Movimento se implantava e se desenvolvia. A descoberta de uma nova dimensão da Liturgia tinha que provocar nos

9. Cf. Apêndice X.

10. Em outras palavras, como organização nacional de Ação Católica, abandona-se o modelo italiano de Ação Católica, organizada por idades e sexos (p. ex. JMC: Juventude Masculina Católica; JFC: Juventude Feminina Católica; etc.), e se assume o modelo franco-belga, organizado por setores e classes sociais (JUC: Juventude Universitária Católica; JOC: Juventude Operária Católica; JIC: Juventude Independente Católica; etc.), partindo para uma reflexão cristã a partir de um engajamento no meio e de uma consciência social "de classe". Quanto ao ponto de partida cronológico desta mudança, os autores divergem entre si. De uma parte, coloca-se a data de 1946 como ponto de partida, consolidando-se a partir de 1950 (cf. SARTORI, L. M. A., O.F.M., "Sugestão de Bases para uma Estrutura Geral da Ação Católica Brasileira", *REB* 12 (1912), 38-39). Há quem coloque o ano de 1948 como ponto de partida (RICHARD, P., *op. cit.*, 123). De outra parte, marca-se o ano de 1950 como ponto de partida (cf. BRUNEAU, T., *op. cit.*, 180s.). Realmente, aí é que se oficializam os novos Estatutos (cf. SARTORI, L. M. A., *art. cit.* 39-40). Acrescente-se que tal opção assumida pela A.C. Brasileira, se bem que altamente positiva como tomada de consciência muito concreta, terra a terra, das realidades sociais, acarretou-lhe graves conseqüências futuras. Por motivos de ordem teológica, eclesiológica e política, acabou entrando em profunda crise, que explode em 1966: Dá-se a ruptura entre a Hierarquia e a JUC; dissolvem-se as equipes nacionais de Ação Católica (JUC, JEC, JOC, JIC, etc.); faz-se um grande vazio no seio dos movimentos de juventude no âmbito de Igreja" (cf. LIBÂNIO, J. B., S.J., "Reflexões Teológico-Pastorais sobre Movimentos de Juventude", *REB* 33 (1973), 139-145; cf. HOORNAERT, E., "Para uma História da Igreja no Brasil", *art. cit.*, 135).

11. É de se notar que já em maio/junho de 1946, no Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica, apresenta-se uma forte reação contra o Movimento Litúrgico como vinha sendo conduzido até então: o Movimento parecia "imediatista" demais, preocupado demais com coisas "acidentais" e com discussões "estéreis"; precisava de mais fundamentação dogmática e maior inserção na realidade (ação social) (cf. supra, p. 106., onde inclusive vem indicada a bibliografia sobre o assunto). L. M. A. Sartori, O.F.M., um entusiasta do modelo de Ação Católica especializada, comentando a nova orientação tomada pela Ação Católica a partir do citado Congresso, critica em 1952 os "excessos" e "incompreensões ridículas" da fase anterior. Fala de "excessos de liturgicismo, excesso de teorismos exagerados, excessos de discussões inúteis e em pontos os mais acidentais possíveis; excessos no emprego de termos altamente teológicos ou litúrgicos, sem a devida compreensão por parte de quem os usava, e assim por diante..." (SARTORI, L. M. A., O.F.M., *art. cit.*, 35-36). De Belo Horizonte, fala de "lutas e discussões" que levaram "às raias de erros generalizados" (*ibid.*, 38).

12. Veja-e o que diz *O Diário* sobre o assunto: cf. supra, p. 199, nota 217.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

grupos aderentes ao Movimento Litúrgico uma consciência fortemente crítica frente à "ignorância" litúrgica popular. Em outras palavras, com a descoberta da Liturgia, essa "ignorância" tinha que necessariamente "escandalizar" os simpatizantes do Movimento Litúrgico, tinha que provocar reações em que as palavras deixam de ser suficientemente medidas. Outro exemplo de exagero na dimensão catequética do Movimento Litúrgico vemo-lo na própria insistência quanto ao uso dos meios para a participação dos fiéis na Liturgia (Missal, folhetos, dialogação da Missa, Missas explicadas, etc.).[13] Isto se torna evidente em decisões de várias Autoridades eclesiásticas (Sínodos e Pastorais) ao aderir ao uso destes meios, chegando-se até mesmo a aconselhar que um sacerdote explique a Missa ao povo enquanto outro celebra a Missa. Compreende-se novamente pelo zelo pastoral (catequético) despertado pelo Movimento Litúrgico, numa situação de alarmante distância entre o altar e os fiéis, numa situação em que não eram ainda consentidas grandes reformas na própria maneira de celebrar a Missa.

A esta altura se pode concluir uma outra característica geral do Movimento Litúrgico no Brasil: ele teve um dinamismo mais de expansão do que propriamente de profundidade,[14] o que não exclui, é claro, sérios esforços neste último sentido. Realmente, nas condições culturais e históricas em que o Movimento se expandiu, é praticamente impossível querer exigir que tivesse maior profundidade...

E se falamos de limites do Movimento Litúrgico no Brasil, não podemos deixar de tomar em consideração os obstáculos que a ele se opuseram.

Um dos obstáculos para a sua expansão — além dos seus limites, que também contribuíram para obstaculizar — foi certamente o contexto geográfico. Num país com dimensões geográficas como o Brasil (8.500.000 Km²), com enormes distâncias entre os maiores centros de irradiação,[15] com meios de comunicação ainda em condições precárias, tornava-se sem dúvida muito difícil a veiculação das idéias. Apesar disso — os dados o comprovam — o Movimento se espalhou rapidamente para os mais diversos pontos do país.

Outro obstáculo foi sem dúvida o baixo nível cultural brasileiro, com um índice de analfabetismo na base dos 45%.[16] Ao lado deste problema se coloca o da própria cultura religiosa brasileira, como sabemos, formada de um catolicismo tipicamente tradicional sustentado pelo devocionalismo nas suas mais diversas manifestações.[17]

13. Para esse problema já advertia o próprio Pe. Alvaro Negromonte em 1939, ao falar de alguns "excessos" que "facilitaram a ação dos alitúrgicos ou antilitúrgicos". Diz: "Foi... uma pena que se tivesse dado muita importância á feição exterior, sem o cuidado preliminar da formação doutrinária imprescindível. Ou que se tivesse confundido acessório com o essencial. Muitos pensaram que tudo estaria feito simplesmente quando os fiéis tivessem nas mãos o Missal... É lastimável que se esteja discutindo a vantagem da Missa dialogada, quando nunca se discutiu a vantagem da devoção à Santa Missa. Tudo isto indica que o essencial não foi atingido na campanha" (NEGROMONTE, A., "Movimento Litúrgico", *O Diário* 18-8-1939, 5). Além disso, relembramos o que dizíamos sobre as reações do Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica em 1946 (*cf.* supra, p. 345, nota 11), o que não deixa de ser muito sintomático.

14. Cf. GORDAN, P., O.S.B., "Brasilien und Chile", in BOGLER, *op. cit.*, 122.

15. Cf. supra, p. 26, nota 7.

16. Cf. supra, p. 26, nota 8. A. Amoroso Lima, falando da importância do Missal, diz: "Dizem que as massas não podem acompanhar a missa pelo missal e por isso não devemos insistir no seu emprego. É realmente lamentável que as massas não o possam fazer. Mas se não o fazem, a culpa não é nossa. E o que temos a fazer, no caso, não é retirar o missal das mãos dos que devem saber lêr, mas... ensinar a ler aos que não sabem" (TRISTÃO DE ATAHYDE, "O Missal", *art. cit.*, 511).

17. Cf. supra, p. 26, nota 9, e p. 198, nota 211, onde indicamos uma bibliografia sobre o catolicismo popular brasileiro.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Além disso, há que tomar em consideração também a grande falta de clero para atender uma população onde cerca de 94% dos habitantes se declaravam católicos. Só para se ter uma idéia: Em 1946, para uma população na média de 46.545.000 habitantes, havia apenas 6.383 sacerdotes; portanto, uma média de 7.292 habitantes para cada sacerdote.[18]

Além destes obstáculos, contamos ainda com o problema da extrema cautela do Episcopado em geral frente ao Movimento Litúrgico. Compreende-se certamente pelo "temor de *inovar*, que lhe ficou da reação antimoderna ou antimodernista de Pio X". Então, o Movimento Litúrgico, no fundo, vinha considerado por eles "como um... modernismo".[19]

A esta posição conservadora da maioria dos Bispos do Brasil se ajunta ainda a posição polêmica e reacionária do grupo dos tradicionalistas no Episcopado, no clero e no laicato,[20] que simplesmente se opuseram e combateram ferrenhamente o Movimento Litúrgico no Brasil como "herege", sem se perguntar pelos valores positivos deste. Foi um grande obstáculo, que chegou a ameaçar a própria credibilidade do Movimento como tal.

E aqui entra em reforço ainda outro obstáculo: o dos preconceitos políticos! O Movimento era visto não apenas como teológica e pastoralmente suspeito, mas também como politicamente "herege", o que complicava mais ainda a sua expansão. Isto é, tanto da parte dos "integristas" e reacionários que lutavam por um nacionalismo católico,[21] como da parte dos integralistas — católicos também estes — que lutavam por um nacionalismo totalitário inspirado em modelos europeus, o Movimento Litúrgico era atacado como "comunista", "subversivo", "destrutivo".[22] É que a Ação Católica, liderada pelo grande talento de Alceu Amoroso Lima, ins-

18. Cf. BRUNEAU, T., *op. cit.*, 69 e 91. E isso porque tinha havido um sensível crescimento no número do clero a partir já de inícios deste século! Mais ainda. Dos 6.383 sacerdotes, em 1946, 2.964 eram do clero secular, e 3.419 eram membros de Ordens Religiosas. Destes últimos, dois terços eram de origem estrangeira (*ibid.*, 69). Em 1964, o número de clero já somava a 12.589, para uma população de 78.319.500 habitantes: 6.221 habitantes para cada sacerdote (cf. *ibid.*, 418 Quadro 1, e 425 Quadro 9).

19. Cf. Apêndice XV. Haveria ainda outra razão histórica de fundo, para tal reação do Episcopado brasileiro: a "tradição" bem romana formada dentro do Episcopado (cf. supra, p. 27, notas 11-12). Daí, com a reação antimodernista de Roma, é claro que os Bispos brasileiros, estritamente fiéis às orientações pontifícias, iriam ter muita reserva frente a quaisquer "novidades" que aparecessem. Ora, o Movimento Litúrgico constituía realmente uma grande novidade para o Brasil na época!...

Resta, no entanto, um aspecto a ser estudado e aprofundado. Deixamos a questão aberta. Como já dissemos, o Movimento Litúrgico foi implantado num país em que predominava um catolicismo popular, tradicional, devocional, tipicamente brasileiro. Assim sendo, mantendo reservas frente ao Movimento Litúrgico, não estariam os Bispos, no fundo, quiçá inconscientemente, defendendo a própria cultura brasileira "ameaçada" pelas "novidades" que o Movimento Litúrgico trazia? Não estariam talvez — apoiando-se na reação antimodernista, é claro — representando a própria "autodefesa" de uma cultura? Se assim é, não podemos deixar de admirar a intuição profundamente pastoral dos Bispos brasileiros.

20. No Episcopado, dos nomes que se opuseram ou combateram o Movimento Litúrgico, sobressaem: o Núncio Apostólico Dom Aloisi Masella, D. Geraldo de Proença Sigaud (Bispo de Jacarezinho) e D. Antônio de Castro Mayer. Poderíamos citar também Dom Jaime de Barros Câmara (Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro), que teve muitas reservas, e até mesmo se opôs a muitas iniciativas de reformas litúrgicas. Seu antecessor Dom Leme, embora tivesse apoiado as iniciativas de Dom Martinho e seus seguidores, contudo alimentava muitas reservas. Mas não se opôs. No clero, sobressaem nomes como Mons. Castro Mayer (futuro Bispo de Campos), Padres Sacramentinos de Belo Horizonte, Pe. Cesar Dainese, S.J. (Consultor de *Estrela do Mar* e Presidente das Congregações Marianas), Mons. Rosalvo Costa Rêgo (Vigário Capitular do Rio de Janeiro), Pe. M. T. L. Penido (filósofo e teólogo do Rio). No laicato, sobressai o nome de Plínio Corrêa de Oliveira. Lembramos também o jornal *O Legionário* (antes de 1948), o jornal O *Catolicismo*, e a revista *Estrela do Mar*.

21. Cf. supra, p. 28.

22. Sintomática, por exemplo, uma observação feita pelo Consultor de *Estrela do Mar* a uma consulta sobre o Movimento Litúrgico. O consulente se admira dos ataques ferozes da revista ao Movimento, e pede explicações. E, ao fazer esta consulta, usa a expressão "do Cristo". O Consultor critica esta maneira "desrespeitosa" de referir-se ao nome de Cristo. Deve ser "de Cristo", e não "do Cristo"! E conclui: "Este modo de se expressar lembra um pouco o estilo comunista" (cf. supra, p. 168, nota 23). Cf. também por exemplo o Editorial "A defesa da defesa", *A Ordem* 37 (fev. 1947), 87-102. Cf. ainda, supra, p. 198, nota 213.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pirando-se na Liturgia e orientando-se em Maritain, optara por uma dimensão comunitária e social de Cristianismo.[23] Isso custou, tanto para a Ação Católica como para o Movimento Litúrgico, não poucas e não pequenas agressões.[24] E isso leva a compreender também por que exatamente durante a última grande guerra é que se deram os maiores conflitos "litúrgicos" no Brasil. É que os grupos simpatizantes dos "vitoriosos" regimes totalitários europeus — lembremos a vitória de Franco, na Espanha, em 1937 — combatiam entusiasticamente tudo o que "cheirasse" a comunismo ou socialismo neste país... Também o Movimento Litúrgico não escapou a tais bombardeios. Também este obstáculo (preconceitos políticos) teve que enfrentar o Movimento Litúrgico.[25]

Ao falar da última guerra, nos vem em mente ainda outra dificuldade: o problema da falta de papel para as publicações, sobretudo para a publicação do *Missal* de Dom Beda.[26]

Se falamos de obstáculos, também temos que ressaltar algumas causas que favoreceram a implantação e expansão do Movimento. Eis algumas

23. *Cf.* supra, p. 27-28.

24. Dentre o clero, quem sobressai no combate ao maritainismo são alguns jesuítas, como por exemplo o Pe. Antonio Fernandes, o Pe. Arlindo Vieira, e outros (cf. MOURA, O., O.S.B., *op. cit.*, 107-111; ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., O.S.B., *op. cit.*, 213-214). Sobre a questão maritainiana (antimaritainismo) na qual se envolve também o Movimento Litúrgico, cf. bibliografia supra, p. 198, nota 213, e p. 318.

25. Significativo é o que escreve F. Alves Ribeiro, ao comentar a Pastoral de Dom Justino José Sant'Ana (Bispo de Juiz de Fora), de 13-6-1945 (cf. *A Ordem* 34 (set. 1945), 260-262 = transcrito de *O Lampadário 22-9-1945;* para a citada Pastoral, cf. supra, p. 157-159). O autor fala de "dois erros a se evitar", o do ativismo e o do isolamento nos santuários. Acrescenta que "os dois movimentos, o de renovação social e o da restauração espiritual pela volta à liturgia e ao monaquismo, não se podem isolar nunca" (*A Ordem, op. cit.*, 261). E conclui: "[Estes] dois movimentos sempre tiveram os mesmos inimigos. Pois o ativismo integralista de ontem — e reacionário e anticomunista de hoje — que combatia o grupo 'litúrgico' pelas colunas d'O Povo' em 1937, também combatia e ainda combate aqueles que vêem no fascismo ou em regimes como o do general Franco a morte da democracia verdadeira e dos ideais temporais de liberdade, igualdade e fraternidade, nascidos do Evangelho, embora se hajam manifestado historicamente de maneira deficiente, devido aos erros da revolução francesa" (*ibid.*, 262). Mais significativo ainda é um belo artigo escrito por A. Amoroso Lima, intitulado "Hitler e Guardini" (*A Ordem* 36 (dez. 1946), 546-551). O artigo é dedicado a Dom Martinho: "*Para Dom Martinho Michler, O.S.B., em sinal de profunda gratidão*" (ibid., 546). Como o título já o exprime — note-se que foi publicado no após-guerra! — o autor confronta Hitler e Guardini: "Hitler, o caminho da mística totalitária; Guardini, o caminho da mística verdadeira. Em um mundo esvaziado de substância sobrenatural, não era difícil prever qual dos dois caminhos seria preferido. A mística alemã do Sangue veio representar — junto à mística fascista da Nação e à mística comunista do Trabalho, por meio dos mitos do chefe e do Partido Único, — o caminho principal do outro após guerra, que ia levar naturalmente, como era de prever, à nova catástrofe de 1939. O caminho de Guardini era o da restauração do primado do espírito, o da solução da crise do mundo moderno, por uma nova interpretação do 'espírito da liturgia'" (*ibid.* 547). Lembra o papel renovador de Guéranger em confronto com as místicas do poder temporal do "legitimismo" e do "socialismo" de sua época (*ibid.*, 547-549), colocando-o, por assim dizer, em igualdade de méritos com Guardini: "na França de Napoleão III. Dom Guéranger apontava para a volta à liturgia como o caminho da salvação... na Alemanha de Hitler, Guardini apontava para a salvação pela liturgia..." (*ibid.*, 549). E passa, enfim, a falar do acontecimento providencial para o Brasil, que foi a vinda de Dom Martinho: "...Foi uma aurora para muitos. Foi uma grande luz para todos. E desde logo começou a ficar patente a incompatibilidade substancial entre o caminho apontado por Dom Martinho e outro que naquela época começava, perigosamente, a empolgar a mocidade brasileira — o integralismo [...] No momento em que Dom Martinho começou o seu ensinamento teológico na Coligação, não avaliávamos bem a importância substancial e histórica daquelas aulas. Hoje compreendemos como elas nos vinham salvar radicalmente da ilusão totalitária e permitir, até hoje, distinguir a mística verdadeira das falsas místicas e dos falsos profetas. Dom Martinho foi o Romano Guardini do Brasil. Sua voz foi ouvida apenas por pequenos grupos. *Sua ação foi entorpecida pela malquerença, pela calúnia, pela deturpação maliciosa ou de boa fé do seu verdadeiro ensinamento* (grifo nosso). Os nossos totalitários, da esquerda e da direita, foram ouvidos e seguidos por multidões. Foram endeusados como Salvadores. Foram proclamados respectivamente defensores do Povo, da Religião e da Pátria. Enquanto isso o monge se retraía, voltava para o seu mosteiro, dedicava-se aos seus noviços. Esteve mesmo à beira de sair definitivamente daqui, o que não ocorreu devido à ação do Cardeal Leme, que se empenhou pessoalmente, *como me declarou* em tempo, pela sua permanência entre nós. O resultado aí está. No mundo o cáos. No Brasil o cáos. Os salvadores terrenos caíram dos seus pedestais, embora continuem de novo a tentar a escalada do poder... Enquanto isso, não sei onde está Guardini. Mas sei que Dom Martinho está ali no claustro, a dois passos da Avenida, na colina Sagrada de S. Bento, retraído, esquecido, rezando, com esperanças sem dúvida, mas um pouco melancòlicamente, para que Deus nos dê juízo..." (*ibid.*, 550-551).

26. *Cf.* Apêndice III.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

que nos parecem mais evidentes: a) a vinda de beneditinos alemães para o Brasil; b) a Ação Católica que logo aderiu e se entusiasmou pelo novo espírito; c) a adesão e apoio de um bom número de sacerdotes; d) a adesão e apoio de alguns Bispos; e) as inúmeras publicações litúrgicas e reuniões de estudos litúrgicos; f) os próprios frutos que começavam logo a surgir (vocações, experiência de vida comunitária, de participação).

Enfim, depois de toda esta investigação e depois de feito todo este balanço geral conclusivo, não nos resta senão assinalar a herança positiva que o Movimento Litúrgico deixou para a Igreja no Brasil.

Além do espírito litúrgico que se espalhou por este país, e que foi consagrado pelo Concílio Vaticano II,[27] dois elementos importantes nos parecem emergir como altamente positivos, exatamente resultantes deste espírito:

a) O incremento de vocações sacerdotais e religiosas. Um bom número de homens, que hoje são Bispos, Abades, pastores de comunidades, sacerdotes, o são porque foi o Movimento Litúrgico que os inspirou e os animou a abraçar esta vida. Dezenas de mulheres, que hoje são Abadessas, Monjas de Mosteiros beneditinos ou Religiosas de outras Ordens ou Congregações, o são porque foi o Movimento Litúrgico que as conduziu e as animou a esta doação total.

b) Criou-se em grande parte do clero — religiosas também — e do laicato, através da experiência da *Vida Litúrgica*, *Vida* da Igreja, uma forte consciência de vida comunitária, de participação, social e eclesialmente,[28] que explodiu de maneira otimista e vigorosa com o Concílio Vaticano II.

Portanto, foram enormes as dificuldades que o Movimento Litúrgico teve que enfrentar no Brasil, desde seus inícios (1933) até 1959. Apesar disso, é inegável o grande bem que, através de suas corajosas realizações, fez à Igreja deste país onde a maioria se diz católica.

27. Não deixa de ser interessante este testemunho deixado por Dom Clemente Isnard: "...gostaria de concluir relembrando uma cena para mim inesquecível. Na manhã de 4 de dezembro de 1963 ia ser promulgada a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a liturgia. Milhares de bispos estavam chegando à Basílica de São Pedro. No momento em que eu, comovido, ia transpondo os portões de entrada, encontro providencialmente no pórtico o abade Dom Martinho Michler, OSB. Eu vinha da 'Domus Mariae' e ele do Colégio Santo Anselmo, e ali nos encontramos, nos abraçamos e nos felicitamos. O que ele havia ensinado em 1933, sua definição de liturgia, sua visão da integração da liturgia na vida da Igreja, tudo estava lapidarmente formulado no texto que foi aprovado por 2.147 bispos contra 4 e promulgado pelo Santo Padre. A Igreja dava um passo além da *Mediator Dei*. Quantos pontos que os inimigos do Movimento haviam condenado como 'liturgismo' ou 'liturgicismo' iam ser canonizados pela Constituição conciliar! Que confusão para aqueles que haviam duvidado da ortodoxia de Dom Martinho, que haviam atirado pedras no movimento, que haviam acoimado os beneditinos de hereges! Não creio que o Cardeal Bento Aloisi Masella tenha se lembrado naquela manhã do prefácio que escrevera para o livro de Plínio Correia de Oliveira. Mas o sorriso de Dom Martinho era a expressão do gáudio, dom do Espírito, que tudo fazia esquecer para apenas agradecer aquele dia de alegria e vitória" (ISNARD, C., O.S.B., "Reminiscências...", in: BOTTE, B., *op. cit*, 230).

28. Como afirma o dominicano F. Rolim, referindo-se ao Movimento Litúrgico e ao movimento de Ação Católica: "Estes movimentos deram e continuam dando seus frutos, dos quais o mais promissor é o de uma religião de conscientização e de participação, na qual a vida do fiel se polariza pela pessoa de Cristo" (ROLIM, F., "Em Tôrno da Religiosidade no Brasil", *REB* 25 (1965, 26).

Ou, como afirma o grande escritor e líder leigo da Igreja no Brasil até os dias de hoje, *profundamente* sensível aos problemas sociais, Alceu Amoroso Lima, ao referir-se a Dom Martinho Michler: "Pessoalmente também muito devo a esse grande mestre e figura humana impressionante" (AMOROSO LIMA, A., *Memórias Improvisadas*, *op. cit.*, 45; cf. também supra, nota 25: veja-se ainda o recente depoimento que pessoalmente colhemos de A. Amoroso Lima: Apêndice XVI). E não é à toa que como grande lema da CNBB, fundada em 1952, se tenha tomado exatamente o de "Comunhão e Corresponsabilidade" (cf. QUEIROGA, G. F. de, *op. cit*, 163ss.).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Apêndices

APÊNDICE I

De uma entrevista com Frei Mateus Hoepers O.F.M., em Petrópolis (26-11-1978). Apontamentos pessoais

Informa-me Frei Mateus Hoepers que estivera a partir de 1923 em Moresnet (Bélgica) e, depois em Garnstock (Bélgica), onde exerceu o cargo de Prefeito do Colégio franciscano que preparava estudantes que iriam para o Brasil como missionários. O colégio pertencia à Provincia Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil.

Ali em Garnstock, ele ministrou aprofundamento e conhecimento litúrgico para os estudantes, baseando-se nas obras de Pius Parsch. Ali também começou a ensinar e incentivar o canto gregoriano. Então, os estudantes, vindo para o Brasil, já vinham com certos conhecimentos litúrgicos, inclusive bem entusiasmados com a Liturgia, para o Noviciado. Frei Januário Bauer (músico), que era o Mestre de Noviços no Brasil, vendo o entusiasmo e o conhecimento que os noviços vindos da Alemanha tinham da Liturgia, interessou-se. Escreveu para Frei Mateus Hoepers pedindo informações sobre o Movimento Litúrgico. Pena que a carta não existe mais! Frei Mateus Hoepers respondeu. Escreveu uma longa carta a Frei Januário Bauer, explicando tudo como era. Um dos estudantes daquela época foi o atual Frei Leto Bienias, fundador dos Meninos Cantores de Petrópolis, músico, que ensaiava e propagava o canto gregoriano entre os frades estudantes clérigos, em Curitiba e depois em Petrópolis. Chegou um tempo em que todas as festas de 1ª e 2ª classe, em Petrópolis, eram cantadas em gregoriano pelos frades estudantes, às 6 horas da manhã, na chamada Missa conventual (Frei Leto Bienias mesmo mo referiu pessoalmente).

Frei Mateus conta que, quando Prefeito em Garnstock, esteve 5 vezes em Maria Laach, entrando ali em contacto direto com a vida litúrgica daquela Comunidade.

APÊNDICE II

De uma entrevista com Dom Martinho Michler (Ravensburg, Alemanha, 2-1-1978). Apontamentos pessoais

Dom Martinho Michler falou longamente do entusiasmo da rapaziada pela Liturgia: Missas dialogadas, Missas *versus populum*, fundação do Centro de Liturgia, artigos litúrgicos na revista *Vida*, da Ação Universitária Católica (cumpre-me dizer que Dom Martinho gentilmente me emprestou os números 1-17 (1934-1937) da revista, encadernados num único volume, que seus alunos lhe haviam presenteado em 1937, com assinaturas e dedicatória no frontispício). Falou da organização de uma capela litúrgica no Centro Dom Vital, feita pelos jovens universitários do Centro. Dom Clemente Isnard (naquele tempo estudante de Direito) era um dos líderes. Falou das dificuldades quando chegou ao Brasil.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Depois de pouco tempo já tinha que dar aulas para os universitários. Dificuldade com a língua, portanto. Foi para dar aulas de Patrologia, Teologia, etc. E começou a dar aulas também de Liturgia. Com esta última matéria é que os alunos se entusiasmaram. Era uma grande novidade! Fundam então, os estudantes, um Centro Litúrgico, com capela e tudo. Organizam retiros, com Dom Martinho Michler, onde procuram *viver* a Liturgia e viver *comunitariamente*. Foi num desses retiros, lá por meados de 1934, que rezou a Missa *versus populum*. E começaram a rezar também o Ofício em comum. Tudo isso foi entusiasmando os jovens. E, aos poucos, vários deles começaram a entrar para o Mosteiro, para a vida religiosa. Dom Martinho Michler indicou alguns nomes: Dom João Evangelista Enout, Dom Lourenço de Almeida Prado, Dom Odilão Moura, Dom Irineu Penna, Dom Inácio Accioly, Dom Crisóstomo, Dom Clemente Isnard.

O Cardeal Arcebispo do Rio, Dom Leme, alimentava certas reservas para com o Movimento, para com o trabalho de Dom Martinho Michler. Mas, pouco a pouco, lá por 1940, começou a ver o Movimento com bons olhos. É que ele começava a ver os frutos que estavam surgindo: as vocações religiosas! Ora, pelos frutos se conhece a árvore — pensou o Cardeal. Os frutos estavam surgindo. Sinal que a árvore era boa. Sinal que o Movimento era realmente bom!

Perguntei a Dom Martinho Michler se tinha publicado algo. Disse-me que apenas um Prefácio ao livro de L. Beauduin, *Vida Litúrgica*, publicado no Rio em 1938. Informou que, por um princípio muito pessoal, preferiu não publicar.

Informou também que houve desentendimentos entre os estudantes da associação da Ação Universitária Católica. Desentendimentos por causa da Liturgia. Alguns achavam que o grupo dos "litúrgicos" estava exagerando, que se deveria ocupar mais com o social, com problemas sociais, e não só com o espiritual, a Liturgia.

APÊNDICE III

De uma entrevista com Dom Beda Keckeisen (Ravensburg, Alemanha, 3-1-1978). Apontamentos pessoais

Em 1913, chegando da Alemanha em Salvador (Bahia), Dom Beda Keckeisen deu-se conta imediatamente da grande passividade com que o povo participava no culto. Não tinham nada na mão. Era muito comum as donas usarem leques para se abanar ao calor tropical dentro das igrejas. Entretinham-se muitas vezes com suas devoções particulares durante a Missa. A passividade era grande. O povo, totalmente alheio ao que se passava no altar. E, vendo esta situação, Dom Beda Keckeisen logo pensou: "Hei de colocar um Missal na mão deste povo! Senão, pelo menos um folheto para acompanhar o Santo Sacrifício!...".

Dom Beda Keckeisen laçou-se ao trabalho. Fez pedidos de Missais da Europa, em francês e latim. No Mosteiro dispôs de uma pequena tipografia, com máquinas muito primitivas. Nesta, começou a imprimir folhetos litúrgicos em latim e português com a Missa dos domingos e das festas maiores. Em cada folheto precedia uma explicação sobre o sentido do tempo ou da festa. Estes eram então distribuídos aos fiéis.

Os folhetos tiveram boa aceitação. E pensou de novo: "O povo quer o Missal!". As dificuldades materiais eram grandes: dificuldades econômicas, falta de papel, máquinas tipográficas muito primitivas, onde o Irmão Tiago (beneditino, tipógrafo) tinha que ajeitar tudo a mão, tipo por tipo, no trabalho de impressão. Tudo manualmente. Mas, diante da boa aceitação dos folhetos, levou adiante o trabalho.

Depois de algum tempo, depois de perpassado todo o Ano Litúrgico, Dom Beda Keckeisen recolheu todos os folhetos, que ele chamou de "fascículos", publicando-os todos num único volume. Era o Missal que nascia: um "Missal Dominical".

Depois, enfrentando sempre as dificuldades acima referidas, começou a trabalhar para publicar o Missal Quotidiano. Uma das dificuldades a superar era o Cardeal Arcebispo da Bahia, Dom Augusto Álvaro da Silva. Este se mostrava contrário à tradução, primeiro do Cânon, depois, das palavras da consagração. Mas, depois de muita insistência, Dom Beda Keckeisen conseguiu o *Imprimatur*. E conseguiu, enfim, em 1936, publicar o seu primeiro Missal Quotidiano em latim e português com o próprio do Brasil.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Continuar a publicação deste também foi muito difícil. Vem a guerra. Falta de papel. Dificuldades econômicas. A escassez de meios técnicos. Na verdade, a divulgação dos Missais Dominicais e Missais Quotidianos teria sido muito maior não fossem estas dificuldades. E os pedidos por toda parte, das Dioceses, da Ação Católica, eram insistentes e tantos que realmente não se vencia atender a todas as demandas. Uma expressão que me chamou a atenção, dita por Dom Beda Keckeisen: "Este Missal foi escrito com o sangue do meu coração".

Informou que muitas vocações religiosas no Brasil surgiram por causa do Missal. Cita o exemplo da Madre Joana Calmon (beneditina), Prioresa de Caxambu, em Minas Gerais.

Referiu-se também à preciosa colaboração de uma Oblata beneditina, Guiomar G. de Olivieri, que o ajudou muito nos trabalhos, sobretudo de tradução. Para a mão-de-obra, contratou também meninos, aos quais ao mesmo tempo ensinava a profissão de tipógrafo.

APÊNDICE IV

De uma entrevista com Dom Polycarpo Amstalden O.S.B. (Sorocaba, Est. São Paulo, 12-5-1979). Apontamentos pessoais

— Dom Polycarpo Amstalden foi quem idealizou e publicou o Folheto Litúrgico, em São Paulo. Começou em 1934.

— Sofreu bastante perseguição por causa do Folheto.

— *Um fato pitoresco*: Mons. Castro Mayer era o Vigário Geral em São Paulo. Pois bem. Muitos meninos é que distribuíam os folhetos na porta da igreja São Bento, antes da missa, nos domingos e festas. Saíram, por fim, também para outras igrejas. Alguns meninos foram para a igreja Santa Efigênia. Ali, certo dia, por ordem do Vigário Geral, Mons. Castro Mayer, seqüestraram os Folhetos dos meninos e proibiram terminantemente de distribuí-los naquela igreja. Os meninos foram se queixar, tristes, com as mãos vazias, a Dom Polycarpo Amstalden. Dom Polycarpo Amstalden vai então com o Arcebispo Dom José Gaspar, e diz: "Como é!? O Vigário Geral está proibindo um material que tem a aprovação de V. Excia!...". O que acontece? Dom José Gaspar intervém pessoalmente para suspender a "proibição" do Vigário Geral!

— Morre Dom José Gaspar em acidente aéreo, indo de São Paulo ao Rio de Janeiro. Vem então Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta. Dom Paulo Pedrosa, Abade do Mosteiro de São Bento, logo advertiu Dom Motta a respeito do problema "Plinio Corrêa de Oliveira e o grupo ligado a seu livro *Em defesa da Ação Católica*". E convenceu Dom Motta, que buscou então sabiamente acalmar os ânimos, agradando a todos, recebendo mesmo um "elogio" de P. Corrêa de Oliveira, em artigo publicado em *O Legionário* nº 641, 19-11-1944, p. 3, intitulado "Armistício".

— Outra revelação de Dom Polycarpo Amstalden é que o Núncio Apostólico da época, Mons. Masella, protegia Castro Mayer, P. Corrêa de Oliveira & Cia! Este fato conseguiu para Mons. Castro Mayer a nomeação de Bispo de Campos. Diz Dom Polycarpo Amstalden que isto trouxe um alívio extraordinário para São Paulo: o Quartel General dos integristas transferiu-se de São Paulo para Campos!

— Outra revelação, a respeito de Dom Beda Keckeisen e seu Missal. Certa vez Dom Beda Keckeisen estava meio aborrecido porque não conseguia vender um grande estoque de Missais. Dom Polycarpo Amstalden garantiu que, se desse para ele os Missais, ele iria vender. Dito e feito: Dom Polycarpo Amstalden escreveu uma propaganda do Missal no Folheto Litúrgico, e num instante os Missais se foram!...

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

APÊNDICE V

De uma entrevista com Dom Hildebrando Martins, O.S.B., Mosteiro de S. Bento, Rio de Janeiro (24-1-1979). Apontamentos pessoais

— Pediu-me para não esquecer nada no meu trabalho!

— Falou do escrito de Dom Isnard (Apêndice a BOTTE, B., O.S.B., *O Movimento Litúrgico*, São Paulo, 1978) sobre o Movimento Litúrgico no Brasil, dizendo ser muito parcial, endeusando demais a Dom Martinho Michler.

— Referindo-se ao seu trabalho como diretor da "Lumen Christi", informou que a primeira publicação desta Editora foi o Ordinário da Missa em latim e português, e foi a "Lumen Christi" que publicou a primeira tradução do ritual da Semana Santa.

— Dom Hildebrando Martins pregou muitas semanas litúrgicas por interiores do Brasil. Lembrou uma Semana da Missa em Patos de Minas. Cada dia, a Missa (era em latim) era explicada em uma de suas partes. Quando chegou o último dia, o dia do "Ite, Missa est", mandou os fiéis virem com um instrumento simbólico de sua respectiva profissão: lixeiro com vassoura, médico com um bisturi, etc. E na Missa, explicou: A Missa, o Sacrifício é de todos, sem distinção de pessoas e de classes, e cada um leva a mesma Missa para o seu respectivo campo de ação. O povo se entusiasmou com estas explicações que o Padre beneditino (Dom Hildebrando Martins) dera. Tanto que o Prefeito da cidade até reclamou: "Por que não me chamou também?".

APÊNDICE VI

De uma entrevista com D. Arnaldo Ribeiro, Bispo Auxiliar de Belo Horizonte (5-4-1979). Apontamentos pessoais

O historiador Riolando Azzi, no Rio de Janeiro, me sugeriu investigar sobre uma possível intervenção da Santa Sé na Arquidiocese de Belo Horizonte. Hoje perguntei a Dom A. Ribeiro sobre o assunto, visando inclusive a possibilidade de qualquer documento escrito.

Dom A. Ribeiro me falou de um tal Mons. Ginetti, que veio de Roma ao Rio para um Congresso de Educação. Este, por própria conta assumiu o cargo de "Visitador Apostólico" na Arquidiocese de Belo Horizonte. Dom Cabral, naquela época, líder da Ação Católica e do Movimento Litúrgico em Belo Horizonte, ficou com muito medo, pois acatava com muito respeito as decisões de Roma.

Resumindo, o Mons. Ginetti assumiu por conta própria a tarefa de investigar os "abusos" liturgicistas em Belo Horizonte. Não houve uma intervenção da Santa Sé. O que houve foi uma usurpação de poderes por parte do Mons. Ginetti.

Os chamados "liturgicistas" tinham uma grande devoção pelo Cristo Glorioso, o Cristo Vivo, Ressuscitado. Havia os que não aceitavam tanto esta devoção, ou achavam-na exagerada, por parecer querer excluir o Cristo sofredor da Cruz. Eram sobretudo os Padres Sacramentinos que acusavam de exagêro. (Começava-se a introduzir também os paramentos góticos: um problemão!).

A propósito do Cristo Glorioso, diz Dom A. Ribeiro que um grupo de pessoas levou certa vez um Cristo Glorioso (imagem ou pintura?) para ser benzida por um Padre Sacramentino, lá na igreja da Boa Viagem. Este recusou-se a fazer a bênção da imagem. Eles se recusavam terminantemente! Então, estas pessoas levaram-na para Dom Cabral. Ele fez a bênção. Aceitou. Ou melhor, já tinha sempre aceitado esta devoção beneditino-caseliana.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Mais ainda. Dom A. Ribeiro me contou que, no tempo do fervor litúrgico da Ação Católica, era a coisa mais interessante, e até meio cômico, ver as moças da JOC (Juventude Operária Católica) e da JEC (Juventude Estudantil Católica) saírem pelas ruas com o "Missal Dominical" debaixo do braço. Por esse motivo, eram continuamente alvo de irrisão por parte dos mais "desconfiados".

APÊNDICE VII

De uma entrevista com o Pe. Hélio Raso, de Belo Horizonte (5-4-1979). Apontamentos pessoais

Logo após a conversa com Dom A. Ribeiro, encontrei-me com o Pe. Hélio Raso, que viveu em Belo Horizonte no tempo das "confusões" em torno da Ação Católica e do Movimento Litúrgico.

Informou-me que, um ano após a célebre "Visita Apostólica", o Pe. Wiliam Silva, líder liturgista no Seminário, "afastou-se" do mesmo Seminário. Ou, foi forçado a afastar-se!...

Sobre o ambiente do Seminário, tinham-se formado dois grupos, duas alas espontâneas entre os estudantes: um grupo ligado à Ação Católica, com acentuação fortemente litúrgico-espiritual, tendo na leitura uma preferência especial por J. Maritain; e o outro grupo era a ala dos "marianistas", acentuando a devoção do Rosário e outras devoções.

Pe. Helio Raso contou-me até um fato pitoresco da época, inventado como chiste: uma moça da Ação Católica estava agonizando, para morrer. Trouxeram-lhe um crucifixo. Ela não aceitou. Queria o Cristo Glorioso!...

Informou-me também que, por causa disso tudo, Dom Cabral sofreu muito. Foi perseguido porque de certa maneira apoiava as iniciativas da Ação Católica. Os "marianistas" viviam continuamente batalhando contra os "maritainistas" e "liturgicistas".

Quanto à Ação Católica, informou-me ter esta passado por duas fases de transformação: a) Ação Católica geral, liturgista, sacramental, a partir da vida sacramental; b) Ação Católica especializada (p. ex. JOC, JEC, JIC, etc.), mais inserida no meio. Sua preocupação, posteriormente, era predominantemente social, mas conservando a fidelidade eclesial. Acentuação de uma Ação Católica inserida no meio. Daí JOC (Juventude Operária Católica), etc.

APÊNDICE VIII

Duas entrevistas com Dona Luzia Ribeiro de Oliveira, O.S.B. Abadessa do Mosteiro Beneditino de Nossa Senhora das Graças (Belo Horizonte). Apontamentos pessoais

1) *6-4-1979*

Dona Luzia conta que, principalmente os jovens da Ação, eram continuamente acusados de hereges. Por exemplo, eram acusados de negar a presença real no Santíssimo Sacramento. Na verdade, o que se queria é insistir que se comungasse com hóstias consagradas na Missa a que se assistia. Eram acusados de protestantes. E iam continuamente para Roma queixas a respeito das "heresias" litúrgicas no Brasil.

Em *A Ordem* há um artigo de Dona Luzia (naquela época Maria de Lourdes Ribeiro, e que foi Presidente da Juventude Feminina Arquidiocesana de Belo Horizonte), que foi uma palestra dada por ela num Congresso Feminino de Ação Católica.[1] Pois bem, esta "conferência" deu muito falado! Uma grave acusação foi levada a Roma. Os Padres Sacramentinos, em Belo Horioznte, no Teatro Municipal lotado de gente para uma grande reunião, condenaram publicamente o artigo publicado.

1. Dona Luzia não se lembrava mais do título do artigo, nem exatamente onde e em que ano foi publicado n'*A Ordem*. Certamente trata-se do artigo, de sua autoria, "A influência da Eucaristia na vida social das moças", *A Ordem* 22 (ag. 1939), 126-133, apresentado no Congresso Eucarístico Diocesano de Juiz de Fora, em julho de 1939).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A Paróquia da Boa Viagem, dos Padres Sacramentinos, foi um foco muito forte de condenação dos "hereges", das "heresias" da Missa *versus populum*, das "heresias" da Missa dialogada, das "heresias" protestantes, enfim, desse pessoal da Ação Católica que lia demais a Bíblia! É que o Movimento Litúrgico estava bastante ligado também com o Movimento Bíblico. Então, os membros da Ação Católica, simpatizantes do Movimento Litúrgico, gostavam de ler a Bíblia, sobretudo os Salmos. Andavam com a Bíblia debaixo do braço. Daí as acusações de ser um pessoal suspeito, cheirando a protestantes!

Lembra Dona Luzia que, por volta de 1954, o Pe. Lombardi, na Paróquia da Boa Viagem, atacou duramente essa Juventude "herética" que anda por aí.

Lembra também que uma vez fora a uma Missa, celebrada por um Padre Claretiano. Este, na hora do sermão, começa com um ataque vigoroso à Juventude Católica: "Hoje vou falar de um assunto muito sério", diz ele: "Ação Católica. Ação Católica!... essas moças e rapazes que andam por aí, sem educação, pregando heresias..." (etc.). "Agora vamos falar do Evangelho...". Dona Luzia estava perto do púlpito, e começou a rir. E continua rindo!... O Padre percebe. E retoma: "Ação Católica!... dessas moças que ficam até rindo na igreja!...".

As moças e os rapazes de Ação Católica tinham uma convivência muito espontânea e pura. Faziam até acampamentos, passeios, *pic-nics* juntos. Isto agrava as desconfianças. Pensavam que se tratava realmente de um grupo suspeito e degradante, imoral.

Dom Martinho Michler, com as semanas intensivas que dava para a Ação Católica é que desencadeou todo este movimento entusiástico e "provocador" do Movimento Litúrgico em Belo Horizonte. E, de Belo Horizonte, depois se irradiou para outras cidades. As moças mesmas, depois, pregaram uma semana intensiva em Uberaba.

Como já foi dito, o gosto pelos Salmos (Ofício) era outra característica do Movimento Litúrgico na Ação Católica de Belo Horizonte.

Quanto às reações contrárias, é compreensível, porque o mineiro em geral é também bastante tradicional. Portanto, é compreensível que as idéias novas vinham causar "escândalo"!

Falou também de uma intervenção, ou melhor, de uma visitação apostólica em Belo Horizonte, para ver o que estava acontecendo mesmo. Que tipo de visitação era essa? E como? Ficou de ainda verificar melhor, para me responder num próximo encontro.

Almocei com a Comunidade, no Claustro, ao ar livre. Que beleza! Comunidade muito bem arejada. Gostei demais.

2) *25-4-1979*

Dona Luzia estava chateada: Não conseguia encontrar mais um precioso material (Boletins da Paróquia da Boa Viagem e de Lourdes) combatendo o Movimento Litúrgico. Mas ofereceu-me gentilmente alguns números do Boletim da Juventude Feminina Católica de Belo Horizonte *(Acies Fraterna)* e da Ação Católica da Arquidiocese de Belo Horizonte *(Vinculum Unitatis)*, tudo bem encadernado, bem como as anotações suas feitas dos cursos de Dom Martinho Michler.

Informou-me que certa vez o Núncio mandou retirar da biblioteca da Abadia toda a Coleção "Unam Sanctam", por ser material suspeito.

Quanto ao famoso sermão do Pe. Claretiano, ainda acrescenta outras coisas. Foi na igreja de Lourdes, em Belo Horizonte. Foi em dezembro de 1939, quando atacou a Ação Católica: "Esses jovens da Ação Católica, jogando pelas ruas, andando juntos moças e rapazes, querendo dialogar a Missa, pensando que já são iguais ao padre para concelebrar com ele. Como se eles é que celebrassem a Missa! Essas moças e esses rapazes que só pensam no absurdo da Missa *versus populum*. Só querem estas "heresias". Moças e rapazes andando juntos, fazendo 'pic-nic' juntos!...".

Por parte dos que atacavam, julgava-se totalmente absurda a possibilidade do vernáculo na Missa. E que os leigos querem ser mais mandões do que os padres e o bispo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Há que ver também o entusiasmo dos jovens. E o jovem quando se entusiasma pode facilmente "escandalizar" com seu entusiasmo.

Quanto à "intervenção" de Roma na Arquidiocese, deu-se depois do artigo de Dona Luzia n'*A Ordem*. E não falamos mais no assunto.

O Congresso Litúrgico prometido por Dom Cabral na Carta Pastoral não saiu. Por quê? Porque não encontrou apoio suficiente no clero. O tal Congresso foi sufocado. Então, Dom Cabral, muito diplomaticamente, não realizou o Congresso, mas realizou o Congresso de Ação Católica com um tema especial sobre a Liturgia!

APÊNDICE IX

Lista de religiosas que pertenceram à Ação Católica sob o influxo do Movimento Litúrgico, enviada por Dona Luzia (Carta de 16-1-1980)[2]

BENEDITINAS

Belo Horizonte

Ir. Luzia Ribeiro de Oliveira, O.S.B. (Maria de Lourdes) — Presidente da Juventude Feminina Arquidiocesana.
Ir. Cristina Penna de Andrade, O.S.B. (Helena) — Coordenadora do círculo da Juventude paroquial.
Ir. Maria Teixeira de Lima, O.S.B. (Maria Cândida) — Membro da Juventude de A.C.
Ir. Blandina de Gouvêa Dolabella, O.S.B. (Maristela) — Círculo de estudos da JEC.
Ir. Timothea Rubinger, O.S.B. (Léa) — Círculo de estudos de Benjaminas.
Ir. Helena Quintino dos Santos, O.S.B. (Marília) — Círculo de estudos de Benjaminas.
Ir. Maria Cecília Macedo Contijo, O.S.B. (Marieta) — Delegada da JIC.
Ir. Maria Inês Ferreira Tavares, O.S.B. (Lygia) — Círculos de estudos da JEC.
Ir. Rosa Afonso Rodrigues, O.S.B. (Elza) — Círculo de estudos da JIC.
Ir Paulina Gomes, O.S.B. (Altair) — Presidente da Juventude Feminina de A.C.
Ir. Mônica Castanheira, O.S.B. (Teresa) — Círculos de estudos da JEC.
Ir. Inês Cançado Bahia, O.S.B. (Selda) — Presidente da Juventude Feminina de A.C.
Ir Eustoquia Vidigal, O.S.B. (Eliza) — Delegada da JOC.
Ir. Maria José Contijo, O.S.B. (Maria José) — Delegada da JEC.
Ir Andréia Pena Sales, O.S.B. (Nahyda) — Círculos de estudos da JIC.
Ir Mectildes Vilaça Castro, O.S.B. (Elza) — Círculo de estudos da JIC.
Ir. Maria Madalena Contijo, O.S.B. (Cecy) — Círculo de estudos de Benjaminas.
Ir. Eugênia Teixeira, O.S.B. (Maria José) — Círculo de estudos da JEC.
Ir. Anuntiata Cavalcanti, O.S.B. (Regina) — Círculos de estudos da JEC.

Juiz de Fora (Minas)

Ir. Beatriz Ribeiro de Oliveira, O.S.B. (Maria do Carmo) — dirigente da A.C.
Ir Myriam Nagem Assad, O.S.B. (Helena) — dirigente da A.C.
Ir Justina de Almeida, O.S.B. (Maria Aparecida) — dirigente da A.C.
Ir Irene Moisés, O.S.B. (Julieta) — Membro da A.C.
Ir. Estefânia Moisés, O.S.B. (Adélia) — membro da A.C.
Ir. Genoveva Moisés, O.S.B. (Virginie) — membro da A.C.
Ir. Catarina Noronha, O.S.B. (Maria do Carmo) — membro da A.C.

Uberaba (Minas)

Ir. Regina Maria Pinheiro Bernardes, O.S.B. (Regina) — Presidente da Juventude Arquidiocesana da A.C.
Ir. Anastácia Campos Moreira, O.S.B. (Floriscena Generosa) — membro da A.C.
Ir Gabriela Ferreira Brito, O.S.B. (Carlota) — membro da A.C.
Ir. Marcelina Miziara, O.S.B. (Síria) — membro da A.C.
Ir. Alexandra Miziara, O.S.B. (Luzia Aparecida) — membro da A.C.

2. O primeiro nome é o religioso. O nome entre parênteses indica o nome civil. Outrossim, adverte Dona Luzia que a lista foi feita "às pressas".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sul de Minas

Ir. Cristina Carvalho Leite, O.S.B. (Maria Helena) — Presidente diocesana da Juventude Feminina de A.C.
Ir. Martinha Marques de Mello, O.S.B. (Nair) — Círculo de estudos da Juventude.
Ir. Gertrudes Pinto Nunes, O.S.B. (Ruth) — membro da A.C.
Ir. Rafaela Cariello, O.S.B. (Teresinha) — membro da A.C.
Ir. Maura Mendonça, O.S.B. (Maria de Lourdes) — membro da A.C.
Ir. Marta Fernandes, O.S.B. (Irene) — membro da A.C.
Ir. Felicidade Sarkis, O.S.B. (Luzia) — membro da A.C.
Ir. Perpétua Sarkis, O.S.B. (Clara) — membro da A.C.
Ir. Mônica Braga Noronha, O.S.B. (Maria) — membro da A.C.
Ir. Josefina Gonzaga, O.S.B. (Almey) — membro da A.C.
Ir. Dorotéia Braz Melo, O.S.B. (Iris) — membro da A.C.
Ir. Pia Prado, O.S.B. (Marta) — membro da A.C.
Ir. Sabina Prado, O.S.B. (Dulce) — membro da A.C.

SERVAS DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Belo Horioznte

Ir. Ester Pires, S.SS. (Ester) — 1ª Presidente da Juventude Feminina Arquidiocesana.
Ir. Maria Célia Fonseca, S.SS. (Célia) — membro da A.C.
Ir. Maria Eymard, S.SS. (Maria Auxiliadora) — dirigente da A.C.
Ir. Maria Clécia Gonçalves, S.SS. (Clécia) — membro da A.C.

DOMINICANA

Uberaba (Minas)

Ir. Maria Auxiliadora Calcagno (Lucinda) — membro da A.C.

APÊNDICE X

De uma entrevista com o Pe. Orlando Machado, de Belo Horizonte (26-4-1979). Apontamentos pessoais

— No tempo de Pio XI se tinha bastante liberdade de opinar e agir. Depois, com Pio XII (Humani Generis, Mystici Corporis Christi e Mediator Dei), foi-se perdendo bastante aquela liberdade. Com as intervenções pontifícias iam esfriando pouco a pouco os entusiasmos juvenis da Ação Católica mineira.

— A grande expansão do Movimento Litúrgico aconteceu em Minas, já pelo próprio espírito mineiro mais dado à contemplação, à meditação.

— Dom Martinho Michler, crítico da escolástica, é que deu o impulso inicial, arrastando a juventude, cativando com o carisma que lhe era próprio. Dom Tomaz Keller foi outro.

— O Movimento deve ser visto como um todo: Movimento Litúrgico e Ação Católica.

— O interesse pelo estudo da Patrística nasceu no seio da Ação Católica e do Movimento Litúrgico. Aliás, isto era muito suspeito. Pe. O. Machado mesmo conta ter sido pessoalmente repreendido porque ensinava Patrística.

— Bispos que apoiavam: Dom José Gaspar Fonseca e Silva, Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Dom Mário Vilas-Bôas, Dom José Delgado, Dom Porto Carrero, Dom Cabral.

— Dom Cabral não era um homem de grande cultura, mas de uma inteligência muito perspicaz, e, dentro de sua época, bastante afeito à pomposidade.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

— Outros que apoiavam: Mosteiro de São Bento do Rio, e os Dominicanos (estes preocupados mais com a parte social).

— O pessoal da Ação Católica seguia e lia muito Maritain. Daí, também ser acusado de comunista e subversivo. Explicando: A Ação Católica era acusada de ser antifranquista (sobretudo jesuítas *espanhóis* os acusam!). Logo, se eram contra Franco (porque liam Maritain!), eram comunistas! Daí, a origem de serem tachados de comunistas.

— Em matéria de ecumenismo, pouco se fez.

— Patrística: altamente suspeita.

— Teologia, de tipo querigmática.

— Não se falava em "Povo de Deus".

— Estudava-se e falava-se bastante de "Corpo Místico", com o que se implicava muito, até que teve que surgir a Encíclica papal esclarecendo as coisas, e apontando os erros que jamais se imaginava poderem existir.

— Grande interesse pela S. Escritura. Pela divulgação do Missal, surge o interesse pela Escritura.

— Outra parte que contribuiu muito para levantar polêmicas foi a parte da arte: O problema do Cristo Glorioso, dando a entender que o Crucificado não existia mais. Era muito divulgada a imagem do Cristo ressuscitado. E com isso os adeptos do Movimento Litúrgico eram acusados de acabar com a Cruz e o Cristo Crucificado.

— O "pseudo representante" da Santa Sé (Mons. Ginetti), "intervindo" em Belo Horizonte, proíbe o Pe. Orlando Machado e Orlando Vilela a ensinar Maritain, e força-os a fazer retratação pública dos erros que pregavam.

— O tal "visitador apostólico" esteve também em Uberaba.

— O Congresso Litúrgico prometido por Dom Cabral, foi o Primeiro Congresso de Ação Católica, no qual se inseria o Movimento Litúrgico. Aí está a diplomacia de Dom Cabral! Realizou indiretamente o tal Congresso Litúrgico, já que não o pôde realizar diretamente.

— Pe. Orlando Machado conta que, certa vez, numa conferência num Instituto de Educação, em Belo Horizonte, ele afirmara: "Cristo está na Eucaristia, não para ser adorado, mas adoramo-lo porque está presente". Aí começou a briga com os Sacramentinos. Muitos se retiraram simplesmente da sala de conferência, em protesto.

— A oposição a Dom Cabral (contra, p. ex., o Congresso Litúrgico) era muito forte porque tinha o apoio do Núncio Apostólico, Dom Aloisi Masella.

— Outra coisa que começou em Minas, com o advento do Movimento Litúrgico, foi uma renovação na concepção da moral, tentando superar a moral casuística.

APÊNDICE XI

De uma entrevista com o Pe. Agnaldo Leal, de Belo Horizonte (27-4-1979). Apontamentos pessoais

— Foi o Movimento Litúrgico que deu estrutura à Ação Católica em Belo Horizonte.

— Fazia-se continuamente a Missa seca para explicar ao povo a Missa. Davam-se aulas de Liturgia. Realizavam-se cursos de formação para o manejo do Missal, etc.

— Passava-se do puramente simbólico (Goffiné) para o vital (ligação estreita da Missa com a vida).

— Tipos de orientação para a Ação Católica: em Belo Horizonte: orientação mais belga; no Rio de Janeiro: orientação mais italiana; em São Paulo: orientação belga e italiana; em Porto Alegre: orientação italiana.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

— Pe. Agnaldo Leal trabalhou na Paróquia de Santo Antônio (Avenida do Contorno), onde movimentou a Liturgia.

— Dom Cabral era muito inteligente! Se ouvia uma conferência, por exemplo sobre o sacerdócio leigo, seria logo em seguida capaz de fazer um discurso muito mais bonito que o próprio conferencista sobre o mesmo tema.

— O Núncio Apostólico, Dom Masella (que foi uma masela!) deixou o Pe. A. Leal na deriva. Conta, por exemplo, que, certa vez, o Núncio chegou para Dom Cabral, na frente do Pe. Agnaldo, e disse: "Precisamos cortar as asas de certos Padres!...". E Dom Cabral reagiu: "Quem manda aqui sou eu! A não ser que venha ordem expressa do Papa!".

— Certa feita, o Pe. A. Leal, em uma conferência, fez a seguinte afirmação: "Não guardamos o Santissimo para adorá-lo, mas o adoramos porque o guardamos". Uma "beata" levou isto ao Núncio. O Núncio levou a queixa a Dom Cabral!... E Dom Cabral ia agüentando, sofrendo, e defendendo o quanto podia o Movimento Litúrgico. De certa maneira, identificava o Núncio com o Papa. E por isso sofria muito. E esteve mesmo continuamente ameaçado de deposição. Ao menos campanha havia... Quem o salvou foi Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Cardeal Arcebispo de São Paulo.

— Dom Masella andava sempre à caça de bruxas, sobretudo no Seminário de Belo Horizonte, onde se emprestavam livros "suspeitos" aos alunos.

— Pois bem, certo dia chegou alguém dizendo-se "visitador apostólico". Era Mons. Ginetti. Pe. A. Leal telefona para Mons. Hélder Câmara (hoje Dom Hélder Câmara). Mons. Hélder Câmara responde que o visitante não tinha nenhuma missão do Vaticano. Apenas tinha se inscrito para "passar férias" no Brasil. Mas, como encheram a cabeça dele, de que em Belo Horizonte grassavam "heresias", ele assumiu por própria conta a missão de "visitador apostólico", hospedando-se no Palácio Episcopal com honras de príncipe!

— Uma nota final: Houve pouco a pouco na Ação Católica, como informa Pe. A. Leal, uma passagem da Teologia para o social. Realmente, como dizia o Pe. O. Machado, com Pio XII foi-se perdendo aquela liberdade de opinar sobre Teologia. O peso de suas Encíclicas foi tapando a boca de todos.

APÊNDICE XII

Do Livro de Atas de Reunião dos Professores do Seminário da Arquidiocese de Belo Horizonte (da Cúria Arquidiocesana) (Anos 1949, 1950, 1951)

1) *Da Ata da 54ª sessão da Congregação dos professores (15-10-1949)*

"...o Exmo. Snr. Arcebispo exortou aos Rvmos. Sns. Padres no sentido da união e caridade fraterna entre todos. Todos deviam evitar tudo que divide. Ouvir sempre a palavra do Papa, máxime nos problemas da Questão Social e Ação Católica. E, acima de tudo, um grande amor a Nosso Senhor e à Igreja.

Nesse momento, para tratar de alguns assuntos referentes ao Seminário, tomou a palavra o Rvmo. Snr. Pe. Reitor. Disse o Snr. Pe. Reitor que havia no Seminário um certo ambiente em que não se podia falar mais em santidade. Também a devoção a Nª Snra. era por vezes ridicularizada. Além disto parece que alguns, pelo modo de falar e agir, eram contra a ascética tradicional da Igreja. Como se vê, a cousa parecia muito grave, e o Snr. Pe. Reitor pediu ao Snr. Arcebispo que agisse com autoridade. Outros padres, notando de fato o conflito entre duas mentalidades no Seminário, falaram que todos aceitam as mesmas verdades, mas sob aspectos talvez diversos. E assim se originam as duas mentalidades, sem que se pudesse afirmar que êsses ou aqueles estão se desviando do pensamento da Igreja.

Depois de vários apartes e explicações, de ambos os lados, um dos Rvmos. Padres Professores propôs ao Snr. Arcebispo que S. Excia. ouvisse, em particular, a cada um dos professores. O Snr. Arcebispo aceitou de bôa vontade a sugestão, e estabeleceu que

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

faria uma visita canônica, para ouvir não só os professores, mas ainda todos os alunos do Seminário Maior. E com essa resolução que agradou a todos, o Snr. Arcebispo deu por encerrada a reunião. Fique aqui notado que, devido ao ambiente de sinceridade, expondo cada um os seus pontos de vista, o que prevaleceu acima de tudo foi a concórdia de corações, embora cada qual pudesse ver certos problemas de um ponto de vista diverso..." (Anno 1949, fl. 33-33v.).

2) *Da Ata de uma "Sessão Extraordinária" dos professores (16-11-1949)*

"No dia 16 de novembro de 1949, o Exmo. Snr. Arcebispo reuniu extraordinariamente a Congregação dos Rvmos. Padres Professores, para resolver algumas questões do Seminário, conforme ficou exposto na ata anterior.

Depois de ouvir particularmente a todos os sacerdotes e aos alunos do Seminário Maior, o Exmo. Snr. Arcebispo disse haver da parte de todos um grande ideal de perfeição para o Seminário. À primeira vista, falou ainda S. Excia. Rvma., os fatos encheram de tristeza o seu coração. Mas agora, estava agradecendo à Providência êsse contato imediato com os problemas do Seminário, pois assim se tornou ciente da bôa vontade de todos e da perfeição que todos almejam. Não querendo comentar os fatos particulares, os pontos de vista de cada um, o Snr. Arcebispo estabeleceu as seguintes conclusões:

1º) O Reitor deve ser considerado por todos como representante imediato do Snr. Arcebispo. Entre os professores e o Pe. Reitor deve haver tôda confiança e lealdade. Do mesmo modo o Diretor Espiritual merece tôda confiança do Snr. Arcebispo, e por isto à sua pessôa se dê todo aprêço e veneração.

2º) Em questão de espiritualidade, a Igreja dá uma grande liberdade a seus filhos. Por isto no Seminário cada qual poderá ter esta ou aquela espiritualidade, contanto que esteja dentro do pensamento da Igreja. Nesse ponto, o Snr. Arcebispo desaconselha certos particularismos dentro das divisões, para que nenhum aluno se sinta dentro ou fora desse ou daquele movimento ou devoção particular.

3º) É preciso terminar o tal equívoco entre A. Católica e Congregação Mariana. Não há nem pode haver luta ou rivalidade entre uma e outra. O Snr. Arcebispo dá então o testemunho de sua própria Arquidiocese. Nunca viu a menor restrição à devoção à Nª Senhora, por parte dos membros de A. Católica. Para isto, ficam estabelecidos os círculos de estudos de A. C., desde o Sem. Menor, conforme o desejo do Sínodo. Do mesmo modo se restabeleça no Sem. Maior a Congregação Mariana, que há vários anos não funciona.

4º) O Movimento litúrgico deve ser intensificado no Seminário. É um movimento da própria Igreja. Os alunos, então, devem ter cada vez mais uma compreensão maior da Missa, dos Sacramentos, do Ofício Divino, das Ordens que vão receber. Não se podem contudo menosprezar os exercícios ascéticos, prescritos pelo Código, que nos levam cada dia a uma perfeição maior. A devoção a Nossa Senhora não está fora do Movimento litúrgico, mas tem aí uma parte principal. Ver o exemplo da própria Igreja, honrando a Virgem, através do ano litúrgico. Haja então no Seminário um amor cada vez maior à Virgem Maria, sem o que não será possível a vida cristã e sacerdotal.

Aqui ficam assim as resoluções do Snr. Arcebispo. S. Excia. afirmou não querer ferir a caridade de ninguém, nem tomar partido nas questões. Agiu como Pai e Chefe da Arquidiocese, procurando em tudo e acima de tudo, o pensamento da Igreja, em relação aos Sacerdotes e ao Seminário...". (Ano 1949, fl. 34-35).

3) *Da Ata da 56ª reunião dos professores* (15-5-1950)

"...Há ainda a comunicação do recebimento por S. Excia. de uma carta do Reitor das Universidades e Seminários com relação à vigilância que deve haver nos Seminários. A Santa Sé se mostra vigilante a respeito do ensino, e si se introduz cousa nova deve haver o devido cuidado para não cair no erro sobre o ensino tradicional. Houve uma palavra de S. Excia. sobre a teologia viva (ou catecismo vivo) que o ensino da teologia passa à vida. Antigamente estudava-se para erudição, não para viver a doutrina. Tudo isto ilustrado por S. Excia. com um fato sobre a presença de Deus, referido por Mons. Hélder, presença de Deus que ficou não só no conhecimento, mas, foi ainda operosa e

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

eficaz. E o Sr. Arcebispo dava infinitas graças a Deus porque seu Seminário jamais foi orientado contra as determinações da Santa Sé, nêle nunca S. Excia. encontrou um destes reprováveis casos. E na visita canônica, realizada no ano passado, foi observada a melhor boa vontade de todos. Há sacerdotes que dizem ser a Ação Católica e o Movimento Litúrgico mal orientados na Arquidiocese, mas, tais sacerdotes são mal encarados e indignos do sacerdócio...

...Por fim, o Rvmo. Pe. Reitor perguntou se podia ler para os alunos o documento recebido do Reitor das Universidades e Seminários, acima indicado, e o Sr. Arcebispo respondeu afirmativamente por não fazer dêle nenhum segredo". (Ano 1950, fl. 37).

4) *Da Ata da 57ª reunião dos professores* (20-10-1950)

"...O Revmo. Sr. Arcebispo falou que muitos professores desejam abandonar o seminário, e seus lugares deverão ser preenchidos, e que não é fácil; pede orações para isto, como ainda para recuperar a paz antiga que reinou aqui por tanto tempo. Referiu S. Excia em suas palavras repetidas com sinceridade aos Revmos. Sacerdotes que aqui se reúnem tantas vezes por ocasião da Festa do Sto. Cura D'Ars, palavras que dizem do bom espírito do seminário, onde o Sr. Arcebispo encontrou sempre um descanso e consolação. Pede S. Excia. desculpas por ter de tocar no assunto.

Encarece o Exmo. Sr. Dom Antônio a preparação da proclamação do Dogma da Assunção de Maria Santíssima. Gostaria S. Excia. que fosse lido aos seminaristas o último documento do Santo Padre sobre o sacerdócio...". (Ano 1951, fl. 38v).

5) *Da Ata da 58ª reunião dos professores* (18-2-1951)

"...Com relação à A.C., ouviu de Mons. Hélder Câmara, o que Mons. Montini lhe dizia: 'Todos os problemas serão diretamente resolvidos pelo Santo Padre. Não se podem admitir reservas. Fraternidade em tudo. É preciso sanar tudo, todas as incompreensões...". (Ano 1951, fl. 39).

APÊNDICE XIII

Do Livro do Tombo do Seminário Provincial Coração Eucarístico de Jesus, de Belo Horizonte (Vol. I, Anos 1923-1959)

1950

1) *Semana de Liturgia:* "3 de setembro. Começa a Semana de Liturgia. De 3 a 9 não funcionam as classes do Seminário maior, afim de que os professores e alunos possam tomar parte nos círculos de estudos" (fl. 124).

1951 [3]

2) *Congregação dos professores* (18-2-1951): "Sob a presidência do Exmo. Sr. Arcebispo reuniu-se pela primeira vês no corrente ano a Congregação dos Professores do Seminário Provincial... Dirigiu inicialmente S. Excia. palavras de incitamentos aos Revmos. Padres, no sentido de trabalharem todos no reerguimento do Seminário, cujo espírito, infelismente, se tem ressentido com certas discórdias internas. Apelando para o espírito sobrenatural de todos disse esperar uma nova fase de tranqüilidade e trabalho" (fl. 126v.).

3) *Retiro:* "Os Exercícios Espirituais tiveram lugar de 2 a quatorze de fevereiro. Foi pregador no Seminário maior o religioso carmelita Revmo. Pe. Osvaldo. Manda a verdade diser que não foi bastante hábil para haver-se nas circunstâncias do momento, o que vai diminuir imensamente o fruto de Retiro — o qual tanto se esperava para normalização do Seminário" (fl. 131v.).

3. A partir de 15 de fevereiro de 1951 assume a Reitoria do Seminário o Côn. José Lafayette Ferreira Alvares (da Arquidiocese de São Paulo), como "interventor" temporário no Seminário, para ver se resolve a situação de divisão entre os estudantes. Ele, aliás, é que escreve no livro do tombo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

4) *Novena do Espírito Santo*: "A Novena do Divino Espírito Santo foi feita com solenidade, dentro das normas litúrgicas e das determinações da Pastoral Coletiva. A respeito de tudo isso houve, naturalmente, muitos resmungos dos saudosistas que nada podem entender que seja um pouco diferente do que era..." (fl. 133).

5) *Nossa Senhora do Carmo* (imagem trazida por alguns Carmelitas do Recife, permanecendo algumas horas no Seminário — das 15 às 17 horas): "A finalidade dessa viagem da referida imagem da Virgem Santíssima é a propaganda, do Congresso do Escapulário, a celebrar-se na Capital pernambucana". (Esteve na capela de Teologia do Seminário), "recebendo a veneração de todo o Seminário. Na capela usou da palavra (com bastante infelicidade...) um dos Revmos. Padres Carmelitas. Julgamos bem acentuar estas coisas para que se conheçam as dificuldades todas deste começo de ano. Cremos, não obstante, que Nossa Senhora se valerá deste ensejo para abençoar mais ainda o nosso Seminário, uma vês que encontrou sincera acolhida por parte de todos os componentes desta Casa" (fl. 131v.).

6) *Visita do Mons. Ginetti*: "Tendo vindo ao Brasil como participante do Congresso Inter-Americano de Educação, visitou Belo Horizonte, a convite do Sr. Arcebispo o Exmo. Mons. Mário Ginetti, assistente da Sagrada Congregação dos Seminários para a América do Sul. Prolongou-se sua honrosa visita por mais de três semanas, o que lhe proporcionou inteirar-se minuciosamente da situação do Seminário e da Arquidiocese — a concluir, pelo menos do número de pessoas com quem se entendeu e dos detalhes de que cuidou. Esteve diversas vezes no Seminário, cujas dependências, inclusive cosinha e dispensa, teve ocasião de examinar. Declara-se o Sr. Arcebispo encantado com a visita que reputa 'das maiores graças concedidas à Arquidiocese'. Embora Mons. Ginetti declarasse repetidamente não trazer nenhuma missão oficial, sugeriu diversas medidas relativas ao Seminário, conforme constará do Livro da Congregação dos Professores. Também nós esperamos que sejam grandes os resultados dessa visita de tão ilustre personalidade.

— Como no curso das entrevistas surgiram diversas referências à direção do Seminário, julgamos bem consignar aqui alguma coisa para constar futuramente.

Assim foram feitas acusações ao Reitor:

— de não se manter neutro entre as duas correntes que se debatiam (ou debatem) nesta casa; como provas, a presença do Pe. Orlando Vilela no dia 31 de maio para *falar sobre Maritain*, e a de Pe. Orlando Machado no dia 9 de agosto.

— É bom esclarecer que esses sacerdotes foram convidados pelos alunos; o Reitor não se julgou com direito de impedi-los, uma vez que têm uso de Ordens na Arquidiocese e merecem confiança do Arcebispo Metropolitano.

— O Reitor alimenta idéias avançadas em liturgia e Ação Católica, partilhando-as com certo sacerdote afastado do Seminário há alguns anos; prova: no dia 31 de maio, dia de N. S. Medianeira, promoveu festa de Sto. Tomás de Aquino, chamando ainda um sacerdote suspeito para falar acintosamente sobre Maritain. Entenda quem quiser e puder. Posso declarar que nunca li um livro inteiro de Maritain, nem alimento nenhum entusiasmo por esse discutido escritor. Em Ação Católica oriento-me pelo pensamento do Exmo. Cardeal Motta, que me fez assistente da A. C. em São Paulo. Quanto à devoção à Virgem SSma., declarei a Mons. Ginetti, se ela consiste em distribuir solenemente balas e doces aos seminaristas que maior número de terços rezarem em certos dias, e em coisas semelhantes, sou mesmo muito suspeito.

— O Reitor não usa da devida atenção para com os RR.PP. vindos de Roma...

— Não pretendo inocentar-me: pode ser que seja culpado. Apenas muitos mal-entendidos se teriam desfeito com um pouco mais de lealdade. Por exemplo: O Pe. Côn. Nanni queixou-se de ter o Reitor impedido que S. R. desse aula de Patrologia e incumbiu particularmente o R. P. Wiliam de fazer um Círculo dessa matéria aos seminaristas.

A verdade sobre o fato: o curso de Patrologia era dado juntamente com História Eclesiástica; ao assumir o ilustre professor italiano essa cadeira, informou Pe. Wiliam que virá nos meses anteriores justamente essa parte. Acertou o Reitor com o Sr. Côn. Nanni que no próximo ano se separariam as matérias. E, por sugestão deste, ficou no

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Horário a aula para o 2º ano, em ves do 1º ano. Isso também porque o Sr. Cônego recusava outras aulas além das duas de História Eclesiástica — e era necessário que tomasse as de Liturgia. Posteriormente, pediram alguns alunos licença para realizar um *Círculo de patrística*, sob orientação do R. P. Wiliam. Supondo que é coisa útil aos sacerdotes estudar patrística, concedeu o Reitor a licença — sem se preocupar, absolutamente, com a Patrologia. Se o ilustre professor de Lucca tivesse pedido um esclarecimento, muitas coisas pequeninas se teriam evitado. Entretanto, foi imediatamente suprimido o Círculo e o Sr. Cônego Nanni convidado a começar as aulas de Patrologia para os dois alunos do 2º ano que se encontram no Seminário presentemente. Este é o exemplo de certas coisas que ocorrem no Seminário e que lhe dão, às vezes, para quem examina, um 'ar de manicômio' — na expressão de Mons. Ginetti.

Esperamos que d'ora em diante, depois de tantos interrogatórios e encontros, tudo se esclareça e se possa viver mais tranqüilamente.

Do trato mantido com Mons. Ginetti ficou-nos tratar-se de pessoa inteligente e reta que conseguiu apreender bem a situação e depor os preconceitos que trazia de Roma e da Capital da República. Pedimos a Deus o ilumine bastantemente para regressar levando idéia justa da situação do Brasil — para bem da Santa Igreja (fl. 136-137v.).

7) *Renúncia do Reitor*. No fim do ano de 1951, o Reitor renuncia ao cargo e se despede do Seminário: "Deixando nesta data (18-12-1951) a Reitoria do Seminário, espero que N. Senhor me perdôe as incapacidades e omissões em obra tão capital. Certo que as circunstâncias são difíceis, que houve incompreensões e inexplicáveis oposições ao meu trabalho. Sou, porém, bastante leal para reconhecer que a falta de qualidades requeridas em minha pessoa foram o grande obstáculo. Por isso, resolvi depor o encargo, resistindo às instâncias do Sr. Arcebispo Metropolitano e, ultimamente, do Sr. Arcebispo Coadjutor. Digne-se Deus Nosso Senhor, pelas mãos da Virgem SS. cumular o Seminário de todas as bênçãos, afim de que possa reerguer-se à altura de sua missão formadora de santos sacerdotes e verdadeiros apóstolos do Evangelho" (fl. 139v.).

8) *Nosso Reitor* (Pe. Hilton Gonçalves de Sousa, que impõe duras condições para o exercício de sua função):

... 'que, como Reitor, me assista, de fato, o direito de aceitar ou recusar professores'. E S. Excia. me asseverou que nunca negara este direito ao Reitor.

'que me seja garantida a liberdade de excluir alunos que, porventura, se mostrem com idéias avançadas'.

Depois de um momento de reflexão, S. Excia me perguntou o que é que eu entendia por *idéias avançadas*. Respondi que assim denominava todos os exagêros e êrros condenados pelos últimos documentos da Santa Sé, de modo particular pela carta da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades aos Bispos do Brasil. S. Excia. fez-me então, afirmações muito graves:

a) que a referida Carta da Sagrada Congregação tinha sido *'tôda recalcada em documentos enviados de Belo Horizonte';*

b) que Mons. Ginetti tinha afirmado a S. Excia que o Remo. Pe. Luiz Pelágio Viegas, não deveria, por enquanto, lecionar, no Seminário;

c) que iria retirar o Revmo. Pe. Wiliam Silva e o Revmo. Pe. Pedro Contijo do Seminário e que haveria assim tranqüilidade a esse respeito. Que não era seu desejo contrariar, de modo algum, as normas da Santa Sé e que eu teria a liberdade de agir, nesta matéria" (fl. 141).

9) *Pedido de afastamento de um professor*. "...No mesmo dia 25 de abril o Reitor pediu também o afastamento do Remo. Pe. Luiz Pelágio Viegas. A razão apresentada é que ele pertence ao grupo de Padres de idéias avançadas. E ainda que, conforme dissera o Reitor, em dezembro, o Exmo. Sr. Arcebispo tinha uma observação" (fl. 143v.).[4]

4. Como se percebe, aqui o discurso se interrompe. Motivo: Seguem algumas folhas cortadas fora, por ordem expressa de Dom Cabral: "Por resolução nossa julgamos conveniente cancelar deste livro de Tombo do Seminário as folhas 144 ás folhas 149 por conter matéria imprópria e não conforme com a verdade, prestando-se a insatisfações descabidas. Belo Horizonte, 22 de Janeiro de 1954. Dom Antônio dos Santos Cabral" (fl. 150).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

APÊNDICE XIV

Informações sobre o Movimento Litúrgico no Brasil, dadas por D. Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo de Uberaba (MG) (gravado em fita cassete, Roma, maio de 1980)

"Frei José Ariovaldo da Silva, recebi as suas duas cartas, a primeira datada de 25 de junho de 1979, em que o Sr. me pedia algumas notas pessoais minhas acerca do Movimento Litúrgico no Brasil...

Passo agora a responder ao seu pedido. Realmente tomei parte no Movimento Litúrgico no Brasil nos seus inícios. Posso dar-lhe impressões que talvez sejam úteis à sua Tese que o Sr. irá defender e que eu desejo seja brilhante e recoberta de muitos méritos. Eu posso lhe dar algumas informações que me parecem úteis.

No Brasil nós tivemos vários pioneiros do Movimento Litúrgico. Entre eles eu destacaria S. Emcia. o Sr. Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, quer como Reitor do Seminário em que estudei, em Belo Horizonte, o Seminário do Coração Eucarístico de Jesus, quer como Bispo Auxiliar de Diamantina, quer como Arcebispo de São Luis do Maranhão, quer como Cardeal Arcebispo de São Paulo. S. Emcia. sempre foi vigoroso defensor deste Movimento salutar. Ao lado do Cardeal Motta eu colocaria Dom Antônio dos Santos Cabral, o saudoso Arcebispo de Belo Horizonte. Este, com o vigor que lhe é característico, e com a sua energia, conseguiu implantar e defender o Movimento Litúrgico em toda a Arquidiocese de Belo Horizonte. Salientaria ainda o papel de Dom Hugo Bressane de Araújo, que trabalhou muito, escreveu muito, sobre este Movimento. Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas foi um outro dos precursores. Os seus escritos, as suas Pastorais, os documentos oficiais à sua Diocese e Arquidiocese, tudo isto demonstra o zelo apostólico de que ele estava possuído. Em Belo Horizonte uma equipe de sacerdotes: entre eles, o Pe. José Medeiros Leite, mais tarde nomeado primeiro Bispo de Oliveira, Dom José Medeiros Leite, o seu irmão Mons. Leão Medeiros Leite, Pe. Agnaldo Leal, Mons. Álvaro Negromonte. Todos nós militamos neste Movimento. Eu tinha a alegria e a honra de me encontrar entre eles neste Movimento tão belo, tão consolador, que produziu frutos verdadeiramente animadores. Entre os leigos eu salientaria uma jovem que foi presidente da Juventude Feminina de Ação Católica, e atualmente é Abadessa do Mosteiro das Beneditinas, Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, em Belo Horizonte, Maria de Lourdes Ribeiro, que hoje é Dona Luzia, beneditina. Esta, com umas 80 companheiras, conseguiram também dar um incremento muito grande a este Movimento. Eu recordaria que somente para a vida religiosa, daquele grupo mais de 100 jovens se consagraram a Nosso Senhor, a maioria nos mosteiros beneditinos: em Nossa Senhora das Graças em Belo Horizonte, em Nossa Senhora da Glória em Uberaba, Santa Maria em São Paulo, Nossa Senhora do Monte em Pernambuco, e também em Juiz de Fora um outro mosteiro com estes elementos que saíram deste Movimento tão consolador. Quem batalhou muito também foi Dom Martinho Michler, que era então Mestre de Noviços. Mais tarde foi o Abade beneditino do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro. E enquanto Dom Martinho era Mestre de Noviços estava como Abade Dom Tomaz Keller. Escreveu este um folheto importantíssimo sobre a Missa dialogada, e incrementou muito o Movimento, sobretudo entre os jovens do Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, em São Paulo, em Juiz de Fora. Eles realizaram trabalhos muito eficazes e muito importantes.

O Sr. me pede que diga alguma coisa acerca da Missa *versus populum*, se eu teria sido o primeiro a celebrar *versus populum*. Não é verdade histórica isto. Não fui o primeiro. Fui dos primeiros. Outros antes de mim, como Dom Antônio dos Santos Cabral, já a celebraram também. Mas confesso que tomei parte, com bastante vigor, neste Movimento.

Também o Sr. me pede informações acerca de alguns episódios engraçados. Eu relembraria que, por volta de 1940/41, o então Vigário Geral do Rio de Janeiro, que foi mais tarde Bispo auxiliar, Mons. Costa Rêgo, em um documento oficial da Cúria declarou proibida a Missa dialogada. Evidentemente não havia fundamento para esta afirmação, conquanto tivesse sido feita oficialmente.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Outro episódio engraçado foi quando morreu uma jovem que, por sinal, era parenta de Dom Antônio Lustosa, que foi Bispo de Uberaba, depois Arcebispo de Fortaleza no Ceará, tendo passado primeiro pela Arquidiocese de Belém do Pará. Quando morreu esta parenta de D. Lustosa, Helena Lustosa, correu pelo Brasil inteiro uma série de comentários sem fundamento algum, destituídos de bases históricas. Isto, a mim me parece, foi colocado até em um livro que foi editado por aí, e muito discutido. Disseram que Helena Lustosa teria pedido que em lugar do Terço lhe deixassem a boina de Ação Católica no seu caixão. Não é exato. O seu Terço foi enrolado nas suas mãos. A boina também o foi, porque era o distintivo da Ação Católica, e ela militou vigorosamente e edificantemente nos quadros da Ação Católica. Mas correu no Brasil inteiro a notícia de que em Belo Horizonte as heresias eram tão grandes a ponto de ser supresso o Terço e ser substituído por uma boina de uma jovem de Ação Católica. São coisas que provocam certo ridículo, sem dúvida.

Posso lhe dar uma outra informação. Logo que cheguei a Uberaba, encontrei o Movimento implantado pelo meu antecessor, Dom Frei Luís Maria de Sant'Ana. Dom Sant'Ana trabalhou muito neste Movimento também. Com aqueles elementos que encontrei ali, procurei incentivar este Movimento Litúrgico que em realidade deu ótimos frutos. Para resumir, basta dizer que só a Diretoria da Juventude Feminina de Ação Católica se consagrou toda a Nosso Senhor em um Mosteiro beneditino, por sinal, de Santa Maria, em São Paulo.

Naquela ocasião, convidei, em 1941, a Dom Martinho Michler para fazer uma Semana de Ação Católica. E Dom Martinho me pediu a autorização para celebrar *versus populum* para aquele grupo. E eu, temendo o futuro, disse a ele: 'Darei com muito prazer. Mas vamos fazer a coisa bem documentada'. Eu lhe ofereci um papel timbrado da Cúria; ele fez o requerimento e eu coloquei-o como pede, dando a permissão necessária. E assim ele celebrou *versus populum* durante todos aqueles três dias daquele encontro de Ação Católica. Pois bem, uns quarenta dias depois que ele voltou para o Rio, ele me escreveu uma cartinha dizendo que aquela semana foi proveitosa, mas que lhe ofereceu algumas gotas amargas.

Eu recebi do Núncio Apostólico Dom Bento Aloisi Masella que foi o futuro camerlengo de três Papas, recebi uma carta muito delicada, em que S. Excia. me pedia informações acerca do fato de haver Dom Martinho celebrado *versus populum*. E acrescentava na sua missiva, o então Núncio Apostólico, que era alguma coisa proibida pela Santa Sé. Em resposta a S. Excia., eu disse que, de fato Dom Martinho celebrou *versus populum* na minha Diocese. Mas o mais grave não era que ele tinha celebrado. O mais grave seria que eu dei a licença oficialmente. E, naturalmente, se era proibida esta celebração *versus populum*, o responsável era o Bispo de Uberaba. E eu assumia totalmente a responsabilidade. Eu me comprometeria a dar um ato oficial explicando ao clero e aos leigos o erro em que caí. Mas, para corrigir um erro é preciso que se conheça qual seja o erro. Então eu pediria a S. Excia. Revma. que me indicasse qual era o ato oficial da Santa Sé, proibindo a Missa *versus populum*, porque eu não conhecia. Se errei, foi simplesmente por ignorância, e. não por malicia. S. Excia. Revma. não me respondeu.

Quando houve o Congresso Eucaristico Nacional em São Paulo, em 1942, eu procurei visitar o Sr. Núncio Apostólico na residência em que ele se encontrava hospedado. Levei o 'xerox' da carta que ele me enviou e da carta que eu respondi. E lhe pedi: 'V. Excia. terá a bondade de me indicar qual é o ato oficial da Santa Sé, porque eu deverei publicar um ato oficial na minha Diocese, penitenciando-me do erro em que incidi, permitindo a Missa *versus populum*'. E S. Excia., batendo-me benevolamente a mão no ombro, me disse: 'Monsenhor, este assunto é morto'. Eu lhe respondi: 'Não, Excia., mas para mim é muito grave. Pois se eu desobedeci a uma norma da Santa Sé, tenho obrigação de corrigir-me, imediatamente de pedir a minha renúncia ao Bispado, porque, no futuro, quando eu publicar qualquer documento oficial, o clero e o povo, todos irão dizer: Vamos esperar um pouco que o Núncio lhe puxe as orelhas, para ele depois voltar atrás'. S. Excia. me disse que mandaria depois a indicação. E eu respondi: 'Eu espero durante 15 dias. Se V. Excia. não me mandar a indicação do documento *oficial* da Santa Sé, eu lhe escreverei outra carta cobrando esta resposta'.

Voltei para a minha Diocese. Esperei 2 meses. Não velo carta alguma. Então, eu escrevi de novo para S. Excia., dizendo, numa recordação suscinta do fato, dizendo que conservava a fotocópia da sua carta, a fotocópia da minha carta de resposta e o resumo

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

do que ele disse na visita que pessoalmente lhe fiz em São Paulo. E se S. Excia. não quisesse indicar-me qual o ato oficial da Santa Sé, eu tomaria a liberdade de lhe comunicar que eu recorreria à Santa Sé, pedindo a indicação desse ato oficial ou então a indicação da inexistência de uma proibição da Missa *versus populum*.

Então S. Excia. Revma. me escreveu uma carta amistosa, delicada, dizendo-me que, em realidade, não existia nenhuma proibição da Santa Sé. Neste momento, então, como bom sertanejo, como diz o nosso caboclo brasileiro, eu 'serrei de cima'! Escrevi-lhe uma carta dizendo que bem sabia disto, porque no título V do Missal — eu tenho uma edição ainda de 1860 — uma das rubricas diz assim: 'O sacerdote, ao primeiro *dominus vobiscum* se volta para o povo, a não ser que esteja celebrando *versus populum*'. Logo segundo o próprio Missal, segundo as rubricas oficiais, a Missa *versus populum* é permitida. E eu continuaria com muito prazer a dar permissão a quem quer que fosse, que me pedisse para celebrar *versus populum*.

São recordações um tanto amargas e um tanto divertidas.

O Sr. me pergunta ainda, em segundo lugar, na sua carta, que dizer acerca de um tal Mons. Ginetti, que teria ido em visita, em nome da Santa Sé, a fazer uma intervenção na Arquidiocese de Belo Horizonte e na minha então Diocese de Uberaba.

Posso lhe informar que Mons. Ginetti nunca esteve em Uberaba, nem pessoalmente, nem em nome da Santa Sé. Em Belo Horizonte esteve. De fato se apresentou como alguém que tinha autoridade para corrigir as 'heresias' de ordem litúrgica que existiam então em Belo Horizonte. Mas o Sr. Dom Antônio dos Santos Cabral, que não é brincadeira de criança, chamou-o ao Palácio Episcopal e lhe disse: 'V. Excia. vai me apresentar a sua documentação, para eu saber de que se trata. Eu quero ver quem foi que o designou para vir aqui corrigir erros, e quero saber quais são esses erros, que eu não cocheço'. Então, em face disto, Mons. Ginetti se recolheu ao silêncio. Eu não tive a ventura de o conhecer pessoalmente, mas Dom Cabral me disse, escreveu à Santa Sé, à Sagrada Congregação Consistorial, hoje Congregação dos Bispos, pedindo informações sobre o assunto. E a mim me informaram pouco depois que Mons. Ginetti não tinha nenhuma incumbência oficial da Santa Sé.

É isto que lhe posso informar, meu caro Frei José Ariovaldo.

Lá em Uberaba, eu tenho várias Cartas Pastorais, como artigos. Somente ao tempo do nosso *Correio Católico*, diário, eu tenho 4.982 artigos escritos, e em muitos destes é estudado o tema da Liturgia, do Movimento Litúrgico no Brasil. Se o Sr. tivesse um tempinho de ir a Uberaba, então eu lhe poderia mostrar documentadamente tudo.

Creio que para o Sr. uma coisa utilíssima seria o folheto a que me referi, de Dom Tomaz Keller, o antigo monge beneditino que fez um estudo completo, perfeito, sobre o assunto, e está publicado. Creio que no Mosteiro de São Bento do Rio, o Sr. poderia ter informações mais circunstanciadas acerca do assunto.

Era isto que lhe disse pessoalmente lá em sua casa, aqui em Roma, Via Merulana, e é isto que lhe deixo gravado aqui para o Sr. fazer o uso que desejar.

Formulo votos de que a sua Tese seja brilhante e seja proveitosa, rica de frutos para todos. Queira Nosso Senhor, pela intercessão da Virgem Imaculada, abençoar o Sr. e o seu trabalho, esta Tese que é tão fundamental, tão importante, sobretudo neste período pós-conciliar. Nosso Senhor o abençoe muito".

Observação anexa: Dom Amaral me referia dias antes que escrevera uma forte crítica ao livro *Em defesa da Ação Católica*, de P. Corrêa de Oliveira, e a distribuiu mimeografada para a Ação Católica, advertindo para os juízos precipitados e o clima de desconfiança que a obra criava.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

APÊNDICE XV

Carta de Alceu Amoroso Lima

"Petrópolis, 2-8-80.
Meu caro Frei Ariovaldo

Mistério da coincidência. Estava escrevendo um pequeno artigo em que trato do problema do Remorso, por ser sobre um autor de cujos livros nunca me ocupei e hoje li o último que muito me agradou. Tive remorso.

Como agora, encontrando sobre minha mesa, debaixo de outros papéis, sua carta de 4 de dezembro de 1979 (sic.). Que vergonha! Que remorso! Carta tão interessante. E, como sempre, não escrevo a máquina, tenho uma caligrafia péssima e... não saberia tampouco como responder às suas duas perguntas.

1. Realmente os dois cardeais com quem tive certa/ou muita, no caso de Dom Leme, intimidade, tiveram medo ou aversão ao movimento litúrgico. Dom Leme. Dom Jaime. Acredito que seja pelo mesmo motivo de temor de *inovar*, que lhes ficou da reação antimoderna/ou antimodernista de Pio X. Nossos bispos, em sua maioria, eram extremamente *conservadores*. E consideraram o movimento litúrgico, como um... *modernismo*. Só o Concílio Vaticano os despertou, tanto para a renovação *litúrgica* como para o movimento social. Hoje a C.N.B.B. está totalmente imbuída (totalmente não, mas 'pluralisticamente'), como acaba de *escrever* o Papa em seu depoimento a jornal de Cracóvia.

2. Quanto à influência de Dom Martinho na poesia, só mesmo Murilo Mendes e... Dom Marcos. Nem mesmo Jorge de Lima, que me consta. Nem Tasso da Silveira. Seria preciso uma pesquisa a ser feita. E não estou em condições de a fazer. Temos um crítico, Roberto Alvim Correia, mas é prosador, que sofreu ou se beneficia, de influência do Romano Guardini francês, Maurice Zundel, quando morou em França longos anos, *antes* da vinda de Dom Martinho para cá. Schmidt sim, de modo *indireto*. Talvez Murilo de Araujo, que acaba de falecer e pertenceu ao grupo *Festa*. Cecilia Meireles, também, mas não diretamente.

É tudo quanto posso dizer neste momento. Apreciei enormemente sua carta. Faço voto por que esteja aproveitando bem seus estudos em Roma.

Mande notícias. E receba, neste dia de Santa Maria dos Anjos, o pedido de *indulgência* que lhe faço por meu pecado...

Alceu Amoroso Lima
Estou todo dia no Sagrado!".

APÊNDICE XVI

Informações dadas por Alceu Amoroso Lima
(Entrevista gravada em fita cassete,
Petrópolis, maio de 1979)

José Ariovaldo: "Prof. Alceu, estou fazendo um trabalho histórico, um estudo histórico sobre o Movimento Litúrgico no Brasil, investigando o que é que houve no Brasil neste sentido. Restrinjo o trabalho até o Vaticano II, isto é, a partir de Dom Martinho até o anúncio do Concílio... Há quem diga que o Movimento Litúrgico teria começado antes, com Dom Gaspar Lefebvre, com o seu Missal...".

Alceu (interrompendo): "Aí não era ainda propriamente o Movimento Litúrgico. Era o movimento do Missal. Mas foi realmente Dom Martinho quem começou o Movimento Litúrgico. Antes dele, apenas havia esse movimento do Missal. Era muito corrente o costume de acompanhar a Missa com o rosário. Nós estávamos nesse tempo destituídos do Jackson de Figueiredo, tínhamos fundado a Coligação Católica Brasileira, que incluía

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

o Centro Dom Vital, que era um desdobramento do Centro Dom Vital. E na Coligação Católica Brasileira foi criado o movimento da Ação Universitária Católica, chamada AUC — até os estudantes socialistas caçoavam que eram os 'Auceus'... Então, realmente, aí, com a AUC, e com a vinda de Dom Martinho e de Dom Tomaz Keller (Dom Tomaz Keller é brasileiro, Dom Martinho é alemão) é que começou o Movimento Litúrgico.

Nós queríamos criar na Ação Universitária Católica várias comissões, vários grupos de estudantes das várias Universidades. Havia os de Direito, os de Engenharia, e os de medicina. Estas eram naquele tempo as três grandes Faculdades. E juntamente com esses grupos criou-se uma Comissão de Liturgia, uma Comissão Litúrgica. E o primeiro contacto que houve com a Comissão Litúrgica, foi justamente uma introdução no sentido de seguir a Missa em latim, pelo Missal. É o movimento do Missal, um movimento do qual inclusive era nosso assistente o Mons. Leovigildo Franca. Ele foi sempre muito animado com esses movimentos novos na Igreja.

E começou a haver divergências entre aqueles que queriam seguir a Missa livremente ou então rezando o Rosário, e aqueles que introduziram o Missal como sendo uma grande novidade, em latim. É o Missal que eu tenho. O Missal foi até minha filha beneditina — eu tenho uma filha beneditina — que me deu. E eu leio depois da Missa, eu sempre leio as orações após a Missa nesse mesmo Missal que usava naquele tempo, ou outros usavam, porque o meu foi roubado.

Mons. Franca o introduziu na paróquia dele, que era a Paróquia do Sagrado Coração, na Rua Benjamim Constant, ao lado do Palácio São Joaquim. Teve uma grande tensão, um grande choque com as senhoras que seguiam a Missa dele. E houve, realmente, uma grande divergência entre o vigário que queria introduzir o Missal como sendo o modo correto de seguir a Missa, seguindo as palavras do padre, lendo as palavras do padre, tudo em latim, e as senhoras. O primeiro choque foi entre o Mons. Franca e as suas "beatas".

Eu me lembro até um dia que ele me contou o seguinte: Houve na igreja, imediatamente, duas correntes: a corrente dos 'rosarianos' e a corrente dos 'missalistas'. E, passados alguns meses, depois que o Mons. tinha conseguido que as 'beatas' adquirissem o Missal do Dom Beda, um padre, Mons... — era vigário lá de Vila Isabel —, foi fazer uma conferência lá na paróquia dele. E, no decorrer da conferência, disse que 'esse negócio de usar o Missal era um *elitismo*'. Era uma palavra consagrada, e foi empregada inclusive em relação a Dom Martinho pelo Cardeal Câmara, que disse que o Dom Martinho estava fazendo um movimento *elitista*, um movimento de reza de orações em latim, separados da tradição brasileira, que era seguir a Missa através do Rosário.. "

José Ariovaldo: "Desculpe interromper. Mas quem teria dito isto?

Alceu: "Foi o Cardeal Câmara! O Cardeal Câmara que era muito contrário!. O Dom Leme, por sua vez, tinha certas reservas. Eu me lembro de Dom Leme, ir lá ao nosso Centro Dom Vital que era patrocinado por ele — e eu estava ligado muito a Dom Sebastião, não é? — e ver a capela nova que nós fizemos justamente para o grupo dos 'litúrgicos', e ele dizia 'Hi! lá vêm essas velas baixas e gordas!'.

Bom, o fato é que foi realmente a vinda de Dom Martinho... Não me lembro bem se Dom Tomaz Keller começou antes de Dom Martinho ou depois de Dom Martinho. Isso eu não posso afirmar. Mas isso o Sr. certamente conversará com Dom Martinho, e ele poderá dizer. E, sobretudo, uma pessoa com quem o Sr. deve conversar é com Dom Clemente, se for possível. Porque ele é que foi o pai do grupo, de todos os participantes do Movimento Litúrgico.

Em 1932/1933 nós fomos para a Praça 15 de Novembro. Lá o Cardeal nos cedeu o velho convento dos Carmelitas que estava parado há muito tempo por causa de uma questão com o Governo, e onde ele queria construir uma Universidade Católica. Eu tinha assumido a presidência em 1928. Aí, em 1932/1933, é que nós organizamos a Coligação Católica Brasileira, que incluía o Centro Dom Vital, AUC dos estudantes, a coligação dos operários. Havia um grupo que se chamava ABC (Associação das Bibliotecas Católicas): era um grupo de associações reunidas que formavam a Coligação Católica Brasileira.

E com os estudantes, entre os estudantes, entre os jovens justamente, entre eles é que nasceu o movimento de solicitar dos beneditinos uma colaboração para o Movimento

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

do Missal. Desse grupo faziam parte os atuais beneditinos como Dom Clemente, Dom Inácio, Dom Basílio Penido... Era um grupo que eu chamei até — eu escrevi um artigo naquele tempo — chamei "De Doutores a monges", quando este grupo de rapazes, das várias Faculdades, entraram para o Mosteiro.

Mas foi realmente a vinda de Dom Martinho que criou um movimento e uma *cisão* entre os estudantes, entre as partes jovens. Houve uma cisão entre os 'ativistas' e os 'liturgistas', imediatamente. Dos 'liturgistas' era esse grupo que hoje são Abades, são reitores... Um grupo de uns sete ou oito... Agora, da parte dos 'ativistas', são aqueles que queriam fazer Ação Católica *social*. O que mais se destacou era o Luís Augusto Rego Monteiro. Eram dois: Rubens Porto e Luís Augusto Rego Monteiro. Este era o mais ativo, o que tinha tomado parte muito forte, já ainda no tempo da vida do Jackson, no movimento dos estudantes contra Calles. Tinha havido um movimento antes de 1928 (aí por 1925/26/27), que Jackson patrocinou muito violentamente, pouco antes de morrer, contra o México. Era exatamente no tempo da perseguição do Calles e outros. Então, esse Luís Augusto Rego Monteiro fazia parte do grupo dos estudantes católicos. Não tinham naturalmente uma organização, mas depois o Jackson aproximou... Quando veio o Alceu, nós congregamos tudo isso. Neste momento, então, processou-se uma cisão entre os 'ativistas' — o Luís Augusto Rego Monteiro tornou-se chefe dos 'ativistas' — e os 'litúrgicos', que fizeram até questão de imediatamente se organizar, fazer uma capela dentro da nossa associação, numa sala para conferências.

E essa cisão era uma cisão interna... Eu vou lhe contar até um pequeno episódio que se deu quando, por essa época mais ou menos, se organizou a Liga Eleitoral Católica. A Liga Eleitoral Católica congregou mais ou menos os dois grupos. Todos eles se puseram a pedido do Cardeal Leme. E eu, secretário geral da Liga. Era a primeira vez que se metia em política. A Liga Eleitoral Católica se constituiu na parte da mobilização eleitoral, porque a primeira função dela foi despertar, nos católicos sobretudo, através de uma lei que tinha aparecido naquele momento que dava o voto às mulheres, o interesse pela eleição. Então, na Liga Eleitoral Católica, o primeiro movimento era criar movimentos, criar o interesse, criar grupos nas paróquias, interessar... Então as mulheres... O Pe. Franca escreveu um livro sobre o voto das mulheres. Um movimento realmente... Eu acredito que o movimento das Comunidades de Base hoje no Brasil, que é um dos movimentos mais ativos nesse momento, não é maior do que o movimento que houve na Liga Eleitoral Católica. A questão é que a Liga Eleitoral Católica interessou às classes velhas. Era realmente no sentido burguês do tempo. E as Comunidades de Base vão ao povo... Então houve este pequeno episódio. Havia esse entusiasmo da mocidade, que lutava, ou seja pela oração (a litúrgica), ou seja pela ação. Isso foi congregado na Liga Eleitoral Católica. E então, um dos elementos mais vivos da mocidade na colaboração com a Liga, o Dom Clemente — talvez ele nem se lembre! — entusiasta de Dom Martinho, um dia foi ao meu escritório, a propósito da Liga. Ele sempre visitava as Ligas, os grupos nas Paróquias, subúrbios até. Tinha havido lá no quadro negro do Centro Dom Vital, estava lá, como é?: 'Rubens Porto é um idiota... um tolo... Rubens Porto é um tolo, um boboca', uma coisa assim. E eu desconfiei de Dom Clemente, desconfiei. Dom Clemente era um dos que estavam mais entusiasmados pela Liturgia, pelo Movimento Litúrgico. E quando Dom Clemente foi lá no meu escritório para falar comigo sobre a Liga Eleitoral Católica, eu disse: 'Olha, Dom Clemente' — ele não era Dom Clemente, era José Carlos — 'olha, José Carlos, eu vi uma coisa muito desagradável lá no Centro, e foi falado por causa disso, foi essa palavra. Não sei quem escreveu, nem quero saber, nem nada. Vocês estão brigando bobamente. Afinal de contas, todos nós queremos ação e queremos oração ao mesmo tempo. Eu estou muito desejoso também. Admiro a vinda de Dom Martinho' — eu tinha lido Dom Guéranger, tinha lido o Guardini, o *L'Esprit de la Liturgie*. Eu estava muito entusiasmado também. Mas, como presidente, era muito equidistante entre o social e o litúrgico, entre ação e oração — 'Isso é uma coisa muito desagradável. Vocês estão brigando demais, não?'. O Dom Clemente ficou muito calado. Não disse nada. E foi embora. No fim de um quarto de hora, voltou o José Carlos, vermelho como um camarão, e disse — mas foi um gesto bonito dele!: — 'Dr. Alceu, eu vou lhe dizer uma coisa. Quem escreveu aquela frase fui eu'. Um gesto muito bonito mesmo! E eu respondi: 'Ora, José Carlos, eu não quero saber se foi você, nem quem é e quem foi, nem nada. Eu só digo para vocês não brigarem tanto, porque, afinal de contas, um movimento bonito é um movimento de aglutinação da mocidade. Vocês estão fazendo uma coisa formidável. A paz social dentro da Ação Católica, a parte litúrgica, de oração...'.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Lembro o fato da primeira conferência de Dom Martinho. Eu penso que Dom Martinho foi antes de Dom Keller... Então, a conferência: a primeira, num português extremamente mal. Não falava errado, mas falava mal. Ficou tão nervoso que, quando foi para a Tijuca, ele teve que sair do bonde para vomitar. Tinha ficado tão nervoso! Era o primeiro contato com a mocidade. Mas aí nascia, nascia realmente o Movimento Litúrgico. Então este movimento se desenvolveu logo, imediatamente, através de nossos retiros espirituais na Quaresma, lá no S. Bento. E com a contribuição que veio trazer a entrada dos rapazes, que foram entrando pouco a pouco...

Dom Leme era muito espiritual. Mas não via com muito bons olhos o Movimento Litúrgico. E o sucessor de Dom Leme era ainda pior. Então, o que havia neste momento, as dúvidas que haviam, neste momento, dentro da Igreja, eram dos jesuítas contra Maritain, porque o Maritain veio juntamente com o Movimento Litúrgico. Maritain era justamente o traço de união, digamos assim, entre os 'sociais' e os 'litúrgicos'. E eu estava muito com Maritain. Eu gostava de Maritain, que era de uma espiritualidade muito mística e, ao mesmo tempo, muito social, restaurando a democracia, a democracia cristã que nascia pouco depois...

E o Movimento Litúrgico, então começou..., através destes rapazes muito entusiasmados. Dom Leme não via com muito bons olhos. Ele era muito espiritual, mas de uma espiritualidade muito teresiana, uma espiritualidade muito mais individual, muito mais ligada aos carmelitas. Para qualquer movimento, qualquer dificuldade, ele tinha que telefonar imediatamente para os conventos, onde buscava a base para a ação. Era muito espiritual. Muito sobrenatural. Isto era verdade. Mas não era muito com os beneditinos. Quem era com os beneditinos foi o Mons. Franca. O Mons. Franca era muito com os beneditinos. Dom Leme era muito dos jesuítas, tanto assim que entregou a Universidade aos jesuítas, e deu o Mons. Franca como assistente, como diretor espiritual ou eclesiástico, ao Centro Dom Vital. Quem patrocinou do ponto de vista litúrgico a Igreja, foi o Mons. Franca. Isso que é verdade. Tanto assim que eu, com Maritain, Mons. Franca com a Liturgia, tivemos logo dificuldade quando veio o Cardeal Câmara. Com Dom Leme a coisa ia muito bem, porque Dom Leme, como se sabe, dava muita importância à primazia do sobrenatural, do espiritual (lembremos Maritain, *Primauté du Spirituel)* e à entrada da Igreja na política, no sentido da mobilização do laicato, da participação da Igreja num programa político. Tanto que teve dificuldade com alguns Bispos...

Mas o Movimento Litúrgico nasceu na Praça 15, na Coligação Católica Brasileira, no grupo dos rapazes, um grupo dos 'litúrgicos' que já visavam passar das escolas para a vida, coisa que naquele tempo era novidade total.

Antes, realmente, das obras religiosas, aquelas que tinham um *apeal* no sentido espiritual, eram os jesuítas. Os beneditinos tinham de certo modo decaído enormemente, sabe disso. Os beneditinos chegaram a uma decadência enorme no princípio da República, porque não havia monges, não havia nada, tanto assim que houve o caso de um padre em São Paulo, que tinha se metido muito em obras sociais, compras de terrenos lá no norte do Brasil... De sorte que a Ordem ficou em péssima situação financeira, uma situação pior do mundo, numa dependura total... E não havia padres. E a Ordem estava *depenada.* Havia abusos. Os beneditinos eram considerados "frades" no sentido mau, pessimista, do termo. Foi justamente aí que veio um interventor, um Abade belga. E a Ordem começou a se renovar..., e a renovar, principalmente através dos retiros espirituais... Eu me lembro muito bem do primeiro retiro que nós organizamos. Participando pela primeira vez. Lembro-me das conversas. Lembro-me, depois, de Dom Martinho. Lembro-me da palavra *Liturgia,* que para nós era apenas uma festividade, um ritualismo, as cerimônias externas. O *sentido* da cerimônia, o sentido da presença através das cerimônias, todo o cristianismo, todo o drama do cristianismo, toda a história do Cristo, a própria palavra *Liturgia,* que para nós era apenas vela acesa, tudo puramente festivo, exterior, isso veio como *revelação.* O sentido concreto, ao mesmo tempo físico, psíquico e sobrenatural de cada uma das cerimônias como integradas ao todo, o sentido de comunidade... Foi o que realmente muito nos animou: o sentido de comunidade, da devoção coletiva e monástica, no sentido da *vida de comunidade,* que era aquilo que os sociais queriam dentro da Ação Católica.

Então houve aí uma tensão entre as autoridades eclesiásticas: o próprio Dom Leme. E Dom Jaime! De Dom Jaime, me lembro, no dia em que tivemos um encontro. Mons. Franca — que era o nosso assistente — e eu, fomos chamados por ele, e ele disse a

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

mim que nós estávamos fazendo um *elitismo*, um *aristocratismo*... Saímos de lá pensando, tanto Mons. Franca como eu: Assim nós não podemos continuar! E eu que sentia realmente que as idéias de Maritain faziam parte de minha conversão! Eu tinha me convertido em 28. Elas estavam fervendo em mim. O social, sem dúvida. Mas o espiritual!... A mim o importante era exatamente a descoberta desta ligação entre o social com o espiritual contra o burguês. Essa que era a minha fechadura do triângulo. Era o antiburguesismo que tinha diminuído totalmente o sentido da Igreja, no sentido festivo, exterior, e a Liturgia no sentido de participação litúrgica no sacerdócio. Como a Ação Católica diz que todos nós somos sacerdotes. Aí!, através da participação nas cerimônias da Igreja, que não são apenas cerimônias de salas de visitas, são vida! E ao mesmo tempo da ação, ação política inclusive...

Os retiros em que nos reuníamos todos os anos na Quaresma para viver três dias praticamente no Mosteiro, fizeram uma ação grande, muito grande, através sobretudo da ação crescente, do prestigio crescente de Dom Martinho que, ao mesmo tempo, foi um mobilizador também de vocações, sobretudo em Minas. Em Minas então ele teve um enorme sucesso para captar... Por exemplo, a Dona Luzia — a Dona Luzia é realmente um grande valor pessoal — foi que realmente ficou presa através de Dom Martinho. Em Juiz de Fora...

Esse movimento foi, pois, se empolgando e transformando-se em restauração no sentido monástico também, da vida monástica e da vida intelectual no sentido de uma ligação entre oração e ação. Mas tudo isso nasceu realmente da ação pessoal de Dom Martinho, presidida por este movimento de utilização do Missal...".

APÊNDICE XVII

"Liturgia — Razões profundas do movimento litúrgico" (Das Resoluções do Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, 7 a 12 de agosto de 1943)[5]

— Levar pouco a pouco os fiéis e sobretudo os alunos e alunas de colegios e institutos religiosos, á participação ativa no Santo Sacrificio (renovar periodicamente a benéfica campanha do missal).

— Á compreensão mais profunda da santidade e virtude santificadora dos Sacramentos.

— A comungarem, sempre que for possivel dentro da Santa Missa.

— A se unirem sempre mais á vida de oração oficial da Igreja, pois "a origem primaria e indispensavel do verdadeiro espirito cristão é a participação ativa nos misterios sacrosantos e na oração publica e solene da igreja (Pio X).

— A não se comportarem mais passivamente durante a missa.

— O Congresso de A. C. lembrando que o conhecimento exato da liturgia, não apenas considerada como cerimonial mas apoiada no dogma, concorre admiravelmente para aproximar o povo do sacerdote, reconduzi-lo á Igreja, nutrir sua PIEDADE, consolidar a fé e melhorar a vida (Bento XV aos organizadores do Congresso Liturgico de Monserrate — Julho de 1915); reconhecendo a conexão que há entre a oração oficial da Igreja e a SANTIFICAÇAO (Pio XI, "Divini Cultus"); sendo ela o dogma falado pela Igreja, — (Catecismo de Pio X) exorta a "ambos os cleros afim de que sob a direção dos Bispos e Ordinarios locais, trabalhem com afinco para realizar a educação liturgica e musical do povo como algo unido á doutrina cristã" — ("Divini Cultus").

Como o apêlo dos Papas a uma VOLTA á Liturgia (Pio XI em carta ao P. Gemeli sauda o "RETORNO que não está longe", da grande familia catolica a uma participação amante e inteligente da sagrada liturgia — R. Lit. T. XXI — 1934) não é um convite

5. Cf. *Resoluções do Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, de 7 a 12 de agosto*, Belo Horizonte 1943, 7-8.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

a abandonar ou restringir as praticas de piedade pessoal, pois a fusão destes dois aspectos da religião — o culto a Deus e o esforço individual para a perfeição — é o mais salutar genero de vida espiritual para todos; como não se trata de suprimir as devoções APROVADAS pela Igreja mas apenas de "subordina-las ao culto oficial" em uma hierarquia de valores que deve ser respeitada sem oposição, o Congresso exorta os Assistentes Eclesiasticos quando exercendo as funções de Diretores Espirituais a RECOMENDAREM aos seus dirigidos as mesmas praticas tão insistentemente inculcadas pelo direito canonico aos clérigos (Canon 125), deixando-se a liberdade de métodos que, se bem excelentes e aprovados, não são contudo exclusivos.

— O que importa é levar os fieis á consciencia de seu papel ativo sobretudo na Missa, penetrando na alma do Sacrificio que é a oblação, unindo-se a J. Cristo, Sacerdote principal, pelo seu Ministro, para o que é necessario ter-se maior compreensão do carater sacramental.

— Na Diocese de Belo Horizonte este movimento se orientará pela Pastoral sobre A. C. (14 — IV — 943) e sobre a Pastoral Coletiva (25 — XII — 1941).

— Estimular a pratica dos Retiros Espirituais recomendados pelo S. Padre na Enciclica "Mens Nostra" (20-XII-929) e pelo Concilio Plenário Brasileiro (159, paragrafo 2) bem como dos especializados e dos dias de recolhimento.

— Devem-se excluir as musicas profanas e que o Gregoriano, musica sacra onde se encontram "no mais alto grau" as qualidades proprias da Liturgia, seja preferido por todos, devendo o seu estudo ser inculcado nos Institutos desde a mais tenra idade (C. P. B., 364-366).

— Como parte integrante da Liturgia, a MUSICA SACRA não tem por finalidade despertar nos que a ouvem meros sentimentos estéticos, ainda que seja verdadeira arte, mas sobretudo o seu fim é a "gloria de Deus, a santificação e edificação dos fieis".

— Quanto á admissão de outros generos de musica, siga-se a norma de Pio X: uma composição é tanto mais sagrada e liturgica, quanto mais se aproximar do Gregoriano; tanto menos digna quanto mais se afastar deste "supremo modelo"; (Motu proprio — 22 — XI — 1903).

— Que os fieis, na MEDIDA DO POSSIVEL, cantem a Missa (C. P. B. — 366, paragrafo 2°).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Bibliografia

I. FONTES PRIMÁRIAS

1) Documentos eclesiásticos [1]

PIO X, Motu Proprio "Tra le sollecitudini" [22-11-1903], *ASS* 36 (1903-1904), 329-339 [No Brasil, publicado em tradução portuguesa em *O Diário* 5-11-1943, 2; *id.* 7-11-1943, 2; *id.* 9-11-1943, 2].

SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CONCILIO, Decreto "Sacra Tridentina Synodus" ["De dispositionibus requisitis ad frequentem et quotidianam Communionem eucharisticam sumendam" — 20-12-1905], *ASS* 38 (1905-1906), 400-406 [No Brasil, publicado em tradução portuguesa em *A Ordem* 41 (jan. fev. 1949), 52-62].

Pastoral Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Provincias Ecclesiasticas de São Sebastião do Rio de Janeiro e Mariana (communicando ao clero e aos fiéis o resultado das Conferências dos mesmos, no Seminário Archiepiscopal de Mariana, de 2 a 12 de agosto de 1907), Rio de Janeiro 1907.

Pastoral Collectiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Provincias Ecclesiasticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuyabá e Porto Alegre (communicando ao Clero e aos Fiéis o resultado das Conferencias dos mesmos realisadas na cidade de São Paulo, de 25 de setembro a 10 de outubro de 1910), Rio de Janeiro 1911.

Constituições Diocesanas das Provincias Ecclesiasticas Meridionais do Brasil, Rio de Janeiro 1915.

Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, arcebispo metropolitano de Olinda, saudando a sua archidiocese [16-7-1916], Petrópolis 1916.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Decreto "De coetu fidelium sacro adstantium: an respondere possint coniunctim pro ministro, vel legere elata voce quae sunt canonis" [4-8-1922], *AAS* 14 (1922), 505.

A Paróquia. Carta Pastoral de Dom José Pereira Alves, quando Bispo de Natal, saudando aos seus diocesanos, [8-6-1923], Col. "Sal Terrae" para o clero 8, Petrópolis 1923.

Carta Pastoral de Dom José Mauricio da Rocha, Bispo de Bragança (Estado de São Paulo). Ação Católica [15-8-1935], São Paulo 1935.

Imperativos da atualidade. Vigesima Carta Pastoral de Dom João Becker, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, em comemoração do seu jubileu arquiepiscopal, Porto Alegre 1937.

1. Incluem-se sob este título alguns documentos pontifícios mais discutidos e estudados pelo Movimento Litúrgico no Brasil, Concílio Plenário, Sínodos (arqui)diocesanos, Cartas Pastorais, Circulares, Instruções de Cúria arquidiocesana e documentos da CNBB. Seguem em ordem cronológica.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Carta Pastoral de Dom Frei José Haas, O.F.M., Bispo de Arassuahy, saudando os seus diocesanos [25-7-1937], Petrópolis 1937.

1ª Carta Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Bispo de Garanhuns [30-10-1938], Bahia 1938.

Concilium Plenarium Brasiliense (in Urbe S. Sebastiani Fluminis Ianuarii Anno Domini MDCCCCXXXIX celebratum, Sebastiano S. R. E. Card. Leme da Silveira Cintra S. Sebastiani Fluminis Ianuarii Archiepiscopo Summi Pontificis Pii PP. XII Legato a Latere Praeside) [Celebrado nos dias 1-20-6-1939], Petrópolis 1940.

Dom José de Afonseca e Silva, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, Pastoral de Saudação aos seus diocesanos [15-8-1939], São Paulo 1939.

Carta Pastoral do Arcebispo de Campos, Dom Octaviano de Albuquerque sobre o Sacrifício em geral e o Sacrifício da Missa em particular [10-10-1939], Campos 1939.

Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo de Uberaba, Carta Pastoral [8-12-1939], Uberaba 1939.

Carta Pastoral de Dom Francisco Borja do Amaral, Bispo de Lorena, apresentando suas saudações no Senhor [16-12-1941], São Paulo 1941.

Constituições Sinodais da Diocese de São Carlos [Sínodo celebrado nos dias 11-13-2-1941], Araraquara 1941.

Dom José de Medeiros Delgado, Bispo de Caicó, Primeira Carta Pastoral. Vida Cristã. Paróquia. Ação Católica [10-5-1941], Rio de Janeiro 1941.

Pastoral Coletiva do Episcopado da Provincia Eclesiástica da Paraiba sobre a Fé, a Moral, o Apostolado e o Culto [4-7-1941], João Pessoa 1941.

Corações ao Alto! Dom Frei Henrique G. Trindade, da Ordem Franciscana, Bispo de Bonfim, aos seus diocesanos (Primeira Pastoral) [8-7-1941], Petrópolis 1941.

Circular Coletiva do Episcopado Paulista [27-11-1941], São Paulo 1941.

Carta Pastoral de Dom Antônio de Almeida Lustosa, saudando aos seus diocesanos [30-11-1941], Fortaleza 1941.

Pastoral Coletiva do Episcopado da Provincia Eclesiástica de Belo Horizonte (contendo as determinações da quinta conferência episcopal da Província, realizada em Luz, de 17 a 20 de setembro de 1941) [25-12-1941], Belo Horizonte 1941.

"O Dia do Senhor" [Pastoral de Dom Aquino Corrêa — 21-5-1942] in.: *D. F. de Aquino Corrêa, SS., Arcebispo de Cuiabá, da Academia Brasileira, Cartas Pastorais 1935-1944*, São Paulo 1947, 141-166.

Segundo Sínodo da Arquidiocese de Porto Alegre (celebrado sob a presidência de Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, no mês de julho de 1942), Porto Alegre 1942.

Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica do Pará (Reunião dos Prelados da Amazônia, em Manaus, nos primeiros dias de julho de 1942, por ocasião do I Congresso Eucarístico do Amazonas [5-6-1942; sem outras indicações].

Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de Mariana (por ocasião das Conferências Episcopais realizadas em Congonhas do Campo) [21-11-1942], Pouso Alegre 1942.

Dom Fr. de Aquino Corrêa S.S., Arcebispo de Cuiabá. Oportet semper orare. Carta Pastoral sobre o dever da oração [2-2-1943], São Paulo 1943.

Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral, Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte [14-4-1943], São Paulo 1943.

"Circular do Arcebispo Metropolitano de São Paulo ao Clero sôbre as Semanas de Estudos da Ação Católica" [25-4-1943], *REB* 3 (1943), 527-530.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Vida litúrgica e práticas extra-litúrgicas" [Instrução do Vigário Capitular da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Mons. Rosalvo Costa Rêgo — 21-5-1943], *A Ordem* 30 (julho 1943), secção "Registro", 81-83.

"Sobre Missas Dialogadas. Instruções e determinações da Cúria Arquidiocesana do Rio de Janeiro" [Instrução do Vigário Capitular da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Mons. Rosalvo Costa Rêgo — 4-6-1943], *O Legionário* 13-6-1943, 2.

PIO XII, Encíclica "Mystici Corporis Christi" [29-6-1943], *AAS* 35 (1943), 193-248 [No Brasil, publicado no original latino em *REB* 3 (1943), 1027-1056; em tradução portuguesa, em *O Diário* 10-10-1943, 1-3, e em *O Legionário* 10-10-1943, 1. 6-7].

Ante-Projeto das Constituições Sinodais para o Sínodo Diocesano a ser celebrado em 1945, de 13 a 20 de maio [Arquidiocese de São Paulo], São Paulo 1943.

"Nótulas litúrgicas" [do Bispo de Sorocaba, Dom José Carlos Aguirre — 25-12-1943], *REB* 4 (1944), 465-470.

Ação Católica no Sertão. Segunda Carta Pastoral de Dom Frei Henrique Golland Trindade, da Ordem Franciscana, Bispo de Bonfim, aos seus diocesanos [30-8-1944], Salvador 1944.

Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Arcebispo Metropolitano, Pastoral de Saudação aos seus diocesanos [29-10-1944], São Paulo 1944.

Constituições do Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte. Esquema [sem outras indicações].

Primeiro Sínodo da Arquidiocese de Belo Horizonte. I. Decretos [Sínodo celebrado nos dias 8-10-11-1944], Belo Horizonte 1944.

Carta Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Arcebispo Metropolitano de Belém do Pará, Janeiro 1945 [sem outras indicações].

Carta Pastoral de Dom Justino José de Sant'Ana, Bispo de Juiz de Fora [13-6-1945], Juiz de Fora 1945.

Segundo Sínodo da Arquidiocese de S. Salvador da Baía (realizado na Igreja Catedral Basílica, pelo Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Dom Augusto Alvaro da Silva, nos dias 8 a 12 de setembro de 1945), Bahia 1945.

"Música Sacra" [Pastoral de Dom Jaime de Barros Câmara — 15-9-1945], in: *Cartas Pastorais de Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro e Ordinário dos Católicos de Ritos Orientais no Brasil*, Rio de Janeiro 1955, 99-129.

Carta Pastoral de Saudação, Dom Avelar B. Vilela, Bispo de Petrolina, 1946 [junho 1946; sem outras indicações].

"Relatório da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra do Rio de Janeiro" [5-9-1946], *REB* 6 (1946), 739-754.

1º Índice das Músicas Examinadas para uso litúrgico, pela Comissão Arquidiocesana de Música Sacra, Rio de Janeiro, Outubro de 1946, Petrópolis 1946.

Circular do Cardeal Arcebispo de São Paulo e dos Bispos Sufragâneos ao Revmo. Clero secular e regular da Província [12-12-1946], São Paulo 1946.

Primeiro Sínodo de Guarupé, 1947 [Sínodo celebrado nos dias 19-22. 1947 — sem outras indicações].

PIO XII, Encíclica "Mediator Dei" [20-11-1947], *AAS* 39 (1947), 521-604 [No Brasil, encontra-se publicada no original latino em *REB* 7 (1947), 959-1000; em português: *O Legionário* 14-12-1947, 3-5 e *O Legionário* 21-12-1947, 3-7; *Revista do Clero* (Arq. Rio de Janeiro) V (jan. 1948), 2-70; *O Diário*, a partir de 15-1-1948; e Pio XII, *Sobre a Sagrada Liturgia* (Mediator Dei), Col. "Documentos Pontifícios" 54, Vozes, Petrópolis 1948].

Segundo Sínodo da Arquidiocese de Fortaleza (realizado de 28 de outubro a 1º de novembro de 1947, no Palácio Arquiepiscopal da Cidade de Fortaleza), Fortaleza 1947.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Regulamentação do Apostolado Litúrgico" [de Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro — 25-6-1948], *Revista do Clero* (Arq. Rio de Janeiro) V, nº 8 (ag. 1948), 495-501.

"Normas Práticas decorrentes da *Mediator Dei*" [da Comissão Episcopal de Ação Católica — s. d.], *Rev. Ass. Ecl.* nº 14 (1948), 10-13.

Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M., Últimas palavras à Diocese de Bonfim. Terceira Pastoral [12-8-1948], Petrópolis 1948.

"Normas práticas para a Missa Dialogada" [da Comissão Arquidiocesana de Liturgia do Rio de Janeiro — 31-10-1948], *Revista do Clero* (Arq. Rio de Janeiro) V, nº 11 (nov. 1948), 754-757.

Primeira Carta Pastoral de Dom Luís do Amaral Mousinho, Bispo de Cajazeiras [28-11-1948], Olinda 1948.

Carta Pastoral de Dom Francisco Expedito Lopes, 1º Bispo de Oeiras, saudando seus diocesanos [Sobral, 12-12-1948 — sem outras indicações].

I Sínodo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro (convocado, presidido, promulgado pelo Exmo. e Revmo. Sr. Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo Metropolitano) [Sínodo celebrado nos dias 6-9-6-1949], Rio de Janeiro 1949.

Não nos iludamos e trabalhemos. Quarta Pastoral de Dom Frei Henrique Golland Trindade da Ordem Franciscana, Bispo de Botucatu [12-6-1949], Petrópolis 1949.

Dom Frei Inácio João Dal Monte, O.F.M.Cap., Bispo de Guaxupé, Pastoral de Saudação aos seus diocesanos [29-6-1949], Florianópolis 1949.

Carta Pastoral de Dom Frei Anselmo Pietrulla, Bispo de Campina Grande, Saudando seus diocesanos [4-10-1949], Salvador 1949.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS SEMINÁRIOS E UNIVERSIDADES DOS ESTUDOS, Carta "ad Emos PP. DD. Cardinales atque exmos PP. Archiepiscopos, Episcopos ceterosque Ordinarios Brasiliae: De recta clericorum institutione rite provehenda" [5-3-1950; texto original em português], *AAS* 42 (1950), 836-844. No Brasil, publicado em *REB* 10 (1950), 471-477.

Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M., Bispo de Botucatu, Pró Santificação do Dia do Senhor (um ano inteiro de trabalho). Quinta Pastoral [3-5-1950], Petrópolis 1950.

A Palavra do Santo Padre. Carta Pastoral de Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Cardeal Arcebispo de São Paulo aos seus diocesanos, no sexto aniversário de sua posse no Arcebispado [7-9-1950], São Paulo 1950.

Primeiro Sínodo Diocesano de Juiz de Fora (convocado e promulgado pelo Exmo. e Revmo. Sr. Dom Justino José de Sant'Ana, maio de 1950) [sem outras indicações].

Segundo Sínodo Diocesano de São Carlos (convocado, presidido e promulgado solenemente por Dom Ruy Serra, Bispo Diocesano) [Sínodo celebrado nos dias 23-25-1-1951], São Paulo 1951.

Quarto Sínodo de Florianópolis (convocado, presidido e promulgado por s. excia. revma. o sr. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano, por ocasião do seu Jubileu Sacerdotal) [Sínodo celebrado nos dias 20 e 21-12-1951], Florianópolis 1951.

Primeira Carta Pastoral de Dom Luís do Amaral Mousinho, Bispo de Ribeirão Preto. Unidade e Atualização do Apostoaldo [1-6-1952], Ribeirão Preto 1952.

Dom Frei Inácio João Dal Monte, O.F.M.Cap., Bispo de Guaxupé. Pastoral de Saudação aos seus diocesanos. Festa de N. Sra. da Glória de 1952 [15-8-1952], Curitiba 1952.

Instalação da Arquidiocese de Manaus. Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos [7-9-1952], Manaus 1952.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Dom Antônio de Castro Mayer, Bispo de Campos, Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno contendo um Catecismo de verdades oportunas que se opõem a erros contemporâneos [6-1-1953], 2ª edição, Campos 1953.

Primeiro Sínodo da Diocese de Leopoldina 1955 [Sínodo celebrado nos dias 28-30-7-1954], Leopoldina 1955.

Primeiro Sínodo da Diocese de Taubaté (realizado na Igreja Catedral de São Francisco das Chagas nos dias 12, 13, 14 de agosto e promulgado na Festa da Assunção de Nossa Senhora do Ano do Senhor, de 1954, pelo Exmo. e Revmo. Bispo Diocesano Dom Francisco Borja do Amaral. Volume Primeiro. Constituições Sinodais) [sem outras indicações].

Carta Pastoral de Dom Frei Anselmo Pietrulla, Bispo de Tubarão, saudando seus diocesanos, Petrópolis 1955.

Dom João de Sousa Lima, Bispo de Nazaré, A Cruzada por um mundo melhor. Pastoral de Saudação [27-4-1955], Petrópolis 1955.

PIO XII, Discurso "Emis PP. DD. Cardinalibus Exmis PP. DD. Archiepiscopis et Episcopis ceterisque Antistitibus, Sacerdotibus ac Religiosis, qui Conventui internationali de Liturgia Pastorali, Assisi habito, interfuerunt" [22-9-1956], *AAS* 48 (1956), 711-725 [No Brasil, publicado em tradução portuguêsa em *C.M.CNBB* nº 49 (out. 1956), 4-10, e em *REB* 16 (1956), 1004-1014].

Saudação à Arquidiocese de Belém. Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano de Belém e Administrador Apostólico da Arquidiocese de Manaus [3-10-1957], Manaus 1957.

Dom Antônio Mendonça Monteiro, Bispo de Bonfim, Carta Pastoral comemorativa do jubileu de Prata da Diocese de Bonfim [6-4-1958], Salvador-Bahia 1958.

Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M., A Diocese somos nós, são as almas. Pelo seu cinquentenário. Sétima Pastoral [1-5-1958], Petrópolis 1958.

CNBB [IV Assembléia Geral], "Paróquia e Liturgia" [Relatório de Dom Hélder Câmara], *C.M.CNBB* nº 70 (julho 1958), 14-27.

—, "Paróquia e Liturgia", in: "Declaração dos Cardeais, Arcebispos e Bispos do Brasil reunidos em Goiânia de 3 a 11 de julho de 1958. Conclusões Gerais", *C.M.CNBB* nº 71 (ag. 1958), 39-41.

—, "Mensagem ao nosso clero", "Declaração dos Cardeais, Arcebispos e Bispos do Brasil reunidos em Goiânia de 3 a 11 de julho de 1958. Conclusões Gerais", *C.M.CNBB* 71 (ag. 1958), 34-37.

Carta Pastoral de Dom Daniel Tavares Baêta Neves, Primeiro Bispo de Januária-MG, saudando os seus diocesanos [15-9-1958], Belo Horizonte 1958.

Dom Frei Caetano Antônio Lima dos Santos, O.F.M.Cap., 6º Bispo de Ilhéus, Pastoral de Saudação aos seus diocesanos, Ilhéus 1958.

Primeiro Sínodo Diocesano de Caxias (convocado, presidido e promulgado por S. Excia. o Sr. Dom Benedito Zorzi, Bispo Diocesano, por ocasião do Jubileu de Prata da Diocese de Caxias [Sínodo celebrado nos dias 7 e 8-9-1959], Caxias do Sul 1959.

Terceiro Sínodo de São Carlos convocado, presidido e promulgado solenemente por Dom Ruy Serra, Bispo Diocesano [Sínodo celebrado nos dias 23-25-1-1961], Catanduva 1961.

2) Livros

[AÇÃO CATÓLICA], *Resoluções do Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, de 7 a 12 de agosto* [7-12-8-1943], Belo Horizonte 1943.

AMOROSO LIMA, A., *Pela cristianização do mundo moderno*, Rio de Janeiro 1938.

—, *Meditação sobre o mundo moderno*, Rio de Janeiro 1942.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

—, *A Igreja e o mundo*, Rio de Janeiro 1943.

—, *A vida sobrenatural e o mundo moderno*, Rio de Janeiro 1956.

—, *Companheiros de viagem*, Rio de Janeiro 1971.

—, *Memórias Improvisadas. Diálogos com Medeiros Lima*, Petrópolis 1973.

ANDRADE LIMA, Mons. J. de, *Explicação didática da Santa Missa*, Salvador 1951.

ARAUJO, E. J. de [Bispo], *O Leigo na Igreja. Um precursor do Vaticano II: Alceu Amoroso Lima*, Petrópolis 1971.

BARBOSA, M., O.S.B., *Sacrifício Vespertino*, Belo Horizonte 1958.

BOTTE B., O.S.B., *O Movimento Litúrgico*, São Paulo 1978.

BUENO SIQUEIRA, Côn. J. M., *A Missa, dogma — liturgia*, Rio de Janeiro 1942.

CORÇÃO, G., *Conversa em Sol Menor*, Rio de Janeiro 1980.

CORRÊA DE OLIVEIRA, P., *Em defesa da Ação Católica*. Prefaciado pelo Exmo. e Revmo. Sr. Núncio Apostólico Dom Bento Aloisi Masella, São Paulo 1943.

—, *Em defesa da Ação Católica*. Aprovações e encômios de Autoridades Eclesiásticas, São Paulo 1943.

FERREIRA, T. da S., O.S.B., *A Vida em Cristo*. Ensaio de um manual de Doutrina Sagrada para o Curso Ginasial, 2 volumes, Rio de Janeiro 1942 e 1944.

KELLER, T., O.S.B., *Missa Dialogada*, ad instar manuscripti, Rio de Janeiro 1939.

KOHNEN, M., O.F.M., *A Mediação de Cristo na Liturgia*, Petrópolis 1937.

LUMINI, L., O.S.B., *O Mistério de Cristo*. O Tempo Litúrgico do Natal. Considerações sobre o texto do Missal, Petrópolis 1935.

MARIA MARTA, *O Santo Sacrifício da Missa explicado às crianças* [71 pág. ilustr.], Petrópolis 1954.

MARTINS, H. P., O.S.B., *O Nosso Sacrifício*, Rio de Janeiro 1949.

MOURA, O., O.S.B., *Idéias católicas no Brasil*. Direções do pensamento católico do Brasil no século XX, São Paulo 1978.

NABUCO, Mons. J., *Pontificalis Romani Expositio Juridico-Practica*, 3 volumes, Petrópolis 1945.

NEGROMONTE, Pe. A., *As Fontes do Salvador*. Missa e Sacramentos (para o Curso Secundário), Petrópolis 1941.

ORTIZ, Pe. C., *O Christo Total*. Ensaio de uma synthese christã para militantes de Acção Catholica, São Paulo 1937.

—, *Apostolado litúrgico popular*. A Liturgia. O que não é. O que é, Coletânea "Mysterium", São Paulo 1943.

REGI, G., *A Santa Missa*. Ilustrações de Paulo Amaral, São Paulo 1954.

REUS, J. B., S.J., *Curso de Liturgia*, Petrópolis 1938.

RÖWER, B., O.F.M., *Dicionario Liturgico para uso do Revmo. Clero e dos fieis*, Petrópolis 1928.

—, *Diccionario Liturgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*, 2ª edição augmentada, Petrópolis 1936.

SANTINI, C., S.J., *Curso de Ação Católica*. Edição scientifico-juridica para seminaristas, assistentes, dirigentes, Petrópolis 1938.

SANTINI, L., S.J., *A Santa Missa na História e na Mistica*, ou informações e explicações da origem, desenvolvimento e fixação definitiva e universal dos ritos, ceremonias,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

orações, textos bíblicos e eclesiásticos da Santa Missa, acompanhados de piedosas considerações e breves súplicas, proprias para despertar interesse e assistir com fruto o santo Sacrifício divino, Petrópolis 1940.

TRINDADE, H. G., O.F.M. [Bispo], *Recolhimento*, Petrópolis 1945.

VILAS-BOAS, M. M. — Bispo, *Sermões e Discursos de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas*, Belém do Pará 1970.

VILLAÇA, A. C., *O pensamento católico no Brasil*, Rio de Janeiro 1975.

WIJTEN, H., O. Prem., *Meu livro de Liturgia*, Petrópolis 1938.

3) Artigos [2]

a) Com autor

ALBERIONE, Sac. T., "Introdução", in: *Missal Quotidiano latim-português*, Edições Paulinas, São Paulo 1959, 18-21.

ALVES RIBEIRO, F., "Vonier e o mistério da Igreja", *A Ordem* 26 (nov. 1941), 411-413.

—, "A propósito de arquitetura religiosa", *A Ordem* 27 (fev. 1942), 130-134.

—, "Ação Católica Universitária", *A Ordem* 27 (junho 1942), 513-521.

—, "Em torno do 'movimento litúrgico'", *A Ordem* 30 (ag. 1943), 112-128.

—, "Corpo Místico e a renovação da vida cristã", *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 486-490.

—, "'Liturgicismo' e piedade litúrgica", *A Ordem* 33 (março 1945), 231-236.

—, "Notas sôbre o movimento litúrgico", *A Ordem* 33 (abril 1945), 285-290.

—, "O espírito da Páscoa na vida do cristão", *A Ordem* 35 (março abril 1946), 246-249.

—, "Páscoa de 1946", *A Ordem* 36 (nov. 1946), 511-513.

—, "Martinho Michler e um testemunho", *A Ordem* 36 (dez. 1946), 559-562.

—, "Problemas da renovação espiritual cristã", *A Ordem* 36 (dez. 1946), 619-629.

AMOROSO LIMA (TRISTÃO DE ATHAYDE), "Apologetica e Sociologia de H. de Tourville", *A Ordem* 2 (jan. e março 1930), 22-24 e 227-240.

—, "Arte Christã", *A Ordem* 13 (maio 1935), 445-454.

—, "O Concilio", *A Ordem* 22 (julho 1939), 8-11.

—, "Liturgia", *A Ordem* 22 (ag. 1939), 177-185.

—, "De doutores a monges", *A Ordem* 25 (abril 1941), 371-377.

—, "A liturgia, fonte de formação e de vida espiritual" [conferência pronunciada no Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte, às 15 horas de 8-8-1943], *O Diário* 10-8-1943, 3 e 6.

—, "A vida cristã, base do apostolado" [conferência pronunciada no Primeiro Congresso Provincial de Ação Católica de Belo Horizonte], *O Diário* 11-8-1943, 3.

2. Incluem-se sob este título: Artigos, Comunicações, Editoriais, Prefácios, Apresentações, Introduções, Apêndices, Registros, Comentários, Correspondências, Consultas, Crônicas, Notícias, Recensões de livros.
Identificação das principais revistas e jornais: *REB*, *Vozes* e *Musica Sacra* (Editora Vozes, Petrópolis); *A Ordem* (Centro Dom Vital — Rio); *Vida* (AUC — Rio); *Estrela do Mar* (Órgão das Congregações Marianas — Rio); *Mens. Cor. Jesus* (Órgão do Apostolado da Oração — Rio); *Revista do Clero* (Arq. Rio de Janeiro); *Revista Gregoriana* (Escola Pio X — Rio); *Unitas* e *Jornal do Dia* (Arq. Porto Alegre); *O Diário* (Arq. Belo Horizonte); *O Legionário* (Congregação Mariana da Legião de São Pedro, Paróquia de Santa Cecília, São Paulo; depois, órgão da Arq. de São Paulo); *A Tribuna* (Associação da Boa Imprensa — Recife); *O Catolicismo* (Diocese de Campos).
Advertimos outrossim que a maioria dos artigos elencados de *O Diário* são de sua secção "Vida Católica".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

—, "O Missal", *A Ordem* 36 (nov. 1946), 510-511.

—, "Hitler e Guardini", *A Ordem* 36 (dez. 1946), 546-551.

—, "Ação Católica, realização da Imitação de Cristo" [conferência pronunciada na Semana de Ação Católica em Belo Horizonte], *O Diário* 5-9-1947, 3.

—, "O Brasil católico", *A Ordem* 57 (fev. março 1957), 85-91.

AMSTALDEN, P., O.S.B., "Prefaciando...", in: *Folheto Litúrgico*. 1º Domingo do Advento. 1º de dezembro de 1935 [cura de Dom Polycarpo Amstalden, O.S.B.], São Paulo 1935, 1ª capa, interno.

ARDUINI, Pe. J., "'Vamos à Liturgia'", *O Diário* 28-9-1948, 2.

—, "O Mistério — Sacramento da união de Cristo com a Igreja", *O Legionário* 19-2-1950, 1; *id.* 24-12-1950, 5; *id.* 31-12-1950, 2.

BANDEIRA DE MELLO, P., O.S.B., "Liturgia do Natal", *A Tribuna* 23-12-1947.

—, "Liturgia e Diocese", *A Tribuna* 1-10-1949, 3.

—, "Liturgia e Paróquia", *A Tribuna* 8-10-1949, 3.

—, "Espírito Paroquial", *A Tribuna* 15-10-1949, 3; *id.* 22-10-1949, 3; *id.* 29-10-1949, 3; *id.* 5-11-1949, 3.

—, "Piedade católica", *A Tribuna* 19-11-1949, 3; *id.* 3-12-1949, 3; *id.* 17-12-1949, 3.

—, "O dia do Senhor", *A Tribuna* 17-6-1950, 3; *id.* 24-6-1950, 3.

—, "Catecismo e Liturgia", *A Tribuna* 1-7-1950, 3; *id.* 22-7-1950, 3; *id.* 29-7-1950, 3; *id.* 5-8-1950, 3; *id.* 12-8-1950, 3; *id.* 19-8-1950, 3; *id.* 26-8-1950, 3; *id.* 2-9-1950, 3.

—, "Bíblia e Liturgia", *A Tribuna* 9-9-1950, 3; *id.* 16-9-1950, 3; *id.* 23-9-1950, 3; *id.* 30-9-1950, 3; *id.* 7-10-1950, 3.

—, BARAÚNA, G., O.F.M., "O Primeiro Congresso Internacional de Liturgia Pastoral", *REB* 16 (1956), 924-932.

—, BARRETO, M., "A representação do Sacrum Mysterium", *Musica Sacra* II, nº 5 (maio 1942), 95 [transcrito do jornal *Cruzeiro do Sul* de 24-10-1941].

BIHAN, J., "Le voyage au Brésil de M. Le Guennant et de M. l'abbé Bihan", *Revue Grégorienne* (Paris) 31 (1952), 240-244.

BORGMEIER, Th., O.F.M., "*O Espírito da Liturgia*, por Romano Guardini. Tradução de F. A. Ribeiro. — Coleção Litúrgica, vol. 7. Edições 'Lumen Christi', Rio de Janeiro (1943), 113 págs." [Recensão], *REB* 4 (1844), 501.

BRANDÃO, Pe. (Mons.) A., "Um Bispo e uma Pastoral da Idade Nova", in: *Ação Católica. Primeira Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Bispo de Garanhuns*, Petrópolis 1940, 5-11.

—, "Prós e contras do movimento litúrgico", *Vozes* 35 (1941), 559-561.

—, "Terço e Missal", *Mens. Cor. Jesus* nº 459 (março 1942), 102-103.

—, "Trez erros", *O Legionário* 2-4-1944, 5.

—, "Falsos Profetas", *O Legionário* 28-5-1944, 5.

—, "Permitam-me um desabafo...", *O Legionário* 28-12-1947, 5.

CÂMARA, Card. J. de B., "Aprovação", in: *Missa Recitada*. Publicação da Confederação Católica Arquidiocesana, Rio de Janeiro 1955, 3-4.

CÂMARA CASCUDO, L. da, "Escola de Música Sacra", *Música Sacra* III, nº 7 (julho 1943), 136 [transcrito do jornal *A República* (Natal) de 30-4-1943].

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CARNEIRO, O., "A poesia contemporânea no Brasil", *Vida* nº 17 (ag. 1935), 4.

CASTRO MAYER, Côn. A. de, "Nova Teologia", *REB* 7 (1947), 793-818.

C. B. B., O.S.B., "O ano litúrgico", *Vozes* 31 (1937), 771-776.

C. de A., *"O Sacerdócio do Fiel na Santa Missa*, pelo Pe. Judeaux, S.J. Trad. autorizada do Pe. Matias Nijters, M.S.C. — 1 vol. 68 págs. 2ª edição. Editôra Vozes Ltda., Petrópolis, R.J., 1945. Broch. Cr$ 5,00" [Recensão], *REB* 6 (1946), 234-235.

CHRISTIANUS, "R. P. SAUDREAU — O Segredo do amor divino. — Editora Vozes Ltda., Petrópolis — 1941. AS DOZE VIRTUDES PARA CADA MÊS DO ANO — Tradução do R. P. Oscar das Chagas Azevedo C.SS.R. — Editora Vozes Ltda. Petrópolis — 1941" [Recensão], *A Ordem* 27 (fev. 1942), 172-173.

C. K., *"Princípios para a ação*, pelo P. L. J. Lebret. Traduzidos por Carlos Pinto Alves. 3ª edição. Livraria Duas Cidades, São Paulo 1958" [Recensão], *REB* 19 (1959), 255.

CORÇÃO, G., "O elogio da pequenez", *A Ordem* 36 (dez. 1946), 552-558.

CORRÊA DE OLIVEIRA, P., "Pela grandeza e liberdade da Ação Católica", *O Legionário* 15-1-1939, 2.

—, "O Concilio", *O Legionário* 2-7-1939, 2.

—, "Contra as deturpações do Natal", *O Legionário* 23-11-1941, 2.

—, "Armistício", *O Legionário* 19-11-1944, 5.

CUNHA, I. da, "Um auto sacramental, de Calderon de la Barca, no Pará", *Musica Sacra* II, nº 3 (março 1942), 55.

DAINESE, Pe. C., S.J., "Congregações Marianas e Acção Catholica", *Estrela do Mar* 348 (set. 1938), 225-229.

—, "Nossas reuniões de Abril", *Estrela do Mar* 364 (março 1940), 50-53.

—, "Ação Católica e Congregações Marianas", *Estrela do Mar* 367 (junho 1940), 137-142; *id.* 378 (julho 1941), 169-172; *id.* 380 (set. 1941), 235-239; *id.* 386 (abril 1942), 73-76.

—, "Congregações Marianas e Ação Católica Brasileira", *Estrela do Mar* 390 (ag. 1942), 201-213.

—, "A propósito de um artigo", *Estrela do Mar* 392 (set. 1942), 272-275.

DALE, D., "A.U.C.", *A Ordem* 11 (março 1934), 240-243.

DIDONET, Pe. F., "As Congregações Marianas e a Ação Católica", *REB* 2 (1942), 94-122.

ELLARD, G., "A missa dominical torna-se 'falada'", *A Ordem* 30 (dez. 1943), 582-586.

F. A. R., "PIUS PARSCH — No Mistério do Cristo — O ciclo temporal do calendário litúrgico — 1941 — Editado e impresso nas Oficinas tipográficas do Mosteiro de São Bento — Baía — 701 pags." [Recensão], *A Ordem* 26 (ag. 1941), 79-81.

—, "Estudios — Año 33 — Tomo 64 — marzo-abril e maio — 1943 — ns 376 e 377, Buenos Aires [Recensão], *A Ordem* 30 (julho 1943), 85-90.

—, *"Instalação da Arquidiocese de Manaus* — Carta Pastoral de Dom Alberto Gaudêncio Ramos — Manaus — 1952" [Recensão], *A Ordem* 49 (jan. 1953), 72.

FERNANDES, P., "Liturgia e Ação Católica", *O Diário* 1-11-1947, 2 e 8.

FONTES, P. M., *"Meu Livro de Liturgia*, pelo Côn. Hilário Wijten, O.Prem. — Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1945, Segunda Edição, 1 vol., 125 x 185mm, 176 págs." [Recensão], *REB* 6 (1946), 536.

FREI ALEIXO, O.F.M., "Missa 'versus populum'", *REB* 1 (1941), 837-841.

FREI BOAVENTURA, O.P., "Ação Católica: erros e exageros", *REB* 3 (1943), 697-698.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

—, "'Em defesa da A.C.'", *O Diário* 4-7-1943, 2.

—, "Ação Católica e renovação da Vida Cristã", *O Diário* 6-7-1943, 2.

—, "Ação Católica. Seu verdadeiro espírito", *O Diário* 23-7-1943, 2.

GOMES DOS SANTOS, C., "A Missa, centro da Ação Católica", *A Ordem* 18 (set. 1937), 261-264.

GOMES, F. [Bispo de Penedo], "A Eucaristia, fonte e fim da Ação Católica" [conferência pronunciada na Segunda Semana Nacional de Ação Católica em Belo Horizonte, no dia 6-9-1947], *O Diário* 7-9-1947, 1.

GONÇALVES DO AMARAL, A. [Bispo de Uberaba], "A Eucaristia base de renovação para o mundo atual" [conferência pronunciada na Segunda Semana Nacional de Ação Católica em Belo Horizonte, no dia 6-9-1947], *O Diário* 7-9-1947, 1.

GORDAN, P., O.S.B., "Liturgia e Liturgismo. Estudo de equívocos", *O Diário* 15-12-1943, 2.

—, "Brasilien und Chile", in: BOGLER, Th., O.S.B. [cura de], *Liturgische Erneuerung in aller Welt. Ein Sammelbericht*, Maria Laach 1950, 118-123.

GUGLIELMELLI, D., C.M., "Adversários da Ação Católica", *REB* 7 (1947), 481-486.

GURGEL, D. T., S.D.S., "Aspectos Pastorais da 'Mediator Dei' Quanto à Participação dos Fiéis na Missa", *REB* 11 (1951), 180-200.

H. F. H., "*A Santa Missa na História e na Mística* ou informações e explicações da origem, desenvolvimento e fixação definitiva e universal dos ritos, cerimonias, orações, textos bíblicos e eclesiásticos da Santa Missa, acompanhados de piedosas considerações e breves súplicas, proprias para despertar interesse e assistir com fruto o santo Sacrifício divino, por Lidvino Santini, S.J. — Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1940. 384 pgs. ilustr." [Recensão), *REB* 1 (1941), 696.

—, "*As riquezas do Missal*, por D. J. Vagaggini, O.S.B. Traduzido do italiano por Guiomar Olivieri — Edição da tradutora. Praça Dom Pedro II, nº 5. Bahia 1942. 260 págs. Cr$ 10,00" [Recensão], *REB* 3 (1943), 266.

HOEPERS, M., O.F.M., "O franciscanismo e a liturgia", *Vozes* 30 (1936), 304-311.

ISNARD, C., O.S.B. [antes de 1936: J. C. G. ISNARD], "Seis dias de comunidade", *Vida* nº 2 (maio 1934), 15.

—, "Eucaristia", *Vida* nº 4 (julho 1934), 10.

—, "Um consolo e uma punhalada". *Vida* nº 11 (fev. 1935), 6-7.

—, "Uma introdução", *Vida* nº 13 (abril 1935), 13-14.

—, "Arte católico burguesa", *Vida* nº 14 (maio 1935), 11.

—, "Estamparia religiosa", *Vida* nº 15 (junho 1935), 5.

—, "Um aperto e lágrimas", *Vida* nº 18 (set. 1935), 6-7.

—, "A volta à liturgia", *Vida* nº 20 (nov. 1935), 2-3.

—, "O papel de Dom Martinho Michler no movimento católico brasileiro", *A Ordem* 36 (dez. 1946), 535-545.

—, "Liturgia e Monaquismo", *REB* 11 (1951), 84-99.

—, "Reminiscências para a história do Movimento Litúrgico no Brasil" [=Apêndice], in: BOTTE, B., O.S.B., *O Movimento Litúrgico. Testemunho e recordações*, São Paulo 1978, 207-230.

J. C. B., "Liturgia", *O Diário* 19-9-1944, 2.

—, "Ação Litúrgica e Ação Católica", *O Diário* 20-9-1944, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

—, "Liturgia da Ação Católica", *O Diário* 21-9-1944, 2.

—, "Moral, Dogma e Liturgia", *O Diário* 27-9-1944, 2.

JIC, "Um auto sacramental", *Musica Sacra* II, nº 3 (março 1942), 55-56.

—, "Inauguração da Escola de Música Sacra", *Musica Sacra* III, nº 7 (julho 1943), 133 [transcrito do *Correio da Manhã* (Rio) de 10-4-1943].

KECKEISEN, B., O.S.B., "Prefácio", in: *A Santa Missa nos domingos e festas*. I Fasciculo. Tempo do Advento [cura de Dom Beda Keckeisen, O.S.B.], Bahia 1930, III-XI.

—, "Prefácio", in: *O Officio da Semana Santa em latim e portugues com breves explicações*, por Dom Beda Keckeisen, Monge Benedictino da Congregação Brasileira, Bahia 1931 [sem paginação].

—, "Prefácio" e "Breves instruções", in: *Missal dos Fiéis*, em latim e português, contendo Missas para todos os dias do anno, com breves explicações liturgicas, por Dom Béda Keckeisen, Monge Benedictino da Congr. Brasileira, Bahia 1933, VII-XVI.

—, "Prefácio" e "Introdução", in: Dom Béda Keckeisen, O.S.B., *Missal Quotidiano*, completo, com o Proprio do Brasil em latim e portuguez, Bahia 1936, 5-16 e 654-655.

—, "Prefácio", in: Dom Béda Keckeisen, *Officio da Semana Santa, em latim e português, com breves explicações*, segunda edição correta e aumentada, Bahia 1938, 6.

—, "Prefácio da segunda edição", in: Dom Béda Keckeisen, O.S.B., *Missal Dominical*, contendo as Missas dos domingos e principais festas, em latim e português. Segunda edição. 5-15 mil, Bahia 1938 [sem paginação].

—, "Apresentação", in: FRANÇOIS, A., O.S.B., *Participação ativa na Missa*, Rio de Janeiro 1938 [sem paginação].

—, "Prefácio", in: PARSCH, P., *Testemunhas do Cristo*. O ciclo santoral do Calendário Litúrgico Trad. de G. Olivieri, Obl.O.S.B. e com revisão de Dom Beda Keckeisen, O.S.B., Salvador (Bahia) 1942, 7-13.

—, "Prefácio", in: Dom Béda Keckeisen, O.S.B., *Missal Dominical*. Edição B — 15-25 mil. Contém as missas dos domingos e principais festas, em português, Bahia 1943, 3.

KELLER, T., O.S.B., "A Liturgia", *A Ordem* 10 (set. out. 1933), 658-661.

—, "Prefácio", in: PARSCH, P., *Para entender a Missa*. Trad. de Dom Gerardo Martins, O.S.B., Rio de Janeiro 1936, 5-6.

—, "Visão sobrenatural do universo", *Vida* nº 35 (julho 1937), 2-5.

—, "Prefácio", in: VAGAGGINI, J., O.S.B., *As riquezas do Missal*. Trad. de G. Olivieri, Bahia 1941, 7-8.

—, "Proíbe o Concílio Plenário Brasileiro a Missa Dialogada?", *REB* 1 (1941), 545-551.

—, "Mystici Corporis Christi", *REB* 3 (1943), 835-855.

KLOPPENBURG, B., O.F.M., "Atas do II Congresso Brasileiro de Teologia (São Paulo, 28 de dezembro de 1950 a 6 de janeiro de 1951)", *REB* 11 (1951), 1-223 [com artigos publicados de 16 autores].

—, "Controvérsias Sobre a Teoria do Mistério", *REB* 11 (1951), 241-256.

KOEPE, R., O.F.M., "O B. Papa Pio X e a Restauração da Música Sacra. A propósito do Cinqüentenário do Motu Proprio sobre a Música Sacra", *REB* 13 (1953), 825-837.

—, "Adaptações da Música Sacra aos Tempos Modernos, Segundo a Encíclica 'Musicae Sacrae Disciplina'", *Música Sacra* 16 (1956), 65-72.

—, "Novo Livro de Cânticos e Orações para a Participação Ativa na Vida da Igreja", *REB* 21 (1961), 965-968.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

LAGENEST, B., O.P., "Liturgia e realidade paroquial", *O Legionário* 14-5-1950, 6.

—, "Evolução da Liturgia", *O Legionário* 16-4-1950, 6.

—, "Liturgia Popular", *O Legionário* 16-7-1950, 6.

—, "Liturgia Paroquial", *O Legionário* 23-7-1950, 4.

LAGE PESSOA, Pe. F., "O Mistério da Liturgia", *O Legionário* 19-3-1950, 6.

—, "Rumo à participação", *O Legionário* 25-6-1950, 6.

—, "Piedade da Igreja", *O Legionário* 2-7-1950, 6.

L. B., "C. GRIMAUD — A 'minha' missa — Editora 'Vozes — Petrópolis — 1938", *A Ordem* 21 (maio 1939), 515-517.

LEAL, Pe. A., "Para compreender a Missa", *O Diário* 16-1-1940, 5.

—, "Para compreender a Missa (Questões litúrgicas e paroquiais)", *O Diário* 24-1-1940, 5.

LICHTENSTERN, H. H., "Tres aspectos práticos dum congresso litúrgico nos Estados Unidos", *Vozes* 35 (1941), 781-784.

LIMA, J. de, "A mystica da Poesia" [conferência feita no Círculo de Estudos Jacques Maritain na Escola de Belas Artes no Rio], *A Ordem* 14 (set. 1935), 216-236.

—, "'Sacrum Mysterium'", *A Ordem* 22 (set. 1939), 289-294.

LINS, F. de, "Um auto sacramental no Pará", *Musica Sacra* II, nº 1 (jan. 1942), 2-4.

L., Martinho, "*O Mistério da Igreja*, por Dom A. Vonier, O.S.B. — Edições Lumen Christi. Rio de Janeiro 1941, 105 pags." [Recensão], *REB* 1 (1941), 935.

L. P., "*Sigamos a Missa!*, por Dom Frei Henrique G. Trindade, O.F.M., XXV edição, Editôra Vozes, Petrópolis 1959. Folheto 110 x 155mm, 32 pp." [Recensão], *REB* 19 (1959), 768.

LUMINI, L., O.S.B., "O mysterio de Cristo na liturgia", *A Ordem* 13 (maio 1935), 355-371.

—, "Teologia e Liturgia", *A Ordem* 25 (junho 1941), 495-509.

LUNA, J. de, O.S.B., "Quem foi Dom Anscário Vonier", in: VONIER, A., O.S.B., *A Nova e Eterna Aliança ou o Catolicismo Clássico*, trad. Dom Joaquim de Luna, Rio de Janeiro 1942, 5-9.

M., "'Divinitatis participes' na Ascensão", *Vida* nº 14 (maio 1935), 6-7.

M. A. C., "Vida Litúrgica", *Vozes* 32 (1938), 741-743 e 813-817.

MACHADO, Pe. O., "Semana de Acção Catholica", *O Diário* 24-11-1935, 7.

—, "Curso de Liturgia", *O Diário* 10-9-1939, 5.

—, "Missa, centro e corôa da vida cristã", *A Ordem* 31 (março 1944), 163-170.

—, "Ação de graças, propiciação, impetração", *O Diário* 21-3-1944, 2.

—, "Missa, nossa Páscoa", *O Diário* 29-3-1944, 2-3.

—, "Missa, sacrifício de louvor", *O Diário* 30-3-1944, 3 e 5.

—, "Frutos e valor da missa", *O Diário* 4-4-1944, 2.

—, "Padres no único padre, hóstia na única hóstia (O caráter sacramental)", *A Ordem* 32 (set. 1944), 177-197.

—, "A.C. e Formação (II). (Liturgia e Escolas Espirituais)", *O Diário* 2-6-1945, 2 e 6.

—, "Dignidade e Santidade do Altar cristão (I)", *O Diário* 5-7-1945, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

—, "Dignidade e Santidade do Altar cristão (II)", *O Diário* 6-7-1945, 2.

—, "Ofício Divino", *A Ordem* 34 (out. nov. 1945), 281-311.

—, "Arte Sacra, liturgia e moralismo (II)", *O Diário* 1-10-1946, 2 e 6.

—, "Arte Sacra, liturgia e moralismo (IV), *O Diário* 15-10-1946, 2.

—, "Casula gótica ou romana?", *O Legionário* 13-11-1949, 4; *id.* 20-11-1949, 7.

MAIA LEITE, D., O.P., "A missa, dever comunitário e social", *A Ordem* 41 (abril 1949), 243-256.

MAIA PENIDO, H., "Um Livro sobre a Missa", *Vida* nº 34 (junho 1937), 16.

MARIZ DE MORAES, J., "O mao gosto liturgico no Brasil", *A Ordem* 6 (junho 1932), 426-430.

MARQUES DE OLIVEIRA, J., "A Ação Litúrgica", *A Ordem* 21 (abril 1939), 378-386.

MARTIN, Pe. S. M., SS.CC., "A Liturgia da Eucaristia desde os primeiros séculos do Cristianismo", *O Legionário* 15-6-1952, 10.

—, "A Liturgia da Eucaristia. II. A Missa dos Apóstolos", *O Legionário* 22-6-1952, 4.

—, "III. Missa dos Mártires", *O Legionário* 29-6-1952, 2 e 11.

—, "A Liturgia da Eucaristia. A Missa dos Santos Padres. IV", *O Legionário* 6-7-1952, 6.

—, "A Liturgia da Eucaristia. V. Culto Eucarístico da primitiva Igreja", *O Legionário* 20-7-1952, 4.

—, "VI. Liturgia da Eucaristia. Um novo aspecto da Liturgia Eucaristica", *O Legionário* 3-8-1952, 4.

MARTINS, H. P., O.S.B., "Introdução", in: Dom Hildebrando P. Martins, *Vesperas Dominicais*, 2ª edição, Rio de Janeiro 1941, 5-7.

—, "Oremos cum Ecclesia Dei", in: *Prima e Completas do Breviário Romano*. Oração oficial da Santa Igreja para a manhã e a noite, a cura de Dom Hildebrando Martins, O.S.B., Col. "Orate Fratres", vol. II, Rio de Janeiro 1947, 3-4.

—, "Apresentação", in: Dom Hildebrando P. Martins, O.S.B., *Missa. Ordinário da Missa*, com breves explicações e pequeno Kyrial Gregoriano. Para a A.C., paróquias, colégios, associações e fiéis em geral. 4ª edição, Rio de Janeiro 1947, 3-5.

MATA MACHADO, E. G. M., "Sentido lithurgico do Congresso Eucarístico", *O Diário* 6-9-1936, 4 e 6.

MATTOS, H. A., "Vamos renascer na liturgia", *Vida* nº 1 (abril 1934), 12.

—, "Sentire cum Ecclesia", *Vida* nº 34 (junho 1937), 11.

—, "A 1ª carta pastoral do Bispo de Garanhuns", *A Ordem* 21 (fev. 1939), 195-213.

M. B., "Vida cristã e Liturgia", *O Legionário* 12-6-1949, 7.

MELO, H. de, O.S.B., "Dom Pedro Bandeira", *Diário de Pernambuco* 15-9-1972, Primeiro Caderno, 3.

MENDES, M., "Bolas", *Vida* nº 15 (junho 1935), 13.

MENDES, P. C., "*A Santidade Católica*, pelo Pe. Raul Plus, S. J. Tradução de Angelo Augustinho Zioni. — Vol. IV da 'Biblioteca de Cultura Católica', Editôra Vozes Ltda., Petrópolis, 1944, 1 vol. br., 125 x 185cm. 175 pags. Cr$ 10,00" [Recensão], *REB* 4 (1944), 777.

—, "*Introdução à Liturgia*, por Alberto Wagner de Reyna, Tradução de Oscar Mendes. — Livraria AGIR Editora, Rio, 1947. 1 vol. br., 135 x 190mm, 315 págs." [Recensão], *REB* 7 (1947), 231-232.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

MICHLER, M., O.S.B., "Prefácio", in: BEAUDUIN, L., O.S.B., *Vida Litúrgica*, Rio de Janeiro 1938, 9-13.

MILANEZ, A., "Ação Universitária Católica", *Vida* nº 24 (março 1936), 12-14.

MONTEIRO, Pe. P., "*Curso de Liturgia Romana*, por Dom Antônio Coelho, O.S.B. — Tomo I, nova edição, revista por D. J. P. Carvalho, O.S.B. — XX x 768 págs., Pax, Braga, 1941" [Recensão], *REB* 2 (1942), 811.

MOTA E ALBUQUERQUE, Mons. J. B., "Conceito de Liturgia na 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 12-22.

MURICY, A., "Pelo mundo da música", *Música Sacra* III, nº 5 (maio 1943), 87-88.

—, "Inauguração da Escola de Música Sacra", *Música Sacra* III, nº 6 (junho 1943), 116 [transcrito do *Jornal do Comércio* (Rio) de 10-4-1943].

—, "As 'Semanas Gregorianas'", *Boletim da Escola Pio X* nº 1 (jan. fev. março 1953), 10-12 [transcrito do *Jornal do Comércio* (Rio) de 10-9-1952].

—, "'Revista Gregoriana'", *Revista Gregoriana* nº 12 (nov. dez. 1955), 39-41.

NABUCO, Mons. J., "O Direito Litúrgico no Concílio Plenário Brasileiro", *REB* 1 (1941), 113-122.

—, "Igrejas para Nosso Tempo", *REB* 2 (1942), 14-22.

—, "*A Vida em Cristo*, por Dom Tarcísio da Silva Ferreira, O.S.B. — Edições "Lumen Christi". Rio de Janeiro 1942, 308 páginas [Recensão] *REB* 2 (1942), 1091.

—, "Rerum liturgicarum resurrectio", *REB* 3 (1943), 691-693.

—, "A Forma das Vestes Sagradas", *REB* 5 (1945), 508-525.

—, "A Arte Sacra a Serviço da Igreja", *REB* 8 (1948), 1-11.

NEEFJES, F., "Primeira Semana Internacional de Estudos sobre Liturgia e Missões", *REB* 19 (1959), 899-902.

NEGROMONTE, Pe. A., "Movimento Litúrgico", *O Diário* 18-8-1939, 5.

—, "Pedro e a Liturgia (Conferência do Pe. Alvaro Negromonte, na 'Semana Eucarística' de 1943)", *O Diário* 24-11-1943, 2, e *O Diário* 25-11-1943, 2.

—, "'O espírito da liturgia'", *O Diário* 16-12-1943, 2.

—, "Dificuldades sôbre a Missa Dialogada", *O Diário* 10-12-1944, 2.

—, "Um livro reformador", *O Diário* 11-4-1944, 2.

NIESSI, A., O.S.B., "Como assistir a Missa", *O Legionário* 4-9-1938, 5.

N. N., "*A Eucaristia*, pelo Pe. Raul Plus, S.J. Traduzido por M. A. Machado da Silva. — Editôra Vozes Ltda., Petrópolis, 1944, 1 vol. br., 12.5 por 18.5cm. 139 págs. Cr$ 7,00" [Recensão], *REB* 4 (1944), 1030.

OLIVEIRA, P. A. de, "*Calendário Litúrgico*, por Pius Parsch, traduzido por Dom Beda Keckeisen, O.S.B., e ilustrado pelo Irmão Paulo Lachenmayer, O.S.B., 1º vol. 'No Mistério do Cristo', o ciclo temporal do calendário litúrgico, 1941; 2º vol. 'Testemunhas do Cristo', o ciclo santoral do calendário litúrgico, 1942 — Oficinas Gráficas do Mosteiro de S. Bento. 2 vols. enc., 11 por 18cm, 701 e 574 págs." [Recensão], *REB* 4 (1944), 499-501.

ORTIZ, Pe. C., "O movimento liturgico e o Rosário de Maria", *A Ordem* 20 (dez. 1938), 568-582.

—, "A Nova Ordem na Vida Paroquial", *REB* 1 (1941), 385-394.

PADIN, C., O.S.B., "As Críticas ao 'Movimento Litúrgico' na 'Mediator Dei'", *REB* 11 (1951), 43-53.

PAOLIELLO, C. L., "'Vida'", *O Diário* 5-10-1937, 5.

—, "Senior & Junior", *O Diário* 12-10-1937, 5.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

PARREIRAS HORTA, M., "O Ordinário da Missa", *Vida* nº 36 (ag. 1937), 5.

PASSOS, Pe. D. D., "A Moderna Arquitetura Religiosa", *REB* 4 (1944), 591-600.

—, "Normas Gerais Para a Construção de um Templo", *REB* 7 (1947), 94-106.

—, "A Função da Estética na Liturgia", *REB* 11 (1951), 201-210.

B. D., P. Al., "*As Fontes do Salvador* (Para o curso secundário), por P. A. Negromonte — Editora Vozes Ltda., Petrópolis 1941, 416 pgs." [Recensão], *REB* 1 (1941), 368-369.

PE. ANSELMO, "*Curso de Liturgia Romana*, por Dom Antônio Coelho, O.S.B., Tomo II (Liturgia Sacrifical). Nova edição revista e atualizada por J. P. de Carvalho, O.S.B. — Edição do Mosteiro de Singeverga, Negrelos. Depósito 'Pax'. Livraria Litúrgica Editôra, Braga, 1943" [Recensão], *REB* 4 (1944), 1022-1023.

PEDREIRA DE CASTRO, J. J., O.F.M., "*A Missa Daqueles que Não São Padres*, por F. Desplanques, S. J., Tradução de M. W. Magalhães. — Editôra Vozes Ltda., Petrópolis, 1944, 1 vol. de 12,7 por 18,6cm. broch., 232 págs. Cr$ 10,00" [Recensão], *REB* 4 (1944), 504-505.

PENIDO FILHO, J. M., "Comunidade", *Vida* nº 5 (ag. 1935), 15.

PENIDO, Pe. M. T. L., "Corpo Místico, 'Liturgicismo' e Piedade Litúrgica", *REB* 4 (1944), 517-540.

—, "Em Tôrno do 'Liturgicismo'", *REB* 5 (1945), 482-494.

PENNA, W., "Espiritualidade Litúrgica", *Vida* nº 14 (maio 1935), 7-8.

—, "A oração litúrgica. 'Ad fontes'", *Vida* nº 15 (junho 1935), 2-4.

—, "Dois problemas de uma Associação Católica", *Vida* nº 16 (julho 1934), 2-3.

—, "A nossa luta", *Vida* nº 19 (out. 1935), 3-4.

—, "Teocentrismo", *Vida* nº 22 (jan. 1936), 2-3.

—, "Instaurare omnia in Christo", *Vida* nº 27-28 (junho-julho 1936), 2-3.

—, "O problema da piedade cristã", *Vida* nº 32 (nov. 1936), 2-6.

PETERS, Pe. H. — ORTIZ, Pe. C. [tradutores], "Introdução", in: KORTE, Z. de, *O Santo Sacrifício da Missa na Tradição e em sua estrutura atual*, Rio de Janeiro 1939, 2-10.

PICKEL, B. J., O.S.B., "Prefácio", in: *Os Salmos*, em português, segundo o texto editado pelo Pontifício Instituto Bíblico, traduzidos e anotados por Dom Bento José Pickel em colaboração com Dom Gabriel Beltrão, Monges da Ordem de S. Bento, São Paulo 1947, 9.

PIMENTEL, M., "Falsos Profetas...", *Vozes* 38 (1944), 145-180.

—, "Os quatro evangelistas de uma Nova Cristandade", *Vozes* 41 (1947), 289-313.

PORTO, Ir. M. — R., "A vida da Escola Pio X", *Boletim da Escola Pio X*, nº preliminar (out. nov. dez. 1952), 4-21.

—, "A vida da Escola Pio X", *Boletim da Escola Pio X* nº 1 (jan. fev. março 1953), 9-14.

—, "O Canto Gregoriano na Vida Social da Liturgia", *Revista Gregoriana* 7 (jan. fev. 1955), 12-19.

PORTOCARRERO COSTA, J. B. [Bispo de Mossoró], "A Ação Católica na Esperança do Episcopado", *REB* 6 (1946), 553-562.

PRADO, N., "Vozes descontentes", *Vida* nº 19 (out. 1935), 16.

REGI, G., "Para você ler", in: Glória Regi, *Missal*. Ao Rei dos Séculos, Imortal e Invisível, ao Deus único, Honra e Glória nos Séculos dos Séculos. Amém, São Paulo 1958, 19-21.

—, "Às Mães e Catequistas", in: Glória Regi, *A Santa Missa*. Ilustrações de Paulo Amaral, São Paulo 1954, 9.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

REGO MONTEIRO, C. A., "Templos para a Idade Nova", *A Ordem* 16 (jul. ag. 1936), 14-29.

REUTER, P., "A Liturgia e as atividades humanas", *O Legionário* 21-8-1949, 7, e *O Legionário* 3-4-1950, 10.

RIBEIRO ENOUT, P. O., "O Canto na Liturgia", *Vida* nº 29 (jan. 1936), 10.

—, "O canto chão e musica popular", *Vida* nº 32 (nov. 1936), 10-11.

—, "Missa São Sebastião", *Vida* nº 35 (julho 1937), 16.

RIBEIRO, L., "A influência da Eucaristia", *A Ordem* 22 (ag. 1939), 126-133.

RIBEIRO LEITÃO, Côn. J., "Latim ou Vernáculo?", *REB* 15 (1955), 918-925.

ROATTA, Pe. J., "Apresentação", in: *Missal Romano Quotidiano latim português*, Ed. Paulinas; São Paulo 1959, 3-4.

ROBRECHT, O., C.SS.R., "Apresentação", in: *A Santa Missa Dialogada*, Petrópolis 1936, 3-4.

ROSSETTI, Pe. J. P., S.J., "A Liturgia e a Companhia de Jesus", *Mens. Cor. Jesus* nº 568 (nov. 1943), 421-424 e nº 571 (jan. 1944), 25-31.

RÖWER, B., O.F.M., "Prefácio", in: *Cecilia*. Manual de canticos religiosos para uma e duas vozes e acompanhamento de orgão ou harmonium ad libitum, com um apendice de orações, por Frei Basilio Röwer, O.F.M., opus 8, Typ. da Escola Grat. São José, Petrópolis 1907, 7-8.

SÁ, J. de, O.S.B., "Minhas crianças", in: Dom Jerônimo de Sá, O.S.B., *Missal das Crianças*, editado e impresso na Tipografia Beneditina, Bahia 1945, 6-7.

SÁ, P., "Missão dos Moços. Moços de 1935" [Palestra feita no Centro de Estudos Sociais de São Paulo], *A Ordem* 14 (ag. 1935), 170-178.

SANTINI, C., "O Concílio Plenário Brasileiro", *REB* 1 (1941), 14-21.

SARTORI, L. M. A., O.F.M., "Sugestões de Bases para uma Estrutura Geral da Ação Católica Brasileira", *REB* 12 (1952), 9-65.

SCHMIDT, A. F., "Consubstanciação", *Vida* nº 2 (maio 1934), 7.

SCHMIDT, Fr., "Liturgia e Música da Igreja", *Música Sacra* V, nº 5 (maio 1945), 95-96-100.

SCHUBERT, Pe. G., "Scholae Cantorum. Sua História e Organização", *REB* 9 (1949), 893-912.

SIGAUD, G. de P. [Bispo de Jacarezinho], "A Encíclica 'Mediator Dei' e um pouco de história da Igreja no Brasil", *O Legionário* 28-12-1947, 1.

SINZIG, P., O.F.M., "Primeiras experiências dum redator", *REB* 1 (1941), 166-171.

SINZIG, P. — RÖWER, B., O.F.M., "Prefacio", in: *Cecilia*. Manual de canticos sacros. Texto revisto pelo Conde de Affonso Celso. Musica (composição respetivamente e revisão) por Frei Pedro Sinzig, O.F.M. — op. 24 e Frei Basilio Röwer, O.F.M. — op. 14. Terceira edição, Typ. das "Vozes de Petrópolis", Petrópolis 1916, sem paginação.

SOARES D'AZEVEDO, "Para um bom movimento litúrgico", *Vozes* 16 (1922), 136-141.

—, "Carta a um exmo. bispo meu amigo do coração", *Vozes* 33 (1939), 219-224.

SOUZA, B. de, "Arte Religiosa", *REB* 10 (1950), 650-655.

TAUZIN, S., O.P., "Alma do nosso tempo", *A Ordem* 19 (março 1938), 225-237.

—, "Lutas internas", *REB* 3 (1943), 698-700.

T. B., "*A essência do Catolicismo*, por Karl Adam. Tradução de Tasso da Silveira. — Editora Vozes Limitada, Estado do Rio 1942, 223 pgs." [Recensão], *REB* 2 (1942), 557.

THIESEN, Pe. U., S.J., "Crônica do Segundo Congresso Brasileiro de Teologia", *REB* 11 (1951), 3-12.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

THIL, Pe. A., "O caminho da redenção pelo ano litúrgico", *A Ordem* 26 (dez. 1941), 484-516.

TRINDADE, H. G., O.F.M., "O motivo deste folheto" e "Preparando-se para o Santo Sacrifício", in: Frei Henrique G. Trindade, O.F.M., *Sigamos a Missa!*, Petrópolis 1938, 4-9.

—, "Este livrinho", in: Dom Frei Henrique G. Trindade, *A Missa das queridas crianças*, Petrópolis 1941, 5-7.

VAQUERO, T., "Relações entre a Liturgia e a Fé", *O Legionário* 3-4-1949, 7.

VELOSO, Pe. J. F., "O 'Liturgismo' condenado pelo Santo Padre Pio XII", *O Legionário* 30-4-1944, 3.

VIEIRA, Pe. B., "Apresentando", in: Capela da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, *A Ceia do Senhor*. 1ª edição. Vocês também foram convidados para este banquete. Lenita Camargo, Maria José Villaça. Desenhos de Leyla Perrone, São Paulo 1955, 3.

VIEIRA, Pe. B. — PASQUARELLI, Pe. D., "Explicação Prévia", in.: *Missal Popular Pio XII*, São Paulo 1952, 8-11.

VIEIRA, Pe. H., "Apresentação", in: Pe. H. Vieira, *Missalzinho do povo*, Bahia 1942, 5-6.

VILAS-BÔAS, M. M. [Bispo de Garanhuns], "A Santa Missa — Centro da vida cristã", *A Ordem* 26 (ag. 1941), 91-105.

ZELLER, L., O.S.B., "O Movimento Litúrgico", *REB* 2 (1942), 851-872.

ZIONI, V. M., "'Pontificalis Romani Expositio Juridico-Practica'. A Propósito de Uma Obra do Monsenhor Nabuco", *REB* 5 (1945), 495-508.
de São Leopoldo, 2ª ed. revista e aumentada, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1944.

—, "*Curso de Liturgia*, pelo Pe. João Batista Reus, S.J., professor no Seminário Central Um vol., 516 págs." [Recensão], *REB* 6 (1946), 783-785.

b) De autoria anônima

"'Vida' em Juiz de Fora", *Vida* nº 7 (out. 1934), 2.

"Ação Universitária Católica" [Editorial], *Vida* nº 9 (dez. 1934), 1.

"Atividades Universitárias. Ação Universitária Católica", *Vida* nº 9 (dez. 1934), 2.

"Crônica Universitária", *Vida* nº 11 (fev. 1935), 2.

"É consolador", *O Diário* 20-2-1935, 7.

"Temporas", *O Diário* 15-3-1935, 7.

"Espírito litúrgico", *O Diário* 12-4-1935, 7.

"Procissões", *O Diário* 13-4-1935, 7.

"Não percamos o espírito", *O Diário* 14-4-1935, 15.

"Atividades Universitárias. Ação Universitária Católica", *Vida* nº 13 (abril 1935), 3.

"Missas... sociais", *O Diário* 4-5-1935, 7.

"As coroações de Nossa Senhora", *O Diário* 10-5-1935, 7.

"Cantar na igreja", *O Diário* 12-5-1935, 15.

"Participação na missa", *O Diário* 8-6-1935, 2.

"O Santo Sacrifício da Missa", in: *Missa. Ordinário da Missa com breves explicações*, Rio de Janeiro 1935, 5-9.

"Prefaciando...", in: *Liturgia de Natal, Paschoa, Pentecostes nas Abbadias Benedictinas. Officios e Missas*, Rio de Janeiro 1935, 3-6.

"Explicação da missa", *O Diário* 21-7-1935, 15.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Folheto Litúrgico Dominical", *Vida* nº 17 (ag. 1935), 2.

"Apostolado litúrgico", *O Diário* 11-8-1935, 15.

"Viver a Liturgia", *O Diário* 18-8-1935, 15.

"Viver a Missa", *O Diário* 25-8-1935, 7.

"Desfazendo dificuldades", *O Diário* 1-9-1935, 15.

"Comungar na Missa", *O Diário* 8-9-1935, 15.

"Oração litúrgica", *O Diário* 15-9-1935, 15.

"Como se portar na igreja. Observações gerais, *O Diário* 20-9-1935, 7; *id.* 24-9-1935, 7; *id.* 25-9-1935, 7; *id.* 26-9-1935, 7.

"Florescimento espiritual", *O Diário* 21-12-1935, 5.

"O canto na igreja", *O Diário* 22-12-1935, 5.

"Folheto liturgico", *O Diário* 28-12-1935, 2.

"A Juventude Operária Católica e a Liturgia", *Vida* nº 24 (março 1936), 2-3.

"Ainda a Ação Católica" [Editorial], *Vida* nº 27-28 (junho julho 1936), 1.

"A Participação do Santo Sacrifício". *A Ordem* 16 (set. out. 1936), 264.

"Missa de 7º dia", *O Diário* 30-10-1936, 5; *id.* 16-12-1936, 5.

"Missas de aquem e alem mar", *O Diário* 21-1-1937, 5.

"O livro de orações", *O Diário* 4-3-1937, 5.

"Dom Martinho Michler, O.S.B. Regressou hontem ao Rio o illustre beneditino, que proferiu aqui memoraveis aulas de liturgia", *O Diário* 2-7-1937, 5.

"A mediação de Cristo na Liturgia", *Vida* nº 36 (ag. 1937), 15.

"Uma revista liturgica", *O Diário* 26-11-1937, 5.

"Vida liturgica", *O Diário* 10-8-1938, 5.

"Semana de Estudos Tomistas", *A Ordem* 20 (set. 1938), 280-281.

"Missal das crianças", *O Diário* 2-9-1938, 5.

"'Meu livro de liturgia'", *O Diário* 29-9-1938, 5.

"Um curso de A.C.", *A Ordem* 21 (jan. 1939), 105-106.

"Ação Católica e Liturgia", *A Ordem* 21 (março 1939), 328-331.

"J.U.C.", *A Ordem* 21 (abril 1939), 420-422.

"Liturgia e educação cristã nos colégios. O estudo do Missal", *O Diário* 11-5-1939, 5.

"Liturgia e educação cristã nos colégios. Missa dialogada", *O Diário* 12-5-1939, 5.

"Missa dialogada", *A Ordem* 21 (maio 1939), 507-509.

"O retiro anual do Centro Dom Vital", *A Ordem* 21 (maio 1939), 509.

"Dom Beda Keckeisen, O.S.B.", *A Ordem* 21 (maio 1939), 509-510.

"Um artigo de 'Vozes'", *A Ordem* 21 (maio 1939), 512-514.

"O movimento litúrgico e o Concílio Plenário", *O Diário* 9-7-1939, 5.

"A Missa, centro de interesse", *A Ordem* 22 (julho 1939), 101.

"Sacrum Mysterium", *A Ordem* 22 (julho 1939), 101-102.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Missa Dialogada", *A Ordem* 22 (julho 1939), 104-105.

"Tempus per annum" [Editorial], *A Ordem* 22 (ag. 1939), 111-115.

"Primeiro Concílio Plenário Brasileiro", *A Ordem* 22 (ag. 1939), 210.

"A nova pastoral", *A Ordem* 22 (ag. 1939), 210-211.

"Sacrum Mysterium", *A Ordem* 22 (ag. 1939), 211-212.

"Para compreender a Missa (Questões litúrgicas e paroquiais)", *O Diário* 3-2-1940, 5.

"Sentir com a Igreja. As questões litúrgicas e paroquiais", *O Diário* 14-2-1940, 5.

"Sentir com a Igreja. Os perigos e os excessos da liturgia", *O Diário* 13-3-1940, 5.

"DOM MARIO DE MIRANDA VILAS-BOAS — Ação Católica — Carta Pastoral — Coleção 'Sal Terrae lux mundi' para o clero. Editora Vozes de Petrópolis Ltda. Petrópolis — 1940" [Recensão], *A Ordem* 24 (set. 1940), 272-273.

"Musica Sacra", *Musica Sacra* I, nº 1 (jan. 1941), 1.

"Vida Liturgica", *O Diário* 8-1-1941, 5.

"Guia liturgico", *O Diário* 12-5-1941, 2.

"Santos Padres" [Editorial], *A Ordem* 26 (julho 1941), 48-56.

"Vida Religiosa", *A Ordem* 26 (julho 1941), 64-65.

"P. CARLOS ORTIZ — O Cristo total — Ensaio de uma síntese para militantes de Ação Católica — Segunda edição refundida pelo Autor — Coleção Ecclesia 2. — 1941. Livraria Editora Paula Bluhm — Belo Horizonte — 169 ps. — 6$000" [Recensão], *A Ordem* 26 (ag. 1941), 167-170.

"'O Mistério da Igreja'", *A Ordem* 26 (set. 1941), 245-248.

"Ação Católica em Uberaba", *A Ordem* 26 (out. 1941), 351-353.

"DOM JOSÉ DE MEDEIROS DELGADO, Bispo de Caicó — Primeira Carta Pastoral — Vida cristã. Paróquia. Ação Católica — Gráfica Olímpica — Rio de Janeiro — 1941 — 53 p." [Recensão], *A Ordem* 26 (out. 1941), 363-365.

"Alunas do Colégio da Assunção (Rio)" [Correspondência], *A Ordem* 26 (out. 1941), 378-381.

"O Rosário e a Liturgia", *O Diário* 7-10-1941, 2.

"O Terço na Missa", *O Diário* 8-11-1941, 2.

"O povo e a missa", *O Diário* 13-11-1941, 2.

"Tríduo litúrgico de Garanhuns", *O Diário* 21-11-1941, 2.

"O ano litúrgico", *O Diário* 20-11-1941, 2.

"Vida Litúrgica", *O Diário* 16-12-1941, 5.

"As crianças e a Missa", *O Diário* 14-1-1942, 2.

"Bons Propósitos" [Editorial], *A Ordem* 27 (jan. 1942), 3-5.

"Membros da Juventude Feminina Católica de Uberaba (Minas Gerais)" [Correspondência], *A Ordem* 27 (jan. 1942), 87-93.

"'Sacrum Mysterium' de Dom Beda Keckeisen, *Musica Sacra* II, nº 1 (jan. 1942), 13.

"Missa das crianças", *O Diário* 12-2-1942, 2.

"A missa dos mortos", *O Diário* 27-2-1942, 2.

"Ação Católica em Uberaba", *A Ordem* 27 (fev. 1942), 168-171.

"Música religiosa", *O Diário* 10-3-1942, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"E a missa não muda...", *O Diário* 13-3-1942, 2.

"'Humiliate capita vestra Deo'" [Editorial], *A Ordem* 27 (março 1942), 241-244.

"Congresso de A.C. de Sete Lagoas. A adesão de Dom Martinho Michler", *O Diário* 15-4-1942, 2.

"Sobre a Missa", *O Diário* 26-4-1942, 2.

"Liturgismo e Pseudo-Liturgismo", *O Legionário* 26-4-1942, 3 e 7.

"Tradições locais", *O Diário* 30-4-1942, 2.

"Ação Católica em Uberaba", *A Ordem* 27 (junho 1942), 550-551.

"Nilo de O. Antunes (São Paulo)" [Correspondência], *A Ordem* 28 (julho 1942), 88-94.

"Nota", *A Ordem* 28 (nov. dez. 1942), 566-570.

"Monsenhor Costa Rego, Vigário Capitular", *REB* 2 (1942), 1072.

"Esquema" [Editorial], *A Ordem* 29 (jan. 1943), 1-4.

"Pe. Carlos Ortiz — (Jaú, Est. de São Paulo)" [Correspondência], *A Ordem* 29 (março 1943), 277-278.

"A Vitória" [Editorial], *A Ordem* 29 (abril 1943), 279-284.

"Pedro Alves de Siqueira (Amparo, Est. de São Paulo)" [Correspondência], *A Ordem* 29 (maio 1943), 460-461.

"Formação litúrgica", *O Diário* 27-5-1943, 2.

"Que passo! — A Escola de Música Sacra", *Musica Sacra* III, nº 5 (maio 1943), 81.

"Vida litúrgica e Ação Católica" [Editorial], *A Ordem* 30 (julho 1943), 1-6.

"Frei Raimundo M. Cintra, O.P." [Correspondência], *A Ordem* 30 (julho 1943), 91-93.

"Revista 'Música Sacra'", *Musica Sacra* III, nº 7 (julho 1943), 136.

"PASTORAL DE DOM ANTONIO DOS SANTOS CABRAL — Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte — 1943 — 47 pp." [Recensão], *A Ordem* 30 (1943), 87.

"Primeiro Congresso de Ação Católica da Província Eclesiástica de Belo Horizonte", *A Ordem* 30 (set. 1943), 289-315.

"Dom José Gaspar", *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 446-450.

"Congresso Eucarístico de Garanhuns", *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 451-452.

"O movimento litúrgico e as 'heresias'", *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 459-465.

"DOM F. DE AQUINO CORRÊA S.S., Arcebispo de Cuiabá — O Dia do Senhor — Carta Pastoral sôbre a santificação dos Domingos e Festas — s. d. (1942) — 33 pp." [Recensão], *A Ordem* 30 (out. nov. 1943), 469-470.

"DON ANSCÁRIO VONIER, O.S.B., Abade de Buckfast — A nova e eterna aliança ou O catolicismo clássico — Tradução de Dom Joaquim G. de Luna, O.S.B. — Coleção 'Vida Cristã', vol. 5 — Edições 'Lumen Christi' — Rio de Janeiro — s.d. (1943) — 263 pp." [Recensão], *A Ordem* 30 (1943), 470-471.

"A missa compreendida", *O Diário* 17-11-1943, 2.

"Arte Cristã", *O Diário* 18-11-1943, 2.

"Conheçamos a Missa", *O Diário* 21-11-1943, 2.

"A missa, centro da vida cristã. Começou ontem a 'Semana da Missa', promovida pelo Conselho Arquidiocesano de Ensino Religioso — Palavras do Pe. Alvaro Negromonte — Conferência do Pe. Orlando Machado — a partir de hoje, as reuniões terão lugar no auditório da Escola Normal", *O Diário* 23-11-1943, 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Prossegue a 'Semana da Missa'. As conferências pronunciadas pelos padres José Campos Taitson e Nilton Gonçalves — Nova sessão hoje", *O Diário* 24-11-1943, 2.

"Brilhante a sessão de ontem da 'Semana da Missa'. As conferências pronunciadas pelos revs. pes. Aguinaldo Leal e Alvaro Negromonte — Esteve presente o exmo. e revmo. sr. Arcebispo, que elogiou a notável iniciativa do C. A. de Ensino Religioso — Bela atuação do Coro de Alunas da Escola Normal", *O Diário* 26-11-1943, 3.

"Encerrou-se o círculo de estudos da 'Semana da Missa'. As conferências pronunciadas ontem — Programa das solenidades de hoje e amanhã, na Catedral da Boa Viagem", *O Diário* 27-11-1943, 2.

"Missa dialogada", *O Diário* 19-12-1943, 2.

"Abusos litúrgicos", *O Diário* 21-12-1943, 2.

"Jubileu do Sr. Amoroso Lima", *A Ordem* 31 (jan. fev. 1944), 145-146.

"Missa dialogada", *A Ordem* 31 (jan. fev. 1944), 146-147.

"Em torno das Resoluções do Primeiro Congresso de A.C. de Belo Horizonte", *A Ordem* 31 (jan. fev. 1944), 147-151.

"A renascença da piedade", *A Ordem* 31 (jan. fev. 1944), 153-156.

"'Semana da Missa'", *A Ordem* 31 (jan. fev. 1944), 156-157.

"Conheçamos a Igreja", *O Diário* 9-2-1944, 2.

"O Curso sôbre a Missa", *O Diário* 20-2-1944, 2.

"As Festas cristãs", *O Diário* 29-2-1944, 2.

"No jubileu de Tristão de Athayde", *A Ordem* 31 (março 1944), 227-229.

"Ainda a Missa dialogada", *A Ordem* 31 (março 1944), 249-251.

"P. CARLOS ORTIZ — A liturgia. O que não é. O que é. — Coletânea 'Mysterium' — Edição Álipo I — Edições Jocistas nº 2 — 1943 — São Paulo — 20 pp." [Recensão], *A Ordem* 31 (março 1944), 263-265.

"Piedade subjetiva e piedade objetiva", *O Legionário* 4-6-1944, 3 e 6.

"Epístolas de Santo Inácio aos Magnésios e aos Tralianos" [Notas da Redação], *A Ordem* 31 (junho 1944), 486-487.

"Movimento Litúrgico", *O Diário* 20-8-1944, 2.

"Condenações da 'Mystici Corporis Christi' e o Movimento Litúrgico", *O Diário* 23-8-1944, 2.

"Décimo aniversário da J.F.C. de Belo Horizonte", *A Ordem* 33 (jan. 1945), 264-266.

"'O Nordeste'", *A Ordem* 33 (abril 1945), 335-337.

"Ação Católica. Participação na vida litúrgica", *O Diário* 19-4-1945, 2.

"Mais um retiro pascal", *A Ordem* 33 (maio 1945), 439.

"O 1º Sínodo da Arquidiocese e o Movimento Litúrgico", *O Diário* 6-7-1945, 2 e *id.* 7-6-1945, 2.

"Uma Pastoral", *A Ordem* 34 (julho ag. 1945), 65-83.

"O Sínodo de Belo Horizonte e a restauração litúrgica", *A Ordem* 34 (julho ag. 1945), 156-160.

"A Pastoral de Dom Justino", *A Ordem* 34 (set. 1945), 260-262.

"Congresso de Ação Católica de Poços de Caldas", *REB* 5 (1945), 969-970.

"A Semana Santa da L.I.C. de São Paulo", *A Ordem* 36 (julho 1946), 92-94.

"Conclusões do I Congresso Nacional de Ação Católica Brasileira" [31-5. — 9.6-1946], *REB* 6 (1946), 938-950.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Primeiro Congresso Nacional de Ação Católica". *A Ordem* 36 (ag. set. 1946), 289-300.

"Semana da Missa em Leopoldina", *A Ordem* 36 (out. 1946), 119-121.

"Elevado ao Episcopado o Padre Geraldo de Proença Sigaud. A personalidade relevante do novo bispo. As grandes homenagens que lhe serão prestadas", *O Legionário* 18-11-1946, 1-2.

"Em defesa da defesa" [Editorial], *A Ordem* 37 (fev. 1947), 97-102.

"Semanas da Missa", *A Ordem* 37 (março 1947), 272-273.

"Semana Santa no Mosteiro de São Bento", *A Ordem* 37 (maio 1947), 448-449.

"II Semana Nacional de Ação Católica e o Congresso Eucarístico do Cinquentenário", *O Diário* 30-7-1947, 2.

"Pio XII condena o liturgicismo quietista e naturalista. 'Sério perigo para a caridade e a unidade da Fé' — 'Os preguiçosos são incitados à ação' — 'O santo equilíbrio no Corpo Místico'", *O Legionário* 7-12-1947, 1 e 2.

"Fé, união e disciplina", *O Legionário* 7-12-1947, 1 e 7.

"Por uma sadia piedade litúrgica. Gravíssima advertência do Papa Pio XII", *O Legionário* 14-12-1947, 1, 2 e 7.

"Na casa do Pai comum", *O Legionário* 14-12-1947, 1 e 7.

"Notas e comentários à Encíclica 'Mediator Dei'", *O Legionário* 28-12-1947, 3-5.

"La Maison-Dieu", *A Ordem* 38 (dez. 1947), 437-439.

"Encíclica 'Mediator Dei'. Visão geral do grande e novo documento pontifício", *A Tribuna* 10-1-1948, 1 e 5.

"Quinzena de formação em Aracaju", *A Ordem* 39 (jan. 1948), 67-72.

"Semana da Missa em Belo Horizonte", *A Ordem* 39 (jan. 1948), 72-75.

"Legionário em Terceira Fase", *O Legionário* 29-2-1948, 1.

"Dom Martinho Michler, eleito Abade do Mosteiro de S. Bento, do Rio de Janeiro", *REB* 8 (1948), 457.

"Piedade extra-litúrgica", *O Diário* 6-7-1948, 2.

"O Congresso Litúrgico de Louvain", *O Legionário* 7-8-1948, 2-3.

"A Liturgia", *O Legionário* 16-1-1949, 6.

"Os homens e a Santa Missa", *O Legionário* 13-2-1949, 6.

"O verdadeiro espírito da Quaresma", *O Legionário* 13-3-1949, 7 e 6.

"Semana da Missa na Paróquia São João Batista — Dia 23 a 30 de outubro", *O Legionário* 23-10-1949, 7.

"Realismo dos nossos Bispos. Não nos iludamos: Procissões e congressos, Igrejas cheias nos dias de festa e casamentos pomposos, colégios católicos abarrotados e associações sem conta... E a multidão dos cegos e coxos que também foram convidados para o festim da Igreja? Pastoral de Dom Fr. Henrique G. Trindade", *O Legionário* 6-11-1949, 1 e 7; *id.* 13-11-1949, 1 e 11.

"Responsum Supremae S. Congregationis S. Officii de Re Liturgica" [25-11-1948], *REB* 10 (1950), 468-471.

"Paróquia e Liturgia. Um artigo do 'Osservatore Romano' — Pretende-se levar o povo à fonte insubstituível da vida cristã — Na base a Missa, mas com ela os outros elementos — O que ensina a 'Mediator Dei' — Um livro", *O Diário* 7-6-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"A Comunidade Cristã. O Movimento Litúrgico: seus esforços e seus perigos — A Missa e a comunidade sincera — Na Igreja Primitiva — Hoje em dia — Mensagem para um novo amor", *O Diário* 10-6-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"A Sagrada Escritura na vida cristã. Liturgia e catequese bíblica — A Palavra da Igreja — Novos rumos da pastoral litúrgica", *O Diário* 14-6-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Consciência mais perfeita da vida litúrgica. Explicação da Missa durante a celebração — Ignorância misturada com curiosidade — Um método de Dom Jaime — Como o Revmo. Vigário da Serra vê o problema da liturgia e do espírito paroquial", *O Diário* 17-6-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Preparação nas Paróquias. O programa a ser desenvolvido — Esforço de união comunitária — Explicação da Missa — Três métodos que poderão ser usados", *O Diário* 21-6-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"A preparação nas Paróquias. Segunda parte do programa — Os Sacramentos: Batismo, Crisma — Penitência, Extrema-Unção e Matrimônio", *O Diário* 24-6-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"A primeira comodidade cristã (sic). Comunidade de oração e comunidade de vida — Pregação comunitária — 'Todos um só para que o mundo creia'", *O Diário* 28-6-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Encerrou-se a Semana de Liturgia na Lagoinha. O Vigário e seu Cooperador — Uma paróquia cheia de simpatia — Pisando terreno novo — Impressões da equipe sacerdotal", *O Diário* 9-7-1950, 3.

"Catequese e Liturgia. Seu objetivo — Como pregar a Missa — Duas condições preliminares", *O Diário* 12-7-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"O povo em face da Liturgia. Fermentação do ambiente, obra de uma elite — Possibilidades de participação na ação sagrada — Como o pároco de Santa Efigênia situa o problema da Pastoral Litúrgica", *O Diário* 15-7-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Semana de Liturgia em Santa Efigênia e Vila Concórdia. Com vivo interesse o povo participou dos atos — A colaboração das Irmãs de Caridade da Creche — Impressões da equipe sacerdotal que prepara o certame de setembro", *O Diário* 16-7-1950, secção Semana de Liturgia", 3.

"Repercute na Arquidiocese de Diamantina o Congresso de setembro próximo. O gosto pela Liturgia entre os seminaristas — Preparação promissora do futuro ministério pastoral — A 'Mediator Dei' estudada sem preocupação negativista nem vão temor — O que nos revelou o R. P. Domingos Guglielmelli, C.M.", *O Diário* 19-7-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Liturgia e Sagrada Escritura", *O Diário* 22-7-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"'A Paróquia é e deve ser uma família', diz o Padre Vanancio Hulselmans, respondendo ao inquérito desta secção — Como seus paroquianos compreendem a Sagrada Liturgia, a Missa e os Sacramentos", *O Diário* 29-7-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"A Liturgia, ação sagrada por excelência. Como fala Dom Bernard Capelle, Monge belga de Mont-Cesar, procurando desvendar a verdadeira face da Liturgia", *O Diário* 2-8-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Pregações e Cursos Paroquiais de Liturgia. O que deseja Frei Samuel de Gangi para Bom Jesus do Horto — Como concebe a santificação dos fiéis — Os sacramentos e a Sagrada Escritura — a Paróquia", *O Diário* 5-8-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Semana Litúrgica na Paróquia dos Sagrados Corações. Magníficos resultados obtidos no brilhante certame", *O Diário* 8-8-1950, 2.

"Temário da Semana de Liturgia. Pensamentos que guiaram os organizadores — A estrutura da 'Mediator Dei' — o Mistério de Cristo em seu desenvolvimento lógico — — Dois corolários de grande importância", *O Diário* 9-8-1950, secção "Semana de Liturgia", 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"A glória e a honra de ser cristão. L'hay-les-Roses testemunha a presença da Igreja nos tempos novos — Uma comunidade paroquial do subúrbio, em Paris — Monges que realizam uma caridade ativa e eficaz — 'O sr. não prega para nós; o sr. conversa conosco' — Dar ao povo a imagem de uma religião sem formalismos. ROBERT BARRAT", *O Diário* 19-8-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Os fiéis amam sua Paróquia. Hábitos antigos — A vida litúrgica na Paróquia poderá ter grande desenvolvimento — Respondem ao inquérito desta secção os Padres da Floresta", *O Diário* 26-8-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Aproximação maior das fontes da santidade na Igreja. Deverá ser simbolizada e efetuada pelo congresso de setembro — Iniciando uma série de palestras diárias, ocupou ontem o microfone da Rádio Inconfidência o Revmo. Pe. Francisco Lage Pessoa — A partir de amanhã, em Santo Antônio", *O Diário* 27-8-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Inicia-se domingo a Semana de Liturgia. Será focalizado o importantíssimo tema da 'Mediator Dei', uma das recentes Encíclicas de Pio XII — Missas, aulas, círculos e sessões solenes — O programa", *O Diário* 31-8-1950, 3.

"Comunicar uma mentalidade para a renovação que a Igreja quer. As finalidades do congresso a iniciar-se domingo — Tempo de estudos e orações, sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima — Comemoração do jubileu da J.O.C. — O programa geral", *O Diário* 1-9-1950, secção "Semana de Liturgia", 3.

"Inicia-se amanhã a Semana de Liturgia. Consagrado o primeiro dia à comemoração do jubileu da JOC — Missa e sessão solene — Sôbre 'Diocese, Paróquia e Família: comunidade de oração', falará Dom Alexandre Gonçalves Amaral, Bispo de Uberaba — À procura de uma orientação mais sadia para nossas vidas", *O Diário* 2-9-1950, 3.

"Inicia-se hoje a Semana de Liturgia. Dedicado o primeiro dia à JOC. Missa na Praça da Boa Viagem, dialogada pelos operários católicos, e sessão solene, á noite, no salão do Colégio Imaculada — Conferência de Dom Alexandre Gonçalves Amaral — O programa", *O Diário* 3-9-1950, 3.

"Belo Horizonte celebra desde domingo a Semana de Liturgia. Comemorado no primeiro dia o jubileu da JOC — Dar aos católicos a consciência do significado dos atos de sua religião e, assim, prepará-los para o bom combate, objetivo do congresso — 'Para todo cristão há um dever de vigilância: é chegada a hora em que todos são chamados ao seu posto', disse, na oração de abertura, Dom Antônio dos Santos Cabral — Magistrais conferências de Dom Alexandre Gonçalves Amaral e de Dom Estevão Bettencourt, O.S.B. — Um sacerdote francês fala sôbre o movimento litúrgico em sua pátria — Dramatização dos mistérios da Igreja — O programa de hoje", *O Diário* 5-9-1950, 3.

"Semana Litúrgica de Belo Horizonte. 'O movimento litúrgico não é moda, mas posição essencialmente cristã' — 'Leilão americano em benefício do Seminário — Conferência do Revmo. Pe. Juvenal Arduini — O Programa de hoje", *O Diário* 6-9-1950, 3.

"Prossegue com brilho a Semana de Liturgia. Conferência do Revmo. Pe. Frei Estêvão Cardoso de Avelar, O.P. — Levado á cena o 'Mistério da Veste' — Outros atos do dia de ontem — Programa de hoje", *O Diário* 7-9-1950, 3.

"A Semana de Liturgia empolga os meios católicos. Seminaristas de Diamantina, mensageiros do aplauso de Dom Serafim Gomes Jardim — Os 'Mistérios' de Dom Marcos Barbosa — Intensa atividade nos círculos de estudos — Conferências pronunciadas ante-ontem e ontem", *O Diário* 9-9-1950, 3.

"Encerra-se hoje a Semana de Liturgia. O termo promissor de uma jornada de preparação — Transcorreu em ambiente de entusiasmo a ultima sessão solene — Conferência do Revmo. Frei Anselmo — Participação dos pequenos cantores de Carlos Prates", *O Diário* 10-9-1950, 3.

"Primeiro Congresso Litúrgico na Alemanha", *REB* 10 (1950), 1012.

"A mania do antigo na liturgia", *O Catolicismo* 3 (março 1951), 2.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"A mania do antigo na liturgia revive os erros do Conciliábulo de Pistóia", *O Catolicismo* 4 (abril 1951), 5.

"Liturgia e Rosário", *O Catolicismo* 10 (out. 1951), 6.

"Curso de Santa Missa por correspondência", *O Legionário* 29-6-1952, 7.

"Restauração litúrgica", *A Ordem* 48 (julho 1952), 73-74.

"O povo fiel não goza de poderes sacerdotais", *O Catolicismo* 20 (ag. 1952), 5.

"A piedade extralitúrgica é indispensável para a salvação", *O Catolicismo* 21 (set. 1952), 6.

"O latim é alvo de acerbos ataques dos inimigos da Igreja", *O Catolicismo* 22 (out. 1952), 2.

"Escola Pio X", *Boletim da Escola Pio X*, nº preliminar (out. nov. dez. 1952), 29-31.

"Obra perniciosa e temerária o enquadrar apenas nos esquemas litúrgicos os exercícios de piedade aprovados pela Igreja", *O Catolicismo* 30 (junho 1953), 5.

"Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno", *O Catolicismo* 31 (julho 1953), 1-2.

"De D. A. M., Campinas (Est. São Paulo)" [Correspondência], *O Catolicismo* 34 (out. 1953), 4.

"Liturgia e Espiritualidade", *Jornal do Dia* 15-7-1954, 4.

"O Curso de Liturgia inaugura-se dia 20. Programa — Missa diária com homilia — Aulas noturnas e diurnas, para facilitar a divulgação da Liturgia a todos — Inscrições e livros indicados", *Jornal do Dia* 15-7-1954, 8.

"Curso de Liturgia. Inscrições na PUC e na Igreja do Rosário", *Jornal do Dia* 16-7-1954, 8.

"Instala-se, hoje, o Curso de Liturgia da Arquidiocese. As aulas serão ministradas na Pontifícia Universidade Católica em duas turmas e terá caráter eminentemente popular — Visita ao Jornal do Dia dos diretores do Curso, padres Dom Marcos Barbosa, OSB, e Dom Clemente Isnard, OSB", *Jornal do Dia* 20-7-1954, 8.

"Inaugurado ontem o Curso de Liturgia na PUC. Grande interêsse pela matéria — O Curso de Liturgia e o Ano Eucarístico — Facilitando aos cursistas com a recapitulação à tarde da matéria da manhã — Abertas as inscrições a novos interessados — Beleza e riqueza da matéria", *Jornal do Dia* 21-7-1954, 8.

"Mais de meio milhar de pessoas no Curso de Liturgia. Exposição de livros — Missa irradiada no próximo domingo — Acham-se abertas ainda as inscrições — Termina a 27 o Curso", *Jornal do Dia* 22-7-1954, 8.

"Invulgar interêsse pelo Curso de Liturgia", *Jornal do Dia* 23-7-1954, 8.

"Verdadeiras multidões têm buscado os salões da P.U.C.", *Jornal do Dia* 24-7-1954, 8.

"Prossegue hoje o Curso de Liturgia", *Jornal do Dia* 25-7-1954, 8.

"Encerra-se hoje o Curso de Liturgia", *Jornal do Dia* 27-7-1954, 8.

"Encerrado o Curso de Liturgia e Espiritualidade. Homenagem a Dom Clemente Isnard e Dom Marcos Barbosa, O.S.B. — O programa de hoje dos ilustres beneditinos — 'L'Annonce fait à Marie', na A.P.C. — Outras notas", *Jornal do Dia* 28-7-1954, 8.

"Capital e insubstituível o papel da Liturgia na renovação da vida cristã". Fala ao 'Jornal do Dia' Dom Marcos Barbosa, O.S.B., professor do Curso de Liturgia, e criador da letra do Hino para o 36º Congresso Eucarístico Internacional — 'O Movimento litúrgico visa dar aos fiéis uma visão mais profunda dos sacramentos e sacramentais", *Jornal do Dia* 30-7-1954, 8.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

"Curso de Liturgia", *Unitas* (Arq. Porto Alegre) 3 (set. 1954), 223.

"Curso de Liturgia em Porto Alegre", *A Ordem* 52 (out. 1954), 264-266.

"Pio XII traça limites da Liturgia na Igreja", *Jornal do Dia* 25-9-1956, 1-2.

"Deseja o Papa sinceramente que o movimento litúrgico progrida, livre de erros e perigos (Alocução de Pio XII aos participantes do Congresso Internacional de Liturgia Pastoral — 22 de setembro de 1956)", *Jornal do Dia* 3-10-1956, 2.

"Congresso Internacional de Liturgia Pastoral. A liturgia constitui função vital de toda a Igreja e não de um grupo ou dum movimento determinado — 'Depositum fidei' e 'Depositum gratiae' — tesouros da Igreja comunicados aos fiéis — Entre os membros da Igreja, deve reinar antes de tudo, a concórdia, a união, a colaboração — Elementos imutáveis e elementos variáveis na Liturgia — Palavras de S.S. o Papa Pio XII aos participantes do certame realizado em Assis", *O São Paulo* 14-10-1956, 1 e 4, e *id.* 21-10-1956, 4.

"Os Votos do Congresso Litúrgico da América do Norte". *REB* 16 (1956), 932-934.

"Curso de Canto Gregoriano", *A Ordem* 57 (junho 1957), 403-404.

"Pequeno Ritual Romano Latim-Português", *REB* 18 (1958), 827.

"Os Canarinhos de Petrópolis no 20º Aniversário", *REB* 22 (1962), 1042-1043.

c) Sem títulos

Na secção "Consultas" da revista *Estrela do Mar* [cura do Pe. Cesar Dainese, S.J.], cartas enviadas à revista e respectivas respostas da redação sobre o Movimento Litúrgico e afins: *Estrela do Mar* 386 (abril 1942), 100-104 [carta assinada por L. P. — São Paulo]; *id.* 389 (junho 1942), 198-200 [carta assinada por O. C. — São Paulo]; *id.* 392 (set. 1942), 286-288 [carta assinada por J. S. V. — Minas]; *id.* 393 (nov. 1942), 310-312 [carta assinada por J. B. T. — Minas]; *id.* 395 (jan. fev. 1943), 38-39 [carta assinada por J. S. B. — São Paulo]; *id.* 396 (março 1943), 64 [carta assinada por A. A. Q. — São Paulo]; *id.* 400 (ag. 1943), 183-184 [carta de "Alguns Congregados Marianos — Rio"].

Apresentação, in: Dom Hildebrando P. Martins, O.S.B., *Missa. Ordinário da Missa com breves explicações*, segunda edição aumentada, 8º milheiro, Rio de Janeiro (s. d.) [sem paginação].

Apresentação, assinada por D. H. M., in: Dom Hildebrando P. Martins, O.S.B., *Missa. Ordinário da Missa com breves explicações*, terceira edição, 13º milheiro, Rio de Janeiro 1942, 3-5.

Série de artigos de Dom Pedro Bandeira de Mello, O.S.B., comentando o tempo do Ano Litúrgico, a "Mediator Dei", e outros temas: *A Tribuna* 10-1-1948, 3; *id.* 24-1-1949, 3; id. 31-1-1948, 3; id. 7-2-1948, 3; *id.* 14-2-1948, 3; *id.* 21-2-1948, 3; *id.* 28-2-1948, 3; *id.* 6-3-1948, 3; *id.* 13-3-1948, 3; *id.* 20-3-1948, 3; *id.* 3-4-1948, 3; *id.* 10-4-1948, 3; *id.* 17-4-1948, 3; *id.* 24-4-1948, 3; *id.* 1-5-1948, 3; *id.* 8-5-1948, 3; *id.* 15-5-1948, 3; *id.* 22-5-1948, 3; *id.* 29-5-1948, 3; *id.* 5-6-1948, 3; *id.* 12-6-1948, 3; *id.* 19-6-1948, 3; *id.* 26-6-1948, 3; *id.* 3-7-1948, 3; *id.* 10-7-1948, 3; *id.* 17-7-1948, 3; *id.* 24-7-1948, 3; *id.* 31-7-1948, 3; *id.* 7-8-1948, 3; *id.* 14-8-1948, 3; *id.* 21-8-1948, 3; *id.* 28-8-1948, 3; *id.* 4-9-1948, 3; *id.* 11-9-1948, 3; *id.* 18-9-1948, 3; *id.* 25-9-1948, 3; *id.* 2-10-1948, 3; *id.* 9-10-1948, 3; *id.* 16-10-1948, 3; *id.* 23-10-1948, 3; *id.* 30-10-1948, 3; *id.* 6-11-1948, 3; *id.* 13-11-1948, 3; *id.* 20-11-1948, 3; *id.* 27-11-1948, 3; *id.* 4-12-1948, 3; *id.* 11-12-1948, 3; *id.* 18-12-1948, 3; *id.* 24-12-1948, 3; *id.* 31-12-1948, 3; *id.* 8-1-1949, 3; *id.* 15-1-1949, 3; *id.* 22-1-1949, 3; *id.* 29-1-1949, 3; *id.* 5-2-1949, 3; *id.* 12-2-1949, 3; *id.* 19-2-1949, 3; *id.* 29-2-1949, 3; *id.* 5-3-1949, 3; *id.* 12-3-1949, 3; *id.* 19-3-1949, 3; *id.* 26-3-1949, 3; *id.* 2-4-1949, 3; *id.* 9-4-1949, 3; *id.* 23-4-1949, 3; *id.* 7-5-1949, 3; *id.* 14-5-1949, 3; *id.* 21-5-1949, 3; *id.* 28-5-1949, 3; *id.* 4-6-1949, 3; *id.* 11-6-1949, 3; *id.* 18-6-1949, 3; *id.* 23-7-1949, 3; *id.* 30-7-1949, 3; *id.* 6-8-1949, 3; *id.* 13-8-1949, 3; *id.* 27-9-1949, 3; *id.* 3-9-1949, 3; *id.* 10-9-1949, 3; *id.* 17-9-1949, 3; *id.* 24-9-1949, 3; *id.* 26-11-1949, 3; *id.* 10-12-1949, 3; *id.* 8-7-1950, 3.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

II. FONTES SECUNDÁRIAS (AUXILIARES)

AA.VV., "Le mouvement liturgique dans les différents pays", *Cours et Conférences des Semaines Liturgiques*, Tome IX, Louvain 1931.

—, *História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo.* Col. "História Geral da Igreja na América Latina". Tomo II/1. Primeira Época. Tomo II/2. A Igreja no Brasil no século XIX, Petrópolis 1977 e 1980.

AMOROSO LIMA, A. (TRISTÃO DE ATHAYDE), "Colligação Catholica Brasileira. Esboço histórico e constituição", *A Ordem* 13 (maio 1935), 345-354.

—, *O Cardeal Leme*, Rio de Janeiro 1943.

—, "Notas para a história do Centro Dom Vital", *A Ordem* 58 (out. 1957), 295-300; *ibid.* (nov. 1957), 391-397; *ibid.* (dez. 1957), 452-458; *id.* 59 (jan. 1958), 63-68; *ibid.* (fev. 1958), 161-166; *ibid.* (março 1958), 285-291; *ibid.* (maio 1958), 387-393; *ibid.* (junho 1958), 451-457; *id.* 60 (junho 1958), 50-56; *ibid.* (ag. 1958), 150-156; *ibid.* (set. 1958), 234-240; *ibid.* (out. 1958), 308-313.

AZEVEDO, Th. de, "Catolicismo no Brasil?", *Vozes* 63 (1969), 117-124.

AZZI, R. "Elementos para a História do Catolicismo Popular", *REB* 36 (1976), 95-133.

—, "O Início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930", *Síntese* (Rio) [Nova Fase] IV (maio-ag. 1977), 61-66; *ibid.* (set.-dez. 1977), 73-161.

BOGLER, Th., O.S.B. [cura de], *Liturgische Erneuerung in aller Welt. Ein Sammelbericht*, Maria Laach 1950.

BRUNEAU, Th., *O catolicismo brasileiro em época de transição*, São Paulo 1974.

CAMARGO, P., "Essay de typológie du catholicisme brésilien", *Social Compass* 14 (1967), 399-423.

CELAM, "A Igreja e religiosidade popular na América Latina", *SEDOC* 10 (julho ag. 1977), 18-45.

COMBLIN, J., "Situação Histórica do Catolicismo no Brasil", *REB* 26 (1966), 574-601.

—, "Para uma Tipologia do Catolicismo no Brasil", *REB* 28 (1968), 46-74.

HOORNAERT, H., "Para uma História da Igreja no Brasil", *REB* 33 (1973), 117-138.

—, "Formação do Catolicismo Guerreiro no Brasil (1500-1800)", *REB* 33 (1973), 853-885.

—, *Formação do Catolicismo Brasileiro. 1550-1800*, Petrópolis 1974.

LUNA, J. de, O.S.B., "O Centenário do Nascimento do Restaurador da Vida Beneditina no Brasil, Dom Gerardo van Caloen, O.S.B.", *REB* 13 (1953), 138-141.

MONTENEGRO, J. A. S., *Evolução do Catolicismo no Brasil*, Petrópolis 1972.

NEUNHEUSER, B., O.S.B., "Il movimento liturgico: panorama storico e lineamenti teologici", in: AA.VV., *Anàmnesis 1. La Liturgia momento nella storia della salvezza*, Torino 1974, 9-30.

PEREIRA, N., *O Fator Religioso na História Brasileira*, Secretaria do Interior e Justiça, Arquivo Público Estadual, Recife 1956.

QUEIROGA, Pe. G. F. de, *CNBB. Comunhão e Corresponsabilidade* [Tese de láurea defendida na Faculdade de Direito Canônico da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma], São Paulo 1977.

RICHARD, P., *Mort des Chrétientés et Naissance de l'Eglise. Analyse historique et interprétation théologique de l'Eglise en Amérique Latine*, Paris 1978.

ROLIM, A., O.P., "Em Tôrno da Religiosidade Popular, *REB* 25 (1965), 11-28.

—, "Católicos e Catolicismo", *REB* 30 (1970), 326-348.

ZELLER, L., O.S.B., "Um Grande Beneditino Brasileiro", *Vozes* 2 [Nova Série] (1944), 186-198.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O Movimento Litúrgico trouxe uma contribuição decisiva para as transformações pelas quais a Igreja está passando em nossos dias. A história do Movimento Litúrgico no Brasil, embora condicionada pela influência européia, teve seus lances próprios, marcados também pelo sinal de contradição. Para aqueles que nele tomaram parte, foram momentos de feliz descoberta de uma face desconhecida da religião, de libertação interior, de renovação espiritual, mas também de sofrimento, de ansiedades e até de verdadeira perseguição.

Tudo isto está fielmente descrito, com precisão científica, na obra de Frei José Ariovaldo. Faltava uma obra semelhante, para recolher nas fontes e fixar para sempre os episódios desta grande aventura vivida no ambiente brasileiro. Favorecido pela limitação do campo a estudar, o Autor brindou o Brasil com uma obra que não existe em nenhum outro país. Em estilo claro e leve, o livro se lê de uma vez só, tão agradável que é sua leitura. Uma obra clássica, que marca época: ninguém poderá escrever sobre Movimento Litúrgico no Brasil sem consultá-la.

O Autor: Frei José Ariovaldo da Silva, nascido em Canoinhas (SC) em 1945, fez seus estudos filosófico-teológicos em Petrópolis (RJ). Especializou-se em Liturgia no Pontifício Instituto Litúrgico de Roma. É coordenador das publicações litúrgicas da Editora Vozes e redator da revista *Puebla*. É professor de Liturgia no Instituto Filosófico-Teológico Franciscano de Petrópolis. Leciona também no CEFEPAL da mesma cidade e no Seminário Santo Antônio em Juiz de Fora (MG).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br